

Estudos Filosóficos de
Bezerra de Menezes

Volume 1

Edição CRBBM

BEZERRA DE MENEZES

ESTUDOS FILOSÓFICOS
VOLUME I

CRBBM
2020

© 2020 Casa de Recuperação e Benefícios
Bezerra de Menezes
Edição Digital

ORGANIZAÇÃO E NOTAS:
Julio Damasceno

REVISÃO:
Júlio Couto Damasceno
Jorge Damas Martins

CAPA:
Azamôr Serrão Neto

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
PROIBIDA A VENDA
Proibida a reprodução fotomecânica
sem autorização da
Casa de Recuperação e Benefícios
Bezerra de Menezes

Direitos reservados à
CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS
BEZERRA DE MENEZES
Rua Bambina 128
Botafogo - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 22.251-050
www.crbbm.org
Tels.: (21) 2266-2901 / 2266-6567

SUMÁRIO

<u>Uma Carta de Jorge Damas</u>	<u>11</u>
<u>Introdução / Júlio Damasceno.....</u>	<u>15</u>
<u>Artigo I: O PAIZ, 23.10.1887</u>	<u>19</u>
<u>Artigo II: O PAIZ, 30.10.1887</u>	<u>23</u>
<u>Artigo III: O PAIZ, 06.11.1887</u>	<u>26</u>
<u>Artigo IV: O PAIZ, 13.11.1887</u>	<u>30</u>
<u>Artigo V: O PAIZ, 20.11.1887</u>	<u>34</u>
<u>Artigo VI: O PAIZ, 27.11.1887</u>	<u>38</u>
<u>Artigo VII: O PAIZ, 04.12.1887</u>	<u>42</u>
<u>Artigo VIII: O PAIZ, 11.12.1887.....</u>	<u>46</u>
<u>Artigo IX: O PAIZ, 18.12.1887.....</u>	<u>49</u>
<u>Artigo X: O PAIZ, 25.12.1887</u>	<u>53</u>
<u>Artigo XI: O PAIZ, 01.01.1888.....</u>	<u>57</u>
<u>Artigo XII: O PAIZ, 08.01.1888.....</u>	<u>61</u>
<u>Artigo XIII: O PAIZ, 15.01.1888.....</u>	<u>64</u>
<u>Artigo XIV: O PAIZ, 22.01.1888.....</u>	<u>68</u>
<u>Artigo XV: O PAIZ, 29.01.1888.....</u>	<u>71</u>
<u>Artigo XVI: O PAIZ, 05.02.1888.....</u>	<u>75</u>
<u>Artigo XVII: O PAIZ, 12.02.1888.....</u>	<u>78</u>
<u>Artigo XVIII: O PAIZ, 19.02.1888.....</u>	<u>81</u>
<u>Artigo XIX: O PAIZ, 26.02.1888.....</u>	<u>85</u>
<u>Artigo XX: O PAIZ, 04.03.1888.....</u>	<u>88</u>
<u>Artigo XXI: O PAIZ, 11.03.1888.....</u>	<u>91</u>
<u>Artigo XXII: O PAIZ, 18.03.1888.....</u>	<u>94</u>
<u>Artigo XXIII: O PAIZ, 26.03.1888.....</u>	<u>98</u>
<u>Artigo XXIV: O PAIZ, 01.04.1888.....</u>	<u>102</u>
<u>Artigo XXV: O PAIZ, 08.04.1888.....</u>	<u>106</u>
<u>Artigo XXVI: O PAIZ, 15.04.1888.....</u>	<u>110</u>
<u>Artigo XXVII: O PAIZ, 22.04.1888.....</u>	<u>114</u>
<u>Artigo XXVIII: O PAIZ, 29.04.1888</u>	<u>118</u>

SUMÁRIO (Cont.)

Artigo XXIX: O PAIZ, 06.05.1888.....	122
Artigo XXX: O PAIZ, 13.05.1888.....	126
Artigo XXXI: O PAIZ, 20.05.1888.....	130
Artigo XXXII: O PAIZ, 27.05.1888	134
Artigo XXXIII: O PAIZ, 03.06.1888	138
Artigo XXXIV: O PAIZ, 10.06.1888	141
Artigo XXXV: O PAIZ, 17.06.1888	144
Artigo XXXVI: O PAIZ, 24.06.1888	148
Artigo XXXVII: O PAIZ, 01.07.1888	151
Artigo XXXVIII: O PAIZ, 08.07.1888	154
Artigo XXXIX: O PAIZ, 15.07.1888	158
Artigo XL: O PAIZ, 22.07.1888	162
Artigo XLI: O PAIZ, 29.07.1888	166
Artigo XLII: O PAIZ, 05.08.1888	170
Artigo XLIII: O PAIZ, 12.08.1888	173
Artigo XLIV: O PAIZ, 19.08.1888.....	176
Artigo XLV: O PAIZ, 26.08.1888	179
Artigo XLVI: O PAIZ, 02.09.1888.....	183
Artigo XLVII: O PAIZ, 09.09.1888.....	186
Artigo XLVIII: O PAIZ, 18.09.1888.....	190
Artigo XLXIX: O PAIZ, 23.09.1888.....	194
Artigo L: O PAIZ, 30.09.1888	198
Artigo LI: O PAIZ, 07.10.1888	201
Artigo LII: O PAIZ, 14.10.1888	205
Artigo LIII: O PAIZ, 21.10.1888	208
Artigo LIV: O PAIZ, 28.10.1888	212
Artigo LV: O PAIZ, 04.11.1888	216
Artigo LVI: O PAIZ, 12.11.1888	219
Artigo LVII: O PAIZ, 18.11.1888	223
Artigo LVIII: O PAIZ, 26.11.1888	227

SUMÁRIO (Cont.)

Artigo LIX: O PAIZ, 02.12.1888	231
Artigo LX: O PAIZ, 10.12.1888	235
Artigo LXI: O PAIZ, 16.12.1888	239
Artigo LXII: O PAIZ, 23.12.1888	245
Artigo LXIII: O PAIZ, 30.12.1888	249
Artigo LXIV: O PAIZ, 06.01.1889	253
Artigo LXV: O PAIZ, 13.01.1889	257
Artigo LXVI: O PAIZ, 20.01.1889	261
Artigo LXVII: O PAIZ, 27.01.1889	266
Artigo LXVIII: O PAIZ, 03.02.1889	270
Artigo LXIX: O PAIZ, 10.02.1889	274
Artigo LXX: O PAIZ, 17.02.1889	278
Artigo LXXI: O PAIZ, 24.02.1889	282
Artigo LXXII: O PAIZ, 10.03.1889	286
Artigo LXXIII: O PAIZ, 11.03.1889	290
Artigo LXXIV: O PAIZ, 17.03.1889	294
Artigo LXXV: O PAIZ, 24.03.1889	298
Artigo LXXVI: O PAIZ, 31.03.1889	302
Artigo LXXVII: O PAIZ, 07.04.1889	306
Artigo LXXVIII: O PAIZ, 14.04.1889	310
Artigo LXXIX: O PAIZ, 21.04.1889	314
Artigo LXXX: O PAIZ, 28.04.1889	318
Artigo LXXXI: O PAIZ, 05.05.1889	322
Artigo LXXXII: O PAIZ, 12.05.1889	326
Artigo LXXXIII: O PAIZ, 19.05.1889	330
Artigo LXXXIV: O PAIZ, 26.05.1889	334
Artigo LXXXV: O PAIZ, 02.06.1889	338
Artigo LXXXVI: O PAIZ, 09.06.1889	342
Artigo LXXXVII: O PAIZ, 16.06.1889	346
Artigo LXXXVIII: O PAIZ, 23.06.1889	350

SUMÁRIO (Cont.)

Artigo LXXXIX: O PAIZ, 30.06.1889	354
Artigo XC: O PAIZ, 07.07.1889.....	358
Artigo XCI: O PAIZ, 14.07.1889.....	362
Artigo LCII: O PAIZ, 21.07.1889	366
Artigo XCIII: O PAIZ, 28.07.1889.....	370
Artigo XCIV: O PAIZ, 04.08.1889.....	374
Artigo XCV: O PAIZ, 11.08.1889.....	377
Artigo XCVI: O PAIZ, 18.08.1889.....	381
Artigo XCVII: O PAIZ, 25.08.1889	385
Artigo XCVIII: O PAIZ, 01.09.1889	389
Artigo XCIX: O PAIZ, 08.09.1889	393
Artigo C: O PAIZ, 16.09.1889.....	397
Artigo CI – O PAIZ, 22.09.1889	401
Artigo CII – O PAIZ, 29.08.1889:	405
Artigo CIII – O PAIZ, 06.10.1889	409
Artigo CIV – O PAIZ, 13.10.1889	413
Artigo CV – O PAIZ, 21.10.1889	417
ARTIGO CVI – O PAIZ, 27.10.1889.....	421
Artigo CVII - O PAIZ, 03.11.1889	425
Artigo CVIII - O PAIZ, 11.11.1889	429
Artigo CIX - O PAIZ, 25.11.1889	433
Artigo CX - O PAIZ, 01.12.1889.....	437
Índice Remissivo.....	441
Tabela de Referências Bíblicas	463

*Aos gigantes do Espiritismo Cristão
na Pátria do Evangelho, sobre cujos ombros
estamos todos apoiados, e especialmente a:
Antônio Luiz Sayão, Bittencourt Sampaio,
Bezerra de Menezes e Frederico Jr.*

Uma Carta de Jorge Damas

Rio de Janeiro, 29 de agosto de 2020
189 anos da reencarnação do 13º Apóstolo no Brasil

Caro Amigo Júlio Damasceno,

Desde sua partida da Cidade Maravilhosa, e do nosso convívio pessoal frequente, para as terras lusitanas da histórica e belíssima cidade do Porto, banhada pelo Douro, tínhamos a certeza de que o nosso querido dr. Bezerra conspirava em favor do Bem da nossa Doutrina Consoladora.

Não podíamos pensar diferente! O querido mentor não te tiraria do Coração do Mundo, rumo à velha Europa, sem intenção programada.

O ‘acaso’ – esse grande 1º de abril – te abrigou na psicofera do Anjo de Portugal, o Infante D. Henrique de Sagres (reencarnado na cidade do Porto, em 04 de março de 1394, filho do Rei D. João I e de D. Filipa Lencastre) – o grande ‘encarregado dos problemas sociológicos da Terra’ – e idealizador das grandes navegações e descobertas, que faria de Portugal um diamante de raro valor, no colar que une as nações.

A Escola do Príncipe de Sagres não era necessariamente um espaço físico para alunos confinados. Não! Era um espaço social aberto que congregava multifacetadas opiniões, lendas, estudos, mapas, marinheiros, físicos, historiadores, astrônomos, economistas, “profetas”, mulheres informantes, aventureiros etc. Era uma biblioteca viva que arquivava e experimentava o melhor know-how da época.

É nesse cenário que você, meu amigo, foi residir. Evidentemente, não só habitar, mas contribuir com significativo conte-

údo, para enriquecer a “Grande Biblioteca de Sagres”, que tem como objetivo principal melhorar as relações sociais do planeta, nas áreas das ciências, filosofias e religiões.

Ora, ora, meu amigo, nos últimos tempos você tem se destacado em pesquisar, resgatar, compilar, comparar, harmonizar e unificar os diversos coloridos do aspecto religioso do Consolador prometido pelo Mestre Jesus. Kardec, Roustaing, Ubaldi, Chico Xavier, Bezerra, Denis, Teresa d’Ávila e outros. Trabalho de fôlego! Verdadeira Uni-versidade!

Porém, a grande pandemia do Covid-19, ousou em paralisar o mundo. Mandou todo mundo de ‘volta para o reduto doméstico’. Riram os lerdos, choraram os farristas, tremeram os capitalistas, os comunistas foram acusados de sabotagem ... mas, o nosso Bezerra – especialista em várias epidemias - diferentemente, disse: Avante! O momento é de trabalho no Bem. Só o trabalho – o novo mandamento! – pode restaurar a Terra e construir a Nova Civilização do Espírito.

E, foi simples assim, por inspiração bezerrista, que você voltou os olhos para o maior acervo do espiritismo cristão na imprensa leiga do mundo: A extraordinária série Espiritismo – Estudos Filosóficos. Bezerra de Menezes preferiu assinar o grande trabalho como MAX. Dizia ele que o pseudônimo era para se expressar em nome da comunidade espírita.

Por que Max?

Explica o venerando mentor que era uma contração da palavra ‘Máximo’, que seria o codinome legítimo de Jesus e do seu discípulo Allan Kardec.

Coerente com a amplitude da Doutrina Espírita, a série também foi ampla e ininterrupta. Desde 23 de outubro de 1887 até 1899. Só ‘parou’ nos primeiros dias de 1900, quando o velho Apóstolo do Espiritismo no Brasil adoeceu gravemente, vindo a desencarnar em 11 de abril de 1900. Percorreu a série por diversos periódicos, patrocinada pela União Espírita do Brasil: O Paíz, Jornal do Brasil, Gazeta de Notícias, Gazeta da Tarde. São mais de 500 artigos semanais de inestimável valor, como esclarece o historiador Canuto de Abreu, grande estudioso da maviosa obra de Roustaing:

“A nosso ver, e desafiamos contestação, nunca esses artigos foram superados por outros, antes ou depois, chamamos a atenção não só dos velhos, como principalmente dos novos, que usam da

palavra e da pena em prol do espiritismo. Não possuímos em língua brasileira maior repertório doutrinário do kardecismo. Ninguém falou com maior eloquência, maior sinceridade, maior lógica. Seus formosos pensamentos deviam ser repetidos e propalados amiúde, pois somente relendo e divulgando Max poderão os seus discípulos compreender quanto de errado, quanto de confuso e quanto de ignorância se tem propalado depois dele em nome da mesma doutrina que ele elevou às culminâncias. A leitura de Max devia ser obrigatória, como a leitura de Kardec, para todos que entram” (ABREU, CANUTO. “Bezerra de Menezes – Subsídios para a História do Espiritismo no Brasil at o ano de 1895”. Ed. FEESP, São Paulo -SP).

Mas, meu parceiro Julio Damasceno, aparentemente parece que o seu trabalho é uma repetição de outras edições da série de Bezerra de Menezes através do tempo. Será? Quem conhece o amigo, e sabe da sua acurada pesquisa e da perspicaz inteligência não acreditaria nisso.

Vejamos o que o tempo nos legou sobre a série de Bezerra de Menezes:

1º) Espiritismo – Estudos Filosóficos, edição da Federação Espírita Brasileira de 1907, em três volumes, desde 1887 até 1893, num total de 316 artigos.

2º) Espiritismo – Estudos Filosóficos, publicação da Edicel de 1977, em dois volumes, com a reunião de 210 artigos da série e apresentação de Freitas Nobre. Infelizmente, por alguma razão, sabe-se lá qual (?) a publicação foi interrompida.

3º) Espiritismo – Estudos Filosóficos, lançamento da FAE – Fraternidade Assistencial Esperança de 2001, São Paulo - SP, em três volumes, desde 1887 até 1893, num total de 316 artigos. A apresentação da edição foi do confrade Aziz Cury.

Agora, vem você, meu amigo do peito, trazer uma nova edição???

Sim, e bem diferente!

Toda a série está sendo revista através dos jornais publicados e arquivados na Hemeroteca da FBN – Fundação da Biblioteca Nacional. A revisão é minuciosa: parágrafos, pontuação, palavras impressas erradas etc.

A fotocópia do original é apresentada, artigo por artigo, para confrontação e registro histórico.

As citações em latim traduzidas.

As citações escriturísticas atualizadas para as versões modernas, em nota de rodapé, com as devidas referências bíblicas.

As citações dos diversos autores da literatura universal che-cadas e com as devidas referências das obras.

Um sumário das citações bíblicas.

Um sumário das palavras principais.

É, isso! Meu amigo Júlio! Que beleza! Que digno presente a 'Biblioteca de Sagres' esta recebendo!

Deus seja louvado! Que Jesus seja reverenciado! Que a Vir-gem nos proteja! E, Bezerra de Menezes, o amigo especial, cuide de nós, para que possamos abrigar e viver em sua máxima a men-sagem do Consolador, em Espírito e Verdade!

Por fim, deixo meu saudoso e fraterno carinho ao amigo que-rido e sua digníssima Nelma, pedindo que como sempre me inclu-am, juntamente com nossa família, em suas abençoadas orações, Abraços e beijos,

Jorge Damas, Regina Lucia, Lucas e Pedro

Introdução / Júlio Damasceno

Diz-se com frequência e com certa razão que o brasileiro tem pouco apreço à memória da nação e de seus grandes nomes. Essa desatenção parece que já se tornou um traço cultural - e talvez por isso mesmo imperceptível quando ocorre com nós mesmos ou nos círculos de atividade em que nos situamos.

Não conseguimos atribuir a outra causa o descuido coletivo e persistente, em nosso movimento, com a obra máxima de Bezerra de Menezes - com justa razão apontado como o Kardec Brasileiro - ao ponto de até hoje não termos feito a edição completa de sua magnífica coleção de artigos, de seus *Estudos Filosóficos*, nem em papel nem em meios eletrônicos.

Procure alguém por seus quase 500 artigos na internet - não vai encontrá-los. As poucas edições havidas, todas parciais, já estão inteiramente esgotadas, tendo-se tornado joias raras e caras nos sebos de todo o país. Veja bem que referimo-nos a artigos publicados por uma das figuras mais notáveis da Corte carioca, na segunda metade do século XIX, todos os domingos, no maior jornal da América Latina! É mais ou menos como se Chico Xavier houvesse ganho um programa exclusivo na Rede Globo, nos seus áureos tempos, bem aos domingos, no horário do Fantástico, depois da audiência recorde de seu *Pinga Fogo!*

Esse *mea culpa* vale também para a nossa Casa - Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes. Já lançamos muitos títulos a público, desde 2005, mas até hoje não havíamos atentado para a gravidade dessa lacuna da bibliografia espírita, nem mobilizado esforços para incluir a valiosa coleção de nosso Patrono no conjunto de nossas publicações...

Reconhecido o erro, no entanto, mãos à obra, porque sempre é tempo de reparar o mal feito do passado, e é isso mesmo o que nos ensinou e ensina, nesses mesmos artigos e ainda hoje, o Médico dos Pobres.

A celebração dos 120 anos de sua desencarnação, ocorrida a 11 de abril de 1900, foi o evento que nos ensejou as reflexões acima e nos sacudiu os brios o bastante para dar início aos trabalhos já tão atrasados...

É pois, amigos, com o coração dividido - constrangido, por um lado, pela constatação de nossa insolvência quanto à dívida de gratidão que temos com o Patrono querido e admirado; mas também aliviado, por outro lado, por já poder trazer a público o primeiro da série de quatro substanciosos volumes, que abrigarão esse valioso acervo - que lhes oferecemos para leitura e estudo estas páginas de luz, que tanto honram a história do Espiritismo brasileiro e mundial.

A sequência dos textos compõe um verdadeiro colar de pérolas... Nelas encontramos, apenas neste primeiro volume, para exemplo e para não nos estendermos muito nessa introdução:

1) As palavras mais firmes já dirigidas aos representantes da Igreja romana por seus descaminhos em relação aos ensinamentos do Cristo, publicadas em obras espíritas;

2) O mais amplo estudo até hoje feito sobre a reencarnação na Bíblia. de toda a literatura espírita;

3) O “apêndice” perfeito para “O Céu e o Inferno”, de Kardec, com um amplo estudo sobre a inexistência do Inferno romano e de suas penas eternas, a partir de dezenas de citações das Sagradas Escrituras.

Enfim, começa aqui o resgate de um verdadeiro clássico da bibliografia espírita, ao mesmo tempo em que se presta uma justa embora tardia homenagem, a um dos “gigantes” das primeiras horas do Espiritismo Cristão na Pátria do Evangelho.

Que Deus abençoe nossos esforços, e nos ampare para que possamos colocar à disposição do público, o quanto antes, a série completa dessa obra absolutamente impressionante, que certamente inspirará estudos e reflexões de grande proveito e profundidade para todos os que souberem apreciá-la em seu justo valor.

Que o nosso Médico dos Pobres, amigo querido, receba igualmente em seu coração, esse preito singelo de nossa gratidão e apreço. Que Jesus multiplique a alegria em seu coração, pelos benefícios que distribui a mancheias...!

COMO LER ESTE LIVRO

Para valorizar este rico manancial de referências, como devido, e para poder propagá-lo e multiplicá-lo aos milhares, gratuita e rapidamente, como desejado e em sintonia com as tradições de nossa Casa, decidimos lançar essa publicação apenas em formato digital, para livre download na internet.

Essa decisão nos permitirá usufruir de alguns benefícios que só a interatividade digital propicia.

Tornou-se possível assim indicar ao final de cada capítulo o endereço de se respectivo texto de origem no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, onde encontram-se preservados os originais de toda a série de artigos de Dr. Bezerra.

Clicando nesses links (indicados com texto em azul) os nossos prezados leitores terão a experiência de uma verdadeira viagem no tempo, acessando em questão de segundos as páginas originais dos jornais em que foram publicados os famosos artigos. Só com essa tecnologia nos foi possível colocar - literalmente - a história ao alcance das mãos de nossos leitores.

O sumário, o índice remissivo e a tabela de referências bíblicas são também interativos. Clicando em seus múltiplos links, o leitor e o estudioso aprenderão intuitivamente a ter acesso livre e instantâneo a qualquer artigo ou às dezenas de citações e referências que permeiam todo o trabalho.

Nós os convidamos a todos a experimentarem esses recursos, na expectativa de que os apreciem e os aproveitem em sua totalidade, porque foram preparados com muito amor, com muito carinho aos que nos prestigiam com sua leitura e atenção.

Para concluir, algumas palavras aos irmãos queridos da nossa Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes. Vivemos tempos difíceis. Este ano entrará para a história como o ano da pandemia, do confinamento, e de toda a crise decorrente que se abateu rapidamente sobre o mundo inteiro, causando pesar e dor a ricos e pobres, homens e mulheres, jovens e idosos de todas as identidades nacionais e religiosas.

Pensamos muito sobre o nosso papel, como espíritas e cristãos, no cenário que atualmente se apresenta.

A frase que mais recorrentemente nos veio à mente, nessas meditações, foi a do Cristo, a nos dizer: *“E o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir”* (Mt. 20:28). Nas páginas de

Emmanuel encontramos o desdobramento oportuno desse pensamento:

“Diante da multidão fatigada e faminta, Jesus recomenda aos apóstolos: - “Dai-lhes vós de comer.”

A observação do Mestre é importante, quando realmente poderia ele induzi-los a recriminar a multidão pela imprudência de uma jornada exaustiva até o monte, sem a garantia do farnel.

O Mestre desejou, porém, gravar no espírito dos aprendizes a consagração deles ao serviço popular. Ensinou que aos cooperadores do Evangelho, perante a turba necessitada, compete tão-somente um dever - o da prestação de auxílio desinteressado e fraternal.

Naquela hora do ensinamento inesquecível, a fome era naturalmente do corpo, vencido de cansaço, mas, ainda e sempre, vemos a multidão carente de amparo, dominada pela fome de luz e de harmonia, vergastada pelos invisíveis azorragues da discórdia e da incompreensão.

Os colaboradores de Jesus são chamados, não a obscurecê-la com o pessimismo, não a perturbá-la com a indisciplina ou a imobilizá-la com o desânimo, mas sim a nutri-la de esclarecimento e paz, fortaleza moral e sublime esperança.

Se te encontras diante do povo, com o anseio de ajudá-lo, se te propões contribuir na regeneração do campo social, não te percas em pregações de rebelião e desespero.

Conserva a serenidade e alimenta o próximo com o teu bom exemplo e com a tua boa palavra.

Não olvides a recomendação do Senhor: - “Dai-lhes de vós de comer.” (Fonte Viva, Cap. 131, psicog. F. C. Xavier)

Que o espírito de serviço - silencioso, fraterno, universal e incondicional - seja, portanto, a nossa marca, nesse momento de provação. O murmúrio não nos interessa, nem nos convém. O exemplo mais próximo nós o temos em nosso próprio Patrono.

Que o Senhor recolha e multiplique as migalhas de nossos esforços no Bem - é o que desejamos nessa hora em que a multidão sente tanta fome de atenção e amor. Amém!

*Júlio Damasceno,
a 29 de agosto de 2020,
pela Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes*

Artigo I: O PAIZ, 23.10.1887

As grandes ideias encontram sempre grande oposição, principalmente se deslocam erros enraizados - principalmente se contrariam interesses de classe.

Não há hoje quem conteste a sublimidade da doutrina de Jesus, de que procede a civilização que faz o orgulho de nosso século; entretanto, foi combatida com sarcasmo - com desprezo - com desespero, tais que levaram ao mais afrontoso suplício a Cristo, que nunca foi acusado de outro crime.

Já os fariseus de todos os tempos tinham dado a cicuta ao primeiro precursor do divino revolucionário.

O mundo tem todos os dias a prova material de que, na medida do desenvolvimento da perfectibilidade humana, descem das alturas novas e mais alevantadas revelações.

O mundo, porém, não aprende - e, sempre cego, obedece fatalmente ao impulso que o leva a repelir tudo que é novo - tudo que vem substituir alguma peça do mecanismo construído por seu saber.

Que não aceitasse novidades, científicas ou religiosas, sem o mais detido exame e criteriosa experiência, nada mais digno de aplauso.

Mas que, para evitar enganos e erros, tranque as portas de sua alma a tudo que não procede das ideias que possui - a tudo que se apresenta com cores novas, sem o cunho das conquistas realizadas, é o que ninguém poderá louvar.

Nem recusar *in limine*¹ nem acolher infantilmente, é a regra da verdadeira sabedoria humana, posta por Descartes, que elevou a - dúvida - às alturas do mais fino instrumento da verdade.

1 (Nota do Organizador) “No limiar”. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

Duvidar, não para desprezar, mas para examinar, observar e - experimentar, é obrigação do homem da ciência - e do homem de bom senso.

Em nosso tempo, todos o sabem como, surgiu uma doutrina, que choca de frente certos princípios tidos por verdades, quer no mundo científico, quer no religioso.

O Espiritismo, ninguém com bons fundamentos o poderá contestar, é, como filosofia, um sistema completo e harmônico; é, como moral, o fac-símile da doutrina de Jesus.

Entretanto, homens ilustrados, em vez de estudá-lo profundamente - em vez de aplicar-lhe os princípios de Descartes e da nova escola positivista, que ele provoca, repelem-no sem o conhecerem, uns com zombaria, outros com raivas!

É diabolismo! dizem.

Mas já o estudastes - já o fizestes passar pela observação e pela experiência?

“Deus nos livre! Não queremos tratar com o demônio!”

Tem valor, no conceito dos homens de bom senso, a condenação lançada ao Espiritismo por homens que assim confessam seu fanatismo e inaniade de seu juízo?

É charlatanismo! dizem outros.

Mas já o estudastes seriamente - já o sujeitastes aos mais rigorosos processos científicos?

“Isto seria cobrirmo-nos de ridículo!”

Terá maior valor esta nova espécie de condenação, assente na mesma penúria de fundamentos?

O Espiritismo não pede favor. Se alguma coisa pede é, simplesmente - justiça, justiça para si, em Bem da humanidade, como a doutrina de Jesus, de que é a tradução, em espírito, e o complemento.

Os que invocam o exame feito por uma comissão de professores da Universidade da Pensilvânia², esquecem o exame tam-

2 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui ao caso protagonizado pelo célebre cientista americano, o físico e químico Robert Hare, primeiro homem de ciência dos Estados Unidos a interessar-se e a defender o Espiritismo no século XIX. Hare já estava aposentado como professor universitário, em 1853, quando, a propósito das controvérsias surgidas em torno das então famosas Irmãs Fox, e dos fenômenos de Hydesville (1848), publicou seu primeiro artigo sobre o tema,

bém feito por uma comissão de sábios, escolhidos pela Sociedade Dialética de Londres³.

Se aquele, concluindo do particular para o geral - do exame de certos casos para a negação formal da totalidade, favorece a repulsão; esta, limitando suas consequências aos princípios observados - e concluindo do que observou: - *que os fenômenos espíritas são uma realidade* - dá fundamento à crença no Espiritismo.

Diante das duas autoridades, uma negando, outra afirmando, qual a posição do homem sensato?

Duvidar de ambas - e ir por si verificar de que lado está a razão e a verdade.

E isto é fácil, hoje, que não faltam livros para o estudo da doutrina, e médiuns, para o estudo de suas provas.

Só não verificará quem não quiser!

Nós, espíritas, não pretendemos arrastar convicções. O que queremos é que não nos excomunguem, nem nos atirem ao ridículo, sem fundamentos.

Não querem tê-los, para poderem rir?

Pois nós lh'os meteremos pelos olhos.

Nesta seção continuaremos a obra começada de exporem-se ao público a teoria espírita e as provas experimentais de sua verdade.

externando seu ceticismo inicial sobre o Espiritismo: “Sinto-me obrigado, pelo dever para com meu próximo, a empenhar toda a minha influência no sentido de deter a corrente de loucura popular que, desafiando a Ciência e a Razão, pronuncia-se favoravelmente a esse grosseiro embuste que é o Espiritismo”. Como homem de verdadeira ciência, decidiu-se, no entanto, a pesquisar e estudar aqueles estranhos fenômenos... Como resultado desse esforço e dessas pesquisas publicou, em fins de 1855, a obra que o tornaria um dos pioneiros célebres de nosso movimento: “Demonstração da Existência dos Espíritos e sua Comunicação com os Mortais” (Experimental investigation of the spirit manifestations, demonstrating the existence of spirits and their communion with mortals). O livro obteve considerável sucesso junto ao público, mas enfrentou forte crítica do meio acadêmico da época, que o condenou sem sequer se dar ao trabalho de repetir suas experiências. (Fonte: <https://www.encyclopedia.com/>)

3 (Nota do Organizador) Estabelecida em 1867, a Sociedade Dialética de Londres resolveu, a 26 de janeiro de 1869, “investigar os fenômenos alegados como Manifestações Espirituais, e registrá-las desde então”. Um comitê foi organizado, ao qual 33 membros foram indicados, todos conceituados e respeitados no meio científico. Os resultados foram apresentados cerca de um ano e meio depois, amplamente favoráveis aos fenômenos espíritas, tornando-se, assim, uma das principais referências de um trabalho científico sério sobre a fenomenologia mediúnica, do século XIX. (Fonte: Wikipedia)

É a luva que atiramos aos que dizem, de oitiva: - “Coitados! são loucos! estão possessos do demônio!”

(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 23-10-1887:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4577

Artigo II: O PAIZ, 30.10.1887

A doutrina espírita tem por base um princípio, que modifica radicalmente o sistema aceito pelas escolas espiritualistas: é o princípio da “preexistência, ou das vidas múltiplas”.

A verdade desse postulado prova-se pelo raciocínio e pela experiência.

A razão nos diz que, sendo o homem perfectível, não pode seu maior progresso medir-se pelo que adquire na Terra; que, portanto, se ele é criado, como ensina a Igreja, para a sociedade de Deus, bem pobre é a corte do Rei dos reis, do Senhor dos senhores, se é constituída pelos nossos sábios e pelos nossos santos.

A razão nos diz que, para chegarmos à altura de podermos entrar na corte celestial, precisamos de tanto saber e de tanta virtude, que o mais adiantado habitante da Terra mal pode imaginar.

Daí a necessidade de maior perfeição que a do nosso planeta; o que supõe, como corolário, vidas sucessivas, em mundos mais adiantados, para o completo desenvolvimento da perfectibilidade humana.

E não é só isto que nos ensina a razão.

Os fatos mais comuns da vida humana lhe são valiosos subsídios para a demonstração do alto princípio.

Vemos crianças desenvolverem, desde os tenros anos, antes mesmo de terem a razão esclarecida e a consciência firmada; umas, um arrastamento invencível para o Bem – outras; igual pendor para o Mal.

São disposições naturais, pois que se revelam desde o berço.

E, se é certo que só temos uma existência - e que o Espírito é criado por Deus para o corpo gerado no seio materno, só a Deus deve ser atribuída essa diversidade de índoles.

Uns nascem com índole ou natureza boa, porque assim saíram das mãos do Criador.

Outros nascem com índole ou natureza má, porque assim saíram das mãos que criaram os bons.

Deus, então, cria Espíritos com disposição para o Bem - e Espíritos com disposição para o Mal.

E, entretanto, exige de todos a mesma perfeição!

Eis onde nos conduz fatalmente a doutrina da vida única!

Mas não pode ser verdade o que atesta falha nas infinitas perfeições do Criador; logo o fato da diversidade de disposições inatas dos Espíritos, em relação ao Bem, condena, por falsa, a doutrina da vida única.

Sua oposta - a doutrina da pluralidade das existências - sustenta brilhantemente o confronto com aquele infalível critério da verdade, em relação ao fato invocado.

Em cada existência os Espíritos fazem variadíssimo uso de sua liberdade, no desenvolvimento de sua perfectibilidade intelectual e moral.

Uns, assim como vemos em nossa humanidade terrestre, sobem ao maior grau: à santidade.

Outros ficam estacionários, como ainda vemos na Terra, no primeiro degrau da infinita escada.

E entre os dois extremos, inumeráveis graduações.

Na seguinte existência, nesta em que examinamos o fato, o que se há de naturalmente dar?

Há de se dar necessariamente que o atrasado revelará atraso - e que o adiantado revelará adiantamento.

A diferença, pois, das disposições naturais dessas duas ordens de crianças que indicamos, não procede de Deus, mas sim dos próprios Espíritos, pelo uso que fizeram de sua liberdade.

Não procede de Deus; porque todos são criados em identidade de condições - todos são dotados dos mesmos instrumentos de aperfeiçoamento, e todos têm de ir ao mesmo destino: à perfeição pelo saber e pela virtude - e, pela perfeição, à felicidade mais sublimada.

O Pai repartiu igualmente seus dons por todos os seus filhos - e deu-lhes a liberdade para desenvolvê-los na medida de sua vontade.

Só a si deve acusar o que fizer mau uso do inestimável instrumento do progresso.

Só a si, quis Deus, que cada um atribuisse seu adiantamento pelo bom uso daquele inestimável instrumento.

Assim pois, a teoria das vidas múltiplas exalta o Senhor, tanto quanto a da vida única deprime-o, pelo fato da diversidade de disposições morais, inatas.

E se o infalível critério da verdade de um princípio consiste em sua conformidade com os infinitos atributos do Criador; o fato que temos analisado prova, a um tempo, a falsidade do princípio da vida única e a verdade do que consagra existências sucessivas.

A idêntico resultado nos conduz a variedade da capacidade intelectual.

Pela doutrina da vida única, é Deus que dotou desigualmente a humanidade de inteligência.

Sócrates só foi grande por obra de um favor do Senhor!

O hotentote é incapaz do alto saber por obra de um desfavor do Senhor!

Esta doutrina não se conforma com a indefectível justiça do Criador; logo o fato da variedade de capacidade intelectual condena o princípio da vida única.

Pelo ensino espírita das vidas sucessivas, Sócrates, tendo em passadas existências bem usado de sua liberdade no desenvolvimento da Inteligência, que Deus lhe deu igual à de todos os homens, só a si deve o alto posto que teve no mundo.

Por aquele ensino, o hotentote, não tendo bem usado de sua liberdade no cultivo da inteligência, só a si deve seu atual atraso.

Mas Deus fez tudo com tal bondade, que, mais cedo ou mais tarde, o hotentote chegará aonde chegou Sócrates.

Ainda aqui, a doutrina das vidas múltiplas revela-se verdadeira por sua conformidade com as divinas perfeições.

(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)

Max

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 30-10-1887: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4606

Artigo III: O PAIZ, 06.11.1887

Em nosso passado artigo mostramos como a diversidade moral e intelectual que apresenta a humanidade, não se compadece com a doutrina da vida única - e só pode ser explicada pela preexistência, ou vidas múltiplas.

Continuando hoje a prova racional da verdade deste último princípio, analisaremos novos fatos humanos de constante observação.

O Ser Perfeito, tendo marcado alto destino à humanidade, não pode ter criado alguns Espíritos para fins diferentes - ou antes: sem destino e sem meios de alcançá-lo.

Valeria isto por condenável parcialidade da parte do Criador, que não tem para com seus filhos senão igualdade e justiça.

Sendo assim, como explicar-se, na hipótese de uma existência única, a morte do feto e da criança, que ainda não tem consciência da vida?

A lei é: fazer cada um por suas obras e pelo livre exercício de sua vontade o mérito e o demérito, que servem de fundamento à indefectível justiça na aplicação das recompensas e das penas.

Mas os que morrem antes de terem consciência de si, não fazem mérito nem demérito, porque não exercitam sua liberdade, logo não podem receber prêmio ou punição.

O que são então esses entes em relação à humanidade? Que destino lhes foi reservado?

São uma exceção à lei - e têm por destino, segundo a Igreja, conquistarem, sem merecimento, o maior prêmio que o Senhor promete ao que vence nas lutas da vida!

Neste caso, Deus tem preferência e exclusões! Cria uns predestinados para a felicidade - e sujeita outros às arriscadas provas, que arrastam, na maioria dos casos, à perdição.

Isto é simplesmente blasfemo; mas isto é rigorosamente a consequência do fato indicado, se não temos senão esta existência.

E, pois, a doutrina da vida única, em face desse fato da morte das crianças, acusa a justiça divina.

O Espiritismo, apesar de acusado de diabolismo, vem defender, ainda neste caso, a Suma Perfeição.

A morte das crianças não lhes tira os meios de realizarem o destino para que foram criadas - o mesmo que foi posto a toda a humanidade.

Se interrompem, em obediência às leis gerais do Universo, sua marcha ascendente para a perfeição, não frustram o fim da sua criação, porque mil vidas terão à sua disposição, na duração dos séculos.

É um fato sem consequências para a evolução dos Espíritos e ao mesmo tempo necessário à harmonia universal.

Não há, pois, preferências nem exclusões, porque essas crianças volverão a fazer suas provas, como as fazem todos os Espíritos criados.

Diante deste novo fato, que escandaliza a consciência e a razão segundo a doutrina da vida única, temos, portanto, nova prova da verdade e da sublimidade da doutrina espírita das vidas múltiplas.

Um outro, não menos comum, vem corroborar esse conceito:

A humanidade foi dotada de razão - de inteligência - de sentidos; certamente porque o Criador julgou tais meios necessários à satisfação de seu destino.

Entretanto, vemos nascerem cegos - surdos - mudos - e idiotas.

Não é por obra do pecado original, porque então todos nasceriam assim; nem por culpas dos pais, porque em tal caso sofreriam esse castigo todos os que procedessem do mesmo casal.

Donde procede então esse sinal de uma condenação prévia?

Se não é uma exceção odiosa, que revela parcialidade e crueldade em Deus, não encontramos explicação possível na teoria da vida única.

Se, porém, recorremos à das vidas múltiplas, tê-la-emos esplêndida - e sem lesão dos divinos atributos.

Aqueles deserdados, como se pensa, não foram privados dos bens concedidos à humanidade por uma exceção do Criador, mas sim por suas próprias obras.

Cometeram, em passadas existências, faltas que pediam reparação - e tiveram a vida presente para essa reparação - e essa reparação consistia na privação daqueles bens humanos.

Assim, a exceção odiosa, segundo a doutrina da vida única, transforma-se em obra de reta justiça, exercida em benefício da própria vítima, segundo a doutrina das múltiplas existências.

Qual das duas tem o cunho infalível da verdade?

Um último fato para nossa prova racional.

A revelação religiosa, do mesmo modo que a científica, tem vindo sempre progressiva, e na razão do desenvolvimento da perfectibilidade humana.

Deus dá o ensino na medida da capacidade da humanidade terrestre.

A princípio, quando aquela capacidade era quase nula, ensinou apenas, por Abraão, sua unidade.

Mais tarde, quando a inteligência humana já estava mais alentada, ensinou, por Moisés, as verdades do Decálogo.

Muito tempo depois, quando já era muito superior a faculdade compreensiva da Terra, revelou-lhe as sublimidades da doutrina de Jesus.

A luz para a salvação do gênero humano veio, pois, gradualmente adquirindo maior intensidade desde Abraão até Jesus.

Se não temos senão uma vida para provas, os que vieram ao mundo naqueles três períodos, tiveram diversidade de meios para a salvação!

Como então exigir-se a mesma obra do que trabalha no escuro - do que trabalha à meia claridade - e do que tem toda a luz para o trabalho?

A revelação gradual, não havendo senão uma vida de provas, é tremenda acusação contra a Eterna Justiça.

Na doutrina das vidas sucessivas, aquela graduação da luz do ensino divino revela a majestade do plano do Criador.

O que veio no primeiro período, porque seus olhos não podiam suportar luz forte, recebeu luz escassa; mas não ficou privado das ulteriores graduações, que vem receber desde que tem para isso a necessidade capacidade.

Todos participam da escassez e da pujança do ensino salvador pelas reencarnações.

Concluiremos este artigo com a seguinte apreciação de d'Orient, católico ortodoxo, em sua obra *Destinos da Alma*⁴:

“Uma doutrina que explica satisfatoriamente todos os fatos e todos os fenômenos da nossa existência, não pode deixar de ser verdadeira”.

(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 06-11-1887: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4636

4 (Nota do Organizador). O título original, completo, da obra a que se refere Dr. Bezerra é “Des Destinées de l’âme, ou de la Résurrection, de la prescience et de la métempsycose, avec un précis des prophéties qui regardent l’Église, pour reconnaître le temps présent et les signes de l’approche des derniers jours, pa”, que em tradução livre poderia ser algo como “Destinos da alma, ou da ressurreição, da presciência e da metempsicose, com um resumo das profecias concernentes à Igreja, para reconhecer o tempo presente e os sinais da aproximação dos últimos dias”, de Arcade D’Orient Vial (1790-1877). Obra e autor são citados também por Allan Kardec em A Revista Espírita, em sua edição de Novembro de 1868, no item Bibliografia.

Artigo IV: O PAIZ, 13.11.1887

Em nosso precedente artigo apenas desfloramos a questão da progressividade da revelação, como prova racional da verdade fundamental do Espiritismo: a pluralidade das existências.

Antes, pois, de dizermos alguma palavra sobre a prova experimental daquela verdade, permita o leitor que aprofundemos um pouco a matéria.

A relação que tem guardado, desde os primitivos tempos, a revelação religiosa com a capacidade humana, é a melhor das provas racionais a favor da pretensão que sustenta o Espiritismo de ser ele mesmo uma nova revelação.

Se Deus tem mandado a sua luz, como meio de auxiliar-nos em nossa evolução moral, gradualmente – progressivamente - e na medida do desenvolvimento que temos dado à nossa perfectibilidade; segue-se que, enquanto não tivermos alcançado o máximo dessa perfectibilidade, não poderá ter descido o a maior e o último ensino divino.

Até Jesus foi assim; por que deixar de sê-lo depois de Jesus, uma vez não temos atingido o último grau do saber e da perfeição moral?

Supô-lo, seria admitir que Deus estabelecesse leis várias, que se alteram com o tempo.

Só assim, atacando a Onisciência, poderia alguém acreditar que a relação, que tem vindo constante até a revelação messiânica, de repente e sem causa aceitável fosse interrompida.

E é perfeita interrupção: cessar toda a revelação, enquanto o homem continua a desenvolver a sua capacidade perfectível.

É que Jesus disse a última palavra, respondem-nos os mais messianistas que o Messias.

Não há tal; respondemos-lhes com a autoridade do próprio Cristo.

Nos Evangelhos encontramos: que Ele disse a seus discípulos: *muitas outras verdades tinha a ensinar-vos, porém, não é oportuno*⁵; *scilicet*⁶: ainda não tem a humanidade precisa capacidade para compreendê-las.

É, pois, o próprio Cristo quem declara não ter dito a última palavra do Céu!

É ele quem consagra a eterna relação da revelação com a capacidade humana!

Se, pois, Deus veio dando seu ensino, gradualmente mais amplo, à proporção do desenvolvimento da perfectibilidade humana, desde o princípio até o Cristo; e se o Cristo confirmou essa lei para o futuro, tanto que deixou de ensinar o que excedia à capacidade humana do seu tempo; segue-se que, enquanto não tocarmos o último grau da nossa perfectibilidade, não deixará de vir o ensino celeste – e virá sempre que a humanidade tiver ascendido mais um grau na escala do progresso.

Ora, de Jesus para cá, ninguém o contesta, o mundo tem realizado maior progresso do que fez de Abraão até Moisés e de Moisés até o Cristo.

Logo, por aquela lei de relação, é tempo de novo e mais amplo ensino.

O que traz o Espiritismo, perfeitamente conciliável com a razão e com a consciência humana, é, como temos visto, perfeitamente conciliável com o infalível critério da verdade: os sumos atributos do Criador.

O Espiritismo, pois, pode, a justo título, pretender as honras de uma nova revelação, complementar das anteriores.

A pluralidade de existências constrói uma cosmogonia admirável e tão digna do Ser Supremo como é mesquinha e repugnante a que se baseia no princípio da vida única.

Quando tivermos firmado a base, descreveremos o edifício, comparando-o com o da cosmogonia de Moisés, e corolários que desta se tem tirado.

5 (Nota do Organizador) Jo. 16:12. Essa passagem será lembrada muitas vezes, ao longo desta série de artigos, ressaltando sempre a progressividade das revelações.

6 (Nota do Organizador) “Isto é”. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

É longo trabalho, mas não será perdido para o leitor, que poderá apreciar, por pequenos quadros, a grandeza da nova doutrina, acoimada de diabolismo e de charlatanismo.

Ver-se-á como tudo que repugna à razão e à consciência, segundo a explicação da cosmogonia, fundada na vida única, resplende de luz, segundo a explicação da mesma cosmogonia fundada nas vidas múltiplas.

Ver-se-á a diferença que vai do ensino firmado na letra do Evangelho para o ensino firmado no espírito do Evangelho.

O Espiritismo, trazendo aquela simples verdade, deslocando apenas a base da cosmogonia, torna inexpugnável a sublime doutrina do Redentor - e estabelece, por estreitíssimos laços a união da religião e da ciência.

É uma revelação científico-religiosa!

E isso é um grande passo nas vias do progresso humano, porque ciência e religião são as asas em que o homem se firma para ascender à perfeição, que é seu alto destino.

Tanto uma como outra recebem a luz que vem do alto, porque ambas são essenciais à realização do fim para que fomos criados.

Supõe-se que os grandes gênios científicos, que têm aberto larga estrada pelos desertos desconhecidos do saber humano, são aparições carnis, como se diz de tudo o que não se pode compreender.

E por que não se há de ver nesses privilegiados emissários diretos da Providência, incumbidos de trazerem ao mundo o ensino científico, como Moisés e Jesus vieram trazer o ensino religioso?

Se o fim para que fomos criados é: desenvolvermos indefinidamente nossa perfectibilidade - e se a perfectibilidade humana compreende o aperfeiçoamento de nossas faculdades intelectuais e afetivas; por que há de o Pai só nos dar auxílio em relação ao desenvolvimento das últimas - e deixar-nos à míngua quando ao das primeiras?

Será admissível que só se exija na corte do Onipotente título de virtudes, que não de saber?

O Espiritismo não aceita perfeição sem o duplo requisito - e não há criatura racional que não lhe dê razão.

Um santo ignorante é um misto repugnante de luz e de trevas.

Só o santo sábio realiza a concepção da máxima perfeição humana.

E, pois, se Deus concorre com seu auxílio para que sejamos santos, não tem razão para negar-nos aquele auxílio em razão à necessidade que temos de sermos sábios.

Os grandes gênios, portanto, são Espírito superiores enviados à Terra com a missão de iluminarem a humanidade, como fazem os Messias.

Racionalmente, parece-nos irrecusável a base do Espiritismo. Vejamos se a experiência confirma este conceito.

(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 13-11-1897: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4667

Artigo V: O PAIZ, 20.11.1887

Temos mostrado como os fatos mais comuns da vida humana, tanto quanto as mais elevadas concepções científicas, atestam a verdade do dogma espírita⁷: a pluralidade de existências, único meio de fazerem os Espíritos sua evolução.

Toda a prova racional, porém, é suscetível de controvérsia; tanto que vemos frequentemente os mais sólidos sistemas filosóficos ou científicos sumirem-se, como meteoros que brilharam por momentos, tornando mais negras as trevas que envolvem a humanidade.

Sejamos, pois, positivistas.

As provas experimentais cortam todas as dúvidas.

Felizmente os fenômenos espíritas já podem ser sujeitos a este gênero de observação.

7 (Nota do Organizador) Vale lembrar que a palavra “dogma” tem dois significados principais - um positivo, em sua acepção filosófica, quando refere-se ao “ponto fundamental” de uma doutrina; o outro, bem distinto e de uso mais comum, o religioso, e pejorativo, em que é associado a “uma opinião imposta pela autoridade e aceita sem crítica nem exame”. O leitor atento observará que o Médico dos Pobres se serve dessa palavra nos dois sentidos, alternadamente, conforme o andamento do texto e àquilo a que se refere – isto se verifica logo a seguir, neste mesmo artigo. Cabe recordar ainda que Kardec também adota o termo, e que com as mesmas variações dele se serve, conforme se vê por exemplo no enunciado da questão 171 de “O Livro dos Espíritos”: “Em que se funda o dogma da reencarnação?”; na nota do Codificador ao item 17 do Capítulo IV de “O Evangelho segundo o Espiritismo”; ou ainda nas mensagens de Henri Heine e Erasto, itens 3 e 4 do capítulo XX da mesma obra, ambas definindo a reencarnação como dogma, isto é, como um dos “pontos fundamentais” da Doutrina Espírita.

As manifestações e comunicações dos que se despediram da vida corpórea não são mais alusões e credices; são fatos, de que só poderão duvidar os que não quiserem ver.

O Espiritismo, portanto, é uma doutrina cujos dogmas não se impõe pela fé, mas pela observação e pela experiência.

O vulgo - e mesmo, certos pretendidos sábios, confundem os princípios com os fatos - e acreditam que a nova filosofia consiste nas evocações dos Espíritos.

É desse erro grosseiro que procedem a repugnância de uns, e o temor de outros, contra tudo o que entende com o Espiritismo.

Altos espíritos repelem o que julgam charlatanismo - e espíritos mal educados sentem calafrios só em pensarem na comunicação com as almas *do outro mundo*.

E por essa dupla causa muita gente recusa estudar uma ciência, que explica todos os fenômenos humanos, falando à consciência e à razão!

Aos que julgam ridículo o estudo do Espiritismo, diremos simplesmente: a doutrina é coisa muito distinta das evocações; tanto que um espírita convencido pode nunca ter assistido a uma sessão espírita.

E essa doutrina não é coisa desprezível, desde que os maiores vultos científicos do nosso tempo lhe têm prestado a mais completa adesão.

Victor Hugo em França - Willian Crookes e Alfredo Wallace, na Inglaterra - Zöllner na Alemanha - Lincoln nos Estados Unidos, dispensam de citarem-se outros nomes de sábios, que têm estudado e proclamado a verdade dos princípios espíritas.

Uma ciência que tem por apóstolos nomes daquele quilate pode bem afrontar as zombarias de uns tantos e quantos *sábios*, que falam sem saberem do que!

Com referência a estes, recomendamos o seguinte trecho do romance de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, *O mistério da estrada de Sintra*⁸:

“Os espíritas de hoje serão de entre todos os filósofos contemporâneos, que não querem aceitar em absoluto o dogma estéril e desconsolador da matéria onipotente, *os únicos que hão de colaborar na filosofia do futuro.*”

8 (Nota do Organizador) Há edições relativamente atuais desse clássico da literatura portuguesa. A que encontramos é de maio de 2011, 288 págs. – ISBN: ISBN: 9789722523097.

Os nossos sábios, que tanto zombam do Espiritismo, hão de confessar que vão em muito honrosa companhia os que são vítimas de seus desprezos.

Aos que fogem por temor das almas do outro mundo aconselhamos a leitura e o estudo da doutrina, como antídoto daquele prejuízo de educação.

Desde que se convençam de que um Espírito desencarnado é a mesma coisa que um Espírito encarnado, naturalmente se curam do temor infundado de comunicar com os mortos.

O maravilhoso, que é o que apavora, cede o lugar a uma lei tão simples e tão racional, que provoca desejos em vez de receios.

E não é um doce prazer para a alma lacerada pela perda de um ente amado, falar-lhe, ouvi-lo, antes do que dizer-lhe o adeus eterno, ou do que ter de esperar por um encontro casual na eternidade?

Essa prova experimental, para a qual temos buscado preparar o leitor, não é coisa que precise do favor dos *deuses*, prodigalizado a um Orfeu, a um Enéas, a um Dante.

São chegados os tempos de todo o que tiver boa vontade poder verificar por si a verdade da comunicação dos Espíritos.

Portanto, só não vê quem não quer ver.

A escola para o novo ensino está aberta a todos os que quiserem aprender a razão dos fatos da vida humana, que nenhuma ciência até hoje tem podido explicar; porque até hoje não foi dito à humanidade o segredo do seu destino, nem a lei da sua evolução.

A escola está aberta, porém não creiam os que a procurarem, que é só entrar e ler num livro aberto.

Deus põe as verdades à disposição, ou antes, ao alcance do homem; mas quer que este, em seu próprio proveito, ative suas faculdades para arrancá-las das névoas que as envolvem.

Willian Crookes, o primeiro sábio de nosso século, gastou alguns anos nos estudos dos fenômenos espíritas, para afirmar: *são uma verdade*⁹.

É que às inúmeras causas de erros, que inquinam todos os cálculos e processos humanos, nas indagações científicas, acres-

9 (Nota do Organizador) Para saber mais a respeito sugerimos a leitura da obra "Fatos Espíritas", de Willian Crookes, edição FEB, que traz importantes relatos das pesquisas deste conceituado cientista inglês em torno dos fenômenos de materialização do Espírito que se apresentou como "Katie King", obtidos pela médium Florence Cook.

ce aqui uma especial: a de termos de arrancar a verdade, não à natureza morta, mas à natureza viva e livre.

O estudo experimental do Espiritismo é como um processo, em que se procura descobrir as circunstâncias de um fato, ou sua autoria, por meio de testemunhas.

Em nosso caso, as testemunhas são os Espíritos, que depõem com a mais plena liberdade.

Se são bons, dizem o que sabem; mas se são maus, podem querer enganar.

Que de paciência e de vivacidade não precisa ter o observador para descobrir a falsidade do testemunho?

Nem zombem da classificação, que fizemos de bons e maus Espíritos.

As qualidades morais do homem pertencem à alma - e não ao corpo.

Conseqüentemente, o homem sem o corpo (desencarnado) tem, no Espaço, as mesmas qualidades que teve na Terra.

O mundo dos Espíritos é o fiel espelho do nosso, pela simples razão de ser composto dos mesmos elementos.

A morte leva para lá o que temos cá - e o nascimento traz para cá o que há lá.

Previna-se, pois, o observador espírita - e proceda em suas pesquisas como faz o juiz sagaz.

Com estas ligeiras observações podemos passar à prova experimental.

(Continua no próximo domingo).

(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 20-11-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4696

Artigo VI: O PAIZ, 27.11.1887

Com as prevenções aconselhadas em nosso precedente artigo, pode-se obter prova tão positiva dos fatos do mundo invisível, como dos do nosso mundo.

É maravilhoso, sem dúvida - e cheira a charlatanismo ou loucura, o que aí fica escrito; mas parece-nos assim por causa da educação que tivemos.

Se procedemos de materialistas, não admitimos a existência da alma - e, portanto, escarnecemos dos que nos vêm dizer: *podeis conversar com os mortos*. Se procedemos de espiritualistas, somos filiados a uma seita cristã - e, conseguintemente, embora admitamos a sobrevivência da alma, temos por matéria de fé que esta, separando-se do corpo, vai a seu destino eterno: Céu ou Inferno - *e não se diverte em colóquios com os viventes*.

Os fatos, porém, destroem, com tal evidência, os fundamentos do materialismo, e os juízos dos católicos e protestantes, sobre o que é feito do homem depois da morte, que só o pirronismo¹⁰ obcecado pode recusar-lhes o reconhecimento.

É maravilhoso! Cheira a charlatanismo ou a loucura! Porém é verdade que se vê, que se ouve, que se tocam esses entes invisíveis!

10 (Nota do Organizador) Doutrina filosófica que tinha por base a dúvida em absoluto; costume de duvidar de tudo, ceticismo; teimosia, obstinação. (Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa - online). Também conhecido como ceticismo pirrônico, tradição da corrente filosófica do ceticismo fundada por Enesidemo de Cnossos no século I d.C., e registrada por Sexto Empírico no século III. Toma o seu nome de Pirro de Élis, um cético que viveu cerca de 365 a 275 a.C., embora a relação entre a filosofia da escola e essa figura histórica seja pouco clara. O pirronismo tornou-se influente há alguns séculos, desde o surgimento da moderna visão científica do mundo. (Fonte: Wikipedia)

E não é este, ou aquele, que tem o privilégio de verificar esses fatos estupendos. Todo que tiver boa vontade poderá fazer a curiosa e inestimável experiência.

Se o materialista ouvir um *médium*, ignorante de letras e ciências, falar proficientemente sobre uma questão de alta medicina, por exemplo, terminando por dar o nome de quem lhe faz a comunicação - um médico distinto que já é falecido - o que poderá concluir?

E, se a isso acrescer que um *médium* vidente, sem ter conhecido o indivíduo que se diz autor das comunicações, lhe descrever os sinais físicos, pelos quais o materialista o reconhecer?

Em tal caso, não faltarão subterfúgios, bem sabemos; mas o homem sério só terá um recurso - é render-se à evidência.

Citaremos duas únicas observações deste gênero, dentre milhares, que temos testemunhado:

Um cavalheiro muito estimável, residente e empregado n'uma de nossas freguesias rurais, veio a jantar, na cidade, em cada um amigo, oficial superior do exército, que era espírita e teve consigo, nesse dia, dois *médiuns* psicógrafos.

Depois do jantar, o hóspede que era incrédulo, para zombar do amigo, pediu-lhe que fizesse um dos *médiuns* dizer-lhe o que causava a moléstia de seu filho mais velho - e se essa moléstia era curável.

O moço sofria, desde criança, do que os médicos chamam - loucura - loucura mansa, que se manifestava pelo patetismo, ou idiotismo.

O *médium* tomou o lápis, e escreveu pouco mais ou menos o seguinte:

“H... Nosso filho sofre as consequências dos erros que teve em suas passadas existências”.

Assinou-se com um nome singular, que o *médium* supôs estar errado e leu-o, fazendo essa mesma observação.

O hóspede, porém, ficou sem sangue e caiu, quase desfalecido, no sofá.

Aquele nome, que parecera extravagante ao *médium*, era exatamente o que, em família, se dera à primeira mulher do nosso incrédulo, que à vista de tal fato confessou-se convencido de que a comunicação foi feita por sua falecida mulher, de quem nenhum dos presentes tinha tido conhecimento.

Diga o materialista o que quiser: este fato é uma prova material da existência do Espírito.

Outro cavalheiro, filho de uma província, e altamente colocado em nossa sociedade, desejou ter notícia de sua mãe, falecida naquela província e nunca vista por nenhum dos presentes.

Dirigiu-se primeiro a um *médium* vidente, para saber se ela estava presente.

- A seu lado, disse este, acha-se uma senhora baixa, gorda - muito clara - com os cabelos cortados - e já todos brancos - tendo na face, junto do nariz, um sinal ou ferida com casca.

Tudo conferia com os sinais da pessoa evocada, principalmente a circunstância ultimamente apontada; pois que a mãe do nosso amigo faleceu, segundo ele próprio nos confessou, de um cancroide na face, no ponto indicado.

Ele, porém, apesar de tudo, ficou vacilante, e pediu a um *médium* psicógrafo que recebesse alguma comunicação do Espírito que supunha ser o de sua mãe, para certificar-se da sua presença.

O *médium* escreveu o seguinte:

“Sim: por que duvidas? Acreditaste, por ventura, que a que te trouxe sempre no coração, enquanto viva, te havia esquecido depois de morta?”

“Estou sempre a teu lado. Choro quando te vejo sofrer e exulto com tuas felicidades.

“*Tua mãe...*”

Assinou o nome e o sobrenome, que o *médium* de modo algum podia conhecer.

É outra prova material da sobrevivência da alma - e da possibilidade, diremos até, da faculdade que tem de corresponder-se com os viventes.

O materialista não pode deixar de render-se diante destes fatos, que desafiamo-lo a vir, por si mesmo, observar.

Mas o espiritualista católico não é tão fácil de reduzir ao reconhecimento da verdade.

Ele explica as aparições e comunicações dos Espíritos pelo seu *diabolismo*.

É Belzebu quem toma a forma da pessoa que se evoca, ou que se apresenta espontaneamente - e fala por ela.

Para o católico, portanto, estas experiências não lhe abalam as crenças - e não suspendem o anátema contra o Espiritismo.

Contentamo-nos, por hoje, com a prova da existência do nosso eu depois da morte - e consequente aniquilamento do edifício materialista.

Noutro artigo provaremos o erro dos católicos, e tornaremos conseguintemente geral a prova da sobrevivência da alma humana, e da sua comunicabilidade conosco.

Alcançado esse resultado, passaremos à demonstração experimentalmente do excelso princípio: a pluralidade de existências da alma.

Não podemos evitar esses desvios.

(Continua no próximo domingo)

(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 27-11-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4727

Artigo VII: O PAIZ, 04.12.1887

Quem quiser pode ter a prova da comunicação do mundo invisível com o mundo visível.

Sabemos que estas coisas não podem ser acreditadas sobre palavra; mas não pedimos a ninguém que acredite no que dizemos, senão que vá observar por si mesmo.

O que não fugir propositalmente à verdade, terá mil provas irrecusáveis da comunicação dos Espíritos.

Mas dissemos no precedente artigo: se o materialista que observar os fatos de tal comunicação, não tem meios nem modos de recusar-se à confissão da falsidade de sua doutrina - e da verdade da doutrina espírita, o mesmo não se dá com o católico.

Este, admitindo a existência do mundo espiritual e acreditando na criação de Espíritos perfeitos, dos quais procedem os demônios, tem fácil recurso ao diabolismo para explicar o fato das comunicações.

O fato é real, diz o próprio clero; mas a explicação é falsa.

Quem vem falar é o demônio, e não as almas que estão retidas no Céu - no Inferno - ou no Purgatório.

Provada a existência do demônio, nossas experiências perdem seu valor, menos para os materialistas, que tanto ficam batidos com a prova da existência da alma como com a da existência do demônio, pois que ambos são Espíritos.

Mas onde a prova da existência do demônio?

Os hebreus só admitiram em sua teogonia essa entidade, depois do cativeiro de Babilônia, onde a receberam da religião dos caldeus, que consignavam a dupla divindade, do Bem e do Mal.

O Talmude foi o primeiro livro sagrado que inscreveu semelhante crença.

Em nenhum, porém, dos quatro livros, que Moisés escreveu inspirado, figura ela direta ou indiretamente.

No Evangelho, há passagens que parecem autorizá-la; mas o Espiritismo explica-as de um modo coerente com o verdadeiro critério da verdade - e lança por terra o dogma transladado do paganismo, que tanto compromete as excelsas perfeições do Criador.

Os demônios, de que falam os evangelistas, não são senão os Espíritos atrasados - sensuais - malévolos - que do Espaço perseguem os vivos, ora por satisfazer sua sede de fazer mal, ora por tirar vingança de passadas ofensas.

Assim como o Espiritismo cura pelo amor de Jesus Cristo os possessos desses danados, que dizem quem foram - vivos como nós - assim também curou o próprio Cristo os possessos do seu tempo, que não eram perseguidos por Espíritos de natureza diversa.

Demônios, que Ele expeliu, são demônios que expelimos hoje - Espíritos perversos que perseguem seus irmãos encarnados.

Disse daremos a prova experimental mais adiante, para não tomarmos o espaço à do erro, em que vivem os católicos, neste ponto.

Não há pois, dúvida sobre a origem pagã da crença no deus do Mal, como se prova pela História.

Também não há dúvida sobre a ausência completa de sua consagração em qualquer das revelações.

Como então dar-se a semelhante crença os foros de verdade divina?

Os católicos, querendo apagar a origem suspeita dessa crença repugnante e blasfema, trocaram o dogma caldeu - do deus do Bem e do Mal - por uma lenda, que entroncaram na revelação escrita.

Só há um Deus - é Jeová; mas este criou os anjos perfeitos, como criou os Espíritos humanos imperfeitos.

Os anjos não foram, porém, todos fiéis a seu Criador: - e uma legião deles revoltou-se contra o Senhor, que lhes deu batalha campal, e em que ficou senhor do campo, condenando-os à prisão eterna no cárcere tenebroso, que se chama Inferno.

Esses réprobos são os demônios, que tanto assustam os católicos, porque ocupam-se incessantemente em perverter os

homens, arrastando-os ao Mal, para fazê-los condenar às torturas eternas de que são eles os agentes - e de que tiram sua maior felicidade.

Quem não vê em tudo isto uma concepção humana, repugnante e blasfema, como dissemos?

Em primeiro lugar, a criatura frustrou uma volição do Supremo Criador!

O anjo que o Senhor criou *perfeito*, fez-se, contra o plano divino, *imperfeito*!

Deus errou o plano, ou não teve poder para mantê-lo!

Revela-se, pois, aí sua fraqueza intelectual, ou fraqueza do seu poder!

Em segundo lugar, não é ridículo fazer o Onipotente descer a combater sua criatura, dando-lhe batalha, em que, como Onipotente, que é, não podia ser vencido?

Em terceiro lugar, como se explica o fato de terem os rebeldes sido lançados em correntes no Inferno - e daí saírem, burlando a sentença condenatória, não às escondidas, mas à luz do dia - não para gozarem de algum resfôlego, mas para virem afrontar o poder de Deus, roubando-lhe as ovelhas do rebanho que eram para seu gozo!?

Finalmente, que Deus é este, que permite ao anjo mau, poderoso quase como ele, bater-se contra a fraca criatura humana, que, ainda por cima, é condenada à morte eterna por não vencê-lo?

Se a pena de morte eterna, pelas faltas de um instante, é repugnante com a justiça e com a bondade do Ser Perfeito, essa pena imposta ao que não vence em luta tão desigual, é de fazer odiar a quem a prescreve.

E, por semelhante modo, segundo a lei católica, no fim do mundo - e, depois do juízo final, tudo se reduzirá aos dois reinos: o do Bem, de que Deus é o Senhor, e o do Mal, de que é senhor Satanás!

É a única doutrina que eterniza o Mal!

Demônios - Inferno - penas eternas - tudo o que se prende a esse dogma protestante contra altos atributos do Senhor de todas as perfeições, é obra da imaginação humana - é invenção dos tempos, em que a humanidade, por seu atraso, precisa da tremenda contenção - em que seria desprezível um Deus que não

fosse o símbolo da crueldade e da vingança, levadas às alturas de predicados divinos.

Ainda insistiremos neste ponto.

(Continua no próximo domingo.)

(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 04-12-1887:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4757

Artigo VIII: O PAIZ, 11.12.1887

Não é em artigos de jornal que se pode dar a prova da falsidade das ideias que fazem os católicos sobre a existência do demônio, do Inferno e das penas eternas, verdadeira trindade, que se consubstancia em um só pensamento: a punição dos que não seguem a lei de Deus.

Dá para um livro este assunto; mas, como prometemos juntar mais alguma consideração às que ligeiramente fizemos em nosso passado artigo, voltamos à matéria.

Não dissertaremos. Oferecemos somente ao leitor uma apreciação que nos parece irrefutável.

A caridade é a sublime virtude recomendada pelo Cristo - e a caridade unifica individualmente o amor de Deus e o amor do próximo.

Não tem caridade quem amar a Deus sobre todas as coisas - e não amar também ao próximo.

Está no mesmo caso aquele que se dedicar a seu semelhante até à morte; mas não reconhecer - adorar - e amar sobre tudo e sobre todos a seu Criador.

A excelsa virtude não pode existir onde não existir aquele duplo amor.

Se é assim na Terra, porque ensina a lei de Deus, explicada e recomendada por Jesus Cristo, não pode ser de outro modo no Céu, onde habitam as almas puras e bem aventuradas, que conquistaram a palma do triunfo, principalmente exercitando aquela virtude.

Seria incompreensível que Jesus Cristo recomendasse a caridade aos habitantes da Terra - e que entretanto, ela não habitasse no Céu!

É pelo contrário coisa de simples intuição: que o duplo amor, de que se ela nutre, não pode deixar de ser mais sublimado - purificado no máximo grau, no reino dos puros Espíritos.

Com efeito, mesmo cá no mundo, vemos como a sublimação do amor acompanha o aperfeiçoamento do Espírito.

O homem carnal ama como o animal, com pequena diferença.

O homem espiritual ama quase como o anjo, se nos é lícito aproveitar aqui a ideia católica.

Nesta progressão, os bem-aventurados devem sentir o mais puro amor, que o mais adiantado dos homens na Terra.

A caridade é filha do Céu - e é de lá que ela deve ostentar seu maior fulgor.

Sendo assim - e nenhum católico será capaz de nos contrariar, os justos sofrem no paraíso as maiores torturas morais, vendo uma parte dos objetos do seu acrisolado amor estorcendo-se em convulsões de dores e padecimentos imagináveis e sem fim.

A caridade na parte que toca ao amor ao próximo, atija-lhes com energia incomparável a humana compaixão, o ardente desejo de correr em socorro de seus amados irmãos, que estão em tão duras penas; mas esse sentimento instintivo e recomendado por Deus quebra-se contra a vontade de Deus, que não lhes permite a pura satisfação.

Para que então dotarem-nos de um sentimento, que nos mandam cultivar, se, na melhor ocasião, obrigam-nos a sopitá-lo?

É principalmente pela caridade que se conquista o Céu; mas no Céu não é permitido cultivar a excelsa virtude!

O justo deve gozar as delícias do paraíso, sem lhe causar dor, à vista dos sofrimentos atrozes e eternos de seus irmãos, a quem teve por preceito amar como a si mesmo!

Isto pode entrar na consciência e na razão do homem?!

Isto não é a maior blasfêmia que se pode atirar à Suprema Perfeição?

Só um fanático pode ter por verdade divina um princípio que conduz a tão repugnantes e irreverentes consequências!

Por esse princípio, se no Céu não se perverte a natureza humana, o justo não pode ter um momento de satisfação, porque não é dado a uma alma boa gozar prazer diante do quadro da maior desgraça dos seus semelhantes.

Um tal princípio arrasta fatalmente o homem a preferir compartilhar a vida dos desgraçados, no Inferno, à que se possa ter em comunhão com os duros de coração, no paraíso!

E, pensando assim, não pode haver ofensa a Deus, que nos recomenda a compaixão pelos desgraçados!

Repetimos. Se a natureza humana não se corrompe no Céu, deve ser horrorosa a posição dos justos!

Nós, cá embaixo, com todas as nossas imperfeições, temos mais puros sentimentos, que nossa consciência - a consciência que Deus nos deu, diz que são bons e conforme com a vontade de Deus.

Se vemos em nosso semelhante ameaçado de grave perigo, deixamos instintivamente - o baile, o teatro - o divertimento em que nos acharmos - e corremos em socorro do desventurado.

Lá, no reino do Bem - na glória de Deus, os que se dizem santos em relação a nós, nem se abalam diante da maior miséria de seus semelhantes!

E, se se comovem, sua posição é a do paralítico que vê o filho - o pai - a mulher - o ente querido, envolto em chamas a dois passos da cadeira a que está colocado!

Eis o que é o Céu dos católicos, mantido o seu Inferno, com os demônios e as penas eternas.

Quem o quiser, que o tenha. Nós o repelimos, em nome de Jesus Cristo, que nos trouxe a luz do verdadeiro Céu - do Céu de Deus, que é amor e justiça.

Felizmente a prova que vamos dar, e que todo homem hoje pode colher por si mesmo, da pluralidade das existências, serve igualmente para demonstrar experimentalmente o erro dos católicos.

Se o Espírito tem muitas vidas corpóreas, o Espírito não sofre senão penas temporárias; e, pois, lá vai o Inferno pelo ar, com o seu apêndice, os anjos rebeldes, que têm tanto poder como Deus, embora se afirme o contrário.

Voltemos agora à prova experimental das vidas sucessivas da alma.

(Continua no próximo domingo.)
(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)
Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 11-12-1887:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4787

Artigo IX: O PAIZ, 18.12.1887

Provado como temos deixado, que do Espaço vêm-se-nos revelar Espíritos, que foram nossos conhecidos em vida; e que não há nisso fraudes satânicas, porque Satã é uma invenção humana, temos a questão das comunicações espíritas colocada em condições idênticas para o materialista - para o católico - para todo o ser racional, que não procura propositadamente fugir ao conhecimento da verdade.

A verdade das manifestações dos mortos não é hoje um mistério; - é patente a quem quiser ver, como temos dito e repetido à sociedade.

O mais refratário, se fizer a experiência, será convencido, porque dia por dia colherá diversas provas de ser um Espírito desencarnado quem se manifesta.

Por este modo teremos provado experimentalmente: 1º, que existe o Espírito; 2º, que o Espírito sobrevive à morte do corpo; 3º, que, separado deste, continua, ou pode continuar, em constante comunicação com os vivos.

Entretanto, cumpre fazer notar que o eu humano, desembaraçado da prisão corpórea, adquire a maior lucidez para descortinar os horizontes da criação, cada um na esfera do seu progresso.

Isso ensinam as comunicações do além-túmulo; e verifica-se, vendo-se criaturas que foram estúpidas e ignorantes na vida, darem do Espaço provas de muito superior compreensão e saber.

As lições dos Espíritos têm, pois, um alcance que não pode ser comparado ao das lições dos nossos sábios terrenos; *primo*, porque eles falam do que veem; *secundo*, porque os sábios de cá falam do que conjecturam.

É desnecessário dizermos que nos referimos às coisas do mundo invisível ou dos Espíritos.

A palavra dos Espíritos tem, portanto, tanta senão maior autoridade sobre as coisas da outra vida, como tem a do sábio sobre as coisas da ciência que professa.

Podem ambos se enganar, mas ali está o corretivo que é o *criterium* absoluto da verdade.

Além de que, tratando-se de um fato que afeta pessoalmente a todos os Espíritos, como seja o de terem eles tido mais de uma existência, seu depoimento é *de visu*¹¹, quando o parecer do sábio é baseado em conjecturas e provas indiretas.

Se, pois, não um, porém muitos, porém todos os Espíritos afirmam que têm tido mais de uma existência corpórea, a lei das reencarnações tem, *ipso facto*¹², passado pela prova experimental.

A doutrina espírita é a codificação dos ensinamentos dados aos homens pelos Espíritos desencarnados, que se dizem mensageiros das verdades prometidas pelo Cristo a seus discípulos.

Nessa doutrina, firmada no ensino dos Espíritos reveladores, está o princípio da pluralidade de existências, sem a qual, como foi demonstrado no princípio desta exposição, nada se pode explicar da vida humana, sem se ferirem os divinos atributos.

Já daí vem-nos um valioso testemunho, uníssono e autorizado pela superioridade dos Espíritos que o deram.

Como, porém, nosso fim hoje não é apelar para a autoridade de quem quer que seja, mas sim dar uma prova experimental ao alcance de quem quiser observar, falaremos do que temos visto e pode ser visto por quem duvidar.

O estudo das obsessões, se não aceitarmos o ensino que nos vêm dar os luminares do Espaço, é o que mais eficazmente descarna a questão.

É uma moça de família muito conhecida na grande roda da corte, que sofre perseguição da parte de um Espírito perverso, o qual a levou ao estado de loucura.

11 (Nota do Organizador) De vista. Diz-se da pessoa que presenciou o fato, chamada, por isso, testemunha de visu. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

12 (Nota do Organizador) “Só pelo mesmo fato; por isso mesmo, consequentemente”. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

Um dia, o Espírito da pobre vítima desprende-se momentaneamente do corpo, que jaz em sono, e vem a um centro manifestar suas dores e pedir animação.

Ali conta a sua história, e sua história é esta:

“Há séculos era eu uma moça cristã, devotada à caridade, por índole, e porque seguia os exemplos de meu bom pai.

“Um homem (dá o nome) abusou da minha inocência e, coagido por meu pai, reparou o mal que me fez, porém tratou-me de modo a reduzir-me ao desespero.

“Por fim levou sua danação a abusar da própria filha - de minha filha, que era a minha única felicidade!

“Tinha resistido a tudo; mas aquele golpe prostrou-me; - arrastou-me ao suicídio.

“Sofri no Espaço castigos indescritíveis, até que Deus foi servido compadecer-se de mim, dando-me *outra existência*, para nela eu reparar as faltas do passado.

“Prometi fazê-lo; mas não tive a força de cumprir o que prometi.

“Degradei-me ao ponto de fazer-me a favorita do rei; mas não foi isso o pior. O pior foi ter abusado do meu poder para fazer mal aos meus inimigos, e especialmente ao que fora meu marido.

“Morri nesse estado de reincidência e sofri torturas atrozes, até que, arrependida, obtive a graça da *presente encarnação* para resgatar por boas obras meu negro passado.

“Minha missão foi sofrer tanto quanto fiz sofrer; e hoje tremo em pensar que ainda posso desfalecer.”

Aquele desgraçado Espírito que, sem nenhum interesse, contou-nos a história de três de suas existências corpóreas, deixou-nos consternados.

Imediatamente o obsessivo - aquele que perseguia a pobre moça, para se vingar do mal que lhe fizera a favorita, apareceu pelo mesmo médium, jurando fazer mal à sua vítima até a morte - e dizendo a razão de tanto ódio.

O que ele referiu conferia exatamente com o que ela havia contado!

Qual o positivista que poderá resistir a uma prova destas, e a três e quatro provas iguais, se tanto julgar preciso?

Há por aí mais de um grupo que faz trabalhos de obsessões.

Não falta pois, a quem tiver boa vontade, meios de verificar por si a exatidão de nossos estudos experimentais.

Indicamos de preferência os trabalhos de obsessões, porque por eles a prova é certa, visto que a obsessão é sempre obra de vingança por ofensas de uma vida anterior.

Aí o observador não tem muito que esperar.

(Continua no próximo domingo.)
(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)
Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 18-12-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4816

Artigo X: O PAIZ, 25.12.1887

*Requiem eternam dona ei, Domine*¹³, eis a fórmula de suplicar pelos mortos, adotada pela Igreja.

Repouso eterno para o Espírito é o mesmo que o *nirvana*, que faz a suprema aspiração dos budistas.

A Igreja não vê que a morte é o prelúdio de uma vida nova, em que o Espírito tem mais que progredir?

Ficaremos no pé de desenvolvimento intelectual e moral, em que acabamos na Terra, se, após a morte, vem o juiz definitivo.

Mas o que somos ao sair desta vida, num e noutra daqueles sentidos? Somos uma escala infinita, cujo mais alto grau não dá para nos lisonjearmos, nem do saber, nem da virtude que nos adornam.

Pode-se crer que o Onipotente nos tirasse do nada e nos desse aspirações infinitas, para nos encerrar em tão estreitos limites?

E os que apenas têm esboçado os delineamentos de sua evolução – esses Espíritos envoltos nas trevas da razão e da consciência!...

Se o Criador lhes corta o fio do progresso no ponto em que acabam na vida, o plano da criação humana é repugnante à própria natureza humana.

13 (Nota do Organizador) “Dai-lhes, Senhor, o eterno descanso”, in DOMINGUES, Agostinho de Jesus. OS CLÁSSICOS LATINOS NAS ANTOLOGIAS ESCOLARES DOS JESUÍTAS NOS PRIMEIROS CICLOS DE ESTUDOS PÓS-ELEMENTARES NO SÉCULO XVI EM PORTUGAL. Porto, 2002. Dissertação para Doutoramento em História Moderna, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Será admissível que nossa natureza nos minta - que nos dê instintos ilusórios e falsas aspirações?

O homem, mesmo em relação às coisas da vida, manifesta invariavelmente uma tendência irresistível para subir – subir - subir, sem nunca chegar a uma altura, que lhe satisfaça a ambição.

Isso prova que recebemos uma impulsão original que nos projeta muito além para além dos limites da nossa curta existência terrestre; - e que foi bem compreendida nestas eloquentes palavras do poeta filósofo: *sors tua mortalis, non est mortale quod optas*¹⁴.

Sobre a base da vida única – do juízo definitivo depois da morte – da definição do nosso destino após aquele juízo, a cosmogonia que se arquitetar é triste - enfezada, repulsiva à razão e à consciência.

Sobre a base das vidas sucessivas e solidárias levanta-se uma cosmogonia sublime, rica de luz, orgulho da criatura e prova da infinita grandeza do Criador.

Admitamos, por um momento, que o leitor ainda não está convencido da verdade espírita; que recusa fé ao que lhe diz a lógica e ao que lhe mostrou a experiência.

Continuemos nossa missão; construamos fielmente o edifício da cosmogonia assente no princípio da vida única, defronte do que assenta no princípio das vidas sucessivas.

Um defronte do outro, para que a distância não amortecia as impressões que produz em nossa alma a contemplação de um e de outro.

Infelizmente o espaço não dá para erguermos ao mesmo tempo os dois quadros que devem ser presentes à nossa vista interna.

Um deve subir, quando o outro tiver descido.

A sucessão, porém, será rápida - tão rápida quanto é permitido a quem só tem licença de expor aos domingos.

Suprirá, entretanto, o leitor essa dificuldade que não podemos remover.

14 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui ao poeta romano Ovídio (43aC – 17/18dc) e à sua obra *Metamorfoses*, Livro 15. A frase acima é atribuída ao deus Apolo, pai de Faetonte, que diz ao filho: “Dum mortal é a tua condição; próprio dum imortal, aquilo que pedes”. (Idem anterior)

Começaremos pela que tem a prioridade cronológica - pela cosmogonia de Moisés, que a Igreja adotou e ensina.

Antes, porém, de começarmos este trabalho, que reclama todo o nosso fôlego, permitir-nos-ão que concluamos este artigo, dizendo algumas palavras sobre a diferença de meios de propagação adotados pelo Catolicismo e pelo Espiritismo.

A Igreja, convencida da origem divina de tudo o que constitui seu repertório doutrinário, exige da fraca humanidade o que é contrário à sua natureza tanto como superior às suas forças - uma fé cega e passiva - para tudo que ela crê e manda crer.

O Espiritismo, também convencido da origem divina dos princípios que veio revelar à humanidade, não exige entretanto desta senão que acredite no que vê - ouve - e apalpa, empregando sua razão na discriminação do erro e da verdade, que inquinam a fonte, onde bebe todas as suas crenças.

Será possível que Deus dê olhos para vermos objetos físicos; - dê a razão para vermos o que não é material, e, ao passo que nos permite usar daqueles sem restrições, nos imponha a obrigação de trancarmos as portas desta quando se trata do que há de mais essencial para nós, o que entende com o destino que nos foi dado?

Será possível que tenhamos liberdade de usar nossa razão em tudo o que só interessa indiretamente, ou nada interessa à alma, e que nos seja vedado recorrer a essa fonte de luz, desde que se trata do que tem influência sobre o que nos deve ser bem ou mal, em relação a nosso destino?

Que merecimento pode ter quem não tem o livre-arbítrio?

E pode dizer que o tem, em relação aos princípios religiosos, quem é obrigado a crer?

E que obra é essa da Infinita Perfeição que precisa evitar o livre exame da imperfeição humana?

Não compreendemos, talvez porque não recebemos o dom da graça, *privilégio que se atribui ao Deus de justiça e de amor*; não compreendemos o valor moral que reveste a alma do que é cristão, porque lhe dizem - crê ou morre.

Nós acreditamos que o único Espírito que pode chegar a Deus e alegar os merecimentos de sua fé cristã é aquele que, estudando a sublime doutrina de Jesus, recebeu pela razão e pela consciência a crença - a convicção, de que nela se contém a verdade emanada do Céu.

Deus não pode querer uma fé passiva da parte da criatura, que Ele mesmo fez racional.

Seria isso uma contradição inadmissível em nossa humanidade, quanto mais em o Ser Perfeito, que pôs em jogo o infinito número de forças que mantém a harmonia do Universo, sem que jamais uma se choque contra outra.

Ser-se racional - e, ao mesmo tempo, ser-se obrigado a receber crenças sem a intervenção da razão, é um monstro moral, que é até blasfêmia atribuir a Deus.

O Espiritismo dá à criatura o direito de crer segundo sua razão - e demonstra que essa é a lei de Deus, tanto que o ensino revelado tem-nos vindo progressivamente.

(Continua no domingo próximo.)
(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)
Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 25-12-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4848

Artigo XI: O PAIZ, 01.01.1888

Iniciemos o estudo comparativo da cosmogonia católica com a espírita.

Para isso é preciso, antes de tudo, que levantemos o edifício de uma e de outra, sobre suas respectivas bases: a vida única seguida do juízo definitivo - e as vidas múltiplas seguidas, cada uma, do julgamento das obras que nelas praticamos.

I. No princípio, antes que houvesse alguma coisa, existia o Infinito.

II. O Infinito era Deus - e Deus tirou do nada o Universo, em seis dias ou épocas.

III. Tendo completado sua obra, Deus entrou em repouso, pelo que a Igreja consagra o domingo à comemoração do descanso do Senhor.

IV. O Senhor, depois de ter preparado o mundo material e de ter dado à Terra luz, movimento e vida, que não há nos outros astros, criou o mundo moral, tirando o homem do barro - e inspirando-lhe seu sopro divino.

V. O homem foi criado - único -; porém, Adão pediu a Deus uma companheira - e foi atendido em sua súplica.

VI. Deus mandou-lhe um sono profundo, durante o qual extraiu-lhe uma costela, a que deu a forma e o Espírito humanos, com o nome de Eva.

VII. Adão e Eva foram colocados em um paraíso de delícias, no qual tudo lhes era permitido, exceto comerem o fruto da árvore da ciência do Bem.

VIII. O demônio, invejoso da felicidade daqueles Espíritos e desejoso de contrariar as divinas volições, tomou a forma de ser-

penete e induziu a mulher a comer o fruto proibido, que ela deu também ao homem.

IX. Desta desobediência resultou a queda do primeiro par humano, que teve por castigo o desterro para o mundo - amassar o pão com o suor de seu rosto - e a morte do corpo.

X. A culpa de Adão e de Eva, chamada - o pecado original - contaminou toda a sua descendência, a quem foi fechado o Céu, com a sua culpa própria.

XI. Foi preciso que viesse à Terra o Divino Jesus tomar sobre seus ombros os pecados do mundo - e ensinar, pela palavra e pelo exemplo, o caminho da salvação, para se correrem os ferrolhos que trancavam as portas da morada dos bem-aventurados.

XII. O batismo foi o antídoto contra o pecado original - e só por ele pode-se chegar à Bem-aventurança: *porque – fora da Igreja não há salvação.*

XIII. Os batizados, porém, podem cair da graça - e, *post mortem*¹⁵, são condenados a eternos sofrimentos, no cárcere do Inferno, onde os demônios saciam sua raiva torturando-os por todos os modos imagináveis e inimagináveis.

XIV. As almas, desde que deixam o corpo, são julgadas - e seguem seu destino duplo absoluto que chamamos Céu e Inferno; porém, no fim do mundo, haverá o julgamento final, que separará para sempre os bons e os maus.

XV. Depois desse ato, tudo está acabado, menos a felicidade dos justos - e o sofrimento dos réprobos.

A síntese dessa cosmogonia, que prometemos analisar em cada uma de suas partes, é simplesmente esta:

O homem é criado para fazer suas provas em uma vida - e, acabada esta, dure muito ou dure pouco, está definido seu destino por toda a eternidade.

A cosmogonia espírita segue direção diversa e mais conforme com a ideia que devemos fazer da Perfeição Infinita.

I. Deus criou, de toda a eternidade, a matéria cósmica, da qual se originam, sem cessar, mundos, que se evoluem para a maior perfeição, do mesmo modo que toda a criação.

15 Nota do Organizador) Após a morte. (Fonte: Dicionário Priberam online)

II. Não é só a Terra, pequeno ponto perdido no espaço, que é habitável e habitada; mas sim todos os planetas, qualquer que seja o grau do seu desenvolvimento.

III. Assim como dá-se com a matéria dá-se com o Espírito, que foi – é - e será criado por toda a eternidade.

IV. Os Espíritos saem das mãos de Deus em *identidade* de condições, em inocência e ignorância completas.

V. Todos foram criados para *idêntico* destino - a máxima perfeição pelo saber e pela virtude.

VI. *Idênticos* são os meios que lhes são concedidos para realizar seu destino - as faculdades precisas para a sublime evolução, sendo que existem talentos e vão-se apresentando à medida do progresso de cada um.

VII. A par da identidade de origem - da identidade de fins - e da identidade de meios, figura, na criação humana, a liberdade que nos foi dada, plena para todos, de aperfeiçoar nossos meios perfectíveis - e acelerar ou retardar nossa evolução, desde a condição de - larva - até à condição de - anjo.

VIII. O homem, pois, é o árbitro do seu destino, ou antes, do seu pronto ou lento aperfeiçoamento; donde a *diversidade* de condições humanas, a despeito da *identidade* de seu princípio, meio e fim.

IX. Sendo quase infinita a perfectibilidade humana, não é no curto espaço de uma vida que podemos realizá-la; donde a necessidade de tempo, à vontade de cada um, para fazer-se a prodigiosa transformação.

X. As múltiplas existências corpóreas, destinadas a lavar n'umas as manchas de outras e a fazermos em cada uma, além daquela expiação do passado, provas de merecimento para o futuro, preenchem perfeitamente o vasto plano da evolução humana.

XI. No fim de cada jornada da longa viagem prestamos contas - e recebemos o prêmio ou o castigo de nossa diligência ou de nossa desídia; mas num e noutro caso não paramos na viagem - e procuramos resgatar o mal que fizemos, acrescentar o Bem que praticamos, diligenciando mais nas seguintes jornadas.

XII. Enquanto há atraso, há mal no Espírito - e enquanto há mal, não há felicidade.

A síntese dessa cosmogonia é que fomos criados para fazer nossas provas no tempo que bem quisermos, sendo sempre punido o retardatário- e sempre galardoado o diligente.

(Continua no domingo próximo.)
(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)
Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 01-01-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4874

Artigo XII: O PAIZ, 08.01.1888

A simples comparação, em grosso, do plano atribuído a Deus pela Igreja, e do que lhe atribui o Espiritismo, demonstra a superioridade deste e a impossibilidade daquele.

Um é tão anêmico e pobre de imaginação, que um mortal de certa esfera intelectual não se orgulharia de lhe emprestar o nome.

Outro é majestoso e radiante de luz tão viva, que excede a capacidade fraca da criatura, - e acende em nossa alma sentimentos puros de admiração e respeito.

Entretanto, quer um, quer outro se modelam pela palavra do Verbo encarnado!

A Igreja diz: eu ensino a lei de Deus como a explicou o Divino Jesus.

O Espiritismo diz: eu sou o Espírito da Verdade, prometido por Jesus para os tempos em que a humanidade já pudesse compreender aquilo que Ele, em seu tempo, não pôde ensinar, porque a Terra não estava preparada para receber a divina semente.

Como, então, pode haver entre as duas revelações de Jesus a diferença que se nota entre a doutrina da Igreja e a do Espiritismo?

Tomai o maior sábio do mundo e fazei-o explicar sua ciência, primeiro aos ignorantes e depois aos ilustrados.

Este tal não fará alteração nos princípios essenciais da ciência; mas fará completa no modo de explicá-la às duas classes, que figuramos.

À turma de ignorantes, falará em linguagem rasteira, a seu alcance, usando de comparações com objetos que lhe deem ideia do que, em si e por si, não cabe em sua compreensão.

É a ciência rebaixada ao nível da grosseira compreensão do ignorante; vestindo, por bem dizer, as roupas de que usam seus fracos, e às vezes, falsos conhecimentos.

À roda dos ilustrados, falará, sem constrangimento, a linguagem elevada - técnica, sem precisar de perífrases, de imagens, como quem diz a outro o que este está em condições de compreender.

É a ciência em suas condições naturais; trazendo suas próprias vestes; exibindo-se em sua pura realidade.

Nesta mal desenhada figura tem o leitor a explicação do que tanto impressiona a pequenos e grandes - quando dizem os espíritas que sua lei é a de Jesus, sendo aliás tão diferente da que ensina a Igreja.

Jesus falou em tempo de grande atraso humano; e Jesus fala hoje à humanidade adiantada por quase 20 séculos de progresso.

Sua palavra precisou descer ao nível da compreensão do seu tempo: e eis por que seu ensino, além de ser incompleto, teve de respeitar até os erros daquele tempo.

Sua palavra, agora, se ainda não pode elevar-se ao nível da mais alta compreensão humana, pois que estamos bem longe do mais alto termo de nossa perfectibilidade, pode, no entanto, ensinar o que Ele próprio declarou que *não era oportuno*.

Ora, em todo sistema, material ou moral, uma peça nova desarranja a função, dando-lhe nova direção e fazendo-lhe perder a que tinha.

A simples introdução, portanto, do princípio das vidas múltiplas, na cosmogonia de nossos pais, trará necessariamente a eliminação de certos princípios falsos que o Divino Mestre não pôde banir, por julgar *inoportuno*; mas que deixou para serem eliminados em tempo próprio.

É assim que a gênese mosaica e o código penal do Talmude, adotados pela Igreja, são completamente refundidos em uma gênese e em um sistema penal superiores, só com a introdução, na cosmogonia, do princípio das vidas múltiplas.

E a Igreja é obrigada a confessar que no Evangelho de Jesus Cristo, se não está explicitamente consignado aquele princípio, por ser um dos *inoportunos*, está evidentemente delineado.

Quem lê atentamente o diálogo entre Jesus e Nicodemos¹⁶, assim como as palavras do Mestre a respeito de quem era João Batista¹⁷, não pode nutrir dúvida sobre ter Jesus a ciência daquela verdade, e de não a ter podido ensinar, sendo até obrigado a falar de penas eternas, que não se conciliam de modo algum com a referida verdade.

Temos, pois, os espíritas, a nossa doutrina firmada no Evangelho, tão bem como a Igreja.

A diferença procede somente de que esta se baseia na interpretação literal, ao passo que nós interpretamo-lo em espírito.

A Igreja pôs o selo da inalterabilidade sobre o ensino divino; ao passo que nós proclamamos a progressividade daquele ensino.

É que a Igreja recebeu a lição do Mestre dada aos ignorantes, e não quer ouvir a que Ele veio dar aos ilustrados.

A vontade de Deus, porém, não será contrariada por sua criatura; e a nova revelação da verdade, que Jesus prometeu ensinar em tempo, dominará no seio da humanidade.

Não duvidemos. A luz mais viva há de necessariamente fazer desmaiar a menos intensa; e a sublime cosmogonia que apresenta o Senhor como símbolo da justiça e do amor não pode ser obscurecida pela que no-la apresenta: parcial na distribuição das suas graças - vingativo na aplicação de suas penas - cruel na execução de sua sentença.

São chegados os tempos de que falou Jesus à Samaritana; - aqueles em que não se precisará ir a Jerusalém ou ao monte, para adorar-se ao Pai; mas sim adorar-se-á em espírito e verdade.

Não descobre a Igreja nessas palavras do Divino Mestre uma promessa formal de progresso em matéria de religião?

Como então se opõe à doutrina espírita, cuja moral é intocável, por trazer ideias novas em religião?

Poderá haver progresso sem ideias novas?

Deixemos as generalidades - e vamos à análise dos artigos da cosmogonia ortodoxa.

(Continua no próximo domingo.)

(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 08-01-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4908

16 (Nota do Organizador) Jo., 3: 1 a 21.

17 (Nota do Organizador) Mt., 11:7 a 15, Lc. 7: 24-30 e 16:16.

Artigo XIII: O PAIZ, 15.01.1888

1º. “No princípio antes que existisse alguma coisa havia o Infinito”.

A cosmogonia mosaica é um sistema organizado para o homem atrasado e carnal dos tempos bíblicos - e, portanto, não admira que ensine princípios hoje considerados obsoletos, com o do Sol girar em torno da Terra; ou antes: não admira que revista a verdade absoluta de formas acomodadas ao precário estado da humanidade naqueles tempos.

Demonstrar, pois, os erros que ela contém, não é faltar ao respeito a que tem direito um dos maiores Espíritos que têm baixado à Terra para trazer à humanidade a luz, que o amor do Pai lhe ministra - gradativamente, em vista de acelerar-lhe o progresso para seu alto destino.

Moisés não podia ensinar a verdade incompreensível ao duro entendimento humano de seu tempo, quando Jesus, cerca de 20 séculos mais tarde, ainda faz sentir a impossibilidade de ensiná-la.

Os erros de sua cosmogonia são portanto, não a falta do seu saber, mas a necessidade de uma exposição ao alcance da ignorância humana.

Do exposto, resulta que, assim como a luz é dada ao homem progressivamente, e na razão do desenvolvimento da capacidade humana, assim também o erro é banido progressivamente, à medida que o homem vai tendo a claridade para reconhecê-lo e repudiá-lo.

São duas correntes opostas, das quais uma absorve as forças da outra.

No princípio, era forte a influência do erro sobre os usos, costumes e concepções humanas, e a verdade aparecia como o sol por entre nuvens espessas.

*Pari passu*¹⁸ com o desenvolvimento da perfectibilidade humana, foi o sol da verdade dissipando as nuvens do erro, e, de dia em dia, a cada jato de luz, as trevas se vão adelgando e afastando-se dos horizontes humanos.

A cada nova verdade firmada é um erro, ou um sistema falso que vai por terra.

E a humanidade exulta, pensando que tem varrido a sua atmosfera, quando não a tem senão expurgada de algumas impurezas.

Moisés varreu a poligamia abraâmica; conservou porém, o *dente por dente!*

Jesus baniu todas as impurezas, que deslustravam o Céu da caridade; mas deixou que continuasse o tremendo Inferno, com o *ranger de dentes* e o choro eterno dos danados!

A cosmogonia, pois, é, por fatal necessidade, uma ciência perfectível, e, desde que é assim, será ocioso dizer que a cosmogonia de Moisés contém necessariamente erros de envolta com as verdades, que ensina.

O trecho, que serve de epígrafe a este artigo, é um daqueles que sujeita a essência à forma, que precisou tomar vestes acomodadas ao uso do tempo.

“Antes que existisse alguma coisa havia o Infinito”.

A verdade é que o Criador precede a criatura, mas o que se entende daquele modo de dizer, é que Deus existiu por largas eras, antes que aparecessem as obras de sua divina prótese.

E este ponto fica perfeitamente esclarecido, diante da versão bíblica, que marca o tempo da criação do Universo, quando a existência do Criador não teve princípio.

Houve, pois, uma eternidade antes que Deus tomasse a resolução de criar o mundo!

E, durante esse tempo, o que era o Senhor?

18 (Nota do Organizador) “Com passo igual”. (Fonte: dicionariodelatim.com.br)

Se o movimento é a vida, se não se compreende existência, onde reina o repouso absoluto, como admitir-se que Deus exista, e tenha existido por séculos de séculos - desde o princípio que não tem época, até o dia da criação do mundo, em completa inação?!

Crença é esta que repugna à razão, e que só mesmo uma *fé cega* pode acolher.

O ensino espírita de que o Onipotente produz a obra de sua criação desde o princípio – e produzi-lo-á por todo tempo sem fim, é o único que se conforma com a razão, com a consciência, com os infinitos atributos do Ser Perfeito.

Também, não é a verdade absoluta que se acha sacrificada na versão bíblica.

O que, em tal versão, se afasta do que nos ensina hoje a nova revelação, é a forma por que ela foi apresentada à humanidade.

O insigne profeta, não podendo fazer compreender o quadro sublime da criação universal, restringiu-se à descrição da criação do nosso pequeno Universo: o Sistema Solar, e especialmente o planeta que ocupamos.

Certamente a determinação do tempo, em que foi destacado da massa cósmica o globo terrestre, não ofende, nem de leve, a Infinita Atividade.

O erro está em supor-se que o Sistema Solar é o único, e que, portanto, ele iniciou e encerrou toda a criação.

Admita-se que a cosmogonia de Moisés refere-se exclusivamente à Terra, como parte mínima do Universo criado, e teremos Moisés de perfeito acordo com o Espiritismo; e teremos Moisés de perfeito acordo com o Espiritismo; e teremos a cosmogonia da Igreja, explicada pela cosmogonia espírita, em honra e glória da Sabedoria Infinita.

E não vai nisso constrangimento, pois que tudo o que Moisés disse sobre a formação do nosso planeta, é conforme com o que a ciência verifica na criação de todo o planeta - e em sua evolução.

Não seja a gênese da Terra considerada a gênese de toda a criação, e não há maior verdade do que a que expôs Moisés.

Reforme, pois, a Igreja suas ideias sobre o Universo, aceite a revelação científica ajustada à revelação espírita: de ser infinito

o número de sistemas que constituem o Universo - e a cosmogonia de Moisés estará brilhantemente explicada, quanto a atribuir ociosidade a Deus.

(Continua no próximo domingo)
(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)
Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 15-01-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4940

Artigo XIV: O PAIZ, 22.01.1888

2º. “Deus tirou do nada o Universo, em seis dias ou épocas”.

Este aforismo bíblico manifesta claramente a origem de sua procedência - a imaginação humana.

Por mais alentada que seja a inteligência de um indivíduo, ela joga necessariamente com um grupo de ideias em todas as suas composições.

É assim que, sobre a mesma ciência, cada sábio tem um modo particular de desenvolvê-la, devido ao círculo de ideias, em que gira seu espírito.

E, não é somente uma prisão dentro do círculo que cada um se traçou.

Essa lei moral tem mais lata extensão.

Os próprios gênios, que são os Espíritos adiantados em passadas existências, conquanto produzam luz desconhecida, não se desprendem totalmente de um círculo mais largo, que o das concepções individuais; são sempre adstritos às ideias correntes em seu tempo.

É por isso que as descobertas, de que resultam inovações naquelas ideias, são, em geral, imperfeitamente delineadas - e só adquirem todo o desenvolvimento que comportam, no correr dos anos - e às vezes, dos séculos.

Começam inquinadas, mais ou menos, das falsas concepções humanas - e vão, pouco a pouco, se limpando dessas máculas, até se apresentarem nítidas.

Por ser um grande profeta - e, inquestionavelmente, um Espírito iluminado, Moisés não podia vencer, ou destruir aquela lei moral.

Foi obrigado a tratar as coisas desconhecidas de seu tempo pelo estalão desse mesmo tempo.

Para incutir no ânimo de um povo rude os divinos preceitos do Decálogo, não o vimos sujeitá-los à fórmula material, sem a qual eles passariam pela alma daquele povo como a água por uma superfície polida?

Não o vimos prescrever, em nome de Deus, o amor do próximo de envolta com o dente por dente - e olho por olho - e o morticínio das crianças e mulheres dos povos vencidos?!

Pode-se crer que o preclaro varão não percebesse a antinomia, que havia entre amar o próximo como a si mesmo, e o direito de vingar-se do próximo tão cruel e barbaramente?!

Não. O profeta bem sabia que, sem o adubo do tempo, não se pode fazer germinar a semente do futuro.

Plantou os altos princípios no estrume podre das paixões de seu povo, certo de que os séculos iriam alentando a árvore do Bem, cuja sombra iria, por sua vez, estiolando e matando as plantas daninhas do Mal, filho do atraso da humanidade.

É por isso que a obra de Moisés tem claros e escuros - tem uma parte divina e outra parte toda humana.

Em relação ao nosso tema - ter Deus feito o mundo em seis dias - reconhece-se *prima facie*¹⁹, o cunho completamente humano, que entretanto tem sido considerado divino - inspirado do alto, pelos que não discernem - e tomam as prescrições bíblicas segundo a *letra* e nunca segundo o *espírito*.

Moisés precisou descrever a gênese do Universo de um modo acomodado, não só à inteligência, como à natureza humana, seguro de que só assim poderia fazer que sua gente admitisse o alto princípio do Criador Onipotente e incriado.

Seu fim foi incluir essa ideia, sem a qual a humanidade, em vez de tomar a estrada do progresso, para ou dispara, como navio sem leme, tocado pelos ventos desenfreados.

E, como seu principal fim foi aquele, empregou, para alcançá-lo, o único meio a seu alcance - descrever o Criador agindo como agem os homens.

Se apresentasse o verdadeiro contraste, sua gente repeliria a obra e o autor; entretanto, procedendo como procedeu, o falso modo fez aceitar o princípio verdadeiro.

19 (Nota do Organizador) "À primeira vista". (Fonte: Dicionário Priberam online)

E o povo ficou acreditando que o mundo foi criado, porque lhe descreveram o modo de criação semelhante ao das criações humanas; e, uma vez aceita a ideia de ter ele sido criado, fácil foi elevar o espírito até à compreensão do poder superior - infinito de Jeová.

Mas hoje, que os séculos têm passado, que a humanidade tem desmedidamente progredido; que as relações estão completamente mudadas; como impor-se mais, como verdade, o erro que foi preciso empregar, como meio de fazer conhecer o Criador incriado?

Não se vê logo que o Onipotente não precisava, para fazer o que fez - e milhares de milhões de vezes mais - dois, três, quatro ou mais dias?

Não se vê que isso foi um meio humano de explicar a manifestação do poder infinito na obra de sua vontade?

O que pôde tirar do nada essas maravilhas, que causam pasmo à nossa razão, precisaria de seis dias, ou seis épocas, como a fraca criatura precisa de tempo para concluir qualquer obra?!

Já somos chegados a um grau de progresso, que nos permite melhor compreender a gênese do Universo.

O homem de hoje desprezaria um Deus, que precisasse de tempo para fazer o mais que possa imaginar, como o homem de Moisés desprezaria o que tanto se afastasse do tipo humano.

Nós compreendemos que o Senhor pensou em criar o maravilhoso quadro do Universo - e esse pensamento foi imediatamente traduzido em obra - e o Universo saiu do nada.

Há, pois, esta grande diferença entre a cosmogonia espírita, que não aceita a expressão bíblica senão em espírito - e a cosmogonia católica, que a firma naquela expressão segundo a letra.

Entre as duas escolha a razão humana.

(Continua no próximo domingo.)
(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)
Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 22-01-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4970

Artigo XV: O PAIZ, 29.01.1888

3°. “Tendo trabalhado por seis dias na obra da criação, o Senhor entrou em repouso; pelo que a Igreja consagra o domingo à comemoração do descanso do Criador”.

Antes de analisarmos esse nosso aforismo bíblico, pedimos vênia para dizer ainda algumas palavras sobre o precedente.

Dizem os católicos, baseados nas descobertas científicas, que só prestam quando julgam poder tirar delas algum proveito: dizem, pois:

Tanto é verdade a expressão bíblica da criação em seis dias, que a geologia demonstra haver, na composição do nosso globo, seis camadas bem distintas, que revelam terem sido criadas em períodos distintos.

O argumento é especioso e contraproducente; porque Moisés especificou a obra de cada um dos seis dias, e não incluiu em sua descrição as camadas geológicas.

Essas camadas, efetivamente formadas em períodos distintos e sucessivos, não contrariam a cosmogonia espírita, antes recebem dela a única explicação racional.

Deus criou e cria todas as coisas em estado de simplicidade, mas com os meios de progredirem, segundo leis invariáveis.

Os planetas são criados sob a forma de uma massa em fusão - e é, pelo correr dos séculos, que, pela perda do calórico de sua superfície, vão-se formando crostas, ou camadas sólidas, a que se ajuntam, por justaposição, os depósitos do ambiente formando camadas sedimentosas.

O fato, pois, de existirem tais camadas, não infirma o postulado espírita de ter sido feito o Universo todo em um só momento, por obra do simples pensamento do Criador, como a *Fiat lux*²⁰.

Ao contrário; aquele fato, que a cosmogonia ortodoxa procura absurdamente explicar por uma série de trabalhos divinos, correspondente à dos seis dias bíblicos, tem a mais simples e irrecusável explicação na cosmogonia espírita, que o liga à lei do progresso universal.

Haverá quem negue as alterações que sofre constantemente nosso planeta, cujo resfriamento centrípeto, condição de seu progresso, se evidencia pela cessação quase completa do aparecimento de novos vulcões, tanto como pelos que vão, a pouco e pouco, se extinguindo?

Não se vê, em relação a todos os seres organizados, a lei do progresso se manifestar em cada indivíduo, não cabendo aqui explaná-la até provar que se estendem também a todas as espécies?

Como, então, querer-se fazer dos períodos evolutivos do globo, coisa que ainda hoje perdura, prova de ter sido sua criação feita em épocas correspondentes?

Com o princípio da criação instantânea por um simples *Fiat* - e com o do progresso universal de todos os seres criados, a cosmogonia espírita colocou a Deus num plano tão elevado quanto é mesquinho e irrisório o que lhe assinala a ortodoxia, fazendo-o trabalhar e *suar* por seis dias.

Agora, entremos em nossa tese, já implicitamente desenvolvida com as razões expendidas no artigo precedente.

A Igreja, cega pelo espírito de sistema, que a leva sempre e em tudo a interpretar literalmente as sagradas escrituras, não se adverte da irreverência que comete, atribuindo ao Onipotente o fato de descansar, depois de um trabalho de seis dias!

Descansar é refazer-se do cansaço pelo repouso - é propriedade exclusiva da matéria animada!

A Igreja admite, por obediência à letra, que Deus - o infinito em todas as perfeições - participa das fraquezas da sua própria obra, cansando de trabalhar!

20 (Nota do Organizador) "Faça-se a luz". (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

Se o próprio Espírito criado não pode cansar, porque o cansaço é dos órgãos, que se gastam pela ação, e precisam reaver pelo repouso o que perderam pelo trabalho; como admitir-se que o incriado fique inferior ao criado, - o Criador inferior à criatura?

Se a Igreja, não seguisse sistematicamente a letra das Escrituras, e quisesse abrir os olhos à luz que lhe traz o Espiritismo, interpretando em espírito aquelas escrituras, haveria de compreender que a expressão – entrou em repouso – não quer dizer que Deus cessou de agir: porque, se assim fosse, Deus, não teria existido antes do ato da criação, nem depois dele; uma vez que a quietação absoluta é incompatível com a vida.

Se a Igreja quisesse, pois, estudar a cosmogonia espírita, em vez de esconjurá-la sem conhecê-la, ou conhecê-la pelo prisma de sua intransigência; a Igreja entenderia o que disse Moisés, incapaz de pensar que Deus entrou em inação, de um modo muito diferente do que entende.

Reconheceria que o profeta o que quis ensinar por aquelas palavras foi que o Criador, tendo posto as leis de toda a criação, não teve mais necessidade de criar novas leis.

Daí para o repouso vai um abismo; porque, se Deus não tem mais necessidade de criar novas leis, tem a ação infinita de fazer que todas as coisas criadas evoluam na conformidade daquelas leis.

Deus não repousa, porque é a ação, ou antes, o pensamento universal, em eterna e infinita ação.

Não há nisso ressaibo de panteísmo, pois que a criatura não volta ao seio do Criador - o que há é a expressão real da vida universal, que cessaria se a alma universal repousasse.

A ação de Deus se manifesta, hoje e sempre, em todos os pontos do Universo, sem que essa atividade incessante, essa vida do Universo, se confunda com a atividade limitada de sua criatura, com a alma, ou princípio de existência dessa criatura.

Se Moisés prescreveu o repouso do sábado, e a concentração do espírito, em honra do Senhor, é porque quis aproveitar a impressão causada pela inteligência literal de seu dizer, que não podia ser mais elevado naquele tempo, para tornar obrigatórios: uma medida higiênica e um meio de fazer seu povo melhorar moralmente, pensando em seu Criador, ao menos num dia da semana.

Ainda aqui decide a razão humana entre as duas cosmogonias.

(Continua no próximo domingo.)
(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)
Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 29-01-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4997

Artigo XVI: O PAIZ, 05.02.1888

4º. “O Senhor, depois de ter preparado o mundo material e de ter dado à Terra luz, movimento e vida que não há nos outros astros, criou o mundo moral, tirando o homem do barro e inspirando-lhe seu sopro divino”.

Ainda aqui se reconhece a inspiração humana na gênese bíblica.

Ainda aqui se evidencia o constrangimento de Moisés diante do meio atrasado, em que teve de plantar o gérmen da verdade eterna.

Ele que tinha o Espírito iluminado pelas claridades do Céu, tanto que ninguém mais hoje duvida de que possuísse o verdadeiro conhecimento do nosso sistema planetário, ser obrigado a dizer que Deus limitou a luz, o movimento e a vida ao pequeno planeta que habitamos; como foi obrigado a pôr na boca de Josué, a quem inspirava em espírito, a injunção ao sol, para que parasse em sua carreira!

É preciso não desprezarmos estes fatos, que demonstram a parte humana que é obrigada a ter toda revelação divina.

E daí a conclusão de que, enquanto a humanidade não tiver atingido seu maior desenvolvimento, a arca de suas verdades religiosas conterà necessariamente mescla de liga humana.

Donde, ainda, e visto que o Cristo declarou formalmente não poder ensinar toda a verdade por causa do atraso do seu tempo, a conclusão de que há nos princípios que a Igreja tem por verdades eternas, a parte do erro, que só o tempo, por nosso progresso, pode banir.

E, por conclusão de conclusão, que os princípios da vida única, de juízo definitivo após a morte, e o de penas eternas, com seus apensos – Inferno e demônios, são dos tais erros, visto que não se conformam com os infinitos atributos do Ser Perfeito e têm feito o seu tempo, pois que a revelação espírita, mediante o maior progresso humano, traz hoje à Terra seus sucedâneos – pluralidade de existências e penas corretivas – os quais se conformam perfeita e gloriosamente com os excelsos predicados do Altíssimo.

Em todo o caso, a gênese bíblica não pode ser aceita senão com esta restrição.

Como admitir-se que o Onipotente se limitasse a dar vida unicamente a um ponto insignificante do infinito espaço, deixando no silêncio, na imobilidade e na morte essa extensão, que a própria imaginação não pode compreender?

A gênese espírita glorifica o poder do Supremo Senhor, tanto quanto a ortodoxa o amesquinha.

Esse espaço infinito não é um deserto pavoroso como nos ensina a bíblia; é o meio em que giram inúmeros sistemas planetários, inferiores, iguais e superiores ao nosso que chamamos – solar.

Os indivíduos que compõe tais sistemas, como os que compõe o nosso, não são simples adornos; são mundos habitados pelos Espíritos, como é a Terra, sendo que formam uma escala correspondente à dos graus de adiantamento de seus habitantes.

Assim aos Espíritos mais atrasados correspondem os mundos de mais duras condições; e aos Espíritos mais adiantados correspondem mundos de condições delicadíssimas, verdadeiros paraísos.

Sob este ponto de vista podemos bem empregar a classificação ortodoxa de Inferno, Purgatório e paraíso.

Inferno são os mundos em que os espíritos iniciam sua evolução.

Purgatório são os que têm, como a Terra, condições tais, que ninguém aí pode gozar ventura perfeita.

Paraíso são aqueles em que os Espíritos, purificados da matéria, completam sua evolução sem sofrimentos, gozando a felicidade.

É natural que haja vários graus de Inferno, vários de Purgatório e vários de paraíso; porque a humanidade apresenta nos estádios correspondentes de sua evolução graus variadíssimos.

É assim que notamos na Terra, onde não vêm senão os que têm o que purgar, uma imensa variedade de desenvolvimento, tanto moral como intelectual; prova de que o meio Purgatório não ser um único.

E também recebemos comunicações de Espíritos superiores – felizes – que revelam vários graus em seu progresso, o que prova igualmente que os bem-aventurados não cessam de progredir; e progridem ascendendo a mundos mais e mais elevados.

A gênese espírita, portanto, povoa o espaço infinito com infinitos sistemas de mundos e utiliza todos esses mundos para o que se pode chamar – vida universal.

De todos os pontos do espaço, e não somente de um caminho insignificante, sobem ao excelso trono do Criador as hosanas que entoam os Espíritos.

A glória do Onipotente espalha-se pelo Universo infinito, e nós, da Terra, apenas conhecemos da obra maravilhosa a parte mais rudimentar – os mundos da Terra para baixo.

Quando tivermos alcançado saber e virtude para sairmos do círculos dos mundos Purgatórios como já saímos dos mundos Infernos, começaremos então a apreciar a superior grandeza, que nos cerca e a que se acha em nós, subindo à perfeição angélica por entre flores, como temos subido até aqui por entre espinhos.

Ora, é possível comparar a grandeza deste plano, que pode ser atribuído a Deus sem desar²¹, com o raquitismo do plano bíblico, que humilharia à própria concepção humana?

Quem não vê ainda aqui a superioridade da cosmogonia espírita sobre a ortodoxa?

* Não localizamos o artigo original, na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, a 05-02-1888:

http://memoria.bn.br/docrder/178691_01/5028.

A transcrição desse artigo foi feita, portanto, a partir da versão publicada pela Ed. Edicel, em 1977, no seu capítulo XVI.

21 (Nota do Organizador) “Falta de garbo, de gentileza”. (Fonte: Dicionário Priberan online)

Artigo XVII: O PAIZ, 12.02.1888

5°. “O homem foi criado único, porém Adão pediu a Deus uma companheira; e foi atendido em sua súplica”.

É este um dos pontos mais fracos da gênese bíblica.

A simples leitura dá a ideia de que tudo isso é invenção humana; tem o cunho das criações do homem.

A Bíblia, em cada ano dos períodos da criação, termina sempre pelo estribilho: e Deus julgou que isso era bom.

Deus, portanto, criou o homem único - e julgou que assim era bom.

Não somente a Onisciência não podia fazer senão o que fosse mais perfeito, como ainda temos, na fórmula bíblica a confirmação de que a criação única do homem era a que devia ser.

Entretanto Adão sugere ao Criador a ideia de modificar seu plano, dando-lhe uma companheira; e o Criador não põe dúvida nisso!

Se o que está feito era o mais perfeito, Deus emendou a obra para pior!

Se não era o mais perfeito, o homem teve ideia superior à de Deus!

Em todo o caso, a sabedoria infinita emendou sua obra; o que só é dado ao ser perfectível e não ao perfeito!

A Bíblia, pois, não pode ser aceita, neste ponto, sem grave ofensa à Perfeição Infinita.

E, se descermos ao modo como foi feita a mulher, então nenhuma dúvida pode mais existir de que tudo aquilo é criação humana.

Não é, porém, só isto o que prova ser pura ficção o que nos ensina a Bíblia sobre a gênese humana.

No desenvolvimento do drama bíblico, vamos encontrar a prova de que Deus não criou um único homem; digamos, um Espírito único; e que a raça adâmica foi precedida, na Terra, por uma ou mais gerações humanas.

Diz o livro sagrado que os dois primeiros filhos de Adão foram Abel e Caim; – e que este, invejoso das mercês que Deus fazia àquele, tirou-lhe a vida.

Ficaram, pois, segundo o mesmo livro, únicos seres humanos, na Terra – Adão, - Eva - e Caim.

Lê-se, ainda: que, tendo o Senhor chamado o primeiro assassino para lhe tomar contas de seu crime, ele confessou-o; e foi desterrado para longe de seus pais; e, se quiserem, de sua família, pois que autoridades respeitáveis entendem, com excelentes fundamentos, que o primeiro par humano, teve também filhas, das quais não falam as Escrituras.

Recebendo a pena que lhe foi imposta pelo Senhor (é ainda da Bíblia), Caim manifestou o receio de ser assassinado *pelos que o encontrassem*, como ele tinha assassinado seu irmão.

E Deus, para livrá-lo do desastroso fim, que receava, pôs-lhe um sinal, que o tornasse inviolável *a quem quer que o encontrasse*.

Ora, sendo Caim desterrado da família, quiséramos que nos explicassem, quem eram esses, cujo encontro e maldade receava e contra quem Deus lhe deu um talismã!

Não transuda desta singela narração a ideia de haver na Terra uma raça de homens que não procedia do par bíblico?

Isto é evidente; e bem o afirma o fato de ter Caim fundado a cidade de Enóquia, do nome do seu primeiro filho; fato que não pode ser atribuído exclusivamente aos descendentes do fundador da cidade.

A narração bíblica, portanto, é, de todo em todo, inverossímil; e os fatos de que reza só se explicam satisfatoriamente pela doutrina espírita.

Com efeito, a gênese espírita estabelece a lei da criação infinita, incessante, desde o princípio dos séculos e por toda a eternidade.

Desde que um planeta chega ao ponto de ser habitado pelo homem, os Espíritos vêm aí encarnar por milhões.

Sendo assim, Caim tinha de encontrar, em seu desterro, todos os que não eram de sua família, e se achavam, como esta, espalhados pela superfície da Terra.

E eis como se explicam o medo do assassino e a providência tomada pelo Senhor, para livrá-lo de sofrer a pena de Talião.

Mas perguntar-nos-ão, por que razão o historiador sagrado só falou da raça adamita e não das outras que, como ela, habitavam a Terra?

Porque aquela raça era tão superior, que chamava sobre si toda a atenção, como os arianos invadindo à Índia foram, por sua superioridade, considerados os verdadeiros habitantes do solo sagrado.

E o Espiritismo, em sua cosmogonia elevada, explica a razão daquela superioridade, nas primeiras eras da humanidade terrestre.

Quando um mundo chega a seu fim, tem completado sua evolução material; e vai desaparecer para dar lugar a outros que se destacam da massa nebulosa, todos os Espíritos, que têm o maior toque de progresso, sobem a outro mundo de categoria superior; ao passo que os que não têm aquele toque - os atrasados, são lançados em um de categoria inferior.

É o que a Igreja chama - *o dia do juízo* - em que o Senhor separa os cordeiros dos bodes; e manda os primeiros para o Céu e os segundos para o Inferno.

Com efeito, subir a um mundo superior pode-se chamar - subida ao Céu - assim como descer a um inferior pode ser qualificado de - descida para o Inferno.

Mas os Espíritos decaídos para um mundo mais atrasado são, em relação aos habitantes primitivos deste, extremamente mais adiantados; e essa é a razão por que a raça adamita, decaída de um mundo superior, era extraordinariamente superior aos primitivos habitantes da Terra, que ofuscou; e ainda é pela mesma razão que teve e transmitiu a ideia de ter o homem, que ela julgava consubstanciar, sido criado num paraíso, donde foi desterrado para a Terra.

Quem pode negar a superioridade desta cosmogonia?

(Continua no próximo domingo.)

(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 12-02-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5058

Artigo XVIII: O PAIZ, 19.02.1888

Suspendamos por hoje a série dos nossos artigos sobre a cosmogonia comparada do Espiritismo e da ortodoxia, para dizermos sobre uma questão de momento, que reclama nossa atenção.

Temos tido, só na corte e nestes últimos dias, para mais de doze suicídios, sendo principais protagonistas desses dramas horríveis moços e até crianças, sem a mínima relação com o Espiritismo.

Quando nossos jornais davam notícia de um daqueles lamentáveis sucessos, costumavam perguntar se não haveria influência do Espiritismo.

Por que isso da parte de homens que têm a pretensão de ser guias da sociedade? Por que deram-se alguns fatos lamentáveis de fanáticos de fraca constituição moral serem levados a desatinos

O Espiritismo tem tanta responsabilidade, em casos tais, como têm a ciência e a religião, às quais devem ser imputados tantos e quantos de igual natureza.

Espíritos fracos, concentrando todas as suas forças intelectuais no exclusivo estudo ou contemplação de uma matéria, perdem o equilíbrio moral, e caem em monomania.

Daí casos de loucura e de suicídios, que ainda não fizeram prescrever nem a ciência nem a religião.

O filósofo grego que se atirou ao fundo do Vesúvio²², não inquinou de suspeição a filosofia.

²² (Nota do Organizador) Segundo a tradição seria Empédocles (495 – 435^a.C.), filósofo e pensador pré-socrático grego e cidadão de Agrigento, na Sicília.

Os fanáticos católicos que se atiravam propositadamente ao martírio, que podiam evitar, não arrastaram o anátema sobre a religião cristã.

Por que somente o Espiritismo há de ser condenado pelas aberrações de um ou outro espírito fraco entre milhões que estudam e professam suas doutrinas?

Seria justa a imputação se não enlouquecessem e se suicidassem senão os que se votassem ao estudo da nossa ciência.

A verdade, porém, é que, antes do conhecimento do Espiritismo, já havia loucos e suicidas; e que milhões de homens professam hoje o Espiritismo sem sofrerem a fatal perturbação.

Os fatos, que têm ultimamente impressionado dolorosamente a sociedade fluminense, provam com toda a clareza, aos que não são loucos: que sem Espiritismo não pode haver suicídios em massa, e que o Espiritismo nunca produziu tantas desgraças a um tempo.

Esta é a conclusão a que levam os fatos sensatamente pesados.

Vejam, agora, qual a que resulta da teoria dos princípios essenciais da doutrina espírita.

Nossa existência na Terra, que julgamos ser a primeira e única, conforme a ortodoxa, é uma das inúmeras, que Deus nos tem dado, e nos dará, para podermos completar nossa evolução: essa transformação da larva humana em puro Espírito, ou Espírito angélico.

Revestimos nosso Espírito de um corpo, para expiarmos as faltas de uma existência passada e para fazermos provas, que nos deem jus a melhor vida em melhor mundo; isto é, que nos façam subir mais um degrau na escala do infinito progresso.

Enquanto, pelo bom desempenho daquela dupla missão, não tivermos lavado nosso Espírito das faltas que cometeu, e não lhe tivermos dado certo toque de superioridade moral e intelectual, patinharemos no lodo da vida material, sofrendo suas horribéis condições.

A aspiração, pois, dos que professam o Espiritismo é aproveitar o melhor que puderem a vida corpórea, que lhes foi dada como meio de purificação e de progresso.

Sabem eles que, se a desaproveitarem, terão de voltar nas mesmas, senão em piores condições, a esta vida expiatória, por-

que a justiça do Senhor é inalterável e só absolve o que tiver satisfeito sua expiação numa ou em muitas existências, segundo seu livre-arbítrio.

Sendo este o dogma espírita, perguntamos: como e por que modo poderá o Espiritismo arrastar ao suicídio?

Se há doutrina que mais o repila, é certamente esta, que se acusa de promovê-lo.

E releva notar, ainda, que ela apresenta o suicida como o maior criminoso aos olhos do Senhor, e que, para mais avigorar o temor de cometer tão grande crime, ela recolhe em seu repertório das penalidades a que estão sujeitos os Espíritos, depois da morte, as comunicações ou revelações dos próprios suicidas e dos que nos instruem do Espaço, por onde se vê quanto é aflita e esmagadora a condição do que acaba pelo suicídio.

O Espiritismo, pois, fazendo da vida corpórea o meio necessário de subirmos à felicidade, condena só por isso o suicídio.

E, para falar mais viva e eloquentemente à razão humana, expõe os quadros horrorosos dos sofrimentos a que se arrasta aquela fatal cegueira e lamentável fraqueza.

Estudando-se o Espiritismo tem-se, pois, mais forte razão de repelir o suicídio.

Se um, ou alguns, apesar de tudo, sucumbem, é que a humanidade é fraca; é pela mesma razão porque o católico, apesar das penas do Inferno, comete aquele crime.

Deixem, pois, a injusta prevenção aos que falam de matéria que não conhecem.

Estudem a doutrina; e, se outro resultado não colherem, colherão ao menos o de não acusá-la injustamente por faltas que ela não tem.

Quiséramos ver a nossa imprensa na altura que lhe compete – de órgão de uma sociedade culta, não emitindo juízo senão baseado no estudo e na observação.

Dói-nos por isso, ler em alguns dos nossos jornais, sempre que se dá um fato de suicídio, a estólida²³ pergunta: será obra do Espiritismo?

23 (Nota do Organizador) “Desprovido de inteligência ou de discernimento. Que mostra falta de bom senso ou de sensatez. Absurdo, descabido, disparatado, insensato”. (Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa online)

Uma doutrina filosófica, que tanto enobrece a natureza humana; uma doutrina moral, que assenta no amor e na caridade, não merece ser tratada tão levemente; é digna do mais sério estudo.

* Não localizamos o artigo original, na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, a 19-02-1888:

http://memoria.bn.br/docrder/178691_01/5086

A transcrição desse artigo foi feita, portanto, a partir da versão publicada pela Ed. Edicel, em 1977, no seu capítulo XVIII.

Artigo XIX: O PAIZ, 26.02.1888

6°. “Deus mandou a Adão um sono profundo, durante o qual extraiu-lhe uma costela, a que deu a forma e o Espírito humano, com o nome de Eva”.

Se o fato da criação única de um Espírito, o de Adão - e o de ter Deus emendado seu plano, por sugestão do Espírito criado, depõe categoricamente contra a Infinita Sabedoria; este, de ter Deus mandado um sono a Adão - e tirado uma costela - e aparelhado com ela a mulher, não é menos, senão é mais indigno da Suma Perfeição.

Sempre o Onipotente exposto como um ruim artista que precisa de instrumentos - de material - de tempo, para executar a sua obra!

Com exceção da luz que a gênese bíblica apresenta feita com a majestade que deve presidir às obras do Altíssimo, feita por um simples – *Fiat* - tudo o mais que figura no quadro bíblico apresenta o caráter das produções humanas.

E esta parte, referente à criação da mulher, excede às outras, tanto que chega a tocar as raias do ridículo.

O Supremo Poder não tem a força de criar a mulher, como criou a luz – por um simples ato de sua vontade!

Foi preciso usar de expedientes: o sono – e de meios: a extração da costela!

Sem isso, Deus não podia formar a segunda pessoa da dualidade humana!

Mas, dizem, o Senhor quis mesmo assim, porque teve em vista fazer que a mulher fosse a carne da carne e o osso do osso do homem.

Admitamos que o Senhor tenha revelado o seu intento, fundado em altas razões, que não compreendemos, de fazer a mulher da carne e do osso do homem.

Em que isso o obrigava ao emprego de processos que podemos qualificar de materiais?

Bastava querer para que, sem necessidade de sono - sem necessidade de extração da costela, a mulher saísse da carne e do osso do homem.

Quem tirou do nada esta maravilhosa máquina, que chamamos - Universo - podia tirar do homem a mulher, sem precisar de magnetizações.

E por que fazer a mulher de uma parte do corpo do homem?

Fez-se a coisa por aquele processo material, para que a mulher reconheça sua inferioridade - e a obrigação que lhe corre de respeitar e obedecer ao homem como a seu senhor.

Essa foi a origem ou causa da fábula do sono e da costela.

Estava-se no tempo da sujeição da mulher, levada ao último ponto - e o patriarca precisava tornar sagrado aquele princípio, em que repousava todo o edifício social.

Assim como imaginou-se, ou antes trasladou-se do paganismo, a fábula do demônio e do Inferno, necessária para conter o povo de *dura cerviz*; assim - e para manter cercado do maior respeito o princípio da escravidão da mulher, imaginou-se o de ser ela tirada de uma parte do corpo do homem, que se explicou como causa original e divina de sua inferior condição.

O mundo, tal qual estava constituído, exigia aquilo - e Moisés, como o próprio Cristo, não teve remédio senão transigir com as ideias do seu tempo.

Já dissemos que a religião encerra princípios eternos, que não se chocam contra os divinos atributos - e encerra princípios transitórios, esses que servem de veículo às verdades, e que a razão humana, hoje esclarecida, não pode aceitar por serem antagonicos com aqueles divinos atributos.

A fábula da criação de Eva é um destes, que fazem seu tempo desde que a humanidade, por seu progresso incessante, adquire ideias mais adiantadas que os repelem.

Enquanto durou o governo do patriarcado, em que o homem tinha direito de vida e de morte sobre a mulher e sobre os filhos, aquela ficção bíblica era uma verdade sagrada, em que tal governo se firmava - e a que todos se submetiam respeitosamente.

Até Jesus, mesmo depois de extinto o governo patriarcal, substituído pela fórmula mais adiantada do despotismo real, a mulher continuou sempre sob o peso do anátema original.

Jesus, unindo toda a humanidade pelos laços da fraternidade, libertou a mulher do jugo de tantos séculos, dando-lhe alma e direitos iguais aos do homem.

Desde então, o que ficou valendo a distinção bíblica?

Ou a mulher tem a mesma responsabilidade e o mesmo destino do homem, e, neste caso, aquela história da Bíblia é coisa puramente humana.

Ou não é assim – a mulher é o que quer a Bíblia; e, em tal caso, a lei de Jesus não é divina.

Ou Cristo, ou Moisés!

A cosmogonia espírita corta a dúvida pela raiz.

Os Espíritos não são criados homens nem mulheres.

Os sexos são formas acidentais que eles tomam para a vida terrestre, formas que perdem tão depressa deixam os corpos.

Isto se verifica experimentalmente pela história de alguns, que foram homens numa existência - e mulher noutra.

Assim como se verifica a sua insexualidade no Espaço, depois da morte, pelo dizer unânime de todos, que de pais e filhos - de maridos e mulheres se transformam no mundo espiritual, em irmãos.

Se, pois, as relações sexuais são transitórias e terrestres, como havia Deus ter criado o Espírito do homem superior ao da mulher?

Independente mesmo disto, não havia flagrante injustiça na desigualdade de condições originais, quando há perfeita igualdade de responsabilidade e de destino?

O Velho Testamento desaparece, neste ponto, diante do Novo - e o Espiritismo, coerente com este, faz resplender a divina verdade.

(Continua no próximo domingo.)

(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 26/02/1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5118

Artigo XX: O PAIZ, 04.03.1888

7°. “Adão e Eva foram colocados em um paraíso de delícias, no qual tudo lhes era permitido, exceto comer o fruto da árvore da ciência e do Bem”.

Distingamos as questões que se contém neste período.

Temos, em primeiro lugar, que nossos primeiros pais, logo depois de formados, foram habitar um paraíso de delícias.

Temos, em segundo lugar, que Deus vedou-lhes tocar no fruto da árvore da ciência.

A primeira questão já foi ligeiramente desflorada em um de nossos precedentes artigos.

A raça adamita transmitiu à humanidade a tradição da sua primitiva habitação em um mundo superior à Terra.

Efetivamente, demonstramos como sua superioridade sobre os íncolas do nosso planeta só se pode explicar, sem ataque à eterna justiça, por uma imigração de um planeta mais adiantado; fato que não é único, segundo referem os Espíritos; mas que se reproduz imensas vezes, - sempre que um globo habitado de certa ordem tem, por seu desenvolvimento, adquirido as condições para subir a ordem mais alta.

Nessas condições, sobem com ele os Espíritos que têm o toque moral correspondente à nova categoria daquele mundo; e são mandados para outro de categoria inferior os Espíritos que ainda não possuem aquele toque.

É a este rebaixamento que os autores sagrados se referem, quando falam de serem os maus atirados às trevas do Inferno.

E de fato, pode-se falar assim a respeito daqueles que são atirados de um mundo mais adiantado em outro mais atrasado.

Se nos permitem a comparação, afirmaremos que não diz mal, falando figuradamente, quem disser que um grande da Terra, reduzido a mendigar para viver, foi lançado no Inferno.

Aqui, talvez seja preciso dar uma explicação para evitar dúvidas do leitor.

Nem os Espíritos que sobem com o mundo elevado à mais alta categoria, nem os que são atirados daquele mundo em outro inferior, mudam de condições, tais quais se achavam, isto é, unidos a seus corpos.

Uns e outros acabam com o mundo, no tremendo dia de juízo, isto é, perdem os corpos - e são julgados, em Espírito.

Dali é que vão reencarnar: os bons, no mundo elevado à ordem superior - e os maus no mundo atrasado, para onde foram desterrados.

Ora, embora o Espírito perca a memória do seu passado, desde que volta à vida corpórea, é de observação que sempre guarda ele uma vaga reminiscência, *como no-lo provam as ideias inatas*, que não são senão a recordação espontânea do que soubermos nas vidas anteriores.

Além disto, acontece termos o que se chama noção - intuição - ou revelação de certos fatos notáveis de nossa vida passada.

A raça adamita, reencarnando na Terra, infinitamente mais atrasada então do que está hoje, teve a reminiscência do mundo donde fora desterrada; - e, comparando os dois, com razão julgou ter sido criada em um paraíso de delícias.

A diferença é somente que a vaga reminiscência não lhe deu para fixar aquele paraíso fora da Terra; e por isso passou a tradição de ter ele existido na Terra.

A Bíblia fundou-se nesta geral tradição; e eis como nos veio ensinar o que a razão não pode aceitar, pelos motivos que passamos a analisar.

Adão e Eva, postos no paraíso, foram dali expulsos por terem violado o preceito divino: de não tocar no fruto da árvore da ciência.

Entremos no exame da segunda questão.

Quem pode admitir que Deus, tendo-nos dado a inteligência, nos proibisse o seu uso?

Tanto vale vedar-nos o estudo das ciências, que a Bíblia representa por uma árvore de frutos perniciosos.

Quando todas as faculdades humanas são perfectíveis, não é uma blasfêmia dizer-se que o Senhor nos proibiu desenvolver a inteligência, criando-nos só para gozo material do paraíso?

E se Deus criou o homem para viver com ele em sociedade, como diz a Igreja, pode-se admitir que o quisesse material e embrutecido?

Não é mais conforme com a razão e com a grandeza do Criador a doutrina espírita, que faz consistir o destino humano na perfeição - e a perfeição dos Espíritos no maior saber e na mais pura virtude?

Neste caso, como aceitar-se a proibição de tocarmos no fruto da árvore da ciência, que vemos todos os dias regada, tão completamente como a do Bem, pelas revelações divinas?

Aqui, ainda e sempre a influência das condições humanas!

Em tempos de obscurantismo o que há mais natural do que a guerra à ciência - a todo o meio de iluminação do espírito?

Se Moisés tivesse de escrever a Bíblia nas atuais condições da humanidade, não lançaria aquela condenação ao saber, em nome de Deus, como não pregaria *dente por dente, e olho por olho*, de seu código draconiano.

Em seu tempo aquilo foi uma fatal necessidade; o tempo passou, e hoje a luz da nova revelação espanca as trevas do obscurantismo primitivo.

Assim como Jesus modificou a lei tanto quanto lho permitiu o estado da humanidade, assim o Espiritismo limpa o trigo do joio, que o divino Redentor não pôde joeirar.

A verdade é que o Senhor plantou no meio do paraíso a árvore da ciência e a do Bem, porque quis que a humanidade as cultivasse por igual.

Atendei a essa ligação do saber com o Bem!

(Continua no domingo próximo.)

(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 04-03-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5148

Artigo XXI: O PAIZ, 11.03.1888

8°. “O demônio, invejoso da felicidade daqueles Espíritos (Adão e Eva) - e desejoso de contrariar as divinas volições, tomou a forma de serpente - e induziu a mulher a comer o fruto proibido, que ela deu também ao marido”.

Não há neste período um pensamento que não seja uma irreverência para com Deus.

A afirmação da existência do demônio é irreverência.

A de ter corrompido a obra que Deus fez pura, é irreverência.

Moisés, porém, precisava explicar o estado de sofrimento universal; e o meio que tinha era imaginar aquela lenda, sem refletir que, se ela atestava a justiça indefectível de um lado, por outro lado comprometia-a gravemente.

Com efeito, se a pena que sofre todo o que vive na Terra é obra de sua própria culpa, e conseqüentemente afirma a justiça de Deus, o modo como se descreve a queda do homem, é a mais formal negação daquela justiça.

Se Deus tivesse posto o preceito - e deixado o homem livre cumpri-lo, ou contrariá-lo por seu próprio impulso, compreender-se-ia a justiça da pena.

Mesmo que se admita a tentação, como estímulo para o Mal, ainda se é obrigado a reconhecer a justiça na condenação, uma vez que o estímulo não seja superior à nossa força de repulsão.

Imaginar, porém, uma luta entre a fraca criatura, e o anjo das trevas, luta tão desigual que não encontra símile em toda a natureza; punir o fraco, porque foi vencido pelo forte, será tudo o que quiserem, menos justiça humana, quanto mais divina.

Felizmente são chegados os tempos em que é dado ao homem compreender a revelação segundo o espírito.

O Espiritismo já nos explicou a razão por que a Bíblia coloca Adão e Eva, após sua criação, num paraíso de delícias.

O Espiritismo explicará hoje a queda do homem pela tentação do demônio, de modo a não termos de acusar a eterna justiça.

A crença na pureza original procede da crença do paraíso; - e ambas são universais; o que deve ser tido como caráter de verdade.

A humanidade só teve tradição e história pela raça adamita, que dominou e fundiu em si a primitiva raça humana terrestre.

Portanto, em todo o recanto habitado da Terra, dominou a ideia que tiveram os Espíritos expulsos de um mundo superior para a Terra - de que a primeira habitação de seus pais foi um paraíso, que perderam pelo pecado.

A queda do homem entrou, pois, na consciência da humanidade.

Já sabemos que esta ideia universal exprime uma verdade, pois que nossos primeiros pais caíram, caíram por suas faltas, não do paraíso bíblico, mas de um mundo que era paraíso comparado com a Terra.

Aqui, porém, o que nos propomos tornar claro não é o fato, que já está explicado, é o modo como o explicou a Bíblia.

No dizer do livro sagrado, os Espíritos que são dados como monstruosos faliram por sugestões do demônio.

Mas nós já demonstramos que não há demônios; logo a lenda bíblica é uma falsidade.

Moisés, porém, não era um Espírito atrasado, que procurasse ilaquear a fé de seu povo com falsas invenções; logo a lenda bíblica precisa de uma interpretação.

Os Espíritos, em sua evolução, seguem o caminho reto, fazendo o seu progresso sem nunca falirem; ou seguem o caminho escuso, falindo e sofrendo, e fazendo seu progresso por entre espinhos e lágrimas.

Para aqueles que são a exceção humana, não há queda, nem tentação, nem demônio.

Para estes, porém, que são o geral da humanidade, há tudo aquilo - queda, tentação, demônio.

Moisés não podia explicar à gente de seu tempo esta distinção que, ainda hoje, mal se compreende, - e por isso falou somen-

te do geral da humanidade, consubstanciando no primeiro par o fenômeno humano - o que se dá com cada Espírito.

O Espiritismo, porém, explica a distinção e determina o que é a tentação, depois de ter eliminado o demônio.

O Espírito decaído precisa de um grande esforço para reparar a falta e erguer-se da queda que deu.

Há na perversão moral dos atrasados a mesma variedade de graus que se dá na perfeição dos adiantados, que já têm remido suas faltas e progridem libertados da ação do Mal, que é o fruto de nossas próprias ruins obras.

Daqueles, os que são mais materiais, mais refratários à lei do progresso, que levam séculos e séculos sem terem dor do tempo que perdem, antes regozijando-se do Mal que fazem; esses procuram, às vezes por vingança, outros por simples perversidade, arrastar os encarnados ao erro, ao vício - à perdição.

São verdadeiros demônios, porém de natureza humana, não tendo mais força e mais poder do que aqueles a quem procuram arrastar para o Mal.

Neste miserável viver levam séculos como já foi dito; porém, como todos os Espíritos foram criados para o mesmo fim - a perfeição pelo saber e pela virtude - chega o dia em que se convencem do erro em que vivem, e entram nas vias do progresso, e mais ou menos lentamente - sofrendo mais ou menos torturas, lá chegam ao cimo da montanha, onde se sagram os anjos.

Os anjos, pois, são espíritos humanos, que podem ter sido demônios - e os demônios são espíritos humanos, que há de vir a ser anjos.

O mito, pois, da tentação bíblica mostra a realidade da tentação a que estamos sujeitos, pela sugestão dos maus Espíritos, nossos inimigos, de passadas existências, ou simples inimigos da humanidade.

Aqui a luta é igual, e merecida a pena imposta ao vencido.

(Continua no domingo próximo.)

(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 11-03-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5176

Artigo XXII: O PAIZ, 18.03.1888

Interrompo por hoje a análise de confronto, que estou a fazer entre as cosmogonias espírita e mosaica, para dirigir-me ao Sr. D. Pedro de Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro²⁴.

A verdade é como o Bem: tem uma força expansiva de subjugar as mais sólidas resistências.

Ao passo que evitam-n'a os que têm seus mais vitais interesses radicados no erro, ela revela a fraqueza dos que inconscientemente se conhecem em razão.

Não se dão por vencidos; mas a cada passo deixam perceber que estão convencidos.

O sacerdote hebreu não podia ocultar a impressão, que sentia diante da nova lei, pregada por Jesus; entretanto não poupava meios de impedir que ela dominasse o coração das massas.

Sacrificou a consciência ao interesse; - a vida espiritual à corporal!

É a obra da fraqueza humana!

Foram estas as considerações, que em solilóquio fiz, ouvindo a palavra do respeitável Bispo do Rio de Janeiro em sua prédica no último domingo quaresmal.

S. Exa. chegou à convicção da verdade espírita; mas sua educação religiosa, diremos mesmo, os grandes interesses da ordem lhe tolhem a confissão.

O homem inteligente e instruído avança até o campo iluminado pelo brilhante sol da liberdade!

24 (Nota do Organizador) Pedro Maria de Lacerda (1830-1890), primeiro e único conde de Santa Fé, foi bispo da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro por mais de vinte anos. (Fonte: Wikipedia)

O padre... faz o que fez o sacerdote hebreu: cerra os olhos à luz e sacrifica o Justo!

S. Exa. o Bispo já *desceu* a considerar em suas prédicas quaresmais a doutrina que, a despeito das excomunhões, evidentemente injustas, vai dominando o espírito da humanidade, principalmente o das classes mais distintas pelo saber.

S. Exa., rompendo com a intransigência dolosa ou fanática, tomou a sério a doutrina espírita, embora para combatê-la.

Honra que lhe seja prestada por esse sentimento, que devia ser o de todo o clero católico para distinguir-se do sacerdócio hebreu.

O Sr. Bispo confessou a mediunidade; - confessou a existência dos médiuns como veículo do mundo invisível para o visível; - atestou portanto a verdade do fato material das comunicações.

É verdade que S. Exa. explica-o por artes de Satanás, que aparece e fala pelo Espírito evocado, tão perfeitamente que nos iludimos.

É, pois, Satanás quem conversa conosco pelos médiuns, e não Espíritos humanos, que não podem sair do Céu ou do Inferno para nos virem falar.

O fenômeno existe; é real; o que não vinga é a explicação que lhe dá o Espiritismo.

Honremos a nobre sinceridade com que o ilustre prelado fluminense *desce* a pesar os merecimentos da nova revelação; da revelação daquelas verdades que Cristo não julgou oportuno ensinar e prometeu fazê-lo em tempo próprio.

Pensando pelo modo por que se manifestou do púlpito o nosso diocesano, esqueceu-se entretanto S. Exa., em primeiro lugar, dos fatos consignados nas Sagradas Letras, de se comunicarem com os vivos os Espíritos dos mortos.

A comunicação de Samuel com Saul por meio da profetisa de Endor, e a do Senhor a tantos Espíritos superiores, que ainda na Terra mereceram a santificação dos homens, o provam exuberantemente.

As Sagradas Letras destroem, pois, categoricamente as asseverações do Sr. D. Pedro de Lacerda, de que os mortos não podem sair do Céu ou do Inferno, para onde vão logo que deixam o corpo.

Ou não vão para aqueles lugares, como pensa S. Exa., ou deles se pode sair, para virem falar conosco, como o ensina a própria Bíblia.

Não há como sair deste dilema!

Já se vê, portanto, S. Exa., que não se precisa de Satanás para explicar o fato das comunicações mediúnicas, que S. Exa. reconhece real.

Em segundo lugar, não reflete o Sr. Bispo que Satanás não pode existir, porque sua existência anula a do Criador, desde que fere alguns dos seus divinos atributos.

Deus criou os anjos perfeitos e não perfectíveis, donde a manifestação da sua vontade quanto a não falirem.

Entretanto, a despeito da vontade soberana, Satanás faliu!

Se o fato se deu, Deus não é onipotente-onisciente-infalível!

Deus condenou o rebelde às trevas eternas do Inferno, donde a manifestação da sua vontade quanto a não ter mais liberdade.

Entretanto o rebelde condenado a galés perpétuas evade-se, frustrando a divina volição e constituindo-se seu rival em poder!

Entretanto, evadido do Inferno, vem continuar a guerra contra o seu Criador, roubando-lhe as ovelhas que este criou para si!

E este representante do Mal, que Deus não pôde conter no Inferno, cujas emboscadas sedutoras Deus não pode frustrar, será, no fim do mundo, o rei do Inferno, como Deus será o do Céu!

Quem poderá crer na eternização do Mal, na sagração do reinado do anjo rebelde, em detrimento do das grandezas do Criador?!

Isso seria confundir a verdade para endeusar a blasfêmia!

Dar-se a Satanás, apesar de decaído, os altos predicados de sua primitiva perfeição e ainda o caráter de êmulo do Senhor é permitir que se batam o perfeito com o perfectível: é tão injusto e bárbaro quanto seria entre os homens admitir a luta entre o lobo e o cordeiro, o paralítico e o válido, a criança indefesa e o tirano sem coração, máxime condenando-se ao suplício eterno a alma que fraquear e for vencida na luta desigual!

Satanás, pois, coloca a Deus neste dilema: ou a Onipotência quer e não pode contê-lo, ou pode e não quer, permitindo a luta entre o forte e o fraco, contra os princípios da mais comezinha justiça, o que importaria na sua formal negação!

Satanás dá testemunho contra Deus!

Em terceiro lugar, admitindo-se mesmo que esse mito seja uma realidade, que Deus permita a eternização do Mal, não se advertiu o Sr. Bispo de que os fenômenos espíritas prendem-se a uma doutrina, a princípios e leis que constituem a base essencial da nova revelação?

É cotejando os fenômenos pelas leis da doutrina, que se pode julgá-los, e não destacando uns dos outros.

Mas a doutrina espírita assenta sobre a moral de Jesus Cristo, sobre as leis do amor e da caridade.

Mas essas comunicações, que S. Exa. atribui a Satanás, nos recomendam a observância daquelas leis - a imitação de Jesus Cristo; como ser tudo isto obra de Satanás?!

Estude S. Exa. a doutrina e verifique os fatos, que reconhecerá a verdade do Espiritismo, como revelação complementar da messiânica.

Não é possível mais ampla resposta nos limites de um artigo.

Continua no próximo domingo.

(DA UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL)

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 18-03-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5205

Artigo XXIII: O PAIZ, 26.03.1888

9º. “Desta desobediência resultou a queda do primeiro par humano, que teve por castigo: o desterro para o mundo, amassar o pão com o suor de seu rosto, e a morte do corpo”.

Não há dúvida sobre o fato consignado neste trecho, de ser o nosso Mal originado de nossa desobediência.

Da cosmogonia ortodoxa para a cosmogonia espírita só há, em relação a este ponto, uma diferença, que aliás não é de pouca importância.

A desobediência que determina o Mal do mundo, de toda a humanidade terrestre, ensina a cosmogonia ortodoxa, foi a do nosso primitivo tronco.

A desobediência que determina o Mal de todos os viventes na Terra, ensina a cosmogonia espírita, é a decadência destes.

A Terra é a estação de expiação, e, portanto, a ela só vêm os Espíritos que têm dívida a pagar, dívida própria, porque Deus disse, em oposição ao que ensina a Igreja: *nem o pai responde pelo filho, nem o filho pelo pai, senão cada um por suas próprias obras*²⁵.

25 (Nota do Organizador) Vide a respeito todo o capítulo 18 de Ezequiel, mas especialmente seu versículo 20: “A alma que peca, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai nem o pai levará a iniquidade do filho. A justiça do justo será sobre ele, e a impiedade do ímpio será sobre ele”. A máxima da perfeita equidade da justiça divina - a cada um segundo suas obras - é confirmada também em diversas passagens bíblicas, tanto do Velho como do Novo Testamento - vide Salmo 62:12; Isaías 3:11 e 59:18; Oséias 4:9 e 12:2; Mateus 16:27; Romanos 2:6; 2 Coríntios 11:15; 1 Pedro 1:17 e Apocalipse, 2:23 e 20:13, entre outras...

Isto é autêntico, porque é de Ezequiel, e é conforme com a razão, que não pode aceitar como de Deus, o princípio de se punir o filho pela culpa do pai.

Moisés não podia ensinar a cosmogonia espírita, que mal pode, ainda hoje, ser compreendida, e foi por essa razão que fez toda a humanidade co-participante da falta de seus primeiros pais.

O essencial era levar às consciências o sentimento de culpa e a necessidade de repará-la, e o grande preceptor desempenhou-se desse dever, fazendo crer que havia uma culpa universal, de que cada um devia procurar lavar-se.

Assim chegou ao fim sem violentar o meio em que viveu.

De outro modo, do modo real como o Espiritismo explica hoje a parte do sofrimento de cada um por sua própria falta, ele se envolveria em obscuridades incompreensíveis, que faria repelir a ideia essencial.

Todos os dias estamos repetindo, e não o faremos demais; que as verdades nos são reveladas na medida do nosso progresso compreensivo.

E mais: que elas nos são dadas de envolta com as condições da humanidade, no tempo, de modo que há sempre, mesclando as verdades eternas, princípios transitórios, que o mundo confunde com aquelas verdades.

É um destes o chamado pecado original, meio ou modo de se fazer passar a verdade da queda dos Espíritos e da necessidade de sua regeneração.

A cosmogonia espírita, porém, aproveitando o grande progresso feito pela humanidade, de Moisés até os nossos dias, não precisa mais de imaginar romances, e fere diretamente o ponto, dizendo: aquele que usa mal de sua liberdade, desobedece à lei do progresso para a perfeição, que é a lei suprema dos Espíritos posta pelo criador, e sofre por tal desobediência penas corretivas, que duram enquanto o delinquente não se arrepender da falta e não fizer propósito firme de emendar-se dela.

E ao que se arrepende, Deus concede os meios de reparação e de fazer merecimentos para subir ao mundo dos felizes, dando-lhe nova existência corpórea, em que poderá dar prova de sua sinceridade.

Quem não conhece neste tipo coisa muito superior ao ortodoxismo, que nos faz pagar as faltas de nossos primeiros pais, e pagar com juros de juros, e juros de verdadeira usura?

Com efeito, o ortodoxismo nos diz: se não seguirdes os mandamentos de Deus e da Igreja, que não existiriam se não existisse a culpa de Adão e Eva, se cometerdes pecado mortal, haveis de sofrer *penas eternas*.

É a isto que qualificamos de juro de juro e juro de usuário!

Pelo trecho que encima este artigo veremos que o Senhor, aos que criaram o pecado, apenas impõe a pena de degredo, de trabalho durante a vida terrestre, e de morte para o corpo.

Entretanto a nós outros, que não fazemos senão seguir o Mal que nos veio de nascença, a Igreja condena a penas eternas, no Inferno.

Que lógica é esta do Supremo Juiz, que castiga mais brandamente o autor do crime e mais durante seus cúmplices?!

O ortodoxismo perdoe-nos. Não podemos aceitar seu código penal, porque ele exorbita do que o inspirado autor do *Gênese* deixou escrito para ciência da humanidade.

E, note-se, a culpa do primeiro par é mais grave porque sua natureza era inocente; ao passo que a nossa tem por atenuante já sermos uma natureza corrompida.

Ou Deus modela suas leis por uma lógica inferior à humana, ou a Igreja há de confessar, diante do trecho que analisamos, que o seu código de penas eternas e antinômico²⁶ com o que instituiu o Senhor para punir a primeira culpa, e por isso mesmo a maior culpa humana.

É como o castigo imposto sem mais direito de apelação, desde que não seja esta interposta, pelo arrependimento, antes da morte.

Onde achou o ortodoxismo os fundamentos para tal doutrina? Por onde lhe chegou esta revelação? Qual a razão lógica de semelhante condição?

O Espiritismo faz honra à justiça eterna, ensinando a lei do perdão desde que o pecador se arrepende e se humilha diante de seu Pai!

Isto é grande e digno de Deus!

26 (Nota do Organizador) “Contradição entre proposições, princípios ou ideias. Contradição entre leis (e, por extensão, entre pessoas ou coisas)”. (Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa online).

Como admitir-se que o Espírito perfectível, condenado por suas faltas, tenha de sofrer a pena, embora renuncie de coração ao mal que praticou?

Não se vê que isso é sentimento humano, que se alimenta de vingança, e que o Pai dos homens não pode deixar de acolher o filho pródigo, tendo dito por seu profeta: Eu não quero a morte do ímpio, senão que ele se converta e me procure²⁷?

(Continua no próximo domingo)

(Da União Espírita do Brasil)

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 26-03-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5242

27 (Nota do Organizador) Ezequiel, 33:11.

Artigo XXIV: O PAIZ, 01.04.1888

Mais uma interrupção à série de nossos artigos sobre a cosmogonia.

Espírita, sectário da doutrina que manda tomar por modelo a vida de Jesus de Nazaré, não podemos ser indiferentes à grande epopeia do seu sacrifício, nós que procuramos em sua divina lei a verdadeira ciência do Bem e os segredos da vida e da morte.

A Igreja comemora, na semana que hoje se termina, a paixão do Redentor da humanidade.

Digamos nós também uma palavra sobre o maior acontecimento e sobre o maior homem que os séculos têm registrado na Terra.

Criando os Espíritos em estado de inocência e ignorância, o Pai marcou-lhe o mais sublimado destino: a perfeição pelo saber e pela virtude.

A todos dotou, por igual, dos meios precisos para desenvolverem sua perfectibilidade, até conseguirem o fim de sua criação.

Deu a todos a mesma liberdade, sem restrições, para usarem, bem ou mal, ativa ou inerteiramente daqueles meios, e o tempo na eternidade, para fazerem a sublime ascensão, a surpreendente evolução.

Em seu ponto de partida são, pois, idênticas as condições dos Espíritos que constituem a humanidade: o mesmo estado inicial, as mesmas faculdades para a maravilhosa transformação e a mesma liberdade de realizá-la lenta ou rapidamente, conforme a vontade de cada um.

Somente aos diligentes foi marcado o prêmio, que resulta de seu próprio aperfeiçoamento; e aos retardatários foi imposta a pena, que também resulta de seu voluntário atraso.

Goza o que emprega todas as suas forças no desenvolvimento das faculdades perfectíveis.

Sofre o que descursa de sua elevação pelo aperfeiçoamento daquelas faculdades.

Mas aos próprios que assim abusam de sua liberdade, o Pai concede misericordiosamente os séculos dos séculos para sua regeneração; e, desde que um deles abandona o mau caminho e compreende a majestade de seu destino, abre-lhe os braços e derrama sobre ele torrentes de graças.

Ninguém se perde, senão no tempo. Os que trilham o caminho do Mal apenas sofrem as consequências do mau uso que fizeram de sua liberdade, sofrendo torturas proporcionais às suas faltas, até que se emendam e empenham suas forças para o Bem.

Então, voltam à vida corpórea para darem provas da sinceridade de sua regeneração, nas mesmas condições em que as deram de sua fraqueza moral.

E se dessa prova se saem bem, se vencem a ruim velha inclinação, têm feito sua prova, que é também expiação ou lavagem das passadas máculas e ascendem a mundos superiores, mundos de gozo, onde se faz a marcha progressiva para as condições angélicas, sem mais sofrer-se, apurando-se progressivamente a faculdade de amar, que é a fonte de todas as grandezas humanas.

São estes os princípios essenciais da doutrina espírita, que a ignorância e a má-fé, de mãos dadas, qualificam de *diabolismo*.

Entretanto, o *diabolismo* explica a criação de seres humanos em honra ao Eterno, cuja indefectível justiça não se pode conciliar com essa desigualdade que notamos, de saírem uns inteligentíssimos e outros incapacíssimos, de serem uns dotados de índole boa e outros de ruim, de péssima índole.

Entretanto, o *diabolismo* exalta a Suprema Bondade não impondo castigos eternos por obras de uma vida de alguns minutos; antes punindo o mau pelo Mal e perdoando, em todo o tempo, ao que o renuncia.

Criando os Espíritos no estado da maior simplicidade intelectual e moral, para se elevarem ao estado da maior perfeição humana, que chamamos angélica, Deus não os entregou a seus exclusivos recursos.

Como o pai solícito pelo bem dos filhos, o Pai do Céu envia à Terra e aos mundos sua divina luz, no grau de intensidade que comportam as condições do progresso da humanidade.

Essa luz, que chamamos revelação divina, é, pois, necessariamente progressiva; virá mais e mais intensa conforme a humanidade mais e mais tiver subido a escada de seu aperfeiçoamento.

A revelação abramica, é um bruxoleio, comparada com a mosaica; e esta não passa de uma preparação diante da messiânica.

A primeira ensina o que somente pode compreender o homem primitivo: a existência de um Deus, criador, pai e juiz dos Espíritos.

A segunda já ensina o que já o homem semi-espiritual pode compreender: os deveres para com Deus e para com o próximo.

A terceira, baixando em tempo de civilização, ergue o sacrossanto edifício da moral, do amor e da caridade.

Jesus foi o mensageiro celeste do sublime ensino, melhor ditado ao mundo por suas obras que por suas palavras.

A Terra não conhece, dentre os filhos dos homens, quem tenha sido tão desmarcadamente refratário a todas as fraquezas humanas.

Puro pela mais acrisolada virtude, não repeliu a adúltera!

Sublime pela ciência do que foi, do que é e do que há de ser, procurou para apóstolos da fé que trouxe à Terra, os mais ignorantes!

Deu saúde aos doentes, deu vida aos mortos e, morrendo na cruz, pediu perdão para seus algozes!

Se tudo isso não revelasse no filho do pobre e obscuro carpinteiro o filho dileto do Eterno, mensageiro de sua luz, bastaria, para reconhecê-lo, sua santa doutrina, que encerra preceitos como este:

“Ama a teus inimigos e faz Bem aos que te odeiam”.

Um simples mortal, eivado das paixões humanas, jamais poderia arrancar de sua fraqueza tão superior ditame.

Ele é superior, se não contrário, à natureza humana; ele não pode proceder senão de quem impera sobre a natureza humana!

No dia em que a cristandade festeja a ressurreição, o triunfo do Mestre e Redentor, que veio à Terra ensinar o caminho do Céu, seja-nos permitido curvar publicamente o joelho diante de Sua Divina Majestade, e pedir-lhe:

Senhor, Perdoai aos que combatem o Espiritismo, que é o complemento prometido de vossa lei, como pediste ao Pai que perdoasse aos que vos infligiram o suplício da cruz.

Fazei que a presente geração receba vossa luz, a luz que lhe prometeste enviar pelo Espírito da Verdade, para que não incorra na pena que tiveram os que tinham olhos e não viram, tinham ouvidos e não ouviram.

Falai ao espírito do clero católico, para que não caia na obcecção do sacerdócio hebreu.

Senhor – Ouvi a humilde prece do vosso servo.

* Não localizamos o artigo original, na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, a 01-04-1888. Há um hiato, aqui, nos arquivos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, que perdurará por diversas semanas, até 01 de Maio do mesmo ano, talvez devido à perda de alguns originais quando do incêndio da sede do jornal O Paiz, em 1917. A transcrição desse artigo foi feita, portanto, a partir da versão publicada pela Ed. Edicel, em 1977, no seu capítulo XXIV.

Artigo XXV: O PAIZ, 08.04.1888

Aproveitando a interrupção que fizemos no estudo da cosmogonia ortodoxa comparada com a espírita, ocupar-nos-emos hoje com uma questão que está sendo debatida na imprensa diária: a mediunidade receitista e curativa.

A comunicação dos Espíritos desencarnados com os encarnados, já o provamos, é um fato incontestável e que pode ser provado todos os dias pela mais rigorosa experiência.

Os próprios inimigos do Espiritismo confessam o fato, procurando somente explicá-lo, uns por arte do demônio, outros como efeito do magnetismo.

Aos primeiros respondemos que os ensinamentos que por aquele modo nos são dados, e que são rigorosamente conforme com os de Jesus Cristo.

Ninguém de boa fé acreditará que o demônio, cujo maior interesse seria arrastar as almas para o Mal, lhes viesse ensinar a lei do amor e da caridade, que é a lei de salvação.

A moral espírita, ensinada em todos os seus preceitos pelo suposto demônio, é, sem falta de uma vírgula, a moral do Redentor, que a sublime doutrina oferece por modelo a toda a humanidade.

Não pode, pois, prevalecer a alegação dos que apelam para Satanás.

Os segundos, os que recorrem ao magnetismo, ainda ontem também repellido como obra do Espírito das trevas, não podem igualmente sustentar-se diante da mais rudimentar observação.

O magnetismo pode, dizem eles, fazer que o Espírito do magnetizado leia, como num livro aberto, os pensamentos dos consultantes ou dos que se acham presentes.

Admitamos que é esta uma propriedade real do magnetismo; e, mesmo assim, inúmeros fatos escapam a essa lei.

Um médium sonambúlico, ou psicográfico frequentemente revela fatos que não estão na mente das pessoas presentes.

Por exemplo, em um grupo onde ninguém sabe uma palavra de grego, o médium, que também não conhece essa língua, dá uma comunicação em grego.

Por exemplo, uma pessoa nos Estados Unidos recebe, em uma sessão espírita, comunicação do que acaba de dar-se no Rio de Janeiro.

De ambos estes casos temos tido ocasião de verificar exemplos; e por eles são pulverizados os argumentos dos que se apegam ao magnetismo.

Quem procura a verdade pela verdade tem hoje à mão os meios fáceis de verificar, pelos processos experimentais que o magnetismo não é a força que determina o fenômeno chamado da comunicação dos Espíritos.

Esse fenômeno é obra dos Espíritos desencarnados, que disso dão eles as mais inconcussas provas; tais como esta:

O médium sonambulizado fala em nome de uma pessoa de nosso conhecimento, que outro médium vidente descreve ou retrata com todos os seus caracteres físicos, e que nos fala de circunstâncias que só o Espírito daquela pessoa pode conhecer: fatos íntimos de família, que o médium não pode adivinhar, e que nós mesmos nenhuma lembrança deles guardávamos mais.

A comunicação dos habitantes do Espaço reclama, por lei que ainda não conhecemos, certas disposições na pessoa que lhe serve de meio, isto é, a faculdade da *mediunidade*, que em todos possuem, e que uns possuem de uma espécie, e outros de espécie diferente.

Esta classificação, ou antes inovação, é imperfeita e incompleta.

Há uma grande variedade de *mediunidade conhecida*, como a sonambúlica, a psicográfica, a vidente, a auditiva, a intuitiva, etc.

Nessa variedade encontra-se a receitista, que é uma das mais raras; mas que é tão real como qualquer das outras.

O que se passa no Rio de Janeiro, onde os médiuns receitistas se contam por dezenas, prova que é das mais frequentes.

O médium receitista é um dos que estão mais à prova.

Sem examinar o doente, sem ouvir-lhe a história de seus sofrimentos, somente pelo nome e idade, formula minucioso diagnóstico, referindo-se muitas vezes a causas que o próprio doente tem esquecido.

Vimos um caso, entre milhares, que produziu a conversão de um materialista.

Veio ele ao médium, acreditando ser burla o que dele se dizia.

Tratava-se de uma senhora, de quem apenas deu o nome e a idade.

O médium descreveu todos os incômodos da mulher, ausente, e declarou que eles se prendiam ao estado do útero, mórbido por causa de um aborto que tivera havia poucos dias.

O cético confessou que tudo, tudo era exato, e curvou à cabeça à verdade.

Se, em vez de um particular, fosse um médico que procurasse fazer tais experiências;

Se, em vez de um médico, fossem todos os médicos que o tentassem;

A ciência médica verificaria a exatidão da *mediunidade* recetista; ou teria sólido fundamento para repeli-la como embuste ou feitiçaria.

Os espíritas não pedem outra coisa, para serem julgados segundo merecerem.

Há sem dúvida charlatães e especuladores; mas isso não destrói a verdade dos fatos e a existência da faculdade mediúnica curativa.

O Espiritismo não pode responder pelos abusos, como o sacerdócio católico não pode responder pelos desregramentos de certos padres, como a ciência não pode responder pelos que fazem dela bandeira de charlatanismo.

O Espiritismo é o primeiro e o mais interessado em repelir os mercadores do templo.

Injusto é, pois, acusá-lo pelo que não é obra sua, pelo que é uma deturpação de sua doutrina.

E é lamentável que os diretores da opinião clamem contra um fato, só porque vai de encontro às suas crenças, sem sujeitá-lo à prova experimental, quando lhes é fácilmo fazê-lo. Médicos e literatos, o mundo marcha, e bem sabeis que muita coisa que foi repulsiva à razão, há séculos, hoje está na linha de verdades universalmente reconhecidas.

Segui a regra da suma sabedoria: nem aceitar, nem repelir sem exame, sem provas, sem experiência.

Segui esta regra em relação ao Espiritismo, e então tereis o direito de chamar charlatães os que curam por indicação dos Espíritos.

Segui-a, porque não sejais esmagados pela verdade incontestável desses fatos que repelis sem estudo, sem o mínimo critério.

* Não localizamos o artigo original, na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, a 08-04-1888. Há um hiato, aqui, nos arquivos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, que perdurará por diversas semanas, até 01 de Maio do mesmo ano, talvez devido à perda de alguns originais quando do incêndio da sede do jornal O Paiz, em 1917. A transcrição desse artigo foi feita, portanto, a partir da versão publicada pela Ed. Edicel, em 1977, no seu capítulo XXV.

Artigo XXVI: O PAIZ, 15.04.1888

Já agora continuemos por mais hoje fora do círculo dos estudos, que nos traçamos.

Digamos mais algumas palavras sobre essa mediunidade, que tanto tem escandalizado os que, por sua posição de luminares da sociedade, deviam ter mais temperança em emitir opiniões dogmáticas sobre matéria que não conhecem.

Não é isto uma acusação, que não temos por norma ofender suscetibilidades. É, sim, prudente conselho, que a despeito de nossa incompetência, damos por amor da verdade e do Bem.

Somos os primeiros a confessar que o fato da mediunidade receiptista, com as circunstâncias que o revestem, tem laivos de milagres ou de charlatanismo em face das ideias correntes de nosso tempo.

Somos ainda prontos em confessar que a humanidade atual não crê em milagres, nem se deixa embair com artes de nigromancia.

Isto, porém, não é razão para se encastelarem os homens de saber em suas inalteráveis crenças, dignando-se de descer ao estudo do fato, que *ex cathedra*²⁸ estigmatizam.

Sábios respeitáveis de todos os países do mundo, pensando como pensam os nossos literatos, julgaram-se, por si mesmo, na indeclinável necessidade de observar para terem razão de condenar o que supunham embuste.

28 (Nota do Organizador) "Do alto da cadeira" - Relativo a um discurso enfático em que o orador pretende impor os seus conceitos como infalíveis. (Fonte: Infopédia)

Não se limitaram a ler o que se tem escrito, nem mesmo a ir a uma ou outra sessão espírita, em que a própria doutrina ensina que muitas vezes se sofre logro.

Fizeram estudo sério; quer dizer, estudo longo, acurado, como se se tratasse de descobrir um fenômeno natural ou a lei que o rege, e que não se pode descortinar em uma ou duas tentativas, senão em anos de laboriosas tentativas.

Sujeitaram os fatos ou fenômenos espíritas a provas experimentais, cercadas de todas as precauções e contraprovas imagináveis.

O resultado desses estudos tem sido por toda parte o mesmo, tem sido a universal confissão de serem reais os fenômenos espíritas.

Isto não abala a vontade dos nossos literatos, induzindo-os a proceder pelo mesmo teor?

Os tempos não comportam milagres; logo, toda essa história é puro charlatanismo, que degrada ao que desce a estudá-la, dizem eles.

Mas o hipnotismo é tão milagre como a mediunidade; pois que não é senão a própria mediunidade, e entretanto ainda não houve quem o classificasse de charlatanismo.

Há nada mais contrário às ideias correntes do que um homem impor sua vontade a outro, que a recebe e executa inconscientemente?!

Entretanto isto é um fato real, sustentado e exposto por professores da ciência.

Nós também não aceitamos o milagre; mas o Espiritismo explica o fato da mediunidade por leis naturais.

É um homem que tem a faculdade de servir de veículo aos Espíritos por diversos modos: sonambúlico, psicográfico, intuitivo, etc.

Se este homem quer aplicar aquela faculdade em exercício da caridade, dando alívio aos que sofrem do corpo, os Espíritos que com ele se comunicam, prestam-lhe os necessários ensinamentos.

O que há aqui de miraculoso, uma vez que se admita a comunicação do mundo invisível com o visível?

Riem-se os materialistas pelo simples fato de não admirarem a existência de Espíritos.

Respeitamos as convicções destes... íamos dizendo infelizes, na mais respeitosa acepção da palavra; mas ninguém pode presumir de possuir a verdade absoluta; e, pois, os materialistas

são os que mais precisam verificar, pela experiência, o fenômeno espírita da comunicação dos que viveram na Terra, com os que ainda se acham na Terra.

Não tentá-lo é indigno de homens que têm bom senso.

Riem-se ou choram os ultramontanos²⁹, atribuindo a Satanás todas as aparições dos mortos.

Respeitamos também este erro funesto; mas convidamos os ultramontanos a verificarem, pela experiência, um único fato, e é: que os Espíritos que eles supõe demônios, recomendam a observação da moral de Jesus Cristo.

Se são o que julgam, temos o que disse Jesus quando explicava suas obras acusadas de demoníacas.

O reino do Mal se dividiria, se uns tantos praticassem obras boas.

Venham observar; venham experimentar com firme vontade de descobrir a verdade, sem desfalecerem diante de tropeços que porventura encontrarem no princípio; e *os materialistas terão a prova material* da existência dos Espíritos; e o ultramontano a de serem estes os que nos vêm falar pelos médiuns, e não Satanás.

Daí a consequência forçada: de ser a lei natural a comunicação dos mortos com os vivos; o que, aliás, está enraizado na crença popular de todos os países.

Se, pois, o fato obedece a uma lei natural, embora se choque contra nossas convicções, não se pode atribuí-lo nem a milagre nem a charlatanismo.

Não quer isto dizer que não haja charlatães, que especulam com a mediunidade; a estes, porém, não cobre a bandeira do Espiritismo.

A mediunidade de curar (por servirmo-nos de expressão compreensível ao vulgo) está ao alcance de quem quiser verificar a realidade.

O médium faz o diagnóstico e prescreve o tratamento, à simples indicação do nome e da idade do doente.

Onde já se viu médico fazer disso? dizer minuciosamente o que padece um doente, sem interrogá-lo e sem examiná-lo?

29 (Nota do Organizador) No seu sentido religioso remete-nos ao que ou aquele que é partidário do Ultramontanismo, movimento católico de origem francesa, em favor do poder papal e ultraconservador. Dr. Bezerra serve-se do termo aqui no seu sentido figurado, referindo-se ao que ou aquele que é extremamente conservador; reacionário. (Fonte: Infopédia)

É o Espírito que lhe assiste, quem faz o exame, vendo as lesões, porque a matéria do corpo lhe é transparente; e é esse mesmo Espírito que, depois do exame, lhe dita o que ele escreve.

O médium pode ignorar o *a-b-c* da medicina e fazer um diagnóstico tão minucioso quanto exato.

Além disso, o tratamento seguido pelo que indica o lápis, daria mil insucessos contra uma cura, se o lápis não fosse guiado por uma inteligência baseada nas observações; e é o contrário que sucede; há mil curas contra um insucesso.

Na última epidemia de bexigas, a estatística de um médium que conhecemos, registra uma mortalidade inferior a 10%!!

* Não localizamos o artigo original, na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, a 15-04-1888. Há um hiato, aqui, nos arquivos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, que perdurará por diversas semanas, até 01 de Maio, talvez devido à perda de alguns originais quando do incêndio da sede do jornal O Paiz, em 1917. A transcrição desse artigo foi feita, portanto, a partir da versão publicada pela Ed. Edicel, em 1977, no seu capítulo XXVI.

Artigo XXVII: O PAIZ, 22.04.1888

10°. “A culpa de Adão e de Eva, chamada o pecado original, contaminou a toda a sua descendência, a quem foi fechado o Céu, com ou sem culpa própria”.

Já dissemos a razão por que Moisés imaginou este modo de levar seus irmãos a se reconhecerem culpados para com Deus e a trabalharem para resgatar a sua dívida.

Não mais insistiremos neste ponto, que a cosmogonia espírita esclarece com a luz que derrama sobre a culpa humana de sua reparação.

Hoje propomo-nos simplesmente a provar que o pecado de Adão e Eva não pode contaminar descendentes.

Afastaremos do nosso empenho as palavras do próprio Deus por seu profeta³⁰, de que o pai não paga pelo filho, nem o filho pelo pai, porque esse é o argumento que só vale, embora não tenha valido, para bater os que seguem a doutrina de Roma.

Não nos serviremos senão de argumentos que falem à razão universal de católicos e acatólicos, de cristãos e de hereges.

Neste intuito pedimos vênias para transcrever aqui um capítulo da obra – *Existência da Alma* – que escrevemos e guardamos inédita.

“A humanidade procede de um par único, e o crime deste passou a seus descendentes até a última geração!

30 (Nota do Organizador) Ezequiel 18:20, já citado acima, no capítulo XXIII - vide nota 25.

“Há formal contradição entre esta doutrina e a que resulta das palavras do Senhor por Ezequiel: “O pai não responde pelo filho, nem o filho pelo pai, etc”³¹.

“Quando, porém, fosse possível harmonizar esta clara sentença com a lei do pecado original, como explicar-se o fato da transmissão?

“O homem é essencialmente Espírito, não sendo o corpo senão um acidente.

“Ora, os Espíritos, diz a Igreja, são criados por Deus para cada corpo; logo cada homem, em sua essência, procede diretamente do Criador.

“Sendo assim (e parece que ainda não houve quem se lembrasse de dar aos pais a faculdade de criar os Espíritos dos filhos), como contaminarem as faltas de Adão e de Eva esses novos Espíritos criados por Deus?

“As moléstias do corpo podem passar de pais a filhos, porque o corpo do filho é criado pelos pais; as máculas, porém, do Espírito, não podem ser transmitidas, porque o Espírito do pai não produz o do filho.

“Mas o pecado original foi obra do Espírito e não moléstia do corpo de nossos primeiros pais; logo é impossível compreender-se como tal pecado pode passar a seus descendentes, que só se lhes prendem pelo corpo.

“É vício orgânico o pecado original?

“Neste caso, como o corpo é um instrumento do Espírito, o pecado original só subsiste no homem, só o afeta, enquanto dura a união do corpo com a alma.

“No momento, porém, em que a morte separa os dois elementos, o homem se torna exclusivamente Espírito e fica *ipso facto*³² isento do pecado original. Portanto, ou esse pecado é originário do corpo, e em tal caso não pode transmitir-se ao Espírito, embora possa passar de pais a filhos; ou é originário do Espírito e em tal caso não passa do culpado, porque o Espírito do filho não é sua produção.

“A gênese bíblica é, portanto, incorreta e insustentável, em relação a este ponto, em que o legislador sagrado foi obrigado a

31 (Nota do Organizador) Idem, ibidem.

32 (Nota do Organizador) Vide nota 12, artigo IX.

sacrificar a razão e a verdade à necessidade de explicar as misérias humanas, nesta vida, e as penas na outra.

“A gênese espírita, entretanto, explica perfeitamente nossa condição terrestre, sem contrariar a palavra do Senhor, que é conforme com a razão e com a indefectível justiça, atribuindo a cada um as misérias que sofre na Terra.

“Aquela é tão absurda e irracional quanto esta é racional, lógica, natural e esplendorosa.

“Uma é tão oposta ao próprio ensino da Bíblia quanto a outra lhe é conforme.

“Como crer na palavra do Senhor – o filho não responde pelas faltas do pai – se é o próprio Senhor que faz toda a humanidade responder pela falta de seus primeiros pais?!

“Diga o clero católico, com a mão na consciência, qual das duas doutrinas exprime a verdade e revela um cunho divino?”

Ainda apraz-nos fazer uma consideração, se bem que por demais.

O pecado original não satisfaz ao fim de sua invenção.

Por ele se explicam, com efeito, as misérias humanas; nossas misérias na vida terrena; mas a diversidade de sofrimentos e os seus variadíssimos graus?

Desde que nascemos culpados por vício original, devemos nascer *igualmente* culpados.

E, como na balança da reta justiça a pena se gradua pela culpa, a culpa original devia atrair sobre cada um dos descendentes do primeiro par humano a mesma pena ou penas idênticas.

Estas são as rigorosas deduções do dogma ortodoxo; mas o que vemos é inteiramente oposto a estas deduções; é uma infinita variedade de penas ou sofrimentos, que revelam uma infinita variedade de culpas.

Nem aproveita o recurso a nossas faltas pessoais, como causa dessa variedade, porque, já o dissemos, nas crianças, antes de terem saído do período de inocência, já se nota, bem patente, aquela variedade.

Pode-se, pois, dizer, sem receio de séria contradita que nascemos, cada um com sua pena; o que prova que trouxemos à vida, cada um, a nossa culpa.

O fato de constante e universal observação não cabe no círculo traçado pelo dogma do pecado original.

E, pois, a doutrina espírita esmaga, ainda neste ponto, a doutrina ortodoxa.

* Não localizamos o artigo original, na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, a 22-04-1888. Há um hiato, aqui, nos arquivos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, que perdurará por diversas semanas, até 01 de Maio do mesmo ano, talvez devido à perda de alguns originais quando do incêndio da sede do jornal O Paiz, em 1917. A transcrição desse artigo foi feita, portanto, a partir da versão publicada pela Ed. Edicel, em 1977, no seu capítulo XXVII.

Artigo XXVIII: O PAIZ, 29.04.1888

11º. “Foi preciso que viesse à Terra o divino Jesus tomar sobre seus ombros os pecados do mundo e ensinar, pela palavra e pelo exemplo, o caminho da salvação, para correrem-se os ferrolhos que trancavam as portas da morada dos bem-aventurados”.

A revelação messiânica tem o maior alcance moral para a humanidade, quer se a considere em relação ao ortodoxismo, quer em relação ao Espiritismo.

No primeiro caso, Deus mandou seu unigênito Filho à Terra para sofrer, em si, a pena do pecado humano; e, por este sublime ato de amor, resgatar a culpa do primeiro tronco humano.

No segundo caso, suscitou Deus um enviado, um messias para trazer à Terra a luz maior, luz que esta, por seu adiantamento, já pedia e podia receber, a fim de, pela palavra e pelo exemplo, esclarecer-nos o caminho que leva à morada do Pai, e ensinar-nos a sofrer, até à morte, todas as misérias da vida, louvando ao Senhor e seguindo seus preceitos.

Em ambos os casos, Cristo é o sublime reformador da humanidade, o seu eterno modelo; mas sua missão é, pelos dois, diferentemente encarada.

Importa, pois, investigar os fundamentos das duas doutrinas, para reconhecer-se qual delas encara com verdade o grandioso fato.

Subsistindo o dogma do pecado original e o da existência única dos Espíritos, com os seus co-relativos: juízo definitivo depois da morte, e definição eterna do destino humano, a interpre-

tação ortodoxa da missão do Cristo, como Redentor, é correta, e é mais do que isso, é necessária.

O pai da Misericórdia não podia, sem tornar estéril esse superior atributo, manter eternamente suspensa sobre a raça condenada em seus pais a espada flamejante de sua tremenda justiça.

Mas, uma coisa notamos desde já, a ortodoxia explica sempre as coisas sobre-humanas por meios e processos rasteiramente humanos!

Se Deus quis, acalmando os ímpetos de sua cólera (*sic*)³³, espargir sobre as vítimas de sua justiça o orvalho do amor e da misericórdia, por que não fazê-lo por simples ato de sua vontade, e exigir que fosse Ele próprio, na segunda pessoa da Trindade divina, quem viesse sofrer o que cabia ao ser humano?

E, se o divino Jesus veio remir a humanidade da culpa original, como se explica que *sublata causa*³⁴, continue o efeito, visto que o Mal, oriundo daquele pecado, continua a produzir a danoção do homem?

Nós compreendemos a redenção, como a entende a ortodoxia, pela extinção da causa que danou a humanidade, e pela consequente extinção do verme do Mal que ela produziu.

Assim, compreendemos a redenção.

Vir, porém, o próprio Deus a remir a humanidade da causa do Mal, deixando este incólume, como dantes, é incompreensível.

O Cristo não deixou a humanidade como dantes, responder-nos-á a ortodoxia.

Ele remiu-a da culpa que não lhe permitia a entrada no Céu, e deixou ao livre-arbítrio de cada um aproveitar seu ensino e seu exemplo, que são *a via e a vida*.

Tudo isto é muito metafísico e reduz-se, em última análise, a dois princípios: o Cristo veio abrir as portas do Céu pela reden-

33 (Nota do Organizador) Advérbio latino que significa “assim”. É usado, normalmente entre parênteses, para indicar que a citação feita corresponde a uma reprodução exata do original, quando esse traz determinado erro ou forma menos usual. (Fonte: Flip/ Dúvidas linguísticas - <https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/1289>)

34 (Nota do Organizador) A expressão completa é *sublata causa, tollitur effectus*, e significa “Eliminada a causa, desaparece o efeito”. (Fonte: www.dicionariodelatin.com.br)

ção da culpa original, mas deixou dependente do livre-arbítrio de cada um procurá-las ou evitá-las.

Ora, para se abrirem as portas do Céu à humanidade, não era preciso o sacrifício de um Deus, coisa muito semelhante ao que se encontra em outras cosmogonias, bastava que o Eterno o quisesse.

E quanto a deixar ao livre-arbítrio de cada um o mérito ou demérito para a salvação, compreende-se que muito menos valia a pena o enorme sacrifício do divino cordeiro.

Tudo isto, porém, desaparece, evidenciando a procedência das nossas reflexões, uma vez removido o princípio cardinal da redenção ortodoxa: o pecado original.

Creemos ter provado este ponto de um modo incontroverso; e, pois, não tendo havido pecado original, nem podendo a culpa do pai passar aos filhos, é óbvio que a teoria ortodoxa sobre a redenção não subsiste, senão como uma ficção.

Jesus veio *remir* os pecados do homem, ensina o Espiritismo; mas veio fazê-lo, não abrindo as portas do Céu, que sempre estiveram abertas, não limpando a humanidade do pecado original, que é um mito; porém, ensinando, com a palavra e com o exemplo, novas verdades, que esclareceram os horizontes da humanidade, e lhe deram mais força e virtude para ascender a seu destino.

A missão de Jesus foi tão divina, assim considerada, como a considera a ortodoxia.

A diferença está somente, em que num caso ela é *um meio de resgate, que não resgatou*, pois que ficou vigorante o Mal, ao passo que no outro caso ela é sublime ensino, que tem produzido o grande progresso moral dos povos.

Jesus foi o continuador da obra de Moisés, foi o emissário de mais ampla revelação do Céu.

Jesus veio a fazer o que está fazendo o Espiritismo, trazer a luz na medida do progresso que havia feito a humanidade.

O pecado é falta de cada um e, portanto, a luz é trazida a todos para cada um.

Por este modo a missão do Cristo subsiste, a despeito da eliminação do pecado original: e em nada a pode contrariar a subsistência do Mal, como acontece na hipótese do ortodoxismo.

Jesus não veio arrancar a humanidade da escravidão do pecado, transmitido de Adão e Eva; veio sim ensinar as verdades, que alentam nossa natureza, para repudiarmos o Mal e mais nos afeiçoarmos ao Bem.

* Não localizamos o artigo original, na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, a 29-04-1888. Há um hiato, aqui, nos arquivos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, que perdurará por diversas semanas, até 01 de Maio do mesmo ano, talvez devido à perda de alguns originais quando do incêndio da sede do jornal O Paiz, em 1917. A transcrição desse artigo foi feita, portanto, a partir da versão publicada pela Ed. Edicel, em 1977, no seu capítulo XXVIII.

Artigo XXIX: O PAIZ, 06.05.1888

12º. “O batismo foi o antídoto contra o pecado original, - e, só por ele, pode-se chegar à bem-aventurança, porque *fora da Igreja não há salvação*”.

No Céu não podem entrar impuros, diz, com plena razão, o ortodoxismo; e, como o que nasce do ventre humano vem inçado da impureza original, Jesus instituiu o sacramento do batismo, que lava aquela impureza.

A consequência forçada deste princípio é que as crianças, inocentes de culpa própria, que morrerem batizadas, vão limpas da vida - e consequentemente vão direitas ao Céu.

Não há como admitir-se tão irracional concepção.

O Céu - a glória - a casa do Pai, é o maior prêmio, o prêmio inestimável, com que o Senhor galardoa os filhos que têm acumulado mais distintos merecimentos.

Como então os que nenhuma batalha deram contra o Mal, e só estão limpos por uma circunstância independente de sua vontade, recebem a palma destinada aos que souberam vencer nas terríveis lutas da vida?

O grande prêmio não é, pois, exclusivo para os que fizeram por merecê-lo; é também, e em maior escala, para os que tiveram a fortuna de morrer antes de poderem provar que o mereciam!

Firma-se por este modo uma doutrina impossível ante a Justiça indefectível!

A aquisição da glória depende do acaso, ou de um favor de Deus?

Escolha entre os dois o ortodoxismo.

Mais complica a questão e compromete os infinitos atributos do Onipotente uma segunda consequência, que também decorre fatalmente do princípio – de só haver salvação pelo batismo.

As crianças inocentes de culpa própria, que morrerem sem batismo, não vão limpas da vida, e conseqüentemente não podem ir para o Céu.

Tomem-se duas criancinhas, filhas ambas de pais cristãos, das quais uma morreu batizada e outra morreu sem batismo.

Nem uma, nem outra têm mérito ou demérito de acabarem ungidas ou não pelo óleo sagrado do batismo.

Entretanto, a que nada fez para merecer a graça do batismo, vai gozar a eterna felicidade, e a que nada fez igualmente para não merecer aquela graça, fica por toda a eternidade, privada da suprema felicidade!

Será justiça de Deus o que nenhum homem justo teria coragem de praticar?!

Mas, para onde vão essas crianças inocentes, que morreram sem batismo?

Visto que os dois únicos eternos absolutos são o Céu e o Inferno; e como não podem elas ir para o Céu, é de rigor que vão para o Inferno.

E aí temos pobres almas, que nenhum mal praticaram - que não tiveram culpa, sequer, de não receberem o batismo, condenadas às penas eternas!!

Horror! Blasfêmia!

Replicarão, porém, os ortodoxos: “As crianças, que morrem sem terem sido lavadas do pecado original pelo batismo, vão para o *limbo*”.

Primeiro que tudo: Nem o Velho, nem o Novo Testamento falam de *limbos*; esta foi uma criação completamente humana para poder a Igreja sair da dificuldade. Os teólogos não são concordes na existência dos tais *limbos*, vocábulo que até desgraçadamente não exprime a ideia de *vestíbulo* do Céu, que lhe quiseram dar. *Limbus*, franja, fimbria, etc, que está na borda, ou margem de um manto, foi por infeliz metáfora transferido para *exprimir o sítio próximo ao Céu!* É de fazer rir.

O Espiritismo brande a espada da razão para defender o Criador contra o ortodoxismo.

Banindo o pecado original, faz desaparecer esta distinção de crianças que morrem impuras, e de crianças que morrem puras.

Banindo o juízo definitivo depois da morte, - e o temeroso Inferno, com as suas penas eternas, - e pondo em seu lugar a evolução dos Espíritos, por meio de vidas sucessivas para a perfeição e felicidade, explica o fato da morte das crianças, ou como um acidente, que não tolhe a evolução dos respectivos Espíritos, ou porque o Espírito dessas crianças, que morrem em tenra idade, já têm passado por todas as existências, de que necessitava para se apurar, e apenas tinha de completar o seu tempo de aperfeiçoamento na Terra.

A criança que morre antes de cumprir a sua missão na vida, nem se salva, nem se perde; volta à vida para cumprir aquela missão, tenha ou não sido batizada.

Não há nisso obra do acaso ou de favor! A lei da eterna justiça não se altera diante de casos especiais!

E, sobretudo, não se dá o odioso de ter o prêmio quem não fez ação meritória, e de ter a pena quem não cometeu a mais leve falta!

Este apótema ortodoxo não escandaliza mais do que o que se lhe segue, no texto que serve de epígrafe ao presente artigo: *“fora da igreja não há salvação”*.

Compreende-se que o interesse mundano foi que ditou semelhante postulado, irmão do que levou o papado a pleitear o reino do mundo, que Jesus declarou não ser o seu.

O que não se compreende é que a Igreja, para satisfazer tais interesses, sacrifique a glória do Senhor!

Que culpa tem o selvagem de haver nascido onde não chega a luz da Igreja?!

Deus que o criou fora do círculo daquela luz salvadora, quis então que ele se perdesse? Criou-o para o Inferno?!

Mas, dir-nos-ão: Em todo o caso não é explicável a criação de Espíritos em condições de não conhecerem a Deus; e, portanto, em condições de não poderem ir para o Céu, pois que o Céu não há de receber selvagens.

Segundo a cosmogonia ortodoxa, responderemos que é com efeito inexplicável esse fato, haja ou não haja salvação fora da Igreja.

Segundo a cosmogonia espírita, porém, fica tão clara e brilhante a obra do Criador que chega a produzir exaltação e desvanecimento.

O Espírito do selvagem não recebe luz na vida das selvas, porventura a primeira que teve em nosso planeta, como iniciação.

O Espírito do selvagem, porém, não acaba naquele estado e nem é nele julgado definitivamente.

Faltou-lhe, na existência atual, a luz que dão as verdades eternas? Voltará a nova existência e em um centro civilizado, onde terá sobra daquela luz.

Se hoje vive fora do círculo luminoso, é sem dúvida porque os olhos da sua alma não podiam suportar aquela luz.

Desde, pois, que, por seu progresso, já estiver apto para recebê-la, renascerá aonde ela possa ser dada.

E assim como se dá com o selvagem, dá-se com todos os que vivem arredios das verdades eternas, por terem sido criados no seio das religiões anticristãs.

Dar-se-á com o selvagem americano, com o cafre³⁵, com o hotentote³⁶, com o samieda³⁷, assim como com o maometano, com o masdeísta, com o brâmane.

Não é, pois, verdade que – *fora da Igreja não haja salvação*.

Max.

(Continua no domingo próximo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 06-05-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5285

35 (Nota do Organizador) Relativo às populações não muçulmanas da África Meridional. (Fonte: Dicionário Priberam online)

36 (Nota do Organizador) Povo nômade do Sul da África. (Fonte: Dicionário Priberam online)

37 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra provavelmente refere-se aqui aos samoidos, povo natural do Norte da Rússia Asiática. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Artigo XXX: O PAIZ, 13.05.1888

13º. “Os batizados podem cair da graça - e, *post mortem*, são condenados a eternos sofrimentos, no cárcere do Inferno, onde os demônios saciam sua raiva torturando-os por todos os modos imagináveis e inimagináveis”.

Já desfloramos ligeiramente este ponto em nosso passado artigo; mas precisamos aprofundá-lo mais.

A redenção, como a compreende e ensina o ortodoxismo, destrói a doutrina da Igreja.

Cristo remiu a humanidade do pecado original, mas não remiu a humanidade do pecado original; tanto que o homem continua a nascer culpado da falta do primeiro par humano!

Que redenção foi essa, que não deixou ninguém remido - que não interrompeu a transmissão da culpa de pais a filhos - que deixou tudo como dantes?!

Não há tal; dizem os teólogos rabulistas³⁸.

Antes do Cristo ninguém subia ao Céu - e depois de Cristo ficou franca a porta do Céu.

A importância da matéria não comporta esgrima de sofismas; antes requer a mais completa isenção de qualquer preconceito.

Nem a razão, nem a consciência, podem aceitar a missão de Cristo nos termos que lhe assinala a Igreja.

38 (Nota do Organizador) “Do latim rabula, gritador, mau orador, mau advogado. Advogado chicaneiro ou trapaceiro. Homem muito falador que não chega às conclusões do seu arrazoado”. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Jesus é redentor - veio ao mundo para remir a humanidade da culpa de seus primeiros pais; mas, apesar de Jesus, a humanidade continua gravada da culpa original - e sofrendo de todas as consequências!

Que redenção! Que redentor!

Abrir as portas do Céu aos que se apresentarem puros aos olhos da Justiça eterna, apesar da culpa original, não é redenção.

Ninguém dirá que remiu da pena o condenado quem lhe abriu as portas do cárcere, mas sim quem lhe perdoou a pena.

Remissão haveria, na missão de Jesus, se Ele desse à humanidade o banho que a lavasse da mácula original.

Mas como fazê-lo, se tal mácula nunca existiu - e, se existiu, é contra o ensino do Senhor acreditar que se transmitiu de pais a filhos?!

“O pai não responde pelas faltas do filho, nem o filho pelas do pai, mas cada um responde por suas próprias faltas”³⁹.

Então todo esse edifício construído sobre a areia de uma verdadeira ficção desaparece ao sopro do vento da razão humana e do próprio ensino do Céu.

A redenção não pode, portanto, ser entendida como a ensina o ortodoxismo.

E ainda bem, porque salva-se a respeitabilidade da missão de Jesus, altamente comprometida com a doutrina da remissão sem remissão - e do batismo que nenhum Bem produz.

Com efeito, qual o Bem resultante do batismo, segundo a doutrina ortodoxa?

Com ele e sem ele, o homem salva-se e perde-se.

Com ele e sem ele, todo o mérito que salva - todo o demérito que perde, depende do bom ou mau uso do livre-arbítrio.

A missão de Jesus não foi, portanto, remir a humanidade de uma falta imaginária, tanto que, apesar da divina tragédia, a falta continua, tal qual era antes dela.

A missão de Jesus foi dar mais luz à humanidade, para melhor conhecer a verdade - mais firmar a consciência de seu destino - e, por esse modo, melhor poder resistir aos atrativos do erro e do Mal, efeitos de sua ignorância e de seu atraso.

39 (Nota do Organizador) Ezequiel 18:20, já citado acima, capítulos XXIII e XXVII.

Jesus, pois, é verdadeiro redentor, porque remiu o homem da ignorância das verdades divinas, que são a condição essencial da salvação.

Jesus abriu as portas do Céu à humanidade, porque ensinou-lhe o caminho seguro de subir ao Pai.

Não acabou com a culpa senão ensinando, pelo exemplo, a amar a Deus e ao próximo - e a morrer pelo Bem, para ressuscitar na felicidade.

O batismo é um sinal de que o Espírito recebeu a luz, por Ele trazida à Terra.

O batismo, porém, não é quem avigora as forças do Espírito para seguir a via aberta por Ele, mas sim avigora essas forças à luz - o ensino das divinas verdades, que Ele consubstanciou em sua sublime doutrina.

E é por isso que o batismo não preserva da perdição, fato que não poderia dar-se se tivesse a significação que lhe dá o ortodoxismo.

A salvação e a perdição da alma dependem exclusivamente da vontade - do livre-arbítrio da própria alma, segundo o uso que ela faz desse superior atributo.

Deus não salva a ninguém, como não condena a quem quer que seja, por preferências ou exclusões.

Deus ensina a todos o caminho da salvação - e deixa a cada um a liberdade de segui-lo ou não.

A redenção não foi, portanto, senão a transmissão da mais intensa luz, que torna mais visível aquele caminho.

E o batismo é, como foi dito, o sinal de que foi-nos mostrada a estrela, que guiou os magos.

É o mesmo que foi a circuncisão: o sinal de que nascemos no meio salvador, mas não de que nos venha dele força ou virtude que nos salve, quer usemos bem, quer usemos mal do livre-arbítrio que nos foi dado para aproveitarmos ou não aquele meio.

É, pois, verdade o que ensina a cosmogonia ortodoxa: que os batizados podem cair da graça - podem ser condenados, *post mortem*; mas é verdade, não no sentido ortodoxo senão no sentido espírita: de considerar o homem senhor absoluto de seu destino, recebendo aliás do Pai da misericórdia toda luz - todo o ensino, que lhe seja mister para progredir intelectual e moralmente - pelo saber e pela virtude.

O que aproveitar bem aquela luz e aquele ensino, seja ou não batizado, subirá, como descerá, batizado ou não, o que fechar os olhos à luz e cerrar os ouvidos ao ensino, que Deus, em seu amor infinito, pôs ao alcance de todos - de todos, sem exceção.

Max.

(Continua do domingo próximo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 13-05-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5320

Artigo XXXI: O PAIZ, 20.05.1888

14°. “As almas, desde que deixam o corpo, são julgadas e seguem a seu destino, duplo absoluto, que chamamos Céu e Inferno; porém, no fim do mundo, haverá o julgamento final, que separará para sempre os bons dos maus”.

Aqui se descobre claramente a concepção humana, em vez do plano divino, que se inculca.

Esses milhões de almas que se destacam de seus corpos antes do *dies irae*⁴⁰, precisavam ter um destino, para não ficarem como a mãe de S. Pedro, entre o Céu e a Terra, segundo a versão popular⁴¹.

A cosmogonia ortodoxa arranjou, pois, um modo, que, para a inteligência pouco desenvolvida dos séculos passados, podia ser, e realmente foi, aceito como coisa muito curial e satisfatória.

Acabada a vida, que resume toda a prova dos Espíritos, por que mais demora em dar-se-lhe o seu destino definitivo?

É pois coerente com a vida única o modo ortodoxo de mandar, depois da morte, os bons para o Céu, e os maus para o Inferno.

Como, porém, aquela separação reclama uma apreciação, que vale por um julgamento, a cosmogonia ortodoxa estabeleceu o julgamento condenatório e absolutório depois da morte.

40 (Nota do Organizador) “Dia da ira” ou da manifestação do juízo de Deus, do juízo final. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

41 (Nota do Organizador) Há toda uma lenda sobre a história da mãe de São Pedro, com diferentes versões. É possível conferir um exemplo na obra “Contos Populares Brasileiros”, de Lindolfo Gomes, Ed. Melhoramentos, 2014.

Até aqui vai tudo muito bem, e o plano não oferece solução de continuidade, por onde possa penetrar a lâmina da simples crítica.

Há, porém, o juízo final - julgamento dos julgamentos, que veio destemperar tudo.

No dia tremendo, Deus julgará os vivos e os mortos, e mandará para as trevas eternas os que não fizeram boas obras na vida, e mandará para a glória sem fim os que viveram e morreram em verdade e amor.

Temos, então, um julgamento individual e um julgamento geral.

Pelo primeiro, são pesadas as boas e as más obras; e cada um galardoado ou condenado segundo o determina a balança da Eterna Justiça.

Pelo segundo, por mais que procuremos, não nos é possível descobrir senão o mesmo processo, firmado nos mesmos fundamentos.

Deus pesa as boas e más obras; galardoas as que fizeram aquelas e condena as que fizeram estas.

E, pois, ou pode o juízo final alterar a sentença primitiva, ou nenhuma alteração pode fazer.

No primeiro caso, teremos um condenado perdoado, o que vale passar do Inferno para o Céu; e um bem-aventurado condenado, o que vale passar do Céu para o Inferno!

Mas isto é uma monstruosidade, que a Igreja não pode atribuir a Deus; logo o juiz final não altera nem reforma a sentença primitiva.

Neste segundo caso, temos a Perfeição Infinita praticando coisas ociosas, que a nossa própria imperfeição se envergonharia de praticar!

Ou a elevação de danados ao Céu; ou a mais ridícula ociosidade; eis o que fatalmente caracteriza o juízo final da teologia ortodoxa!

Deus fica apertado n'um dilema sem saída, se, dentre seus filhos, não houver uma alma caridosa que acuda em seu socorro!

Essa alma é a que anima a nova doutrina que os fanáticos chamam - diabolismo, e os *sábios* - charlatanismo.

O Espiritismo apresenta-nos um quadro tão belo, quanto consolador.

Deus cria os Espíritos para a perfeição, a que chamamos angélica; mas dá-lhes, com os meios de ascender, iguais para

todos, a liberdade de empregá-los, de desenvolvê-los, cada um segundo a sua vontade.

Não se faz a quase infinita travessia no curto instante de uma existência, que tampouco nos pode dar, como vemos, e que a muitos nem esse pouco dá, como acontece aos que morrem antes do uso da razão e da consciência, e os que nascem já idiotas.

Para a sublime transformação da larva humana em humana esfera de luz, o Pai concedeu a cada um as existências corpóreas múltiplas; ou antes, concedeu o tempo na eternidade, que cada um quiser para realizar sua evolução.

Ora, como o homem é o que disse o filósofo nesta expressiva frase – *video meliora, provoque; deteriora sequor*⁴², que traduz-se livremente por este conceito: conheço perfeitamente o que mais me convém; faço, porém, o contrário; como infinita é a variedade de disposições morais, boas e más da nossa espécie; resulta daí que inumeráveis são os graus do mérito e do demérito, que fazemos pelo uso de nossa liberdade.

E como ao mérito atribui a Justiça Eterna recompensa, assim como comina a pena ao demérito, é de rigor que, depois da morte, vá cada um gozar ou sofrer, segundo suas obras na vida.

Há, pois, um julgamento para cada Espírito, depois de cada existência corpórea; mas esse julgamento não é definitivo, porque o destino humano não se define pela morte.

O Pai julga nossas obras da vida expirante para premiar-nos ou punir-nos; mas nem o prêmio é o maior, que só alcançaremos quando tivermos alcançado o último degrau da escada de Jacó, nem o castigo é o de morte, senão de correção para nos encaminhar ao Bem e à felicidade.

Assim, pois, as duas cosmogonias conferem quanto ao juízo *post mortem*, e quanto ao prêmio e castigo impostos por aquele juízo; mas daí divergem as duas, como estradas que partem de um ponto em opostas direções.

A cosmogonia ortodoxa estabelece novo juízo sobre os mesmos fundamentos do primeiro, isto é, sobre os méritos e deméritos da vida única, que já foi pesada e julgada.

42 (Nota do Organizador) “Vejo as coisas melhores e as aprovo, mas sigo as piores”. Imagem do homem fraco, traçada por Ovídio em *Metamorfoses*, VII, 20. Vê o bem e o aprova, mas é arrastado pelas paixões. (Fonte: www.dicionariode-latim.com.br)

A cosmogonia espírita estabelece novo e novos juízos, mas sobre novos fundamentos, sempre novos; porque o Espírito que é hoje julgado segundo as obras da existência que se findou, pode e deve no fim de outra existência ter modificado sua natureza moral.

É como uma academia, onde em cada ano remido, o mesmo indivíduo é julgado; mas cada julgamento assenta sobre matéria nova.

Qual das duas fala à razão e à consciência? Qual delas dá honra e glória ao Senhor?...

Max.

(Continua no domingo próximo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 20-05-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5348

Artigo XXXII: O PAIZ, 27.05.1888

15°. “Depois de ato (o juízo final) está tudo acabado, menos a felicidade dos justos e os sofrimentos dos réprobos”.

Horrível quadro é este que a cosmogonia ortodoxa reserva para o fim dos tempos!

Deus fica nulificado como um soberano que abdicou!

A onisciência não tem mais ao que aplicar-se!

O infinito poder não tem mais em que exercitar-se!

A justiça indefectível sumiu-se no nada!

A doce e inefável misericórdia, como a pomba da Escritura, não encontra sobre as águas do novo dilúvio onde pousar!

O que é Deus depois do dia tremendo?

Simple união do amor e do ódio!

Vive sem ter como exercitar seus sublimes atributos!

Vive para receber os cânticos laudatórios dos anjos e dos bem-aventurados!

Vive para ser eternamente amaldiçoado pelos condenados, que nada mais têm que esperar, nada mais têm que temer de sua misericórdia, de sua justiça, de todo o seu poder!

Repasta-se de amor e de ódio!

Que coisa triste!

Que coisa repugnante!

Que blasfêmia!

Não, meu Deus, este pobre filho, que sofre na Terra, neste mundo de expiação, as duas consequências de suas faltas, segundo a suprema lei de tua santa justiça, nunca blasfemarás, como quer e ensina à humanidade a Igreja que se diz inspirada pelo teu Espírito.

Em sua alma não entrará jamais o levedo desse ensino que te desagrada!

Para ele Deus é pai, e o pai não castiga para matar, senão para corrigir!

Para ele, Deus é justiça, e justiça não tem ódio, nem alimenta o baixo sentimento da vingança!

Para ele, Deus é misericórdia, e misericórdia existirá enquanto existir vida moral!

Como compreender, imaginar sequer, o sumo poder, a suma sabedoria, a suma justiça, a suma misericórdia, todos os infinitos predicados da divindade, sem aplicação, sem objetivo, desde que o oceano revoltado da criação humana transformar-se n'um paraíso inalterável e n'um Asfaltita⁴³ sem oscilação, estagnado?

Oh! como há de ser horrível essa transformação do movimento universal nesse quietismo do Céu e do Inferno!

Ali, cânticos eternos!

Aqui, eterno choro e ranger de dentes!

E além, por todo o infinito espaço, o silêncio, a quietação, as trevas e a morte!

Pode-se dizer que a cosmogonia ortodoxa estende o manto negro da morte sobre toda a criação e sobre o próprio Criador!

Deus não tem senão os dois quadros em que se encontrarão todas as grandezas maravilhosas de sua onisciência e de sua onipotência, para distrair-se pelos séculos dos séculos!

Quando estiver aborrecido de ouvir cânticos e louvores, que, sempre os mesmos, tornar-se-ão monótonos, irá ouvir maldições e gritos de dor, que dever-lhe-ão parecer música inebriante, por ser o oposto do que já lhe aborrecia: uma raridade, que sempre deleita.

E quando estiver fatigado de distrair-se com o estrebuchar dos danados, voltará a contemplar as alegrias dos eleitos.

Fora desses dois pontos, o reino da morte, ou do nada; e isso não pode ser senão desagradável a quem já teve ali as mais imponentes manifestações do seu infinito poder.

E os justos?

Que coisa mal engendrada e repugnante a ociosa contemplação que se lhes dá por destino eterno!

43 (Nota do Organizador) "Asfalto natural (betume) produzido pela alteração do petróleo, sólido, escuro, que ocorre em cavidades de rochas sedimentares, abaixo da superfície do solo". (Fonte: Michaelis on line)

Pensar que vimos aqui lutar insanamente por certas ideias morais, pelo amor universal, por exemplo; e que, depois de termos dado o sangue por esses sagrados princípios, vamos encontrar no Céu a sua negação!

Vamos honrar um Deus, que se compraz com os sofrimentos de seus filhos!

Vamos, nós mesmos, embriagar-nos de prazer, vendo o suplício de nossos irmãos!

Não. Nem este é o destino humano; nem aquele é o plano traçado pela suprema sabedoria.

Deus espalhou o movimento, a luz e a vida por todo o Universo; e o Universo atestará por todos os séculos dos séculos sem fim: a ciência e o poder do Eterno.

Deus criou o homem para a perfeição pelo saber e pela virtude, para manifestação eterna de suas perfeições; e o homem irá todos os dias tornando mais perfeita aquela manifestação e recebendo por isso, a mais e mais, o galardão de seus esforços.

Deus não se recreia com laudatórios cânticos, senão com o amor de seus filhos, que tanto mais o embriaga quanto mais é purificado, acrisolado.

A contemplação beatífica é tão blasfema, como é o castigo eterno, de que pouco ou nada difere.

O Espírito criado para espelho das qualidades do Criador tem por dever e por felicidade exercer, no mais elevado grau, aquelas qualidades.

Como então reduzir-se a uma máquina automática de contemplação!

O Criador do Universo partilha com seus filhos a atividade, que é a manifestação de sua existência.

Os Espíritos, desde que se desligam do Mal, começam a exercer missões divinas, mais e mais importantes, conforme seu grau de adiantamento.

É nessas manifestações de amor do Pai, que está a inefável felicidade que gozamos, e que se quint'universaliza à medida que subimos em perfeições e que obtemos maior grau de confiança do Senhor.

Esses anjos de que falam as Escrituras, esses homens extraordinários de que falam as crônicas, são Espíritos humanos, sublimados já os primeiros e adiantados já os segundos quanto é preciso para desempenharem as missões de Deus, de variabilís-

simas naturezas, quais reclamam as necessidades da incompreensível obra da criação.

Esta, porque tudo tem de progredir, está sob o ponto de vista material, em constante movimento de decomposição e recomposição.

A destruição de um mundo, do nosso mundo, não poderá, portanto, ser aquela desolação anunciada pela cosmogonia ortodoxa; antes é mais um impulso para o movimento progressivo, a que obedece tanto o mundo espiritual como o material.

Por um mundo que se dissolve, irrompem inúmeros da massa cósmica universal.

E assim Deus está sempre em constante atividade, e seus refletores, os Espíritos humanos, em vez de gastarem o tempo em ociosa adoração, manifestam seu amor e recebem a reciprocidade, empenhando, por sua parte, todas as suas energias no desempenho das missões que recebem, para acelerarem o movimento da perfectibilidade universal.

São estes os ensinamentos da cosmogonia espírita, em sua mais resumida expressão, e por eles dirá o leitor quem tem razão, quem melhor compreende e ensina a grandeza do Criador.

Só um cego deixa este quadro resplendente de luz para tomar o que lhe oferece a cosmogonia ortodoxa: triste, mesquinho, fumarento, repulsivo à criatura e ao Criador!

Max.

(Continua no domingo próximo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 27-05-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5371

Artigo XXXIII: O PAIZ, 03.06.1888

A análise que acabamos de fazer dos princípios cardeais da cosmogonia ortodoxa, por mais perfunctória que tenha sido, e efetivamente foi, tornou evidente a quem estiver de boa-fé e se dirigir pela razão, que não por espírito de sistema e fanatismo, quanto é defectivo tudo o que nos mandam ter na conta das obras divinas.

A obra divina jamais poderá ter sombras, que escandalizem à razão humana!

Pode estar fora do alcance de nossa vista intelectual, pode ser-nos incompreensível mistério; nunca, porém, chocar de um modo repugnante o instrumento que nos foi dado para distinguir-mos a verdade do erro.

Isto é caráter que só podem ter as obras humanas; e é por aí que podemos, com segurança, distinguir umas das outras.

Tudo o que for de encontro a qualquer predicado da suprema perfeição, é falso.

Tudo o que exaltá-la, é verdadeiro.

Nestes dois aforismos se encerra para o homem o critério infalível da verdade.

Ora, confrontando cada um dos postulados bíblicos com este critério, se reconhece que eles deprimem o caráter do Altíssimo, em vez de exaltá-lo; logo, tais postulados não exprimem a verdade.

Como, então, a Bíblia, o livro sagrado da revelação do Céu, pode conter falsidades?

Já definimos bem claramente este ponto, mas agora, que fazemos uma espécie de recapitulação, nada se perde em repisá-lo.

A verdade é revelada ao homem gradualmente, progressivamente, na medida do desenvolvimento de sua capacidade para compreendê-la.

A Bíblia compreende as verdades reveladas em tempos de grande atraso da humanidade; e pois, nem contém toda a verdade que deve ser revelada ao mundo, nem a que contém podia ser ensinada ao mundo, escoimada dos prejuízos humanos.

Porque, assim como Deus não ensina senão o que podemos compreender, do mesmo modo permite que seus ensinamentos revisitem as formas humanas, para serem acolhidos.

De sorte que há em toda a revelação, considerada em seu ensino mundano, a essência que é divina e a forma que é humana.

Ou, se nos permitem, há o espírito que poucos compreendem, e há a letra que a inteligência universal abraça.

Mais tarde, quando o homem já tem a inteligência preparada para mais ampla revelação, esta lhe é ministrada, e sua luz mais intensa patenteia a mescla humana da doutrina tida por sagrada até ali.

Então os princípios sagrados limpam-se das impurezas humanas, e brilham em sua essência purificada.

Assim, uma nova revelação traz à Terra verdades novas, e limpa as antigas das impurezas que a inquinavam.

A inteligência que já pode assimilar mais altos ensinamentos, pode por igual compreender os anteriores em sua pureza, ou segundo seu espírito, que não mais segundo a letra.

Moisés trouxe luz que deu para expurgar muitos vícios patriarcais; porém não pôde fazer que seu povo recebesse a luz que trouxe, sem os óculos ou antolhos precisos; para lhe quebrarem a força, associou ao preceito do amor ao próximo o *dente por dente*.

Jesus trouxe mais ampla luz, porque a humanidade já se achava muito mais adiantada em sua perfectibilidade; porém, a luz que trouxe não dispensou os antolhos. Tanto que, a par do “*ama teu inimigo*”, com que varreu o *dente por dente*, figuram no Evangelho referências ao Inferno com suas penas eternas.

O Evangelho corrigiu a Bíblia; porém ficou ainda dependente de nova revelação, para ser, por sua vez, corrigido ou bem entendido.

E assim, esclarecendo cada nova revelação as trevas que envolvem as passadas, irá a humanidade subindo até poder ter o

ensino divinal, livre de toda a impureza humana, compreendido em espírito e não mais segundo a letra.

Não deprimimos, portanto, o livro sagrado das verdades ensinadas por Moisés, provando que a cosmogonia, arquitetada pelo santo patriarca, contém falsos princípios.

O preclaro varão obedeceu à lei de Deus revestindo sua obra com as formas adequadas às condições de seu tempo; e eis tudo.

E nem é isto para admirar, quando o próprio Redentor praticou segundo a mesma lei, tanto que prometeu um futuro revelador que, em tempo, deveria vir polir sua obra.

Terão, então, os Evangelhos da lei de Jesus de ser interpretados segundo seu espírito, quando o têm sido até hoje segundo sua letra.

Cristo fechou a sinagoga que o condenou à morte.

A nova revelação fechará a Igreja, se esta não for mais bem avisada do que o sacerdócio hebreu.

Em todo o caso, por caminhos retos ou curvos, chegará a humanidade às condições de adorar a Deus, não me Jerusalém ou no monte Gerizim, porém em pensamento e no íntimo de seu coração.

Não há excomunhões que embarquem a marcha humana para esses tempos preditos pelo Divino Mestre.

E a Igreja, se não reconhecer os sinais divinos da revelação espírita, se não vier ao encontro do *Consolador*, cujos tempos são chegados, cujos sinais estão aí em Joel e nos Atos dos Apóstolos indicados, terá a triste sorte do templo.

Salta aos olhos a impossibilidade de ser o homem criado para fazer as suas provas em uma única vida; e de ter seu futuro, após esse curto ou longo lapso de tempo, definido por toda a eternidade.

A doutrina espírita, cujos dogmas passamos a analisar, é a luz que veio esclarecer a humanidade sobre os erros daquela síntese cosmogônica.

Max.

(Continua no próximo domingo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 03-06-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5401

Artigo XXXIV: O PAIZ, 10.06.1888

A cosmogonia espírita, dissemos, segue direção diversa da ortodoxa e mais conforme com a ideia que devemos fazer da Perfeição Infinita.

Começamos daqui a demonstrar que não é ousada e infundada esta pretensão, passando em revista os dogmas espíritas que deixamos apontados, após os dogmas ortodoxos, que temos analisado.

I. “Deus criou de toda a eternidade a matéria cósmica, de que incessantemente se originam mundos, que se desenvolvem para a perfeição, do mesmo modo que toda a criação”.

Já vimos como a Bíblia atribui ao Excelso o insignificante trabalho – fraca concepção para o Onisciente e Onipotente – de criar somente no infinito espaço o mundo que habitamos, com sua abóbada estrelada e o seu foco de luz.

Já vimos também que o Eterno, feito o trabalho, que realizou em seis dias, caiu em repouso por toda a eternidade.

As repugnantes ilações, que ressaltam natural e logicamente destes enunciados, contrastam intuitivamente com a majestade do plano espírita, que se ostenta iluminado pela mais pura e brilhante claridade.

Deus não deu luz, vida e movimento a um pequeno recanto do espaço infinito, deixando todo o resto: a imensidade, sepultada nas trevas, na quietação e na morte.

Deus criou o Universo, isto é, o espaço infinito - e semeou por todo ele fontes de luz - princípio de vida - forças motoras.

Por toda essa imensidade, que não tem fim, – e que ainda não possuímos a faculdade de compreender, há vida, - há luz, - há movimento, como aqui em torno de nós observamos e podemos atestar.

E, em oposição à Bíblia, que faz da Terra o centro do Universo, já sabemos que não é ela sequer o centro do Sistema Solar.

Há milhões e milhões de sistemas planetários, uns mais simples, outros mais complexos do que o nosso; – e mesmo no nosso, a Terra é uma das mais insignificantes individualidades.

Todo esse turbilhão inumerável de mundos espalhados pelo espaço, dando vida ao espaço, atestando por toda a parte a grandeza do Criador, é obra de um simples pensamento do Senhor: - e se desenvolve segundo as leis por Ele postas.

A gênese espírita, em vez de ser limitada à Terra, abrange a imensidade infinita; em vez de fixar um prazo para a criação, protraí-o por toda a eternidade.

Deus criou, cria e criará eternamente os mundos que povoadam os espaços.

E para isso não fez mais do que lançar por toda a parte a semente dos corpos: a matéria cósmica.

É dessa matéria, condensada segundo as eternas leis do Criador, que segmentam-se constantemente os novos corpos celestes, que mais tarde, por sua evolução, tornam-se aptos para a habitação humana.

A ciência de hoje não permite mais dúvida a esse respeito.

Só o ignorante ou o doloso contestará o fato da constante criação de corpos celestes, que se destacam das nebulosas.

E, pois, perguntamos: como conciliar-se o ensino bíblico de ter Deus feito o Universo em seis dias e o ensino científico, resultante da observação, de se formarem todos os dias novos planetas?

Ou falha a Bíblia, ou falha a ciência. Mas esta prova o que diz; - e aquela diz o que a razão não pode aceitar sem deprimir a majestade do Senhor; logo a verdade está do lado da ciência.

Mas o Espiritismo, ou a revelação feita pelos Espíritos, ensina exatamente o que a ciência demonstra pela prova experimental; logo a gênese espírita suprime a gênese bíblica.

Deus não fez como o operário, que precisa de tempo para executar uma obra.

Deus não fez como a criatura imperfeita, que precisa descansar depois das fadigas do trabalho.

Deus finalmente não limitou sua obra no tempo e no espaço. Se o inspirado autor do livro de ouro da humanidade não ensinou isso que nos ensinam hoje os Espíritos, nem por tal motivo devemos considerá-lo menor do que se ele impõe por seu saber e por suas virtudes.

Moisés explicou a criação ao mundo, quando o mundo não podia compreender mais do que ele explicou.

E, além disso, a sua gênese não compreendeu o Universo, como pensa a Igreja, mas sim unicamente o nosso planeta.

Sua obra tem inquestionavelmente falhas; essas que temos apontado; mas já o temos dito: ele era obrigado a revestir a ideia essencial de formas que estivessem ao alcance da fraca inteligência do tempo.

Hoje, porém, que o mundo tem muito marchado pela reencarnação de Espíritos mais e mais adiantados, já pode o Senhor revelar-nos aquela ideia sem aquelas formas.

Pela progressividade das revelações na razão do desenvolvimento da perfectibilidade humana, conciliam-se perfeitamente os princípios adiantados com os atrasados da religião em seus diversos períodos.

É condenável fanatismo repelir uma verdade nova em razão de sua oposição com a que temos por verdade divina.

Quando se dá esse choque entre a luz e as trevas, o meio seguro é confrontar os dois princípios antagônicos com o infalível *criterium*: - as divinas perfeições - e abraçar o que se conformar com elas, e repelir o que lhes for contrário.

Se assim tivessem feito em relação à doutrina de Jesus, os judeus não sofreriam ainda hoje a pena do deicídio.

Se assim não fizer em relação ao Espiritismo, a Igreja sofrerá não menos aviltante e dolorosa pena.

É, portanto, verdade que Deus criou de toda a eternidade, e que por toda a eternidade criará mundos que enchem de luz e de vida os espaços sem fim.

Max.

(Continua no domingo próximo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 10-06-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5431

Artigo XXXV: O PAIZ, 17.06.1888

II. “Não é só a Terra, pequeno ponto perdido no espaço que é habitável e habitada; mas sim os planetas, qualquer que seja o grau de seu desenvolvimento”.

A cosmogonia ortodoxa nos ensina: que o Senhor, criando o Universo, só pôs habitantes na Terra, tanto que foi aí que tirou do barro o primeiro homem - e dispôs que daí ele e seus descendentes seguissem o seu destino imutável no Céu ou no Inferno.

A cosmogonia espírita ensina o contrário; ensina que Deus criou e cria infinitos mundos, ao mesmo tempo que criou e cria Espíritos que reparte por todos eles.

Diante somente deste ponto litigioso para as duas escolas, a razão não vacila na preferência de uma delas.

A criação de um mundo único habitável, ficando todos esses milhões de corpos celestes sem razão de ser, ou servindo apenas de adorno, é tão mesquinha coisa, quanto é grandiosa a criação de habitações para os Espíritos por toda a imensa extensão dos espaços.

Ali, não se explica, não se dá a razão da existência de milhares de milhões de planetas, iguais e muito maiores do que a Terra, espalhados, como coisas inúteis, pelos desertos do infinito espaço.

Aqui, dá-se a razão da existência de todos, ensinando-se que tudo aí tem vida, e o homem sobretudo povoa esses planetas; esses verdadeiros mundos, tão aptos para a vida universal, como reconhecemos apto o nosso para esta vida que nele observamos.

Numa hipótese, limitamos a um ponto insignificante a divina compreensão; na outra estendemo-la à extensão infinita.

Mesmo considerando como hipotéticas as duas ideias, perguntamos à razão humana: qual delas amesquinha, qual delas engrandece os divinos atributos?

A razão não nos foi dada como adorno de nosso Espírito, à laia das estrelas que dizem criadas para ornato da Terra.

A razão é luz dada ao homem para guiá-lo no discernimento da verdade e do erro, como a consciência lhe serve para distinguir o Bem do Mal.

Quem segue a razão, segue a luz que Deus lhe deu para alumiar-lhe a rota pelos mares escabrosos da existência corpórea.

Diga ela, diga essa lanterna mágica, de que tão mal nos servimos, qual daquelas hipóteses tem os caracteres da verdade.

Se o homem racional não pode deixar de reconhecer aqueles caracteres indicando a hipótese que abraçam os Espíritos; o homem que cultiva a nova doutrina, revelada pelos Espíritos, é obrigado a despir a majestosa ideia do caráter hipotético e a revesti-la dos atributos da pura verdade.

De envolta com o ensino geral sobre a evolução humana, desde a origem até o destino dos Espíritos, encontra-se, bem assinalada, a revelação da pluralidade dos mundos habitados.

E esse é o complemento daquela evolução, porquanto sem a pluralidade de mundos habitados não se poderia compreender a pluralidade de existências do Espírito.

Uma coisa supõe e completa a outra.

Começa o Espírito em um mundo atrasado; e à medida que vai desenvolvendo suas faculdades, a princípio latentes, vai subindo a mundos mais adiantados.

Nós, que acreditamos ter sido criados na Terra e vivermos pela primeira vez na Terra, já viemos de muito longe e vamos para mais longe ainda.

Já percorremos uma imensa série de mundos mais atrasados que o nosso planeta; já tivemos em cada um destes, sabe-o Deus, quantas e quão dolorosas existências.

E daqui, desde que tenhamos assimilado o mais alto saber e a mais elevada virtude, que é dado colher aqui, ascenderemos a mundos mais e mais adiantados, onde as condições físicas su-

periores às da Terra se harmonizem com as condições morais dos que já não precisam voltar à Terra.

Tudo é correlativo.

Ao Espírito atrasado, um mundo igualmente atrasado; ao Espírito superior, um mundo paradisíaco.

A evolução dos Espíritos corre paralela com a dos mundos que enchem o espaço.

Isto, em hipótese, já é para extasiar a alma, em comparação da hipótese ferrenha e raquítica de unidade de habitação humana; quanto mais traduzindo-se a hipótese em pura verdade, tão verdade como tudo o que Deus é servido revelar a seus filhos, que ainda rastejam pela Terra!

Confessem os que combatem o Espiritismo, que esta doutrina compreende um grupo de ideias tão racionais e tão sublimes, que pode-se dizer de cada uma delas o que de Deus dizia o filósofo⁴⁴: “se ele não existisse, seria preciso inventá-lo”.

O século que vamos atravessando e cujo fim já quase tomamos com a mão, qualifica-se arrogantemente de - *século das luzes*.

Que não sejam elas perdidas para o descobrimento e o reconhecimento da verdade, que salva, e aplicadas a falsos princípios, que condenam.

A crença na existência única, unicamente na Terra, é isso que as luzes do século já baniram; é o levedo humano dos tempos de obscurantismo, em que os messias divinos eram coagidos a empregá-lo, em razão das fracas condições da humanidade de então.

Moisés bem sabia que a Terra não era o único mundo habitado, sendo ele, como Espírito superior, habitante de outro, donde baixou em missão para adiantar o progresso da triste humanidade terrestre.

Moisés, porém, se ensinasse o que sabia, não poderia ser compreendido; e nada colheria de sua sublime missão.

44 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui a Voltaire (1694-1778), célebre filósofo francês. A frase se encontra em sua obra “Epístolas” (104. 1769), colecionadas pelo Instituto Nacional de Idioma francês (InaLF). Não localizamos tradução para o português.

Louvemos o Pai de amor, que nos tem, por sua misericórdia, ajudado a subir até o ponto de já podermos receber o complemento da revelação do Cristo.

A descoberta da habitabilidade dos mundos é obra dos messias científicos, que baixaram em missão de revelarem essas e outras verdades já compreensíveis, em nosso grau de perfectibilidade.

Max.

(Continua no próximo domingo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 17-06-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5466

Artigo XXXVI: O PAIZ, 24.06.1888

III. “Assim como dá-se com a matéria, dá-se com o Espírito que foi, é e será criado por toda a eternidade”.

Reconhecida a infinidade dos mundos habitáveis, fica demonstrada a impossibilidade da criação de um único par humano.

Na hipótese bíblica de Adão e de Eva é que procederam todas as criaturas humanas, que devem povoar a Terra - e não só a Terra como toda a série infinita dos mundos!

É coisa que o simples bom senso repele, porque é equivalente à pretensão de fazerem duas pessoas um dilúvio, despejando sobre a superfície da Terra bilhas d'água.

Talvez se argumente com a exceção de só ter Moisés falado da criação humana na Terra.

De que Moisés conhecia a gênese universal - e só ensinou aquilo porque nada mais do que aquilo podia ser compreendido, estamos nós certos.

É preciso, porém, responder àquele argumento no sentido em que ele é empregado, segundo a letra da Bíblia.

Esta só dá como habitável a Terra - e portanto, falando da criação terrestre, não admite outra.

Se ela tivesse ensinado a pluralidade de mundos, que só em nosso século saiu das brumas do mistério, e descrevesse a criação humana exclusiva do nosso planeta, era admissível a ideia de que cada mundo tem a sua semente humana.

No caso, porém, de só haver um mundo habitável, como supor-se que a ideia da criação terrestre possa compreender a da criação em outros mundos?

Não. Evidentemente a Bíblia circunscreveu o Universo habitável à Terra - e, conseqüentemente, não admitiu, outra humanidade que não fosse descendente de Adão e Eva.

Mas hoje se reconhece que, como a Terra, há milhares de milhões de mundos habitados.

Logo, Adão e Eva não podem produzir quanto chegue para o povoamento desse infinito número de mundos.

Mesmo, porém, que pudesse, surge outra questão mais séria.

Quem cria o Espírito do homem?

O corpo sabemos que é o pai quem o gera; mas o Espírito ainda não houve quem lho atribuisse.

É Deus quem cria o Espírito para o corpo - e é por isso que o Espírito é eterno, quando o corpo é temporário, como são todas as obras do homem.

Se é Deus quem cria o Espírito, cada corpo que se gera reclama uma nova criação de Deus, seguindo literalmente a doutrina da Igreja.

E se Deus tem de criar Espíritos à proporção que os homens geram corpos, Deus tem estado em constante atividade de criador, desde o princípio - e estará até o fim do mundo.

Isto é rigorosamente lógico e racional. Mas, se é assim para a Terra, por que não ser do mesmo modo para os mundos que têm sido - que estão sendo - e que hão de ser criados, de toda a eternidade - e por toda a eternidade?

A uniformidade de leis divinas consagra esta doutrina.

E, pois, para cada mundo Deus cria Espíritos humanos, como criou para a Terra - e, como os mundos surgem todos os dias, todos os dias Deus cria Espíritos.

Resulta, portanto, da própria doutrina bíblica aplicada à nova descoberta da pluralidade dos mundos, que Deus cria Espíritos de todo o sempre e por todo o sempre.

O Espiritismo, como um complemento da revelação messiânica, do mesmo modo que esta o foi da mosaica, consagra a verdade da criação universal e eterna.

Também não pode haver hoje revelação científica ou religiosa que se oponha a semelhante princípio, que fala à razão e à consciência e assenta na mais correta observação.

Somente não tem ainda o cunho de verdade experimental a distribuição dos Espíritos criados pelos mundos também criados.

A indução, porém, vai fazendo seu ofício enquanto não chega o tempo da prova real.

O que parece mais curial, é não a criação simultânea em todos os mundos de diferentes graus de progresso; mas sim em todos os novamente criados - e desde que adquirem as condições essenciais à vida humana.

Desses inúmeros viveiros é que vão subindo os Espíritos para os mundos de ordem imediatamente superior, como sobem destes para a mais alta - e assim progressivamente.

De modo que a criação espiritual se faz simultaneamente com a dos mundos habitáveis, onde temos nossa primitiva existência - e a evolução espiritual é que faz com que surjam nos mundos de ordem superior os necessários habitantes.

Materialmente representaremos aquela evolução pela organização de um exército.

O soldado passa a alferes - o alferes a tenente - este a capitão; de modo que a massa dos soldados fornece, por seus merecimentos, o pessoal para as diversas classes de oficiais.

É preciso, porém, observar que na evolução universal não são somente os Espíritos que progridem, porém todos os seres criados, incluindo os próprios mundos, que vão constantemente crescendo em desenvolvimento, como o Espírito em perfeição.

Desde que um Espírito adquire o máximo de saber e de virtudes de um mundo, sobe a outro de ordem mais elevada, onde é dos mais atrasados, tendo sido, no antecedente, dos mais adiantados.

E assim, passando sempre de mundo inferior a mundo superior - e de mais adiantado num para mais atrasado noutro, vamos subindo e desenvolvendo nossa perfectibilidade, até o maior grau de perfeição que é dado ao homem conquistar.

E em cada mundo se vê uma variedade infinita de capacidade moral e intelectual, pela simples razão de lhe chegarem sempre novos Espíritos dos mundos atrasados - e de já terem progredido os que antecederam a estes.

O Espiritismo alarga e ilumina o plano da criação!

Max.

(Continua no próximo domingo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 24-06-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5500

Artigo XXXVII: O PAIZ, 01.07.1888

IV. “Os Espíritos saem das mãos de Deus em identidade de condições: em inocência e ignorância completas”.

Se não é o homem quem cria o Espírito dos filhos, hipótese que destrói o dogma da imortalidade da alma, pois que a obra do homem não pode ter o cunho da imperecibilidade;

Se os Espíritos que animam os corpos humanos são criações de Deus, que bem o revelam pelo simples fato de serem imortais; é de rigor, desde que têm a responsabilidade moral, a mesma para todos, segundo a lei das penas e recompensas, aceita e ensinada pela Igreja, que sejam criados em identidade de condições físicas, morais e intelectuais.

Deus não seria Deus, se desse a um, que não a todos, melhores faculdades e meios para atingir o alto fim para que tirou do nada a espécie humana.

Onde seu amor de pai, se fosse possível atribuir-lhe diversidade na distribuição dos bens que dá aos filhos?

Onde sua indefectível justiça de juiz, se, dando mais a uns do que a outros, exigisse, como ensina a Igreja que exige, de todos por igual as provas necessárias para a salvação?

Seria emprestar ao Ser Perfeito as fraquezas humanas, admitir que ele faz preferências e exclusões.

Mas da doutrina explicada pela Igreja não se pode deduzir senão esta... blasfêmia.

Deus cria os Espíritos puros para esta única vida - e, pelas provas que derem nela, serão julgados definitiva e irrevogavelmente, indo para a glória eterna os que fizerem boas provas - e para o eterno suplício os que falirem.

Entretanto uns nascem com inclinações boas - outros com superior inteligência, e, quanto ao aparelho físico, que não é diferente ao desenvolvimento de nossas faculdades intelectuais e afetivas, recebemo-lo em variadíssimos graus de aptidão.

Do cérebro do idiota aos dos Sócrates e Platões vai uma diferença infinita.

Temos, então, que foram-nos dadas capacidades diferentes, tais como vemo-las na vida real, e que impuseram-nos, a mesma tarefa, sob pena de serem condenados à morte eterna os que não derem conta dela!

Isto em organização social, estabelecido por fracos seres humanos, não pode ser aceito sem protestos da razão e da consciência; quanto mais se for instituição divina, obra da Infinita Perfeição!

Os fatos, pois, fatos que não podemos contestar, porque vemo-los a toda hora e em toda parte; os fatos da diversidade original de condições de homem a homem, protestam contra a doutrina ensinada pela Igreja da identidade da tarefa e das penas eternas para os que falirem nesta vida.

Dir-se-á, para justificação de semelhante absurdo, verdadeiro atentado contra as Sumas Perfeições, que Deus, em seu julgamento, dá o desconto das fraquezas naturais.

Essa rabulice apaga um pouco a antinomia da lei da Igreja com a ordem natural, segundo a qual se dão os fatos de nossa observação; mas, enquanto se põe remendo por um lado, rasga-se a capa pelo lado oposto.

Não veem os que se apegam a tão frágil argumento que comprometem porventura mais gravemente os infinitos predicados?

O Criador fez sua obra imperfeita para ter o gosto de corrigi-la!

Criou os Espíritos em condições desiguais para o mesmo fim - e julga o modo por que cada um se desempenhou de sua missão, atendendo a exiguidade ou superabundância das forças que lhes deu!

Não pesa a todos na mesma balança, mas precisa ter uma balança para pesar cada um!

Estabelece as condições de desequilíbrio, para fazer Ele o equilíbrio!

O Espiritismo exalta o Criador do Universo no modo como aprecia e ensina a lei que rege esta importantíssima questão.

Reconhece a diversidade original das condições humanas - e, diante dela, estabelece, sem receio, a lei da identidade original das condições humanas!

Parece impossível conciliar estes dois opostos; mas para quem estuda a doutrina a conciliação é clara - e imponente.

As condições com que nascemos nesta vida não são originais senão em relação a esta vida.

Aquelas verdadeiramente originais dos Espíritos perdem-se na noite dos tempos - são as que lhes foram dadas no ato da criação.

Somos todos criados em identidade de condições - e, se acontecesse que fizéssemos todos igual uso de nossas faculdades, em todas as ulteriores existências apresentaríamos sempre identidade de disposições.

Como, porém, uns fazem melhor, outros fazem pior uso de sua liberdade, aqueles se adiantam - e estes se atrasam relativamente, de modo que em cada existência, onde se encontram os que foram criados iguais, demonstram necessariamente disposições diversas.

Estas, pois, são devidas aos próprios Espíritos, que não ao seu Criador, que lhas deu no mesmo grau, marcando-lhes o mesmo fim - e julgando-os pela mesma bitola.

Aqui, portanto, não se compromete o amor do Pai, pois que repartiu igualmente seus bens por todos os seus filhos - aqui não se compromete a justiça do Eterno Juiz, porque é racional exigir-se a mesma obra de quem teve para fazê-la a mesma força.

Se, na presente vida, uns têm melhores e outros piores disposições originais, é isto obra de sua própria vontade - e, consequentemente, é sua exclusivamente a responsabilidade.

Pode, pois, sem escandalizar a razão e a consciência, galardear e castigar, pela mesma bitola, o Juiz indefectível das obras humanas.

E assim concilia-se admiravelmente a lei da identidade das condições em que somos criados, com a variedade de condições originais com que entramos nesta existência - e mediante as quais desempenharemos bem ou mal a missão que trouxemos.

O simples bom senso repele a doutrina da Igreja e abraça a do Espiritismo.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 01-07-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5530

Artigo XXXVIII: O PAIZ, 08.07.1888

V. “Todos [Espíritos] foram criados para o mesmo destino: a máxima perfeição pelo saber e pela virtude”.

Resulta fatalmente deste apotegma⁴⁵ que somos criados em identidade de condições, porque haveria falha na justiça do Pai, se impusesse o mesmo alvo a quem não fosse dotado dos mesmos meios de alcançá-lo.

Mas o que vemos, na Terra, não condiz com semelhante princípio.

Nascem uns dotados de alta faculdade intelectual e outros quase deserdados de tão indispensável meio de conseguir-se a perfeição.

Nascem uns com disposições formais para o Bem - e outros com invencível arrastamento para o Mal.

A Igreja, com sua doutrina da vida única, é forçada a atribuir ao Criador estas desigualdades - e, portanto, a ensinar uma blasfêmia contra a eterna justiça.

Quem dá instrumentos afiados a uns - e instrumentos cegos a outros, não pode exigir de todos a mesma perfeição no trabalho - e, se o faz, será tudo que quiserem, menos um ser dotado de justiça.

O Espiritismo, pelo simples fato de substituir a vida única pela pluralidade de existências, explica aquelas desigualdades de um modo consoante com a razão e com a consciência, acatando e exaltando a justiça do Criador.

45 (Nota do Organizador) “Desse dito, dessa máxima”. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Dando-nos (a todos) o mesmo destino, o Pai deixou a cada um a liberdade, sem limites, de elevar-se ao fim para que foi criado, desenvolvendo rápida ou lentamente os meios de alcançá-lo.

Daí a diversidade de condições que manifestam as criaturas humanas ao despontarem na Terra.

Aqueles que, nas anteriores existências, desenvolveram mais os meios que foram dados, por igual, a todos os membros da família humana, aparecem, na existência atual, com melhores disposições intelectuais e morais.

Aqueles, porém, que mau uso fizeram de sua liberdade, esquecendo seus deveres, que são seus mais caros interesses, aparecem com as piores disposições.

E, como entre os dois extremos há uma infinidade de graus, há por isso, de homem a homem, na Terra, infinita variedade de progresso moral e intelectual.

Aqui, atribui-se o fato exclusivamente à humanidade.

Ali, ele não pode ser atribuído senão a Deus, pois que presume-se que somos criados para esta existência - e ao surgirmos nela já o revelamos.

E não se diga que nem todos foram criados para o mesmo destino, pois que os maus não podem ter o destino dos bons.

Este simples pensamento é uma injúria feita ao Pai de amor e de misericórdia - ao ser infinito em todas as perfeições.

Um pai humano nunca deixa de ser indulgente para com as faltas dos filhos.

Por mais perdidos que estes sejam, castiga-os - para corrigi-los, mas não os condena sem remissão, esperando sempre que se emendem, para perdoar-lhes os erros e até os crimes.

Será Deus menos clemente que o homem imperfeito, que leve o seu rigor até condenar o filho transviado - e condená-lo sem remissão, para sempre, sem lhe aceitar mais nunca o arrependimento, por mais sincero que seja?

A Igreja o ensina; mas nós não podemos aceitar o Pai Onipotente senão como símbolo do amor e da clemência, pelo menos tanto como o pai terrestre.

E a Parábola do Filho Pródigo para que nos foi dada, se não tem aplicação às relações do Pai do Céu com seus filhos da Terra?

E as palavras do Senhor por Ezequiel - “eu não quero a morte do ímpio, senão que ele se converta e venha a mim”⁴⁶ - o que valeu, se prevalece a doutrina da condenação eterna dos maus?

Não. Os bons e os maus têm o mesmo destino, pela simples razão de que os primeiros já foram maus e os segundos far-se-ão bons.

Certamente, num tempo dado, não podem merecer por igual, da parte do Senhor, o bom e o mau, mas a evolução humana não se define aqui, pelo que vemos - e a perfectibilidade humana requer tempo sem limite para todos, a fim de ser uma realidade.

Deus não pode separar sua justiça de sua misericórdia - e, se por este atributo não condena nenhum de seus filhos, por aquele outro não deixa falta sem punição.

O destino é o mesmo para todos, com a simples diferença de que uns mais depressa se purificam para entrarem na casa do Pai - e outros perdem tempo precioso dos inúmeros estádios, que são as existências concedidas para a necessária purificação.

E esta não consiste somente no exercício da moral, como pensa a Igreja, porque, se assim fosse, o reino do Céu seria asilo dos ignorantes.

A purificação ou perfeição dos Espíritos exige, certamente, a mais acrisolada virtude; porém, não lhe é menos essencial a mais esclarecida inteligência - o maior saber que é dado ao homem.

E a simples observação o demonstra.

Assim como vemos a humanidade terrestre progredir pelo lado moral, vemo-la, do mesmo modo, subir pelo lado intelectual.

A perfectibilidade humana tem, pois, o duplo caráter da moralidade e da intelectualidade.

Ninguém chega a seu destino sem que se tenha levado ao máximo aquela dupla perfectibilidade - sem que tenha adquirido o maior saber e a mais pura virtude.

Não é numa existência, nem em dezenas delas, que poderá um Espírito chegar a tal altura; mas nas dores das quedas que se dão - e das penas que elas reclamam, tem-se a esperança infalível de que há de raiar a aurora da inalterável felicidade.

E, em cada nova existência, gozaremos as vantagens ou sofreremos as desvantagens do progresso, ou dos desvios, que fizemos nas anteriores.

46 (Nota do Organizador) Ezequiel 33:11, - já citado no artigo XXIII.

Em lugar do repugnante dogma católico de um destino mais limitado que um ponto e definido após esta existência, para toda a eternidade, o Espiritismo oferece um destino vasto como o pensamento de Deus - e que tem por medida única o desenvolvimento da perfectibilidade humana.

No fim e no alto, a alma recebe do Pai de amor a investidura de sacerdote do Altíssimo, quaisquer que tenham sido as abominações que a contaminaram na longa, quase infinita via.

Max.

(Continua no próximo domingo).

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 08-07-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5562

Artigo XXXIX: O PAIZ, 15.07.1888

VI. “Idênticos são os meios que lhes são concedidos [aos Espíritos] para realizarem seu destino: as faculdades precisas para a sublime evolução, a princípio latentes e mais tarde despontando à medida do progresso que faz cada um”.

Quem tiver acompanhado nosso grosseiro estudo, deve ter presente à memória a descrição feita do ponto inicial da projeção humana.

Os Espíritos são criados nos mundos de *iniciação* em estado de *ignorância e inocência*.

É daquele fundo abismo que se hão de elevar, por seu próprio esforço, às alturas deslumbrantes de seu esplendoroso destino!

É pela transformação da ignorância nativa em saber quase divinal - e da inocência inconsciente em angélicas virtudes, que alcançarão o portentoso fim para que foram criados!

Deus não deu a um mais ou menos que aos outros.

Todos tiveram e têm e terão os mesmos meios de realizarem a sublime ascensão - a miraculosa transformação.

No estado de larva, se nos permitem a expressão, eles encerram em si todas as faculdades necessárias à sua completa evolução; mas tais faculdades existem latentes e incultas, como instrumentos preciosos, cuja existência ignoram - e que estão *em ser, em folha*, como se diz dos que ainda não foram afiados.

Pelo movimento quase instintivo desses seres embrionários, vão eles desenvolvendo sua perfectibilidade no duplo sentido: moral e intelectual - e vão tomando posse de si, até adquirirem a

plena consciência do seu – eu - e o conhecimento de sua responsabilidade como ser livre.

É este porventura o primeiro círculo das existências humanas, em que os Espíritos põem em jogo as mais grosseiras de suas faculdades, reclamadas pelo atraso em que se eles acham, harmônico com os estreitos horizontes dos mundos em que habitam.

É um círculo de ferro incandescente, em que o Espírito tateia trevas e vive quase a vida do animal.

Assim mesmo, deve existir ali a responsabilidade moral, porque o ser humano é livre desde que é criado - e deve existir a lei do progresso, porque aquele ser é essencialmente perfectível.

Do modo como cada Espírito agir em relação à sua responsabilidade e à sua perfectibilidade, depende sua maior ou menor demora nos mundos de iniciação.

Aquele que afeiçoar suas ações e seus sentimentos ao princípio do Bem, tal qual deve ser e pode ser ali compreendido;

Aquele que empregar todas as suas forças no aperfeiçoamento das grosseiras faculdades que se lhe desenvolveram naquele meio;

Esse romperá o círculo - e ascenderá a mundos mais adiantados.

Já daqui se nota a variedade no uso dos meios que Deus deu idênticos a todos os Espíritos.

Esses Espíritos, que se adiantaram sobre seus irmãos dos mundos de iniciação - e que foram lá luminares da humanidade como são entre nós os Sócrates, os Platões, os Pedros e os Paulos; nos mundos a que subiram, por seus relativos merecimentos; vão começar uma vida nova - vão ser, para os habitantes destes mundos, o que são entre nós o cafre boçal ou o bugre selvagem.

Também os nossos sábios e santos, subindo da Terra, vão ser os neófitos em mundos superiores.

No segundo círculo, que podemos chamar *Purgatório*, como o da iniciação pode ser chamado *Inferno*, atendendo-se unicamente à dureza das condições de vida, os Espíritos despedem de si novas faculdades, que lhes dão para desenvolverem sua responsabilidade e sua perfectibilidade em meio muito mais vasto e complicado.

Os mundos Purgatórios ou de expiação devem variar infinitamente em seus graus de progresso, como os de iniciação, e

por isso constituem uma escada, que os Espíritos têm de subir, fazendo em cada degrau o maior desenvolvimento de suas faculdades morais e intelectuais, que comporta cada um daqueles mundos.

Em cada um, pois, temos novos horizontes - novos princípios morais e científicos, que reclamam de nós faculdades novas.

E é por isso que os mistérios, que debalde procuramos de-
vassar em um mundo mais atrasado, nos são desvendados em mundo mais adiantado.

Quando chegarmos ao fim de nossa hégira⁴⁷, teremos, porventura, as faculdades de compreender o espaço - o tempo - o Criador incriado, que hoje os da Terra não podem compreender.

Mesmo em nosso mundo, à medida que desenvolvemos as faculdades de que já podemos dispor nele, descobrimos todos os dias os segredos de mistérios impenetráveis às passadas gerações.

Exemplo do que se passa na eternidade da progressão humana, são estes fatos da nossa existência ou de nossas existências terrestres.

A lei é esta:

O homem - o Espírito, vai desenvolvendo sua perfectibilidade pelo cultivo de suas faculdades - e à medida que sobe por esse esforço, vai tendo novas faculdades, que lhe cumpre cultivar; até que chegue ao derradeiro degrau de sua ascensão, em que despontarão as derradeiras faculdades, que serão as de conhecer os mais elevados segredos da criação, os que lhe foram, em sua longa série de existências, mistérios incompreensíveis.

Quando chegar a este ponto, de homem - da larva que descrevemos - do óvulo humano, não haverá senão a essência, mas tão pura e sublimada, que do nosso planeta - com as faculdades de que dispomos, não podemos fazer ideia aproximada.

E todos chegarão àquele ponto, porque idêntico é o destino humano para todos; só havendo diferença no tempo de cada um realizar sua transformação, porque isso depende da vontade de cada um.

47 (Nota do Organizador) Com letra maiúscula, e em seu sentido original, refere-se à fuga de Maomé de Meca para Medina, em 622 d. C. , ou ao início da era muçulmana. No seu sentido figurado, geralmente com letra minúscula, tornou-se sinônimo de fuga, êxodo. Parece-nos que aqui Dr. Bezerra a utilizou no sentido de trajetória, circuito, jornada... (Fonte: Dicionário Priberam online)

Deus nos dá os meios; nós os empregamos com diligência ou negligência, como praz ao nosso livre-arbítrio.

Max.

(Continua no domingo próximo).

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 15-07-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5598

Artigo XL: O PAIZ, 22.07.1888

VII. “A par da identidade de origem - da identidade de meios - e da identidade de destino, figura, na criação humana, a liberdade, que nos foi dada, plena para todos, de aperfeiçoar nossos instrumentos perfectíveis e de acelerar ou retardar nossa evolução, desde a condição de larvas até a de anjo”.

Se o Criador tivesse feito o homem perfectível, colocando-o tão baixo para ele subir tão alto, e não lhe tivesse dado a liberdade de dirigir-se nessa homérica luta contra todos os elementos de sua própria natureza e da natureza externa, que merecimento poderia ele fazer, de que lhe resultasse a satisfação moral, que é a felicidade do Espírito?

Nossa ascensão valeria tanto como a do balão que enchemos do preciso gás para que se eleve da terra às nuvens.

É, pois, a liberdade, a condição essencial da perfectibilidade humana e, pela perfectibilidade, da grandeza, da glória e da felicidade dos Espíritos que constituem a humanidade.

Sendo assim, compreende-se que a liberdade é um meio pelo qual o homem realiza o seu destino - e que, se o Senhor tivesse repartido desigualmente esse meio por seus filhos, não teria feito partilha justa, o que repugna à ideia da perfeição infinita.

Temos, portanto, o uso e gozo do precioso dom no mesmo grau e sem diferenças pessoais.

E não só temo-lo idêntico a todos, como temo-lo para todos pleno, sem restrições.

O homem é livre ao ponto de negar O que lhe deu a liberdade!

O homem é livre ao ponto de *conhecer o melhor e preferir o pior!* “*Vide meliora, pejora sequor*”⁴⁸.

A Igreja romana não entende assim.

À liberdade de progredirmos para a perfeição ela põe os estreitos limites de uma existência, que não é senão um ponto na eternidade!

Depois desta vida, que nem ao menos é igual para todos, ela fecha o ciclo da perfectibilidade, extingue o gozo da liberdade, definindo o destino eterno e imutável do ser humano!

O que vale a liberdade para o que não teve ocasião de usar dela - para o que morreu na primeira infância?

O que vale a liberdade para o que mais dela usou - para o que morreu depois de um século, se nesse tempo não pôde, nem é possível, dar à sua perfectibilidade todo o elastério⁴⁹?

Os dois casos, que apresentamos, provam a desigual distribuição do precioso dom - e consequentemente a injustiça da parte do Ser infinitamente perfeito!

E o que seria a perfectibilidade humana, se o homem não passasse do que sabe e do que sente na Terra o sábio - o santo?

Se é verdade o que ensina a Igreja: que o homem foi criado para a sociedade de Deus, melhor corte não pode ter o Rei dos reis do que os reis da Terra, sendo forçado a tirar seus escolhidos neste mundo, onde os mais adiantados e perfeitos apenas têm a intuição do verdadeiro saber e da verdadeira virtude.

Não, a Igreja não tem razão.

O progresso humano é infinito - e, portanto, a humana liberdade não tem limites, porque não há progresso sem liberdade.

Para realizar esse progresso, que mal ensaiamos na Terra, a vida da Terra é insuficiente e Deus nos concedeu o tempo na eternidade, tanto quanto cada um de nós precisaríamos e quisermos.

Somente - Ele nos toma conta desse tempo, para premiar o que dele faz bom uso, e punir o que faz uso mau.

48 (Nota do Organizador) Vide nota 42, capítulo XXXI.

49 (Nota do Organizador) Toda a sua elasticidade. (Fonte: Dicionário Priberam Online) Parece-nos que aqui Dr. Bezerra se serve do termo no sentido de “toda a sua potencialidade, possibilidade ou capacidade”.

E, pois, a criança que morre antes de exercitar sua liberdade, não fica privada desse dom, porque volverá à vida e às vidas, em que terá ampla ocasião de exercitá-lo.

E o que viveu um século e não deu grande impulso a seu aperfeiçoamento, ou por falta própria, ou por condições do meio em que viveu, terá milhões de séculos à sua disposição, para recuperar o tempo perdido.

Quem pode vacilar na preferência entre uma doutrina estreita – desanimadora - e odiosa, como a romana, que amesquinha o poder e o saber do Criador, e a doutrina espírita, ampla como o espaço sem fim - consoladora e santa como não há outra - que fala ao coração - fala à razão - fala à consciência - eleva a criatura até os pés do seu Criador - e representa o Onipotente, não como o senhor dominado de cólera e de vingança, mas como o pai clemente e amoroso, que é justo em sua misericórdia - e misericordioso em sua justiça?

A liberdade, que foi dada ao homem, justifica, em parte, o ensino blasfemo das penas eternas.

O Espírito pode afeioar-se ao Mal - e resistir às penas impostas à sua cegueira, por séculos de séculos - e, desse modo, usando de sua liberdade, fazer-se um condenado ao Inferno.

Alguns mesmo, acreditando no tremendo e imutável castigo eterno, que a Igreja lhe ensinou, atribuem a Deus seus sofrimentos - e, julgando-se irremissivelmente condenados, não curvam a cerviz - não imploram a misericórdia do Pai - vivem endurecidos.

Ninguém, porém, pode fugir a seu destino e esses endurecidos, ou reconhecem sua impotência para lutarem com Deus - ou se convencem da falsidade do ensino da Igreja - ou por outro qualquer motivo, dobram o joelho - e pedem graça.

Fazem tão livremente este ato de contrição, como foram livres em seu endurecimento - e o Pai é tão pronto em acolher o arrependido, como é inflexível em punir o endurecido.

Desde aquele momento, sai a alma do Inferno e vai para o Purgatório - deixa de sofrer o castigo e entra em expiação.

E nem o castigo teve outro fim senão corrigir - nem a expiação é imposta senão como meio de lavar a alma das culpas, para que possa subir ao terceiro círculo: aos mundos de *gozo* e de *bem-aventurança*, onde só penetram os Espíritos desmaterializados.

Pela liberdade, portanto, se descemos ao Inferno, temos o poder de sair dele - e de subirmos ao Céu.

É sempre tempo de renunciarmos ao Mal.

Max.

(Continua no próximo domingo).

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 22-07-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5630

Artigo XLI: O PAIZ, 29.07.1888

VIII. “O homem é o árbitro do seu destino, ou antes, de seu pronto ou lento aperfeiçoamento; donde a diversidade de condições humanas, a despeito da identidade de sua origem - de seus meios - e de seu destino”.

Este artigo é a continuação do passado, porque dizer que somos árbitros de nosso destino vale por dizer que somos plenamente livres em todos os atos de nossa evolução como Espíritos.

Não importa, porém, que recalquemos demais este terreno, em que assenta o majestoso edifício da nossa revelação.

Aproveitaremos, pois, bem ou mal cabido, este espaço, que se nos oferece, para respondermos a algumas objeções, que nos fazem os sectários do ortodoxismo.

A *primeira* é a que se refere à nossa vida na Terra como expiação de passadas faltas, sem consciência, entretanto, dessas faltas, que viemos expiar.

Nós vimos, com efeito, expiar passadas faltas; mas também vimos fazer provas.

Sendo assim, compreende-se que a memória dos castigos que nos trouxeram aquelas faltas, influiria sobre nossa liberdade.

Deus, querendo que os homens sejam realmente árbitros de seu destino, tira-lhes a memória de seu passado, para que, supondo-se pela primeira vez viventes, usem livremente de seu arbítrio, segundo a boa ou a má disposição de seu Espírito.

Que merecimento pode ser atribuído ao que não reincide na falta, por medo do castigo que já uma vez lhe ela acarretou?

O merecimento está em não cometer a falta pela pura consciência do dever de repeli-la.

Suponhamos um Espírito que foi na Terra um rei orgulhoso e perverso - e que voltou à Terra para expiar aquelas faltas, devendo encarnar em condições humildes e cercadas de todas as privações.

Se aquele Espírito soubesse que veio exercitar a humildade e a paciência resignada, sem o que voltaria a sofrer o que sofreu o orgulhoso e mau rei, certamente se resignaria à sua sorte; mas que prova daria?

Ignorando, porém, a graça que lhe foi concedida de uma nova existência corporal para resgatar seu negro passado, e fazer jus a brilhante futuro, ele receberá sua missão com a mais plena liberdade, desempenhando-a bem ou mal, conforme a sua boa ou má disposição.

Se falir, voltará a sofrer as penas da reincidência; se for fiel ao compromisso tomado com o Senhor, terá lavado suas máculas, fazendo assim prova de grande merecimento.

A *segunda* objeção é a que foi formulada por S. Jerônimo nestes termos: *se é verdadeira vossa doutrina, no fim de séculos viverão em sociedade Gabriel com Satanás - Paulo com Caifás - e as virgens com as prostitutas.*

S. Jerônimo, que aliás acreditava na remissão dos pecados pelo fogo, não compreendeu bem a opinião de Pomaco, a quem dirigiu aquelas palavras⁵⁰.

Quando Satanás - e Caifás - e as prostitutas chegarem às alturas de Gabriel - de Paulo - e das virgens, não serão mais os Espíritos atrasados, perversos e corrompidos, que foram; - serão, sim, Espíritos purificados por uma longa série de expiações e de provas; e portanto, dignos da sociedade de Gabriel, de Paulo e das virgens.

A *terceira* objeção é a dos que dizem: *se todos havemos de chegar ao destino marcado à humanidade, por que privarmo-nos, nesta vida, dos gozos que ela dá?*

50 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra cita aqui provavelmente um comentário de Jerônimo sobre Orígenes, feito em carta a seu discípulo Pomaco, conforme registrado em sua Epístola 84, Cap.7, Parágrafo 3, em *Epistulae 71-120 [CSEL], AD PAMMACHIUM ET OCEANUM*. Pomaco ou Pammachius (falecido em 409 dC) foi um senador romano, venerado como santo. Na juventude, frequentou as escolas de retórica com São Jerônimo. (Fonte: Wikipedia)

Ninguém, nem Deus, impõe a quem quer que seja que se prive dos gozos que dá a vida da Terra, pois que cada um procede segundo sua vontade.

Pode, pois, o que dá valor aos gozos materiais, tanto que prefere perder com eles o tempo que aproveitaria melhor em se preparar para os que são permitidos aos bons; pode esse engolfar-se nas delícias de Sodoma.

Daí, porém, resultará que terão, depois delas, a chuva de fogo que o calcinará.

O menos que pode acontecer a esses epicuristas, é retardar o progresso de seu Espírito; e, conseqüentemente, adiar o gozo da verdadeira felicidade.

Somos livres de fazê-lo, mas sofrendo as conseqüências.

A *quarta* objeção é tirada do progresso indefinido, *que não satisfaz a aspiração do Espírito.*

Surpreende ver o que se satisfaz com o progresso limitado ao curto prazo de uma existência terrestre, dizer que não satisfaz ao Espírito o que se desenvolve pelos séculos dos séculos!

É melhor conhecer o termo do progresso humano, quando este é o Inferno com suas penas eternas, do que não saber onde vai parar a alma humana no seu engrandecimento pela perfeição e pela felicidade!

Não serve, porque é indefinido, embora se deslize por entre flores e risos!

Serve, porque é definido, embora tendo por complemento um cárcere eterno, com choros e ranger de dentes!

Misera humanidade!!

A *quinta* objeção é a que combate a *ideia de vidas sucessivas como meio de expiação, quando no Espaço pode o Espírito expiar perfeitamente as faltas que comete na Terra.*

Já está prevenida e quase respondida essa objeção com as considerações que fizemos sobre a primeira.

A reencarnação não é somente um meio de expiação, senão principalmente um meio de provar.

Deus quis que o Espírito reparasse a falta nas mesmas condições em que a cometeu para lutar com as mesmas dificuldades - e merecer galardão, se triunfar.

Ora, tendo as nossas faltas sido cometidas na Terra, em grande parte devidas ao arrastamento da matéria, que grande

valor pode ter a expiação no Espaço aonde o Espírito não sente aquele arrastamento?

Deus é misericordioso, mas é também justo; e se o que querem, os que pugnam pela expiação no Espaço, é de alta misericórdia, evidentemente não é de justiça.

De justiça é pagar-se na mesma moeda em que se recebeu.
E só assim pode ter glória o que paga!

Max.

(Continua no domingo próximo).

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 29-07-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5658

Artigo XLII: O PAIZ, 05.08.1888

IX. “Sendo quase infinita a perfectibilidade humana, não é no curto espaço de uma vida que podemos realizá-la; donde a necessidade de tempo, à vontade de cada um, para fazer-se a prodigiosa transformação”.

Não há quem se convença seriamente, desde que reflita por um momento, que tudo quanto o homem pode dar de si, tanto em saber como em virtude, não passa - não pode passar do que vemos na Terra.

O maior dos nossos sábios é o que já pode reconhecer que tudo ignora - e o mais virtuoso e santo tem consciência de seus defeitos e confessa sua fraqueza.

A ciência marcha todos os dias, penetrando hoje os mistérios de ontem e tentando devassar nossos horizontes.

Quem ousará dizer: que a ciência humana chegou a seu apogeu?

Se, pois, o saber humano ainda não tocou seu mais alto grau, é líquido que a perfectibilidade humana não está plenamente desenvolvida por este lado.

Materialistas e espiritualistas não têm como fugir àquela conclusão.

Poder-se-á dizer: que a perfectibilidade é da espécie e não dos indivíduos, mas isto é contra a lógica e contra a observação.

Primeiro, assim como o gênero não pode ter caracteres que não lhe venham das espécies, assim estas nenhum podem conter, que não lhes venham dos indivíduos.

Se todos os homens não fossem mortais, o gênero humano não o seria.

A perfectibilidade, pois, é caráter ou qualidade de cada ser humano - e isto se verifica.

Segundo, poque vemos cada pessoa, sem exceção, desenvolver na vida suas faculdades, desde que tem uso da razão, até que morre.

Ora, se o homem é perfectível - e se nenhum ainda logrou, na Terra, a máxima perfectibilidade intelectual, que se define pelo máximo saber, que nos é dado alcançar; como só termos esta existência, no fim da qual entramos no estado imutável de justos ou de danados, sem mais possibilidade e sem necessidade de progresso?

Dado mesmo, que a maior perfectibilidade humana é a que adquirem nesta vida os maiores sábios, perguntaremos: e os que não chegaram àquele grau de saber ficam imperfectíveis?

A doutrina ortodoxa é forçada a dizer: sim - a confessar-se, portanto, ilógica, irracional e blasfema.

A doutrina espírita salva a lógica - salva a razão - salva a justiça de Deus, dizendo: não, não há privilégios nem exclusões.

Os que, nesta existência, não atingiram ao mais alto grau de saber da Terra, voltarão à vida para alcançá-lo - e voltarão tantas vezes quantas for preciso para alcançá-lo.

E esses mesmos sábios, que ainda não penetraram todos os arcanos da ciência, subirão a mundos mais adiantados, onde continuarão seu progresso, até chegarem ao maior grau que é dado à humanidade.

Se é assim - e se vemos a variedade quase infinita do saber humano, devemos ter por certo, porque é racional e justo, que não somente temos mais tempo de exercício do que este de nossa curta existência terrestre, como que temos, cada um, o tempo de que houvermos mister para nosso completo progresso.

A lei eterna, a este respeito, é admirável por sua sabedoria e equidade.

Dando ao homem o direito de gastar o tempo que quiser no desenvolvimento de sua perfectibilidade, o Senhor estabeleceu prêmios para os diligentes e penas para os retardatários.

Podemo-nos demorar quanto quisermos, mas sofrendo.

Desde que renunciemos à negligência, que nos prende ao atraso e ao Mal - e que empregamos nossas energias em progredir, começamos a gozar - e esse gozo vai aumentando na razão do progresso que fizermos.

Não pode haver lei mais sublime, como a não pode haver tão pífia e repulsiva como a do ortodoxismo.

Somos perfectíveis, mas só um ou outro chega à maior perfeição terrestre!

Somos perfectíveis, mas nossa perfectibilidade cessa com a vida, qualquer que seja o grau em que nos vem surpreender a morte!

Dizem-nos daí os sectários do obscurantismo: se Deus premiasse e castigasse pelo saber, terias razão; mas Deus premia e castiga pela virtude. O maior sábio vai para o Inferno, se não possuir virtudes - e o mais virtuoso vai para o Céu, se não possuir ciência.

Horror!

No Céu só se faz cabedal da virtude!

E para que nos Deus o Senhor a inteligência? O Espiritismo só admite perfeição quando se consorciam o saber e a virtude - e isto é que é razoável.

Ele não permite que entrem no Céu, isto é, que subam ao mundo dos puros Espíritos, senão os que tiverem alcançado a perfeição moral e intelectual.

Mas suponhamos que bastam as qualidades morais para felicidade de fazer parte da sociedade de Deus.

Acaso haverá homem sensato que possa admitir a virtude terrestre como suficiente para vivermos em sociedade com Deus - como o mais elevado grau da perfeição moral?

Muito fraca teria sido a concepção divina, se o homem pudesse subir a Deus somente com as virtudes colhidas na Terra, sempre mescladas de impurezas, por mais puras que nos pareçam.

Os nossos canonizados vão ser neófitos em mundos superiores - vão continuar sua purificação, até chegarem a puros Espíritos, sem nenhum resquício da primitiva fraqueza, completamente desmaterializados.

É somente quando têm chegado a esse grau de perfeição que se lhe pode atribuir a glória de fazerem parte da sociedade de Deus.

(Continua no domingo próximo).

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 05-08-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5691

Artigo XLIII: O PAIZ, 12.08.1888

X. “As múltiplas existências corpóreas, destinadas a lavar-nos numas as manchas de outras e a fazermos em cada uma, além daquela expiação do passado, provas de merecimento para o futuro, preenchem perfeitamente o vasto plano da evolução humana”.

Pelo sistema tacanho da vida única, temo-lo demonstrado à saciedade, acabam os homens em variadíssimos graus de desenvolvimento, tanto moral como intelectual.

Essa ordem de coisas fere de frente a justiça do Eterno, sem que lhe possa valer a escapatória de termos todos recebido a mais plena liberdade; pois que evidencia-se que nascemos com infinita variedade de disposições morais e intelectuais.

Como fazemos todos, no mesmo tempo (uma existência), a mesma obra, embora tenhamos o mesmo instrumento (liberdade), se não tivemos a mesma disposição nativa para aproveitarmos aquele instrumento?”

É clamoroso exigir de quem recebeu do Criador as faculdades de Platão o mesmo que do último dos hotentotes!

Não podemos, pois, sem blasfema irreverência, atribuir a Deus o plano de julgar definitivamente os homens, no fim de uma curta existência, pelo bom ou pelo mau uso que fizeram da liberdade, quando nascem uns com boas disposições, outros com ruins, para fazerem aquele uso.

Se nascemos para fazer toda a nossa evolução em uma só vida - nesta vida, o julgamento de nossas obras só poderia ter o caráter de justiça - e de justiça indefectível, sendo dadas a todos idênticas disposições.

Desde, porém, que tais disposições são variabilíssimas - e que nos são elas dadas com o nascimento, o que quer dizer, em ortodoxismo, que nos são dadas pelo Criador, temos que Este deu-nos forças desiguais e nos exige igual esforço!

A Doutrina da vida única não explica os fenômenos humanos senão de um modo comprometedor da Infinita Perfeição.

A doutrina espírita, digamos a revelação espírita, explica aqueles fenômenos consoantemente com a razão e com os excelentes atributos do Ser Perfeito.

Essa variedade de condições, com que entramos na vida, não é obra do Criador - é o resultado de nosso maior ou menor progresso feito nas anteriores existências.

As vidas são solidárias - e em cada uma somos o que merecemos por nossas obras passadas.

Quer dizer: que aquele que fez mau uso de sua liberdade, preparou as ruins condições em que volta à existência corpórea - e aquele que fez bom uso do inestimável dom, elaborou as boas disposições com que surge agora na vida.

“A cada um segundo suas obras”⁵¹, diz o Evangelho - e não há nada mais razoável e justo.

Ao nascer, gozamos de vantagens ou sofremos desvantagens, segundo nossas obras passadas.

Ao morrer, vamos gozar ou sofrer, segundo desempenhamos bem ou mal o compromisso que tomamos quando nos foi concedido reencarnar.

Isto é tão natural e justo, quanto é repulsivo à razão e à consciência o sistema ortodoxo!

As almas vêm à Terra, ou a outros mundos de expiação, remir o passado e preparar o futuro.

É, pois, esta vida um meio - duplo meio de aperfeiçoamento - de progresso, de evolução para nosso alto destino.

Provas e expiações, eis no que se resume a existência humana na Terra.

Aquele que sofre com resignação as dores e aflições, que são o nosso meio expiatório, faz provas e expiações completas.

Aquele que se revolta contra o meio purificador e deserta dos princípios eternos da salvação, ensinados ao mundo, faz provas e expiações negativas - e prepara para a futura existência tremendas condições, além das penas que tem de sofrer depois da morte.

51 (Nota do Organizador) Vide nota 25, Cap. XXIII.

Deus deixou-nos a plena liberdade de amá-lo ou de negá-lo, fórmulas resumidas do progresso ou do atraso dos Espíritos, síntese apurada do maior Bem e do maior Mal que podem afetar a natureza humana.

Deus, porém, não permite que fique impune a mínima falta - e não dá acesso na escala do progresso, que leva à felicidade, senão a quem tiver pago toda a sua dívida - senão a quem se tiver lavado de todas as impurezas.

É por isso que a humanidade terrestre apresenta tão variado aspecto, desde o perverso até o justo - desde o boçal até o sábio.

Cada um contrai a dívida que quer.

No fim, porém, o que foi mais temerário levará mais tempo a pagar em sofrimentos - e o que foi mais tímido levará menos tempo.

Todos, entretanto, hão de saldar sua conta - e o perverso e o boçal de hoje virão a ser amanhã justos e sábios.

Vemos o mau gozando venturas - e dizemos, no íntimo, onde a justiça de Deus? Vemos o bom sofrendo misérias - e fazemos a mesma interrogação.

Mal sabemos que o primeiro há de pagar em lágrimas o gozo que tem, porque é um infeliz que falhou à missão que trouxe - que está aumentando sua dívida em vez de amortizá-la.

Mal sabemos que o segundo há de ter fartas compensações, porque é um dos poucos que trabalham para pagar.

Não desesperemos, porém, porque ambos, um mais rapidamente, outro mais lentamente, hão de chegar à casa do Pai.

Se aquele perdeu esta existência, terá outra - terá tantas quantas for preciso para limpar-se de toda a mácula.

E um dia os dois distanciados de hoje serão equidistantes do Trono do Altíssimo, com a diferença de ter um deles subido ali por entre flores - e o outro por meio de espinhos.

Esta ordem de coisas, tão racional quanto sublime, preenche perfeitamente o vasto plano da evolução humana, plano digno da Perfeição Infinita!

Max.

(Continua no domingo próximo).

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 12-08-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5722

Artigo XLIV: O PAIZ, 19.08.1888

XI. “No fim de cada jornada da longa viagem prestamos contas - e recebemos o prêmio ou o castigo da nossa diligência ou da nossa desídia; mas num e noutro caso não paramos na marcha - e procuramos resgatar o Mal que fizemos e acrescentar o Bem que praticamos, mais diligenciando nas seguintes jornadas”.

Já temos dito e repetido, no correr deste ligeiro estudo, que o Espírito faz sua evolução através dos séculos, desde o estado de simples larva até o da maior perfeição e pureza, que corresponde ao que a Igreja chama anjos, tronos, dominações, virtudes, querubins, serafins e arcanjos.

Hoje apenas acentuaremos o modo como se faz essa transformação, aliás já esboçada nos precedentes artigos.

Nossa vida é composta de muitas vidas, que aqui chamamos jornadas.

Em cada uma destas jornadas temos por fim reparar as passadas faltas e avançar para o destino humano.

De cada existência corpórea prestamos contas depois da morte - e recebemos prêmio ou castigo, segundo desempenhamos bem ou mal a missão que trouxemos.

Esse julgamento, porém, não é definitivo, como pensa o ortodoxismo, fazendo injúria à justiça de Deus.

O julgamento *post mortem* não compreende senão as obras da vida que terminou.

É, se nos for lícito comparar, análogo ao exame do ano, em uma academia.

O bom estudante é aprovado - e o mau é reprovado, sem que terminem por tal julgamento a carreira que encetaram.

Nem o que sai aprovado fica dispensado de estudar os anos superiores - nem o reprovado é banido da academia, demorando apenas sua carreira pela repetição do ano.

Se, porém, empregar todas as suas forças, vencerá todos os anos - e chegará ao fim da carreira como o bom estudante.

Efetivamente, os Espíritos têm de subir uma longa escada, cujos degraus correspondem aos anos acadêmicos.

Para deixarem, porém, um degrau e subirem ao superior, têm de fazer suas provas, nas quais os que cumpriram sua missão são aprovados - e os que relaxaram são reprovados.

A diferença consiste unicamente em que os primeiros sobem rapidamente, ao passo que os segundos sobem com intervalos mais ou menos longos, conforme são reprovados uma ou mais vezes.

Dessa variedade de provas resulta a variedade de disposições com que nascemos - e destas a das disposições que manifestamos no correr da vida, porque as vidas são solidárias - e o mais atrasado numa, começará a seguinte no grau em que terminou aquela.

O julgamento, portanto, não eleva ao Céu, nem condena ao Inferno; mas serve simplesmente de animação aos diligentes e de correção aos retardatários.

Nem uns nem outros, porém, deixam de continuar a marcha progressiva para o destino marcado a todos.

Como então, perguntar-nos-ão, se explica essa diversidade de bons e maus, tendo sido todos criados em identidade de condições: *simples e ignorantes*?

Se somos criados simples e ignorantes, não conhecemos o Mal, que não existe para nós.

Há, pois, uma força estranha que nos arrasta para o ele, pois em nós existe a inocência.

E se há essa força estranha, que arrasta uns tantos, é que o Mal existe independente de nós - e não é obra de nossa natureza.

Deus, pois, criou o Espírito inocente - e criou ao mesmo tempo o Bem e o Mal.

Este é, portanto, criação de Deus e não do homem.

A Igreja, conduzida inconscientemente, confirma esta doutrina, estabelecendo a perpetuidade do Mal nesse Inferno que perdurará depois do fim do mundo, por todos os séculos, sem fim.

O Espiritismo, porém, repele-o, firmando o princípio de ser ele oriundo de nosso Espírito, como a lepra é oriunda do nosso corpo.

Se, tendo todos nascido em inocência e ignorância, uns se desviam, outros seguem o caminho reto, é porque passado o período inicial, e chegados ao desenvolvimento da razão e da vontade, nem todos fazem o mesmo uso dessas faculdades.

Se devêssemos ser sempre o que somos quando saímos das mãos do Criador, seríamos eternamente inocentes - nunca conheceríamos o Mal, mas também nunca seríamos livres e racionais.

Deus nos fez, porém, perfectíveis, isto é, impôs-nos o dever de desenvolver nossas faculdades intelectuais e afetivas.

É no modo por que fazemos esse desenvolvimento, que uns vão bem e outros vão mal.

E é porque há Espíritos que descuram do dever de se aperfeiçoarem, desobedecendo à lei de sua criação, que vem o Mal.

Podemos, pois, ter todos o mesmo estado inicial - e não termos todos o mesmo respeito pela lei, desde que temos razão e vontade.

Na vida terrestre temos o espelho da humana no infinito de sua evolução.

Todas as crianças nascem ignorantes e inocentes; mas não acaba nenhuma naquele estado.

Por que? Porque a criança, pelo seu desenvolvimento, chega ao ponto de adquirir a razão e a vontade.

E, desde que adquire essas faculdades, adquire opiniões diversas, diante das quais cada uma resolve diferentemente.

Eis por que os Espíritos criados em ignorância deixam de ser inocentes - e criam o Mal, fazendo o Mal, fazendo mau uso da sua liberdade em relação à grande Lei divina do desenvolvimento da perfectibilidade⁵².

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 19-08-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5758

52 (Nota do Organizador) Pensamos que vale a pena lembrar aqui duas citações importantes da Codificação Kardequiana relativas à origem do Mal: 1) "O mal não é obra tua, Senhor, porquanto o manancial de todo o bem nada de mau pode gerar. Somos nós mesmos que criamos o mal, infringindo as tuas leis e fazendo mau uso da liberdade que nos outorgaste" - Allan Kardec ("O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. 28, Subcapítulo I - Preces gerais, item 3 - Prece "Pai Nosso"); 2) "Deus somente quer o bem; só do homem procede o mal" - Allan Kardec - A Gênese, Cap. O Bem e o Mal, Cap.VIII).

Artigo XLV: O PAIZ, 26.08.1888

XII. “Enquanto há atraso, há mal no Espírito - e, enquanto há mal, não há felicidade”.

Atraso – Mal - e sofrimento exprimem relações tão íntimas, e logicamente ligadas, como progresso - Bem - e felicidade exprimem as relações opostas.

Vimos, no artigo passado, que o Mal é criação do homem - nasce no momento em que, tendo adquirido a razão e a vontade, usamos dessas faculdades em sentido oposto à lei do progresso, que é a grande - a eterna - e a imutável lei dos Espíritos.

Ora, o que usa de suas faculdades em sentido oposto à lei do progresso, isto é, o que não emprega todas as energias de sua vontade em apurar aquelas faculdades, intelectuais e afetivas, retarda sua marcha em relação ao que cumpre diligentemente aquele dever.

Logo o Mal é filho do atraso dos Espíritos, por ser esse atraso obra da sua vontade, e ferir de frente a lei posta pelo Criador.

Quem não empregar todos os meios a seu alcance para desenvolver sua intelectualidade e sua moralidade, fere de frente, em maior ou menor grau, a grande lei da criação humana.

E quem desrespeita a lei não pode deixar de sofrer sua sanção.

Portanto, o retardatário, isto é, o que não faz tudo o que pode por desenvolver sua perfectibilidade, peca contra seu Criador, que lhe impôs aquele único preceito, em que se revela o grande amor de pai - e, desde que peca, que cria mal em seu Espírito, tem forçosamente de sofrer a pena do transgressor da lei.

E eis como o atraso gera o Mal, e o Mal - pede expiação.

Deus não seria Deus, se, impondo um preceito à sua criatura, não tivesse estabelecido a repressão a toda e qualquer forma de desobediência.

Sofrer, pois, é consequência do Mal, como o Mal é consequência do atraso.

O Espírito que, desde o momento da criação, quer-se dizer: desde o momento em que deixou a inocência nativa, por ter naturalmente entrado no período evolutivo no qual surgem a razão e a vontade;

O Espírito que desde aquele momento marcha de acordo com a consciência, empregando inquebrantavelmente suas energias no desempenho do preceito divino, que lhe foi posto em seu próprio Bem;

Um tal Espírito não passa pelas vicissitudes que chamamos da natureza humana, quando a expressão real é da fraqueza humana.

Marchando sempre, quanto lhe permitem suas forças naturais, cumpriu sempre seu dever: progrediu.

Desde que progrediu sem cessar, fez incessantemente o Bem.

Fazendo incessantemente o Bem, nunca incorreu na sanção penal da eterna lei da humanidade.

Nunca deixou, portanto, de gozar felicidade.

Não há, portanto, como pensam alguns espíritas, queda da humanidade, isto é, que todos os Espíritos, criados em inocência, têm de passar pelo período do Mal com seus sofrimentos para depois se regenerarem e subirem ao reino dos felizes, ao mundo dos puros Espíritos⁵³.

53 (Nota do Organizador) Sobre o tema queda espiritual sugerimos o estudo das questões 121, 122 e 262 de “O Livro dos Espíritos”, bem como a do item 16 do Cap. III de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, que traz bela mensagem de Santo Agostinho. A chamada queda espiritual depende sempre do livre-arbítrio, e quem passa pela fileira do Mal o faz porque o quer. A encarnação em mundos materiais, de provas e expiações, é necessária apenas aos que se colocaram nessa necessidade. Sobre os Espíritos que seguem a sua evolução “em linha reta”, como o Cristo, lembramos também a leitura de “Os Quatro Evangelhos”, de Jean Baptiste Routaing, tomo I, item 56, e “O Consolador”, de Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, Q.243, entre outras. O melhor estudo surgido até hoje sobre a “queda”, que conhecemos, no entanto, encontramos nas obras do prof. Pietro Ubaldi, especialmente nos volumes “Deus e Universo” e “O Sistema”, que muito carinhosamente recomendamos aos que desejarem se aprofundar nesse estudo.

Não. Não passam todos pelo desfalecimento, senão aqueles que empregam mal sua vontade desde que deixam as faixas da inocência, que não é senão a ausência da razão ou da inteligência.

Esses anjos gloriosos, de que falam as lendas, são Espíritos que tiveram a virtude de seguir à risca a lei da criação humana, sem nunca desfalecerem.

Outro tanto podem fazer todos, porque o Pai deu a todos os mesmos predicados.

Se não o fazem, queixem-se unicamente de si - e sofram as duras consequências do mal que praticaram desobedecendo à lei.

É, pois, verdade que Deus não criou o Mal; tanto que há Espíritos que fazem sua evolução sem se contaminarem dele.

E é verdade que o Mal procede do próprio Espírito criado; tanto que os que não seguem invariavelmente a lei do progresso, se contaminam.

É justo, portanto, que o desobediente não goze a felicidade, que Deus deu por apanágio ao fiel executor de seu único preceito.

No princípio é que se define a sorte dos Espíritos em relação à sua evolução.

Aquele que desfaleceu logo ao sair do estado de ignorância, que supõe forçosamente o de inocência, criou o Mal, em que seu Espírito se embebe mais ou menos, e com o qual tem de gastar as forças, que são destinadas à sua evolução.

Esse, para livrar-se da lepra que lhe entorpece a marcha ascendente para o Bem, que dá a felicidade, precisa de longo tempo - de multiplicados esforços - de um tratamento, que lhe faz sofrer tanto ou mais que o próprio Mal.

À medida que vai-se limpando daquela lepra, vai-se sentindo mais robusto para a sublime ascensão.

Quando consegue, por dolorosas operações, limpar-se de todo, seu passo é firme e não mais retrógrado - e daí vai sempre - subir e sempre a gozar.

Enquanto somos dominados pelo mal que praticamos, não temos forças de procurar o Bem.

Essa força nos vem progressivamente, desde que fazemos propósito de renunciá-lo, até que chegamos ao ponto de não podermos mais recair.

Vamos, pois, ao destino humano, como os que seguiram sempre a linha reta; mas vamos seguindo desvios que nos alon-

gam quase infinitamente aquela linha: o caminho traçado a toda a humanidade.

O que seguiu a lei desde o princípio, foi se fortalecendo cada vez mais para segui-la, até o ponto de suas energias não comportarem mais fraquezas.

O que desprezou a lei, no princípio, em vez de fortalecer-se, enfraqueceu tanto que já lhe é preciso um sobre-esforço, para, no fim de séculos, ganhar o ponto de partida.

E por todos esses séculos - e por todos os que gastar em se curar até encontrar as forças de subir, levará a sofrer na medida de sua perversão.

O que é sublime é considerarmos que esses sofrimentos não são meios de vingança do Supremo Senhor, como ensina a Igreja, mas sim meios de purificação, pelos quais o Pai procura limpar e encaminhar o filho para o Bem - para a felicidade - para Ele, como ensina o Espiritismo.

Max.

(Continua no domingo próximo).

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 26-08-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5793

Artigo XLVI: O PAIZ, 02.09.1888

Chegamos ao termo do árduo estudo que empreendemos e que muito bem sabemos quanto está longe de ser obra digna de tão elevado assunto.

Cada um dá o que tem - e *Max* contenta-se com a consciência de sua boa vontade.

Venham outros, espíritos cultos, dar verniz às teses que foram por ele arranhadas.

Vamos, pois, concluir pela síntese da cosmogonia espírita, como terminamos o estudo da cosmogonia ortodoxa.

Por esta, o Universo é a Terra!

Um ponto no espaço concentra toda a luz - todo o movimento - toda a vida!

Além, o silêncio pavoroso - trevas da morte - deserto infinito!

Deus não teve poder nem saber para cultivar a vasta extensão de seus domínios!

Pela cosmogonia espírita, o Universo é a extensão ilimitada do espaço infinito.

Por toda vasta extensão, movimento - luz - e vida.

Ela é ocupada por infinito número de sistemas planetários, inferiores à Terra uns - outros superiores, em escala ascendente, até ao que serve de Sólido ao Eterno.

A cosmogonia ortodoxa, coerente com o plano mesquinho, que atribui ao Onisciente e Onipotente Criador, faz da Terra berço e túmulo da humanidade - e da vida terrena o único tempo de provas para os Espíritos, criados perfectíveis.

A cosmogonia espírita, devassando o plano majestoso do Criador, dá à humanidade milhões de berços, em mundos semeados pela imensidade - e fá-la percorrer, em sua eterna evolução,

para o pleno desenvolvimento de sua perfectibilidade, toda a infinidade de mundos, que como as areias do mar, comunicam a vida ao espaço - e proclamam incessantemente a glória do Supremo Senhor e Pai.

A criação do homem, que limitou-se a um único ser, num único ponto, segundo o ortodoxismo, o Espiritismo define por simples e sublime frase: Deus criou Espíritos de toda a eternidade - e criará por toda a eternidade.

Os Espíritos que o ortodoxismo é obrigado a confessar que nascem com variadíssimas disposições, o que acusa preferências e exclusão no Criador, o Espiritismo ensina que são todos criados em identidade de condições: simples - inocentes - ignorantes, ou por outra: tendo inicialmente as mesmas disposições.

O ortodoxismo, partindo da variedade de disposições ou de índoles, com que nascemos na Terra, vai terminar na diversidade absoluta e eterna dos justos e dos réprobos - do Céu e do Inferno.

Atribui, pois, a Deus a injustificável exigência do mesmo mérito da parte daqueles que vieram à vida como boas e com más disposições - e atribui-lhe ainda o triunfo do Mal, pelo castigo eterno.

O Espiritismo, partindo da identidade das condições originais dos Espíritos, vai terminar na identidade absoluta e eterna do destino de todos: a perfeição e a felicidade pelo saber e pela virtude.

Os Espíritos criados inocentes e ignorantes, e inocentes porque são ignorantes, vão desenvolvendo suas faculdades latentes, através dos séculos e de múltiplas existências, até chegarem ao saber e à virtude, que nós ainda mal compreendemos na Terra.

Em cada existência aproveitada por boas obras, sobem um degrau na escala da perfectibilidade - e em cada degrau que sobrem descortinam novas relações, para cuja compreensão desabrocham de seu ser faculdades novas, que tinham em si desde sua criação, porém que estavam latentes.

Assim, pois, a favor do desenvolvimento das faculdades adquiridas, sobem de grau na perfeição - e, subindo na perfeição, adquirem novas faculdades, que lhes cumpre desenvolver; até chegarem ao ponto de puros Espíritos - Espíritos angélicos, em que possuem a maior ciência e a maior virtude - em que têm, no maior grau de aperfeiçoamento, todas as faculdades concedidas ao ser humano para fazer sua excelsa transformação.

Todos os Espíritos são destinados à gloriosa desmaterialização, que produz aquela sublime transformação - e todos foram dotados dos meios necessários ao augusto fim; uns, porém, usando bem desses meios, realizam mais prontamente seu destino e mais prontamente gozam a felicidade - outros, usando mal deles, fazem a longa marcha lentamente e sofrendo as consequências de suas faltas, até se emendarem delas, - até apagá-las todas.

Todos, à medida que adquirem o maior saber e a maior virtude de um mundo, sobem a mundo superior, onde vão começar nova aprendizagem, até chegarem ao mais elevado; os que, porém, desfalecerem na subida, retardam a ascensão até que compreendam a grandeza de seu destino - se emendem - bebam forças em sua vontade - e ganhem o tempo perdido, curando seriamente de seu progresso.

Todos, pois, foram criados em *identidade* de condições - foram dotados de *idênticos* meios de realizarem seu destino - e tiveram *idêntico* destino, que é a suma perfeição e a suma felicidade humana.

No fim de cada existência, prestam contas de suas obras - e os que as fizeram boas, sobem - e os que as fizeram más, voltam a provas.

Aqueles são laureados na razão do progresso que têm feito - estes são punidos até que se arrependem e tomam caminho.

Os castigos, porém, não são eternos. Nenhum penetra no sombrio reino, em cuja porta se leia a terrífica inscrição dantesca. A pena é suspensa desde que surge o arrependimento - e daí a necessidade de uma nova existência corpórea, para prova da sinceridade daquele arrependimento - e para expiação das faltas que a produziram.

Ninguém sobe sem ter se lavado - purificado da mínima falta cometida; porque aos pés de Deus não chega senão o que pode vestir a túnica alva e roçagante dos Espíritos puros de mácula.

Exultemos diante desta cosmogonia, que nos apresenta o Criador como pai de justiça e de misericórdia - e que nos mostra a estrela de David alumando o caminho para a glorificação de todos os filhos.

Max.

(Continua no domingo próximo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 02-09-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5825

Artigo XLVII: O PAIZ, 09.09.1888

“Tempo virá , disse o Divino Mestre, em que, para se adorar a Deus, não será preciso ir a Jerusalém, nem ao monte Gerizim; mas todos os adorarão no templo de seus corações”⁵⁴.

Dizendo estas palavras à samaritana, o Senhor deu alto ensino à humanidade, como soia acontecer sempre que falava ou agia.

Filho do povo escolhido segundo a carne, Jesus referiu-se ao que entendia aquele povo: às suas duas seitas religiosas, que sacrificavam em Jerusalém e em Gerizim.

A respeito delas, é claro o pensamento de não repelir nenhuma; principalmente aferindo-se aquela sentença pelo padrão que dá o fato muito significativo de responder à samaritana: que não queria saber a que seita pertencia.

Jesus, pois, sagrou a liberdade de pensamento em matéria de religião, prometendo, ao mesmo tempo, a todos os cultos, uma época em que todos se fundirão no sublime culto de adoração ao Criador no grande templo da natureza - e do fundo do coração contrito e humilhado.

E é para notar uma importante circunstância.

Jesus era galileu - , e, portanto, daquela parte do povo hebreu que só reconhecia verdadeiro o culto no templo de Jerusalém, tendo na conta de cisma condenável o culto que tinha sua sede em Samaria.

Se, em tal circunstância, ele nivelava os dois cultos, que se repeliam de morte, ao ponto de pedir água à samaritana, como

54 (Nota do Organizador) Jo. 4:23.

não seria ele indulgente para com qualquer seita estranha que adorasse o verdadeiro Deus?

A Igreja romana, que se diz a Igreja de Jesus Cristo - e por ele instituída, não observa fielmente o Evangelho, pedindo e impondo sua supremacia sobre todas as seitas cristãs.

Sua lei exclui o que não adorar a Deus em Roma, quando o Divino Mestre não excluiu o que não sacrificava em Jerusalém!

Há perfeita antinomia entre o que sustenta a Igreja e o que ensinou seu Instituidor!

Roma tem hoje as mesmas pretensões de Jerusalém, mas as pretensões desta foram julgadas insubsistentes pelo Redentor!

Se a Igreja - se o clero católico querem merecer os foros de órgãos legítimos da verdadeira doutrina ensinada por Jesus Cristo, é preciso esquecer as pretensões do sacerdócio hebreu - e só se lembrar da lição que nos deu o Chefe da cristandade.

Tão certo e seguro é o caminho que segue o católico romano, ensina o Espiritismo, que não é senão o complemento do ensino de Jesus - e que interpreta os Evangelhos segundo o espírito e não pelas letras, como é certo e seguro o caminho que segue o adepto de qualquer seita; contanto que observe os dois mandamentos, que encerram - a lei e os profetas - como disse Jesus, isto é - *que ame a Deus sobre todas as coisas - e ao próximo como a si mesmo*⁵⁵.

A liberdade de pensamento - a liberdade de cultos é, consequentemente, um preceito divino, que os prejuízos de seita - da seita romana, têm empenhado tudo por fazer esquecido e repudiado dos poderes das nações.

Quando Jesus diz: tempo virá em que não será preciso ir a Jerusalém, nem ao monte Gerizim, para adorar a Deus, o que se apelida seu vigário diz em contrário: só em Jerusalém se pode adorar a Deus!

Quando Jesus diz: tempo virá em que se adorará a Deus no grande templo da natureza e do íntimo do coração, o que quer dizer: que cada um adorará a Deus, por si, sem precisar de um confessor, que o absolva por Deus, o vigário de Jesus diz em contrário: o papa *infallível*, ou a cúria romana, ou o clero católico, ou tudo isso junto, é e será eternamente a única condição para o fiel poder chegar a Deus!

55 (Nota do Organizador) Mc. 12: 28 e 29; Mt.22, 34-40.

O Espiritismo, impugnando em nome do Cristo tão estólida pretensão, ensina: que são chegados os tempos de cada um adorar a Deus por si, como foi prometido pelo Mártir do Gólgota.

Pouco importa a divisão de seitas; o essencial é que todas ensinem o amor de Deus e do próximo.

Desde que as diversas seitas cristãs e não cristãs executarem à risca aqueles dois mandamentos, todas são boas perante Deus - e, portanto, são iguais.

E é somente assim que se pode compreender - e que se hão de cumprir - as palavras proféticas de Jesus.

O clero católico, cego pelos interesses materiais, repele a unificação de todos os cultos num único culto: do mesmo modo como, pelas mesmas razões, o sacerdócio hebreu repelia a seita samaritana, que Jesus sagrou.

O mundo, porém, dirigido por um poder superior, não se desviará de sua elíptica, porque o clero católico opõe obstáculos à sua marcha, como não se afastou pela oposição do sacerdócio hebreu.

Chegaram os tempos anunciados: de acabarem os templos, para só haver um templo, não aqui ou ali, mas onde o homem quiser falar ao Pai do Céu em espírito e verdade.

O Espiritismo é o Batista da nova revelação, complementar da messiânica.

E aqueles que no senado brasileiro hastearam a bandeira da liberdade de consciência, creiam-no, fizeram-se cruzados da nova e sublime ordem de coisas.

E essas 11.000 senhoras, que se fizeram instrumentos inconscientes de pequeninos interesses mundanos, creiam-no igualmente, abraçam-se com a bandeira do obscurantismo, que o Espírito da Verdade, prometido por Jesus, fará rojar pelo pó em que se têm sepultado todos os falsos princípios, que têm inquinado a verdadeira religião.

A verdadeira religião ensina as verdades eternas para cada um praticá-las ou não, segundo sua vontade - segundo sua liberdade.

Só as obras dos homens precisam do apoio dos poderes humanos.

Se a Igreja está com a verdade de Deus, para que representações aos poderes da Terra?

Ela tem por si, em tal caso, a solene promessa de - não prevalecerem contra ela as portas do Inferno.

A Igreja considere bem quanto humilha a Deus pedindo aos homens o que Ele lhe garantiu!

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 09-09-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5859

Artigo XLVIII: O PAIZ, 18.09.1888

Se o estudo dos princípios que constituem a ciência espírita dá em resultado a convicção de ser essa ciência tão séria e verdadeira como a que decorre do Evangelho, nada mais natural do que desejar quem o fizer ter a prova experimental da verdade de tais princípios.

Se, pelo contrário, quem os estudou não teve aquela convicção, o que é natural é ter ficado em dúvida - e, ainda neste caso, a prova experimental é uma necessidade.

Em geral, não é lícito ao homem do nosso século, em que se têm produzido maravilhas capazes de fazerem riscar dos dicionários a palavra - impossível - abster-se da averiguação da verdade ou falsidade de uma ordem de fenômenos, que agitam milhões de consciências, começando por atrair a atenção dos mais distintos sábios do mundo.

Ao materialista, sobretudo, importa verificar a exatidão de tais fenômenos, porque, se o conseguir, terá a prova irrecusável da falsidade de sua doutrina.

Quem pode ter a certeza de possuir a verdade, enquanto não a tem colhida por provas experimentais?

E quem pode recusar fé aos fatos que se manifestam visíveis, tangíveis e auditivos?

Queiram os que não creem no Espiritismo descer do estudo dos princípios ao exame dos fatos, e sua dúvida, a sua repulsão, se desvanecerão, como o fumo ao sopro do vento.

Tomemos o materialista convencido - e o padre de verdadeira fé; os dois maiores adversários de nossa doutrina, não falando nos céticos que o são de tudo.

O que diria Buckner⁵⁶ se lhe fosse dado ver um homem sem instrução falar ou escrever sobre alta ciência, em língua desconhecida a ele e a quantos se achassem presentes?

Por mais aferrado que seja o grande vulto do materialismo aos princípios de sua escola, vacilaria diante de semelhante fato - e não teria senão uma hipótese a que se apegar, para manter-se no seu terreno já abalado: não será embuste? não traria aquele homem decorado o que disse ou escreveu?

É justa, confessemos, a dúvida naquele caso, porque infelizmente pode haver médiuns embusteiros, como houve falsos profetas, como charlatães científicos.

Mas o espinho mesmo dessa dúvida, que já seria a única válvula de segurança contra o descalabro das convicções do ilustre chefe materialista, deveria impeli-lo a aprofundar mais suas observações.

Se, neste empenho, lhe fosse dado ver o mesmo médium falar por seu pai ou por sua mãe, mortos, revelando segredos de família que lhe fosse impossível conhecer - e que nem ao menos estivessem mais na memória do famoso sábio?

Se a isto viesse unir-se a circunstância de um médium vidente dar-lhe o retrato fiel do Espírito que falou pelo outro, especificando sinais físicos que lhe era impossível inventar ou recordar; pois que supomos a experiência feita com médiuns que nunca viram em vida o que se lhes apresenta?

E, principalmente, se Buckner assistisse às experiências de Zöllner⁵⁷, um dos maiores vultos da ciência moderna - e que consistiram em pôr sob a ação de um médium uma lousa fechada a cadeado para colher o resultado de, abrindo-a, encontrar pensamentos escritos por mão invisível?

56 (Nota do Organizador) Friedrich Karl Christian Ludwig Büchner (29 de Março de 1824 – 1o de Maio de 1899) - Filósofo, escritor e médico alemão do século XIX. Foi partidário das ideias de Darwin sobre o materialismo das ciências naturais e defendeu o primado exclusivo da ciência como fonte de conhecimento sobre todas as formas de saber teológico e metafísico. (Fonte: Wikipedia)

57 (Nota do Organizador) Johann Karl Friedrich Zöllner (Berlim, 8 de novembro de 1834 — Leipzig, 25 de abril de 1882) - Astrônomo e Físico alemão. Membro da Royal Society, da Real Sociedade Astronômica de Londres, da Imperial Academia de Ciências Físicas e Naturais de Moscou e da Sociedade Científica de Estudos Psíquicos de Paris, além de membro honorário da Associação de Ciências Físicas de Frankfurt. (Fonte: Wikipedia)

O que diria o sábio materialista de tudo isto, a menos que seja um espírito que, por irrisão, se chama forte, capaz de resistir à evidência?

Certissimamente, o ilustre sábio confessaria: que os mortos não acabam de todo - e que a parte essencial de seu ser resiste à *lei do nada* criada pelos que, ou se temem de encontrar quem lhes tome contas da vida que levam folgada - ou sacrificam ao ídolo da vaidade por amor de glórias efêmeras!

Pois bem; dado o primeiro passo, o grande chefe da seita materialista seria arrastado a curvar a cabeça diante de mil outras provas da comunicação constante dos que se partiram desta vida com os que ainda nela purgam suas faltas.

E um brado de sua consciência, um *penitet*⁵⁸ de verdadeiro sábio, daria ao mundo ciência de sua abjuração - de sua conversão.

Quem verifica a sobrevivência de um ente amado e de mil outros, não pode mais ser materialista!

Aqui acode o padre, dizendo: é verdade que os mortos não se extinguem; porém, quem vem aos tais médiuns falar em nome deles, são os Espíritos infernais - é Satanás, é Belzebu, é o Espírito das trevas.

A questão não se altera para o materialista com a solução que lhe dá o padre.

Alma ou demônio, desde que um e outro não são seres materiais, aluem por seus fundamentos o edifício do materialismo.

Mas, em que se baseia o padre para afirmar que as comunicações que nos vêm do Espaço procedem do demônio?

Baseia-se na fé em sua doutrina? Mas é essa mesma doutrina que ensina - que a árvore se conhece pelo fruto⁵⁹.

Ora, os Espíritos que se comunicam conosco só nos recomendam o Bem: o amor de Deus e do próximo - a caridade - a imitação de Jesus. Logo, esses não podem ser demônios; ou não é seguro o meio que nos ensinou o Divino Mestre.

Conhecemos a evasiva que se emprega para responder a essa argumentação:

“O demônio ensina bonitas coisas para atrair as almas - e arrastá-las à perdição”.

58 (Nota do Organizador) Sua penitência, ou confissão de seu arrependimento.

59 (Nota do Organizador) Vide Mateus, 7:16 a 20 e 12:33, como também Lucas, 6:43-44 e Tiago 3:12, entre outras.

Mas, por Deus, como é que uma doutrina, baseada no amor e na caridade, pode arrastar à perdição?!

Se o padre fizesse o que pedimos ao materialista, se estudasse a doutrina espírita e descesse à sua prova experimental, seria forçado a reconhecer que o Espiritismo é o Cristianismo científico - e que os fatos das manifestações dos mortos derivam de uma lei sublime, que o Cristo não ensinou *por não ser oportuno*; mas prometeu mandar, em seu tempo, o Consolador para ensiná-la.

Não surpreende ao padre ver a rapidez com que o Espiritismo invade todos os povos, fazendo milhões de crentes em menos de 50 anos?

A obra do demônio não faria tal prodígio!

Anás e Caifás, preveni-vos contra a cegueira que mata a alma!

Max.

(Não saiu no domingo por motivo de força maior – N.R.)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 18.09.1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5903

Artigo XLXIX: O PAIZ, 23.09.1888

Quando consideramos o progresso que tem feito a humanidade, principalmente no século presente, esbarramos sempre diante de uma interrogação, a que procuramos responder de um modo conforme com a razão e coerente com a consciência.

Será possível que a ciência progrida e que a religião fique eternamente estacionária?

A esta grave interrogação responde o sentimento que bebemos nos ensinamentos da Igreja romana: a ciência que progride é a filha do Mal - obra maldita de Satanás, que gerou e alimenta o racionalismo ou livre pensamento. A verdadeira ciência - obra do Altíssimo, não progride, porque Jesus ensinou a última palavra - e nela estão contidos os princípios e meios de salvação.

Assim, pois, o progresso humano não obedece à lei do Criador, que já teve plena sanção na Terra; mas obedece ao pernicioso influxo do anjo das trevas!

Assim, pois, os filhos de Deus farão calar a razão - e alimentarão seu espírito unicamente da fé - passiva, mesmo no que for contrário à razão.

Imbuam-se os filhos dos homens nessas miragens, que já o sábio rei Salomão condenou por esta judiciosa sentença - vaidade das vaidades; tudo vaidade⁶⁰!

Confessemos, antes de mais, que imenso é o poder de Satanás, desde que o mundo marcha por sua impulsão, apesar do cravo que lhe pôs o Senhor, dando-lhe a última palavra do seu progresso!

60 (Nota do Organizador) Eclesiastes, 1:2.

E fique bem estabelecido, e firmado: que o maior sábio da Terra não vale uma unha do pé do mais humilde cultor das sagradas letras!

Laplace⁶¹, apesar de fiel cristão, estrebucha no Inferno, por ter aplicado às ciências profanas todas as energias de sua vasta intelectualidade!

Mas, por que não está no rol dos santos aquele Bórgia⁶², que tanto estudou as sagradas letras, que mereceu ser elevado à cadeira *infallível*?

Uma coisa pede a outra, ou não são tão opostas ciência e religião.

Nos momentos de concentração, em que a alma se desprende e se coloca em posição independente e assaz elevada para ver as coisas da vida, esbarramos sempre diante de outra interrogação, a que procuramos responder ainda de um modo conforme com a razão e coerente com a consciência.

O chefe da cristandade - os padres e doutores da Igreja terão razão impondo a fé passiva nos dogmas por eles definidos?

A esta gravíssima interrogação responde o sentimento inato com a alma, espécie de insinuação de seu anjo tutelar: tudo se rege na Terra e nos espaços por leis eternas e imutáveis, postas pelo Onipotente Criador. Uma folha que cai - o pó que se levanta ao sopro do vento - as ondas que se formam no seio dos mares - os mundos que se sustentam flutuando nos oceanos aéreos - tudo - tudo - desde o mínimo até o máximo, quer do mundo físico, quer do mundo moral, é obra de Deus - tem um fim - tem sua evolução.

61 (Nota do Organizador) Astrônomo e matemático francês, Marquês de Pierre Simon de Laplace nasceu na localidade de Beumont-en-Auge, Província da Normandia em 28 de março de 1749. Filho de um próspero fazendeiro, revelou um grande talento e perspicácia para a matemática enquanto estudava teologia na Universidade de Caen. Foi o mais influente dentre os cientistas franceses em toda a história. Sua reputação o tornou célebre e imortal, ficando conhecido como o "Newton francês". (Fonte: <http://www.fem.unicamp.br/~em313/paginas/person/laplace.htm>)

62 (Nota do Organizador) Alexandre VI, nascido Rodrigo de Borja (Espanhol) e mais conhecido por Rodrigo Borgia (Italiano) (Xativa, 1 de janeiro de 1431 - Roma, 18 de agosto de 1503) foi o 214.º papa da Igreja Católica, de 11 de agosto de 1492 até a data da sua morte. É certamente um dos papas mais controversos da história. (Fonte: Wikipedia)

Assim, pois, esse progresso espantoso que têm feito as ciências profanas, em nosso século, tem sido conforme às leis postas pelo Criador.

Se o demônio é o que dizem os sectários da mitologia da Igreja, o demônio deve espalhar trevas e não luz, para que seus laços não sejam vistos e reconhecidos.

Assim, pois, cultivar a inteligência é pronunciar-se contra aqueles laços, colocando-se em superiores condições de conhecer o Bem - de conhecer o Mal.

Confessemos, desde já, que por este modo de compreender a ordem universal, desaparece o poder que a Igreja confere a Satanás - e o homem se aproxima de Deus tanto mais quanto mais lúcida tem a inteligência, para reconhecer-lhe a infinita grandeza nos segredos que devassa de sua obra majestosa.

Laplace, o fiel cristão, teve certamente títulos de maior glória, pelo impulso que deu às ciências, do que Alexandre VI, o Bórgia, e mais algumas dezenas de sucessores de S. Pedro, pelo estudo das sagradas letras que lhes abriu o caminho do trono pontifício.

Enquanto a Igreja sustenta: que a fé passiva é a única condição de salvação - o Espiritismo proclama: que a razão nos foi dada para discernir a verdade do erro, como a consciência para dizer-nos o que é bom e o que é mau.

E a razão e a consciência nos dizem: que ciência e religião - saber e virtude, são os dois elementos da perfectibilidade humana, as duas asas em que a alma se firma para ascender à perfeição e à felicidade.

Se, pois, uma progride a olhos vistos, e segundo as leis eternas postas por Deus, que razão pode haver para sua irmã ficar estacionária?

Desde Abraão até Jesus a revelação religiosa foi progressiva - e progressiva na medida do desenvolvimento da intelectualidade humana.

Jesus, longe de dizer a última palavra, fez, pelo contrário, a promessa formal de mandar o Consolador ensinar, quando as pudéssemos compreender, as verdades que, em seu tempo, não nos pôde ensinar, por não termos a necessária compreensão.

A religião, portanto, tem acompanhado o progresso das ciências, que também nos são reveladas por Deus - por messias científicos - e há de acompanhar aquele progresso, até que o sa-

ber e a virtude tenham chegado ao maior grau que é dado ao Espírito alcançar.

É isto o que nos ensina o Espiritismo, fundado nas comunicações dos Espíritos superiores, que a Igreja qualifica de demônios.

Compare-se este ensino largo – luminoso - sublime, com o que nos impõe a Igreja: estreito – escuro - raquítico, e decida-se com qual deles está a verdade - qual deles é obra de Satanás, se houvesse fundamento para a crença em Satanás?

Aos que estão convencidos de que só é verdade o que nos ensina a Igreja, faremos aqui mais uma consideração:

O masdeísta também está convencido de que só é verdade o que ensina sua religião - e, como ele, o budista - o maometano - e o judeu.

Ninguém pode contestar a superioridade da religião cristã; mas o que é certo é que ela é progressiva - e ainda não chegou ao seu termo.

Ainda nos faltam as verdades prometidas por Jesus - e essas que o Espiritismo está divulgando têm o cunho das coisas divinas: exaltam os atributos de Deus.

Max.

(Continua no domingo próximo.)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 23-09-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5926

Artigo L: O PAIZ, 30.09.1888

A Igreja romana, cremo-lo piamente, está de boa fé, sustentando que na arca santa da religião que ensina não se encerram senão verdades emanadas do Céu.

Cremo-lo piamente, porque levamos à conta da cegueira humana um tal juízo da parte de quem julga interpretar a vontade de Deus, declarando-se *infallível* e batendo-se pelo *reino do mundo*.

Se, porém, a Igreja decreta, em pleno século das luzes, a infabilidade de um homem, o que vale por nomeá-lo deus, pois que só Deus é infalível, como querer impor seus preceitos à humanidade?

Aquele escândalo, que é ao mesmo tempo uma blasfêmia inventada pela Igreja, tira-lhe a força moral perante o bom senso universal, e coloca-a nas condições do mentiroso, que não é acreditado nem quando diz verdade.

Jesus, cuja vida - cujas palavras - e cujas obras a Igreja, com razão, oferece por modelo à humanidade, disse: *regnum meum non est ex hoc mundo* (o mundo não é o meu reino)⁶³.

Entretanto, o vigário de Jesus - o sucessor de S. Pedro, criou um reino neste mundo - e sendo atirado do trono, chora e trabalha por reergue-lo!

Que força pode ter tal autoridade quando nega seu instituidor, de quem somente lhe vem o poder?!

Temos conseguintemente o direito de dizer: a Igreja, apesar de ter se coberto com a infabilidade - e talvez principalmente por isso, é vítima da cegueira humana.

63 (Nota do Organizador) Jo.18:36.

Ela, pode, pois, enganar-se, quer quando julgue verdade divina um determinado princípio, quer quando condene outro princípio por herético.

Sua própria fé - fé passiva, é a causa principal de sua cegueira, se não é seu orgulho de atribuir-se o dom da infalibilidade.

As decretais da Santa Sé não podem ser o critério da verdade, em tempos em que a razão esclarecida já não pode recorrer ao verdadeiro e infalível critério, que é Deus - que são os atributos divinos.

Tudo que exalta as perfeições do Altíssimo, embora condenado pela Igreja, é infalivelmente verdade.

Tudo que o rebaixa ou fere aquelas perfeições, embora decretado pela Igreja, é infalivelmente falso.

A humanidade, pois, já tem felizmente o meio de conhecer a verdade e o erro - o Bem e o Mal, sem o concurso da Igreja, aferindo os diferentes princípios pelo critério absoluto da verdade e do Bem.

Este fato vem revelar bem claro: que a missão da Igreja romana está preenchida, como estava preenchida a do sacerdócio hebreu, quando chegou o tempo da revelação messiânica.

E a similitude dos dois casos revela ainda: que são chegados os tempos da mais ampla revelação prometida por Jesus Cristo.

A despeito do emperramento daquele sacerdócio, as novas ideias trazidas do Céu à Terra pelo Filho do Altíssimo, vingaram e esmagaram as víboras que se lhe opuseram.

A despeito do emperramento da Igreja, as novas ideias trazidas do Céu à Terra pelo prometido Consolador - Espírito da Verdade, hão de vingar - e esmagar os cegos, que não virem a luz.

O sacerdócio passou - a Igreja passará - e a humanidade adorará o Deus de amor - o Pai de misericórdia do íntimo de seu coração - no grandioso templo da natureza - sem outro intermediário que não seja Jesus, o Redentor.

Prepare-se a Igreja para não acabar ao menos como a Sinagoga, sacrificando à fé passiva as sublimes verdades que o Pai revela à razão.

Na arca santa, que tão desveladamente guarda, há princípios que nunca passarão - e há outros que já fizeram seu tempo.

Guarde-se de acabar abraçada com estes, quando Deus, em sua misericórdia, manda-lhe a luz, que faz ver a sua falsidade.

Desde o princípio, a religião se compõe de elementos divinos e humanos.

Isto é devido ao atraso dos homens, que não lhes permitia encarar a luz da verdade, sem os antolhos de seus preconceitos - de seus usos grosseiros - de seus costumes depravados - de seu materialismo enfim.

Se acompanharmos a marcha das revelações, reconheceremos que o elemento humano (sempre tido aliás, por divino) tem vindo desaparecendo, na medida da maior amplitude da nova revelação, ou - o que é equivalente, na medida do maior progresso intelectual e moral da humanidade.

Reconheceremos, pois, que a revelação mosaica, por exemplo, varreu da lei dada a Abraão princípios até ali julgados sagrados, mantendo, entretanto, por necessidade de atender às condições de atraso humano, outros princípios humanos, como o dente por dente - e o olho por olho, que foi a concessão para passar o princípio divino - ama ao próximo como a ti mesmo.

A revelação messiânica, aproveitando as condições humanas daquele tempo, certamente muito mais adiantadas que no de Moisés, varreu o dente por dente e quejandas ideias humanas tidas por divinas; mas não encontrou elementos no progresso humano para varrer todas as falsas verdades, que empanavam as verdades eternas.

Há, pois, na arca que a Igreja guarda, princípios falsos, que Jesus não pôde varrer, mas que, por isso mesmo, prometeu mandar fazê-lo pelo Consolador.

O Consolador vem completar a obra de Jesus, visto que não é senão o próprio Jesus em espírito.

Sua missão é ensinar aquelas verdades que Jesus não pôde revelar - e, por elas, limpar a arca das impurezas que ainda aí ficaram, recebendo as honras de verdades divinas.

O Consolador não impõe a fé passiva; mas exige que a razão humana, já bem esclarecida, sujeite os novos princípios ao critério absoluto - e aceite os que lhe forem conformes.

O novo princípio espírita da pluralidade de existências glorifica o Senhor - e lança por terra os castigos eternos - o Inferno com seus horrores - e esse demônio tão poderoso quanto Deus.

Max.

(Continua no domingo próximo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 30-09-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5956

Artigo LI: O PAIZ, 07.10.1888

O fato da mulher que abandonou o marido, depois de ser levada a uma sessão espírita, agitou singularmente a imprensa da corte, ocupando mais particularmente a crônica domingueira da *Gazeta de Notícias*.

Max entretém-se com o estudo dos princípios e das leis que os regem, evitando muito propositadamente as questões pessoais, que podem facilmente afastá-lo da trilha serena que tem seguido, arrastando-o a lutas que repugnam à sua natureza e à missão que se impôs.

Esse fato, porém, presta-se a considerações morais de ordem tal, que seria faltar a seu dever deixar que passasse despercebido - e, o que é pior, mal interpretado.

Uma mulher abandona o marido, ou porque é má, ou porque mau é o marido - e só as velhas da vizinhança se ocupam com tal acontecimento mais antigo que a Sé de Braga⁶⁴ - mais comum que o azeite e o vinagre.

Mas esta foi a uma sessão espírita! ... Morte e afronta ao Espiritismo!

Confessem os ilustres colegas, escritores em letra de caixão, que deixaram-se arrastar demais por juízos preconcebidos.

Inquiriram: se já estava aquela mulher desencaminhada quando, a contragosto do marido, foi à sessão?

Inquiriram: se, voltando daí, houve luta que a obrigasse a sair de casa?

64 (Nota do Organizador) A Igreja situa a existência dessa Sé desde o ano de 400dC. (Fonte: <https://www.diocese-braga.pt/arquidiocese/221/5918>)

Sem isso não se podia razoavelmente dar como causa do abandono do tálamo nupcial o fato de ter assistido a uma sessão de Espiritismo!

Admitamos, porém, que foi a tal sessão que fez a história.

Os ilustres colegas *in partibus*⁶⁵ sabem muito bem que a religião não deixa de ser santa por ser explorada pelos falsos profetas, assim como a ciência não deixa de ser acatada por ter em seu seio charlatães.

Os ilustres jornalistas verificaram: se as sessões a que foi a mulher, foram de verdadeiro Espiritismo?

Isso é capital para se arquitetar um julgamento baseado em justiça e verdade.

E por último: os ilustres jornalistas sabem o que é Espiritismo?

Surge uma ciência - uma filosofia - uma revelação, em suma; e não há por aí quem não fale sobre tal advento.

Quantos, porém, se dão ao trabalho de estudar os novos princípios, para julgá-los em teoria - e de submetê-los à prova experimental, para julgá-los segundo a *última ratio*⁶⁶ do nosso tempo?

Nenhum dos nossos jornalistas conhece Espiritismo senão por leituras superficiais, que lhes dão dele ideias falsas e ridículas.

Qual foi, dentre tantos talentos distintos, o que procurou imitar William Crookes, o primeiro sábio de nosso tempo - Zoëllner, o afamado sábio alemão - e, podemos dizê-lo, todas as grandes cabeças do mundo civilizado?

O Espiritismo ocupa seriamente a atenção dos sábios da Inglaterra - da França - Bélgica - da Alemanha - da Rússia - da Itália - da Espanha - dos Estados Unidos - da República Argentina - do mundo; aqui no Brasil, porém, é coisa *de levar ao hospício, passando pelo ridículo!*

Como filosofia racional, não tem rival - como filosofia moral, é idêntica à de Jesus - como filosofia científica, revela um mundo

63 (Nota do Organizador) "Nas regiões dos infiéis". Diz-se do prelado designado aos países de missão, sem residência fixa". (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br) Dr. Bezerra parece servir-se do termo para referir-se àqueles que não creem, aos agnósticos ou ateus, sem qualquer contato com a religião.

66 (Nota do Organizador) "Última razão. Argumento decisivo e terminante". (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

novo; mas para os nossos sábios só os loucos e os imbecis podem perder tempo com ele!!!

Admirou-nos, deveras, a coragem do redator-chefe da *Cidade do Rio*, quando disse, em artigo de fundo: que a filosofia espírita era a mais lata e perfeita das concepções humanas.

Esse espírito, porém, apesar de superior às fraquezas de nossa sociedade ilustrada, com certeza não quis ainda perder *um ano* de experiências com a *verificação material* da verdade dos princípios cardeais do Espiritismo.

Um ano de trabalho para descobrir-se um mundo novo, quando se têm gasto séculos para se arrancar do ignoto uma simples lei, a que se prendia uma ordem de fenômenos inexplicáveis!

Não parece singular aos nossos sábios esta insistência dos espíritas em lhes pedirem que estudem - que examinem - que experimentem seus princípios fundamentais?!

Os embusteiros e charlatães pedirem exame de sua doutrina!

Venham os sábios dizer: se ela não é conforme com a ciência!

Venham os representantes da religião dizer: se ela não é conforme com o Evangelho, segundo o espírito, que não segundo a letra!

Luz - muita luz - torrentes de luz sobre a obra que não tem autor conhecido, mas que vai dominando o mundo inteiro!

O autor da revista domingueira da *Gazeta de Notícias*, apreciando o fato da mulher que deixou o marido, levantou severa acusação sobre médicos que se fazem anteparo de receitistas espíritas.

O que diria o ilustre colega, cuja nobreza d'alma conhecemos, se visse um médico, convencido, por *milhares* de experiências materiais, da verdade dessa mediunidade curadora, que se recusasse a dar testemunho de sua crença, pelo receio de cair no ridículo?

O que diria, principalmente, se o visse praticar assim, quando de sua abstenção vergonhosa resultasse o encerramento de um consultório, onde se dão remédios *gratuitamente* e mensalmente a 1.500 e 1.600 pobres?

Por que não procura o ilustre colega verificar: se, com efeito, pode-se curar mediunicamente; observando pessoalmente o resultado desse trabalho, ou examinando a estatística da medicina mediúnica?

Se quiser dar-se a esse trabalho, com certeza não acusará mais aqueles seus colegas, que, convencidos da mediunidade curadora, prestam seu apoio a um serviço de pura caridade.

Afirmamos ao ilustre redator da revista: que esses médicos, a quem se referiu, não tiram do apoio que prestam, vantagens de *um real* - e que nem ao menos concorrem para defraudarem seus colegas, na clínica civil, pois que esses 1.500 ou 1.600 doentes mensais, são pobres, que não lhes poderiam pagar.

O Espiritismo está tirando os ossos da clínica oficial.

Max.

(Continua no domingo próximo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 07-10-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5989

Artigo LII: O PAIZ, 14.10.1888

O clero não resiste à evidência da comunicação dos Espíritos; mesmo porque seria estultice negar o que todos podem ver a qualquer hora.

O clero, porém, diz que é Satanás quem se comunica, tomando as formas das pessoas mortas, que nos aparecem.

Será verdade que Satanás é quem vem a nós, em nome dos mais elevados Espíritos, dizer-nos palavras de salvação - combater todas as paixões - recomendar todas as virtudes, de que Jesus é o modelo?

Será verdade que Satanás é quem vem a nós, sob nomes de Espíritos sofredores, pedir-nos preces ao Pai de amor e de misericórdia, para que suas culpas lhes sejam perdoadas?

Suponhamos que tudo isso é artimanha do Tinhoso, como garantiu, de púlpito, o nosso ilustrado e bondoso diocesano.

Max, propõe ao clero e a S. Exma. Revma. uma dúvida, cuja solução seria uma grande esmola à parte de suas ovelhas que desgarraram pelo Espiritismo.

É um quadro, apreciado por mestre, do Inferno com suas penas eternas - e da cruz com as suas glórias sem fim; ou melhor é a comparação do reino do Bem com o reino do Mal, feita segundo os rigorosos princípios da doutrina de Jesus Cristo.

Como sabe o clero, e como sabe S. Exa. Revma., o amor e a caridade são a essência daquela divina doutrina.

Jesus levou a lei do – ama a teu próximo como a ti mesmo – ao extremo admiravelmente sublime do – ama a teu inimigo - e faz Bem a quem te odeia.

No amor de Deus e no amor do próximo se encerram todos os divinos mandamentos.

Deus, pois, quer que, sobretudo, amemos ao nosso semelhante - e é sobre esse princípio que assenta toda a moral divina.

Agora o nosso quadro.

Uma mãe extremosa vai para o Céu, ao passo que o filho amado vai para o Inferno.

Aquele sensível coração vê, estorcendo-se nas dores, que não têm fim, o ente a quem mais amou na Terra - e nem sequer pode nutrir a esperança de que o horroroso suplício tenha um termo.

Qual deve ser o estado moral daquela alma bem-aventurada?

Sofre com os sofrimentos do ente amado? Então o Céu não é a habitação das delícias - e aquela alma, apesar de lá se achar, é tão feliz como a mãe que vê supliciar um filho na Terra!

Fica indiferente aos sofrimentos do ente amado? Então esse amor, que é a pedra angular de toda a religião ensinada à Terra, não é essencial no Céu!

Pode-se ser bem-aventurado, sem se amar o próximo - sem se ter compaixão de suas misérias - sem caridade!

Não é realmente esta a relação que existe entre os habitantes do Céu e os do Inferno?

Ou conturbação diante das torturas sem nome que sofrem os condenados - ou indiferença, como ninguém tem diante dos sofrimentos do mais vil dos animais!

Dizei, vós que exaltais a lenda de Satanás e do Inferno com suas penas eternas, como podeis conciliar a glória dos bem-aventurados com a moral que ensinais em nome de Jesus Cristo?

Que Deus é o vosso, que exige da humanidade um certo predicado, para poder abrir-lhe as portas da sua glória - e, mal tem suas criaturas recolhidas ao Paraíso de eternas felicidades, arranca-lhes da alma esse predicado?!

Que Céu é o vosso, que ou não garante a paz ao espírito, ou só lha garante com a condição dele não ter compaixão nem caridade pelos desgraçados?

Concordai em uma coisa: há peças demais no vosso maqui-nismo.

E quereis ver como essas peças são: o tal Satanás - o Inferno - e as penas eternas?

Atendei para o mesmo quadro com as alterações do Espiritismo.

A mãe morre e vai gozar o prêmio de suas boas obras, ao passo que o filho querido sofre os rigorosos castigos que merece por suas obras más.

Nada perturba a paz do Espírito bem-aventurado!

Ele sabe que o sofrimento do amado ente é meio de purificá-lo para a felicidade - é o remédio contra o Mal que o torna desgraçado.

Ele sabe mais que, além de ser purificador, o castigo é temporário.

Sente que o filho tenha incorrido em faltas que precisem de tão duro tratamento; mas folga de saber que será curado - e que da cura procederá a maior felicidade.

Aqui o reino do Bem, ou o Céu, pode enfrentar com o reino do Mal, ou o Inferno, sem que se alterem levemente os princípios da sublime moral de Jesus Cristo.

Compreende-se, aqui, a Deus cercado de todos os infinitos atributos da perfeição, que atraem o amor de todos os seus filhos.

Comparai os dois quadros - e, se fordes capazes, sustentai o que vos oferece a Igreja Romana, firmada em falsos conceitos, que já é tempo de eliminar de seu arquivo.

O Inferno torna impossível o Céu - e Satanás destrona a Deus!...

Deixe, pois, o clero, e deixe S. Exa. Revma., a ideia de ser o demônio que vem falar conosco, sob a forma de alguma pessoa, que já passou desta vida.

A comunicação dos Espíritos é tão verdade com o emperramento do clero e de S Exa. Revma., que preferem ser esmagados pela verdade, como foi o sacerdócio hebreu, a procurarem simplesmente conhecer as razões e as provas do Espiritismo.

E entretanto ele foi prometido pelo Cristo!

Max.

(Continua no domingo próximo).

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 14-10-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6023

Artigo LIII: O PAIZ, 21.10.1888

No “*Resumo da História Sagrada*” de M.Edom⁶⁷, adotado no imperial colégio de Pedro II e nas escolas municipais da corte, senão nas do governo, lê-se⁶⁸:

“...ora, tendo, um dia os filhos de Deus se apresentado diante do Senhor, também Satanás estava entre eles.

“O Senhor disse-lhe: De onde vens?

“Ele respondeu: venho de percorrer a Terra toda.

“O Senhor perguntou: Não prestastes atenção ao meu servo Jó, que não tem igual sobre a Terra, é um homem simples e reto, temente a Deus e avesso ao mal?

“Satanás respondeu ao Senhor: Não protegeste a ele, sua casa, e seus bens? E quanto ele possui não prospera na Terra? Estendei, porém, vossa mão, fazei-a pesar sobre o que é dele e vereis se ele maldirá de vós ou não.

“O Senhor respondeu a Satanás: “Vai, dispõe de tudo o que é dele, mas proíbo-te que lhe toques.

67 (Nota do Organizador) “Histoire Sainte Abrégée précédée de l'Analyse des livres saints suivie de l'Histoire des Juifs jusqu'à leur dispersion et de l'Histoire de la Palestine jusqu'à nos jours” par M ÉDoM inspecteur de l'Académie de Caen 1 vol in 18 de 228 pages chez Dezobry et Magdeleine prix 75 c. Publicada no Brasil por Serafim José Alves Editor, Rua Sete de Setembro 83, como “Resumo da História Sagrada, precedido da análise dos livros santos, seguido da história dos judeus até a sua dispersão da história da Palestina até aos nossos dias”, por EDOM, traduzida da última edição francesa e ornada de magníficas gravuras, I Vol., nitidamente impresso, com 244 páginas e elegantemente encadernado”, conforme a publicidade da época.

68 (Nota do Organizador) Essa passagem é uma transcrição dos versículos 6 a 12 do 1º. Capítulo do “Livro de Jó”, primeiro dos livros poéticos do Antigo Testamento.

“E Satanás retirou-se da presença do Senhor”.

Custa crer que em coisas tão elevadas, quando se trata de Deus, se possa descer até o ridículo, envolvendo nele a Divindade!

A Igreja representa Satanás como o inimigo de Deus, repellido do Céu pelo Senhor, contra o qual levantou guerra terrível, felizmente para o Eterno, decidida em seu favor.

Entre Deus e Satanás *si vera est fama*⁶⁹, tornou-se impossível qualquer espécie de relações, salvo se Deus é um desses seres pavorrentos, que não se amofinam com coisa alguma - e que, no fim de alguns dias, dão a mão a quem lhes cuspiu a maior injúria.

Se Deus não é assim meio sem-vergonha, é de confessar que a conversa acima transcrita, entre o Senhor e o servo traidor - entre o Criador e a criatura rebelde - entre o Bem e o Mal, além de ser um paradoxo é uma blasfêmia.

Transuda ali uma intimidade entre Deus e Satanás que a razão - a consciência - que o simples bom-senso repelem com indignação.

Deus descer a falar com Satanás!

A Igreja, entretanto, aceita isso - e permite que com isto se envenene a razão infantil, sem dúvida para gravar bem na consciência humana a existência de Satanás.

Parece que é questão de honra para a Igreja manter inabalável a crença no anjo do Mal, que há de vir a ser a sombra de *nove* décimos da humanidade.

Não se tema dele, que não é tão mau como pintam - tema-se antes de fazer Deus representar o ridículo papel que lhe empresta no trecho citado do *Resumo da História Sagrada*.

Que edificante instrução religiosa!

O Senhor combina com o demônio um plano de pôr à prova a fidelidade de Jó - e este excelente homem sofre horrores, só para o demônio ficar certo de que sua fidelidade não é interesseira!

Não se sabe como distinguir, neste episódio, o caráter divino de um dos personagens, do caráter perverso do outro; tanto os dois se confundem!

Se este é o ensino salvador que a Igreja oferece às almas fiéis, livre-nos Deus de ser do número delas.

69 (Nota do Organizador) “Se é verdadeiro o que dizem”. (Fonte: Dicionário Latim-Português: Termos e Expressões editado por Jair Lot Vieira) Essa expressão parece ter sido inspirada em Virgílio (IV Geórgica) e ficou famosa por ter sido inserida no epitáfio de D. Sebastião, Rei de Portugal, que teve morte “controversa”...

Nós preferimos a doutrina cristã, que a Igreja contesta segundo a letra, mas nós entendemo-lo segundo o espírito, que não autoriza estas e outras irreverências, mesmo porque ela não dá fundamento para a lenda dos anjos rebeldes e para as conseqüentes penas eternas.

Esse dogma, que o Espiritismo demonstra ser completamente imaginário, diz Lamennais⁷⁰ em uma comunicação a J. Rose: “é ímpio e blasfemo. É a mais fecunda fonte de incredulidade - do materialismo - do ceticismo - e da indiferença, que tem invadido as massas, desde que a Inteligência começou a desenvolver-se.

“De fato, o Espírito, mal começa a ver claro, descobre logo a monstruosa injustiça - e é coisa muito natural confundir em sua indignação a pena que o revolta e o Deus a quem é atribuída.

“...As autoridades em que se possam apoiar os defensores desse dogma fatal, têm todas evitado pronunciarem-se formalmente.

“Nem os concílios - nem os padres da Igreja, ousaram jamais decidir esta grave questão.

“Se nos evangelhos, entendidos ao pé da letra, lemos as palavras emblemáticas do Cristo, ameaçando os culpados com um

70 (Nota do Organizador) Hughes Félicité Robert de Lamennais (1782 - 1854), filósofo e escritor político francês, com grande influência na história da igreja católica francesa. Como espírito colaborou intensamente na Codificação Espírita e se comunicou nas reuniões da “Sociedade Espírita de Paris” – há dezenas de mensagens suas nas obras de Kardec e na Revista Espírita. Não localizamos com exatidão a que comunicação entre Lamennais e J. Rose se refere Dr. Bezerra, mas encontramos na obra do padre e teólogo anglicano Hugh James Rose (1795–1838) – “Brief Remarks on the Dispositions towards Christianity”, de 1830 (“Breves comentários sobre as controvérsias em torno do Cristianismo”, em tradução livre, nossa) – à página 45, uma clara citação sobre Lamennais e sua crítica ao Catolicismo de então: “O abade de la Mennais, um escritor brilhante, mas imoderado, tem um capítulo de considerável habilidade sobre este ponto. É o primeiro de seu ensaio sobre a indiferença em matéria de religião. Pode haver pouca necessidade de proteger o leitor contra as visões de M de la Mennais quando neste mesmo capítulo, o melhor que penso de tudo o que li, ele afirma que a Europa estava avançando à perfeição sob sua igreja quando seu progresso foi freiado pela Reforma” (tradução livre nossa – conferir no texto original: “The Abbé de la Mennais a brilliant but intemperate writer has a chapter of considerable ability on this point It is the first of his Essai sur l'indifférence en matière de la Religion There can be little need to guard the reader against M de la Mennais's views when in this very chapter the ablest I think of all which I have read he maintains that Europe was advancing to perfection under his church when its progress was checked by the Reformation”).

fogo que não se extingue - com um fogo eterno, nada absolutamente há nessas palavras que prove a condenação eterna”.

Há com efeito o fogo eterno, que serve de mero purificador, que Bossuet⁷¹ diz: gozar-se do pecado e requeimar quem pratica o mal; mas de passar o pecador por esse fogo, que, seja dito já, não é fogo físico, não se pode de modo algum concluir que fique nele eternamente.

Uma fonte d'água medicinal pode-se dizer eterna, porque jorra constantemente; mas de se mandarem os doentes para essas fontes eternas, não se pode inferir que cada um deles - e consequentemente todos eles, fiquem aí mergulhados para sempre.

O Cristo falou das penas que são eternas, em si, mas não disse que os condenados ficariam sujeitos a elas eternamente.

O Espiritismo demonstrando a pluralidade de existências d'alma, destrói por seus fundamentos o ímpio dogma que, no dizer de Lamennais e na consciência universal, compromete o Altíssimo e é a principal causa do materialismo e do ateísmo.

Não é conforme a Doutrina Espírita a Parábola do Filho Pródigo que Jesus ensinou para que soubéssemos que em todo o tempo, quem renuncia ao mal, acha aberta a porta do Pai?

Como é doce essa crença - e como é desesperadora a de que faz garbo e ostentação a Igreja romana!

Max.

(Continua no domingo próximo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 21-10-1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6059

71 Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704) bispo e teólogo francês. Não identificamos aqui exatamente a que obra sua Dr. Bezerra se refere, mas há diversas ligadas ao tema da morte e do Inferno, conforme se apresenta em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques-B%C3%A9nigne_Bossuet .

Artigo LIV: O PAIZ, 28.10.1888

O espírito de sistema é o mais ferrenho inimigo - a mais ingente barreira levantada contra a marcha do progresso.

Deus permite que tais barreiras tolham as correntes de luz, para que a humanidade conquiste o pão da alma como o do corpo, lutando e vencendo.

Quando se fizeram as primeiras descobertas do magnetismo animal - quando Mesmer anunciou os milagres que fazia, o espírito de sistema levantou-se hisurto contra as charlatânicas pretensões.

Os próprios sábios da Academia Francesa votaram à execração o nome de Mesmer.

Correram, porém, os tempos - e o mesmerismo, com o nome mudado em hipnotismo⁷², recebeu da gente sábia os direitos de cidade na ciência.

Não faremos, neste ligeiro trabalho o histórico das descobertas, sempre combatidas antes de serem aceitas, porque nosso fim não é geral - é particular.

João Huss⁷³ arranca das trevas da ignorância a ideia da pluralidade de existências e da comunicação dos Espíritos - e João Huss é condenado à fogueira.

72 (Nota do Organizador) A edição original trouxe aqui o termo magnetismo, mas o restante do artigo refere-se o tempo todo ao hipnotismo. A correção foi feita na publicação da Edicel, e decidimos mantê-la, por entender que harmoniza o parágrafo com o restante do texto de Dr. Bezerra.

73 (Nota do Organizador) Célebre pensador, sacerdote e reformador tcheco, nascido no ano de 1369,1 em Husinec (hoje República Tcheca), e desencarnado a 6 de julho de 1415, Constança, Alemanha, queimado vivo em praça pública. É considerado um dos precursores da Reforma Protestante. Há diversas evidências de ter sido Allan Kardec a reencarnação de Jan Huss. Vide a respeito

Correm, porém, os tempos - e o hussismo, com o nome mudado em Espiritismo, vai avassalando o mundo, recebendo a sua sagração das mãos dos maiores sábios de nosso tempo.

Aqui, o espírito de sistema ainda não arvorou bandeira completamente, como no caso do magnetismo.

Aqui, ainda há uma grande classe de sábios sistemáticos, que repelem a coisa pela coisa, sem se dignarem descer ao seu estudo - recusando observar e experimentar.

A onda, porém, sobe tanto e tanto, que suas vozes já são abafadas pelo coro dos *milhões* de crentes, que proclamam as verdades do Espiritismo.

Se quiséssemos deixar à ação do tempo a consagração da sublime doutrina, que é a um tempo moral e científica - que prova a exatidão de seus dogmas morais pelos processos experimentais da ciência positivista, nada perdia com isso a causa da verdade, que é também a da humanidade.

Nosso fim, porém, escrevendo estes artigos, é abrir os olhos aos cegos, porque não acabem nas trevas - e isto não é coisa se que se deixe ao tempo.

Os que escarnecem do Espiritismo - e aproveitam, para atacá-lo, não a doutrina mas as práticas charlatânicas de alguns desvairados, conformam-se perfeitamente com o hipnotismo, do mesmo modo como aceitam o magnetismo tendo repellido o mesmerismo.

São os meios da transação do espírito de sistema sitiado pela verdade.

Mudem o nome, se querem que eu confesse a verdade da coisa!

O Espiritismo já ganhou muitos inimigos do hussismo - e o hipnotismo arrebanhará o resto.

Enganam-se, porém, os que pensam que hussismo e Espiritismo hão de entrar no templo para se batizarem com o nome de hipnotismo.

O Espiritismo é o nome próprio da doutrina de que João Huss foi precursor e de que Charcot⁷⁴ é inconsciente apóstolo.

substancioso artigo do confrade Enrique Eliseo Baldovino, publicado na edição de Setembro de 2015 de O Reformador, revista da Federação Espírita Brasileira. Dr. Bezerra antecipa, aqui neste artigo, intuitivamente, a percepção dessa "conexão forte", digamos assim, entre hussismo e Espiritismo...

74 (Nota do Organizador) Jean-Martin Charcot (1825 - 1893) Médico e cientis-

Hussismo e hipnotismo não são senão Espiritismo.

Não é que façamos questão de nome; mas é que os fenômenos hipnóticos que os neo-sábios pretendem explicar pelas forças da matéria, se fossem como tais cobertos com o nome de Espiritismo; ou antes se o Espiritismo desaparecesse diante do hipnotismo, com tal significação, teríamos um erro em vez de verdade.

Não. Os fenômenos hipnóticos, dependem, como os espíritos, da matéria, porque se dão com os Espíritos encarnados; mas a causa que determina uns e outros é imaterial: são os Espíritos.

O hipnotizador e o espírita servem-se do mesmo meio para a obtenção dos fenômenos de uma e outra ordem - servem-se do magnetismo, fluido que modificado pela força da vontade, dá, num e noutro caso, o sonambulismo ou sono magnético do paciente.

O hipnotizador e o espírita conseguem, por aquele meio, resultados idênticos: o paciente vê através da matéria - corre pelo espaço a longas distâncias, com a rapidez do pensamento - fica, acordando, ignorante de tudo o que disse ou fez.

Como se explicarão estes fatos pelo materialismo?

Daqui da corte, o paciente, digamos, o médium, vai à Europa num segundo - e refere o que sofre uma pessoa que se acha lá.

Se somos exclusivamente matéria, quem fez este trajeto miraculoso foi nosso corpo, ou mais particularmente nosso cérebro, que dizem ser a parte pensante do nosso corpo - o órgão central de todas as nossas energias.

Mas como é possível à matéria transladar-se, com a vista e com a inteligência, à tamanha distância para tomar conhecimento de uma lesão do fígado, do coração, do baço ou de outro órgão?

Evidentemente, para se aceitar como obra do nosso organismo este fato, de cuja existência não é dado duvidar, faz-se preciso que, de amor em graça, emprestemos à matéria uma qualidade - uma faculdade - uma força, que ninguém ainda pôde sequer lobrigar.

O Espiritismo, porém, explica tal fato pela lei que consigna em sua doutrina - e que prova experimentalmente.

ta francês; alcançou fama no terreno da psiquiatria e neurologia na segunda metade do século XIX. Foi professor de Sigmund Freud. Durante as suas investigações, Charcot concluiu que a hipnose era um método que permitia tratar diversas perturbações psíquicas. (Fonte: Wikipedia)

Ele ensina: que o Espírito do médium pode-se desprender do corpo - e, com a rapidez do pensamento, que é qualidade inerente aos Espíritos, vai à Europa, examina o doente e volta a dar conta do que viu e reconheceu.

Isto é, num caso, que aliás não é geral. Em geral, é um Espírito desencarnado que faz o trabalho, e o comunica ao médium par no-lo revelar.

Aqui, a explicação baseia-se em princípios, que podem ser verificados pela mais rigorosa experiência.

Aqui só pode ter dúvida quem não quiser experimentar.

No materialismo, tudo se firma em mera presunção - em espírito de sistema, sem provas.

Identidade de meio - identidade de resultado, dão a identidade do hipnotismo e do Espiritismo.

No próximo artigo continuaremos o confronto.

Max.

(Continua no próximo domingo.)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 28-10-1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6096

Artigo LV: O PAIZ, 04.11.1888

Dissemos no último artigo: que é reduzindo o paciente ao estado sonambúlico, que tanto o hipnotismo como o Espiritismo conseguem por ele os fenômenos que um explica pela força da matéria, outro pela ação dos Espíritos.

O fato de precisarem ambos do mesmo estado do médium revela a quem estuda, com ideia preconcebida, íntimas relações entre o hipnotismo e o Espiritismo.

O fato de produzir o sonâmbulo hipnótico os mesmos fenômenos que produz o sonâmbulo espírita, dá àquela presunção o cunho da verdade.

Qual dois sistemas, porém, é o real, qual é a sombra do outro, senão quiséssemos ainda acreditar que eles são um sistema único, com dois nomes?

Ligeiramente demonstramos: que o hipnotismo não explica materialmente a vidência de seus médiuns, ao passo que o Espiritismo explica espiritualmente a dos seus.

E acrescentaremos: que tão *impossível* é provar experimentalmente a trasladação de nossa matéria a um ponto longínquo, donde nos traga a noção real do que lá se passa, como é *fácil* provar experimentalmente que este fato é obra do Espírito.

Suponhamos um caso espírita de diagnóstico.

Pedimos ao médium o diagnóstico de um doente que se acha no Recife, estando o médium na corte.

Em um minuto ele escreve o diagnóstico daquele doente, que é reconhecido exato - exatíssimo.

Como explicam as duas doutrinas este fato admirável, já o sabemos - como, porém, provar experimentalmente a verdade da explicação espírita?

Muito simplesmente. Um médium vidente atesta a existência de um Espírito: o que foi em vida o doutor tal, atuando sobre o médium.

Mas o médium vidente pode não ver nada e dizer que viu.
Temos a contraprova.

Um médium de efeitos físicos atua, de longe, sobre uma mesa - e a mesa, por si, dá o nome do doutor tal.

É o efeito do magnetismo - da força psíquica dos indivíduos presentes, dirão os que ainda impugnaram a contraprova.

Mas a ação do magnetismo - da força psíquica, como meio explicativo dos fenômenos espíritos, já está fora da campanha.

As experiências têm demonstrado que os médiuns obedecem a uma força *extrínseca*, estranha ao centro em que se acham; tanto que muitas vezes eles descrevem fatos que se deram muito longe - e de que ali ninguém tem ciência; e outras tantas escrevem em língua que ali ninguém conhece: o alemão - o grego, o sânscrito.

A prova, pois, que indicamos, não pode ser impugnada - e conseqüentemente os fenômenos espíritos, sendo os mesmos que os hipnóticos, as duas doutrinas se fundem, naturalmente, sob a bandeira da que demonstra suas teorias experimentalmente.

Recusar essa conclusão é negar a luz do sol em pleno dia.

Há um fenômeno hipnótico; o que mais caracteriza essa doutrina, que parece distanciá-lo do Espiritismo, é a sugestão.

O hipnotizador impõe ao hipnotizado (sonâmbulizado) tal ou tal ato para depois de acordado - e, depois de acordado, o paciente executa pontualmente a prescrição.

O Espiritismo não produz esse fenômeno.

Como se enganam os que assim pensam!

A sugestão hipnótica é a obsessão espírita.

Uma e outra consistem no domínio que a vontade de um Espírito mais rico de fluidos exerce sobre a vontade de outro Espírito mais fraco em fluidos.

A sugestão é aquela ação exercida por um Espírito encarnado sobre outro encarnado; ao passo que obsessão é a mesma ação exercida por um desencarnado sobre outro ainda encarnado.

Quer num, quer noutro caso, é sempre o Espírito atuando sobre o Espírito.

A sugestão não passa de uma obsessão *inter vivos*; tanto que a obsessão é a sugestão imposta por Espíritos desencarnados.

Se o hipnotizador tem o poder de impor ao hipnotizado um absurdo, como atravessar as ruas de uma cidade, despido de roupas - ou um crime, como desfechar um revólver contra alguém, a obsessão tem igual poder - e o exerce na mesma escala.

Quantos exemplos desta ordem vemos na Terra, atribuindo-os à loucura?

O Espiritismo descarna-os evocando o Espírito obsessor e fazendo-o confessar sua perversidade, quase sempre obras de vingança, por ofensas de uma existência passada.

Dir-se-á: isto é farsa ou ilusão.

Se é farsa ou ilusão, podeis verificá-lo acompanhando um trabalho espírita para a cura da obsessão.

E, se der-vos a esse trabalho, verificareis: que no dia em que o obsessor, depois de uma luta desesperada contra a moralização, cede - arrepende-se - e promete abandonar sua vítima, nesse mesmo dia esta, que vivia sob pressão daquele Espírito, mas passando por louca, cobra a razão - e volta à família e à sociedade.

Não pode haver uma prova experimental mais completa - e delas quem escreve estas linhas tem registrado algumas, em menos de um ano de trabalhos experimentais.

Obsessão, pois, e sugestão são uma e a mesma coisa.

E aquela serve para explicar esta, isto é, serve para provar que a sugestão é a ação de um Espírito sobre outro, pois que ela é produzida pelos Espíritos desencarnados.

O que mais querem os neo-sábios para reconhecerem o Espiritismo no hipnotismo - e para confessarem a verdade daquele, visto que reconhecem a deste?

Tem dúvidas? É muito natural.

Mas, se têm dúvidas, procurem dissipá-las, como cumpre a todos os seres racionais - e principalmente aos que se adornam com o título de homens de ciência.

Os meios - os instrumentos - tudo está aí à sua disposição.

Trabalhem, trabalhem como homens de ciência, sem abandonar o campo, porque tiveram algumas provas em branco - e conseguirão descobrir a verdade.

Max.

(Continua no domingo próximo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 04.11.1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6131

Artigo LVI: O PAIZ, 12.11.1888

É impossível que o Espaço seja povoado de seres invisíveis inteligentes, como o microscópio veio demonstrar que existe em torno de nós um mundo de animáculos também invisíveis mas inteligentes?

É impossível que aqueles seres invisíveis e inteligentes sejam os que viveram sobre a Terra e aí deixaram seu invólucro material?

Estas ideias são tão extravagantes, que não se lhes pode prestar fé, dizem certos Espíritos irrefletidos ou fanáticos.

Por que extravagantes? Por que são inconciliáveis com o que sabemos da ordem universal?

Mas temos acaso o direito de nos julgarmos conhecedores de todas as leis naturais?

Poucos são os que assim pensam - e que, por assim pensarem, atribuem à loucura a crença no mundo invisível inteligente.

Nós não dizemos, aqui, que esse mundo existe. Nós, por ora, o que dizemos - perguntamos: é simplesmente se a razão e a ciência têm fundamento inabalável para afirmar: que é *impossível* a existência de tais seres, daquele mundo.

Evidentemente, o caso não é mais repulsivo do que era o de ser a Terra que gira em torno do Sol - do que era, há meio século, a simples indicação de que em minutos se conversaria entre a América e a Europa - do que era a lembrança de iluminar-se uma cidade com um reservatório de substância invisível.

Como, diante da realização desses impossíveis maravilhosos, haver razão e ciência que proteste contra uma ideia nova, porque não se conforma com as ideias velhas, que fazem o fundo da crença universal - e dos conceitos dos sábios?

Podemos, portanto, dizer, visto que o fato não derroga nenhuma lei conhecida, mas simplesmente contraria sistemas filosóficos, baseados em hipóteses mais ou menos racionais - podemos dizer sem receio de contestação: que a existência do mundo invisível é *possível*.

E, corolário deste postulado: se este mundo existe, é igualmente incontestável a *possibilidade* de suas relações com o mundo visível.

Não há Comte⁷⁵, nem Littré⁷⁶, nem Buckner⁷⁷, nem Molleschott⁷⁸, que possa impugnar o que aí fica estabelecido.

Mas, se é possível, por que empregam todas as armas, até a do ridículo, contra os que acreditam que o possível é real?

Tendes presunção de que é falsa a opinião destes - de que são imaginários os fatos por eles alegados em apoio de sua opinião?

Notai: dizemos - presunção - porque certeza não podeis ter, desde que não podeis recusar a possibilidade.

Vossa presunção não pode ser argumento contra nossa afirmação: *primo*, porque uma opinião não destrói outra e, *secundo*, porque falais em nome da simples convicção - e nós em nome da observação e da experiência.

Se não assim, apresentai as provas experimentais - uma única, de que não existe isso que nós demonstramos com quantas provas exigirdes.

Vós negais, baseados em teorias - na vossa célebre teoria, de só dever ser aceito o que está provado experimentalmente *por vós*.

Nós afirmamos baseados em mil fatos de observação, comprovados pela experiência.

- Qual de nós tem razão?

75 (Nota do Organizador) Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798 - 1857) Filósofo francês que formulou a doutrina do Positivismo. É considerado como o primeiro filósofo da ciência no sentido moderno do termo, e também é visto como o fundador da disciplina acadêmica de Sociologia. (Fonte: Wikipedia)

76 (Nota do Organizador) Maximilien Paul Littré (1801 - 1881) Lexicógrafo e filósofo francês, famoso pela autoria do Dictionnaire de la langue française, mais conhecido como o Littré. (Fonte: Wikipedia)

77 (Nota do Organizador) Vide nota 56.

78 (Nota do Organizador) Jakob Molleschott (1822-1893) - Fisiologista holandês e escritor de dietética, conhecido por suas visões filosóficas em relação ao materialismo científico. (Fonte: Wikipedia)

E notai: enquanto negais, e ao mesmo tempo recusais experimentar, nós afirmamos o que temos experimentado!

Entre nós e vós há a distância e a superioridade que existe entre o fato e a hipótese, entre a observação e a presunção, entre a certeza e a convicção.

Dizeis: que é falsa a nossa opinião - que são imaginários os fatos em que ela se firma? Mas em ciência não é bastante dizer.

Por que, visto que não aceitais senão o que passa por vosso aparelho experimental, não vindes a nós para sujeitar a esse indefectível aparelho esses fatos que autorizam nossa opinião?

Encastelai-vos no vosso positivismo, que é puro materialismo; e recusai-vos a examinar os fatos que se vos oferecem como provas fulminantes do exclusivismo da vossa doutrina - e recusai-vos, para ficardes com o direito de acoiar de falso tudo o que não couber no círculo dessa estreita doutrina - e, com centuplicada razão, o que a fere de morte em seu exclusivismo materialista!

Isso não é leal - e muito menos científico - isso acarreta sobre vós o ridículo que jogais sobre os que afirmam o que veem - o que ouvem - o que apalpam - o que observam, enfim, e experimentam.

Combatei-nos com gracejos - e nós combatemo-vos com seriedade.

Só existe o mundo material, dizeis: porque é só o que pode passar pela experiência material, fonte única das verdades que quereis fazer aceitar pela humanidade.

Mas quando vos dizemos: vinde sujeitar à vossa experiência material os fatos comprobatórios da existência do mundo espiritual, rides e jogais ditérios ridículos, chamando-nos loucos.

É possível que estejamos loucos; mas, por isso mesmo, cabe-vos a caridosa obrigação de vir a nós - provar a nossa ilusão - e chamar-nos à razão.

Por que não procedeis assim?

Por que aos nossos instantes convites respondeis com a indiferença ou com o sarcasmo?

Não sois homens de ciência ou não sois leais!

- Max - o pobre que se debate em sua loucura, escrevendo há mais de um ano nestas colunas, atira-vos a luva, como a tem atirado aos que, em vez de loucura, dizem que o Espiritismo é diabolismo.

Levantai-a - e vinde a ele para combinar-se num plano sério de fazerem-se passar os fenômenos espíritas pela vossa prova positivista.

Levantai-a, vós que o tendes em conta de louco - e levantem-na os que o têm na conta de possesso do demônio, certos de que o Espiritismo não fugirá diante de vossos processos.

Mas vós, ou não sabeis o que dizeis - ou dizeis o que não sentis.

Max.

(Não foi publicado ontem por falta de espaço – N.R.)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 12.11.1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6169

Artigo LVII: O PAIZ, 18.11.1888

Não é sem razão que Allan Kardec recomenda a maior prudência e discrição na aceitação do que nos é comunicado pelos Espíritos.

Os habitantes do mundo, para nós invisível são os que viveram a vida corpórea, como nós a levamos - são os que tiveram as mesmas paixões, que ainda nos trabalham - são, finalmente, os que ocuparam na Terra variadíssimos pontos na escala do progresso.

Assim, pois, sendo o caráter formal dos indivíduos inerente ao Espírito, que não ao corpo, os que deixam aqui o corpo, levam consigo os vícios ou virtudes - o atraso ou adiantamento - as qualidades morais, em suma, que os caracterizaram na vida.

O bom de coração continua a sê-lo no Espaço - o mau continua mau - o inteligente, inteligente - o estúpido, estúpido - todos no grau em que se manifestaram na vida corpórea.

Há, portanto, no mundo dos Espíritos, a mesma variedade de sentimentos que nota-se no mundo dos viventes - e isso pela razão de que é deste mundo que saem, levando sua bagagem, os que vão constituir aquele.

Ora, assim como temos aqui muito quem se divirta em iludir os outros - e muito quem tenha gosto em fazer mal, sem o mínimo interesse; assim, pelo mesmo modo, há entre os Espíritos os enganadores e malfeitores, por obra de sua natureza atrasada.

Os bons - os que são incapazes de mentir e de fazer mal, tanto lá como cá, não têm sinal por onde se façam distinguir.

O meio de sabermos quem é bom e quem é mau, consiste no estudo - na observação atenta do que fazem os que conosco convivem.

Aplicando a regra à apreciação dos Espíritos que se põe em relação conosco, é óbvio que nos cumpre estudar atentamente as comunicações que eles nos dão - e que dão o toque de sua elevação ou de seu atraso.

“Ex fructibus eorum cognoscetis eos”⁷⁹

Se a comunicação fala à nossa razão e consciência - e, principalmente, se exalta os excelsos atributos do Criador, que são o critério infalível da verdade, podemos e devemos aceitá-la, porque tem o cunho dos frutos que procedem da árvore que dá vida.

Se, porém, a comunicação, embora artisticamente esmalhada, contém no fundo ideia que repugna à razão e à consciência - e, principalmente, que deprima um ou mais atributos da Perfeição Infinita, está claro que procede de fonte impura - e traz veneno que mata.

É, pois, da maior sabedoria o conselho do eminente filósofo, que pode ser chamado o profeta do Espiritismo.

Corre entre nós uma obra – *Repertório de Comunicações Espíritas* – que, se não for combatida, arrastará seus leitores a falsas e nocivas concepções de Deus e do destino humano.

É a obra e J. Rose, que tem por título: “*Revelações do Mundo dos Espíritos*”⁸⁰.

Analisaremos somente duas das revelações que a compõe, ao que nos parece suficiente para prova de que ela não merece fé.

Um livro que dá do Criador uma ideia mesquinha, além de repugnante – o que faz um jogo de brincadeira com o destino da humanidade, ainda quando encerre verdades e belezas admiráveis, está condenado por seus fundamentos.

Hoje diremos sobre a ideia que Rose nos dá de Deus - e depois ocupar-nos-emos da fórmula que ele nos dá para a evolução dos Espíritos.

“Quereis saber qual o fim do Espírito? [...]

79 (Nota do Organizador) “Pelo fruto é que se conhece a árvore”. - Vide nota 59.

80 (Nota do Organizador) Rose, J., *Medium,—Revelations du Monde des Esprits, Dissertations Spirites obtenues par*. Paris: 1862

“Repugnar-vos-ia acreditar que ele se confunde com a Divindade; e entretanto, essa é a verdade, que vosso egoísmo repele.

“Deus é coletivo - o em definitivo não passa de uma massa agrupada e ligada pelo amor dos puros espíritos.”

Como se vê destes pensamentos fielmente traduzidos, os Espíritos terminam sua evolução, confundindo-se com a Divindade.

É a pura doutrina panteísta, que um de seus sectários do Espaço, falsamente adornado com o respeitável nome de – Espírito da Verdade – pretendeu fazer ressuscitar na Terra, por intermédio do Espiritismo.

Se fosse assim, como incutiram no ânimo de Rose, a *nova* revelação seria coisa muito *velha* - muito conhecida - e muito desprezada pelos Espíritos esclarecidos.

Isto, porém, não é o essencial, pois que o nosso orgulho e o nosso egoísmo bem poderiam ter sido a causa da condenação de tal doutrina.

O essencial é o que se diz de Deus.

Ao passo que a criatura sobe até confundir-se com o Criador - Este desce até ser constituído pela criatura: *Deus é uma massa de puros Espíritos ligados pelo amor.*

Em primeiro lugar, se Deus é um ser composto - *complexo*, como diz Rose, Deus é divisível - compõe-se de elementos distintos; tanto assim que o autor diz em outra parte, que os Espíritos *nunca perdem a sua individualidade.*

Mas só o que é indivisível, é simples, é eterno, é infinito.

Logo Deus é a negação de todas as perfeições infinitas - é a negação de si mesmo!

Em segundo lugar, se Deus é um agrupamento de puros e perfeitos Espíritos, Deus não existiu enquanto não houve Espíritos puros e perfeitos para constituírem o grupo – Deus.

Mas quem criou os Espíritos, perfeitos ou imperfeitos - puros ou impuros?

Eles são criados, pois que, diz a comunicação, *evolucionam-se até chegarem à máxima perfeição, que é quando se confundem com Deus.*

Se são criados, tiveram um criador; mas o criador é *completo* - *é composto por eles*; logo os seres reconhecidos criados foram seus próprios criadores!

Pela doutrina de Rose só houve Deus depois que os Espíritos, que Ele criou, chegaram ao estado de puros - de perfeitos!

Além de amesquinhar o Ser Supremo, essa doutrina é instintivamente repelida pela razão e pela consciência - é o testemunho de sua própria falsidade.

Max.

(Continua no próximo domingo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 18.11.1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6196

Artigo LVIII: O PAIZ, 26.11.1888

Apreciamos, em nosso passado artigo, o livro de Rose sobre a questão da natureza de Deus - volvemos a ele para apreciarmos a do destino humano.

Em uma comunicação espontânea do Espírito da Verdade leem-se estas palavras:

“Quando um mundo e seus habitantes, por transformações sucessivas, chegam à perfeição... gozam a felicidade inerente à sua perfeição... e perdem, por suas virtudes e abnegação, uma parte de sua individualidade.

“No momento prescrito pelas leis eternas, que regem o Universo, são eles admitidos a fazerem parte do próprio Deus.

“Então sua individualidade se apaga mais completamente até ao momento em que, voluntariamente, se votam a recomençar *sua carreira de trabalho e de criações*”.

Mais claro:

“As poucas pessoas a quem mostrei (Rose) a comunicação sobre o destino dos Espíritos (o que fica acima transcrito) revoltaram-se contra a obrigação de *recomeçarem sua carreira, passando de novo pelo mal, depois de terem chegado à perfeição.*”

Esse período explica os anteriores - e dele resulta: que o Espírito faz uma longa ascensão até confundir-se com Deus, quando tem adquirido, por vidas sucessivas, a máxima perfeição que lhe é dada.

Até aqui, à parte a fusão ou identificação com Deus, tudo está conforme com a razão formada na observação e na experiência.

Nosso destino, porém, não se completa com a superior perfeição, que foi o alvo de toda a nossa ambição em séculos de séculos, que valem para nós por uma eternidade!

Alcançamos aquele supremo fim, engolfamo-nos nas delícias inimagináveis, que foram prometidas e não são regateadas aos que venceram na luta contra o Mal.

Pois bem; no meio de tanta felicidade e quando já somos Deus, porque fazemos parte de Deus, eis que volvemos ao princípio, começando nova carreira, em que temos de passar pelas misérias que já tínhamos esquecido - em que temos novamente de combater o Mal - em que vamos repetir as provas que já exuberantemente demos!

Qual é, então, o destino dos Espíritos?

Viver na eternidade como uma bola de repuxo?

Isso seria simplesmente ridículo!

Deus é o conjunto dos Espíritos perfeitos, diz Rose; mas os Espíritos chegados à perfeição voltam ao princípio da carreira espiritual!?

A consequência forçada é: que Deus, a infinita perfeição, faz-se a mais grosseira imperfeição!

O bandido, que mata o transeunte para roubar, já foi parte integrante de Deus!

O cafre estúpido, que escandaliza a inteligência humana, já foi um dos fatores dessas maravilhas que nos assombam!

Compreende-se um Deus feito homem: mas homem da estatura moral de Jesus Cristo.

Um Deus com todas as paixões e misérias humanas, por mais que o afirme o Espírito da Verdade, é coisa repulsiva à razão, à consciência, ao simples bom-senso.

Este pseudo Espírito da Verdade valeu-se da mediunidade de Rose para transplantar a mitologia aos tempos em que vivemos.

Por sua doutrina, teremos um deus da concupiscência - um deus da bebedeira - um deus da vingança - um deus de cada uma das paixões humanas, como nos tempos dos antigos gregos e romanos.

E, além disso, semelhante doutrina leva-nos direito à de Buda, cujo princípio básico era: *tudo se gasta na natureza; e por conseguinte a virtude dos Espíritos, que têm subido em perfeições por vidas sucessivas, gasta-se igualmente; donde a volta desses Espíritos ao turbilhão das existências de sofrimento e reparação.*

O Espírito, que se adornou com o pomposo nome, que seduziu a Rose, foi com certeza o de um oriental, sectário do Budismo.

Compare-se o ensino, que deu, com os da Filosofia de Kapila⁸¹, que serviu de base à reforma de Buda - e reconhecer-se-á sua quase identidade:

O mesmo princípio dos Espíritos: a imperfeição

A mesma evolução: a luta contra o Mal, e múltiplas existências para a conquista da perfeição

O mesmo fim: a fusão panteística no grande Todo, que é Deus.

E, para remate, a mesma história da volta às existências miseráveis.

A diferença, única, ou antes as diferenças únicas que notamos são: 1^a, que o Espírito da Verdade dá como causa da queda dos Espíritos no turbilhão da imperfeição o amor - o devotamento ao trabalho e à criação; entretanto que a de Buda designa como razão explicativa do singular retrocesso exatamente o contrário: o gasto - a extinção da virtude, que compreende o amor.

A 2^a diferença consiste em que, pela doutrina que discutimos, o Espírito, estando em Deus, se afasta dele *voluntariamente*, para reconquistá-lo e novamente deixá-lo; entretanto, que isso, que tanto lhe apraz, pois que o pratica por livre ato de sua vontade, é o flagelo moral dos budistas, tanto que inventaram o *nirvana*, estado de sonho eterno ou de *niilismo*, como o único meio de fugir à contingência de cair da felicidade na miséria - como sua maior aspiração.

O budismo, pois, tem um termo fixo para a evolução dos Espíritos, embora esse termo seja a perda da consciência da sua individualidade.

O budismo⁸² é, portanto, mais racional do que essa doutrina impossível que faz dos Espíritos uma bola de cortiça sobre as ondas de uma mar sem costas.

81 (Nota do Organizador) Kapila é um nome dado de diferentes indivíduos em textos indianos antigos e medievais, dos quais o mais conhecido é o fundador da Samkhya, escola de filosofia hindu . Kapila de Samkhya é considerado um sábio védico; estima-se que viveu no 6º ou no 7º século aC. A influência de Kapila em Buda e Budismo têm sido objecto de estudos acadêmicos. (Fonte: <https://pt.qwe.wiki/wiki/Kapila>)

82 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui apenas ao senso comum em torno do Budismo, visto seus artigos serem publicados em jornal popular. Em seu sentido mais profundo o Nirvana não é o “nada absoluto”, como geralmente

Levar uma eternidade lutando e sofrendo horrores por conquistar o Bem - e, conseguido o fim de tão cruéis esforços, voltar *voluntariamente* à luta - ao sofrimento - ao Mal, é incompreensível por absurdo - é repulsivo por amesquinhar o plano da Infinita Sabedoria.

O livro de Rose, ao menos nestes dois importantíssimos pontos, é obra de um mistificador.

Max.

(Continua no domingo próximo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 26.11.1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6236

interpretamos no Ocidente. É o nada com referência ao mundo transitório, fenomênico ou samsárico. Nele, o estado de Bem-aventurança não é transitório e, sim, pleno e eterno. Quando se atinge este estado mais elevado, o Parinirvâna, não se volta mais à mundanidade. Quem alcançou o estado de Espírito Puro não precisa mais reencarnar, em nenhuma dimensão (LE, 113). A integração da sua individualidade no estado nirvânico, por sua vez - a "Perfeição Sideral" - não é uma perda e, sim, uma integração no estado maior de totalidade, numa "hierarquia de função" coletiva, onde cada UM é perfeito na sua função e soma para a felicidade do funcionamento do TODO (Jo. 10: 30).

Artigo LIX: O PAIZ, 02.12.1888

Um nome que já transpôs o círculo das individualidades, percorrendo os páramos iluminados pelos fulgores do talento e do saber - Pinheiro Chagas⁸³ - escreveu no *O Paiz* de 24 do mês próximo findo a seguinte posição, que denuncia a retidão de seu juízo:

“Por isso, eu hesito em qualificar um acontecimento de sobrenatural e milagroso”.

Por que razão o ilustre escritor vacila em qualificar de *milagreiro* o que seus colegas daqui tão facilmente capitulam de *ridículo* e de *embuste*?

Ele o explica com a isenção do espírito superior que não se teme da crítica dos parvos:

“O *sobrenatural* morreu pura e simplesmente, porque se anexou aos domínios do *natural*”.

Quer dizer que tudo no Universo se rege por leis naturais - e que, portanto, o que sempre passou por maravilhoso, e que ainda hoje passa por tal, tem sido e vai sendo devassado pela razão humana, de dia em dia mais esclarecida pelo estudo que produz a luz.

Pesai bem essas palavras do refletido pensador:

“O maravilhoso tem sido devassado em sua vasta e tenebrosa caverna, que a imaginação povoava de fantasmas, pelo homem

83 (Nota do Organizador) Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (Lisboa, 13 de Novembro de 1842 — Lisboa, 8 de Abril de 1895), mais conhecido por Manuel Pinheiro Chagas, foi um prolífico escritor, jornalista e político português. Destacou-se como romancista, historiador e dramaturgo, tendo escrito inúmeros romances históricos e diversas peças de teatro, algumas das quais se mantiveram em cena por mais de um século. Foi diretor de vários periódicos de Lisboa, sendo também correspondente do jornal *O Paiz*. (Fonte: Wikipedia)

moderno, altivo e tranquilo, que disse: eu vou espancar essas trevas e caminhar para lá com a luz na mão”.

Isso significa que o homem moderno, em vez de repelir o que se apresenta com o caráter de maravilhoso, deve tomar a luz da razão e procurar a lei natural, que compreende os fenômenos sobrenaturais, que não são produtos de uma imaginação doentia, como se depreende destas suas palavras: “...e penetrando (o homem moderno) a caverna, recuou espantado, vendo surgir e caminhar para ele esses fantasmas misteriosos, cuja não existência queria demonstrar”.

É o ensino de que: não devemos repelir o que não cabe no círculo dos nossos conhecimentos.

É mais do que isso - é o ensino formal da existência do mundo invisível, contido nas seguintes frases:

“Não podemos deixar de acreditar que em torno de nós flu tuam, invisíveis e impalpáveis, mil entidades desconhecidas, que dirigem a nossa vontade, que substituem ao nosso espontâneo arbítrio a ação ignota de uma vontade estranha”.

E para que se saiba que naquela fórmula se encerra o pensamento de que tais entidades são os Espíritos que já foram desta vida, o ilustre filósofo acrescenta:

“...hoje já não acreditamos que palpitem em torno de nós as asas invisíveis dos anjos e as tentações alucinadoras dos demônios”.

Se não são anjos nem demônios essas entidades invisíveis que se agitam em torno de nós e atuam sobre nós, o que são elas?

O filósofo português responde ousadamente nestes termos:

“Dois escritores ingleses, homens de *profunda erudição e incontestável seriedade*, fizeram um inquérito para conhecer o que havia de positivo na história das visões, que revelam ao homem acontecimentos futuros e acontecimentos que se passam ao longe, e colheram seiscentas narrativas, enviadas por *pessoas dignas da maior fé*, em que todas afirmam terem visto as figuras de entes queridos exatamente no momento em que elas morriam em remotos países - e terem sentido o pressentimento de uma desgraça, que lhes aconteceu depois”.

Não pode ser mais claro o pensamento do ilustrado autor do artigo do *O Paiz*, quanto ao fato da constante comunicação do mundo visível com o invisível - dos que vivem com os que já deixaram a vida.

Pinheiro Chagas, firmando com o prestígio de seu nome esse dogma espírita, varre da face da Terra a doutrina irracional e blasfema da existência dos demônios - e dá uma lição proveitosa aos neoliteratos, que se pejaram de dizer aquelas coisas - que mandam para o hospício todos quantos têm a coragem de dizê-las - e que não procuram, ao menos em particular, estudar a doutrina e sujeitar os fenômenos à observação e à experiência.

Muito mais inaceitável por maravilhoso é, como a propósito lembra o nosso autor, a história do monge legendário que conseguiu encerrar dentro de um cofre misterioso os sons dos sinos de Jerusalém.

Entretanto, diz ele:

“Qualquer simples mortal, que nada tem de asceta nem de santo, pode facilmente produzir aquele fato, encerrando dentro de uma caixa o fonógrafo - o som da voz de um cantor - e encerrá-lo durante séculos”.

Nessa lição da constante comunicação dos vivos com os mortos compreende-se também outro dogma espírita: a revelação progressiva, que Deus faz aos homens, das verdades eternas.

Aquela proposição: o sobrenatural morreu, porque se ane-xou aos domínios do natural, mostra bem clara a convicção do autor de que os conhecimentos humanos vão se alargando sobre o desconhecido.

E, de fato, a mais ligeira observação demonstra: que, tanto em ciência como em religião, Deus manda seus messias ensinar aquilo que a inteligência humana já pode compreender.

É assim que a humanidade tem avançado por obra de homens eminentes, que são altos Espíritos enviados nos tempos próprios, em que tem ela adquirido mais alto toque intelectual e moral.

E é assim que muitos mistérios sobrenaturais têm-se ane-xado ao natural, como diz Pinheiro Chagas, devendo acontecer o mesmo com os que ainda hoje a compreensão humana é fraca para devassar.

Estes, porém, serão reduzidos às leis naturais, porque, se uns insensatos as repelem, *in limine*⁸⁴, a maioria dos sábios *penetrarão na caverna com a luz na mão* para reconhecer-lhes a realidade, e reduzi-los ao natural.

84 (Nota do Organizador) Vide nota 1.

Destarte, se o *homem moderno, ativo e tranquilo diz: eu vou espancar as trevas que envolvem no mistério os pavorosos fantasmas*; o homem do futuro, Espírito iluminado, chegará, pelo desenvolvimento de sua perfectibilidade, ao ponto de dizer: não há mais trevas - não há mais mistérios - não há mais fantasmas.

Para isso, é mister que, em vez de ridicularizar o que surge do ignoto, se estude - se observe - e se experimente.

Max.

(Continua no próximo domingo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 02.12.1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6262

Artigo LX: O PAIZ, 10.12.1888

A fortaleza começa a mover sua artilharia; prova de que já se não reputa fora do alcance dos projéteis jogados por meia dúzia de loucos ou possessos.

O *Apóstolo*⁸⁵ anuncia aos fiéis: o erguimento de uma aleta⁸⁶, que se propõe varrer da Terra a praga do Espiritismo.

O Revmo. Vigário de S. José começou no domingo, 2 do corrente mês, uma série de conferências sobre a nova doutrina, que se propagou pelas *manobras* de Douglas Home - e que Allan Kardec sistematizou sob a forma de *magia*.

Sua Revma., em presença de um seletto auditório, quase exclusivamente constituído por espiritas, curiosos de verem agir o primeiro padre que se propôs a defender a Igreja, manifestou erudição, porém só erudição.

Conhecimentos da matéria sobre que tomou o encargo de falar, podemos assegurá-lo, não os manifestou senão superficiais.

Entretanto, em vez de aturdir o auditório com explicações de fisiologia e de anatomia, que nenhuma relação têm com o Espiritismo, fora preferível e até necessário que o esclarecesse com a análise da doutrina, mostrando-se menos hóspede em seus princípios essenciais - e mesmo na história de sua propagação.

Comparar o Espiritismo ao mesmerismo e ao cagliotrismo⁸⁷ é prova de ignorância, que não pode ser levada à conta de lapsos

85 (Nota do Organizador) Veículo da imprensa católica do século XIX, editado às quartas, sextas e domingos.

86 (Nota do Organizador) Pequena ala. (Fonte: Dicionário Priberam online)

87 (Nota do Organizador) Alessandro, Conde de Cagliostro (Palermo, 2 de junho de 1743 — San Leo, 26 de agosto de 1795) era o pseudônimo do viajante, ocultista, alquimista, curandeiro e maçom Giuseppe Giovanni Battista Vincenzo

em quem se reveste da alta missão de fazer realçar a verdade eterna contra o embuste, ou contra as potências infernais.

O mesmerismo limitou-se ao estudo e emprego de uma força natural: o magnetismo, força cega, regulada por leis hoje conhecidas - e que pode ser empregada à vontade do homem.

A força espírita, se assim podemos dizer, é inteligente - livre - e independente da vontade do homem.

Basta esse simples confronto para se evidenciar que o Revmo. Vigário não conhece a matéria, sobre a qual atirou-se a fazer preleção.

Cagliostro é uma figura que nos chega envolta em mistério, sem que possamos determinar, admitida mesmo sua existência, se foi um prestidigitador, ou se foi um médium.

Em qualquer, porém, dois dois casos, não pode ser chamado - precursor do Espiritismo.

Ainda mesmo que fosse médium, não seria precursor, pois que as sibilas e pitonisas lhe tiveram inquestionável precedência.

Ainda mesmo que fosse médium, não seria, precursor, porque um vigário deve-o saber: as Sagradas Letras rezam de evocações dos mortos, no tempo de Moisés - e até muito designadamente, da que fez Saul por intermédio da pitonisa de Endor, do Espírito de Samuel, com o qual conversou⁸⁸.

Se S. Revma. quer descobrir sinceramente o precursor do Espiritismo, em vez de tomar Cagliostro, que para muitos é uma criação romântica, devia tomar a que lhe está mais chegada: essas práticas de que fala a Escritura Sagrada.

Não lhe fazia conta, porém, falar de fatos, que dão um caráter mais ou menos religioso ao Espiritismo - e essa foi a razão de fugir o pregador do sagrado para o profano! Haja boa fé.

O fato de Endor, quer S. Revma., queira, quer não, demonstra: 1°. que a existência dos médiuns não é uma bagagem inútil - um socorro de aparato cênico das sessões espíricas, como deduziu o pregador de seus estudos anatômicos e psicológicos, e demonstra: 2°. que do Céu - do Purgatório - ou do Inferno, donde quer que seja, as almas se despegam para se comunicarem com os viventes.

Pietro Antonio Matteo Balsamo. Figura controversa do século XVIII, Cagliostro, como ficou conhecido, dizia ter poderes espirituais. Sua credibilidade foi contestada principalmente depois da sua morte. (Fonte: Wikipedia)

88 (Nota do Organizador) Vide 1 Samuel, 28: 7-25.

Não é o Espiritismo que o diz, é a Escritura Sagrada que o atesta - e com a circunstância muito importante para o padre: a Bíblia, falando daquele fato, dá como positivo que foi o Espírito de Samuel, que veio a falar com Saul.

Já vê, portanto, o Revmo. Pregador: que suas demonstrações sobre serem os médiuns bagagem inútil e socorro de aparato cênico, valem tanto quanto as de nem Deus - nem os anjos - nem as almas descerem a se comunicar conosco.

Decrete S. Revma. a falsidade da Bíblia - e nós estamos prontos a aceitar, para discutir, as proposições estabelecidas em seu primeiro sermão.

Do exposto resulta: que os inimigos do Espiritismo precisam renegar sua fé, para defendê-la.

Já é um triste espetáculo ver o padre argumentar contra o Espiritismo, dando por provado o que este contesta: o Inferno com seus castigos eternos - o demônio que vive em guerra eterna contra Deus!

Se o padre quer ser lógico neste certame, deve começar por provar: que *as almas que vão, não vêm*, porque ficam presas no Céu - no Inferno - e no Purgatório.

Dar, porém, por provado o que é contestado, não julgaremos uma *manobra*, mas não pode deixar de ser atribuído à ignorância dos preceitos mezinhas da lógica.

O sermão falou das *manobras* de Home.

Conhece o pregador os trabalhos de William Crookes sobre essas tais manobras? E não só de Willian Crookes, cujo nome impõe-se ao respeito geral, por seu saber e por seu caráter, mas ainda de uma das mais notáveis sociedades científicas de Londres?

Se conhece, não pode chamar – manobras – o que fazia Home – e, se não conhece, estude primeiro para poder falar.

Também chama – magia - à obra do imortal Allan Kardec.

Com certeza o reverendo não leu os livros de Allan Kardec, porque, se o tivesse feito, reconheceria ali as provas exuberantes da mais elevada filosofia - e da moral de Jesus Cristo.

Se uma doutrina, que se baseia no Evangelho, que tem por lema – amor e caridade - que recomenda o Cristo como modelo da humanidade, pode ser qualificada por um padre: obra de magia, começamos por desconfiar do padre.

Também o sacerdócio hebreu repeliu a doutrina de Jesus - e o acoimou de possesso; mas o sacerdócio foi esmagado pela Verdade - e a santa doutrina tomou raízes no espírito humano.

Creia o Revmo. Vigário de S. José, que, a despeito de seus esforços e dos esforços dos que têm olhos de ver e não veem, o Espiritismo dominará o espírito humano, porque emana de Deus.

O primeiro sermão será uma peça oratória - uma refutação séria do Espiritismo é só o que ele não pode ser.

Max.

() Não foi publicado ontem por falta de espaço.*

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 10.12.1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6305

Artigo LXI: O PAIZ, 16.12.1888

No *Apóstolo* de 12 vem o extrato do 2º. Sermão do vigário de S. José sobre o Espiritismo⁸⁹.

O padre continua a mostrar sua erudição e sua ignorância da matéria.

Começou pelo perispírito, a cujo propósito fez os gastos da prédica do dia 9.

A argumentação é confusa, mas ficou bem claro que o reverendo confunde perispírito com Espíritos aéreos ou demônios.

Admira que um vigário, que vem falar de cosmogonia diante de um público ilustrado, manifeste a mais completa ignorância da cosmogonia de Moisés.

Se não conhece a de casa, como conhecerá a do vizinho?

E de que não conhece a cosmogonia de Moisés, temos a prova no fato de atribuir a Allan Kardec a invenção de *uma terceira substância constitutiva do homem, o perispírito*, quando aquela cosmogonia determina a existência exatamente de três substâncias: corpo-alma e corpo fluídico ou espiritual.

Se, pois, o ilustre vigário descobre, na invenção da terceira substância, razão para classificar a doutrina de Allan Kardec entre as nigromânticas, sem faltar à lógica e à razão, será forçado a classificar na mesma ordem a doutrina de Moisés.

E como do perispírito chegou S. Revma. a fazer um Espírito aéreo ou demônio?

89 (Nota do Organizador) Foi possível localizar na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a edição de *O Apóstolo* a que se refere Dr. Bezerra, e a mencionada transcrição do sermão do Vigário da Matriz de S. José, em sua edição de 12.12.1888, págs. 2 e 3 – conferir em <http://memoria.bn.br/DocReader/343951/11544>

As cosmogonias mosaica e espírita dão ao Espírito um revestimento essencial: o corpo espiritual ou perispírito - e um revestimento temporário, só pelo tempo da vida terrestre: o corpo material.

Como pôde o reverendo fazer daquele revestimento um ser, existente por si: demônio, quando ele próprio diz: “segundo os princípios de Allan Kardec, além do corpo e da alma, há uma terceira *substância* constitutiva do homem, o perispírito?”

Se o perispírito é uma *substância constitutiva do homem*, não podemos nós classificar na ordem das nigromancias a arte com que o vigário transformou essa *substância* em um *ser* independente do homem?!

Por este lado o sermão de domingo não suporta a mais ligeira análise - é um artefato que se desfaz ao sopro de uma criança - revela a insuficiência do pregador no assunto que se propôs discutir.

Mas o sermão teve por tema exatamente o perispírito, transformado em Espírito aéreo ou demônio, como se vê destas palavras: “por agora tratará unicamente do chamado perispírito: nele se vê reproduzido o erro antigo da crença nos Espíritos aéreos ou demônios das evocações da nigromancia”.

Logo não podem prestar para nada as deduções tiradas daquele tema, uma vez provada, como ficou, que exprime ele um erro palmar - verdadeira nigromancia, de transformar-se a substância de um ser em um ser com vida própria e independente.

Em rigor, diante desta prova da ignorância do pregador (ignorância na matéria) e da falsidade do princípio que tomou por ponto de discussão, devíamos terminar este artigo, lamentando somente que nossos irmãos clérigos tão pouco caso façam de nós, que mandem a combater-nos um guerreiro, que ignora completamente o alcance de nossas armas - e que mal sabe manejar as suas.

Querendo, porém, honrar a pessoa do vigário, por quem temos sincero acatamento, continuaremos a análise do sermão, embora derrocado por sua base.

Diz S. Revma.: que Allan Kardec *confessa* ser a doutrina espírita idêntica à magia antiga, revestida de formas novas.

É positivamente falsa esta proposição jogada da tribuna sagrada - e é mais uma prova de que o pregador não conhece a matéria sobre que discorreu.

Diz mais: “que o chefe do Espiritismo *ensina*: que os Espíritos evocados formam um grupo à parte da criação - povoam e percorrem o espaço - se incorporam a existências novas e acodem a evocações.”

Também é falso que Allan Kardec ensine a tal história do grupo à parte da criação.

O reverendo é que imagina esta distinção, porque tem a crença de que as almas vão para o Céu - para o Inferno - e para o Purgatório.

Nesta fé, com efeito, os Espíritos que acodem às evocações não podem ser senão um grupo à parte, inventado pelo Espiritismo.

O reverendo, porém, deu por provado o que está em causa: sua crença no destino fatal das almas, depois da morte; e daí vem atribuir ao pobre Allan Kardec a criação do tal grupo.

Não. Allan Kardec combate de frente a crença do reverendo, ensinando que *todas* as almas, depois da morte, vão para o Espaço, onde recebem o galardão ou o castigo de suas obras - e donde voltam à vida corporal, para fazerem provas e expiações, necessárias a seu progresso - a esse *progresso indefinido de Pelletan, Hugo e outros utopistas*⁹⁰.

Allan Kardec ensina: que a evolução dos Espíritos se faz, por meio de vidas sucessivas e solidárias, em busca do destino humano, que é a perfeição pelo saber e pela virtude.

E desde que é isto o que ele ensina em oposição ao que ensina a Igreja, está claro que os Espíritos evocados não constituem grupo à parte da criação; mas sim todo o gênero humano.

O pregador deu neste caso mais uma prova de ignorância da matéria - e tal que atreveu-se a dizer, inventando uma identidade, para seu uso, das reencarnações com a metempsicose dos antigos: “que o Espiritismo, atrasado e deficiente, contraditório na teoria da perfectibilidade humana, refugia-se no estreito âmbito da evocação.”

90 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra parece referir-se, aqui, a Eugene Pelletan (1813-1884), político e jornalista francês, e a Victor Hugo (1802-1885), o célebre poeta e romancista, ambos conhecidos por suas visões políticas progressistas e às vezes “utópicas” – no sentido de visionárias. É conhecido o fato de que Victor Hugo “previu”, por assim dizer, a União Europeia - vide a respeito RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. *Victor Hugo-O Profeta dos Estados Unidos da Europa*. Portugal e o “Outro”: Imagens e Viagens, 2004, 13-24.

Realmente dizer que a doutrina que dá ao Espírito um destino angélico, para cuja consecução⁹¹ tem à sua disposição a eternidade; dizer que esta doutrina é atrasada e deficiente, em relação à outra, que não dá ao Espírito senão o tempo de uma vida corpórea, para se habilitar a viver com Deus ou com o demônio, por toda a eternidade, é até zombar do bom senso!

Protestem - clamem que é mentira e embuste isso que ensina o Espiritismo - façam tudo; mas, por Deus, não acusem de *acanhada - atrasada - deficiente* a doutrina que rasga à humana criação horizontes sem limites - e que dá ao homem, desde a Terra, a consciência de seu esplendoroso destino!

Para concluirmos por hoje, deixaremos aqui, sem reparo, as seguintes citações, que confirmam a doutrina espírita e devem causar cólicas ao vigário de S. José.

Schutz⁹², em sua dissertação sobre o gênio de Moisés, expõe assim a crença íntima dos hebreus:

“Depois da morte, a alma fiel à inspiração do Espírito divino reúne-se a seus antepassados no seio de Abraão - e ali acha sua recompensa no *desenvolvimento* de seu amor e na compreensão das leis e da vontade divina.

“A alma, porém, que como uma foice inútil dormiu no caminho e distanciou-se do Pai Celestial, *cura-se e regenera-se pelo arrependimento - pelo socorro das almas fraternas - e pela procura do que disse: Eu sou o soberano Bem.*”

A regeneração é lei divina; logo não há penas eternas!

Isaías o confirma nestas palavras:

“Jeová diz: Eu não disputarei *eternamente* com o culpado, e minha cólera não durará sempre.”⁹³

91 (Nota do Organizador) O original traz nesta frase o termo *convenção*, mas nos parece ter sido de fato um erro material de tipografia, corrigido pela edição de 1977 com o termo *consecução*, plenamente apropriado à frase, que decidimos preservar.

92 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra provavelmente cita aqui a obra de Ferdinand Schutz, ou M. F. Schütz, “O Espírito de Moisés”, ou, “Moisés (O Espírito de)”, da qual só conseguimos ter notícia na Biblioteca Nacional da França, que indica ter sido impressa originalmente em Nancy, Impressão de Vve Raybois, em 1860 (Vide Catálogo Geral – Número FRBNF31335310).

93 (Nota do Organizador) Isaías, 57:16. Há variações de palavras, nas diversas traduções, mas o sentido é o mesmo. A partir deste capítulo e em muitos dos seguintes Dr. Bezerra dá início a um dos mais completos estudos já realizados,

No *Gênesis*, Cap. II, vers. 7, lê-se a respeito da alma: "... trazendo consigo o sopro divino (perispírito) o Espírito, que a segue em todas as suas vidas".

O *Gênesis* autoriza a doutrina das vidas múltiplas!

Santo Agostinho, no livro I das *Confissões*, fala assim:

"Antes do tempo que passei no seio de minha mãe, *não teria estado em outra parte e sido outra pessoa?*"

Santo Agostinho tinha vocação para nigromancia!

Jesus, respondendo aos seus discípulos, disse sobre Elias: "Digo-vos: que Elias já veio - que o mundo não o conheceu - que fez dele o que melhor lhe pareceu."⁹⁴

Que melhor prova das reencarnações?!

Disse o mesmo Jesus a Nicodemos:

"Em verdade vos digo: que ninguém poderá ter o reino de Deus, *sem nascer de novo*."⁹⁵

Estas, bom vigário de S. José, é que são as origens do Espiritismo - e não os Edas, os Horácios, os Lucanos, e as ideias orientais⁹⁶.

até hoje, sobre a relação estreita da Doutrina Espírita e a Bíblia, confirmada numa série impressionante de citações de riquíssimo valor. Tão valiosas são essas referências, para os estudiosos que desejem se aprofundar no tema, que decidimos reuni-las numa tabela própria, inserida ao final deste volume, a fim de facilitar consultas futuras. Cabem aqui, no entanto, algumas observações sobre essas citações: 1) A maioria delas é feita com indicação do respectivo livro, capítulo e versículos; algumas não. Nesses casos procuramos localizá-las, indicando suas fontes em notas específicas; 2) Há também algum equívocos pontuais nessas referências - Dr. Bezerra escrevia para jornal, sem oportunidade de revisão entre o que constava em seu original e o que aparecia nas páginas impressas. Pode ter havido lapsos dele mesmo, quando da redação, tanto quanto equívocos tipográficos. Num caso como no outro procuramos identificar e corrigir essas pequenas imprecisões, sempre que possível, indicando-as também em notas próprias; 3) Finalmente, chamam a atenção algumas diferenças significativas entre as citações feitas por Dr Bezerra e algumas das traduções correntes das Escrituras. Como era também *expert* em latim, o que nos parece é que muitas vezes o nosso Kardec brasileiro fez traduções próprias, "limpando" os textos, por assim dizer, da poeira do ortodoxismo. A respeito dessa hipótese, passamos a palavra aos seus biógrafos...

94 (Nota do Organizador) Vide Mateus, 17:12, Marcos, 9: 11-13.

95 (Nota do Organizador) João, 3:3.

96 (Nota do Organizador) As três citações de Dr. Bezerra, aqui, decorrem de referência pelo Vigário da S. José em seu sermão, vide o link indicado acima. Eddas, Edas ou simplesmente Edda, é o nome dado a duas coletâneas distintas

Se o espaço nos permitisse, mostraríamos como da Bíblia e do Evangelho decorre naturalmente a doutrina que dizeis ensinada pelo demônio.

Ficamos, porém, emprazados para outra vez.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 16.12.1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6333

de textos do séc. XIII, encontradas na Islândia, e que permitiram iniciar o estudo e a compilação das histórias referentes aos deuses e heróis da mitologia nórdica e germânica: A Edda em prosa e a Edda em verso. Quinto Horácio Flaco, em latim Quintus Horatius Flaccus, (65 a.C. — 8 a.C.) é conhecido por ser um dos maiores poetas da Roma Antiga, inspirado principalmente por temas epicuristas. Marco Aneu Lucano (39 — 65dC), também conhecido em português como Lucano, foi um poeta romano. Apesar de sua vida curta, é tido como uma das figuras de maior destaque do período dito clássico do latim. [...] Sobrinho de Sêneca, fez parte da malograda conspiração de Pisão contra a vida do imperador Nero, e ao ser preso foi obrigado a se suicidar. Restou de sua extensa obra apenas uma epopeia inacabada, a Farsália. (Fonte: Wikipedia)

Artigo LXII: O PAIZ, 23.12.1888

Ainda em sua terceira conferência, do dia 16, manifestou o Rev. Vigário de S. José sua erudição - e desta vez alguma leitura de livros espíritas.

Pelo *Apóstolo*, onde vem o extrato da conferência, entende-se que Allan Kardec funda sua doutrina nas três substâncias que constituem o homem, isto é, corpo, alma, e perispírito.

Não é possível que o ilustrado vigário tenha avançado semelhante proposição, que de todo em todo não tem senso comum.

A doutrina espírita demonstra princípios novos, mas elevados: aqueles que Jesus declarou não poder ensinar, porque a humanidade do seu tempo não estava em condições de os suportar⁹⁷.

A doutrina espírita não podia fundar-se em coisas velhas e conhecidas, como a tríplice substância componente do ser humano.

É verdade que o *Apóstolo* diz: que S. Revma., considera o perispírito coisa supérflua; mas, ainda aqui, acreditamos que o órgão clerical não entendeu o vigário.

S. Revma., que ostenta variado conhecimento sobre a evolução da filosofia racional, não pode ignorar o empenho de todas as escolas filosóficas em descobrirem o modo de ação do corpo sobre a alma e da alma sobre o corpo, donde, além de outras teorias, a do *mediador* plástico de Cudworth⁹⁸.

97 (Nota do Organizador) Vide nota 5.

98 (Nota do Organizador) Ralph Cudworth. Filósofo inglês nascido em 1617, em Aller, Somersetshire, e falecido a 26 de julho de 1688, em Cambridge. Estudou na Universidade de Cambridge, foi depois Reitor de North-Cadbury e regressou

S. Revma., que deve saber teologia ainda melhor que filosofia, não pode ignorar que, além de Moisés, cuja cosmogonia já citamos em abono do *supérfluo* perispírito, fala S. Paulo da alma, do corpo material, e do *corpo espiritual*.

Se, pois, a filosofia e a teologia reconhecem a existência no ser humano de três substâncias - e determinadamente dessa, que o Rev. Vigário condenou por inútil, como vir Allan Kardec *inovar* coisa tão velha, e como, por espírito de oposição, repelir, ele, padre, o que a Igreja aceita?

Se o perispírito é coisa supérflua, lá vai condenada a cosmogonia de Moisés, com o seu corpo fluídico de todas as vidas - e lá vai S. Paulo com o seu corpo espiritual.

Por maior que seja o respeito que votamos ao vigário de S. José, S. Revma. não levará a mal nossa franqueza em dizer: que entre sua opinião condenando a terceira substância humana, que Allan Kardec denominou - perispírito -, e a opinião de Moisés e de S. Paulo, que firma a crença naquela substância, preferimos errar com estes dois preclaros varões.

Para nós, pois, e para todos os que julgam sem paixão ou espírito de sistema, Allan Kardec não aventurou uma hipótese; afirmou o que já era coisa aceita pela filosofia - pela cosmogonia - e pela teologia.

Se o Concílio de Latrão⁹⁹ definiu a verdade católica neste ponto, não definiu o essencial, que é explicar como corpo e alma, substâncias heterogêneas, se relacionam e harmonizam-se, a ponto de influírem uma sobre a outra, tendo vida comum.

a Cambridge, onde exerceu o magistério na disciplina de Hebraico. Foi diretor do Christ's College, onde ensinou teologia até à data da sua morte. Pertence ao grupo dos chamados platônicos de Cambridge. [...] Para Cudworth entre o espírito e a matéria há um mundo intermediário, que se caracteriza por ser uma espécie de corporalidade, [...] um corpo sutil. (Fonte: <https://www.infopedia.pt/Sralph-cudworth>)

99 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra provavelmente refere-se aqui ao quarto Concílio da Latrão, realizado na Basílica com esse nome em Roma, em 1215, por iniciativa de Inocêncio III. Para muitos, foi "a maior e mais imponente exibição do poder do Ocidente cristão e representa o apogeu do poder papal", com mais de 70 decretais publicados, entre os quais o que deu início à Inquisição e à perseguição aos chamados hereges, dentre os quais os Cátaros e Valdenses, bem como o início das Cruzadas e a definições teológicas sobre a Trindade, da Criação, de Cristo Redentor e dos Sacramentos. (Fonte: Infopedia - [https://www.infopedia.pt/\\$latrao-iv](https://www.infopedia.pt/$latrao-iv))

Este é que é o ponto essencial, porque a fé passiva em decretais não é para este século, que não aceita senão a fé racional.

Inocêncio III¹⁰⁰ vale tanto como Pio IX¹⁰¹, e pode o Rev. Vi-gário falar pelos cotovelos, que só as velhas beatas aceitarão a definição da infalibilidade papal - a investidura no homem de um atributo de Deus!

Estudando o Espiritismo sob o ponto de vista filosófico, o ilustre pregador confessa que tem ele por objeto: 1º) revelar a imortalidade da alma; 2º) combater o materialismo; 3º) estabelece a lei das consolações para os sofrimentos terrestres.

Parece-nos que um filósofo cristão, especialmente clérigo, em vez de esconjurar a doutrina que se preocupa com tais questões, devia louvá-la.

O espírito de sistema, porém, e de fanatismo leva o Rev. Vi-gário a dizer: que é falsa e espúria!

É verdade que exhibe os motivos de semelhante condenação, como sejam; 1º) ser supérfluo querer provar a imortalidade, porque essa já é a crença arraigada; 2º) ser o materialismo inextinguível por causa da luta dos interesses humanos; 3º) ser negativo o sistema de consolações espirituais, tanto em relação ao mal físico, que ele aumenta com a superstição das curas e com o acorçoamento às cartomantes, como em relação ao mal moral com as perturbações do lar doméstico.

O Reverendo confessa que o materialismo é inextinguível, donde a classificação de falsa e espúria para a escola que o combate! O erro não deve ser perturbado!!

Confessa que o materialismo subsiste, donde a inutilidade de se sustentar e propagar o espiritualismo!

De modo que ninguém deve tentar esforço por alargar o círculo do espiritualismo e estreitar o do materialismo, porque os dois princípios estão arraigados!

Quanto às consolações espíritas, que S. Revma. transforma em malefícios, perguntaremos simplesmente como é que uma doutrina, que oferece aos homens o modelo de Cristo, pode ser

100 (Nota do Organizador) Papa entre 22 de fevereiro de 1198 e 16 de julho de 1216. (Fonte: Wikipedia)

101 (Nota do Organizador) Papa entre 16 de junho de 1846 e 7 de fevereiro de 1878. (Fonte: Wikipedia)

julgada superstição e acoroçoamento às cartomantes - pode levar a perturbação ao lar doméstico?

As curas que ninguém chamará - um mal - são fatos de observação, que não se destroem com palavras.

A sugestão às cartomantes são invenções de cérebros doentios ou argumento em desespero de causa.

A perturbação da paz do lar parece que o reverendo confessará que já existia antes do Espiritismo - no pleno domínio da doutrina da Igreja.

Passando da filosofia espírita à sua aspiração religiosa, diz o pregador: o Espiritismo pretende 1º) firmar a existência de Deus; 2º) a crença nos Espíritos; 3º) divulgar a doutrina de Jesus Cristo.

Como pode um padre condenar, por diabólica, uma doutrina que ele próprio confessa ter tais objetivos?

Muito simplesmente:

“A existência de Deus é crença universal, e não há oráculo moderno que a proclame melhor que a teodiceia no estudo da filosofia, com inumeráveis provas fornecidas pela lógica.” Sublime!

Porque a crença na existência de Deus é universal e proclamada pela teodiceia, o Espiritismo que a proclama também não pode ser senão obra de Satanás!

“A crença nos Espíritos, não a firma, pelo contrário a abala, admitidos os espécimens dessa legião de Espíritos de todas as procedências, classificados e denominados nas obras do mestre.” Ignorância!

Nas obras do mestre ninguém encontra espécimens de Espíritos, porém unidade de criação espiritual!!

“A divulgação da doutrina de Jesus pertence à Igreja. Jesus ordenou aos apóstolos que percorressem o Universo e pregassem o Evangelho a todas as nações. A Igreja, pela sua catolicidade, realiza esta missão sublime.”

Trataremos especialmente deste ponto e por hoje diremos: as conferências de S. José são o melhor triunfo do Espiritismo!

Max.

(Continua no domingo próximo)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 23.12.1888: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6366

Artigo LXIII: O PAIZ, 30.12.1888

Em nosso último artigo prometemos falar sobre a tese levantada pelo Rev. Vigário de S. José, de que *a divulgação da doutrina de Jesus pertence à Igreja que por sua catolicidade realiza essa sublime missão.*

Ninguém pode contestar a verdade do enunciado, aí transcrito; mas a doutrina do Cristo foi ensinada por seu autor, em linguagem emblemática, para que tivesse a elasticidade de acomodar-se ao maior progresso humano.

A Igreja ensinou-a, segundo a letra, porque a humanidade não podia compreender-lhe o espírito.

São chegados, porém, os tempos de mais ampla revelação - e a santa doutrina já pode e deve ser ensinada e compreendida segundo o seu espírito.

Ora, a Igreja mantém a interpretação literal; logo não pode ser o instrumento da nova revelação.

O Consolador ou Espírito da Verdade, prometido por Jesus¹⁰², não o foi ao apostolado, senão a toda a humanidade; logo o novo ensino, complementar da doutrina do Cristo, deve ser dado à humanidade e à Igreja, isto é, a todo o que o acolher.

Se a Igreja o aceitasse, em seu caráter de revelação divina, seria ela o mais poderoso motor do Espiritismo - e, pelo Espiritismo, manteria o poder que presume ter recebido do céu.

Repelindo, porém, como repele, a prometida do Cristo e sua doutrina de salvação, ela, em vez de motor, faz-se obstáculo à vontade de Deus, e, como obstáculo, será varrida, para que se cumpra a palavra do Evangelho, que diz: “tempo virá em que nem

102 (Nota do Organizador) João, 14: 15 a 17 e 26.

neste monte, nem em Jerusalém, adorareis ao Pai; porém o adorareis em espírito e verdade.¹⁰³

Estas palavras do Redentor prometem um tempo e um progresso da humanidade, que permitirão adorar a Deus no grande templo da natureza.

Jerusalém foi obstáculo à realização dessa promessa - e Jerusalém caiu, com seu templo, com seu sacerdócio!

Roma quer agora levantar outra barreira - e Roma terá o destino da cidade santa.

O “*adversus eam non prevalebund portae inferi*”¹⁰⁴ não pode ser entendido senão no caso de seguir a Igreja pelo reto caminho do Senhor.

Vai ela por esse caminho?

O decreto da infalibilidade do papado, quando no papado existiu um Alexandre VI¹⁰⁵, que pode reaparecer, degradaria a verdadeira religião, se o fato mesmo de dar a um homem parte dos atributos de Deus não fosse sua formal deturpação.

A aspiração de restabelecer o poder temporal não é a contumácia na alta revolta contra o ensino de Jesus, que disse: *regnum meum non est ex hoc mundo*¹⁰⁶?

E esta pertinácia contra uma doutrina, cuja aparição é acompanhada de fenômenos extraordinários, preditos por Joel¹⁰⁷ - de uma doutrina que amplia a de Jesus de um modo coerente com o espírito da sublime revelação, não prova que a Igreja está no caso do sacerdócio hebreu, de quem disse S. João: “a luz resplandece nas trevas, e as trevas não compreenderam.”¹⁰⁸

Se a Igreja não tivesse a promessa de uma nova revelação, seria desculpável. Tendo, porém, recebido aquela promessa formal, sua oposição é a dos cegos que devem ser perdidos.

Assim é mister, para que se cumpra o que está escrito.

103 (Nota do Organizador) Vide nota 54.

104 (Nota do Organizador) Mt., 16:18 - “As portas do Inferno não prevalecerão contra ela”.

105 (Nota do Organizador) Vide nota 62.

106 (Nota do Organizador) Jo. 18:36 - “Meu reino não é deste mundo”.

107 (Nota do Organizador) - Vide Joel, 2:28.

108 (Nota do Organizador) Jo. 1:5.

E, sendo assim, compreende o vigário de S. José que seu argumento contra o Espiritismo: de pertencer à Igreja a divulgação da doutrina de Jesus Cristo, não tem o menor valor.

Desde que sua Revma. confessa: ser aspiração do Espiritismo divulgar a doutrina de Jesus - e que nós demonstramos que não presta seu argumento: de ser isso missão da Igreja, qual a verdadeira conclusão de nosso certame?

A conclusão única é que o Espiritismo não é diabolismo - e, pelo contrário, tem o cunho da revelação prometida por Jesus Cristo.

Desça o Rev. Vigário à discussão dos seus dogmas, e reconhecerá: que eles oferecem o cunho da verdade, conferindo com o critério absoluto, que é a perfeição infinita.

As vidas múltiplas, dogma fundamental da combatida doutrina, explica todos os fenômenos humanos de um modo tão em harmonia com os eternos atributos, quanto o dogma católico da vida única amesquinha aqueles atributos tornando-os odiosos!

As penas temporárias corretivas revelam o Deus de amor e de justiça; ao passo que as penas eternas, absurdas em si, revelam um Deus injusto e vingativo!

A comunicação dos Espíritos (comunicação dos santos) demonstra que a cadeia humana não se rompe pela morte - e que o homem é Espírito essencialmente, e Espírito que, pelo auxílio mútuo, caminha para a perfeição, pelo saber e pela virtude, segundo a lei posta a toda a humanidade.

Desça o Rev. Vigário à prova experimental de tudo isto - desça *aos outros*, e conhecerá a verdade de tudo isto.

Agora tratemos do último sermão.

O último sermão, pelo que se lê no *Apóstolo*, trovejou somente para os lados do hipnotismo, cujos sectários pendem para o materialismo, cegos que não veem a ação fluídica dos Espíritos produzindo todos os fenômenos que constituem sua *nova* ciência!

Nesse ponto, portanto, nada temos que ver - recomendamos-lo ao Dr. Erico Coelho, declarando, entretanto, a este: que hipnotismo e Espiritismo são uma e a mesma coisa, como reconhecerá alongando suas vistas, sem preconceitos materialistas.

Pensando assim, embora os hipnotistas não queiram relações com o Espiritismo, temos por dever dizer ao vigário: que tem razão os que não admitem o sobrenatural.

Que juízo faz de Deus quem lhe atribui o infantil gosto de suspender as leis eternas e imutáveis, que foram postas no Universo, só para nos impressionar?!

O que mais nos pode impressionar do que a contemplação dessas mesmas leis eternas e imutáveis?!

O milagre só existe para nossa ignorância.

Para o selvagem, é milagre um eclipse, que para o civilizado é fenômeno natural. Assim para este há milagres que mais tarde entrarão na ordem natural.

Jesus Cristo nada perde com a explicação dos milagres que fez, senão aos olhos dos ignorantes. Sua grandeza lhe vem da doutrina excelsa que ensinou - e esses fatos que assombraram, como a transformação da água em vinho - as curas - as expulsões dos obsessores - e a passagem por sobre as águas, elevam-no extraordinariamente, porque mostram o superior conhecimento de leis, que ainda hoje não as conhecemos.

A crença em milagres é deprimente do caráter do Criador.

Resumiremos o que temos escrito sobre os quatro sermões no seguinte artigo.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 30.12.1888:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6403

Artigo LXIV: O PAIZ, 06.01.1889

Prometemos um resumo da discussão que sustentamos com o vigário de S. José - e é o que vimos hoje fazer.

“É de excitar vivamente a curiosidade a rude guerra que move o clero ao Espiritismo, ao qual se opõe com maior energia que ao materialismo”.

Esta transcrição da importantíssima obra: *Roma e o Evangelho*, está perfeitamente justificada pelo fato de ter o vigário de S. José deixado em paz o inimigo capital de toda crença religiosa - e subido à tribuna sagrada para objurgar a doutrina que aceita o Evangelho por base de suas crenças.

“Por que tanta tolerância com os apóstolos da matéria e tanta raiva contra os espíritas que procedem do mesmo tronco?”

Ninguém melhor do que o autor da pergunta lhe dará mais completa resposta.

“Não é preciso que fale a esfinge. A chave das iras sacerdotais temo-la no estudo dos princípios e doutrinas que se têm propagado, à sombra da bandeira levantada, há 19 séculos, por Jesus.

“Homens de boa vontade, convencidos de que não podia ser verdadeira a religião que *condena o progresso humano* - a religião que *luta contra as descobertas da ciência* - a religião que *despoja Deus de seus atributos essenciais, fazendo-o co-participante das misérias humanas, e elevando certas criaturas à categoria de deuses* - a religião, enfim, que *levou a descrença e a perturbação ao seio da humanidade* buscaram uma tábua de salvação - uma luz que lhes permitisse medir a profundidade do abismo debaixo de seus pés - e essa tábua, e essa luz encontraram no ensino do

Cristo - no próprio Evangelho, em que pretendia Roma firmar o seu ensino.

“E como isso é destruir os abusos e erros com os próprios textos, que se invocam para firmá-los, daí resulta o ódio e cordial rancor contra os atrevidos e indiscretos inovadores.

“O que lhes importa a escola materialista, que não pode chamar a si a opinião pública, lutando com a consciência universal - com as tradições - com a necessidade - com a filosofia - com os sentimentos - com os desejos - com as esperanças - com as crenças de todos os povos?

“Não temem os defensores da matéria, que abandonam a seus impotentes¹⁰⁹ esforços, concedendo-lhes quando muito, um sorriso de triunfo e desprezo.

“Por isso mesmo que o materialismo quer tudo destruir - e o mais que conseguirá será levantar conflitos parciais e passageiros, que em última análise darão mais importância à classe sacerdotal e fala-ão necessária.

“Com o Espiritismo o caso é muito outro.

“Essa escola não vem destruir, mas sim reparar e restabelecer. Vem bradar alerta à humanidade, afastada do verdadeiro caminho, para que volta atrás, retroceda às retas sendas do Evangelho. Não vem destruir o Cristianismo, senão restaurá-lo, afastando dele tudo o que os homens lhe têm ajuntado em oposição às verdades pregadas por Jesus. Não vem abalar a sociedade por seus fundamentos, mas sim firmá-los e afirmá-los. Não traz na destra o facho da discórdia, dos ódios, das paixões; nem prega o egoísmo, os privilégios, a intransigência e a rebelião; senão, imitando a humildade de seu divino Mestre - Jesus Cristo, chama os corações à humildade e à caridade - exalta o sofrimento e a resignação - desperta a esperança da felicidade pela purificação dos sentimentos e a prática do Bem, e assinala o Filho do homem como o mais perfeito modelo à imitação dos homens.

“Uma escola que vem proclamar tão puros e benéficos princípios há de fazer a conquista de todas as consciências sãs - de todos os corações nobres - de todas as inteligências independentes, que buscam a verdade na virtude.

109 (Nota do Organizador) O texto publicado originalmente em O Paiz traz nesse ponto a palavra “importantes”, mas as edições de *Roma e Evangelho*, da FEB, a substituem, no mesmo parágrafo, pela palavra impotentes, que se mostra muito mais concorde com o sentido da frase, e que decidimos manter.

“Isto é mais que suficiente para levantar a guerra da parte daqueles que não admitem outra verdade além de suas afirmações - e para acender as iras desses que sentem abalado o monopólio do alimento espiritual.”¹¹⁰

Mais perfeitamente não se pode explicar o procedimento do vigário, fugindo a enfrentar com os dogmas do Espiritismo, para ocupar seus ouvintes com algumas questões secundárias, afagadas em palavrório, para poder condenar a doutrina, cujos intuitos aí ficam muito sucintamente enunciados nesta bela transcrição que fizemos.

Para combater-se uma doutrina não se tem senão um meio sério: é tomarem-se-lhe os princípios cardeais, e reduzir-se, um por um, a seu valor real – a zero, se é falsa.

Fez isto o Rev. Vigário? Nem o fez, nem é capaz de fazê-lo; não porque lhe falte talento e ilustração, mas porque é tão impossível destruir as sublimes ideias espíritas, quanto sustentar os erros e abusos da Igreja romana.

O Espiritismo assenta em três princípios essenciais: a pluralidade de existências, como meio de fazerem os Espíritos sua evolução no desenvolvimento de sua perfectibilidade; as penas temporárias e corretivas, como meio de ativar o progresso humano em cada indivíduo, e a comunicação dos Espíritos, como meio de se auxiliarem, no conhecimento das puras verdades, todos os que constituem a grande cadeia que termina em Deus.

O vigário não tocou na primeira ideia, que é a pedra angular do Espiritismo - não tocou na segunda, que já é um corolário daquela - e sobre a terceira veio com um verdadeiro aranzel, contestando o *fato* com o *princípio* em questão; isto é, negando as comunicações porque a Igreja romana ensina que as almas vão, depois da separação do corpo, para o Céu, para o Inferno e para o Purgatório, donde não podem sair para virem à Terra, às evocações.

Ora, sendo isto contestado pelo Espiritismo, não com argumentos, mas com experiência; servir-se disto para bater-nos é confessar que não tem senão argumentos de autoridade para opor aos fatos de observação e de experiência; é zombar do século XIX.

Em resumo, os quatro sermões contra o Espiritismo não atacam nenhuma questão essencial do Espiritismo - não trataram

110 (Nota do Organizador) “Roma e o Evangelho”, Ed. FEB, Cap. XII.

senão de questiúnculas, em que ainda o Revmo. Vigário decaiu, como no do perispírito, ou terceira substância hominal, que atribuiu a Allan Kardec, quando já dela falaram Moisés e S. Paulo.

Se não fosse as beatas ignorantes os sermões de S. José seriam um verdadeiro desastre para a Igreja romana, por provarem que suas armas não dão senão para o ataque de questões secundárias.

Se o Revmo. Vigário é capaz, venha discutir as altas teses espíritas, comparadas com as co-relativas que sustenta a Igreja romana! Qual! S. Revma. não é capaz.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 06.01.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6442

Artigo LXV: O PAIZ, 13.01.1889

O Espiritismo é acusado pelo clero de ter criado um espécime de Espíritos que formam um grupo à parte da criação (*Apóstolo*, sermão do vigário de S. José).

O clero não compreendeu a sublime cosmogonia espírita, porque, se a tivesse compreendido, não falaria dela por aquele modo.

Pois é simples a cosmogonia arquitetada por Allan Kardec, segundo o ensino dos Espíritos.

Em relação à evolução humana, ela consignou esta simples lei: o Espírito é criado em inocência e ignorância - e, pelo uso da sua liberdade, vai subindo em saber e virtudes até chegar à transformação da sua natureza hominal em a natureza angélica.

Quer dizer que começamos nas trevas - e chegaremos à mais resplendente luz, empregando nessa quase infinita evolução maior ou menor porção de tempo conforme o uso que fizermos do nosso livre-arbítrio.

Quer finalmente dizer: que os Espíritos criados são de uma única espécie - e que a variedade de criações, hominal e angélica, não passa de um erro humano.

Esses anjos, criados perfeitos - esses demônios, que iludiram as vistas de seu criador, longe de serem Espíritos distintos da espécie humana não são senão exemplares dessa espécie em diversas fases de sua evolução.

Anjo é o Espírito que já viveu nas trevas, e que por seu próprio esforço penetrou no reino da luz - e se fez uma luz.

Cada um de nós, imperfeitos e atrasados como nos reconhecemos na Terra, viremos a ser um anjo, como tantos seres humanos, que nos precederam, já se fizeram tais.

Demônio é o Espírito, que ainda se regozija com o mal que faz, dominado fatalmente pelas paixões carnisais.

Todos nós já fomos demônios, porque já fomos escravos das paixões carnisais, que felizmente já não dominam toda a humanidade terrestre.

No Evangelho, que o clero, a quem nos dirigimos agora, não pode negar autoridade divina, encontra-se a prova clara desta verdade da cosmogonia espírita.

S. Mateus, capítulo XI, repetindo as palavras de Jesus sobre João Batista, diz:

“Mas que saístes a ver? Um profeta? Certamente vos digo, é ainda mais o que um profeta (versículo 9).

“Porque este é de quem está escrito: eis aí envio o meu *anjo*, ante a tua face...” (versículo 10).

Assim, pois, João Batista era um anjo, como estava escrito e ficou confirmado por Jesus.

Mas no verso 11 acrescenta Jesus:

“Na verdade vos digo, que entre os *nascidos de mulheres* não se levantou maior que João Batista...”.

Assim, pois, aquele *anjo* era nascido de mulher.

Como então explicar-se esta passagem do Evangelho, se admitir-se a lenda bíblica: dos anjos serem uma criação especial, lenda aliás que data do cativeiro de Babilônia, onde os judeus receberam dos caldeus os princípios de sua cosmogonia?

Aquela passagem, porém, será perfeitamente explicada, uma vez admitida a doutrina espírita da transformação do homem em anjo.

Não há anjo, isto é - puro Espírito - que não tenham passado pela fase humana, em que se nasce da mulher - e até, podemos dizer: não há anjo que não tenha sido demônio, no princípio de sua evolução.

Em todo o caso, aí fica a prova irrecusável de que João Batista foi o anjo de que falam as Escrituras como devendo vir preparar os caminhos do Senhor - e foi homem nascido de mulher.

Falando dos milagres de Cristo, S. Mateus refere o fato de ter ele ordenado *aos Espíritos* de dois homens, que saíam do sepulcro, que fossem para uma manada de porcos¹¹¹.

111 (Nota do Organizador) Mt.8:31 – “Então os espíritos maus fizeram a Jesus este pedido: «Se nos vais expulsar, manda-nos para aquela vara de porcos” (Fonte: Sociedade Bíblica Portuguesa – a Bíblia para todos – edição Católica)

E todos sabemos que os antigos chamavam demônios as almas dos mortos.

É certo que fala de Satanás e de Belzebu, assim como fala do Inferno; mas Jesus deu-nos a Parábola da Cizânia¹¹², que nos mostra: como as ideias falsas devem passar, de envolta com a verdade, até que chegue o tempo próprio de se fazer a separação.

Quer dizer: que ainda a humanidade do seu tempo não estava em condições de receber a nova doutrina, que deve banir as ideias falsas de demônios e Inferno da cosmogonia ortodoxa.

Para se separar a cizânia, isto é: para se eliminar a crença no demônio e no Inferno, que então era tida por verdade, fora preciso ensinar aquelas *muitas coisas* que a humanidade *não podia suportar*¹¹³.

Jesus, portanto, falou a única linguagem possível em seu tempo; mas deixou entrever logo: que anjos e demônios são Espíritos humanos.

Chegou o tempo de revelarem-se aquelas verdades, que ele declarou mandar à Terra pelo Consolador - e, pois, à luz do novo facho, pode a humanidade reconhecer a falsidade, que escapou à cegueira dos séculos passados.

Desde que se ensina o dogma da perfectibilidade incessante, através dos séculos, e a favor de vidas múltiplas, é lógico que a ideia do Inferno, com suas penas eternas, repugne à razão e à consciência.

A justiça do Senhor toma a forma divina, punindo toda a falta; mas punindo para corrigir e não para matar.

Há, pois, o sucedâneo do Inferno, onde a imaginação grosseira dos povos atrasados e materiais, localizou as penas, que a razão e a consciência sentiam não poderem deixar de existir - não deixar de haver penas por não haver Inferno.

O homem material imaginou uns castigos tão rudes como era a sua natureza.

O homem espiritual reconhece a impossibilidade de tal concepção - e descobre no ensino mais amplos castigos morais, cor-

112 (Nota do Organizador) Mt. 13:24 a 30 – também conhecida como Parábola do Joio. As palavras cizânia e joio são sinônimas, ambas referem-se à planta gramínea, nociva, que nasce entre o trigo. (Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa – online)

113 (Nota do Organizador) Jo.16:12, já citada.

retivos e temporais, como os que o pai impõe aos filhos para afastá-los do Mal e chamá-los ao Bem.

Jesus, pois, que não podia ensinar isto, falou do que estava estabelecido, porque só aquilo podia ser compreendido.

E, pois, a unidade da criação espiritual assume, em nosso tempo, o caráter de verdade, que o clero em vão busca combater.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 13.01.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6476

Artigo LXVI: O PAIZ, 20.01.1889

O Papa Leão XIII¹¹⁴ publicou, nos últimos dias do ano passado, uma longa encíclica sobre o materialismo¹¹⁵, na qual mostra os efeitos produzidos na geração atual pelas falsas ideias emitidas contra o Catolicismo - e recomenda a volta à vida cristã, como o único meio de levar os espíritos à exata compreensão do destino humano.

O Papa Leão XIII, com a virtude da infalibilidade - e talvez por causa dela, não vê, não aprecia com justeza, o movimento da humanidade no século XIX.

O materialismo é a consequência lógica da posição que tomou a Igreja romana em relação ao progresso humano.

Temos demonstrado repetidas vezes - e é fato que ressalta das sagradas letras, que a revelação é progressiva - e que compreende a religião e a ciência.

Em vez de atender para isso, que se vê e que se apalpa na história da humanidade, a Igreja romana decretou: que fora dela não há salvação - e que dentro dela, só pode salvar-se quem abdicar a razão, que Deus nos deu, e for de uma fé passiva, levada ao *credo quia absurdum*¹¹⁶!

114 (Nota do Organizador) Papa entre 20 de fevereiro de 1878 e 20 de julho de 1903. (Fonte: Wikipedia)

115 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra provavelmente refere-se aqui à Encíclica EXEUNTE IAM ANNO, publicada a 25.12.1888, publicada no site do Vaticano no link http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/la/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_25121888_exeunte-iam-anno.html. Não localizamos sua tradução para o português.

116 (Nota do Organizador) “Creio por ser absurdo”. Expressão de Santo Agos-

Compreende-se facilmente que, sendo de lei natural o aperfeiçoamento do Espírito, tanto intelectual como moralmente, surgir donde quer que seja um poder que diz: *não passareis deste marco*, é provocar fatalmente a revolta, principalmente quando aquele poder diz ainda: *não usareis da faculdade que Deus vos deu - de vossa razão*.

Em que se baseia o papado para marcar limites ao progresso humano, mesmo sob o ponto de vista religioso - para condenar o racionalismo em relação às verdades eternas?

Deus, mandando à Terra o divino ensino, mais extenso e compreensivo desde que o homem tem realizado maior progresso intelectual e moral, faz patente: 1º) que a revelação religiosa não tem limites, ou os tem na medida da perfectibilidade humana; 2º) que exige do ser humano a crença racional e não a fé passiva, com que a Igreja quer exterminar o racionalismo.

Se a Igreja romana pudesse provar: que a perfectibilidade humana chegou a seu termo - tocou ao mais alto grau do seu desenvolvimento, teria razão para assentar o marco designativo do último termo - do mais alto grau da revelação religiosa.

A Igreja, porém, nem pode ter a louca pretensão de convencer a humanidade de ter chegado ao maior grau de sua perfectibilidade; nem que o tentasse seria atendida pelos que encontram no Evangelho a promessa formal de uma nova e mais ampla revelação.

Se Jesus declara, por João e por Mateus, que seu ensino será, em tempo, ampliado e completado, como quer a Igreja romana que a humanidade não espere novas verdades - e fique adstrita ao círculo traçado há 19 séculos!

Isto quanto ao *não passareis deste marco*. Quanto à exigência de uma fé passiva, em vez da que se firma na razão - quanto ao *credo quia absurdum*, admira e entristece ver a autoridade, que podia e devia ser a principal da Terra, alimentar semelhante pretensão em contradição com a lei divina e com o simples bom senso humano.

A lei divina se manifesta com evidência nessa indiscutível progressividade da revelação.

tinho para determinar o objeto material da fé constituído pelas verdades reveladas, que a razão humana não compreende. (Fonte:www.dicionariodelatim.com.br)

Se Deus dá mais luz quando o mundo já tem mais desenvolvida a compreensão - se Jesus não ensinou umas tantas verdades, porque a humanidade do seu tempo não as podia compreender, é incontroverso que Deus quer que o homem compreenda o divino ensino - que o receba n'alma pela razão e pela consciência e não porque a Igreja manda crer.

O simples bom senso ensina que o ser racional não pode ser condenado por fazer uso da sublime faculdade na pesquisa da verdade.

É da natureza humana procurar alargar o círculo dos seus conhecimentos. Como, pois, ser-lhe vedado o conhecimento direto das verdades eternas - daquelas de que depende a salvação da humanidade?

Que merecimento pode ter o que crê em Deus, porque lhe dizem - crê? Merecimento só pode ter o que, embora não siga a fórmula de Bayle¹¹⁷, procura e encontra o Criador na natureza criada.

A religião cristã sobrepuja todas as religiões, porque é filosófica; como então serem os cristãos autômatos irracionais, em matéria de religião?

Leão XIII, por conseguinte, em vez de atribuir ao materialismo as falsas ideias emitidas contra o Catolicismo, deve atribuir o materialismo às falsas ideias emitidas pela Igreja romana.

É verdade que o efeito torna-se causa - e que o materialista ameaça o Catolicismo; mas o meio de evitar o perigo é cortar o mal pela raiz - é acabar a Igreja com o despotismo que quer impor à razão humana, de modo a permitir o consórcio essencial da razão com a fé.

A volta à vida cristã, recomendada por Sua Santidade, é absurda e é impossível.

117 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra deve estar referindo-se aqui a Pierre Bayle (1647-1706), filósofo e escritor francês, que propunha o exame da consciência às verdades reveladas: "Em questões de religião", diz Bayle, "a regra para julgar não está na compreensão, mas na consciência; isso é dizer que alguém deve aceitar os objetos não de acordo com ideias claras e distintas, mas de acordo como a consciência nos diz que ao aceitá-las nós estaremos fazendo o que é consentível para Deus". É a moralidade que deve nos dizer quais doutrinas religiosas aceitar, e não o contrário." (Fonte: Wikipedia - https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Bayle)

É absurda, porque o materialista, ou mesmo o descrente, respeita tanto a autoridade do papa como o católico respeita a do califa.

É impossível, porque a deserção foi e é devida ao despotismo e ao obscurantismo da Igreja - e, portanto, enquanto subsistirem essas razões, perdurarão os motivos da deserção.

Diante de Deus a Igreja responde pela perda das almas que tem atirado para a descrença - e, pela descrença, para o materialismo, cuja última expressão é ateísmo.

É para salvar essas almas e evitar o iminente descalabro, que se preparam atualmente os caminhos para o advento do prometido Consolador.

O Espiritismo, consorciando a religião com a ciência e a fé com a razão, abre o vasto seio da verdade a toda a humanidade.

Ele leva os espíritos à verdadeira compreensão do destino humano, que Leão XIII supõe erradamente estar definido pela Igreja, com sua vida única e com suas penas eternas.

Ele dá a ciência ao crente - a convicção ao descrente - a evidência ao próprio materialista.

Ensina a verdadeira lei da perfectibilidade humana, pela qual o Espírito passa, através dos séculos e das múltiplas existências corporais, da ignorância nativa ao conhecimento das leis da criação - e da inocência, ou ausência de paixões, à mais sublimada virtude.

Ensina a verdadeira lei da justiça eterna, pela qual nenhuma falta fica impune, mas nenhuma é punida com a morte eterna, senão com castigos corretivos, que se suspendem desde que o criminoso se arrepende e faz propósito de emendar-se.

Ensina a verdadeira lei do amor, pela qual nenhum dos filhos se perde, mas todos serão levados, por suas obras, ao reino do Pai.

Diante dessa nova revelação, o que fica sendo Roma, com a sua infalibilidade - com seu poder temporário - com a sua doutrina imposta - com o seu Deus tirânico e vingativo - com o seu Inferno de penas eternas - com a sua perspectiva de salvação para *um em cem milhões?*

Atenda Leão XIII para tudo isto, e reconhecerá que, em vez de chamar os materialistas à vida cristã, o único meio de salvar o Catolicismo de uma ruína igual à do sacerdócio hebreu é chamar

a humanidade à fé espírita, que foi prometida por Jesus - e está sendo revelada ao mundo, com todos os sinais preditos por Joel - pelo Ato dos Apóstolos - e pelo Apocalipse.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 20.01.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6512

Artigo LXVII: O PAIZ, 27.01.1889

A Sra. L. era uma mulher de alta classe, inteligente e orgulhosa, tanto quanto má por natureza.

Cometeu as maiores infâmias; porém seu orgulho revoltava-se contra o desprezo do mundo - e, pois, recorreu à hipocrisia para manifestar-se muito outra do que era.

A esse expediente, que lhe deu maravilhoso resultado, foi principalmente levada pelos conselhos de seu confessor, homem de boa alma, porém sumamente ignorante.

Depois de morta, a Sra. L. procurou ocasião de manifestar-se, para pedir preces, a fim de passarem seus sofrimentos.

Sempre vinha com ela o padre que fora seu confessor, mostrando-se profundamente abatido.

“Quem é esse padre que está a seu lado?” perguntou-lhe o médium, pelo qual se comunicava.

“Este sofre tanto como eu, porque foi ele quem me lançou nas vias da hipocrisia, escrevendo minhas memórias. Tinha-me prometido um perdão, que a justiça de Deus não podia ratificar.

“Podemos evocá-lo?”

“Podeis, mas não hoje que seus pungentes remorsos o têm perturbado.

“O fundo era bom nele, mas a educação clerical falsificou-lhe a excelente natureza, que não se firmava em um juízo reto”.

Este fato curioso, apesar de muito comum na vida terrestre, encontramos-lo narrado na obra de J. Rose¹¹⁸ e aproveitamo-lo em parte para estudo de um ponto de teologia moral.

118 (Nota do Organizador) Obra já citada, vide nota 80.

A Igreja romana, baseando-se nas palavras do Mestre, quando disse a seus apóstolos - o que desligares ou ligares na Terra, será confirmado no Céu¹¹⁹ - estabeleceu a confissão auricular, prometendo a absolvição dos pecados aos que fossem absolvidos pelo confessor, tendo feito satisfatória confissão, isto é, tendo confessado todas as suas culpas, sem ocultar nenhuma - tendo contrição ou pesar sentido de haver ofendido a Deus - e cumprido fielmente a penitência imposta.

O simples bom senso ensina: que as palavras de Jesus não têm aplicação ao caso da confissão; não só porque Deus, que lê no fundo dos corações, não tem necessidade de procuradores para perdoar os que se arrependem de suas faltas, como porque Jesus preceituou a comunicação direta do pecador com o Pai de amor, quando disse - que se recolhesse a seu quarto, e daí lhe falasse com fé e contrição.

Se o pecador tem o direito de falar diretamente ao Senhor, quando ora, é claro que pode falar-lhe igualmente para confessar-lhe suas culpas - e manifestar-lhe seu arrependimento.

A prece não passa de uma confissão, porque o pecador endurecido no mal não a faz - e só a faz o que se sente doído das culpas que tem cometido.

Assim, pois, a confissão auricular não pode ter o valor da confissão íntima e direta, como a prece pública não vale a que Jesus preceituou.

Ilude-se a humanidade com a promessa de um perdão, que o padre não tem o poder de dar - e que só o pode alcançar, diretamente de Deus, o que estiver realmente arrependido.

Seria realmente singular que Deus se visse obrigado a perdoar as culpas de um filho seu, pelo simples fato de tê-las perdoado um padre, algumas vezes relapso e muitas vezes ignorante!

Se o confessando está realmente arrependido, o perdão lhe virá, como foi prometido por Ezequiel¹²⁰, mas vir-lhe-á, não porque o padre lh'o deu, senão porque o arrependimento o atrai.

Sendo assim, e de outro modo não pode ser, compreende-se que a confissão auricular é, pelo menos, uma inutilidade.

119 (Nota do Organizador) Mt. 18:18.

120 (Nota do Organizador) Vide nota 27.

Ora, se é inútil confessar-se a gente ao padre, devemos acrescentar: que é perigoso, porque nem todo padre sabe respeitar o sagrado ministério de que se acha revestido.

Quantas vezes uma alma inocente teve a ciência do mal junto do confessor?

Quantas o fanatismo religioso recebeu ali a inspiração para uma ação condenável?

Conhecemos fatos de seduções no confessor, sendo um deles o de uma moça que se confessava para casar-se.

E as ideias falsas e obscurantistas que padres fanáticos impõe à ignorância dos que tomam a confissão como imperioso dever religioso?

Quando o sacerdote é digno, a confissão pode aproveitar, porque o confessor moraliza com seus conselhos; mas isto não compensa o mal que resulta da ignorância ou da perversidade de certos padres.

Se nada se perde em não se confessar ao padre, uma vez que se confesse a Deus, e se daquela confissão podem resultar perdições e desgraças, o verdadeiro é acabar com ela.

Pregue-se a confissão direta - o exame de consciência diário, que serve-se assim, muito mais meritoriamente, a Deus e ao próximo.

Nós não queremos discutir aqui os motivos, exclusivamente humanos, que determinaram a instituição da confissão auricular - nem a questão de saber se o clero católico tem os poderes conferidos aos apóstolos: questões intrincadas sobre as quais não temos plena consciência.

Limitar-nos-emos, pois, a dizer, com a mais robusta convicção: que as palavras de Jesus, que servem de bandeira à confissão auricular, não lhe têm, nem podem ter, aplicação.

A prova, corroborativa do que dita a razão, está no fato experimental que transcrevemos no princípio deste artigo.

O confessor da Sra. L. perdeu-lhe todos os pecados - e, a despeito de seu perdão, a Sra. L. está sofrendo pelas culpas perdoadas - e o pobre confessor ainda mais sofre pelo mal que fez.

Muitos dos nossos leitores rirão desse fato, revelado por Espíritos ou por almas do outro mundo.

Que riam a seu gosto, porque seu escárnio não fará que a verdade deixe de ser verdade.

A comunicação dos Espíritos, autorizada pela crença universal de todos os povos, é hoje autorizada pela observação e pela experiência.

Só os néscios, que não aceitam o que ignoram - e querem fazer de sua compreensão a medida do saber humano, podem repelir o que está à mão de quem quiser verificar.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 27.01.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6544

Artigo LXVIII: O PAIZ, 03.02.1889

Por hoje daremos a palavra ao notável escritor da obra de grandes ensinamentos, que se intitulou *Roma e o Evangelho*¹²¹.

Queremos dar ao público um capítulo extraído dessa obra, rica de conceitos tão simples quanto racionais – tão racionais quanto firmados na verdade dos fatos.

Publicar esse capítulo é dispensar-se de comentários, porque a verdade que ele contém entra natural e suavemente pela alma do leitor.

Seja, pois, esse o nosso trabalho de hoje.

“Desconsolador é o quadro que em nossos dias oferece a sociedade católica romana.

“Prevalectem contra ela prevalectem as portas do Inferno, desde que em seu seio se desenvolvem todas as más tendências – e que à sua sombra e calor fermentam todas as ambições e todas as más paixões se nutrem e se robustecem.

“E, como temos por seguro que as portas do Inferno jamais prevalecterão contra a verdadeira religião cristã, que é a que reconhece por única lei o Evangelho, chegamos à conclusão que não é Roma a legítima expressão da igreja estabelecida pelo Filho de Maria.

“Onde, pois, encontrar o Cristianismo em sua legítima pureza?

“Em nosso modo de julgar, a igreja de Cristo não é nenhuma dessas estreitas e acanhadas, que se disputam calorosamente a posse das consciências e o predomínio temporal; igrejas mesqui-

121 (Nota do Organizador) Vale lembrar que a tradução do original espanhol para o português, dessa obra, foi feita pelo próprio Dr. Bezerra. As edições brasileiras que conhecemos são todas da Federação Espírita Brasileira.

nhas, que fazem consistir o essencial da religião num conjunto de exterioridades e fórmulas mais ou menos aceitáveis ou ridículas – igrejas exclusivistas, que condenam a sofrimentos eternos a imensa maioria dos homens e se repartem o céu como país conquistado – igrejas que arremedam grosseiramente as parcialidades políticas, que reservam só para os seus as celestiais delícias – igrejas fátuas e orgulhosas, que se atribuem a posse da verdade absoluta e a infalibilidade de seu critério – igrejas, enfim, que fazem monopólio de todos os dons com que a bondade infinita enriqueceu a Humanidade inteira.

“A Igreja do Cristo deve ser alguma coisa mais, muito mais e muito melhor que isso: maior que Roma – maior que Lutero; maior que Mafoma¹²², maior que as que se adornam com o título de – únicas verdadeiras.

“Dentro da igreja de Cristo devem de caber todos os homens de boa-vontade (S. Mateus, cap. VIII, vers. 11¹²³), chamem-se judeus – protestantes – católicos – ou maometanos; de outra sorte não seria firmada na justiça, nem seria universal, caracteres essenciais à religião divina.

“O judeu – o maometano – o protestante – o budista – o católico – o cismático, que ama a Deus em espírito e verdade e pratica a virtude, está com o Cristo e dentro da verdadeira igreja (Atos dos Apóstolos., cap. X, vers. 35¹²⁴).

“Não é cristão o que assim se denomina, só porque recebeu a água do batismo, mas sim o que segue os ensinamentos do Cristo (S. Paulo aos Rom., cap. II, vers. 28 e 29¹²⁵), ensinamentos que se simbolizam numa única palavra: caridade; isto é: amor a Deus e ao próximo. (S. Mateus, cap. XXII, vers. 37, 39 e 40¹²⁶)

122 (Nota do Organizador) Uma das variações do nome de Maomé. (Fonte: Dicionário Priberam online)

123 (Essa nota e as três abaixo são texto original de *Roma e o Evangelho*) “Eu vos digo que virão muitos do Oriente e do Ocidente, e se assentarão com Abraão, com Isaac e com Jacó no reino dos céus”.

124 “Mas Deus se agrada de toda a gente que o teme e pratica justiça”.

125 “Porque não é judeu o que o é manifestamente, nem é circuncisão o que se faz exteriormente na carne; mas é judeu e circunciso o que o é em seu interior”.

126 “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Amarás a teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas”.

“Esta palavra, esta fórmula, este símbolo evangélico, une em um só corpo único os homens de todos os países – de todas as raças – de todas as crenças, formando a igreja universal, a Igreja essencialmente cristã.

“Dia virá em que não haja senão um rebanho; a Igreja de Deus – e não haja senão um pastor: o Verbo, a palavra de Deus, o Evangelho, Jesus Cristo.

“Em todas as religiões há a parte divina, mesclada com os prejuízos humanos; mas, como a luz irá pondo em relevo e separando a verdade da mentira, o eterno e essencial do que é perecedouro, chegará o dia em que todas as religiões se hão de depurar e constituírem uma única”.¹²⁷

É um fato provado pela própria história sagrada: que as religiões – e, portanto, que a escrita e a revelada encerram, de envolta com as verdades divinas, fermento humano, que o nosso atraso faz tomar por sagrado;

É fato, também consagrado nas Escrituras – que o progresso moral e intelectual da humanidade atrai maior luz do alto – e por esse modo depura, na razão do progresso feito e da luz conquistada, o ouro da liga.

Enquanto não se tem a luz, julga-se tudo divino nas religiões; mas, uma vez esclarecida a razão pelo progresso, reconhece-se o engano em que se viveu e repele-se o que se adorou.

A Igreja romana, estacionária, enquanto o mundo marcha, não recebe a luz, que jorra do céu sobre o mundo; e por isso, enquanto fora dela se reconhecem os princípios humanos que ela defende, na crença de que são divinos, dentro dela faz-se a resistência em favor de tais princípios, que já fizeram seu tempo – e são incompatíveis com a razão e a consciência de nosso século.

A Igreja romana, se refletir com isenção sobre os novos ensinamentos dados pelo Espiritismo, reconhecerá: que são de origem humana, porque são inconciliáveis com as infinitas perfeições do Senhor, os dogmas católicos da vida única – do julgamento definitivo depois da morte – e das penas eternas, com seus acessórios: Inferno e demônios.

A Igreja romana, se tiver a força de estudar o Espiritismo, chegará à convicção de que a nova luz espanca aqueles filhos das trevas de nossa ignorância – e que as vidas múltiplas como meio

127 (Nota do Organizador) Texto extraído de do Cap. IX de “Roma e o Evangelho”, ed. FEB, org. D. Jose Amigò Y Pellicer.

de desenvolvermos nossa perfectibilidade, e as penas temporárias corretivas, como meios de depurarmo-nos do Mal em que nós exista, conformam-se admiravelmente com os atributos do Senhor, caráter essencial de toda a verdade.

Mas a Igreja romana não cede de seu emperramento – e, pois, deixará de ser a igreja universal, para ser simplesmente a pequena igreja de Roma.

O Cristianismo espírita tomará o lugar que ela vai perder por seu gosto.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 03.02.1889: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6577

Artigo LXIX: O PAIZ, 10.02.1889

Quanto é sublime a lei que prescreve a justa compensação oferecida pelo Pai Eterno aos seus filhos da Terra!

“Os grandes serão pequenos – e os pequenos serão grandes”¹²⁸.

Os que preferirem as grandezas mundanas, perderão as glórias dos escolhidos – e os que preferirem a humildade, serão exaltados.

Os poderosos, cheios de orgulho de seu poder, calcam aos pés os pobres e pequeninos, que se curvam até ao chão diante de seu carro.

Estes já tiveram a recompensa que escolheram.

Os pequenos, cheios do espírito de humildade, vivem de privações, desconhecidos ou desprezados, sem colherem da vida senão os espinhos.

Estes ainda não tiveram sua compensação.

Uns e outros, porém, são filhos do mesmo pai – e têm jus à mesma herança dos bens do pai.

A lei prescreve, pois, que além desta vida se restabeleça o equilíbrio, elevando-se o que se abateu – e abatendo-se o que se elevou.

Isto é sublime, sem dúvida, mas não se encontra nisto a fórmula da justa distribuição dos bens do pai, nem mesmo o restabelecimento do equilíbrio quebrado na Terra.

Se na Terra uns gozam enquanto outros sofrem; além da Terra dá o mesmo espetáculo: sempre felizes e infelizes.

Que compensação é esta, que consiste apenas na troca de bens e de misérias de um para outro?

128 (Nota do Organizador) vide Lc. 14:11 e Mt. 23:12.

A Igreja romana, adstrita à ideia de uma vida única, é obrigada a defini-la naqueles dois termos: gozo terreno – ou gozo celestial.

Evidentemente vai nisso justiça, porém justiça relativa, quando de Deus se quer justiça absoluta.

A Igreja romana não nos pode dar senão aquela que restabelece o equilíbrio, para logo ecebe-lo – e reparte os bens do pai por todos os filhos, porém, dando melhor quinhão a uns e pior a outros.

O que recebe a sua legítima na Terra, recebe-a pior e não a desfruta senão temporariamente – ao passo que recebe a melhor, para desfrutá-la por toda a eternidade, o que vai ecebe-la na outra vida.

Este modo de compreender a lei das compensações não encerra certamente o princípio da justiça absoluta – não exalta as Sublimes Perfeições.

Se a criação humana dos Espíritos não tem fórmulas, encerra-se numa fórmula – não é variável, cifra-se no mesmo ato do poder infinito; o que é lícito concluir é: que todos os Espíritos tiveram o mesmo destino.

Deus não seria pai, se, tirando da mesma essência toda a espécie humana, determinasse que uma parte dela pudesse perder-se na morte eterna.

A salvação universal é um dogma que fala à razão humana e exalta os atributos do Eterno, tanto quanto a perda de uns tantos filhos, por decreto do próprio Pai, repugna à razão e abate os excelsos atributos.

Mas, se todos se salvam, temos o equilíbrio restabelecido no fim, porém o princípio da justiça absoluta comprometido sem remissão.

Os que sofreram na Terra e gozaram além – os que gozaram na vida e sofreram depois da morte – todos se identificam na felicidade eterna. É bonito, sem dúvida – e sem dúvida exalta o amor do Pai; mas e a justiça do Senhor?

Como é que o homem coberto de crimes e de torpezas, na vida terrestre, pode ter no Céu um lugar ao lado dos que mortificaram a carne e dedicaram a alma ao serviço de Deus?

Diante da doutrina da Igreja romana, a salvação universal é uma blasfêmia. Os mártires terão o mesmo galardão que seus algozes – o ladrão o mesmo que o homem honesto – o devasso o

mesmo que o continente – o homem escravo das paixões, o mesmo que o escravo de todos os deveres.

Mas a perdição eterna não é menos blasfema!

Como então salvar o Deus que adoramos, que nos tirou do nada – que só pode ser Deus se reunir em si todas as perfeições?

Se salva a todos os seus filhos, não é a suprema justiça.

Se expõe seus filhos à perdição eterna, não é o supremo pai de amor.

Como sair deste dilema?

A Igreja não pode, porque define o destino humano após a vida única.

Logo a Igreja não possui a verdade sobre este ponto, porque é impossível que Deus seja amor sem justiça – ou justiça sem amor, como resulta do dogma de uma existência única.

Logo é preciso descobrir a lei, que permita a salvação universal, sem prejuízo da justiça eterna – a lei que demonstre em todos os atos do Senhor a ação de sua justiça ao mesmo tempo que a da sua misericórdia.

Esta lei é evidentemente a do Espiritismo – é a das múltiplas existências.

O ladrão, que conhecemos aqui, será mais tarde um homem honesto; tão honesto como o que o é aqui, e que talvez já tivesse sido um ladrão.

O devasso de hoje será o homem continente de amanhã, como o continente de hoje já foi um devasso.

Os algozes dos mártires serão por sua vez mártires, como estes já foram algozes.

O homem escravo das paixões será escravo dos deveres, assim como os que o são agora nem sempre o foram.

Em estado de culpa ninguém se salva; mas todos os que têm culpa podem lavá-la, uns rápida, outros lentamente.

E desde que se lavam todos da culpa carnal – que se desmaterializam, todos adquirem o mesmo merecimento.

Em tal caso, longe de ferir a justiça eterna o dogma infável da salvação universal, que é a manifestação mais sublime da grandeza do Criador, vem ele reclamar indeclinável sanção da parte da Suprema Perfeição.

O amor de Deus permite a seus filhos procurarem-no nas alturas. Sua justiça pune os que se desviam, como o pai castiga o filho que erra, para corrigi-lo, e no fim galardoa todos os filhos,

porque todos mais cedo ou mais tarde – por entre flores ou por entre espinhos – vão ter à casa do Pai.

E eis como o Espiritismo concilia a mais sublime manifestação do Amor Infinito com a não menos sublime manifestação da Infinita Justiça.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 10.02.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6611

Artigo LXX: O PAIZ, 17.02.1889

“Vejo-me atacado por duas seitas inteiramente opostas - a dos sábios e a dos ignorantes.

“Uns e outros riem-se de mim e chamam-me mestre de dança das rãs.

“Não importa, porque sei que, a despeito de seus juízos, descobri uma das maiores forças da natureza.”

Parodiando estas palavras de *Galvani*¹²⁹, pode o autor destas linhas, o velho Max, dizer, em relação à sociedade brasileira: atacam a doutrina que sustenta sábios e ignorantes, rindo e mofando dela, mas pouco importa, porque ela encerra a revelação de verdades que hão de dominar a humanidade inteira.

Falando de sábios, referimo-nos exclusivamente aos de nossa Terra, porque os maiores vultos da ciência humana, em todos os países cultos, se preocupam quase que exclusivamente com o estudo e observação dos fenômenos espíritas.

E falando de ignorantes, temos no pensamento o clero católico, que o é, na matéria, não porque lhe faltem as luzes da instrução, mas por voluntária obcecação, que não lhe permite manusear, quanto mais estudar uma obra de Espiritismo.

Os nossos sábios por índole - e o clero por capricho evitam estudar a filosofia espírita - e por isso mesmo que não conhecem nem os princípios, nem os fatos, se dão por competentes para julgá-los.

Os primeiros riem dos *loucos*, o segundo esconjura os *perversos*.

129 (Nota do Organizador) Luigi Galvani (1737 - 1798) - Físico e médico italiano. Suas descobertas conduziram à criação da pilha voltaica, o tipo de bateria que tornou possível uma fonte constante de corrente elétrica. (Fonte: https://wikiciencias.casadasciencias.org/wiki/index.php/Luigi_Galvani)

Mas *Galvani* devia servir de escarmento a sábios e ignorantes para não se arriscarem a ver um dia o mundo rir de seus escárnios.

Por que o Espiritismo é obra de loucos para loucos?

Por que é obra de Satanás?

O Espiritismo é uma filosofia elevada (e talvez por isso esteja fora do alcance da maioria dos nossos eminentes sábios), a mais elevada que se conhece na Terra.

Ela toma o Espírito humano em sua criação - e acompanha-o, em sua evolução, até seu alto destino.

Sócrates não foi um louco por chamar a filosofia ao estudo do homem, no tempo.

O Espiritismo não pode ser qualificado obra de loucura, por ter chamado a filosofia a estudar o homem na eternidade.

O que há de ridículo em admitir-se que vimos de existência passadas e vamos a futuras existências, quando, admitido esse princípio, todos os fenômenos humanos, até hoje inexplicados pela doutrina da vida única, recebem dele solene e satisfatória explicação?

Vemos um nascer com disposição bem caracterizada para o Bem - e outro com igual disposição para o Mal; vemos uns tantos com inteligências geniais, ao passo que outros a têm incapaz de compreender; vemos nascerem cegos - mudos - surdos - idiotas.

Pedimos à ciência humana a explicação dessas anomalias - pedimos à Igreja, que define o destino humano nesta única vida, a chave destes mistérios; e a ciência e a religião, a menos que não se levem em conta umas teorias imaginárias, que escandalizam a razão, são obrigadas a confessar sua impotência.

Surge o Espiritismo com a ideia das vidas múltiplas, com a ideia do progresso indefinido dos Espíritos através dos séculos - e o mistério daquelas anomalias desaparece - e todas elas, e quantas mais houver, entram no regime das leis universais, como entrou a de subir a água, contra o seu próprio peso, com a descoberta de Torricelli¹³⁰, como entrou a de estarem os corpos celestes suspensos no ar, com a descoberta de Newton¹³¹.

130 (Nota do Organizador) Evangelista Torricelli (1608 – 1647) Físico e matemático italiano. No seu Opera Geometrica (1644); Torricelli incluiu as suas descobertas sobre o movimento de fluidos e movimento de projéteis. (Fonte: https://wikiciencias.casadasciencias.org/wiki/index.php/Evangelista_Torricelli)

131 (Nota do Organizador) Isaac Newton (1643 —1727) - Astrônomo, alquimista, filósofo natural, teólogo e cientista inglês, mais reconhecido como físico e

Os Espíritos dispostos para o Bem - e os de inteligência genial são os que nas existências passadas cultivaram o dever e o saber - a moral e as ciências.

Os dispostos para o Mal e os boçais são os que não se esforçaram, como os primeiros, antes se embeberam com as paixões degradantes.

Os que vêm cegos – mudos – surdos - aleijados e idiotas, são os que vêm em expiação de faltas passadas, porque o Espiritismo acaba com o Inferno, mas não com a execução da Eterna Justiça.

O que há nisto para provocar o riso?

Parece que o riso é um dos sinais da falta de siso.

Max vai empreender um alta missão: a de ensinar aos sábios de coisas fúteis, que a pluralidade das existências é princípio aceite como verdade pelas maiores cabeças do Universo, desde os tempos mais remotos.

Poder-se-ia recomendar que lessem a obra de Pezzani¹³², onde se acha, à farta, essa demonstração, mas, como sabe que os nossos sábios não têm obras de ciência, que pesam muito, vai-lhes dar em pequenos artigos um curso de ciência sobre a pluralidade de nossas existências.

No fim, riam a gosto, porque rirão dos maiores vultos humanos, cuja luz seus olhos não podem suportar.

Nós aceitamos o seu riso em tão boa quanto honrosa companhia.

Ao clero católico, que tanto se escandaliza com os princípios do Espiritismo, de que *tem ouvido falar*, vamos fazer igual serviço.

Como não lê as obras condenadas pelo homem *infallível*, que aspira ao *reino do mundo*: o Santíssimo Padre, dar-lhe-emos, pela imprensa, em nossos pequenos artigos, uma prova cabal de que todos os princípios espíritas têm seus fundamentos nas - sagradas letras - cujos textos transcrevemos.

matemático.

132 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui à obra “A Pluralidade das Existências da Alma”, de Andre Pezzani, publicada aqui no Brasil pela Ed. Lorenz (2009, Coordenação e Notas Jorge Damas Martins). Essa obra, aliás, foi eleita por Dr. Bezerra como a base de todo o segundo volume desta coleção de artigos. Para saber mais sobre Pezzani - esse importante trabalhador das primeiras horas de nossa Doutrina, ao tempo de Kardec - sugerimos ao leitor consultar a obra “Jean Baptiste Roustaing, Apóstolo do Espiritismo”, dos amigos Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros (CRRBBM, Rio de Janeiro, 2016), especialmente às páginas 229 e 230.

É longo o duplo trabalho que tomamos sob nossos fracos ombros; mas sorri-nos a convicção de que os que nos acompanharão, chegarão ao fim convencidos, como nós, da pureza e santidade da revelação espírita.

Subentende-se que não nos referimos aos obcecados pelo espírito de sistema e pelo fanatismo, infelizes para quem a luz, e toda a luz, só está com eles.

Por hoje limitamo-nos a perguntar, ou antes repetir a pergunta, mil vezes feita: como ser obra de Satanás uma doutrina, cuja moral é a de Jesus: *amor e caridade* - uma doutrina, que recomenda a todos os homens a imitação de Jesus Cristo - uma doutrina, que ensina a imortalidade da alma, sua responsabilidade consequente à liberdade de que goza - uma doutrina, enfim, que demonstra a existência de Deus, pai de justiça e de misericórdia, que não exercita o primeiro daqueles excelsos atributos sem o segundo, nem este sem aquele?

Jesus disse, a propósito de o dizerem possesso: que em tal caso o reino de Satanás estava dividido, visto que ele pregava a lei do Bem¹³³.

Jesus ensinou: que se conhece a árvore pelo fruto¹³⁴.

Como, pois, atribuir o clero a Satanás uma doutrina, que só ensina o Bem?

Max.

(* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 17.02.1889: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6644)

133 (Nota do Organizador) Mt. 12:25-26.

134 (Nota do Organizador) Vide nota 59.

Artigo LXXI: O PAIZ, 24.02.1889

Max antepõe sempre o sagrado ao profano.

Tendo prometido no seu último artigo: provar aos homens da ciência como a ideia da pluralidade de existências tem passado pelo cérebro dos maiores vultos humanos de todos os tempos e lugares – e ao clero católico: que os princípios espíritas têm seus fundamentos nas sagradas letras, cujos textos prometeu transcrever, vem começar a desempenhar-se da dupla palavra, satisfazendo a que deu ao clero antes da que deu aos sábios.

Podia aqui recomendar simplesmente a leitura da obra que corre com o título de – *Roma e o Evangelho*; mas, como sabe quanto é difícil obtê-la – e, principalmente, quanto pesa ao padre ler uma obra espírita, prefere dar-lhe o veneno salvador em doses homeopáticas.

A homeopatia é fácil de tomar – e, se não cura, não mata.

Começaremos, pois, este excomungado trabalho pelas provas da *pluralidade das existências*, que é o dogma fundamental da *revelação espírita*; e a este propósito citaremos Jó – Salmos – Eclesiástico¹³⁵ – Isaías – Jeremias – Ezequiel – Malaquias – Mateus – João – Paulo – e Pedro.

135 (Nota do Organizador) Não confundir com o Eclesiastes, outro livro da Bíblia. O Eclesiástico é um dos livros chamados Deuterocanônicos. São assim chamados os livros (ou trechos de livros) do Velho Testamento declarados “aprovados” ou “oficiais” pelo Concílio de Trento, os quais se encontram na versão grega (Septuaginta), mas não fazem parte do texto hebraico. São eles: Tobias,

“Pergunta às idades passadas e esquadrinha atentamente as memórias dos padres: porque *nós somos de ontem e o ignoramos*, porquanto nossos dias passam sobre a Terra como a sombra – Jó, VIII, 8 e 9.”

Baldad Suhita encarece com estas palavras a justiça de Deus, como dizendo: se tua consciência não te acusa de teres cometido, na presente vida, faltas que te expliquem os sofrimentos que te torturam, *pergunta às idades passadas* – procura descobrir: se em existências precedentes tendes feito por onde merecê-los, porquanto todos *nós somos de ontem*, isto é: temos já vivido em outros tempos, o que esquecemos, porque a matéria corporal, como uma espessa sombra, nos impede de ver os quadros de nossas existências anteriores.

E a explicação de Baldad Suhita é correta, pois que nenhum outro sentido se pode atribuir àquelas palavras do bom homem, a não se lhe emprestar um espírito vão – e às Escrituras a falta de critério de colher sentenças sem nenhum valor.

“Crer porventura que, *morto um homem, tornará a viver?* Todos os dias estou esperando a mudança desta milícia em que vivo – Jó, XIV, 14.”

Jó presente a reencarnação, e este pressentimento lhe dá forças para sofrer, resignado, as dores da *presente milícia*, esperando a *mudança*: outra vida mais feliz, como resultado da expiação que faz, ou da prova a que se submeteu.

É verdade que esta passagem também se pode explicar pela doutrina da Igreja, que oferece o prêmio eterno ao que sofre resignado nesta vida; mas se atendermos bem às palavras de Jó, reconheceremos que não se referem à vida eterna.

Se assim fosse, ele perguntaria: *crer* que, morto um homem, ele *não acaba*, ou *continua* a viver, ou terá o prêmio de suas boas obras na presente milícia – e o castigo das más?

Ele, porém, pergunta: um homem morto *tornará a viver?*

Tornar a viver não pode ser continuar n’outra vida diferente, mas certamente voltar às condições da vida presente.

Isto é rigorosamente lógico – e revela a intuição que foi dada ao pobre sofredor para não desanimar.

Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Ester, Baruque, Macabeus I e II, a Oração de Manassés, no cânone da Igreja oriental, e três acréscimos ao Livro de Daniel.

Uma vez dá-se-lhe a ideia de que sofre por obras de passadas existências – outra vez dá-se-lhe a de que terá melhores existências se perseverar na expiação ou nas provas da presente milícia.

Uma coisa completa a outra – e ambas demonstram a sublime intuição que teve o modelo dos que sofrem pelo corpo e pelo coração, depois do grande exemplo de Jesus Cristo.

“Eu sei que vive o meu Redentor – e que no último dia hei de ressuscitar da terra – e *de novo hei de ser revestido de minha pele* – e, *em minha carne*, verei a meu Deus – Jó, XIX, 25 e 26.”

Aqui o pressentimento da reencarnação deixa de ser uma dúvida para transformar-se em certeza.

Jó *sabe*: que ressuscitará *de novo* do seio da terra, com sua pele e seu corpo carnal, no qual verá a misericórdia do Senhor, concedendo-lhe nova milícia, em melhores condições.

Pode-se também referir esta manifestação dos sentimentos íntimos de Jó à ressurreição da carne, de que fala o símbolo dos apóstolos; mas, em primeiro lugar, a reencarnação ou ressurreição da carne não é, em espírito, senão a reencarnação do espírito num corpo carnal para reparar passadas faltas e progredir para a perfeição; e, em segundo lugar, aquele – hei de ser *de novo* revestido de minha pele – diz claramente: que é uma reencarnação nas mesmas condições da presente milícia.

Se assim não fora, se o *de novo* não significasse isto, Jó teria dito: meu corpo ressuscitará da terra.

Evidentemente fala de um novo corpo e não do presente.

“Quantas vezes será apagada a lâmpada dos ímpios – e lhes sobrevirá a inundação, e lhes pungirão as dores de seu furor? – Jó, XXI, 17.”

Os ímpios, ensina o Espiritismo, renascerão tantas vezes quantas lhes for preciso para matarem em sua alma, compelidos pela *inundação* e pelo *pungir de suas dores*, a iniquidade e o desejo de infringir a lei do dever e da consciência.

Ora, que explicação podem ter as palavras de Jó, acima citadas, senão a confirmação do ensino ou revelação espírita?

O que significa a pergunta: quantas vezes será apagada a lâmpada dos ímpios?

A Igreja, com sua vida única, não entenderá certamente a questão; pois que, segundo sua lei, a lâmpada do ímpio – do fiel – de todos, só se apaga *uma vez*.

Perguntar, pois, quantas vezes ela se apagará, não é terminantemente pôr em dúvida a doutrina da Igreja – e, ao mesmo tempo, demonstrar a intuição – o pressentimento da doutrina do Espiritismo?

Se deixarmos o campo da interpretação das sagradas letras pela letra, como faz a Igreja, deslembada de que tal sistema só podia caber no tempo do atraso humano, em que a razão não podia elevar-se à altura da sublime verdade, que por isso lhe era revelada por entre nuvens com os antolhos da letra;

Se passarmos à interpretação pelo espírito, que já cabe à humanidade atual, pelo esclarecimento de sua razão, reconheceremos, em todas as palavras citadas de Jó, a ideia da pluralidade de existências em embrião.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 24.02.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6678

Artigo LXXII: O PAIZ, 10.03.1889

Max tem necessidade de interromper a conversa que encetou com o clero católico, até o próximo domingo.

A razão dessa inconveniência é retificar um fato que a *Tribuna Liberal*, por equívoco ou por mal informada, afirmou a seus leitores.

Disse ela que o ilustre Victorien Sardou¹³⁶, da Academia de Ciências, tendo estudado o Espiritismo, manifestou-se-lhe adverso.

Compreende-se que, tratando-se de uma individualidade da estatura de V. Sardou, tanto se devem honrar os espíritas com o apoio de sua opinião, quanto deve ela pesar na balança de seus adversários, se lhes for favorável.

Max, corre, pois, a declarar: que a *Tribuna* está enganada e que Sardou, longe de manifestar-se contra o Espiritismo, acaba de declarar-se franca e solenemente espírita.

Ainda a 4 de dezembro publicou o *Gaulois*¹³⁷ a seguinte carta escrita pelo ilustre acadêmico a Rambaud¹³⁸, da *Revista Ilustrada*, carta transcrita pelo *Vie Posthume* de Marselha em um número de janeiro deste ano¹³⁹.

136 (Nota do Organizador) Victorien Sardou (1831 - 1908) Célebre dramaturgo francês. (Fonte: Wikipedia) É citado em 6 diferentes artigos na Revista Espírita, de Kardec, com destaque para a captação dos desenhos das paisagens de Júpiter - edições 1858 e 1859.

137 (Nota do Organizador) Le Gaulois, jornal literário e político editado em Paris entre 1868 e 1929. (Fonte: Gallica, Biblioteca Nacional da França)

138 (Nota do Organizador) Alfred Nicolas Rambaud (1842 - 1905), historiador francês. (Fonte: Wikipedia)

139 (Nota do Organizador) É possível acessar diretamente a edição do Vie Pos-

“Há 40 anos que observo como curioso os fenômenos que, sob os nomes de magnetismo – sonambulismo – êxtase - segunda-vista, etc, davam, em minha mocidade, motivo ao riso dos sábios.

“Quando me arriscava a dar-lhes parte de alguma experiência, em que meu ceticismo cedia à evidência, que explosão de chacotas!

“Ainda me parece ouvir as risadas de um velho doutor, meu amigo, a quem falei de uma moça, que caía em catalepsia por passes magnéticos.

“Ela ouvia tiros de espingarda e sentia um ferro em brasa queimar-lhe a nuca.

“Qual! respondia-me o homem; as mulheres são tão enganadoras!...

“Ora, todos esses fatos sistematicamente negados naquele tempo, são hoje aceitos e afirmados pelos mesmos que os qualificavam de - feitiçarias.

“Não há dia em que algum jovem sábio não descubra novidades, que eu já conhecia antes que tivesse ele nascido.

“Apenas há mudança de nome. Não é o *magnetismo*, palavra que soa mal aos que o ridicularizavam. É o *hipnotismo*, a sugestão, designações que têm mais graça.

“Adotando-se os novos termos, dá-se a entender que o magnetismo era realmente uma mistificação, que foi esmagada, merecendo a ciência oficial, por essa razão, o nosso reconhecimento.

“Ela livrou-nos de tal peste - e, em troca, deu-nos uma verdade científica: o hipnotismo, que no entanto, é a mesma coisa.

“Citava eu um dia a um habilíssimo cirurgião o fato, hoje bem conhecido, da insensibilidade produzida em certas pessoas, que olham fixamente para um espelho ou para um corpo brilhante, de modo a provocar o estrabismo, e essa revelação foi recebida com o ridículo e a zombaria.

“Passaram os anos - e o mesmo cirurgião, vindo almoçar comigo, desculpou-se da demora com a necessidade que teve de arrancar um dente a uma moça muito nervosa e doente.

thume a que se refere o Dr. Bezerra no site da Biblioteca Nacional da França – conferir no link <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5673498d/f16.image.r=Sardou>, edição de janeiro de 1889. A tradução que segue deve ter sido feita pelo próprio Dr. Bezerra.

“Eu, disse-me ele, tentei neste caso uma experiência nova e muito curiosa: por meio de um espelho metálico fi-la dormir tão profundamente que pude arrancar o dente, sem que ela o sentisse.

“A isso redargui: perdão; mas eu fui o primeiro a assinalar este fato - e vós o metestes a ridículo.

“Desconcertado a princípio, o meu homem readquiriu prontamente a calma - e respondeu: é certo, más vós me falastes de um fato de magia e este é de hipnotismo!

“A ciência oficial trata sempre por este modo as verdades desconhecidas: depois de repeli-las com escárnio, apropria-se delas, mas em o cuidado de mudar-lhe os rótulos.

“Enfim, quaisquer que sejam os nomes que lhes deem, elas têm adquirido o direito de cidade - e, pois que os nossos sábios chegaram a descobrir, na Salpêtrière, e que toda Paris já teve ocasião de ver no tempo de Luiz XV, no cemitério Saint Medavel, é de esperar que se dignarão ocupar-se um dia desse *Espiritismo*, que julgam morto por seus desdêns, e que *nunca gozou melhor saúde*.

“Para isso não terão necessidade senão de mudar-lhe o nome, para se atribuírem o mérito de havê-lo descoberto, *depois de todo o mundo*.

“Isto não será tão cedo, porque o Espiritismo tem que combater outros inimigos além daquela má vontade.

“Tem contra si as experiências de salão, meio detestável de fazerem-se investigações - e que não serve senão de firmar os céticos em sua incredulidade - de sugerir aos vivórios engenhosas mistificações - e de fazer aos espirituosos chistosas tolices.

“Tem ainda que lutar contra os charlatães, que fazem espiritismo à Robert Houdin¹⁴⁰ - e contra os semicharlatães, que, dotados de mediunidade, não se contentam com ela, mas por vaidade ou por especulação suprem a insuficiência de seus meios naturais pelos artificios.

“Tem principalmente que vencer dois grandes obstáculos: a indiferença de uma geração votada aos prazeres e aos interesses materiais - e a fraqueza de caráter, cada vez mais acentuada, em um país onde ninguém mais tem a coragem de suas opiniões, preocupando-se com as dos outros - e não se permitindo adotar uma senão quando sabe que é de todos.

140 (Nota do Organizador) Jean Eugène Robert-Houdin (1805–1871) - Mágico ilusionista francês.

“Em qualquer matéria: artes, letras, política, ciências, etc., o que mais se receia é passar por ingênuo, que acredita em qualquer coisa - ou por entusiasta, tão inconsciente, que se leva à admiração!

“O homem o mais sinceramente tocado por uma bela obra, se vir que um cético escarnece, não vacila em zombar do que ia aplaudir; a fim de dar uma prova de que não é menos perspicaz que os outros, não se satisfazendo com qualquer coisa.

“Como ousariam confessar em público *a realidade das manifestações espíritas* homens assim adstritos às alheias opiniões, embora convencidos pelas provas as mais decisivas?

“Negar *a priori*, e sem exame, sob pretexto de que a lei produtora dos fenômenos espíritas não existe, pois que não é conhecida - contestar a realidade do fato, porque não entra ele na ordem dos que estão estabelecidos e das leis conhecidas, é próprio¹⁴¹ de um espírito mal equilibrado, que julga conhecer todas as leis da natureza.

“O sábio que nutre esta pretensão não passa de um pobre homem!

“*Onde eu o espero é no exame sério dos fatos, quando for ele forçado a chegar aí. Eu lhe prometo algumas surpresas.*”

Um homem que escreve tudo isso em dezembro, pode poucos dias depois dizer o contrário?

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 10.03.1889: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6742

141 (Nota do Organizador) Essa palavra não aparece no texto original, mas nos parece que por lapso de tipografia, porque completa e se harmoniza perfeitamente com o sentido da frase. Foi acrescida pela edição de 1977, de iniciativa do confrade Freitas Nobre, e decidimos aqui mantê-la, tendo em vista melhor compreensão do texto.

Artigo LXXIII: O PAIZ, 11.03.1889

Com a transcrição dos trechos do livro de Jó, iniciamos o estudo, que prometemos das sagradas letras para demonstrarmos: que elas encerram, em espírito, o dogma espírita da pluralidade das existências.

Continuamo-lo-emos hoje, segundo o plano que nos traçamos.

“Quantas atribuições me hás feito provar – muitas e dolorosas – *e me hás feito voltar à vida* – e dos abismos da terra *outra vez me hás arrancado*.

“Multiplicaste tua magnificência - *e eu volto a consolar-me* – Salmos, LXX, 20 e 21.”¹⁴²

O santo rei David, n'um momento de inspiração, fala de suas existências passadas, cheias de atribuições - e entoa hinos de reconhecimento ao Senhor, que lhe deu nova vida, arrancando-o do sepulcro, isto é, dos abismos da terra.

Interpretadas em espírito, outra significação não podem ter aquelas inspiradas palavras, que o clero católico, sempre adstrito à letra, lê - e passa, vendo apenas imagens de retórica.

Lembramos-lhe, a este propósito: que no livro das revelações divinas não deve, nem pode haver uma palavra, que não tenha alta significação.

E, pois, dizer o rei profeta que Deus o fez *voltar à vida*, arrancando-o *outra vez* dos abismos da terra, não pode ser uma figura oratória, mas a expressão de uma alta verdade, que apenas bruxuleava por entre as trevas, que envolviam a humanidade daqueles tempos.

142 (Nota do Organizador) O correto aqui é Salmo 71, 20 e 21.

“E passaram seus dias em vaidade - e seus anos se escoavam rapidamente.

Quando o Senhor os matava, eles o buscavam - e volviam - e tornavam a Ele. – Salmos, LXXVII, 33 e 34.¹⁴³”

A interpretação rigorosa destas frases é esta:

Os maus, pecadores endurecidos, viviam na vaidade - e sua vida era curta. Só se lembravam do Senhor depois da morte - e então o buscavam - e a misericórdia do Pai lhes concedia de voltar à vida (e volviam), para que o reconhecessem e o procurassem em amor (e voltavam a Ele).

Ainda é uma tênue revelação de grande verdade que, nem no tempo de Jesus, se achava ainda em tempo de ser ensinada, porque o mundo não a podia suportar.

Mas é clara a alusão que a ela faz Davi.

Parece - não parece, é verdade: que o Pai faz luzir as ideias do futuro para que os olhos humanos se vão habituando com sua luz, a fim de não serem ofuscados quando chegarem os tempos, que são marcados pelo desenvolvimento da perfectibilidade humana.

É por isso que se não encontra, viva e clara, a ideia da pluralidade das existências, nos livros sagrados; mas que se a descobre envolta em formas alegóricas, como se deu com o amor universal, apenas insinuado, nos tempos primitivos - já formalmente prescrito, nos mandamentos dados a Moisés - e explanado até sua mais ampla fórmula: o *diligite inimicos vestros*¹⁴⁴, no ensino de Jesus, de que S. Paulo fez sua divina missão, na vida.

“Porventura serás sempre irritado contra nós - e estenderás tua ira de geração em geração?

“Oh! Deus, *tu nos farás volver à vida* - e teu povo se alegrará em ti. – Salmos, LXXXIV, 6 e 7.¹⁴⁵”

Aqui, o salmista fala a linguagem do pecador arrependido, que se arreceia da cólera do Senhor através das diversas existências, isto é, de geração em geração; mas de pronto surge a esperança e a fé - e por elas entrevê outra vida, outra encarnação, em

143 (Nota do Organizador) O correto é Salmo 78, 33 e 34.

144 (Nota do Organizador) Amai os vossos inimigos. Mt, 5: 44. (<https://mymemory.translated.net/pt/Latim/Portugu%C3%AAs/>)

145 (Nota do Organizador) O correto é Salmo 85, 5 e 6.

que sua alma *se alegrará*, isto é, em que as torturas e tribulações se transformarão em paz e felicidade.

Tu nos farás volver à vida.

Haverá mais formal revelação da ideia de uma vida após outra?

E isto, quando se dá em um tempo em que ninguém cogita em causa semelhante - e quando parte de um inspirado varão, não é mesmo uma revelação?

Hoje, fazer alguém, ainda mesmo um padre, referências à sucessão de vidas, nada valeria em favor dessa ideia, porque ela gira em nossa atmosfera - e poder-se-ia dizer: que o padre falou do que se diz, e não do que sentia.

Naqueles tempos, porém, em que Davi não encontra no seio da humanidade o pensamento que formula, onde o foi buscar?

Seu Espírito teve a visão do futuro - e leu no livro das verdades eternas aquela que só muitos séculos mais tarde devia descer do Céu à Terra.

E teu povo se alegrará em ti.

Esta frase prende-se à precedente - a da reencarnação do pecador; e, pois são estes os que, reencarnando, terão de alegrar-se, pela misericórdia de que usou o Senhor, deixando de condená-los - e dando-lhes nova vida para resgatarem suas faltas.

Foi uma perfeita intuição da nova lei, que Deus é servido dar-nos hoje, por intermédio dos altos Espíritos, seus divinos mensageiros!

“Porque tua misericórdia é imensa para comigo - *e arrancaste minha alma do Inferno interior*. – Salmos, LXXXV, 13¹⁴⁶.”

Aqui há mais do que a revelação da pluralidade de existências; há também a de nossa ascensão progressiva de mundos mais atrasados (Infernos inferiores) para mundos mais adiantados.

O Espiritismo ensina exatamente isto: que à medida que vamos progredindo, mediante o uso que fazemos de nosso livre arbítrio em múltiplas existências, subimos a mundos mais adiantados, onde a vida humana já encontra condições mais brandas, até chegarmos aos de pura felicidade.

Davi tem a reminiscência do mundo inferior, donde foi arancado para o nosso que é, entretanto, um verdadeiro Purgatório.

146 (Nota do Organizador) O correto aqui é Salmo 86:13.

Teve a ideia de haver saído do Inferno, como a raça adami-ta, atirada por suas faltas, de um mundo superior para a Terra, guardou no espírito a ideia de ter caído do paraíso.

“E clamaram ao Senhor, quando se viram atribulados - e o Senhor os livrou de suas misérias.

“Disse sua palavra e eles foram curados - e os livrou de *suas mortes*. – Salmos, CVI, 19 e 20”.

A primeira interpretação racional é esta:

Os pecadores clamaram ao Senhor de seu sepulcro - e o Senhor se compadeceu deles - e lhes enviou sua palavra de vida, que os levantou da morte tantas vezes quantas apelaram eles para sua misericórdia infinita.

Os salmos, tanto como Jó, dão testemunho de que o sublime dogma, que se impõe à razão e que é o único meio de podermos compreender, unidos, o amor e a justiça do Eterno, tem sua sede no Céu, onde foi permitido aos dois preclaros varões subirem em Espírito - e lerem no livro da verdadeira sabedoria.

O clero católico não pesou estas coisas - e, orgulhoso de seu saber, repele tudo o que não está na arca em que a tem encerra-do.

Dia virá - e bem próximo, em que reconhecerá seu funesto erro - e terá de responder por si e pelas almas que sequestra da verdade celeste.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 11.03.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6748

Artigo LXXIV: O PAIZ, 17.03.1889

Max vai continuar sua missão de evangelizador do clero católico.

Já sabem os reverendos padres, cuja suscetibilidade nem pelo pensamento nos passa ofender, que, dizendo – evangelizar – não tem o pobre velho a estulta pretensão de ensinar o Padre Nosso ao vigário, senão a caridosa disposição de chamar a atenção do vigário para o espírito dessas palavras que estão escritas no Céu - e que a Terra interpreta segundo sua acanhada concepção.

Max não inventa - expõe apenas o que ensinam os textos sagrados - e, como filósofo, repete o que tem observado na marcha do ensino divino: eles nos são dados tanto mais elevados quanto a compreensão humana se tem mais desprendido do obscurantismo.

A Jerusalém, que não ouviu a palavra do profeta, substituiu Roma - e Roma terá a sorte de Jerusalém, se não fugir à observação do sacerdócio hebreu.

Max procura, com fraternal empenho, dar a luz aos pobres cegos, que lhe retribuem com risos de mofa, quando não com o seu terrível - *anathema sit*¹⁴⁷.

Não importa. O velho, desprezado por uns - anatematizado por outros - desconhecido de todos, irá seu caminho, sobranceiro às tempestades da vida, chorando com os que riem - e rindo com os que choram.

147 (Nota do Organizador) “Excomungado seja”. Excomunhão com execração. Maldição, vergonha, opróbrio. Forte reprovação ou repreensão. (Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa online)

Ele chora com o clero católico - e pede a Deus que lhe dê por galardão na Terra: rir um dia com ele.

Já extraiu do livro de Jó os textos comprobatórios da multiplicidade das existências.

Já fez o mesmo com relação ao livro dos Salmos.

Continua hoje o desenvolvimento do plano que traçou - e começará invocando o testemunho do Eclesiástico, de Isaías, de Jeremias, de Ezequiel e Malaquias.

“Ai de vós, homens ímpios, que transgredis as leis do Senhor;

“Se *nascerdes*, em maldição nasceréis - e se morrerdes, a maldição será vossa herança – Eclesiástico, XLI, 11 e 12¹⁴⁸.”

Como há de o ímpio nascer, se já é nascido?

Para se dar tal fato, é preciso que ele nasça depois desta vida, isto é, que volte a ela, nascendo de novo, para de novo morrer.

Se alguém puder aplicar aquelas palavras de alta sabedoria a uma hipótese diferente desta nossa asseveração, *magnus erit Appolus*¹⁴⁹.

“Porque é aqui que eu crio novos céus e nova terra, e as *causas primárias* não ficarão em memória, nem subirão ao coração. – Isaías, LXV, 17.”

Aqui se compreendem as duas ideias congêneres: da pluralidade dos mundos habitados - e da pluralidade de existências do Espírito humano.

A primeira está claramente expressa - a segunda está enunciada de um modo simbólico.

O que poderão ser essas *causas primárias que não ficarão na memória*?

Não podem ser senão os fatos de nossas existências passadas, que se apagam de nossa memória, desde que reencarnamos.

Isto ensina o Espiritismo - e isto aí fica confirmado por Isaías.

“Esperança de Israel, Senhor: todos os que te abandonam, serão confundidos - os que de ti se retiram, *serão escritos sobre a terra*. – Jeremias, XVII, 13.”

148 (Nota do Organizador) O correto aqui é Eclesiástico 41: 8 e 9.

149 (Nota do Organizador) Não localizamos a tradução dessa máxima em dicionários, mas em tradução livre seria “Apolo será grande”, como a dizer que seria um grande feito, uma grande contribuição.

O que significa esta frase, os que de ti se retiram, na terra serão escritos?

A Igreja não pode explicar-lhe o sentido, pois que me sua doutrina esses tais vão para o Inferno, depois da morte, o que é incongruente com a expressão: serão escritos na terra.

A doutrina espírita, sim, explica bem aquele mistério, porque admite o princípio das reencarnações na Terra.

Assim disse o profeta: que todos os que se retiram do Senhor, serão escritos na Terra, vale por dizer: que os tais volverão outra vez à Terra, tantas vezes quantas forem precisas para que se façam merecedores, por suas obras, de renascerem em mundos superiores, isto é, de não serem mais escritos na Terra.

“E porei sobre eles meus olhos, com misericórdia, e *restituí-los-ei a esta terra* - e os edificarei, e não os destruirei - e plantá-los-ei - e não os arrancarei. – Jeremias, XXIV, 6.”

“Porque eis aí vêm os dias, diz o Senhor, e farei que *voltem os que hão de voltar* do meu povo de Israel e de Judá, diz o Senhor - e *fa-los-ei voltar à terra* que dei a seus pais - e eles a possuirão. – Jeremias, XXX, 3.”

Poder-se-á confundir o sentido alegórico destas palavras com a volta dos hebreus à Palestina: à terra da promessa; mas lembramos que Jeremias viveu quando o povo de Israel e de Judá estava na posse da terra que o Senhor deu a seus pais.

Assim, quando diz o profeta - farei que voltem os que hão de voltar - refere-se evidentemente às reencarnações.

Dos hebreus, uns tinham tal merecimento que não precisavam voltar à Terra, outros porém, por suas faltas, precisavam voltar a ela. São os tais de quem se disse: farei que voltem os que hão de voltar.

“Com pranto virão, mas eu, com misericórdia os *devolverei*. – Jeremias, XXXI, 9.”

O pecador arrependido será devolvido à Terra para reparar suas faltas - e esta é a alta misericórdia do Senhor.

“Eu *farei que voltem os que vovem de Judá e de Jerusalém* - e os restabelecerei como desde o princípio. – Jeremias, XXXIII, 7.”

Com tanta clareza fala o profeta, nos versículos citados, da reencarnação dos Espíritos, que julgamos ocioso dar mais amplas explicações. A simples transcrição dos textos basta para fazer compreender: que o Senhor, apiedado dos que vão a juízo cobertos de impurezas, os faz volver à Terra para de novo tentarem a empresa de seu aperfeiçoamento.

“Isto diz o Senhor: povo meu, eis aí vou eu *abrir os vossos túmulos - e tirar-vos-ei de vossos sepulcros - e vos introduzirei na terra de Israel.*

“E sabereis que eu sou o Senhor, que tiver eu *aberto vossos sepulcros - e vos tiver tirado de vossos túmulos.*

“E tiver infundido meu espírito em vós - e vós *tiverdes recobrado a vida, e vos farei repousar sobre vossa terra, e vós sabereis que sou o Senhor, que disse e fiz. – Ezequiel, XXXVII, 12, 13, 14.*

É clara a referência que se faz aqui à reencarnação, para dispensarmo-nos de mais palavras.

“Enviar-vos-ei o profeta Elias, antes que venha o dia grande e tremendo do Senhor. – Malaquias, IV, 5.”

Elias já não era da Terra; logo, para Deus enviá-lo à Terra, era preciso: ou mandá-lo em corpo e alma, como *dizem* que foi arrebatado - ou mandá-lo reencarnar.

A primeira hipótese, já sabemos, não se realizou, pois que o tremendo dia, a vinda do Messias, já passou - e Elias não apareceu.

Fica, portanto, a segunda: a da reencarnação do grande profeta, o que teve efetivamente lugar, como adiante mostraremos.

Padres, padres! Converti-vos à nova revelação!

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 17.03.1889: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6774

Artigo LXXV: O PAIZ, 24.03.1889

É preciso ter sempre em vista que no tempo em que falaram ou escreveram as autoridades, que citamos, a ideia fundamental do Espiritismo - pluralidade das existências - não era *suportável*¹⁵⁰ à humanidade - e, conseqüentemente, que não pode ser clara e precisa, como as do ensino dado naquele tempo.

O fato, porém, de aludirem a ela os preclaros varões, que temos citado - e os que vamos citar, prova a todo o que não for fanático ou sistemático: que já existia nas almas puras e elevadas a concepção da verdade, que devia luzir no futuro.

É coisa como o que diziam os profetas relativamente à vinda de Jesus, ora um lampejo, ora uma obscuridade, mas sempre uma verdadeira intuição da sublime verdade, que afinal desceu à Terra.

Feitas estas considerações, continuaremos o nosso estudo sobre os fundamentos sagrados da pluralidade de existências.

“E se quereis saber, ele (João Batista) é *aquele Elias*, que há de vir. – Mateus, XI, 14.”

Em nosso passado artigo, transcrevemos o texto de Zacarias¹⁵¹, em que se diz: que Elias será enviado à Terra antes do grande tremendo dia do Senhor: a encarnação de Cristo.

Eis que temos por Mateus a confirmação daquela promessa, pois que *Elias é João Batista*, e João Batista veio antes de Jesus, a preparar-lhe os caminhos.

150 (Nota do Organizador) Vide Jo.16:12.

151 (Nota do Organizador) Outro erro material, que cabe reparar: o correto é Malaquias, e não Zacarias, conforme se verifica o artigo anterior.

Estas palavras do evangelista foram ditas pelo próprio Jesus - e por ele colhidas e vulgarizadas.

Foi, pois, o Redentor que declarou – *Ele é aquele Elias que há de vir*.

O clero católico não pode, pois, recusar a autoridade do divino Mestre - donde a desnecessidade de demonstrarmos que o Espírito do que foi Elias voltou a novo corpo material, constituindo com este a individualidade conhecida por João Batista.

Pode haver alguma prova mais autêntica, para o clero católico, do que a palavra de Jesus?

Pois aí temos essa palavra para prova de que o mesmo Espírito teve *duas* existências carnis.

Como dar-se um tal fato, se é verdade o que ensina a Igreja: que depois da morte ímpios e justos são definitivamente julgados - e definitivamente colocados, por toda a eternidade, no Inferno e no Céu, donde não podem sair?

Foi uma missão especial?

Seja, embora o fato de um Espírito tomar um novo corpo e viver nova vida terrestre não fica menos provado.

Se, porém, Deus pôs a lei da vida única, que necessidade tinha de fazer-lhe exceção?

Além de que podia o Altíssimo criar um João Batista, tão grande como o que foi a voz do que clamou no deserto - tão grande como o que foi Elias, sem precisar, portanto, fazer reencarnar um ex-vivente; acresce que atribuir ao Onipotente o exemplo de transgressão de suas próprias leis, é irreverência - é blasfêmia - é negação de seus infinitos atributos.

As leis de Deus são eternas e invariáveis, ou Deus não é Deus.

Só a imperfeição produz obra perecível e mutável.

Portanto, a reencarnação do Espírito que foi Elias não pode ser uma exceção à lei da vida única, se tal lei é uma verdade.

Como explicar o clero católico sua lei, diante do fato em questão?

Ou Deus põe leis mutáveis, ou não existe a da vida única.

Dizer-se: que o Onipotente, pode, por sua vontade alterar e suspender a marcha de sua própria obra, é coisa que nem merece refutação - é uma acusação de imperfeição.

E, pois, o dilema está de pé - e o clero católico tem forçosamente de optar por uma das suas duas hipóteses.

Se opta pela sua doutrina da vida única, destrona o Onipotente, atribuindo-lhe a imperfeição de alterar suas leis.

Se opta pelo princípio de absoluta verdade: que as leis divinas são eternas e invariáveis, lá se vai a pedra angular de sua doutrina: a vida única, com seu juízo definitivo - com suas penas eternas - *et reliqua*¹⁵².

Mas pensemos sobre o caso.

Princípio axiomático universal, reconhecido e proclamado pela ciência e pela religião: as leis naturais são eternas e imutáveis.

Partindo desse princípio, chegamos à questão da vida única ou da vida múltipla.

Qual das duas doutrinas se firma na lei natural?

Diante do fato consignado por S. Mateus, é incontroverso que um Espírito teve duas existências terrestres conhecidas.

E, pois, se as leis do Criador são eternas e imutáveis, não podem sofrer exceções; aquele fato prova: que a lei do Criador é a da pluralidade das existências.

Assim como, se Jesus não o tivesse revelado, o mundo teria considerado João Batista um homem que veio fazer sua vida na Terra, como todos os outros; assim e pelo mesmo modo considera todas as criaturas humanas vivendo esta única vida.

O segredo de nossas passadas existências, nem nós nem o mundo conhece, como nunca teria conhecido o da existência passada do Precursor, se Jesus não o tivesse revelado.

Portanto, o fato de uma dupla existência corporal denuncia a lei das existências múltiplas - e a crença em uma vida única terrestre não serve senão para atestar a ignorância da humanidade sobre este ponto de cosmogonia.

As palavras que podem ser invocadas como provas, tiradas das Escrituras, em favor da vida única, são explicáveis pela necessidade de se falar a linguagem do tempo, para se poder ser compreendido.

As que denunciam a vida múltipla não tem a mesma explicação - são antinômicas com as ideias do tempo - e, portanto, provam a verdade da lei.

O clero católico, educado na crença da Igreja, muito naturalmente repele o dogma espírita; mas acima de tudo está o dever

152 (Nota do Organizador) E o restante. O mesmo que et caetera. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

de consciência de fazer-se passar pelo cadinho, em que se depuraram as verdades, tanto do mundo científico como do religioso.

Porque o clero católico sabe: que a revelação divina é progressiva - e sagra ideias novas - e atira ao pó ideias tidas por sagradas, mas que não passavam de veículos para a revelação.

Compare, sob este duplo caráter, o Cristianismo com o Moisésmo - o Novo com o Velho Testamento.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 24.03.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6804

Artigo LXXVI: O PAIZ, 31.03.1889

Continuemos o estudo do Evangelho em relação ao dogma espírita da pluralidade das existências.

“E Jesus questionava seus discípulos, perguntando: *quem dizem que é o Filho do homem?*”

“E eles responderam: *uns dizem que é João Batista - outros que é Elias - e muitos que é Jeremias ou um dos profetas.* – S. Mateus, XVI, 13, e 14.”

Por este simples enunciado, vê-se claramente que pairava na alma da nação eleita a ideia das reencarnações, pois que de outro modo tomariam o Filho do homem por um ser novo e nunca pela reencarnação do Espírito de João Batista - de Elias - de Jeremias ou de outros profetas.

Era uma ideia vaga, que não tinha ainda amadurecido - e tanto que não estava consignada nos livros sagrados; mas ela existia de fato na mente do povo.

Os grandes da nação possuíam - a mais bem definida, como se vê do *Zohar*¹⁵³, livro que se atribui a anciãos, que comunicaram com Moisés.

O *Zohar* dos hebreus explica positivamente a evolução dos Espíritos, mediante vidas sucessivas e solidárias, como mais detalhadamente daremos, quando nos ocuparmos da segunda parte deste trabalho, que prometemos aos homens de ciência.

E, pois, o mistério dos hebreus ou repertório das opiniões dos homens eminentes daquela nação - e o sentimento geral do povo hebreu autorizavam aquela suspeita de ser Jesus, Joao Ba-

153 (Nota do Organizador) Hoje a transliteração desse nome é feita como Zohar, (“esplendor” ou “radiante”). É a obra fundamental da literatura cabalística e da espiritualidade judaica.

tista – Elias – Jeremias - ou outro profeta; e tudo isto redundando em prova da ideia das vidas múltiplas.

“E ele (Jesus) respondeu: Elias com efeito há de vir - e restabelecerá todas as coisas; mas eu digo que ele já veio - e não o conheceram - e fizeram com ele o que bem lhes pareceu, como farão com o Filho do homem.

“Então compreenderam os discípulos que de João, o Batista, lhes havia falado o Mestre. – S. Mateus, XVII, 11, 12 e 13.”

Como se não bastasse ter dito positivamente que João Batista era Elias, o Mestre dirige estas novas palavras a seus discípulos, cuja convicção ficou firmada, diz o Evangelho, sobre a identidade das duas pessoas: Elias e João, o Batista.

Já dissertamos suficientemente sobre este fato de ser o Espírito que animou o grande profeta o mesmo que desceu a animar o Precursor.

E do que expendemos, concluímos que a grande lei, eterna e imutável é a das vidas sucessivas; salvo se se quiser admitir a hipótese de serem transitórias e mutáveis as leis postas pelo Eterno.

Aí temos, portanto, o Evangelho de S. Mateus dizendo positiva e claramente ao clero católico: que a vida única é uma concepção humana - e que a lei de Deus é a das vidas sucessivas.

O mesmo se depreende rigorosamente da seguinte passagem de S. João, I, 19 e 21;

“E este é o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas a lhe perguntarem: quem tu és?

“E lhe perguntaram: és Elias? Ao que ele respondeu: não sou. És o profeta? Ao que responde ainda: não.”

Esta passagem ensina dois fatos, qual mais importante.

O primeiro é: que S. João ajunta seu testemunho ao de S. Mateus, quanto à iniciação hebraica na doutrina da reencarnação das almas.

O segundo é: que S. João afirmou não ser Elias quando Jesus havia dito o contrário.

Isto não prova senão uma coisa: que João, como todos os homens, não teve a consciência de suas anteriores existências - e por isso pôde sinceramente responder: que não era Elias.

Jesus, porém, por sua superior natureza, conhecia o passado do Precursor - e por isso disse, como quem vê, que Elias e o Batista eram o mesmo Espírito em duas existências distintas.

Temos assim Mateus e João contestes na afirmação do que ensinou o Mestre sobre aquele importante ponto, que tanta luz dá à questão que nos preocupa.

Nem é somente isto o que encontramos no Evangelho de S. João.

“Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vô-lo teria dito, pois vou a aparelhar-vos o lugar. – S. João, XIV, 2.”

Evidentemente refere-se aqui o evangelista à pluralidade de mundos habitados, que são as moradas da casa do Pai, a qual é o Universo; mas, além de que a pluralidade de mundos é ideia complementar da pluralidade de existências, acresce que a ascensão da Terra a mundos superiores implica um desenvolvimento moral e intelectual, que bem poucos adquirem n'uma única existência.

Se a vida é única, como ensina a Igreja - e se depois dela vão as almas ao seu destino eterno e imutável, bem poucos são os que chegarão à casa do Pai, porque raros são na Terra os que cumprem os deveres impostos pela religião do Calvário, que é a lei da salvação.

Ora, sendo assim, de que serve ter a casa do Pai tantas moradas, se tão poucos podem lá entrar?

O Espiritismo, explicando aquelas palavras pela pluralidade de mundos, distribuídos em classes, segundo seu grau de adiantamento - e ensinando que as almas vão passando dos mais atrasados aos mais adiantados, segundo seu grau de progresso, dá às mesmas palavras uma significação racional, que não têm tomadas no sentido da Igreja.

Pelo Espiritismo as almas sobem da Terra quando têm aí feito o maior progresso permitido neste planeta, para mundos mais adiantados - e destes para outros mais felizes, até ao mais perfeito, onde somente podem entrar os mais purificados moral e intelectualmente.

Assim compreende-se a variedade de moradas na casa do Pai.

Pela doutrina da Igreja o que significa tal divisão?

É, pois, uma grande prova da pluralidade de vidas o texto que citamos, consagrando a pluralidade dos mundos habitados.

Uma coisa supõe a outra - e as duas formam um concerto admirável, que exalta a sabedoria - a justiça - e o amor do Pai celestial!

Assim, os atrasados da Terra, em vez de serem condenados *in eternum*¹⁵⁴, sofrem o castigo de suas faltas, até que se arrependem - e, arrependidos, seguem o caminho do progresso, galgando os degraus da longa escada de Jacó.

Ninguém se perde - todos chegam pelo sofrimento à felicidade.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 31.03.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6834

154 (Nota do Organizador) Para sempre; eternamente. (Fonte: www.dicionario-delatim.com.br)

Artigo LXXVII: O PAIZ, 07.04.1889

Ainda estamos hoje com o clero, a quem ardemos no desejo de esclarecer, porque não chegue a noite e os apanhe fora de casa.

Para o cristão, discípulo de Jesus, a lei é o Evangelho, e quando o Evangelho diz - sim - não há autoridade que lhe imponha o - não.

Ora, demonstrado, como temos deixado e continuamos a fazê-lo, que o Evangelho consagra, em gérmen, a doutrina da pluralidade de existências, como recuar dessa crença, porque a Igreja condena?

A Igreja e o Evangelho estão, neste caso, em flagrante oposição; mas a Igreja também condenou a ideia dos antípodas¹⁵⁵ - a do movimento da Terra, e outras que o progresso humano lhe veio mais tarde impor.

Aqui não é a ciência humana que lhe dá a luz - é a própria palavra de Cristo, por seu Evangelho, que a Igreja tem desprezado ou tem interpretado segundo certas conveniências humanas.

Diante da manifestação clara do código da cristandade, *anathema sit*¹⁵⁶ ao clero que a deixa de parte, para seguir decretais firmados em conceitos e interesses desta vida material.

Use o padre de sua razão, que para dela usar foi que Deus lha deu - e verá no que transcrevemos, e em muito mais que não podemos escrever, a prova da verdade do dogma espírita - e, por aí, da verdade da nova revelação feita por meio dos Espíritos.

Continuemos nossa missão:

155 (Nota do Organizador) Relativo à esfericidade da Terra.

156 (Nota do Organizador) Vide nota 147.

“Havia um homem dos fariseus, chamado Nicodemos, príncipe dos judeus.

“Veio este a Jesus pela noite e disse-lhe: Rabi (mestre), sabemos que sois enviado de Deus, porque ninguém pode fazer os milagres que fazeis, se Deus não lhe assistir.

“Jesus respondeu e disse: Em verdade, em verdade te digo, que não verá o reino do Céu, senão aquele que *renascer*.

“Nicodemos redarguiu: *como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode volver ao ventre de sua mãe e nascer outra vez?*

“Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que não pode entrar no reino de Deus, senão o que renascer da água e do espírito.

“O que nasce da carne, carne é - e o que nasce do espírito, espírito é.

“Não te maravilhes porque te digo: *é necessário nascer outra vez*.

“Respondeu Nicodemos e disse: Como pode isto dar-se?

“Respondeu Jesus e disse: Tu és mestre em Israel e ignoras isto? – S. João, III, 1, 2, 3,4, 5, 6, 7, 9, 10.”

Pode haver mais categórica afirmação da lei do renascimento, que é a da pluralidade das existências?

A Igreja, queremos dizer: os Nicodemos cristãos, mestres em Roma, sem saberem ou quererem entender as escrituras, procuram sofismar aquela clara lição, dizendo que ela se refere ao batismo, sem o qual não há salvação.

A Igreja, porém, não pode sustentar sua interpretação por inúmeras razões, de que daremos aqui as principais:

1^{a.}) Se Jesus se referisse ao batismo, instituição cristã, que Nicodemos não tinha obrigação de saber, não teria aludido à circunstância de ser ele mestre em Jerusalém - e, portanto, de dever saber o que lhe havia dito, isto é: *que não se pode entrar no reino de Deus, sem se renascer*.

2^{a.}) À dúvida, posta pelo mesmo Nicodemos, de não ser possível voltar um homem ao seio materno, teria respondido, explicando que o renascimento era pela graça do batismo - e não repetiria o pensamento, como coisa que um mestre já devia saber pelas Escrituras; e tanto que o repreendeu por não saber.

3^{a.}) A própria Igreja, urgida por outros lados, não teve remédio senão declarar que sem batismo pode-se chegar ao reino de Deus.

Foi o imortal Pio IX quem assim o entendeu, dizendo: que todo homem recebe de Deus o *instinto do Bem* - e que, portanto, o selvagem, que modelar sua vida por esse instinto, salvar-se-á.

Temos, pois, aqui o Evangelho, que diz - sem renascer, ninguém se salva - e a Igreja que diz - sem o batismo pode-se salvar.

Se o batismo é o renascimento, a Igreja derroga o ensino do próprio Cristo.

Se não derroga o santo ensino, confessa que o batismo não é o de que falou Jesus a Nicodemos.

Cai, pois, por si mesmo o sofisma, com que os homens de Roma acreditaram poder afastar a crença na pluralidade das existências.

Dizemos sofisma para não dizer paralogismo, porque em verdade, em verdade, o que houve, não foi má-fé, porém, ignorância.

Os *mestres* de Roma, com os de Israel, não compreenderam o verdadeiro sentido das palavras do *Mestre* divino.

Elas, porém, além de serem por si mesmas bem claras, conformam-se perfeitamente com o que disse Jesus a respeito de João Batista.

Ali, ele firmou o fato de um renascimento - aqui firmou a lei do renascimento *universal*.

Elias reencarnou; eis o fato.

Jesus diz a Nicodemos: não entrará no reino de Deus senão o que reencarnar; eis a lei.

Lei sublime é esta, que Cristo apenas fez bruxolear aos olhos dos homens, porque era daquelas que o mundo não podia ainda *suportar* e que ora resplende com todo o fulgor da celeste revelação.

Como é grande e divinal este meio de purificação de todas as almas; de modo que não há falta que não seja punida - e não há criatura humana que não chegue à casa do Pai!

Justiça e amor!

Deus pune as faltas de seus filhos, para Bem desses mesmos filhos!

Pune-os; mas dá-lhes os meios de se regenerarem - de resgatarem seu hediondo passado em vidas subsequentes!

Se numa caímos pelo orgulho, outra nos é dada, para levantarmos-nos pela prática da humildade, depois de termos sofrido a pena do mal que fizemos.

Expição e provas, eis o fim que todos temos na vida corpórea dos reencarnados.

Pela expiação, sofreremos o mal que fizemos - e conforme sofreremos com paciência ou revolta, fazemos boa ou má prova.

A suma, porém, da lei das vidas múltiplas e solidárias, é: que todos os filhos (todos) chegarão à casa do Pai, embora levando uns mais tempo (séculos) e sofrendo mais, em consequência do mau uso que fizeram de sua liberdade.

Compare-se este quadro de exaltar o Criador com o da vida única, com suas penas eternas, deprimente do Criador.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 07.04.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6867

Artigo LXXVIII: O PAIZ, 14.04.1889

Ainda algumas linhas para mais provarmos que o dogma espírita da - pluralidade das existências - é uma verdade consagrada nas Escrituras Sagradas.

Lê-se em S. Paulo, aos Efésios, I, 11 e 12, estas significativas palavras, que devem ter algum peso no juízo do clero católico:

“No qual (Cristo) fomos também chamados por sorte; *predestinados* segundo o decreto d’Aquele que tudo resolve pelos conselhos da sua vontade.

“Para que sejamos o motivo do louvor de sua glória nós, *que antes havíamos esperado em Cristo.*”

Evidentemente o apóstolo da caridade felicita-se e felicita aos que, tendo *antes* esperado em Cristo, tiveram a sorte de renascer na época do estabelecimento da igreja cristã.

Aquele *antes*, ligado ao - *predestinados* - do primeiro versículo, denuncia claramente a ciência de S. Paulo, que ele não podia fazer patente naqueles tempos, sobre as existências anteriores dos que renasceram no tempo de Cristo.

Como é que os contemporâneos do Messias poderiam ter *antes* esperado por ele?

Se o apóstolo se referisse aos que tinham fé nas profecias, sua linguagem seria esta: *nós que esperávamos em Cristo.*

Dizer que *antes havíamos esperado*, é referir-se positivamente a épocas anteriores à da descida do Redentor.

E como poderíamos ter esperado antes, se não viemos à vida senão no tempo em que se deu o fato que esperávamos, ou tínhamos antes esperado?

A Igreja romana - o clero que substitui a razão, que lhe deu o Criador, pela fé passiva que Roma lhe impõe, pode fazer quanta ginástica permite a lógica dos sofismas; mas deturpar a genuína expressão daquelas inspiradas palavras de S. Paulo jamais o conseguirá.

Nem o grande apóstolo, bem como todos os grandes homens inspirados, que temos citado, poderiam conformar-se com a estreita doutrina da vida única, impossível diante dos infinitos predicados do Altíssimo e à luz da simples razão humana.

Como explicaria ele a si mesmo a progressividade da revelação das verdades, que o Senhor, em sua infinita misericórdia, julgou preciso à humanidade mandar-lhe como auxílio à sua fraqueza?

Se não temos senão uma existência, na qual se define o nosso destino eterno, os que viveram sem a luz da revelação do Sinai tiveram penúria de meios de salvação em relação aos que viveram depois de Moisés - e estes tiveram menos do que os que vieram depois da luz do Cristo.

Isto quer dizer: que as condições de salvação foram dadas à humanidade muito diferentes, segundo os tempos, o que depõe sem réplica contra a justiça e o amor de nosso Criador e Pai.

Como condenar o mau que não teve ensino, como ainda hoje são os selvagens, pelos mesmos pecados do mau que já teve o ensino de Moisés - e condenar, principalmente, aqueles pelas mesmas faltas dos que tiveram a graça da luz cristã?

S. Paulo não podia deixar de ler no livro da Eterna Justiça e do Amor Infinito a grande lei que reparte, por todos os filhos, em partes iguais, a justiça e o amor do Criador e Pai da humanidade.

S. Paulo, pois, dizendo aquelas palavras, tinha bem n'alma o conhecimento da sublime lei, que nivela as condições de todos os homens, para a obtenção do excelso fim humano.

Ele conhecia que o Espírito, apenas esclarecido pela luz natural, das épocas anteriores a Moisés, voltou à Terra para receber o ensino dado do alto do Sinai - e que os esclarecidos pela luz incompleta deste ensino volveram a receber o de Cristo.

E é porque conhecia essa sublime lei, pela qual nenhum filho recebe maior nem menor herança, que disse: *nós que antes havíamos esperado em Cristo.*

Antes, quer dizer: nas existências anteriores, naquelas em que, lutando com as espessas trevas da ignorância nativa, acreditamos na promessa de um Redentor, que nos abrisse a estrada da salvação pela luz que faria em nossas almas.

E perguntaremos: por que regozijar-se a humanidade anterior à cruz, com a promessa da redenção, se ela, quando visse Cristo, já tinha seu destino definido de modo imutável?

Dizei-nos, ministros do Senhor, não seria uma crueldade ferina anunciar aos que se debatem com as ondas de todos os males, um porto de salvação, não para eles, mas para os que vierem após eles?

Que sentimento de gozo ou de esperança podia brotar no coração daquelas gentes à promessa de um dia ver o Redentor?

“Alegra-te em teu Espírito e em tua carne, que baixará das Alturas o cordeiro de Deus, que tomará sobre si os pecados do mundo”.

Alegria porque, se nós que sofremos o peso daqueles pecados, não seremos aliviados; mas sim outros mais felizes, que foram criados no tempo da redenção?!

Muito pelo contrário; devemos - temos o direito de acusar o Pai, pela parcialidade de criar a uns antes da cruz - e a outros depois dela!

Clero, refleti sobre estas toscas ponderações, que brotam de nosso fraco cérebro, como a água pura brota da rocha por influxo superior.

Completai estes pensamentos com as deduções lógicas que deles emanam.

Comparai vossa doutrina, incompatível com os supremos atributos, com a doutrina que nos é revelada, segundo a promessa do Cristo.

E vereis: que a lei das vidas múltiplas, mal esboçada pelos inspirados, que temos citado, se impõe à razão e à consciência, por ser conforme àqueles supremos atributos.

Clero, essa lei, que nos é hoje revelada pelos Espíritos do Senhor, vos explica como os que vieram depois da cruz, são os mesmos que tinham vindo antes dela - e, portanto, que Deus não criou uns nas trevas e outras na luz.

Marchai por esse caminho largo - e reconhecereis que a promessa de redenção não foi feita a desgraçados para felizes; mas para todos que viveram antes da cruz - e que viveram depois dela.

Clero, com a lei das vidas sucessivas e solidárias, não precisará o papa inventar um meio de salvação para o selvagem, porque este voltará à vida - e receberá sua herança como os que nasceram na luz.

Clero, deixai o orgulho e a ambição de domínio - e recebei a nova lei, que é a da maior graça.

Max.

(Da União Espírita do Brasil)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 14.04.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6900

Artigo LXXIX: O PAIZ, 21.04.1889

Com o livro de Jó - com o dos Salmos - com o Eclesiástico - com Isaías - com Jeremias - com Ezequiel - com Malaquias - com S. Mateus - com S. João e com S. Paulo, temos à saciedade provado: que tanto o mosaísmo como o Cristianismo encerram em seu ensino os filamentos (gêrmens) da doutrina espírita, quanto à multiplicidade das vidas humanas.

Já o notamos, porém não é ocioso relembrar: que não se achando a humanidade, quer no tempo de Moisés, quer mesmo no de Cristo, em condições de suportar mais luz que aquela que, por misericórdia e amor do Pai, lhe foi dada, seria estultice pretender alguém descobrir nos livros canônicos asseverações tão positivas sobre o dogma espírita, como se encontram sobre o que já era tempo de ser revelado.

Assim como no domínio da revisão mosaicanal se encontram delineados os princípios da revelação messiânica, por não ser tempo de os apregoar; assim e pela mesma razão, num e noutra daqueles dois períodos, não se podem encontrar senão mal desenhados os princípios da nova revelação, que está sendo feita ao mundo pelo Consolador-Espírito da Verdade.

E, porque, no Velho Testamento, estando previstos os tempos messiânicos, não foi perdoado aos hebreus desconhecerem o Enviado do Senhor, pelo mesmo modo não terá perdão o clero romano, que desconhece o Consolador, prometido por Nosso Senhor Jesus Cristo, apesar de ser o seu ensino corroborado por todos os sagrados autores, que temos aqui citado.

O dogma espírita da multiplicidade de existências, além de ter suas raízes, como temos mostrado, no Velho e no Novo Testamento, e principalmente neste último, não é repulsivo à razão

- não constrange à consciência - não fere, nem de leve, um só dos excelsos atributos da Infinita Perfeição.

A razão aceita, de preferência, que, sendo perfectíveis como somos, em vez de trancar-se-nos o desenvolvimento pela morte, depois de um minuto de existência, deixa-se-nos o direito de desenvolver nossos predicados morais e intelectuais, mediante existências múltiplas, reparadoras e progressivas.

A consciência diz-nos: que Deus não é pai, se, dando mais luz a uns do que a outros, como acontece em relação aos que viveram antes e depois de Cristo - como acontece aos que nascem no seio da civilização ou no meio de tribos selvagens - como acontece, enfim, aos que trazem de nascimento disposições boas ou más para o saber e para o Bem, exigir, entretanto, de todos o mesmo grau de elevação, pelas provas que derem, em tão opostas condições.

E a razão e a consciência, por mais que sondem a doutrina da vida única, não encontrarão nela senão os rigores da justiça de Deus, sem a sua misericórdia, ao passo que na das vidas múltiplas descobrem, imponentes, o amor e a misericórdia do Pai, sem prejuízo da justiça do Senhor.

Uma faz temer - a outra faz amar o Pai Celestial!

Por que então repele o clero romano o que exalta a criatura e o Criador, para abraçar o que enfeza uma e outro?

Se ao menos pudesse o clero romano firmar-se n'algum ensino positivo da verdade da vida única - sua teimosia teria fundamento; mas nos Evangelhos e nos livros sagrados há mais referências à pluralidade de existências que à sua unidade; e, pois, onde a base sólida em que se firma a Igreja para anatematizar os sectários das primeiras?

A Igreja, se ninguém levantasse a dúvida entre os dois princípios, devia ser ela a primeira a levantá-la, pelo simples fato de encontrar fundamentos para ambos nas sagradas letras.

E, se quisesse ser lógica e ortodoxa, deveria dar mais pela verdade das referências ao novo dogma, por isso que os antigos escritores e o próprio Messias eram obrigado a falar do velho como coisa recebida, que não era tempo de eliminar; entretanto, que nada os obrigava a falar, como falaram, embora em linguagem simbólica, do princípio das vidas múltiplas.

Ora, se a Igreja tem mais razão para abraçar o dogma espi-rita, com os livros canônicos em mão, estudando-os sem preconceitos, nem interesse puramente humanos, maior razão tem para

aceitá-lo, desde que lhe foi dito pelo Salvador, que em tempo viria o Espírito da Verdade ensinar aquelas que Ele não podia ensinar, por não poder-las suportar a humanidade de seu tempo.

Como então repelir a alta ideia como uma heresia - e a excomungar quantos têm a felicidade de abraçá-la?

A Igreja, por mais santa que seja, não tem o direito de ser cega - de recusar seu testemunho ao que lhe é patente - e ela vê um fenômeno que nem o próprio Cristo produziu - vê rebentar em todos os pontos da Terra, comunicado por um meio extraordinário, o princípio espírita, que, em poucos anos, já serve de bandeira para milhões de criaturas humanas!

É obra de Satanás! Bradam os fanáticos.

Nós vamos provar, em subsequentes artigos, que Satanás é um puro mito - e prová-lo com a autoridade dos livros sagrados.

Dado, porém, que exista Satanás, não veem os inimigos do Espiritismo - que humilham a Deus, crendo e ensinando: que a obra do espírito das trevas se propaga mais rápida e segura do que a do seu Cristo?

Esta firmou-se e aquela não se firmará, continuam os fanáticos.

*De futuris solus Deus*¹⁵⁷, responder-lhes-emos; mas para não ficarmos em expectativas dir-lhes-emos: não pode ser contrário à lei de Deus - e, portanto, deixar de firmar-se um princípio, que fala à razão universal - que faz exultar a consciência humana - que traz consolações indefiníveis ao coração - e que se ostenta superior, moral e intelectualmente, ao que teimam em atribuir à Onisciência.

Racionalmente - conscienciosamente - e autoritariamente, o dogma da pluralidade de existências se impõe à humanidade; tanto que, se é obra do demônio, só os cegos não verão a superioridade deste dogma sobre o da existência única.

Quererá o clero que um plano demoníaco seja mais perfeito que o divino?

Obcecação! Obcecação!

Repetiremos sempre: também o sacerdócio hebreu, de boa ou de má-fé, sustentou que a doutrina e as obras de Jesus eram inspiradas por Satanás!

157 (Nota do Organizador) Em tradução livre, algo como "o futuro a Deus pertence", ou, em tradução mais literal, "Só Deus sabe do futuro".

Estude o clero os caracteres essenciais da doutrina, que repele sem conhecer - e reconhecerá: que só de Deus pode proceder um ensino tão resplendente de luz e de grandezas morais.

Max.

(Da União Espírita do Brasil)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 21.04.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6935

Artigo LXXX: O PAIZ, 28.04.1889

“Dia virá, disse Jesus à Samaritana, em que não adorareis o Pai, nem no monte Gerizim nem em Jerusalém, porém adorá-lo-eis em espírito e verdade”¹⁵⁸.

O que pensa o clero a respeito desta sentença do Redentor?

O Filho do Eterno não disse uma palavra que não tivesse a mais elevada significação.

Aquelas, pois, exprimem uma promessa ou uma profecia, que o clero deve pesar e esperar.

Se pesar, no santo recolhimento que requer a palavra divina, reconhecerá: que Jesus falou de tempos, em que a humanidade, por seu progresso, não será mais presa às fórmulas de orar - não precisará mais de ir aos templos para orar, porém fará sua oração ao Pai em pensamento, no sacrário do seu coração.

Assim como, pelo progresso humano, elevando-nos da moral do “dente por dente” à do “ama a teu inimigo” – passamos do Deus de “tremenda majestade” ao de “amor e misericórdia”, assim pela mesma lei subiremos do culto externo ao culto interno, desaparecendo o primeiro e ficando só o segundo.

Deus sabe melhor que nós o que nos convém - e quando tivermos desmaterializado o nosso Espírito ao ponto de podermos elevá-lo, em pensamento, ao Excelso Trono, para que templos? - para que fórmulas de orar? - para que toda essa complicadíssima trama do culto externo?

Dizei: o que mais pode significar aquela promessa ou aquela profecia do divino Jesus?

“Dia virá em que não adorareis o Pai neste monte nem em Jerusalém.” (Evangelho de S. João)

158 (Nota do Organizador) João, 4: 23, já citado.

Talvez pretendam interpretá-las como alusivas à Igreja romana (*et antiquum Documentum novo cedat ritui*¹⁵⁹); mas onde os fundamentos para tal modo de pensar?

A Igreja romana assentou sobre as verdades reveladas por Jesus - e, pois, se fosse a ela que se referisse o Mestre, em vez de dizer *dia virá*, teria dito: *são chegados os tempos*.

Evidentemente as sublimes palavras, que S. João recolheu, são alusivas a uma época bem distante do tempo em que foram proferidas.

O clero, portanto, pesando-as, bem é obrigado a esperar a realização da promessa ou da profecia que elas encerram.

Na permanência do regime da Igreja romana, cujo caráter essencial é o *estacionarismo*, nenhuma razão há para se crer que chegue o dia anunciado.

A Igreja não muda com os tempos. O que é hoje, foi ontem e será amanhã. Logo, se a divina promessa não teve razão de ser ontem, não tem razão de ser hoje, nem terá razão de ser amanhã.

Para que se opere a extraordinária alteração no modo de nossas relações com o Pai, é preciso que se dê uma profunda alteração no modo das relações do Pai conosco; isto é, faz-se preciso que desça do Céu nova e mais intensa luz, que descubra à humanidade mais largos e mais claros horizontes.

O clero tem o dever de esperar essa nova luz, porque Jesus prometeu, também para *um dia futuro*, o ensino de verdades que a humanidade de então não podia ainda *suportar*.

As suas promessas, ambas inscritas no Evangelho, se ligam e se completam tão perfeitamente que a razão a mais obscurecida se exalta em reconhecê-lo.

Pelo progresso humano, o mundo terá a nova luz; e, a favor da nova luz, os homens se comunicarão com Deus - adorarão o Pai em espírito e verdade, sem mais dependência de fórmulas externas.

É isto já foi insinuado por Cristo, quando, falando da oração, disse: sempre que quiseres orar a teu Pai, que está no Céu, retira-te para teu quarto e ora, porque teu Pai, que está no Céu, ouvirá tua oração¹⁶⁰.

159 (Nota do Organizador) Tomás de Aquino dizia, poeticamente: "Que o Antigo Testamento ceda o lugar ao novo rito" (Fonte: <https://context.reverso.net/traducao/portugues-frances/Santo+Tom%C3%A1s+de+Aquino>)

160 (Nota do Organizador) Mt.6:6.

Assim, pois, devemos esperar fora da Igreja, que não progride - que condena todo o progresso em matéria de fé, a realização da dupla promessa de Jesus, cuja condição é o progresso intelectual e moral da humanidade.

Devemos esperar a nova luz - a nova revelação - o ensino daquelas verdades que a humanidade não podia suportar - e devemos esperar o dia em que não adoraremos mais o Pai no monte Gerizim, nem em Jerusalém, porém adorá-lo-emos em espírito e verdade.

Ou, em termos mais precisos, devemos esperar a descida do Consolador-Espírito da Verdade, que ensinará e regularizará todas as coisas, como foi dito.

Se temos, povo e clero, o dever de esperar a alta novidade, que pode ser chamada: a revolução moral, a mais extensa e compreensiva que tem havido no seio da humanidade, no que se firma a Igreja para repelir e condenar o ensino espírita, cuja moral é a de Jesus - e cuja teogonia fala à razão - fala ao coração - e engrandece os infinitos atributos do Criador?

Só uma cegueira, qual a que contaminou o sacerdócio hebreu, em relação ao ensino do Cristo, pode explicar o procedimento do clero romano.

Do nascente ao poente - de um polo a outro, manifestam-se os milagres da nova revelação - e os homens da Igreja não se comovem!

Temos demonstrado a origem divina do dogma espírita da pluralidade das existências - e, apesar disto - e apesar de ser esse dogma o Íris que assinala a mais sublime aliança entre Deus e os homens, de ser o único meio explicativo da harmonia essencial entre a justiça e o amor do Pai, o clero fica surdo à voz da razão e aos brados da consciência, aferrado ao seu princípio da vida única, que é irracional e atentatório dos excelsos atributos do Criador!

A pluralidade de existências impõe-se por quantos modos se a possa considerar, tanto quanto repugna a vida única por qualquer lado que se a encare.

A pluralidade de existências demonstra-se pela experiência científica, como se prova pelos processos experimentais a existência do oxigênio ou do hidrogênio na composição da água.

O clero, porém, despreza a razão - despreza a consciência - despreza a ciência e a experiência - e, inabalável como um roche-

do, condena os que têm olhos de ver e veem - os que têm ouvidos de ouvir e ouvem.

Tremendo deve ser o seu despertar, quando soar a trombeta do anjo que chamará as almas ao juízo do que mandou o Consolador ensinar a lei de salvação.

Sobre o dogma espírita da pluralidade de existências temos assaz mostrado ao clero: que não é uma vesânia¹⁶¹, mas sim uma verdade consignada nos livros sagrados. Passemos a outro ponto.

Max.

(Da União Espírita do Brasil)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 28.04.1889: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6965

161 (Nota do Organizador) Nome genérico dado a doenças ou perturbações mentais. (Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa online)

Artigo LXXXI: O PAIZ, 05.05.1889

Em nosso último artigo prometemos ao clero passar do dogma espírita das vidas múltiplas, cujos fundamentos sagrados demonstramos, a outro ponto, sobre o qual procederemos como a respeito daquele; isto é, consultando os livros sagrados.

Começaremos, pois, aqui, um ligeiro estudo sobre o Inferno e sobre o diabo, como os compreende e ensina a Igreja romana.

A crença na eternidade das penas do Inferno e na existência pessoal do diabo, que tanto prestígio alcançou na idade média, graças à ignorância dos povos e à supremacia da classe sacerdotal, é simplesmente anticristã e antiteísta.

Esses infelizes, que, em nome de Cristo amaldiçoam seus semelhantes - que condenam os mortos a bárbaros e eternos sofrimentos - que representam legiões de demônios, armados de todas as armas, em constante batalha contra débeis e inermes criaturas - que apregoam o poder de Satanás, arrancando as ovelhas das mãos do pastor, blasfemam de Deus - e profanam a doutrina de Jesus.

O Evangelho é o amor - e tudo aquilo só revela vingança - estabelece odiosas divisões na Terra e no Céu quando o Evangelho faz todos os homens irmãos e iguais no amor de Deus.

Os que não pregam a paz e a caridade, como Cristo as ensinou - os que não praticam a lei do amor, como Cristo a praticou, não podem pretender o sagrado título de sacerdotes da religião cristã.

Padres - inspirai-vos no espírito da doutrina do Redentor, que não é senão o Espiritismo, porque o Espiritismo é a revelação da revelação; isto é, a interpretação do Evangelho em espírito e verdade.

A crença em penas eternas, tendo por sede esse Inferno tenebroso, que não tem porta de saída - e por instrumento o diabo, tão poderoso que se bate contra Deus, é anticristã, dissemos acima.

A doutrina de Jesus é a do amor e do perdão - e o cristão não pode aceitar um perfeito antagonismo entre o que o Senhor lhe recomenda como virtude e o que Ele mesmo pratica.

Um Deus que pune os que o ofendem com a morte eterna, não pode recomendar aos homens o perdão das ofensas.

Dir-nos-ão: mas Ele precisa punir, porque é a justiça- e entretanto exige de nós o perdão. Logo, há sempre antagonismo entre o que ensina e o que pratica.

Ignorância ou má-fé.

Em primeiro lugar, a justiça exclui a vingança - e a morte eterna do pecador não pode ser explicada senão como pura vingança.

Em segundo lugar, a justiça de Deus é inseparável de seu amor - e, punindo para corrigir, dá o mais sublime atestado de sua perfeita conformidade com a lei que deu aos homens.

O pai que pune as falhas do filho para afastá-lo do Mal e encaminhá-lo ao Bem, pratica e ensina a lei do amor; mas, se castiga para matar, por ódio ou por vingança, pratica e ensina a lei do ódio em suas revoltantes consequências.

Se o Pai Eterno pune de morte os nossos pecados, sua justiça repele a lei do amor.

Se porém, pune sem preferências nem exclusões - gradua o castigo pela gravidade das faltas - e perdoa desde que o pecador se arrepende e faz propósito de emendar-se, sua justiça é puro e acrisolado amor.

As penas eternas separam a justiça do amor de Deus e apresentam o Senhor eivado das paixões humanas: do ódio e da vingança.

As penas temporais corretivas ligam em excelso amplexo a justiça e o amor do Criador - e apresentam-no deslumbrante de virtudes, quais o homem não ousará jamais sequer aspirar.

A Igreja romana faz timbre de sustentar, contra o espírito da doutrina de Cristo, aquele dogma bárbaro e blasfemo.

O Espiritismo, repertório dos ensinamentos do Espírito da Verdade transmitidos por meio dos Espíritos do Senhor, ensina ao mundo, em harmonia com a doutrina doce e suave de Jesus, o

segundo daqueles dogmas, que lava o Senhor das máculas que lhe quer imputar a Igreja romana.

A Igreja romana mata o homem por toda a eternidade para maior glória de Deus.

O Espiritismo glorifica o Senhor, ensinando que o Pai da justiça pune em satisfação de seu amor por seus filhos - pune para fazer a felicidade de seus filhos.

Penas eternas – Infernos - diabos pessoais, são, pois, incompatíveis com a doutrina de Cristo e com os excelsos atributos do Pai do Céu.

Como se impõe a à razão o princípio espírita, que pulveriza o dogma romano!

Deus ama todos os homens, como o pai terrestre ama a todos os seus filhos.

Deus, em vez de tomar-se de ódio e de vingar-se contra o que o ofende, desconhecendo ou desprezando seus mandamentos, adverte-o do mal que faz, por meio dos castigos que lhe inflige, como o pai terrestre, que mais se preocupa com o filho que desgarrou da senda do Bem, do que com os que a seguem.

Deus faz chover sobre o arrependido suas graças, permitindo-lhe novas existências para se lavar das máculas que deixa o Mal, do mesmo modo como o pai terrestre mata o melhor de seus vitelos, para festejar a volta do filho pródigo.

Deus, enfim, não condena in eternum a nenhum de seus filhos, mas dá a todos, mediante as reencarnações, o meio de expiarem o mal que fizeram - de lavarem-se ou repararem os efeitos desse mal - de subirem a alta escada de Jacó.

Para quem não é escravo da fé passiva, monstruoso atentado contra a lei de Deus, que nos deu a razão e a consciência por guias - para os que têm liberdade de refletir, não pode existir Céu existindo Inferno, nem haver Deus se há diabos.

O clero, porém, a quem ainda nos dirigimos, está no caso dos que creem porque se lhe manda crer; e, pois, não há para ele lógica nem argumento que o demova de sua lamentável obcecção.

Sigamos, pois, outro caminho, já que tomamos a peito evangelizá-lo, segundo a nova revelação; sigamos o caminho por onde chegamos a provar-lhe, de modo irrecusável, que a doutrina das vidas múltiplas não era uma profanidade anticristã, mas sim um princípio consagrado nos livros sagrados.

Recorramos a esta fonte insuspeita e irrecusável ao clero, para lhe provarmos ainda que não há Inferno com penas eternas - que não há essa espécie de Espíritos chamados diabos.

Max.

(Da União Espírita do Brasil)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 05.05.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6998

Artigo LXXXII: O PAIZ, 12.05.1889

Assim como a perfectibilidade humana repele a vida única e reclama as vidas múltiplas, assim a lei das reencarnações repele o Inferno, como o entende a Igreja romana, e reclama o Inferno espírita, onde as almas sofrem as penas de suas faltas até que se convertam ao Bem.

Se o Inferno, em cuja porta lê-se a inscrição horrífica imaginada pelo autor da *Divina Comédia*, tolhe para sempre o desenvolvimento de nossa perfectibilidade, assim a doutrina consoladora e santa das reencarnações apaga aquela blasfema inscrição, rompendo os laços impossíveis que prendem as almas aos sofrimentos sem fim.

Precisaremos descer a mais detalhadas explicações?

O simples bom senso compreende que, consistindo a evolução do Espírito na sucessão ilimitada de encarnação e desencarnação, não pode ele ser retido para sempre num lugar, donde não é dado a ninguém sair e, por conseguinte, voltar à vida corpórea.

Admitida, pois, a lei das reencarnações para vidas sucessivas, está *ipso facto*¹⁶² nulificada a lei das penas eternas, do Inferno como uma única porta, por onde se entra e nunca mais se saídos demônios, que arrancam ao pastor as ovelhas queridas, para arrastá-las àquele tenebroso jazigo, àquela *dolente stanza*¹⁶³.

Em rigor, tendo nós provado a origem divina da lei das vidas múltiplas, podíamos dispensar de provar a origem profana da lei das penas eternas.

162 (Nota do Organizador) Vide nota 12.

163 (Nota do Organizador) quarto de dor. (Fonte: Google Tradutor)

A caridade, porém, reclama de nós mais este esforço - e, pois, vamos mostrar ao clero: que dos livros sagrados se tira a prova da falsidade do seu infame dogma de castigos eternos.

Atenda bem.

“O Senhor é o que dá e tira a vida - e o que manda ao Inferno e daí evoca”. – (Livro II dos Reis, II, 6)¹⁶⁴

O Senhor manda ao Inferno as almas - e dele as tira!

Como isto, se a condenação é eterna? Como há de o Senhor tirar os condenados do Inferno, se os seus juízos são imutáveis - se não há esperança para os que incorrem em sua ira?

Entretanto está escrito num livro canônico que a Igreja recomenda aos fiéis como fonte de incontestáveis verdades!

O que quer a Igreja que os fiéis concluam daquelas claras e precisas palavras? Quererá que sigam o que ela ensina e não o que lhes dá a luz nos livros sagrados?

E poderá ela mesma crer no que ensina, tendo diante dos olhos aquelas palavras?

Custa muito, diante deste fato, acreditar na boa fé e sinceridade da Igreja!

Diz ela: que em oposição àquele trecho encontram-se outros, que consagram sua doutrina.

É verdade; mas o que se deve concluir daí?

Ou que os livros canônicos são uma pulha, que sustentam o pró e o contra - ou que a contradição é aparente, e a Igreja não quer ou não pode explicá-la com os elementos de que dispõe.

Nós repelimos, de acordo com a Igreja e com todo o clero ilustrado e sincero, a primeira hipótese, que envolve um absurdo e até uma blasfêmia.

Logo, fica de pé a segunda: a contradição não existe realmente - os dizeres opostos dos livros sagrados têm sua razão de ser.

164 (Nota do Organizador) Aqui há duas questões que merecem atenção de nossa parte: 1) As versões católicas da Bíblia, ao tempo do Dr. Bezerra - segunda metade do século XIX - e especialmente a que temos como referência de seu uso - a do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, seguiam a estrutura de livros da Bíblia adotados na Vulgata Latina e na Septuaginta, com quatro livros de Reis - I, II, III e IV. Nas edições atuais os livros de Reis I e II são chamados de I Samuel e II Samuel, e os antigos volumes Reis III e IV foram renumerados, respectivamente, para Reis I e II; 2) A citação acima tem também um erro material - onde lê-se “Livro II de Reis, o correto é Livro I - o que atualmente equivale a I Samuel. É lá, portanto, no seu capítulo 2, versículo 6, que encontraremos a citação trazida por Dr. Bezerra.

Mas por que, em vez de procurar harmonizar esses dizeres, a Igreja deixa-os defronte uns dos outros e ensina uns sem dizer por que não aceita os outros?

Por que aceita os que inculcam as penas eternas - e não os que inculcam o contrário?

Em nossa consciência não encontramos desculpa para tão grave falta.

E porque não queremos incorrer na de merecermos o que censuramos, pedimos vênia ao clero romano para dizer-lhe:

Na permanência da crença geral, na condenação eterna, compreende-se que os escritores sagrados falam do que sabem ser falso, mas que é corrente.

Enquanto não chegam os tempos de banir-se o erro e de colocar-se em seu lugar a verdade oposta, é claro que os sacerdotes do Senhor não podem falar aos homens senão na linguagem que eles possam entender - e referindo-se às ideias que eles abraçam com fé.

Moisés podia ensinar à gente de seu tempo o que Jesus ensinou à do seu: ama a teu inimigo?

Entretanto, no tempo de Moisés, quando vogava o dente por dente e o olho por olho, já se insinuava na alma da humanidade o sublime mandamento de - amarmos ao próximo como a nós mesmos.

Naquele tempo, quem lesse o Decálogo recomendando o amor ao próximo - e lesse o código de Moisés consagrando o sentimento oposto da vingança bárbara, o que faria?

Aceitaria o código com sua doutrina repulsiva, ou o Decálogo com sua doutrina sublime?

O simples bom senso cortaria a dificuldade, ensinando que o princípio mosaico era para o tempo e que o do Decálogo era para a eternidade, isto é, que o primeiro era a consequência forçada do atraso do tempo - e que o segundo era a semente da verdade plantada para germinar quando a Terra fosse regada por sentimentos mais puros.

Pois é o mesmo no nosso caso.

Encontram-se dizeres, nos livros sagrados, que autorizam a ideia das penas eternas, então em harmonia com as crenças do tempo - e encontram-se, nos mesmos livros, dizeres que autorizam a ideia oposta, então ainda incompreensível.

Pelo valor moral das duas ideias, a Igreja devia compreender qual a verdadeira - qual a que se prendia ao atraso da humanidade - qual a que lhe era atirada como semente de progresso.

Em vez, porém, desse estudo, a Igreja preferiu a que era mais conforme aos sentimentos humanos - e desprezou a que era mais conforme aos excelsos atributos do Criador.

O Espiritismo, porém, revelação feita em tempos de mais progresso humano e por isso mais ampla e compreensiva, corrige o erro da Igreja, ensinando o que é conforme aos atributos do Eterno e preservando o que foi obra do atraso humano.

E justifica a contradição encontrada nos autores sagrados, com a lei de não poderem seus autores, como o disse Jesus Cristo, falar do que o mundo não podia compreender.

Eles se referiram às penas eternas, porque era isso ideia corrente - e falaram, *per accidens*¹⁶⁵, contra aquelas penas, porque era a verdade que transpirava de seus Espíritos.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 12.05.1889: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7031

165 (Nota do Organizador) Por acaso, acidentalmente. (Fonte: <https://pt.globe.com/>)

Artigo LXXXIII: O PAIZ, 19.05.1889

Continuando o estudo das sagradas letras sobre o dogma infantil das penas eternas, transladaremos para aqui as falas de Tobias, o pai, livro, XIII, 1 e 2¹⁶⁶:

“E abrindo a boca, Tobias, o pai, bendisse ao Senhor – e disse: grande sois, Senhor, por todos os séculos e grande teu reino por toda eternidade:

“Porque *tu castigas e salvas* – mandas para o Inferno e *tiras dele* – e ninguém sai debaixo de tua mão.”

Aí temos outra discrepância da crença geralmente aceita naqueles atrasados tempos - da crença no Inferno com suas penas eternas.

Já demonstramos, em nosso passado artigo, como estes dizeres valiam para sementes da verdade atiradas ao seio da humanidade para em seu tempo germinarem.

Já dissemos como o clero romano - a Igreja, tinha e tem por dever acolher antes estas ideias, raios da divina luz, que deve esclarecer o mundo, do que aferrar-se às vetustas crenças, resultado das impurezas humanas, que envolviam o mundo em trevas.

Longe de fazê-lo, como é de razão - de consciência - e de simples bom senso, a Igreja tomou todas as armas de seu bem provido arsenal, para combater pelas trevas, contra a luz que nos traz o enviado do Senhor – o prometido do Cristo, cujos tempos, graças ao progresso realizado pela humanidade, já são chegados.

A Igreja - o clero romano combate o consolador Espírito da Verdade, combatendo o Espiritismo, que é o ensino divino das

166 (Nota do Organizador) Ficou faltando a indicação do primeiro versículo, no texto original.

verdades que Jesus, o divino, não pôde ensinar aos homens por causa do atraso dos homens.

Não importa. A verdade há de sempre sair triunfante.

Assim como o ensino de Cristo venceu na luta contra o sacerdócio e contra os senhores do mundo; assim também o ensino do Espiritismo, complementar do messiânico, há de vencer na luta contra o clero - contra a Igreja - contra o espírito das trevas, que tem sua sede em Roma; e há de dominar o mundo, fazendo de toda a humanidade uma família de irmãos em Jesus Cristo, sob a bandeira do amor e da caridade.

Tobias repetiu as palavras do livro dos Reis, quanto a ter o Inferno porta de saída, o que de nenhum modo quer admitir a carinhosa mãe chamada Igreja romana, cujo maior prazer parece consistir em ver a maioria de seus filhos estrebucharem eternamente nas chamas inextinguíveis e nas caldeiras de pez¹⁶⁷ e de enxofre fervente.

Tobias é mais uma voz que se levantou dissonante do coro de hosanas ao Pai por castigar seus fracos filhos com horríveis torturas pelos séculos dos séculos sem fim!

É mais uma voz que adverte a Igreja de que não são os *possessos* de hoje os primeiros e únicos que anunciam às gentes a sublime e pura lei do perdão para todas as faltas - a união indissolúvel da justiça com o amor do Pai - a pena como meio de progresso para a perfeição e para a felicidade, que é o destino dado pelo Pai a todos os seus filhos.

Mas Tobias disse mais que o livro dos Reis, porque disse: *tu castigas e salvas*.

Como entender essas palavras?

Elas traçam um princípio - uma lei geral para a salvação pelo castigo - pelos sofrimentos.

Se assim não fora - se não fora como ensina S. Jerônimo: que a salvação é universal, Tobias teria tido outra linguagem.

Se fosse referente aos que tiveram culpas veniais e são castigados no Purgatório, ele teria dito: *tu castigas e a muitos dos que castigas, salvas*.

167 (Nota do Organizador) Seiva viscosa produzida pelo pinheiro e por outras árvores coníferas, RESINA; substância viscosa obtida a partir da destilação de alcatrão, BREU. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Tu castigas e salvas quer dizer indubitavelmente: *tu salvas os que castigas* - quer dizer indubitavelmente: que *todos os que sofrem castigo, serão salvos*.

Não se pode fazer restrição, onde se fala em sentido lato; mas, se o clero quiser fazê-lo aqui, nós lhe tolheremos o passo com uma consideração sem réplica.

Deus não criou o Purgatório. Em nenhum livro canônico se encontra referência a esta estação de castigos.

Deus estabeleceu a pena para o delinquente, mas não o disse por seus profetas e inspirados.

O Purgatório, sabemos-lo, foi criação humana, obra do Concílio Tridentino¹⁶⁸.

Ora, sendo tão recente a criação desta nova penitenciária, é óbvio, que Tobias não podia referir-se a ela - não podia dizer que Deus castiga mandando para o Purgatório, e salva os que aí expiam suas faltas.

O bom homem, portanto, falou da salvação de todos os que caem em culpa e, portanto, deu o toque da sublime lei espírita, pela qual nenhuma falta fica sem punição, para que se satisfaça a justiça eterna; mas nenhuma punição vai além do arrependimento do culpado, para que se satisfaça o amor infinito.

Fuja o clero quanto quiser à confissão dessa excelsa verdade, que nos ensina o Consolador pelos Espíritos do Senhor - fuja, que lá no mais escuro recanto, a luz penetrará em sua consciência.

Entre o velho dogma e o dogma espírita, há a diferença que existe entre a barbaria e a civilização - entre a impiedade e a santidade - entre a vingança e a justiça - entre as paixões humanas e os incomparáveis atributos da Perfeição Infinita.

Confesse, pois, o clero, em seu coração, se não tiver o despreendimento para confessar em público: se o Espiritismo é obra de Satanás, Satanás é mais clemente - mais misericordioso - mais amoroso, que o seu Deus!

E essa doutrina, repelida como um vírus pernicioso, é mais doce - mais consoladora - mais santificante que a da Igreja, fazendo o pai dar vida a uns e morte a outros de seus filhos - entre-

168 (Nota do Organizador) Concílio de Trento ou Concílio Tridentino - realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico da Igreja Católica. Foi convocado pelo Papa Paulo III no contexto da Reforma da Igreja Católica e da reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado também de Concílio da Contra-reforma. (Fonte: Wikipedia)

gando o fraco mortal à sanha do poderoso inimigo, e condenando-o por não vencê-lo - castigando-o, enfim, não como pai, mas como desalmado tirano.

Se os espíritas somos *possessos*, estamos contentes com a nossa condição, porque a nossa possessão nos impele para o Bem - para o amor de Deus - para o amor do próximo.

Max.

(D'a União Espírita do Brasil)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 19.05.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7067

Artigo LXXXIV: O PAIZ, 26.05.1889

Às palavras do livro dos Reis e de Tobias, proclamando a lei da salvação universal, vamos hoje juntar outras, que devem ter para o clero a mesma autoridade.

“As tuas mãos me fizeram e me formaram todo em roda, e assim de repente me despenhas?

“Lembra-te, eu to peço, que como barro tu me formaste e que me hás de reduzir a pó.

“Porventura não me mungiste como leite e como queijo me coalhaste?

“Ainda que tu escondas estas coisas em teu coração, eu sei todavia que tu te lembras de tudo. – Jó, X, 8, 9, 10 e 13”.

As criaturas são obra do Criador - e, portanto sua formação deve em tudo ser conforme à vontade de Deus.

Jó, no meio de seus padecimentos, recorda-o como um meio de consolação, persuadido de que Deus, a cujos olhos tudo é presente, não pode consentir na perdição definitiva das obras de sua vontade onipotente.

No trecho seguinte o bom homem é mais explícito:

“Quem me dera que tu me encobrisses no Inferno e aí me escondesses até ter passado o teu furor, e que me marcasses o tempo de lembrares de mim? – Jó XIV, 13.”

Como se vê, Jó pede a Deus que o mande para o Inferno, a fim de esperar aí o tempo de sua misericórdia.

Esperar no Inferno a misericórdia do Altíssimo quer dizer que o santo varão acreditava que o Inferno é um lugar donde se pode sair.

Assim, sim.

O Espiritismo não bane os castigos, que constituem a sanção das leis divinas postas à humanidade.

Onde iria o homem – e o que valeria Deus – se não houvesse uma lei penal para os que infringem as leis do Senhor?

O Espiritismo o que bane é o castigo eterno - é a condenação irremissível - é a morte do pecador.

E, em oposição ao ensino da Igreja sobre este ponto, ele ensina: que Deus pôs leis à humanidade para seu próprio progresso - e que pune severamente aqueles que as desprezam, não para se vingar, mas para obrigá-los a se emendarem e progredirem.

O Inferno espírita é, talvez, mais terrível que o pagão, de que a Igreja tomou o seu modelo; tem, porém, uma diferença, que mal podemos avaliar: em vez de matar, moraliza - em vez de calcinar, vivifica.

O Inferno espírita, em vez de ser um cárcere medonho, donde não se pode mais sair, é o espaço sem limites, que o Espírito percorre livremente, salvo os casos especiais de ficar o criminoso preso ao lugar do crime, para ter sempre diante dos olhos o quadro horrível de sua perversidade.

Livre de percorrer o espaço, o condenado não sofre menos que nos cárceres tenebrosos, porque traz consigo, como a caça malferida, a seta envenenada que o tortura sem cessar e sem lenitivo.

É a chama ardente de que falou Bossuet¹⁶⁹, chama que abraça enquanto encontra na alma material para se alimentar.

Esse material é a culpa, que mantém a chama devoradora da paz de espírito.

Ande por onde andar – corra – voe - percorra os espaços - por toda a parte o Espírito culpado leva consigo e dentro de si o seu castigo.

Este o consumirá enquanto tiver o alimento da chama - enquanto houver o sentimento do Mal.

Desde, porém, que os conselhos dos bons amigos do Espaço - ou o contraste do gozo dos que fazem o Bem com o o sofrimento dos que fazem o mal - ou a pressão moral do próprio castigo, modificam-lhe a natureza - fazem-lhe reconhecer o erro em que tem vivido - e lhe dão a luz.

169 (Nota do Organizador) Jacques-Bénigne Bossuet (1627 — 1704) - bispo e teólogo francês. (Fonte: Wikipedia)

Desde que seus sentimentos se modificam - e ele se comove à perspectiva do Bem - e repele, em sua consciência, todo o mal que tem praticado;

Desde, finalmente, que se arrepende e faz propósito de se emendar, desaparece o alimento da chama - e esta é substituída pelo pesar reparador de ter perdido precioso tempo, que pudera ter aproveitado para seu progresso, pelo desenvolvimento de sua perfectibilidade.

Então chega a ocasião de expiar as faltas que tantas penas causaram - e o Espírito arrependido obtém da misericórdia do Pai uma nova encarnação, para fazer, nas mesmas condições em que delinuiu, provas eficazes de sua regeneração.

Essas provas serão mais ou menos duras, conforme a maior ou menor gravidade das culpas passadas.

E é essa a razão por que todos sofrem na Terra, mundo de expiação - verdadeiro Purgatório a que não vem senão quem tem necessidade de lavar-se; mas uns sofrem aí menos que outros.

E é por isso que vemos com espanto, perseguidos pela sorte e por todos os modos, homens cuja vida é um constante modelo de virtudes cristãs.

Ousamos, diante de tais casos, acusar a justiça de Deus, e mal sabemos: que todos aqueles sofrimentos são meios expiatórios de crimes hediondos, que compensarão a alma daqueles homens ora virtuosos.

Mal sabemos que a lei divina é: não sofrer ninguém mais do que merece, e do que precisa sofrer, para subir à perfeição e à felicidade.

Desgraçados dos que gozam na Terra, não pelo modo de considerar as relações desta vida com a futura, segundo a Igreja; mas, porque esses tais desprezaram o compromisso de resgatarem, pela expiação, as faltas que lhes pesam na alma, enquanto não forem lavadas!

Desgraçados, porque, voltando à vida espiritual, sofrerão a pena dos refratários; entretanto, os que cumprem seu compromisso, sofrendo resignadamente as dores da vida corpórea, lavam aquelas faltas - e, morrendo para esta vida, vão ocupar posição elevada, no mundo espiritual.

Eis o que é o Inferno e o Purgatório, que o Espiritismo ensina em nome do Consolador, e que tanto exalta a grandeza do Pai, que só os imbecis poderão acreditar que sejam obras de Satanás.

Obra de Satanás não pode ter o cunho da verdade - e tem este cunho tudo o que é conforme aos atributos do Senhor.

Confrontem-se com este infalível critério o Inferno da Igreja e do Espiritismo - e diga-se qual deles tem o caráter da verdade.

Max.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 26.05.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7105

Artigo LXXXV: O PAIZ, 02.06.1889

Estávamos em mansa paz, conversando com o clero católico sobre filosofia dogmática, quando, *ex abrupto*¹⁷⁰, vemo-nos atacado por um digno representante da ciência profana, a propósito do fato da casa da Barão de Mesquita, cujas peripécias os nossos leitores já conhecem.

O programa, que estamos executando, compreende duas partes: a de provar ao clero que o Espiritismo tem as suas raízes nos livros sagrados - e a de provar aos sábios que esteve ele na mente das maiores cabeças de todos os tempos e de todos os povos.

Estávamos apressando a liquidação do primeiro ponto, árido por entender com a teologia, em que não somos versado, quando aparece no *Diário de Notícias* de quinta-feira o ilustrado – G – um dos redatores daquele apreciado jornal, exigindo nossa opinião sobre o fato aludido¹⁷¹.

O que fazer? Interrompamos o traçado programa, o que será talvez uma providência para ter o clero mais tempo de refletir.

Dirigindo-nos ao ilustrado – G – sentimo-nos perplexos: que mais quer, se, em seu artigo, declara terem sido apanhados os capadócios que representavam *as almas de outro mundo?*

170 (Nota do Organizador) Sem preparação; de modo súbito ou intempestivo. (Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa online).

171 (Nota do Organizador) Graças aos prestimosos serviços da Hemeroteca Digital de nossa Biblioteca Nacional, conseguimos também recuperar o aludido artigo, à página 02 da edição de 30 de maio de 1889 com o título de “Rapidamente”. Ele poderá ser consultado no link http://memoria.bn.br/pdf/369365/per369365_1889_01446.pdf.

Pretenderá que sustentemos ser obra de Espíritos o que asseguraram ter-se verificado ser obra de seis ou sete gaiatos?

Julgamos impossível que um cavalheiro trate a outro com tanta descortesia, que chegue a parecer zombaria!

Zombar, porém, de que?

Max nunca desrespeitou, nem mesmo seus adversários - e se expõe doutrinas errôneas, fá-lo tão convencido de que são verdadeiras, como - G - pode estar do contrário.

Zombar por quê?

A doutrina espírita que Max expõe, tem sido acolhida por sábios ilustres, como Platão, Pitágoras, Moisés, Jesus, Orígenes, Carlos Bonnet, Esquiros, João Raynaud, Flammarion, Victor Hugo, Victorien Sardou, Willian Crookes, Wallace, Zöllner e mil outros, sem falarmos de nossos grandes homens, cujos nomes não queremos expor à zombaria dos nossos sábios, também ilustres.

Zombar como, se ainda há dias um dos mais considerados órgãos da nossa imprensa disse dos espíritas: que *somente os céticos e nulos procuram ridicularizá-los?*

Como quer que seja, praz-nos crer que - G - não teve intenção de ridicularizar-nos - e, nesta confiança, diremos algumas palavras sobre o caso da rua de Barão de Mesquita.

Parece-nos que - G - foi precipitado, tomando os seis ou sete prisioneiros da polícia pelos autores do que se deu naquela rua.

Lemos em artigo editorial de um jornal tão respeitável quanto é o *Diário de Notícias*: que os aprisionados eram simplesmente curiosos - empregados do comércio, que foram soltos pelo chefe!

E não era preciso isto para sabermos que não podiam ser eles os autores dos fenômenos que tanto têm agitado a opinião pública.

Se podiam, de cima do telhado, como insinua - G - fazer o que foi notado não só pelos habitantes da casa como pelos visitantes; como poderiam ser autores dos dois fatos de transladação de objetos materiais: o da cadeira que, à vista do Comendador Cunha, foi atirada de longe do lugar em que estava - e o da queda do quadro; fatos que se deram com prévio anúncio da voz, que assombrava a casa?

Os gaiatos podiam falar - rir - gritar - fazer barulho, de cima do telhado; mas como removerem, à vista dos espectadores, objetos materiais?

Imagine – G – o que melhor lhe parecer, para explicar estes dois fatos, vistos e atestados por pessoas da maior respeitabilidade e jamais conseguirá seu intento, a sabor do simples senso comum.

O fato da rua Barão de Mesquita não está, pois, explicado pela polícia - mas ainda está pedindo explicação.

Se – G – quisesse descer aonde desceram os experimentadores ingleses e alemães, reconheceria fartamente: que tudo o que se deu na rua Barão de Mesquita, se não foi, podia ser, obra de um Espírito - verificaria a verdade da comunicação dos Espíritos, em virtude de uma lei natural, que hoje parece ridícula e absurda, mas que amanhã será mais uma conquista da humanidade, como o vapor d'água aplicado à navegação - à locomoção, que o grande cérebro de Bonaparte repeliu como loucuras de Fulton¹⁷².

Se o ilustre escritor esquecesse por um pouco a presunção dos sectários de Bayle¹⁷³, que têm seu saber como medida da verdade absoluta, reconheceria: que o mundo marcha, como disse E. Pelletan¹⁷⁴, e que, por seu progresso pelo desenvolvimento de suas faculdades compreensivas, vão sendo reveladas ao homem, que marcha e progride com ele, novas leis explicativas de fenômenos tidos por impossíveis e de outras nunca dantes conhecidas.

Essas leis não são somente as do mundo físico, senão também as do mundo moral.

E não estamos longe de todos vermos os Espíritos, como já nos é dado a todos conversar com eles, por meio de médiuns.

O Espiritismo não admite milagres nem fenômenos maravilhosos - ele ensina: que todos os fatos, físicos ou morais, se prendem a leis naturais, já conhecidas umas - por serem conhecidas em número infinito - ele prescreve: que se procure roubar ao ignoto estas últimas, pelo desenvolvimento da nossa perfectibilidade, que tem um caráter quase infinito.

172 (Nota do Organizador) Inventor norte-americano nascido em 1765, na Pensilvânia e falecido em 1815. Com uma instrução elementar, especializou-se em pintura de miniaturas, acabando por se interessar também pelas pesquisas que se faziam na época sobre a propulsão de navios por máquinas a vapor. Em 1806, ao regressar de Paris, onde construiu um submarino, utilizou pela primeira vez o vapor como meio de propulsão de embarcações. Publicou em 1796 o seu *Treatise on the Improvement of Canal Navigation* e produziu inúmeros trabalhos na área da navegação fluvial. (Fonte: Infopedia)

173 (Nota do Organizador) Vide nota 117.

174 (Nota do Organizador) Vide nota 90.

O que hoje supomos impossível – absurdo - ridículo, amanhã pode ser verdade conhecida, da mesma sorte como o sábio hoje tem por verdade incontestável o que o vulgo não compreende e tem por maravilhoso ou miraculoso.

A comunicação dos Espíritos, com as qualidades que tiveram na vida terrestre: sérios ou zombeteiros - ilustrados ou ignorantes - bons ou maus, é hoje um fenômeno - uma lei, que está ao alcance de todos.

Queira – G – empregar nesta investigação alguns meses roubados a seus estudos - e terá o que teve o sábio materialista inglês, que foi fazer passá-lo por provas experimentais - e acabou reconhecendo e proclamando sua verdade.

Não parece bem que um Espírito cultivado despreze uma ciência que desponta, porque contraria as suas convicções - e, sobretudo, que se julgue autorizado a emitir juízo sobre matéria que não estudou - ou estudou por desfastio.

Quer ter competência para repelir o Espiritismo? Venha observar e experimentar por seis meses somente.

Não é muito para firmar sua crença sobre uma doutrina que está se tornando universal.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 02.06.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7137

Artigo LXXXVI: O PAIZ, 09.06.1889

O Inferno é a culpa - o Purgatório é o arrependimento - o remorso - e a glória é a expiação - a reparação.

O Espírito que tem culpa é devorado pela chama, que se alimenta dela - está no Inferno.

O Espírito que renuncia à culpa, isto é, que extingue a chama pelo arrependimento e firma propósito de emenda, sai do Inferno e passa ao Purgatório.

O Espírito que satisfaz na nova existência corpórea o compromisso que tomou de resgatar seu tremendo passado pela expiação e reparação, deixa o Purgatório e sobe à glória.

Isto expusemos em nosso passado artigo, a propósito dos conceitos colhidos no livro de Jó.

Cumpre-nos, pois, continuar o exame de outros livros sagrados, a respeito do Inferno - das penas eternas - e do demônio.

“Por isso meu coração se alegrou e minha língua cantou cânticos de júbilo e meu corpo descansará na paz.

“Porque *tu não deixarás minha alma no Inferno*, nem permitirás que o teu santo experimente corrupção.”

Adapta o clero este conceito dos Salmos XV, 9 e 10¹⁷⁵, à sua concepção de um Inferno, em que se entra para nunca mais sair.

Explique como, em tais condições, pode um livro canônico dizer: tu não deixarás minha alma no Inferno.

Será que o inspirado escritor ignorava as leis do Inferno?

Mas, então, como se aceita como canônico como sagrado - como repertório de verdades eternas um livro que tão flagrantemente estabelece doutrinas verdadeiramente heréticas?

175 (Nota do Organizador) O correto aqui é Salmo 16: 9 e 10.

O clero não pode sair ileso deste dilema: ou o livro dos Salmos não é repertório de verdades - ou não é verdade o que ensina a Igreja sobre o Inferno.

No primeiro caso temos falha na armadura da Igreja - e desde que tal fato se dá, onde o meio de distinguir a verdade do erro, nos livros sagrados? - e no segundo, que fé merece a doutrina romana, no ponto ou pontos em que se opõe aos ensinamentos dos livros sagrados?

A verdade, porém, é: que o santo rei Davi, como Jó, como Tobias, consideravam o Inferno um lugar de sofrimentos, porém de sofrimentos temporários, tal qual o considera o Espiritismo.

Só mais tarde, depois do cativeiro de Babilônia, é que os judeus adquiriram dos Caldeus a crença no Inferno que a Igreja aceitou como meio de contenção aos desmandos da humanidade.

E tanto é assim que já vimos como Bossuet explica o castigo de nossos pecados - e um santo varão, S. Jerônimo, ensina a salvação universal.

Inferno dantesco - penas eternas - e anjos transformados em demônios são, pois, criações humanas para fins mais ou menos justificáveis.

A Igreja serviu-se delas como instrumento de contenção, sem cogitar no mal que daí poderia resultar - e que ora se manifesta pela deserção de todos quantos têm o livre uso de sua razão.

O materialismo moderno, que o Cysne de Meaux¹⁷⁶ atribuiu aos cismas cristãos, é, tanto como estes cismas, a consequência necessária de certos ensinamentos absurdos da Igreja.

Nem todos distinguem as boas e más qualidades de um indivíduo para respeitá-lo por aquelas, embora o condenem por estas.

Em geral, não se admite santidade onde se descobre fraqueza humana - e é por isto que uma parte da sociedade cristã atirou-se ao materialismo, por não poder admitir um Deus que castiga a falta de um momento com a pena eterna - que atira seus

176 (Nota do Organizador) Meaux é a região natal de Bossuet, na França. Parece que ao tempo de Dr. Bezerra já se atribuía ao filho mais famoso daquela localidade o título de "Cisne de Meaux", na forma de uma homenagem, como a dizer "o filho mais importante, mais belo" ou algo do gênero. Hoje a referência ainda é feita, mas em termos um pouco diferentes - "a águia de Meaux". Não sabemos dizer se a mudança se deve a uma visão mais crítica da obra de Bossuet, dada a associação de sua obra com as tradições absolutistas da monarquia francesa, ou se resulta de mera atualização linguística / vocabular.

filhos aos cárceres donde nunca mais poderão sair - que entrega o fraco ao forte, como é o homem em relação ao demônio.

Nosso fim, porém, não é estudar estas relações, mas sim provar ao clero que os livros sagrados condenam o seu Inferno - os seus demônios - as suas penas eternas.

Ora, sob este ponto de vista, parece-nos, o livro dos Salmos é expresso.

E mais ainda sendo confirmados os trechos que transcrevemos pelos seguintes:

“Senhor, *tiraste minha alma do Inferno* – tu me salvaste dentre os que descem ao fosso.

“Porque ele nos fere na sua ira e ele nos dá a vida em sua boa vontade. – Salmos, XXIX, 3 e 5.”¹⁷⁷

Pode haver nada mais conforme com a doutrina espírita?

Tiraste minha alma do Inferno!

Que pode significar isto senão que a alma pecadora sofreu as penas do Inferno, mas, tendo-se arrependido, foi do Inferno tirada?

Naquela explosão de reconhecimento do rei profeta, vê-se bem claramente, não só que ele reconhece ter tido outra existência, por cujas faltas foi ao Inferno – como que o Inferno a que descem as almas culpadas tem portas de saída, tanto que ele de lá saiu, *ou foi ferido na ira do Senhor - e recebeu nova vida em sua boa vontade.*

Pluralidade de existências - e penas temporárias corretivas, eis o que se aprende naquela autorizada lição de um dos maiores vultos da humanidade.

“Aos homens e às bestas *salvarás.* – Salmos, XXXV, 7.”

Como salvará Deus os homens, se há um Inferno, onde a maior parte deles vai sofrer penas eternas?

As palavras do inspirado profeta significam evidentemente que todos os homens, depois de terem passado pelas penas, que suas faltas provocam e pelas provações, que reclama seu arrependimento, serão salvos do Purgatório e do Inferno.

Nem se diga que Davi fala de salvação como a Igreja romana: da salvação daqueles que tiverem seguido à risca, nesta vida, os mandamentos do Senhor, porque a expressão do profeta é tão compreensiva que abrange as próprias bestas.

177 (Nota do Organizador) O correto é Salmo 30: 3 e 5.

Não é aqui o lugar próprio de tratar da salvação das bestas, que ainda repugna ao nosso Espírito atrasado. Sirva, pois, a frase para melhor acentuar a intenção de *nada do que vive* ser excluído da salvação.

Davi quis fazer tão clara a ideia de que nenhum homem se perde, que disse aquelas palavras - salvarás as próprias bestas.

Medite o clero sobre estes fundamentos sagrados da doutrina espírita, se não quiser julgá-la pela razão e pela consciência - e, mesmo em sua fé passiva, decida: se pode a humanidade desprezar o dogma espírita: das penas temporárias, pelo dogma da Igreja romana: das penas eternas.

Medite - e renda-se à verdade, enquanto é tempo.

Max.

(Da União Espírita do Brasil)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 09.06.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7169

Artigo LXXXVII: O PAIZ, 16.06.1889

Do livro dos Reis - de Tobias - de Jó - dos Salmos, tiramos, nos precedentes artigos, provas irrefragáveis de que vem da noite dos tempos o ensino sacrossanto - dos castigos para remissão das culpas da humanidade.

Se o Pai estabeleceu a lei da regeneração, ao ponto de nos dizer: *Eu não quero a morte do ímpio*¹⁷⁸; como virem a ensinar: que irá para o Inferno sofrer penas eternas o que morrer em pecado mortal?

Se o Pai aceita arrependimento do culpado, como nos diz a própria Igreja, como virem ensinar: que o arrependimento só vale antes da morte?

Onde foram descobrir essa limitação, que se não encontra nem no Novo, nem no Velho Testamento?

Naturalmente foram descobri-la na fonte onde beberam as ideias de um Inferno donde não se sai - e onde se sofre por todos os séculos sem fim.

Não compreendem esses que tal ensino dão quanto deprimem o Pai celestial, cujo amor por seus filhos são eles os próprios a proclamar?

Como conciliarem este amor infinito com o castigo de morte eterna?

Castigar é obra de amor, mas castigar para matar que não para corrigir, é obra de ódio e de vingança.

A Suprema Perfeição não pode nutrir esses sentimentos, que só medram no ser humano - e ainda somente nos homens atrasados.

178 (Nota do Organizador) Ezequiel 33:11, já citado nos cap. XXIII e XXXVIII.

Deus aceita o arrependimento em todo o tempo - e o arrependimento suspende o castigo, embora não lave a alma da culpa.

É por isso que a alma arrependida volta à vida corpórea para lavar-se pela expiação.

E destarte todos os seres humanos, mediante as vidas sucessivas, vão à salvação, como temos visto consignado nos livros sagrados, que temos aqui transcrito - e como continuaremos a expor.

Ainda nos Salmos, lê-se:

“Privar-nos-ia ela eternamente e por todo o decurso das gerações, da sua misericórdia?

“Esquecer-se-ia Deus de sua bondade toda compassiva - e deterá sua ira para sempre o curso de sua misericórdia?”

A isto, que está escrito no capítulo LXXXVII, versos 9 e 10¹⁷⁹, segue-se:

“Eles o amavam somente de boca - e mentiam de língua.

“Porque seu coração não era reto diante Dele e eles não foram fiéis em guardar o seu pacto.

“Entretanto, *não deixa Deus de se mostrar misericordioso com eles, perdoar-lhes-á seus pecados - e não os perderá.*” – Cap. LXXVII, 36, 37 e 38¹⁸⁰.

A questão não podia ter sido posta com mais clareza e precisão.

Davi fala dos que amam a Deus de boca, - dos que não têm no coração a retidão - dos que não foram fiéis a seu pacto, isto é, dos que tiveram uma vida criminosa - e acabaram no Mal.

A respeito destes tais, pergunta: se o Senhor os privará eternamente de sua misericórdia, isto é, se os condenará a penas eternas.

E, sem vacilar, responde: não - Deus não deixa de se mostrar misericordioso com eles - perdoar-lhes-á seus pecados - e não os perderá.

Davi, o profeta inspirado, aí está pois, ensinando a salvação universal - e condenando a ideia das penas eternas.

Por que razão a Igreja não se inspira nestes santos pensamentos - nestes sagrados ensinamentos - e vai beber na fonte envenenada de preconceitos ridículos e blasfemos?

179 (Nota do Organizador) O correto aqui é Salmo 77: 8 e 9.

180 (Nota do Organizador) O correto aqui é Salmo 78: 36-38.

Por que prefere a doutrina que apresenta o Senhor armado de uma justiça esmagadora de fracos, à que o apresenta compassivo para estes - dando-lhes a sua misericórdia - atraindo-os por seu amor?

Se há nas sagradas letras fundamentos para uma e para outra, por que abraçar a que deprime e não a que exalta?

E não há fundamentos, senão aparentes, para a doutrina que sustenta a Igreja, em oposição à que ensina o Espiritismo.

Já o dissemos, mas não é ocioso repetir: no tempo do atraso humano a representação de um Deus colérico, de um Deus intransigente - de um Deus de vingança, era uma necessidade - e tudo o que, neste sentido, se encontra nas sagradas letras, deve ser entendido como transação com as condições daquele tempo.

Se Jesus não pôde ensinar muitas verdades, porque a humanidade não estava em condições de compreendê-las, é óbvio que muitos erros eram tolerados pela mesma razão.

A doutrina do Inferno com suas penas eternas, contrária ao amor e à misericórdia do Pai Celestial, não pode deixar de ser considerada um daqueles erros, que as verdades anunciadas por Jesus têm de extirpar, como vai o Espiritismo extirpando, pela nova revelação, que não é senão o ensino daquelas verdades.

O que, porém, se encontra nas sagradas letras, contrário àqueles princípios então correntes, não pode ser inquinado de suspeição - não pode ser considerado transação com as condições dos tempos; e, pois, tem o cunho da verdade, tanto mais que exalta as perfeições do Altíssimo.

Que a Igreja, antes do Espiritismo, se embebesse naquelas crueldades dos tempos da materialidade humana, e as tivesse por verdades, e as ensinasse por verdades, compreende-se, para desculpá-la.

Que, porém, diante da doutrina espírita, que, além de larga e luminosa - além de elevar o Pai às sublimes alturas do verdadeiro Onipotente, firma-se em disposições claras da escritura, se amofine em manter o que é filho do atraso humano, condenando o que tem todos os caracteres divinos; isto sim - não se compreende - não tem desculpa.

A Igreja sabe melhor que ninguém, que a revelação é progressiva - que esta progressão tem por medida o progresso da humanidade - e que Jesus prometeu nova revelação complementar da sua.

A Igreja sabe melhor que ninguém, mesmo no caso de tomar o Espírito Santo pelo prometido Consolador - Espírito da Verdade, que nenhuma verdade nova tem sido revelada ao mundo de Jesus para cá.

Como então repele por diabólico o que foi prometido por Jesus Cristo - e repele sem exame - sem estudo - sem experiência?

Ignorância? Não, que a nova doutrina expõe seus princípios à luz do sol, - em jornais, - em livros, - em conferências públicas.

Só a má fé, a necessidade de manter um poderio, que lhe há de por isso mesmo escapar, pode explicar seu temerário procedimento.

Temerário, sim; porque, na dúvida de serem dos homens ou de serem de Deus as novas ideias, seu maior dever era: estudar e experimentar antes de se decidir.

E se o tivesse feito, teria reconhecido que o Espiritismo é a revelação prometida por Jesus Cristo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 16.06.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7203

Artigo LXXXVIII: O PAIZ, 23.06.1889

Prossigamos nas escavações dos livros sagrados, para deles arrancarmos a noção, que a Igreja repele, das penas temporárias e corretivas, em lugar das que ela consagra: eternas e exterminadoras.

“Estarás tu eternamente irado contra nós - ou estenderás tua ira sobre todas as gerações?”

“Ó Deus, tu, voltado para nós, *nos darás vida* - e o teu povo se alegrará em ti.” – Salmos, LXXXIV, 5 e 6¹⁸¹.

Nota-se aqui, como em todos os livros sagrados, a linguagem do tempo: fala-se sempre na *ira* do Senhor, porque Deus não podia ser compreendido de outro modo; mas descobre-se também a convicção dos altos Espíritos, de que o principal atributo de Deus é o amor, que no ser perfeito exclui a ira.

Davi, além disso ou mesmo por isso, afirma que *Deus nos dará vida*.

Está claro que a vida é para depois da morte - e que não é a um ou alguns, porém a todos, visto que a compreensão da frase não tem restrição.

Com dará Deus vida a todos, condenando à morte eterna uma parte que, pelo ensino da Igreja, é a quase totalidade da humanidade?

Evidentemente o salmista sagrado está com o Espiritismo e contra a Igreja.

Ainda mais.

“Eu te louvarei, senhor meu Deus, e te darei graças de todo o meu coração e glorificarei eternamente teu nome.

181 (Nota do Organizador) O correto aqui é Salmo 85: 5 e 6.

“Porque tu usaste comigo de grande misericórdia - e tiraste minha alma do profundo Inferno”. – Salmos, LXXXV, 11 e 12¹⁸².

Aqui o profeta fala somente de si e em seu nome, o que reforça o argumento que tiramos da transcrição anterior, isto é, que ele falou de toda a humanidade, usando do pronome no plural - nós.

E, falando de si, ele dá testemunho não só de que já teve outra existência, como ainda de que pudesse sair do Inferno.

“Louvar-te-ei, porque tiraste minha alma do profundo Inferno.”

Digam em consciência os sábios da Escritura: se aquelas palavras não significam: que a alma de Davi foi tirada do Inferno, isto é, de um lugar que tinha aquele nome, para animar o corpo em que se achava?

Digam: se, à vista do que refere o rei profeta, sai-se ou não do Inferno?

A consequência lógica do que aí fica exposto é: que a Escritura chama Inferno um lugar de penas, donde se sai par esta vida - e isto é claramente oposto ao que ensina a Igreja - e perfeitamente conforme ao que ensina o Espiritismo.

Querem que haja Inferno, porque dele falam as Escrituras, muito bem; mas neste caso cinjam-se também às Escrituras quanto ao que elas dizem do Inferno.

Ora, o que dizem, aí está patente: um lugar donde se pode sair; logo não é um lugar de penas eternas.

E se os condenados ao Inferno, saem dele para virem à vida corpórea; não são eternas as penas que ali se cumprem.

Ao bom senso - ao simples senso comum, é isto evidente; mas o clero católico turva as águas e pesca nelas um Inferno sem saída, onde se infligem às almas condenadas horrendos castigos eternos!

Continuemos, porém, na missão de esclarecer aos que estão de boa-fé, embora exasperando os que especulam com a verdade e com a religião.

“Senhor, teu nome subsistirá eternamente - e a lembrança de tua glória conservar-se-á em todas as gerações.

“Porque o Senhor há de julgar o seu povo - e se há de deixar dobrar aos rogos de seus servos”. – Salmos, CXXXIV, 13 e 14¹⁸³.

182 (Nota do Organizador) O correto é Salmo 86: 12 e 13.

183 (Nota do Organizador) O correto é Salmo 135: 13 e 14.

Manifesta-se aqui a parte da justiça e a do amor de Deus.

Pela primeira, ninguém deixa de ser julgado, para ser punido ou galardoado, segundo suas obras.

Pela segunda, ninguém será punido de morte, porque - o Senhor se há de deixar dobrar aos rogos de seu povo.

Mesmo no tempo em que o Senhor era o Deus dos exércitos - o Deus de tremenda majestade - o Deus de cuja cólera tanto se falava, ou só se falava; Davi afirma: que Ele deixar-se-á dobrar aos rogos de seu povo.

Que quer mais o clero católico para se decidir entre as duas divindades?

Não vê que são chegados os tempos de não se poder mais admitir cólera no ânimo celeste?

Não vê que de tão longe já se anunciavam estes tempos, em que a justiça eterna é inseparável do eterno amor - em que Deus, quando julga, não esquece que é pai - e quando age como pai, não esquece que é juiz?

Para que aferrar-se, pois, à velha tradição dos demônios - de Inferno - de penas eternas, coisas impossíveis, se Deus é amor e misericórdia - coisas impossíveis, desde que se lhe atribua o infinito poder e o infinito saber?

Prossigamos em nosso estudo.

“Louvai o Senhor, porque ele é bom, porque sua misericórdia é eterna.

“Louvai o Deus dos deuses, porque sua misericórdia é eterna.

“Louvai o Senhor dos Senhores, porque sua misericórdia é eterna.” - Salmos, CXXXV, 1, 2 e 3¹⁸⁴.

Neste Salmo Davi repete 26 vezes as palavras que proclamam a eterna misericórdia do Senhor; o que equivale a proclamar outras tantas vezes a impossibilidade do Inferno católico.

Com efeito, um Deus todo misericordioso negar-se-ia a si mesmo, se condenasse sem remissão, a fraca criatura feita de podre barro, por ter cedido ao peso da matéria de que foi feita.

E, principalmente, deixaria de ser Deus, se infligisse uma pena eterna pela falta de um momento.

Demais, o Inferno católico é um reino como o do Céu - e seu soberano tem o poder de bater-se com o próprio Deus!

184 (Nota do Organizador) O correto é Salmo 136: 1, 2 e 3.

O clero católico não compreende que isto tudo não passa de histórias inventadas para a humanidade, em sua infância - e que, no estado de sã razão, ninguém pode tomar ao sério essa moxinifada¹⁸⁵ de coisas ridículas – contraditórias - repulsivas e blasfemas?

Só se compreende o ensino católico do Inferno e dos demônios, em fins do século XIX, como um meio de política clerical, mas neste caso mal compreende o clero a tremenda responsabilidade que assume perante Deus, pois que esses milhares de almas, que se atiram para o ceticismo - para o positivismo - para o materialismo - para o ateísmo, enfim, não têm outra razão de proceder.

Max.
(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 23.06.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7240

185 (Nota do Organizador) Mistura de coisas diferentes, miscelânea, mixórdia. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Artigo LXXXIX: O PAIZ, 30.06.1889

É inesgotável a fonte das autoridades sagradas em favor da doutrina espírita - das penas temporárias - e contra a decrépita doutrina clerical - do Inferno, como o reino das trevas, onde se punem eternamente os filhos de Deus, que não cumpriram seus preceitos.

É possível que nós, profanos, encontremos a fonte onde o que bebe nunca mais tem sede - e que o clero católico não a tenha descoberto?

Cegueira do fanatismo?

A razão nos diz: não; porém a consciência diz-nos: sim - e nós, que desejamos ser discípulo de Cristo, vamos antes pelo que nos diz a consciência, do que pelo que diz a razão - e prosseguimos no esforço de fazermos como o anjo de Tobias.

Continuemos, pois, a compulsar as Escrituras, embora sejamos excomungados por ensinarmos a quem tem dever de nos ensinar.

Excomunguem quanto quiserem, mas bem cedo conhecerão quem fica realmente excomungado.

Do livro dos Reis - de Tobias - de Jó - dos Salmos, passamos hoje a outros igualmente sagrados.

“Castiga teu filho enquanto há esperança de emenda; mas não chegue a tua severidade ao excesso de lhe dares a morte.” – Provérbios, XIX, 18.

Aqui, como nos Salmos, a ideia da justiça está ligada à de amor e de misericórdia: castiga-se, porém, não ao ponto de matar-se.

É o castigo corretivo que um pai aplica a seus filhos, com tanta maior solícitude quanto maior é o amor que lhes consagra.

Mas a Igreja despreza tudo isto, que fala à razão e à consciência - e que dá ao Senhor uma ideia tão superior, para se ligar a alguns trechos bíblicos, a algumas palavras do Evangelho, que dizem do Inferno e das penas eternas pelas simples razão porque o sábio, falando aos rústicos, dir-lhes-á que o sol gira em torno da Terra!

“Como poderia alguma coisa permanecer, se não fosse de tua vontade? ou como se conservaria o que por ti não fosse chamado?”

“Mas tu perdoas todas as coisas, porque todas são tuas, e amas as almas.” – Livro da Sabedoria, XI, 27¹⁸⁶.

Também Salomão vem trazer sua pedra para o edifício do diabolismo espírita!

Também o sábio, de sabedoria divina, sustenta a ideia do perdão sem restrição, o que é equivalente à salvação universal!

O clero não admite um Deus que perdoa todas as faltas de seus filhos, embora punindo-os severamente!

O clero morre de amores por um Deus que, à laia de Saturno, devora seus filhos - que tem, para com eles, preferências e exclusões, como se depreende da lei da graça, verdadeira desgraça para quem a ensina!

Dir-se-ia que, enquanto a humanidade progrediu, ao ponto de merecer uma nova revelação do Céu, a Igreja - o clero católico - ficou ligado ao passado como o Prometeu da Fábula, cultivando somente as ideias grosseiras do tempo do barbarismo humano!

Felizmente esta conjectura não tem fundamento, porque a Igreja - o clero - está convencido da verdade do Espiritismo, que combate por meras conveniências mundanas - pela mesma razão por que o médico combate-o, apesar das provas experimentais, temeroso de que a mediunidade curadora lhe roube a freguesia.

Temos provas autênticas de que Pio IX estudou a nova ciência, mandando sábios de sua confiança, como o conde de Brunet de Paisay, seu camarista privado, assistirem a sessões de estudos experimentais, de que saíam completamente convencidos¹⁸⁷.

186 (Nota do Organizador) O correto aqui é Sb 11:26.

187 (Nota do Organizador) Vide “Roma e o Evangelho”, de D. Jose Amigò Y Peller, ed. FEB, Cap. Testemunhos valiosos sobre o Espiritismo.

Infelizes os que cerram os olhos à luz da verdade - e mais infeliz ainda os que a encobrem aos que obedecem à sua autoridade!

Quanto seria horrível sua posição, depois da morte, se com efeito houvesse esse Inferno que apregoam!

Entretanto, não deixará ela de ser horrível, porque não há falta que não seja punida - e porque esses tais sofrerão - até que obtenham o perdão de todos os que sofrem por efeito de seu ensino falso e pernicioso!

“Quando o ímpio maldiz o diabo, a sua própria alma ele maldiz.” – Eclesiástico, XXI, 30.

Como se entende este conceito?

Permita o leitor que transcrevamos aqui alguns trechos de uma comunicação de *Maria*, a Santíssima Virgem, a qual nos parece explicar porque *quem maldiz o diabo maldiz a sua alma*; ou antes, vem explicar que não existe diabo pessoal, mas sim sentimentos diabólicos...¹⁸⁸

“Aos segundos - aos que vos julgam instrumento do diabo, respondi: se é isto obra do diabo - se do diabo procedem virtuosos conselhos, máximas sãs, caridosas exortações, evangélicos impulsos, que todos os dias recebemos e admiramos, força é confessar: que o diabo trabalha por destruir o império do diabo, ou é ele superior a vós outros, uma vez que vem restabelecer o que vós, em tantos séculos, não tendes feito senão perturbar e afastar do seu curso natural.

“Se o diabo fosse o diabo, não vedes, insensatos, que para estender seus domínios, absolutamente não precisava apelar para um novo sistema, menos eficaz que a doutrina da vossa Igreja?”

“Não prostituís a redenção, abrindo, de par em par, as portas dos tormentos sem fim e guardando o supremo gozo para um reduzido número de mortais?”

“Que mais poderia apetecer ao deus do Mal?”

“O diabo existe, sem dúvida; não porém, o diabo, negação da Onipotência, da misericórdia e da justiça de Deus – não a personificação de um ser imundo e abominável, destinado a fomentar eternamente o Mal, e a luta vitoriosamente com a origem do Bem,

188 (Nota do Organizador) Vide “Roma e o Evangelho”, de D. Jose Amigò Y Pellicer ed. FEB, Comunicação ou Ensino dos Espíritos, 23º - Agosto de 1873 – Item 2.

destruindo quase todos os efeitos permanentes e sempre vivos da redenção.

“O diabo da seita romana, que procede de uma alegoria mal interpretada, é uma afirmação do ateísmo, porque supõe em Deus, que é e não pode deixar de ser o pai e a causa espontânea das criaturas, debilidades e sentimentos de que vós mesmos vos envergonhareis de ter.

“Os diabos são: o egoísmo, - a impureza, - o orgulho, - a avareza, - os ódios, - a hipocrisia, - as paixões e os sentimentos que derivam dos abusos da liberdade humana.

“Jesus expeliu os demônios, mas acreditais que arrancava dos corpos seres malignos - individualidades reais, que se haviam apoderado deles?

“Assim o creu a ignorância de meus contemporâneos - e Roma fomentou essa crença, em próprio proveito, fazendo dela a mais poderosa de suas armas e o instrumento de seu domínio temporal.

“Jesus curava os corpos enfermos pela eficácia da virtude que de si emanava, como de um foco de regeneração e de vida - e curava os feridos da alma pela santidade de suas vistas, que chegavam ao coração - e da divina palavra que, como uma corrente de luz, fluía de seus lábios.

“E os cegos viam - os surdos ouviam - e os mortos na vida da alma ressuscitavam”.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 30.06.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7271

Artigo XC: O PAIZ, 07.07.1889

A comunicação de Maria Santíssima, recebida em Lérica¹⁸⁹, lembra que o demônio não precisava inventar o Espiritismo para laçar as almas, quando tinha a doutrina da Igreja, deturpação do Evangelho da redenção, que lhe serve maravilhosamente a seus fins.

Demonstra, em segundo lugar: que é tão salvadora a doutrina espírita que, se fosse obra do diabo, só serviria para destruir o reino do diabo.

E, falando do Inferno e dos tormentos eternos, diz que foi isso uma alegoria, que a Igreja aproveitou para sustentáculo do seu império mundano.

Perguntamos aos homens de boa-fé: não são estes conceitos dos que entram pelos olhos?

O diabo, diz a comunicação, que se autentica por si mesma - pelos ensinamentos superiores que contém e que nos pesa não podemos transcrever aqui; o diabo, diz, é a negação da justiça - do amor - e da misericórdia de Deus - é uma concepção do ateísmo.

Perguntamos aos homens de boa-fé: é ou não intuitivo tudo aquilo?

O alto Espírito explica o que é o diabo de um modo que cala na consciência humana.

É o orgulho - é a avareza - é a luxúria - é a ira é toda e qualquer paixão que deturpa a alma.

189 Vide *Roma e o Evangelho*, Ed.FEB, e a nota anterior, de número 188. O texto original do artigo de Dr. Bezerra cita Lívica, mas deve ter sido um tropeço tipográfico. Vale lembrar que Dr. Bezerra só tinha acesso aos textos em sua versão final depois de publicados, sem a oportunidade de fazer correções pontuais.

Jesus expeliu diabos, porque tinha a força de lavar as almas daquelas paixões degradantes.

Perguntamos aos homens de boa fé: se isto não é mais aceitável do que o diabo, criatura de Deus, lutando sempre com seu Criador, até o fim do mundo, quando só ficarão dois reinos: o do Bem e o do Mal - quando só haverá dois poderes: o de Deus no Céu – e o de Satanás no Inferno?

Eternidade do Mal, pra poder haver eternidade de penas!

Deixemos, porém, o que se chamará apócrifo - e passemos ao que está escrito nos livros sagrados.

“Espíritos há que foram criados para o castigo, os quais aumentam seus suplícios por seu endurecimento.

“No tempo, porém, da consumação, esgotarão sua força - e aplacarão o furor daquele que os fez.” *Eclesiástico*, XXXIX, 33 e 34.

O padre Scio¹⁹⁰ entende que o *Eclesiástico* alude nesta passagem aos Espíritos malignos, destinados a tentar os vivos e a atormentar os condenados, missão bárbara, injusta e abominável, diz o autor de *Roma e o Evangelho*, que Deus não podia dar - e que se pode conceber um homem rancoroso e de crudelíssimo coração.

Supondo-se, porém, que assim seja, continuou aquele autor, suposição que não aceitamos, deixando-a inteira aos *caritativos* inventores das fogueiras inquisitoriais, temporais e eternas, sempre resultará das palavras do *Eclesiástico* que a salvação e o perdão é o termo final dos Espíritos, malignos ou não malignos, pois que no *tempo da consumação*, isto é, passado o termo da iniquidade, *esgotarão sua força* - esgotarão sua maléfica atividade - e, arrependidos *aplacarão o furor daquele os fez* e que espera seu arrependimento com amorosa solicitude e paternal carinho.

Naquele texto vê-se a linguagem do tempo envolvendo a ideia do futuro: os Espíritos criados para o castigo – furor de quem os fez; redundando tudo isto no perdão final - na salvação dos próprios criados para o castigo.

190 (Nota do Organizador) Felipe Scío Riaza (1738 - 1796) - Escritor, pedagogo, bispo espanhol, de grande prestígio na área da educação e nos estudos bíblicos, Foi o primeiro a traduzir para o espanhol todos os livros da Bíblia da Vulgata Latina, fruto de vinte anos de trabalho, no século XVIII. Para saber mais a respeito, vide <http://dbe.rah.es/biografias/26376/felipe-scio-riaza> .

É, pois, o *Eclesiástico* mais uma voz clamando lá dos tempos idos pelas ideias ora pregadas em nome de Deus, por seus enviados, os Espíritos superiores.

Do *Eclesiástico* passemos a *Isaiás*.

“Porque o povo de Sião habitará em Jerusalém: tu de nenhuma sorte derramando lágrimas chorarás, ele com muita comiseração se compadecerá de ti; - logo que ouvir a voz de teu clamor, te responderá.” – *Isaiás*, XXX, 19.

Está aí bem patente o predomínio da misericórdia sobre os outros atributos de Deus.

A justiça do Senhor levanta a voz do clamor dos que a sofrem; mas a misericórdia do Pai não tardará. Ele se compadecerá e responderá.

Não é isto perfeitamente o ensino espírita?

Como, então, o clero católico aceita o que diz *Isaiás* e excomunga o que acentua os ensinamentos do profeta?

“Falai ao coração de Jerusalém e chamai-a, porque está acabada sua malícia, está perdoada sua iniquidade: ela recebeu da mão do Senhor uma pena dobrada por todos os seus pecados.” – *Isaiás*, XL, 2.

Falar ao coração de Jerusalém quer dizer falar aos homens - e chamá-los, dizendo que está perdoada sua iniquidade, porque está acabada sua malícia, quer dizer: que todo aquele que se livrar da malícia, isto é, que se arrepender, terá perdoados seus pecados.

Ainda aqui não se marca tempo para o arrependimento produzir seus efeitos benéficos; e, portanto, é de rigor entender-se que ele será recebido em todo o tempo.

Onde, pois, foi buscar a Igreja fundamentos para seu ensino: de que só vale o arrependimento antes da morte?

O que Deus não limita, limitam os homens!

Será ao menos razoável que só prevaleça o arrependimento na permanência da vida corpórea?

A mais ligeira reflexão repele esta estreita compreensão das relações do Criador com suas criaturas livres e, portanto, responsáveis.

Que natureza se há de emprestar a Deus, para considerá-la insensível às vozes repassadas de dor de seus filhos, que confessam suas faltas - e lhe pedem o perdão delas?

O homem mais endurecido, o mais revoltado contra o filho que o desonra, praticando infâmias, dobra-se à voz do desgraçado que se abraça com suas pernas pedindo graça.

Deus, o que prescreve o perdão incondicional, fica inflexível diante do infeliz, que incorreu em sua ira!

A Igreja não vê que sua doutrina rebaixa o Senhor?

Bem se compreende que, para se ter a glória de inventar o Inferno, é preciso estabelecer a lei das penas irremissíveis.

Se assim não fora, como sustentar-se o reino de Belzebu?

Se Deus perdoasse ao que se arrepende, em todo o tempo, os condenados ao Inferno, que se convertessem ao Bem, sairiam do Inferno - e então lá se ia a sublime criação, que é a menina dos olhos dos padres, esquecidos de que, se ela fosse verdade, seriam eles as suas primeiras vítimas.

Preferem, pois, para sustentarem seu Inferno, limitarem o tempo das graças divinas - e apresentarem à humanidade, inflexível até à crueldade, o Deus que prescreve o amor e a caridade.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 07.07.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7305

Artigo XCI: O PAIZ, 14.07.1889

Ainda fala Isaías e sempre de sua linguagem simbólica res-salta a verdade, que hoje proclama o Espiritismo.

São chegados os tempos de colherem-se os frutos daquela semente bendita, que os mensageiros do Senhor jogaram sobre a terra.

Ela foi providencialmente conservada até que chegasse a es-tação própria, que é a capacidade humana de compreender-lhe o valor - e hoje aí estão os Espíritos do Senhor regando-a e fazen-do-a germinar.

Queira ou não queira o clero católico, a verdade de Deus há de espalhar-se pela superfície da Terra e dominar todos os cora-ções.

Não vê ele o sinal infalível? Não vê como a obra do *diabo*, que outros chamam obra de *loucura*, vai se alastrando por toda a parte, com uma celeridade incrível?

Se é obra do diabo, adversa à obra do Cristo, força é confes-sar que o diabo pode, pelo menos, tanto como o Filho de Deus!

Se é obra de loucura, que a razão repele, força é confessar que os primeiros loucos são os maiores vultos de nossos século: os Victor Hugo - os Sardous - os Flammarions - os Gladstones - os Crookes - os Zöllners - os Lyconls - os José Bonifácios, os Abaetés - os Olindas - e quase todos os sábios do nosso tempo e das nações civilizadas!

Cegos, abri os olhos à luz, para que não aconteça que fiquéis nas trevas do dia tremendo do juízo de Deus sobre o nosso pla-neta.

“A quem mais se deu, mais se pedirá”.¹⁹¹

191 (Nota do Organizador) Lc.: 12:48.

A vós mais que aos profanos, Deus pedirá contas da oposição que fazeis, caprichosa e demoníaca, a seus ensinamentos, que o Evangelho de Jesus Cristo prometeu ao nosso mundo - e que ali estão revestidos de todos os caracteres divinos.

Estudai e experimentai!

“E todo aquele que invoca meu nome *para minha glória o criei, o formei, e o fiz.*” – Isaías, XLIII, 7.

Aqui Deus diz, pelo profeta: que fez o homem para sua glória; o que implica dizer que não o matará o que o invocar.

Que glória pode ter Deus em criar para atirar a penas eternas?!

Esta seria a glória de Satanás, com quem o clero católico confunde o Criador, fonte do infinito amor!

A frase - todo aquele que invocar meu nome - cujo complemento, simbolicamente expresso nas subsequentes: eu o criei, eu o formei, eu o fiz, que querem dizer: eu o salvarei, porque o criei, - porque o formei, porque o fiz; essa frase que parece exclusiva aos crentes, aplica-se a toda a humanidade, no passado - no presente - no futuro.

Se, num tempo dado, há quem creia e quem não creia em Deus - quem invoque seu nome e quem não o invoque; no correr dos tempos todos os que não creram, serão crentes - todos os que não invocaram, invocarão.

Pela lei das vidas sucessivas, todos os que viveram nas trevas, volverão aonde houver luz - e os que viveram em luz escassa, volverão aonde a luz for a mais intensa.

É assim que os povos primitivos volverão a receber a luz da revelação mosaica - e, mais tarde, a receberem a luz da revelação de Cristo - e ultimamente a receberem a da revelação espírita, que é o complemento da do Cristo.

Os infieis - os selvagens - todos os que viveram fora do círculo iluminado, hão de volver à Terra para receberem o mesmo que tiveram os que viveram naquele círculo, para que todos tenham igual luz, a fim de terem igual responsabilidade, diante da justiça igual para todos.

Como se exerceria esta, se tivesse de ser aplicada ao que teve a luz da revelação do Cristo, de par com o que só teve a de Moisés - ou a de Abraão - ou nenhuma, como o selvagem?

E como terem a luz de Cristo todos quantos viveram antes da Cruz - todos quantos viveram fora dos raios da luz emanada da Cruz?

O exercício da justiça divina impõe as múltiplas existências - e estas excluem as penas eternas.

Quem tem de reencarnar na Terra, não pode ser retido eternamente no Inferno!

Portanto, impõe-se à razão humana o princípio das penas temporárias, desde que não pode ela recusar o das vidas sucessivas, sem as quais a justiça de Deus não passaria de um capricho.

Portanto, dizendo Deus pelo profeta aquela frase - e todo aquele que invocar o meu nome -, não excluiu ninguém - e apenas referiu-se aos que forem sucessivamente invocando seu nome, o que farão todos os Espíritos criados.

A prova do que aí fica exposto, dá-nos o mesmo Isaías, no cap. XLVI, 4:

“Eu mesmo vos trarei até a velhice e até me virem as cãs; *eu vos criei e eu vos susterei; eu vos trarei e eu vos salvarei.*”

Há na promessa de *salvação* restrição ou condição?

O que se vê, é que Deus promete *salvação* porque criou - e como criou a todos, a todos se estende a promessa, ainda mais confirmada no cap. XLVIII, 9, de Isaías:

“Por amor de meu nome serenarei meu furor - e com meu louvor sustentar-te-ei para que não pereças.”

Há aqui a linguagem do tempo - o furor de Deus -, e há a do futuro - sustentar-te-ei para que não pereças.

Deus, é um *furioso* bom e compassivo, que por amor de seu nome abranda a fúria - e sustém o que a provoca, para que não pereça!

A frase - para que não pereças - parece indicar que há condições de perecer; porém ela se refere à queda temporária, como ver-se-á melhor no cap. LIV, 7, 8 e 10:

“Por um momento te desamparei, mas recolher-te-ei com grandes misericórdias.

“No momento de minha indignação escondi de ti por um pouco a minha face: mas com sempiterna misericórdia me compadeci de ti.

“Porque os montes serão abalados e os outeiros tremerão, porém a minha misericórdia não se afastará de ti - e a aliança de minha paz não se mudará.”

Quem não vê nestas palavras a declaração das penas temporárias e a exclusão das eternas?

Ainda mais claro deixa Isaías esta verdade no cap. LVII, 16, 17, 18:

“Porque não pleitearei *eternamente*, nem me agastarei *até ao fim*...

“Eu me agastei por causa de sua iniquidade...

“Vi seus caminhos, *e o salvei e o volvi.*”

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 14.07.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7344

Artigo LCII: O PAIZ, 21.07.1889

Continuando a missão que nos impusemos de esclarecer o clero católico sobre as ortodoxas raízes do Espiritismo, traremos ainda para aqui trechos dos livros sagrados, que ensinam ser puramente humano e contrário à verdade divina o dogma dos demônios e do Inferno com suas penas eternas.

“Vai, e profere estas palavras contra o Aquilão e dize: *volve, pérfida Israel; e eu não apartarei minha face de ti*, porque eu sou o santo, diz o Senhor - *e a minha ira não durará eternamente*”. – Jeremias, III, 12.

O Senhor, infinitamente misericordioso, diz um apreciador deste trecho, não se contenta com esperar a volta à sua lei da rebelde Israel – figura da humanidade extraviada; mas chama-a em altas vozes, prometendo-lhe o seu perdão e que sua cólera não será eternamente duradoura.

Este é o Deus de amor e de verdade - e não o que se compraz com os tormentos perduráveis dos infelizes condenados!

Como é que se conciliam estes dizeres com a fé nos castigos eternos?

Como conciliar-se a palavra do Senhor, que diz: eu perdoarei ao que volver à minha lei, porque sou santo - eu não serei eternamente em cólera, com o ensino católico: de que Deus nunca mais perdoará ao que se afastar da sua lei, mantendo, portanto, eternamente a sua cólera?

Conhecemos o sofisma clerical: de que estas palavras se referem aos pecadores na permanência da vida corpórea - e já temos tratado desta espécie por mais de uma vez.

Conhecemo-lo, mas perguntaremos ainda: onde os fundamentos de tão odiosa restrição?

Jeremias não diz: volve, pérfida Israel, enquanto é tempo, como seria mister se valesse a interpretação romana.

Jeremias diz: volve, que eu não afastarei de ti minha face.

Diz, portanto, em qualquer tempo - e não no limitado tempo da vida terrestre.

Não é preciso estudo de hermenêutica para chegar-se a esta concepção, que verte naturalmente do conteúdo daquele texto.

E é tão natural que assim se entenda, quanto o inspirado profeta declara, em nome do Senhor: não afastarei minha face, *porque sou santo*.

A que viria esta declaração senão para firmar a sublime promessa do perdão em todo o tempo?

O santo é a bondade - o amor - a misericórdia, em grau infinito, e quem possui estes soberanos predicados não se compraz com os sofrimentos perduráveis dos infelizes condenados.

Tanto isso é verdade, que aí estão as palavras do profeta: a minha ira não durará eternamente.

Como não durar eternamente, se as almas são condenadas a penas eternas?

O clero católico sente, embora não confesse, que o ensino espírita é tão correto quanto o da Igreja é discrepante das sagradas letras - que este é até blasfemo, porque renega a palavra do Senhor e ensina o contrário do que Ele mandou dizer por seu profeta.

O clero católico não pode, pois, no fundo de sua consciência, deixar de curvar a cabeça diante da sublime revelação que, em público, chama: diabo - *diabolismo*.

Diabolismo a doutrina, que liga a justiça ao amor infinito, não deixando culpa sem pena, mas pena corretiva, moralizadora, que não pensa no extermínio, na morte, como nem um pai terrestre é capaz de infligir a seus filhos?

Se comparar-se, com isenção e imparcialidade, a doutrina romana e a doutrina espírita, sob este ponto-de-vista, desafiamos o mais severo juiz, ainda mesmo católico, contanto que tenha honra no coração e luz na consciência - desafiamo-lo a que confirme o epíteto de diabolismo, dado ao Espiritismo - e negue-o à doutrina romana.

Possessos são os que apresentam o Pai do Céu como símbolo do amor - da misericórdia - e da justiça.

Possessos são os que o apresentam como símbolo da cólera e da vingança - como um ser insensível e sem entranhas.

Entre nós e vós, clero católico, decidirá o mundo, antes que chegue o dia do juízo desse Deus que exaltamos, e que vós expondes ao terror, senão ao ódio, da humanidade.

Continuemos.

“Minha alma caiu no lago - e puseram sobre mim uma pedra. Um dilúvio d’águas veio sobre minha cabeça - e eu disse: pereci. Invoquei, Senhor, o teu nome do mais fundo do lago. Ouviste minha voz - não cerraste os ouvidos a meus soluços e a meus clamores. Tu te chegaste no dia em que te invoquei e disseste: *Não temas.*” – Jeremias, Lamentações, III, 53 a 57.

A palavra – *lago* - o profeta emprega frequentemente em lugar de - Inferno ou mansão dos mortos -; e aqui não tem outra acepção como se vê pelas palavras – puseram sobre mim uma pedra.

Esta lamentação é a do pecador que morre em pecado e que se arrepende: invoca o nome do Senhor do mais fundo do lago.

O Senhor ouve sua voz no dia em que a invocou arrependido - e lhe disse – não temas – perdoou.

Aqui é claríssima a prova da verdade da concepção espírita.

O lamentante está morto, como bem o diz.

O lamentante se confessa inundado por águas, que não são senão a figura de suas faltas.

Não desanima, porém, e invoca a misericórdia de Deus.

E Deus ouve sua voz - e dá-lhe o perdão.

Há, portanto, arrependimento valioso depois da morte!

Deus, portanto, presta ouvidos, em todo o tempo, à voz de seus filhos culpados, que invocam seu nome, arrependidos de suas culpas!

E, diante desta lição de Jeremias, a que fica reduzido o dogma gentílico - racionalmente abominável, das penas eternas?!

E como esta lição casa maravilhosamente com o princípio espírita: do perdão em todo o tempo pelo arrependimento sincero do culpado!

A Igreja, porém, fecha os olhos à luz, preferindo guiar a humanidade antes pelo terror que pelo amor de Deus!!

Ah, clero católico, lembrai-vos do que disse o divino Mestre: *a quem mais se deu, mais se pedirá*¹⁹².

192 (Nota do Organizador) Vide nota anterior.

Vós, mais do que nós, tendes o dever de procurar compreender em espírito e verdade a doutrina de Jesus, cujo ensino vos foi confiado.

Ai de vós!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 21.07.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7383

Artigo XCIII: O PAIZ, 28.07.1889

Venha mais um profeta, fale Baruch¹⁹³.

“Senhor todo poderoso, Deus de Israel. Ouvi agora a oração dos mortos de Israel e dos filhos dos que pecaram diante de Ti e não ouviram a voz do Senhor seu Deus. – III, 4.”

Há nestas palavras do profeta hebreu uma prova evidente de que acreditava ele no arrependimento dos mortos - na eficácia de suas preces - e na sua reabilitação.

Como é que se desprezam estes elevados ensinamentos dos livros sagrados, para se ir restolhar em suas páginas as palavras de fogo, em que baseia Kant sua doutrina - seus ensinamentos?

Como desprezar-se o Deus do perdão, para se abraçar o de vingança?

Sim; se depois da morte do pecador, não há mais para ele remissão de pecados - se, ainda que se arrependa, não lhe será mais possível alcançar perdão - se a culpa da vida arrasta fatalmente à condenação eterna; quem pôs esta lei não é um pai, é um tirano - não tem amor, é um tigre sedento de vingança!

Em tal caso, Deus não pode ser amado – só pode ser temido! Como amar-se a quem se vale de seu poder para esmagar? a quem pune de morte, o que não cumpre fielmente suas ordens?

193 (Nota do Organizador) Baruque ou Baruc - Baruk ben Neriá - é um personagem bíblico, sendo também o nome de um dos livros deuterocanônicos da Bíblia, segundo as Igrejas Católica e Ortodoxa. Baruque não foi um simples escriba, mas um *sofer*, um alto funcionário da administração babilônica na Judeia, um homem erudito e de família nobre, que foi secretário de Jeremias durante o exílio do povo israelita na Babilônia. Para acessar seu conteúdo sugerimos consultar <https://biblia.pt/biblia/BPTct/BAR.1/BARUC-1>, mas é preciso fazer o cadastro, antes. (Fonte: Wikipedia e Infopedia)

Mas, se Deus é assim, como é que Ele, sendo a Onisciência, e, portanto, que conhece o coração humano, exige do homem que o ame sobre todas as coisas?

Amar sobre todas as coisas a quem inspira terror – terror de morte, porque não perdoa, por mais que se arrependa o desgraçado que incorreu em sua ira!!

Não; Deus não podia exigir amor, se fosse qual o apresenta Roma - se fosse inflexível aos lamentos da alma que pecou, porém que conheceu o mal que fez - arrependeu-se e fez propósito de emendar-se.

Esta maneira de compreender o Pai dos homens e Criador do Universo, se encontra nas sagradas letras textos que lhe sirvam de fundamento, encontra outros opostos, quais os que temos citado, dos quais resulta uma maneira toda oposta de compreendê-lo.

Roma, esquecendo que os primeiros são enxertos humanos devido ao atraso da humanidade, assentou sobre eles o seu ensino, que tem sido a causa do materialismo e do ateísmo.

O Espiritismo, tomando em consideração aquela causa de erro, assenta seu ensino sobre textos que falam à razão - falam à consciência - e nos mostram o Criador justo e misericordioso para com todos os seus filhos.

A diferença que vai do ensino romano ao espírita consiste, pois, em tomar aquele por base os princípios humanos que mesclam os preceitos divinos – e tomar este os princípios divinos que se acham naqueles preceitos.

Quereis a prova de que dizemos a verdade? Confrontai os dois sistemas com o infalível critério da absoluta verdade, que é o caráter da divindade.

Tudo o que rebaixar este caráter, não pode vir dela - é obra do atraso humano - é falso, embora tenha sido necessária, como os óculos são necessários aos homens de curta vista para verem bem.

Tudo o que exalta, é natural, é santo, é verdadeiro.

Pois bem. O Inferno, com suas penas eternas, com seus demônios, o que nos dizem sobre o caráter da divindade? Dizem-nos horrores - e inspiram-nos os sentimentos de temor e de repulsão instintivos.

E o que diz a cosmogonia espírita aliando a justiça ao amor do Pai - firmando o princípio de que toda falta pede punição, mas punição corretiva, em proveito do culpado, para se regenerar - assentando, em suma, a lei da salvação universal? Diz-nos maravilhas - e inspira-nos sentimentos de amor e de reconhecimento.

Roma apresenta Deus como um déspota sem entranhas!

O Espiritismo apresenta-o como um pai carinhoso que castiga seus filhos para obrigá-los a procurar o caminho da verdade e do Bem.

E o clero católico nos chama possessos; e nós oramos por ele, para que a luz de Jesus Cristo o ilumine!

Ouçamos também Ezequiel.

“E renovarei contigo a minha aliança - e saberás que Eu sou o Senhor.

Para que te recordes e te confundas e não possas abrir a boca, de vergonha, quando aplacado contigo sobre todas as coisas que fizeste: disse o Senhor. – XVI, 62 e 63.”

Ainda um grande servo do Senhor vem ensinar a lei do perdão.

A renovação da aliança prova irrefragavelmente aquela sublime lei.

E as palavras do profeta - quando aplacado contigo sobre todas as coisas que fizeste?

O mais simples bom senso nos mostra que o pensamento de Ezequiel compreende o perdão em todo o tempo, e não somente na duração da vida corpórea.

Se Deus renova sua aliança em relação à geração daquele tempo, seria injusto, se tais benefícios só aproveitassem a ela.

A renovação da aliança não pode, pois, significar, senão que o Senhor faz chover suas graças – o perdão das culpas –, sempre que o pecador se arrependa, *se não puder abrir a boca com vergonha* de ter ofendido o Pai.

Daí resulta ainda: que a palavra sagrada do ministro do Senhor seria um simples *flatus vocis*¹⁹⁴ se existisse o Inferno, onde as almas condenadas não poderiam aproveitar mais nunca os

194 (Nota do Organizador) Em tradução livre seria algo como “palavras ao vento” ou “palavras vãs”...

benefícios da aliança, nem se compor com Deus sobre todas as coisas que tenha feito.

Filhos de Deus, ministros de Jesus, lede com os olhos d'alma as sagradas letras - e reconhecereis que o ensino espírita é a revelação, em espírito e verdade, do que o Mestre Divino não pôde ensinar.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 28.07.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7417

Artigo XCIV: O PAIZ, 04.08.1889

Atendamos ao que nos diz Oseias.

“E será como as areias do mar, que não podem ser medidas nem contadas, o número dos filhos de Israel – e em lugar de se lhes dizer: *vós sois o meu povo – e vós outros*; dir-se-lhes-á: *vós outros sois filhos do Deus vivo*. – I, 10”.

Aqui está bem claramente expressa a ideia da confraternidade humana.

Em lugar de dizer-se – *vós sois o meu povo* – como sempre se entendeu falando de Israel, dir-se-á: *vós outros*, isto é, toda a humanidade, *sois filhos do Deus vivo*.

Assim, pois, mesmo naquele tempo de espessas trevas, já o Senhor ensinava que todos os homens são seus filhos.

Se todos são filhos de Deus, como explicar-se o nascimento de uns em Israel, centro da luz que guia à salvação - de outros entre os povos mais ou menos cultos porém que não possuíam a luz da salvação - e de muitos entre hordas selvagens, que nem a noção do Pai podiam ter senão por intuição?

Foi por gosto ou vontade que não vieram todos nascer em Israel? Ninguém o dirá.

Deus então criou uns filhos na luz - e criou outros nas trevas, sendo certo que exige de todos o mesmo esforço para a salvação!

A doutrina de Roma não explica esta diferença senão acusando a justiça do Senhor.

A doutrina espírita concilia excelsamente o justo com a justiça e o amor de Deus.

As múltiplas existências corpóreas que tem o Espírito, para fazer seu aperfeiçoamento através dos séculos, são a consequên-

cia natural e fatal daquela diversidade - e explicam satisfatoriamente essa diversidade.

O espírito do selvagem volta à vida corpórea em um povo culto, para receber aí o que não teve em sua passada existência - e noutra encarnação vem a ter a Israel, para ter a maior luz de salvação.

Assim, todos receberão o mesmo quinhão, não havendo diversidade senão em um tempo dado, porque nem todos os Espíritos têm o mesmo grau de adiantamento.

O amor infinito reparte com todos e geralmente o pão da vida, mas a infinita justiça não dá a cada um, num tempo dado, senão o que lhe é devido, segundo o seu progresso.

Depois da luz que Jesus trouxe ao mundo, terão vindo recebê-la, no mundo, de par com os contemporâneos de Jesus, todos os que viveram em tempos de luz muito mais escassa.

E agora, que Deus foi servido dar-nos o complemento da luz de Cristo, volverão à Terra, para recebê-la, todos os que só tiveram aí o que lhes ministrava a incompleta revelação do divino Mestre.

Já se vê, pois, que sem a pluralidade de existências não se pode conciliar a justiça e o amor do Pai com a diversidade de condições naturais da humanidade.

A pluralidade de existências é, pois, uma verdade aferida pelo absoluto critério.

Mas, se os Espíritos têm de voltar à Terra muitas vezes para completar aí o seu progresso relativo a este planeta, é intuitivo que não podem sofrer penas eternas depois da morte - que o perdão das faltas não tem tempo fixado - que todos os filhos receberão no fim igual quinhão da herança do Pai Celestial.

Padres, a verdade é esta - e fora d'isto não há verdade!

“E direi *ao que não chamei meu povo: Meu povo és tu*, e ele responderá: *Meu Deus é tu*. - II, 24”.¹⁹⁵

Esse capítulo de Oseias confirma o que vimos no primeiro.

Deus declara por seu profeta: que só chamou *seu* um povo, mas que todos *seus* são.

E são seus no tempo e no espaço, porque o amor infinito e a justiça indefectível não podem, sem se negarem, excluir ou preferir um que seja dentre todos os filhos.

195 (Nota do Organizador) O correto aqui é Oseias, 2:23.

E, se Deus não pode ter exclusões nem preferências para com seus filhos, como admitir-se o princípio das penas eternas, que é o oposto das delícias eternas?

Os filhos não serão, na hipótese romana, tratados com igualdade: uns serão condenados, outros agraciados!

Mas então como se fará para que todos os povos, isto é, toda a humanidade - todos os Espíritos, sejam de Deus, como diz Oseias?

Só o Espiritismo resolve esta questão de modo consoante com as palavras do profeta - e de íntimo acordo com os ditames da razão e da consciência, como acima demonstramos, revelando a sublime lei da pluralidade de existências, donde a salvação universal, obra do amor infinito - conquistada pela dolorosa depuração de nossas faltas, obra da justiça indefectível.

O Espiritismo explica como os sofrimentos na vida corpórea e as penas na vida espiritual são os meios da nossa desmaterialização e conseguintemente de nossa glorificação.

Ele ensina que todos são filhos de Deus, como diz Oseias, e que todos se salvarão, sofrendo mais ou menos, conforme fizerem pior ou melhor uso da sua liberdade, no correr de suas existências.

Oseias, pois, contradiz Roma e confirma o ensino espírita.

“Não tornarei efetivo o furor da minha ira - não voverei a destruir Efraim, porque sou Deus e não sou homem. - XI, 9.”

Efraim é a figura da humanidade, que Deus não destruirá, nem fará contra ela efetivo o furor de sua ira, porque não é homem.

Concilie o clero católico este texto sagrado com seu blasfemo ensino: do Inferno e das penas eternas!

Há momentos em que se nos turva a razão, vendo tantos preclaros varões condenarem por *demoníaca* uma doutrina que decorre naturalmente de ensinamentos sagrados e tão positivos, como os que consignam os textos sagrados aqui transcritos!

Sentimos, porém, uma suave e doce paz em nossa alma, quando refletimos sobre a repulsão que recebeu, da parte do sacerdote, a doutrina de amor que Jesus trouxe à Terra!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 04.08.1889: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7456

Artigo XCV: O PAIZ, 11.08.1889

Parecerá fastidioso este longo martelar na bigorna dos preconceitos condenáveis do clero católico; mas aos que assim julgarem, lembraremos: que, sem os mais perseverantes esforços, não se consegue arrancar pelas raízes uma árvore secular.

Temos feito depor no processo, contra a fatal instituição do Inferno, com suas penas eternas e demônios, a maior parte dos livros sagrados, para provarmos ao clero obcecado: que a lei de Deus é lei de amor e não de vingança.

Havemos de concluir este trabalho consultando daqueles livros os que ainda nos falta trazer ao tribunal.

Começamos a ouvir Oseias, continuaremos hoje com ele.

“Do poder da morte vos livrarei - vos redimirei da morte. Eu serei a tua morte, oh morte. Eu serei a tua mordedura, oh Inferno. – XIII, 14”.

Do poder da morte Deus vos livrará.

De que morte fala o profeta? da do corpo? Não, porque o corpo, desde então até hoje - e desde hoje até sempre, morrerá.

Evidentemente fala da alma - e se Deus livra a alma da morte, como ensina o clero católico que Ele condena por toda a eternidade?

Fala dos justos, dizem os fanáticos.

Mas desses não precisava Deus falar, porque eles por si mesmos - por suas obras se salvarão.

Além de que, se Deus não limitou sua promessa, em que se baseia o clero católico para limitá-la?

A ser verdadeira a interpretação romana, o Senhor teria dito: do poder da morte livrarei os justos - os que fizeram boas obras - os que cumprirem meus mandamentos.

Desde, pois, que falou em geral, deve-se entender que se referiu a toda a humanidade - ao justo como ao culpado.

E vem confirmar este propósito a frase seguinte, que diz: *Eu vos redimirei da morte.*

Redimir quer dizer lavar de culpas.

Portanto, redimir da morte quer dizer: livrar dela o que tem culpa e se lavará para não lhe ser sujeito.

Oseias, pois, afirma, em nome do Senhor: que toda a humanidade *será livre e redimida da morte.*

Parecerá que, em tal caso, não deveria falar Deus da morte, visto que ninguém a sofrerá.

Releva, porém, atender; que toda a revelação precisa, para produzir seus efeitos, adaptar-se à forma humana, segundo o [seu]¹⁹⁶ tempo.

Naqueles tempos o povo hebreu acreditava na morte eterna - e, pois, a promessa feita pelo profeta não seria recebida, se fosse de encontro a uma crença arraigada.

Por que razão, muitos séculos depois, o divino Jesus ainda não pôde ensinar *as muitas outras verdades*, que deixou para quando a humanidade *as pudesse suportar?*¹⁹⁷

A Igreja perde por só atender à forma - à letra, que esteriliza, em lugar de procurar o espírito, que vivifica.

À parte a letra daquele texto, o que se colhe do seu espírito é que Deus livrará a todos da morte, isto é, que não há Inferno com penas eternas, que é a morte a que se refere o texto de Oseias:

Eu serei tua morte, oh morte.

O que pode haver de mais claro, quanto a não passar de um sonho a ideia das penas eternas?

Deus será a morte da morte, porque Ele mandará, em tempo, mais alevantado ensino, que banirá a crença humana àquela falsa concepção.

Esses tempos são chegados - e só quem não quiser, não terá a prova de que a alma a mais impura vem a nós - e muita vez recebe por nós a luz - e se convence de seu erro - e é redimida; prova de que os perversos não vão para o tal Inferno e de que em todo o tempo os Espíritos arrependidos são acolhidos ao aprisco do divino Pastor.

196 (Nota do Organizador) Acréscimo nosso.

197 (Nota do Organizador) Jo. 16:12, já citado.

A frase: *Eu serei tua mordedura, ó Inferno*, é complementar da explicação que temos dado às anteriores.

Pela lei da Igreja o Inferno é um reino independente, cujo príncipe, depois de se ter rebelado contra Deus, continua e continuará eternamente em guerra contra Ele.

Isto é simplesmente blasfemo - e a razão a mais obtusa recusa-se a semelhante ideia.

Não há Inferno - não há demônio pessoal - e é por isto que o profeta, falando a linguagem de seu tempo, diz: que Deus será sua mordedura, isto é: que Deus dissipará essa falsa ideia da humanidade.

Oseias é, dentre todos os profetas, o que mais categoricamente destrói o dogma romano dos castigos eternos.

Entretanto, apesar do modo claro como ele fala às gentes, Roma nenhum cabedal faz de seus ensinamentos - e condena como *diabolismo* o Espiritismo, que acolhe e transmite aquelas sublimes lições.

Deus se compadeça dos cegos d'alma!

"Eu curarei as suas chagas, ama-las-ei por um puro efeito de meu beneplácito, porque já o meu furor se tem afastado deles. - XIV, 5."¹⁹⁸

O que são as chagas, que Deus promete curar?

Inquestionavelmente são as culpas - todas as culpas humanas, as chamadas *veniais* e as *mortais*¹⁹⁹, porque ainda aqui não houve restrições.

Esse texto corrobora o precedente - e confirma a doutrina espírita da salvação universal, mediante a depuração das almas pelas vidas sucessivas.

E por que fala o profeta do *furor* de Deus, que já se tem afastado dos homens?

198 (Nota do Organizador) O correto aqui é Oseias, 14:4.

199 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui à terminologia católica, que perdura ainda hoje. Segundo a página do Vaticano na internet, são considerados "mortais" os pecados que "têm por objecto uma matéria grave, cometidos com plena consciência e de propósito deliberado". Os veniais, mais "leves", por assim dizer, ocorrem quando, "em matéria leve, não se observa a medida prescrita pela lei moral ou quando, em matéria grave, se desobedece à lei moral, mas sem pleno conhecimento ou sem total consentimento".(Fonte: http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s1cap1_1699-1876_po.html - itens 1857 e 1862).

Pela razão, mil vezes dada, de precisar falar uma linguagem compreensível - e de precisar contemporizar com as ideias filhas do atraso do tempo.

Israel não compreendia um Deus sem *furor*; era preciso, pois falar do *furor* de Deus, para poder ensinar a ideia de *clemência*, que deixa lobrigar nas palavras - já se tem afastado deles.

O profeta fala do furor celeste, mas diz que ele já está acalmado.

É o meio de preparar a humanidade para trocar a ira de Deus pela sua clemência - pelo seu infinito amor.

Padres. Já é tempo de sepultardes no abismo dos séculos passados as ideias atrasadas, que floresceram naqueles séculos.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 11.08.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7492

Artigo XCVI: O PAIZ, 18.08.1889

Vamos por diante em nossa missão: de levar ao espírito do clero católico a luz da verdade, segundo a revelação espírita, que seus preconceitos repelem.

Bem sabemos quanto é difícil apagar crenças recebidas com o leite, máxime daqueles que assumiram o dever de ensiná-las e propagá-las; mas também sabemos que todo homem recebeu do pai a razão e a consciência - e que o padre por mais obcecado que seja, não poderá aplicar à doutrina estes dois luminares do espírito, sem recuar espavorido.

A razão e a consciência jamais se conformarão com a ideia da condenação eterna, principalmente sendo pena cominada pelo Pai, que também é Deus - e como Pai e como Deus, fonte de infinito amor e de inesgotável misericórdia.

Temos certeza que, dentre todos os católicos, é o padre o mais atuado pela dúvida entre seus sentimentos naturais, com relação a Deus, e os ensinamentos que recebe da Igreja romana.

Não há fé que resista às extravagâncias de tal ensino!

Não queremos que o padre confesse a perturbação que vai por sua alma, sendo obrigado a crer, porque Roma impõe a fé passiva, num dogma que dá testemunho da imperfeição de Deus.

Não queremos isto; mas julgamos ser um dever de caridade abrir-lhe os olhos, para que reconheça: que a Igreja considera divino o que é humano - imutável o que é transitório - indestrutível o que é perecível.

É neste empenho que ainda voltamos à arena, em que nos manteremos, para provar ao padre: que as escrituras santas não confirmam, antes infirmam o ensino de Roma.

Ponha-se de sobreaviso o clero contra aquele ensino, contrário a tantos e tantos textos bíblicos, porque, se é verdade que não existe Inferno com penas eternas, é mais certo: que, depois da morte, temos de prestar contas a Deus, pelo bom ou mau desempenho do compromisso que tomamos, quando nos foi feita a graça de uma encarnação reparadora.

E o que falhou à sua missão, tem irrevogavelmente de sofrer as penas da falência, até que pague toda a sua dívida.

O padre deve saber que a *fé passiva* não se concilia com o livre-arbítrio, para cujo exercício Deus nos deu a razão e a consciência.

O padre, pois, só por aí, deve reconhecer: que Roma atenta contra a ordem estabelecida pelo Criador.

Se ainda isto não basta para se livrar das prisões do romanesmo, estude os textos sagrados - e confronte-os com o ensino católico e com o espírita, para poder julgar qual deles é o verdadeiro.

Continuemos, pois, este proveitoso estudo.

“Ouvi esta palavra com que eu levanto sobre vós o meu pranto. A casa de Israel caiu - e não tornará mais a restabelecer-se.

“Porquanto isto diz o Senhor à casa de Israel: Buscai-me, e vivereis. – Amós, V, 1-4.”

No primeiro destes dois versículos, fala o profeta por sua conta e é por isto que dizia:

Israel caiu e não mais se levantará.

No segundo, porém, fala pelo Senhor - e é por isto que promete a vida a Israel, se o buscar.

Figura da humanidade, Israel só se perderá se não se arrepender - e desde que o faça, aí está vigorante a promessa do Senhor.

Ninguém, portanto, se perde, havendo apenas quem sofra mais, porque é mais endurecido e leva mais tempo a reconhecer suas faltas - a arrepender-se delas - e a buscar o Senhor, que nunca repele a quem o procura com o coração contrito e humilhado.

Amós, pois, é mais um alto Espírito que protesta contra Roma - e que atesta a verdade do que a Igreja chama de *diabolismo*.

Fala Jonas:

“Disse, pois, o Senhor: tu te enfadaste por causa de uma hora que não te custou trabalho algum, nem a fizeste crescer - que nasceu numa noite e numa noite feneceu.

“E eu não perdoarei à grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil homens, que não sabem discernir entre a mão direita e a sua mão esquerda, e um grande número de animais? - IV, 10-11.”

Como é consoladora esta passagem da profecia de Jonas!

Uma cidade de tantas mil almas, que desceu ao último grau da execração, faz penitência e consegue o perdão!

Não nos ensina isto: que todo aquele que se arrepender e fizer propósito de emendar-se, será perdoado?

A questão de ter sido dado a Nínive o perdão da duração da vida corpórea, já por estafada, não merece mais consideração.

O homem - o Espírito sofre enquanto for endurecido, mas, desde que fizer seu *penitet*,²⁰⁰ abre-se-lhe a porta da redenção.

Disto dá mais um testemunho, insuspeito ao clero o seguinte texto de Miqueias:

“Quem há, ó Deus, semelhante a ti, que *apagas a iniquidade* - e que te *esqueces dos pecados* das relíquias de tua herança? Ele não *derramará mais seu furor contra os seus [filhos], porque lhe apraz fazer misericórdias.*

“Ele voltará e terá compaixão de nós - ele sepultará *novas iniquidades* - e *lançará todos os nossos pecados no fundo do mar.* - VII, 18 e 19.

Como apagar nossas iniquidades, senão perdoando? Como esquecer nossos pecados, senão perdoando?

Que o fará em todo o tempo: na vida corpórea e na vida de além-túmulo, di-lo o profeta, quando se faz a voz do Senhor pelas palavras: *lhe apraz fazer misericórdias.*

Se lhe apraz misericórdias, por que só as terá para com os arrependidos na vida corpórea? Por que não lhas merecerem os arrependidos depois da morte?

Se fosse como ensina o clero, Deus faria exceção às suas misericórdias - e, em tal caso, não se poderia dizer: que lhe apraz fazê-las.

200 (Nota do Organizador) Vide nota 58.

Além de que o clero pode ter a prova material de Espíritos maus, que se arrependem - e que alcançam misericórdia. Desça a estes estudos e reconhecerá a verdade da doutrina espírita.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 18.08.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7525

Artigo XCVII: O PAIZ, 25.08.1889

Do Velho Testamento, onde se encontram todos esses textos impossíveis para a lei das penas eternas, e conseguintemente do Inferno e dos demônios - todos esses textos, que temos transladado para este ligeiro trabalho - todos esses textos, que firmam a doutrina espírita da salvação universal, passemos para o Novo Testamento e analisemos a verdadeira doutrina de Jesus Cristo, expedida por seus evangelistas e tão pela letra, contra o espírito, interpretada pela Igreja.

Ouçamos a Lucas - ouçamos a Marcos - ouçamos a Mateus - e ouçamos a João.

Separemos o trigo do joio: o sentido verdadeiro, em espírito e verdade, do sentido literal, que por via de regra encobre a verdade.

Ai do que lê a parábola e a entende segundo a letra, porque esse tal nada colhe da parábola!

A do filho pródigo o que ensina para quem a toma ao pé da letra?

Entretanto, entendida em espírito, que sublime lição não dá!

Vê-se daí: que o Pai tem *sempre* o coração aberto para o filho que renuncia ao Mal - e que até sobe de grau seu prazer quando lhe chega um dos desviados.

Leia o clero os Evangelhos, sem se prender à forma, porém só procurando penetrar o espírito - e reconhecerá: que Roma obceca - e que o Espiritismo esclarece até iluminar.

Comecemos por S. Lucas.

“Acomoda-te com teu contrário enquanto estiveres com ele em caminho, porque não suceda que ele te leve ao juiz - e o juiz te entregue ao meirinho - e o meirinho te meta na cadeia.

“Digo-te que não sairás dali enquanto não pagares o último ceutil. - XII 58 e 59.”

Ora, eis que a Igreja, sempre adstrita à letra, tira deste texto razão para crer e ensinar: que o arrependimento só vale durante a vida terrestre: *enquanto estivermos em caminho para o juiz.*

Fatal cegueira!

A Igreja só atende ao primeiro dos dois versículos - e nenhum cabedal faz do segundo que, entretanto, encerra o pensamento complementar da parábola.

Suponhamos que efetivamente o primeiro pode ter o valor que se lhe quer dar - que ensina a validade do arrependimento exclusivamente enquanto estamos na vida terrestre.

Neste caso, a cadeia, de que fala a parábola, é o Inferno, que, segundo crê e ensina a Igreja, prende por toda a eternidade quem para lá é mandado.

Mas o segundo versículo?

Diz-se aí que da tal cadeia não se sairá, enquanto não se pagar o último ceutil.

Enquanto não se pagar; logo, pode-se pagar; logo, o que tiver pago, sairá; logo, a cadeia para onde vai o que não se acomodar com seu contrário, em caminho, não é cárcere que se fecha para nunca mais se abrir; logo, finalmente, não é o Inferno - esse Inferno imaginado pela Igreja, com as penas eternas.

Assim, pois, a parábola de Lucas destrói formalmente a ideia das penas eternas - e a de só valer o arrependimento durante a vida terrestre.

Jesus, que compreendia perfeitamente o fim por que vimos a esta vida - fim expiatório e reparador, procurou ensinar-nos: quanto devemos aproveitar esse tempo, que o amor do Pai nos concede para lavarmos as máculas de passadas existências e fazermos merecimentos para subirmos na escala dos Espíritos.

Foi por isso que nos recomendou a acomodação com o nosso contrário, durante nossa estada aqui, para que não fôssemos metidos na cadeia; isto é, em penas, que sofrerá necessariamente o que levar a existência sem cumprir sua missão.

Tanto, porém, essas penas não são eternas, que o próprio Jesus diz ao que for levado à cadeia, depois da morte, *sairás logo que tenhas pago a tua dívida.*

E quer saber o clero como se paga a dívida da violação da lei eterna - da lei do amor a Deus e ao próximo?

Sofrendo penas, depois da morte, até arrepender-se do mal que se fez - até fazer-se propósito firma de emenda - até ter-se apagado a mácula daquele mal, em nova existência - até ter-se feito nesta, bem feitas, as provas e expiações, que se prometem a Deus quando se reencarna.

Ai do que não se acomodar com seu contrário, enquanto estiver em caminho; isto é, ai do que não desempenhar sua missão expiatória e reparadora no correr da vida, que para esse fim lhe foi concedida; porque este irá sofrer penas atroztes, até que volva a Deus - volva à nova existência - e pague nesta a sua dívida, até o último ceutil!

Eis, padres de Roma, o que o Espiritismo, que é uma nova revelação, ensina ao mundo.

E isto que o Espiritismo ensina conforma-se perfeitamente com os dois versículos do texto que extraímos do Evangelho de S. Lucas.

É isto que harmoniza o espírito com aquele Evangelho, fala à razão - cala na consciência e dá do soberano Senhor a mais sublime ideia. Logo, é a verdade.

Um Deus que só aceita o arrependimento num minuto da duração eterna dos Espíritos, pode comparar-se ao que tem sempre os braços abertos para acolher os que, do fundo do abismo de suas misérias, lhe bradam, contritos e humilhados, por sua misericórdia?

Pode merecer o título de pai, quem fecha a porta aos filhos que não chegam à hora de recolher, deixando-os destarte expostos às feras carniceras?

Padres, ministros do cordeiro imaculado, temos pena de vós - choramos por vosso triste destino.

Viestes à Terra com a missão de explicar a verdadeira doutrina de Cristo - e falistes, porque Roma corrompeu os propósitos santos que trouxestes!

Padres, irmãos nossos em Deus, nosso Criador e Pai, a doutrina que pregais é blasfema - expõe o Pai e o Redentor!

Irmãos. Vinde estudar e praticar conosco a sublime lei, que Jesus prometeu pelo Consolador - e que está sendo revelada pelos altos Espíritos.

Ainda é tempo, porque ainda estais em caminho.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 25.08.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7564

Artigo XCVIII: O PAIZ, 01.09.1889

A luz clara e serena que se irradia da sagrada doutrina do Mestre divino, quando se a estuda segundo o espírito, é o farol que foi Deus servido colocar à vista de toda a humanidade, em nosso tempo, para que ninguém possa pôr em dúvida seu amor, que se completa por sua justiça, e sua justiça, que se completa por seu amor.

O Espiritismo: revelação das revelações - verdadeira interpretação do espírito, daquela divina doutrina, explica-nos o santo consórcio daqueles dois predicados do Ser Perfeito.

O Deus que castigasse de morte - e, portanto, sem amor, é substituído pelo Deus, que castiga para corrigir - que recebe em seu seio os que se corrigem - e que portanto, exerce, com amor, sua impertérrita justiça.

O Deus, que salva por graça especial - e, portanto, sem justiça, é substituído pelo Deus que não tem preferências nem exclusões - que julga e dá a todos, segundo suas obras - e que, portanto, distribui seu amor com a mais perfeita justiça.

O primeiro daqueles Deuses é o de Roma - o segundo é o que nós, os espíritas, aprendemos a conhecer e amar pela nossa revelação.

Qual dos dois tem mais elevada concepção da Perfeição Infinita?

E, entretanto, o clero católico - Roma, nos fulmina com os raios do Vaticano por diabolismo - como possessos do demônio!

Louvado Deus, não lhe retribuimos o Mal senão com o Bem: orando e suplicando ao nosso Deus que dê luz aos pobres cegos, por sua misericórdia!

Cegos, sim, porque *têm olhos de ver e não veem!*²⁰¹

Em nosso passado artigo, mostramos como S. Lucas diz positivamente contra o Inferno com suas penas eternas - e eles que leem todos os dias os Evangelhos, nunca compreenderam aquele texto sagrado - e ainda hoje, temo-lo por certo - em vez de se renderem à verdade, esquadrinham em sua mente argueirosos sofismas para oporem ao princípio e ao fato, que se impõem, como tudo o que vem de Deus!

Foi pouco o que disse Lucas? Corroboremos sua palavra com a de S. Mateus.

“Como poderá alguém entrar na casa do forte e roubar-lhe as alfaias, se primeiro não tiver manietado a parte? Então saqueará a casa. – S. Mateus, XII, 29.”

O forte, de quem fala o evangelista, é Deus - e suas alfaias somos nós, suas criaturas.

Jesus, não podendo pregar a salvação geral, de um modo direto, porque era esta uma das verdades que declarou: não poder a humanidade suportar ainda²⁰², falou dela por parábola, demonstrando: que o demônio, em que se acreditava, nunca poderia apanhar uma só das alfaias de Deus, porque nunca poderia imitá-lo, para penetrar em sua casa.

Ora, se o demônio não pode roubar a Deus as suas criaturas, que é o demônio - e o Inferno - e as penas eternas? Coisas sem razão de ser - e conseguintemente puros entes de razão.

E se não há demônios, nem Inferno, nem penas eternas, o que fica em relação ao destino da humanidade? Ou o nada, como pensam os materialistas, ou a salvação universal, como ensina o Espiritismo, completando a obra das anteriores revelações.

Falando ao clero católico, que acredita na imortalidade da alma, seria ocioso combater a teoria materialista; tanto mais que chegará sua vez quando pensarmos à segunda parte deste trabalho.

É, pois, consequência forçada do texto de S. Mateus: que todos se salvarão, embora passem uns pelo Purgatório e outros pelo Inferno, conforme a gravidade de suas faltas, a que correspondem castigos mais ou menos pesados, porém temporários.

Ainda S. Mateus:

201 (Nota do Organizador) Vide Salmo 115: 1-8; Isaías, 43:8 e Mateus, 13:13.

202 (Nota do Organizador) Jo.16:12, já citado.

“E tomando-o Pedro de parte, começou a increpá-lo dizendo: Deus tal não permita; Senhor, isto não sucederá contigo.

“Ele, voltando-se para Pedro, lhe disse: tira-te diante de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não tens gosto das coisas que são de Deus, mas sim das que são dos homens. – XVI, 22, 23.”

O apóstolo procura insinuar ao Mestre que não vá a Jerusalém, onde deve completar sua missão, a fim de evitar os tormentos e a morte.

O apóstolo é, neste caso, a tentação do egoísmo – e por isso Jesus o chama Satanás, isto é, tentação.

Sem saber aqui analisar o sublime exemplo, que nos deu o Redentor, de cumprirmos nossa missão na vida, qualquer que seja o sofrimento que nos espere, mesmo o de morte violenta e vilipendiosa, trataremos, somente, do fato que cabe neste trabalho: do de ter Jesus falado de Satanás, autorizando assim a crença na existência desse fenomenal Espírito.

Convergem em favor dessa crença o Salmo XCV, o cap. XVI do Eclesiástico e o cap. IV de Baruc, mas em todos estes casos, como no de que tratamos, reconhece-se quase intuitivamente que Jesus e aqueles autores sagrados aproveitam-se da ideia vulgar, que se tem do demônio, para exprimirem por ela a tentação das paixões humanas, únicos e verdadeiros demônios que nos perseguem.

Como ser de outro modo, tendo em vista o texto do próprio S. Mateus, em que o apóstolo diz: *que ninguém pode entrar na casa do forte e saqueá-la sem primeiro prender o forte?*

Num caso, não é possível o demônio - no outro caso, o demônio é uma realidade!

Não. Demônio pessoal não existe - e, se existisse, Deus não seria o forte - o Onipotente, sendo roubado pelo fraco, por uma sua criatura.

A humanidade criou esse símbolo da tentação, que nos arrasta para os desvios - e uma tentação é a obra de nossas próprias paixões.

O demônio temos nós dentro de nós - e é por isso que só com inaudito esforço podemos-lo vencer, vencendo-nos.

Demônio pessoal, que luta com o Onipotente - e rouba-lhe as ovelhas queridas - e constitui com elas um reino eterno: o reino do Mal, é concepção blasfema, que só pode medrar nas almas

atrasadas ou corrompidas, que não podem ter a verdadeira intuição da Perfeição e do Poder Infinito.

Livre-nos Deus de acompanhar os que assim pensam.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 01.09.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7604

Artigo XCIX: O PAIZ, 08.09.1889

Em nosso passado artigo ensinamos perfunctoriamente, que o demônio ou Satanás, de que Jesus falou, é pura e simplesmente - a tentação - obra de nossas próprias paixões.

Mais claro e positivo não pode ser a tal respeito o Evangelho de S. João - VI, 71 e 72²⁰³.

“Jesus disse-lhes: não é assim que eu vos escolhi em número de doze - e entretanto um de vós é o diabo?

“O que ele dizia de Judas, filho de Simão, porque era um dos doze e o que havia de entregá-lo.”

Judas era um homem - um homem dominado pela cobiça, porém da natureza de todos os homens.

E, pois, chamando-o diabo, Jesus não quis senão chamá-lo homem de maus instintos, dominado por suas paixões.

Todo homem, pois, que se deixa arrastar pelas paixões más, é diabo na frase do Evangelho.

Ora, o homem, deixando o corpo pela morte, leva com o Espírito todos os sentimentos que cultivou na vida, porque esses são da alma e não do corpo.

O cobiçoso leva o sentimento da cobiça.

O soberbo leva o da soberba.

O luxurioso leva o da concupiscência.

O caridoso leva o do amor ao próximo.

O casto leva o da castidade.

Enfim, o que cultivou bons sentimentos, leva-os consigo - bem como o que só cultivou sentimentos maus, leva essa terrível bagagem.

203 (Nota do Organizador) O correto aqui é Jo. 6: 70 e 71.

Os que foram perversos na vida terrena, que por isso mereceram a qualificação de Jesus, em relação a Judas, deixando a Terra e passando à vida do Espaço, continuam a fazer o mesmo, que lhes granjeou aquela qualificação.

São demônios da gula - da ira - da concupiscência - da vingança - são os verdadeiros demônios.

Passado porém, o tempo de tão grande atraso, esses Espíritos se purificam de todos esses vícios - e sobem a escala espiritual, substituindo os sentimentos maus pelos bons, nas diversas existências, que lhes são para isso dadas.

Então o demônio passará a bom - passará a santo - chegará às condições angélicas.

Eis o que é o demônio, segundo a revelação espírita, confirmada pelos Evangelhos e mais positivamente pelo de São João.

Aos sofismas que Roma emprega para desmentir esta elevada concepção, responde-se com fatos - fatos que Roma não pode destruir.

Desça quem quiser ter plena consciência da verdade, às experiências que o Espiritismo permite - e reconhecerá: que há Espíritos humanos que só gastam seu tempo no Espaço, procurando fazer mal, arrastando para o Mal a seus semelhantes, ainda encarnados na Terra.

O que diria Roma se visse um Espírito obsessivo produzindo, por uma influência fluídica, a loucura de uma pessoa conhecida; se visse um Espírito ao Bem depois de uma luta longa e tenaz com um membro de algum centro espírita, que lhe abrisse os olhos, ensinando-lhe o caminho do Bem?

O que diria se visse mais, desde que o obsessivo se moraliza - e abandona sua vítima, voltar esta ao perfeito uso de sua razão?

Roma não quer ver estes fatos para não ser obrigada a confessá-los - e confessando-os, ser obrigada a deixar a lei em que é *senhora* para abraçar-se com a dos *humildes*.

Continua S. João:

“Em verdade, em verdade vos digo: que vem a hora - e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem, viverão.

“Não vos maravilheis, porque vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros, ouvirão a voz do Filho de Deus.

“E os que obraram bem, sairão para a ressurreição da vida - e os que obraram mal, sairão ressuscitados para a condenação. – V, 25, 28 e 29.”

Chamamos a atenção do leitor para estas palavras de Jesus, transcritas do Evangelho de S. João.

Os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus.

Quais são os mortos? e como ouvirão a voz do Cristo?

Os mortos, claramente o diz o versículo 28, são os que baixaram aos sepulcros.

Aqui não há sentido figurado.

Pois bem, segundo João, todas as almas que foram da Terra, ouvirão a voz do Cristo.

Logo também ouvirão essa voz, isto é, sua doutrina, os que a Igreja manda para o Inferno.

São os mortos - e não estes ou aqueles.

São todos os que baixaram ao sepulcro - e não os que não estão condenados ao Inferno.

Ora, se todos ouvirão a voz do filho de Deus, ou em melhores termos: se todos receberão o divino ensino, segue-se que todos podem aproveitá-lo. A que viria dizer Jesus: que todos ouvirão sua voz, se os condenados ao Inferno não pudessem tirar dela benefício?

Evidentemente Jesus promete a vida aos mortos que lhe ouvirem a voz.

O modo como isto se dará, é pelas reencarnações, pela volta à vida terrena, onde encontrarão o divino ensino.

Este renascimento não será em condições idênticas para todos os *mortos*.

Os que *obraram bem*, irão à ressurreição da vida, a continuar em outra existência seu progresso pelo mérito.

Os que *obraram mal*, sairão à ressurreição do juízo, a repararem o mal feito - e a recobrem o tempo perdido nos impuros gozos da matéria.

Em todo o caso, o que é claro destes textos de S. João é que *todos os que se acham nos sepulcros*, isto é, todos os que têm deixado a vida, *ouvirão a voz do filho de Deus*, isto é, volverão à vida.

Pluralidade de existências para se poder igualar a herança de todos os filhos do Pai, no tempo - e, conseqüentemente, castigos - sofrimentos - Inferno mesmo, se o quiserem; mas não castigos eternos - e Inferno sem saída.

Se depois disto e apesar das promessas e afirmações de Jesus, ainda houver quem se empenhe em sustentar que não há remissão para as almas do Inferno, esse tal é digno de lástima - e só pode inspirar a mais sincera caridade.

Clero católico, não cerreis os olhos à luz, que enorme será vossa responsabilidade.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 08.09.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7646

Artigo C: O PAIZ, 16.09.1889

Desde a mais remota antiguidade sagrada, mostramo-lo nesta longa série de artigos, está lançada à Terra a semente da sublime revelação espírita.

Como se sabe, a cosmogonia que constitui esta doutrina, ensina pluralidade de existências, meio único de se poder compreender a justiça e a misericórdia do Senhor.

Ora, do princípio das vidas múltiplas resulta forçosamente o das penas temporárias, porque, se houvesse penas eternas, os que lhes fossem sujeitos não poderiam volver à vida corpórea.

Pluralidade de existências, com seu corolário das penas temporárias e corretivas, eis, pois, no que se firma a doutrina revelada em nosso tempo - e que é chamada *diabolismo* pela Igreja romana.

A cosmogonia desta, assente na vida única - no juízo definitivo depois da morte - e nas penas sem fim, não sustenta o confronto com a nossa, tanto aos olhos da razão como da consciência - tanto perante a razão e a consciência como perante o critério infalível de toda a verdade: a Perfeição Infinita em todas as suas manifestações.

Apesar, porém, dessa irrecusável inferioridade, Roma não cede - e, julgando apagar a lanterna pondo-a debaixo do alqueire - e prender as consciências por suas decretais, fulmina a nova revelação e excomunga os seus propagandistas!

Inútil esforço!

São chegados os tempos, prometidos pelo Cristo, de germinarem as sementes atiradas a todos os ventos, sementes que Jesus declarou não ser oportuno, em que seu tempo, regar com sua divina palavra.

De que serve o esforço dos Titãs em amontoar os montes sobre montes, para escalamem o céu?

A vontade do Senhor há de ser feita - e a Igreja, que se julga fundada sobre a rocha, só se manterá se essa rocha for a verdade e a luz de Deus.

Diante do que temos exposto, colhendo dos livros sagrados - e até dos Evangelhos de Jesus - provas irrefragáveis de que o Inferno com penas eternas é pura invenção humana, Roma - todo o clero católico, devia reconhecer a falsidade de sua cosmogonia.

Não inventamos - transcrevemos *verbum ad verbum*²⁰⁴ os textos sagrados dos livros chamados canônicos²⁰⁵.

Se há verdadeiro sentimento religioso no coração da Igreja romana, este nosso trabalho, fundado em autoridades insuspeitas, deve abalar a alma de Roma - deve comover o clero católico.

Não é possível que os profetas - os reis - e os patriarcas, que colaboraram no Velho Testamento; que os apóstolos - os discípulos - e os evangelistas, que produziram o Novo Testamento, tenham-se combinado todos - todos - para enunciarem pensamentos opostos à verdade sagrada, nesses capítulos que publicamos - e cuja suma agora apreciamos sucintamente.

Os homens de Deus - os santos varões que a religião acata, não podem ser suspeitados de oposição à verdade de Deus - ou, sequer, de terem ensinado coisa sem valor.

Esses, inúmeros textos, que temos destacado das sagradas letras - e que dizem positivamente: não há Inferno - não há demônios - não há penas eternas, devem, pois, ser para Roma, pelo menos motivo de dúvida sobre a natureza do Espiritismo, cujos ensinamentos são com eles completamente harmônicos e solidários.

Mas a dúvida requer atenção - requer estudo - requer observação e experiência; e o que vemos da parte de Roma, é a condenação do Espiritismo, sem atenção - sem estudo - sem observação e experiência!

Uma parte do clero católico cala os sentimentos que lhe vão n'alma, quando compara o novíssimo ensino com aqueles textos dos livros sagrados - e ambas as causas com os predicados infinitos do Criador.

204 (Nota do Organizador) Palavra por palavra. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

205 (Nota do Organizador) Conforme aos cânones ou aos dogmas da Igreja. (Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa - online)

São os mais dóceis à lei do progresso, que se acentua nas revelações do céu.

São, porém, os fracos de espírito, que fecham os olhos para não verem a luz.

Este serão punidos pelo que deixaram de fazer - por terem posto a mão na relha e não terem tocado o arado.

Outra parte do clero católico repele, de casa, toda a inovação, imbuída na crença de que toda a verdade já foi dada à Terra por Jesus Cristo.

São os refratários à lei do progresso – pobres fanáticos, que fazem da imobilidade, até de Deus, o princípio cardinal da manutenção do Universo.

São os que têm os olhos de ver, e não veem - os que têm ouvidos de ouvir, e não ouvem.

Estes serão punidos cruelmente por sua cegueira voluntária - e quando chegar sua vez de procurarem a luz, a luz fugir-lhes-á, como eles mesmos fugiram, quando ela os procurou.

Há também uma classe, talvez a maior, que nem compreende a lei de Roma, nem compreende a do Consolador.

São os néscios, para quem as ordens são simples meios de vida - e que não curam senão dos bens da Terra.

São os Espíritos atrasados, que veem o mundo, que consideram a vida, pelo prisma de suas ambições e de seus apetites carnisais.

Estes sofrerão a pena dos retardatários, passando séculos a peregrinar pela Terra, em vidas duras e cruéis expiações, até compreenderem a sublime lei da evolução dos Espíritos - do progresso universal e infinito.

O clero, pois, qualquer que seja o modo por que encare o Espiritismo, incorre na *ira* do Senhor, que prometeu pelo Cristo uma nova revelação, desde que despreza uma doutrina nova, firmada nos livros sagrados - e aferra-se ao passado como se não devesse esperar a lei do futuro.

Até aqui temos-lhe dado os elementos para um juízo seguro sobre a falsidade do dogma horroroso do Inferno com as penas eternas.

Agora justificaremos o que temos exposto, dando os elementos diretos da verdade do dogma espírita - a salvação universal.

Deus permita que o padre brasileiro abra sua alma a esta lei emanada do céu e trazida à Terra pelos Espíritos seus mensageiros.

Deus permita que nosso fraco esforço não seja perdido para essas almas tomadas do fanatismo cego - ou do espírito de sistema intransigente - ou da ignorância vencível.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 16.09.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7687

Artigo CI – O PAIZ, 22.09.1889

“Até aqui temos-lhe dado [ao clero] os elementos para um juízo seguro sobre a *falsidade* do dogma horroroso do *Inferno com as penas eternas*.

Agora justificaremos o que temos exposto, dando os elementos diretos da *verdade* do dogma espírita: - a salvação universal.”

Por estes dois trechos finais do nosso passado artigo, já compreende o leitor qual a nova ordem de considerações em que vamos entrar.

É claro que, se não há Inferno com penas eternas, não pode haver senão a salvação universal; mas a crença da Igreja está tão enraizada que nada se perde em demonstrar uma e outra tese diretamente, positivamente, como se uma não fosse a consequência forçada da outra.

Tratemos, pois, de provar com os livros sagrados a verdade da salvação universal, de que resulta a prova indireta da falsidade do Inferno e das penas eternas.

“Acaso não terão, enfim, conhecimento todos esses homens que obram a iniquidade, que devoram o meu povo como um pedaço de pão? – Salmo, XIII, 4²⁰⁶.”

O santo rei e inspirado profeta pergunta: se todos os que obram a iniquidade não terão o conhecimento da verdade.

Há, pois, em seu Espírito uma dúvida sobre a perdição de *um* que seja.

Como poderão, com efeito, chegar *todos* ao conhecimento da verdade, que é a luz e o Bem - que é a salvação em última análise, se *um* dos que praticam a iniquidade não tiver aquele co-

206 (Nota do Organizador) O correto aqui é Salmo 14:4.

nhecimento - não receber a luz - não abraçar o Bem - não puder salvar-se?

Davi, apesar das escrituras - e mesmo por causa das escrituras, repugna, pois, aceitar, *in limine*²⁰⁷, o dogma da perdição eterna!

Onde Roma bebe a crença tenebrosa, com que envenena a consciência humana - e rebaixa os atributos do Eterno, a alma sublime do poeta sagrado não descobre senão razões para a oposta crença, em honra e glória do Altíssimo!

E, apurando suas investigações, o sábio rei resolve sua dúvida pela afirmativa da salvação universal.

No Salmo XXI, 27, 28, 29, já a exprime ele nos seguintes termos:

“A Terra, *em toda a sua extensão*, lembrar-se-á destas coisas - e se converterá ao Senhor, e todos os diferentes povos das nações renderão adoração em sua presença.

“Porque o rei e a soberania são do Senhor - e porque ele é o que reinará sobre as gentes.

“Todos os ricos da Terra o conservarão e o adorarão - e diante dele *se prostrarão todos os que descem à terra.*”

Toda a extensão da Terra lembrar-se-á destas coisas (dos benefícios do Senhor) - e se converterá a ele.

Roma explicará este texto pelo progresso da religião até dominar toda extensão da Terra, que então se converterá ao Senhor.

Esta explicação seduz os espíritos superficiais, porém a razão superior repele-a como fraco sofisma.

Com efeito, se procede o argumento romano, de certo tempo em diante toda a Terra adorará o Senhor; havendo, portanto, para a humanidade dois períodos: um em que a toda a Terra não conhece a verdade - e outro em que toda ela a conhece.

Expor essa dupla fase da questão é demonstrar o absurdo da concepção romana.

No 1º período, haveria almas que se salvam e almas que se perdem; entretanto, no 2º todas se salvam.

Quem atribuirá a Deus um sistema tão iníquo, pelo qual os Espíritos criados no 1º período não têm as condições de salvação, ao passo que os criados no 2º têm essas condições?

Que culpa têm os que vêm à Terra antes do 2º período - e que merecimento têm os que vêm depois do 1º?

207 (Nota do Organizador) Vide nota 1, Artigo I.

Resulta daí: que a salvação e a perdição dependem mais do tempo em que se vem à Terra do que das obras que se praticam na vida.

Isto é simplesmente contrário ao bom senso! Dizendo, pois, que toda a extensão da Terra adorará o Senhor, o profeta não quis dizer senão que toda a humanidade, qualquer que seja o tempo de sua existência terrestre, terá o conhecimento da verdade e do Bem e salvar-se-á.

Davi por metáfora tomou humanidade por Terra.

Redarguirá Roma, dizendo: tanto isto não é verdade, que vimos muitos homens viverem e morrerem no Mal. Não podem esses tais salvar-se.

Assim seria se o homem só tivesse uma existência, como pretende a Igreja.

Admiti o que ensina o Espiritismo: a pluralidade de existências - e tereis conciliado a salvação universal e o fato de viver e morrer alguém em pecado mortal.

Esse tal sofrerá a pena do mal que fez; porém, resgatará em vidas futuras todas as suas faltas, até regenerar-se e merecer a salvação.

É, pois, verdade, o que diz o rei profeta: que *todos os que descerem à terra, renderão adoração em presença de Deus*; isto é, chegarão à casa do Pai através de mil vidas de expiação e de reparação.

Roma não pode explicar este texto; mas o Espiritismo não só o explica, como demonstra sua verdade em face dos fatos humanos.

O essencial, porém, quanto ao nosso fim, é que o livro sagrado dos Salmos ensina a salvação de *todos que descerem à Terra*, isto é, a salvação universal.

Salvarem-se todos não quer dizer que seja em uma única vida, porque é pouco o tempo de uma existência para a sublime transformação do homem carnal em homem espiritual; mas sim em uma série, mais ou menos longa, de existências, em que se possa operar aquela transformação.

Davi não podia falar desta lei, que nem Jesus julgou oportuno ensinar, por causa do atraso da humanidade; porém teve dela a intuição e falou do fato, que é seu efeito necessário.

Como então a Igreja, inspirada por Espírito Santo, nega o que Davi afirma?

Um dos dois está em erro - e praz-nos dizer que é a Igreja.

É a Igreja, porque sua doutrina leva à negação dos excelsos atributos do Criador - e não pode ser verdade o que atenta contra este *único* critério da verdade absoluta.

Davi deu os elementos da doutrina espírita, única que exalta os divinos atributos.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 22.09.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7714

Artigo CII – O PAIZ, 29.08.1889:

No passado artigo demonstramos que o rei profeta ensina a doutrina da salvação universal, embora por palavras enigmáticas, que a mais rudimentar hermenêutica torna claras e palpáveis.

Ainda voltamos hoje ao livro sagrado, que a Igreja recomenda, mas que não entende - e, se entende, não explica em termos hábeis.

“Todas as nações, que tu criaste, virão prostrar-se diante de ti e adotar-te, Senhor; e elas glorificarão teu nome. – Salmos, LXXXV, 9.²⁰⁸”

Como já dissemos, o autor toma as gentes pelas nações, donde a seguinte expressão: todas as gentes (Espíritos) que o Senhor criou, virão à sua lei e adorá-lo-ão.

Mas se todo o Espírito criado virá à lei de Deus - e adorá-lo-á, certamente *nenhum* se perderá.

Como conciliar-se este texto sagrado com a doutrina romana das penas eternas?

Evidentemente Davi repele uma tal doutrina - e consequentemente firma a doutrina espírita das provas temporárias, que bane o Inferno com os demônios - e proclama a salvação universal.

Temos, pois, que, entre a doutrina romana e a doutrina espírita, o livro sagrado, que ora folheamos, consagra a segunda.

Não repisaremos à questão de se referir o sagrado livro a um período futuro, em que toda a humanidade se converterá à lei de

208 (Nota do Organizador) O correto aqui é Salmo 86:9.

Deus, porque já mostramos que este pensamento fere a justiça e o amor do Onipotente.

A única explicação do texto, que analisamos, é a que dá o Espiritismo: aperfeiçoamento gradual dos Espíritos, mediante suas múltiplas existências, até reconhecer a lei verdadeira, praticá-la e por ela salvar-se.

Portanto, o texto dos Salmos justifica o princípio espírita da salvação universal.

Passemos do livro dos Salmos ao Eclesiástico, que é também livro canônico.

“Todas as obras de Deus são boas, e toda obra, a seu tempo, fará seu serviço.

“Ninguém diga: isto é pior que aquilo, porque *todas as coisas* a seu tempo *serão aprovadas*. – Eclesiástico, XXXIX, 39 e 40²⁰⁹.

Esta máxima, em que se estabelece o princípio de que o pior e o melhor em seu tempo serão iguais e igualmente aprovados, sendo aplicada especialmente, transforma-se na seguinte:

Ninguém pode dizer: este é pior que aquele, porque todos são obra de Deus e iguais em natureza e destinados ao mesmo fim, para poderem todos merecer, mais cedo ou mais tarde, a aprovação aos homens, do Senhor, *scilicet*²¹⁰ a salvação.

Se Deus marcasse à humanidade um duplo destino, correspondente ao Bem e ao Mal que praticasse nesta única vida, haveria melhor e pior - e nem todos poderiam conseguir a aprovação de Deus.

Neste caso, que é o ensinado pela Igreja, não poderiam *todas as coisas*, a seu tempo, *ser aprovadas*.

Haveria forçosamente coisas aprovadas e reprovadas.

O Eclesiástico teria dito uma falsidade!

O meio único de não haver pior nem melhor - de todas as coisas, feitas por Deus, serem, a seu tempo, aprovadas, é o desenvolvimento da perfectibilidade, em cada um dos membros da humanidade, até a perfeição de todos - até a salvação de todos.

E notai: o livro sagrado consigna o fato de haver melhor e pior, fato que é de observação constante e que não pode ser posto

209 (Nota do Organizador) O correto aqui é Eclesiástico (ou Sir), 39: 33 e 34.

210 (Nota do Organizador) Idem nota 6 - mesmo que “isto é”. (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

em dúvida; mas adverte que, em seu tempo, o pior se fará igual ao melhor, para merecer, como este, a aprovação de Deus.

É a pura doutrina espírita, que admite o princípio do progresso universal, pelo qual o Espírito atrasado hoje será amanhã um Espírito adiantado.

Em outros termos é isto:

Dois Espíritos, nesta existência, se distanciaram de modo que um é boçal e outro luminar - que um é perverso e outro santo.

A seu tempo, porém, isto é, no decurso de futuras existências, o boçal tornar-se-á luminar - o perverso tornar-se-á santo; e por fim os dois se nivelarão ao ponto de merecerem igualmente a aprovação de Deus ou a salvação.

Naquelas palavras - em seu tempo - encerra-se o mistério, que não podia ser explicado, mas que hoje nos explica o Espiritismo, de não haver pior nem melhor, porque, no fim, todos serão iguais em merecimentos.

O Eclesiástico, pois, disse em linguagem parabólica o que constitui o fundo essencial da doutrina espírita, cujo ponto terminal é a salvação universal.

Como é que a Igreja passa por estes ensinamentos e vai colher além uns retrazos, de que faz dogma, para arrastar a humanidade ao erro, condenado pelos próprios autores sagrados, em cuja autoridade se firma?

Como é que repele e condena o Espiritismo, que ensina uma doutrina toda conforme com os ensinamentos daqueles autores, que ela própria recomenda à veneração da humanidade?

Será ignorância? Não pode ser, que no seio da Igreja fulguraram as mais respeitáveis glórias da humanidade.

Será má-fé? Também não acreditamos, porque um padre sabe melhor do que o mais sábio profano quanta responsabilidade pesa sobre a consciência do que vive para fazer a luz - e oculta a candeia debaixo do alqueire.

A nosso ver, considerando a humanidade sempre pela sua melhor face, a causa de fato tão estranha é a obcecação.

O clero recebe tradicionalmente a interpretação das escrituras segundo a letra - e vai aceitando, sem mais estudo nem reflexão, aquela interpretação dada em termos do atraso humano - e, portanto, muito longe do espírito e verdade.

O que não tem explicação é querer que a humanidade estacione, quando sabe que o homem é perfectível.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 29.09.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7748

Artigo CIII – O PAIZ, 06.10.1889

Continuando o nosso trabalho de escavações nos livros canônicos, que não são suspeitos ao clero católico, começaremos hoje por Isaías.

“Não se porá teu sol dali em diante - e tua lua não minguará, porque *o Senhor te servirá de luz sempiterna e acabarão os dias de teu pranto.*

“E teu povo, *todos justos*, herdarão a Terra para sempre, como vergônteas que plantei e como obra *que minha mão fez para glorificar-me.* – Isaías, LX, 20 e 21.”

O Senhor servirá de luz sempiterna à humanidade.

O que pode haver mais claro do que isto?

Se todos os homens não se salvassem, como poderia ser-lhes o Senhor a luz sempiterna?

É somente aos justos que se refere este trecho, dirão os que fazem sua glória em negarem a glória de Deus.

Mas onde a limitação? O profeta fala de um modo geral. Sua promessa é feita a todos. Ele não excetua ninguém.

Por que forçar-se o sentido de suas palavras até fazê-las somente aplicáveis a certos e determinados?

Se ele não compreendesse toda a humanidade, mas somente os justos, teria usado de outra linguagem - teria dito: o Senhor servirá de luz sempiterna aos justos.

Longe disso, porém, ele acrescenta: e acabarão os dias de teu pranto.

O pranto não pode ser senão dos que fizeram o mal e se arrependem do que fizeram. Logo, bons e maus - justos e pecadores, terão um dia a luz sempiterna do Senhor. Logo, a salvação será universal.

Nem vai nisto devaneio imaginativo; porquanto o profeta, mais adiante, esclarece completamente seu pensamento, pelas palavras: o teu povo, todos justos.

Haverá, portanto, quem possa mais duvidar de que todos os homens acabarão por ser justos?

É conforme inteiramente com este ensino o do Espiritismo.

O homem carnal-atrasado-mau, vai-se desmaterializando, no correr de suas vidas sucessivas - vai-se adiantando moral e intelectualmente - vai-se transformando em bom, até chegar a puro Espírito, verdadeiramente justo.

Assim, pois, todos serão justos, como ensina Isaías, embora todos tenham sido maus.

E, desde que assim será, é óbvio que para todos, que não somente para alguns, o Senhor servirá de luz sempiterna.

É a lei de salvação universal, para cada um em seu tempo, como ensina o Espiritismo.

As últimas palavras acima transcritas vêm confirmar o que temos avençado: *obra que minha mão fez para glorificar-me.*

Se algumas almas pudessem cair no Inferno, essa parte da obra das mãos de Deus não o glorificaria.

E, como pelo ensino da Igreja, raros são os que se salvam, a maior parte da obra de Deus, longe de glorifica-lo, renega-lo-ia - amaldiçoa-lo-ia.

Só quem está dominado de cegueira d'alma poderá atribuir a Deus semelhante desígnio, ainda mais quando ele ensina o contrário por seu profeta.

Jeremias, a este respeito, não discrepa de Isaías, dizendo assim:

“Porei minha lei em suas entranhas - e escrevê-la-ei em suas orações.

“E *todos* me conhecerão desde o mais pequeno até o maior, porque *perdoarei* a maldade de *todos* e *não me lembrarei* mais do seu pecado. – Jeremias, XXXII , 33 e 34.²¹¹”

Deus promete esquecer nossos pecados; Roma, porém, serve-se deles como clava de Hércules para esmagar a maior parte da humanidade!

Deus diz que perdoará *a maldade de todos*; Roma, porém, manda a maior parte para o Inferno - para os tormentos eternos!

211 (Nota do Organizador) O correto aqui é Jeremias 31: 33 e 34.

Deus ensina que todos, desde o mais pequeno até o maior, o conhecerão; Roma, porém, só permite o conhecimento de Deus aos maiores!

A quem devemos crer: a Deus ou a Roma?

Não é Deus quem diz o contrário do que ensina Roma, porém sim um homem: Jeremias.

Mas Roma dá a Jeremias os predicados do inspirado - e contempla seu livro no número dos canônicos.

Manda, pois, que se creia no que ele diz - e ensina o contrário do que ele diz!!

Já se viu igual vesânia?!²¹²

Por mais que aceitemos a autoridade da Igreja, não podemos deixar de antepor ao seu ensino o ensino que nos vem de Deus pelos homens que ela própria impõe à crença dos fiéis, cercandando-os do prestígio da santidade.

A razão desse despropósito de Roma é que o clero romano não é um sacerdócio, é um partido político, que procura avassalar o mundo, deturpando a pura e santa doutrina de Jesus.

Em vez de dar o seu sangue para arrancar as orelhas aos lobos e encaminhá-las ao aprisco do Senhor, ele procura somente fazer do rebanho, que lhe foi confiado, meio de conquistar, para si, os tesouros do mundo.

Não vemos como o papa se desola por não ser rei da Terra?!

Se Roma ensinasse a salvação universal como Isaías e Jeremias - como estes santos varões, cujos ensinamos temos aproveitado aqui; se Roma fosse santa como esses varões, não teria a arma do terror - seria somente uma voz a ensinar o caminho do céu.

O terror, porém, é a arma do poder que o partido clerical ambiciona - a quem se deixa seduzir pelas glórias da Terra, despreza as d'além túmulo.

Não é a santidade - a sagrada missão de conduzir os povos à bem-aventurança a que faz o anelo de Roma.

Ela prefere o exemplo de Esaú.

Siga embora seu caminho, de que dará contas a Deus; o que lhe não é lícito é arrastar consigo a humanidade, fazendo-a crer nas monstruosidades, como penas eternas - Inferno - e quejandadas; e embaraçando-a de crer nas puras verdades que o Espiritismo ensina - e que estão, em espírito, contidas em todos os livros sagrados do Velho e do Novo Testamento.

212 (Nota do Organizador) Vide nota 161.

Como caiu o templo, assim cairá a Igreja; tudo por falta dos seus representantes imediatos: sacerdócio e clero.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 06.10.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7788

Artigo CIV – O PAIZ, 13.10.1889

Com o Velho Testamento nas mãos, demonstramos que os Salmos - que o Eclesiástico - que Isaías - que Jeremias, ensinaram a lei da salvação universal.

Se o mundo antigo não estava preparado para compreender aquela verdade, que se acha em espírito, nos sagrados livros, o mundo moderno, que já muito tem devassado os espaços da perfectibilidade humana, não pode mais ater-se à letra das Escrituras e repelir o que for dito em linguagem simbólica.

O padre de hoje não é o sacerdote do Mosaísmo. Roma não tem a atenuante de Jerusalém.

Somos profanos; mas em matéria que afeta a inteligência humana todos são racionais.

Ora, quando os textos sagrados, que temos transcrito para prova de que a salvação universal, que é o principal dogma espirita, não é uma heresia, estão ao alcance de todos os seres racionais, como explicar-se o procedimento de Roma, exatamente o mesmo que teve Jerusalém, mandando levantar nova cruz para a nova revelação?

Roma ainda interpreta segundo a letra, quando a humanidade já tem chegado a um grau de interpretar segundo o espírito?

Dando-se que a Igreja católica tivesse no Novo Testamento razão para recusar aquela fé – a fé na salvação universal, que ressalta das sagradas letras antigas, ainda ficar-nos-ia o direito de perguntar à Mãe espiritual: por que ensinas teus filhos a tê-las como padrão de infalível verdade?

Quanto mais que largamente temos mostrado que são mais claros os ensinamentos dos Evangelhos contra as penas eternas, e, portanto, a favor da salvação universal.

E ainda aqui repisaremos esta prova, transcrevendo alguns trechos de S. Paulo aos romanos.

S. Paulo, se não foi evangelista, foi um alto Espírito, que se inspirou nos Evangelhos do Cristo.

Eis o que ele escreveu naquela notável epístola:

“Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: a severidade por certo para com aqueles que caíram e a bondade para contigo se permaneceres na bondade, d’outra maneira também serás cortado.

“E ainda eles, *se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados*: pois Deus é poderoso para enxertá-los de novo.

“Mas não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais sábios em vós mesmos) que a cegueira veio em parte a Israel, até que haja entrado a multidão das gentes.

“E que assim *todo o Israel se salvasse como está escrito*; virá de Sião um, que seja libertador, e que desterre a impiedade de Jacó;

“Porque assim como vós também, em algum tempo, não crestes em Deus e agora haveis alcançado misericórdia pela incredulidade deles.

“Assim também estes agora não creiam na vossa misericórdia, para que eles alcancem misericórdia.

“Porque Deus *a todos encerrou na incredulidade, para usar com todos de misericórdia*. – (S. Paulo aos Romanos, XI, 22, 23, 25, 26, 30, 31, 32).

Quanto ensino encerram estes trechos escritos pelo apóstolo da caridade!

Deus é justiça e misericórdia - pela justiça castiga as nossas faltas (aqueles que caem) - e pela misericórdia enxerta de novo os que caírem, se não permanecerem no Mal; isto é: salva o pecador desde que se ele arrepende de suas iniquidades.

Se, pois, o senhor esquece, em todo o tempo, o mal que fizemos e nos dá o perdão, como haver provas eternas, como conciliá-las com o ensino de S. Paulo?

A doutrina espírita – da salvação universal – harmoniza-se perfeitamente com aquele sublime ensino.

Deus castiga todo o que delinque contra suas leis; mas perdoa ao que se arrepende, desde que se arrepende - e, para que não suba com as manchas de seus crimes, dá-lhe nova vida corpórea, ou tantas quantas lhe forem precisas para lavá-las.

A consequência final é a purificação de todos os Espíritos - e por conseguinte a salvação universal.

Dizei-me, ó vós que nos ledes sem preconceitos e sem espírito de sistema, haverá coisa mais igual à outra do que este ensino espírita ao ensino de S. Paulo?

Aquela expressão – serão enxertados – não pode ter senão esta significação - serão mandados a novas existências, para entrarem de novo no tronco humano, criado para a salvação.

Figurai outra explicação, se puderdes. E tanto é assim, que ali está o trecho seguinte, em que se leem estas palavras: - até que haja entrado a multidão das gentes.

Pode-se dizer - e di-lo a Igreja, que neste trecho, como no seguinte, refere-se o autor à salvação do pecado original, por Jesus Cristo; mas *quid inde*²¹³?

Se Jesus nos veio salvar do pecado original e nos deixou sujeito a suas consequências: a perdição eterna, em que adiantamos?

Dizer salvador, é dizer libertador da pena; mas Jesus deixou a pena terrível - e a humanidade sujeita a ela; logo não é salvador.

Se, porém, deixarmos de parte o ensino do Inferno eterno - e tomarmos o das penas temporárias, que excelsa não se nos afigura a missão do Cristo.

Salva-nos de nossas paixões, ensinando-nos a vencê-las. Salva-nos das penas, dando o perdão aos que caírem desde que se arrependem.

Por Jesus, o condenado faz subir seus gemidos de arrependimento até o Trono do Senhor de justiça e de amor.

Por Jesus, os lamentos daquela dor sincera suspendem a ação da justiça - e provocam a misericórdia que é o amor do Pai.

A humanidade, em seu atraso, muito naturalmente provoca a justiça de Deus; mas, progredindo sempre, chega ao ponto de atrair as graças do seu amor.

É o que ensina o Espiritismo - e é o que está consignado neste último dos versículos aqui transcritos:

“Porque Deus *a todos encerrou na incredulidade para usar com todos de misericórdia.*”

213 (Nota do Organizador) E então? Qual a consequência disso? (Fonte: www.dicionariodelatim.com.br)

Não se pode supor que Deus de propósito encerre a todos na incredulidade, que arrasta as penas, para usar de sua misericórdia, que faz chover as graças.

Não. Deus deu ao homem a liberdade de merecer por si - e porque todos são no princípio atrasados, que sofrem penas. Logo, porém, que se corrigem, se adiantam - e merecem a misericórdia.

A Igreja que condene S. Paulo, para poder excomungar os espíritas. Coitada dela!!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na "Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 13.10.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7821

Artigo CV – O PAIZ, 21.10.1889²¹⁴

Com o nosso passado artigo pusemos remate à questão do Inferno e das penas eternas, demonstrando diretamente que são parte do engenho humano, que os legisladores sagrados não se puderam opor de frente, por causa do atraso das gerações de seu tempo.

Não satisfeito com as provas diretas, recorreremos às indiretas, demonstrando a verdade do princípio da salvação universal.

Uma e outra prova, visto que as tentamos exclusivamente para o clero católico, fomos arrancá-las do ventre da escritura sagrada - do Velho e do Novo Testamento.

A questão ficou elucidada por modo que só a má fé ou a ignorância invencível poderão reerguê-la para sujeitá-la a novas discussões.

Creemos que Roma não confessará em público a nossa verdade, porque Roma não é mais a Igreja de Jesus Cristo, se não o centro ambicioso de um partido, que pleiteia pelas grandezas da Terra.

Mas cremos também que a consciência do clero católico, iluminada pela razão esclarecida do século em que vivemos, sentirá o remorso de ensinar a doce e pura lei de Jesus segundo os ditames da Santa Madre Igreja, que não pelo ensino espírita, conforme com o que está contido em espírito e verdade em todos os livros sagrados.

Já é um passo avantajado reconhecer a verdade; porém, aí do que o dá - e oculta a candeia para debaixo do alqueire!

214 (Nota da Redação) Este artigo não foi ontem publicado (sic) [20-1-1889] por falta de espaço.

Em todo o caso, fique a Igreja presa ao mais fatal de todos os erros humanos: o de atribuir a Deus ódios e vinganças, em lugar de amor e misericórdia; fique a Igreja presa aos interesses terrestres, que arruinaram o Templo de Jerusalém - e siga a humanidade o caminho iluminado pelos ensinamentos do Cristo, explicados pelo Espírito da Verdade, em espírito e verdade.

Deixaríamos aqui em paz o clero católico - e passaríamos à segunda parte deste ligeiro estudo: a discussão com os nossos sábios sobre a parte filosófica e científica do Espiritismo, se não precisássemos, para completar a primeira parte, falar de uma questão, que apesar de secundária, explorada pela Igreja, tem tolhido, em mal da humanidade, o desenvolvimento da santa doutrina espírita.

Queremos falar do meio por que têm sido reveladas ao mundo as verdades do Espiritismo, isto é: da comunicação dos Espíritos desencarnados com os encarnados, ou do mundo invisível com o visível.

O que vamos expor convencerá aos simples, por ignorância, de que são iludidos em boa fé pelos padres, que lhes dizem: ser tudo isto, que não podem negar, obra de Satanás.

A questão, segundo a Igreja, é esta: as comunicações são um fato irrecusável, mas este fato, não podendo ser obra dos Espíritos bem-aventurados, porque estão no Céu - não podendo ser obra dos Espíritos que estão no Purgatório, porque dali não têm licença de sair - e não podendo provir dos que estão no Inferno, porque não; só aos Espíritos diabólicos pode ser atribuído.

No correr destes nossos despreziosos escritos, já demonstramos: que o demônio pessoal não existe, porque, se existisse, Deus não seria onipotente e onisciente. Se, tirada a causa cessa o efeito, é óbvio que estamos dispensados de combater a desvairada pretensão de serem os fatos de comunicação, que ninguém nega, obra de Satanás, que ninguém de bom senso e de sã consciência pode admitir.

Sem embargo, porém, dessa razão incontrovertível, queremos estudar a questão por todas as suas faces - e convidamos o leitor para este ligeiro trabalho.

Começemos por Tobias, V, 5, 6, 7 e 18²¹⁵.

“Então, saindo Tobias, encontrou um belo moço, que estava de mala pronta para caminhar.

215 (Nota do Organizador) O correto aqui é Tobias, 5: 4, 5 e 13.

“E sem saber que era ele um anjo de Deus, saudou-o e disse: quem sois vós, bom mancebo?

“E ele respondeu: sou dos filhos de Israel:

“Mas, para não pôr em cuidados, dir-te-ei: que sou Azarias, filho do grande Ananias.”

Por esta passagem se compreende claramente uma de duas: ou que o anjo mentiu dizendo-se um Espírito humano, o que não se pode atribuir a um Espírito angélico - ou que os anjos não são senão os Espíritos dos homens, dotados de altas virtudes.

Que este era anjo, di-lo o livro citado: pois que, quando a santa família do velho Tobias procurou-o para lhe render graças pelo benefício que lhe fizera, ele se desfez da forma humana, que enobreceu com sua irradiação luminosa.

Que era um Espírito humano, disse-o ele mesmo, declinando seu nome terrestre e o de seu pai.

Seja, porém, como for, eis aí um caso de comunicação espiritual, que a Igreja não se atreverá a explicar pela intervenção de Satanás, até porque o tem ela sempre explicado pela intervenção angélica.

E, pois, se o benfeitor de Tobias era um Espírito humano desmaterializado até a perfeição angélica, lá vai por terra a doutrina da Igreja; pois que teremos no fato a obra de uma alma, que viveu na Terra e cujo nome era até conhecido - e se era um anjo, Espírito criado em estado de pureza e inocência, não menos vai por terra aquela doutrina; pois que fica provado que as comunicações espirituais podem ser obra dos anjos.

Em vista deste fato, perguntaremos, em nome dos simples, de cuja ignorância se quer abusar: que razão há para se atribuir, com certeza, ao diabo uma obra que se sabe já ter sido feita por um anjo?

Não podem ser Espíritos humanos; logo é necessariamente o diabo, dizem os que se revestem das insígnias dos ministros do altar; mas os anjos? Onde fica a parte que eles podem ter nestas causas e que bem sabeis que têm tido?

Não pode haver uma prova mais completa da má-fé com que o clero católico procede para com os néscios que se deixam levar por seus ensinamentos.

Respeita-se o erro quando se reconhece boa-fé; mas indigna a perversidade dos que conhecem a verdade e a encobrem àquelles que dirigem.

Padres, infelizes, não combateis o Espiritismo por convicção ou por escrúpulo de consciência, senão por cálculo, por interesses mundanos!

Padres, infelizes, a Igreja ensina: que negar a verdade conhecida por tal é pecado contra o Espírito Santo!

“E passando por diante de *um Espírito*, arrepiaram-se-me as carnes.

“Parei diante de um, cujo rosto eu não conhecia; vi um vulto diante de meus olhos, e ouvi uma voz como de branda viração - Jó, IV, 15 e 16.”

Eis outra comunicação - e mais que uma comunicação, porque foi também uma aparição, atestada por um livro sagrado, que a Igreja conhece e recomenda à leitura dos fiéis!

Um Espírito cujo rosto Jó não conhecia, o que quer dizer Espírito de uma pessoa desconhecida, para diante dele e lhe fala.

Seria um demônio? Não, porque Jó fala bem claramente de um Espírito humano - e não, porque sua voz não era atroadora e iracunda, mas branda como o sussurro da viração.

Então era Espírito humano ou era um anjo.

Então as comunicações espirituais não são, como ensina o clero católico, necessariamente obra de Satanás.

Se podem ser obra de anjos, como o provam os dois fatos citados (removida a hipótese de serem obra de Espíritos humanos); se aquelas comunicações podem ser feitas por anjos, mais força têm elas para se imporem às consciências.

Nesta hipótese o Espiritismo é obra angélica!

Se, porém, nos dois casos citados (em que o demônio não teve parte) a obra não foi de anjos, mas sim de Espíritos humanos, ao que fica reduzida a teoria da Igreja: de irem as almas para o Céu, para o Purgatório e para o Inferno, donde não podem sair para se comunicarem conosco?

Ensinam o erro, com a consciência do que fazem!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 21.10.1889: http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7859

ARTIGO CVI – O PAIZ, 27.10.1889

Já vimos em Tobias e em Jó exemplos irrecusáveis de comunicações espirituais, que não podem ser atribuídas ao tutu com que se atemorizava à humanidade em seu período infantil.

Continuemos esse trabalho de prevenir a consciência e a razão da humanidade contra as mentiras e embustes, com que a querem afastar do conhecimento da verdade, revelada pelo Espiritismo.

“E depois disto morreu Samuel e apareceu ao rei - e lhe mostrou o fim de sua vida e elevou sua voz desde a terra, profetizando que seria destruída a impiedade da nação. – Eclesiástico, XLVI, 23.”²¹⁶

Damos aqui as palavras com que o padre Scio²¹⁷ comenta este versículo:

“Parece evidente que não foi o demônio que apareceu na figura de Samuel; mas sim o próprio Samuel, para notificar a Saul o fim de sua vida e a passagem do reino à casa de Davi.

“Se aquilo tivesse sido feito por artes do demônio, não o contaria a escritura entre as glórias de Samuel - e isto serve para prova da imortalidade da alma.”

O ilustre padre Scio esqueceu outro argumento hercúleo: se aquilo fosse arte do demônio, os fatos da morte de Saul e da passagem de seu reino à casa de Davi não se teriam dado como foi predito na comunicação.

216 (Nota do Organizador) O correto aqui é Eclesiástico, 46:20.

217 (Nota do Organizador) Vide nota 190.

Ou, então, o demônio tem o poder de surpreender os pensamentos do Senhor, que ele não comunica senão a seus escolhidos e para os altos fins que estão em sua vontade.

Em todo o caso, este terceiro caso de comunicação espiritual, com designada pessoa e pessoa que foi vivente na Terra, prova que o Espírito humano pode comunicar-se; e, portanto, que negam a verdade das escrituras sagradas os padres que ensinam, como coisa de fé, que é o demônio, e só ele, quem dá comunicações.

“Eis aqui estou eu, que lhe mandaria um Espírito – e ele ouvirá uma nova e voltará para sua terra e fa-lo-ei cair morto à espada na sua terra. – Isaías, XXXVII, 7.”

Evidentemente não pretenderá o clero católico que o Espírito, incumbido por Deus de dizer ao rei dos Assírios novas que o fizessem abandonar a perseguição contra Israel, seja um Espírito diabólico.

Aqui não resta sombra de dúvida de que Deus permite a comunicação do Espírito dos mortos com o dos vivos – e principalmente que estas comunicações não são obra de anjos.

Deus disse um *Espírito* e não um *anjo*.

Logo Espíritos humanos recebem missões de Deus.

Está claro que, para merecerem esta sublime distinção, é preciso que tenham subido a uma altura inimaginável.

Há, pois, razão no Espiritismo de não admitir a existência de anjos pessoais, como de demônios, mas sim de ensinar que é o próprio Espírito humano, em suas fases evolutivas, que representa o papel de demônio e de anjo.

O Espírito que hoje é perverso - demônio tentador, amanhã será bom - anjo que se arrasta para o Bem e que desempenha as missões do Senhor, mais ou menos elevadas, conforme o seu maior ou menor grau de adiantamento.

O fato é que Isaías ensina como Deus emprega Espíritos em suas missões - e como as comunicações, atribuídas dolorosamente ao demônio, são obra do Espírito humano, segundo as Santas Escrituras.

“E entrou em mim *um Espírito*, que me *falou* e eu *ouvi* o que me falava. – “Ezequiel, II, 2.”

Mais um fato atestado pelos livros sagrados de comunicação espiritual por Espíritos humanos.

Acreditamos que a Igreja não o consignaria, como bem considerou o padre Scio, se fosse o demônio quem falou a Ezequiel.

Sabemos que isto é uma tortura para os que combatem as comunicações espíritas; mas nosso dever é esclarecer os ignorantes, principalmente quando há demônios que procuram arrastá-los para o erro.

“E *ouvi falar* um dos santos que falava - e disse um santo a outro, não sei a quem falava até quando... etc. – Daniel, VIII, 13.”

Daniel referiu-se a santos que ele ouviu falar; logo tais Espíritos, que se comunicaram com ele, não eram demônios.

Também não eram anjos, pois que ele os chama santos.

Eram, portanto, Espíritos humanos elevados à altura de santos.

Eis, pois, uma nova prova da comunicação dos Espíritos, em que o demônio não pôde meter o rabo.

O que dirá a isto o clero católico, tão chegado ao demônio, que o descobre até nas obras de Deus?

Ainda Daniel:

“Tendo eu ficado sozinho, vi esta grande visão - e não ficou vigor em mim, antes se me mudou até o meu semblante, e fiquei murcho, e não me assistiram forças algumas.

“E ouvi o som de suas palavras - e ouvindo-o jazia deitado sobre o meu rosto, todo espavorido.

“Então eis que *uma mão me tocou e me levantou* até ficar sobre meus joelhos e sobre as juntas de minhas mãos.

“E *ele me disse*: não tenhas medo, Daniel, porque desde o primeiro dia, em que aplicaste o coração à inteligência, para te afligires pela mortificação na presença de Deus, foram ouvidas tuas palavras - e eu vi por teus rogos.

“E eis que aquele que *tinha semelhança com os filhos dos homens* tocou meus lábios.

“Tocou-me depois aquele que *eu via como um homem* e me confortou. – Daniel, X, 8, 10, 16, 18”²¹⁸.

Ainda um fato de falar com os vivos um Espírito do Espaço, que não era demônio, donde vir a ser um anjo ou um homem.

Daniel o viu e declara que ele tinha a forma humana.

Seria, acaso, o demônio que se transfigurou, para iludi-lo?

Desde que a Igreja recebe seus ensinamentos como são - e os manda seguir, é óbvio que ela própria repele a origem diabólica de tais ensinamentos.

218 (Nota do Organizador) O correto aqui é Daniel, 10: 8, 9, 10, 12, 16 e 18.

Se, pois, ela tem nos livros sagrados tantas provas de comunicações antidiabólicas, como e por que vir agora dizer: que todas são diabólicas, porque as almas não saem do Céu, nem do Purgatório, nem do Inferno?

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
“Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 27.10.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7885

Artigo CVII - O PAIZ, 03.11.1889

Temos dado ao leitor uma importante série de provas, extraídas das Escrituras, de como as comunicações espirituais não são artes do demônio, como dizem os padres, que vendem a Verdade Eterna pelos interesses mundanos.

Sua falta, tratando-se das Verdades que entendem como a instrução moral dos povos, não lhes faz mal somente por ser um pecado contra o Espírito Santo; porém, maior mal lhes faz por acarretar ao erro milhares de almas, que se perdem nesse caminho.

Ah! se esses padres pudessem ou, antes, se quisessem ver o que sofrem no Espaço aqueles que lhes seguiram a trilha e já deixaram o corpo na Terra!!

Ficariam horrorizados e recuariam, espavoridos, da perdição para a qual caminham e para aonde levam tantas almas envenenadas por esse falso ensinamento.

Esses padres responderão por si, e também pelos que arrasam consigo!

De fato, nem diante desta horrível perspectiva procuram estudar os novos fenômenos, já não diremos os que fazem de má-fé, mas, ao menos, os que estão fanatizados, acreditando que o mundo já possui todo o ensinamento celeste, que esta lição é a que lhe dá a Igreja romana!!

Infelizes, pois não refletem, por um momento, como a revelação de Deus tem sido progressiva em extensão e compreensão, e progressiva à medida do desenvolvimento da perfectibilidade humana!

Infelizes, pois repelem toda a inovação, quando o Evangelho ensina que o mundo, por seu constante progresso, deverá ter a

revelação das Verdades, que Jesus não pôde ensinar, por não poder suportá-las a Humanidade de seu tempo!²¹⁹

Já que esses padres, de má-fé ou por fanatismo, repelem a revelação dessas Verdades, procuraremos abrir os olhos aos que ouvem suas palavras de perdição.

Estamos tentando provar, com exemplos da Escritura, que as comunicações espirituais, acoimadas pelo clero de obras do demônio, é de fé aceitá-las como obras de Espíritos humanos.

Continuemos, pois, neste trabalho; que Deus nos dê forças para concluí-lo.

“Derramarei meu Espírito por toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão e vossos anciões *terão sonhos*, e vossas crianças terão *visões*. - Joel, II, 28”.

Pretenderá o clero que se entenda Joel pela letra, isto é, que seja mesmo o Espírito de Deus que se tem de derramar pela podre carne humana?

Afirmará que este Espírito do qual falou o profeta, seja o do demônio?

Se não pode ser nem o Espírito de Deus, nem o do demônio, é claro que Joel se referiu a outra espécie de Espíritos.

Ora, não temos hoje comunicações espirituais, isto é, vemos nossos filhos e nossas filhas profetizarem, os anciões terem sonhos, e as crianças, visões: logo, chegaram os tempos preditos por Joel, e esses Espíritos que produzem tudo isto, ou são humanos ou são angélicos.

Numa e noutra hipótese, as comunicações espíritas não podem ser chamadas de *diabolismo*.

Porém, temos visto, anteriormente, que, em casos idênticos, verifica-se que são humanas as comunicações ou manifestações dos seres invisíveis; logo, Joel, com o que disse, destrói o ensino da Igreja: de que as almas dos mortos, por irem para o Céu, para o Purgatório ou para o Inferno, não podem vir à Terra dar comunicações. Daí, a natureza diabólica das comunicações espíritas.

“E eu vos digo: Pedi e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei e abrir-se-vos-á.

“Porque todo aquele que pede, recebe; o que busca, acha; e o que bate, terá aberta a porta. - S. Lucas, XI, 9 e 10.”

É o Evangelho quem nos ensina isto. São palavras de absoluta Verdade para o clero, porque vem de Jesus Cristo.

219 (Nota do Organizador) Jo. 16:12, já citado.

É, pois, este quem nos diz, em nome do Pai, que este dará *bom Espírito*, isto é, *o conselho dos bons Espíritos* aos que lho pedirem.

E é mais racional crermos nas palavras do Evangelho do que nas palavras dos que supõe a Divindade capaz de enganar-nos, com o falaz conselho dos *Espíritos malignos*, quando o invocamos.

Os Espíritos elevam seus pensamentos a Deus, quando pedem conselhos.

Vir o diabo dar os conselhos, em tais condições, seria falhar a promessa de Jesus por Lucas: “Pede, que ser-te-á dado”.

Um padre, menos que qualquer outra criatura humana, poderá admitir semelhante hipótese.

Entretanto, esquecendo ou desprezando os sagrados ensinamentos, o clero prega o *diabolismo* das comunicações com que os Espíritos correspondem ao pedido que fazemos em nossas preces a Deus!

“Mas, Estevão, cheio de graça e de fortaleza, fazia grandes prodígios e milagres entre o povo.

E alguns da sinagoga se levantaram a disputar com Estevão.

Mas não podiam resistir à sabedoria e *ao Espírito que por ele falava*. - Atos dos Apóstolos, VI, 8, 9 e 10.”

Pode o clero atribuir ao demônio a influência que fazia Estevão falar de modo a rechaçar os da sinagoga?

Os Atos dizem que esta influência era a de *um Espírito*; logo Espíritos de Deus podem comunicar conosco.

É verdade que as Escrituras declaram os fatos de se comunicarem com o homem Espíritos maus, como o Espírito que figura na lenda bíblica, da tentação de Eva.

E, pois, temos casos de comunicações boas e de comunicações más; não, porém, como ensinam os padres, só casos de diabolismo.

Sendo assim, o que nos cumpre fazer, o que cumpre ao clero fazer?

Aplicar às comunicações espíritas o ensinamento do Mestre, que é também o da Ciência; sujeitar à observação e à experiência essas comunicações, para reconhecer-lhes a natureza da origem.

O clero possui o critério infalível para tal discernimento: *julgar da árvore pelo fruto*.

Se assim uma comunicação ensina o Bem, como atribuí-la a Satanás, principalmente quando se sabe que há Espíritos bons que também ensinam o Bem.

Se, porém, ensina o Mal, é um operário que procede de um Espírito mau, de um demônio segundo a Igreja.

Isto é o que cumpre fazer; mas é iso o que tem feito o clero? Não, não, não.

Sem aplicar o infalível critério, sem fazer observação e experiência, o clero decide *ex cathedra*²²⁰: são diabólicas as manifestações espíritas.

O clero calca aos pés as Escrituras!

* Não localizamos o artigo original, na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, a 03.11.1889. o texto original desse artigo. Sua transcrição foi feita, portanto, a partir da versão publicada pela Ed. FAE, em 2001, no capítulo I do volume II.

220 (Nota do Organizador) Vide nota 28.

Artigo CVIII - O PAIZ, 11.11.1889

Ainda insistiremos hoje na exibição de provas, tiradas dos livros sagrados, contra a propaganda que fazem padres ignorantes ou de má-fé: que as comunicações espíritas são obras de Satanás.

Dizemos ignorantes ou de má-fe, porque uns nem conhecem o que ensinam as Escrituras, nem o que são as comunicações espíritas - outros sabem, perfeitamente, uma e outra coisa, mas procedem sistematicamente.

Os primeiros talvez, consigam a absolvição, apesar de não ser invencível sua ignorância. Quanto aos segundos, em sua própria doutrina encontram a qualificação de seu procedimento: *é pecado contra o Espírito Santo negar a Verdade conhecida por tal*²²¹.

Pio IX estudou o Espiritismo, sendo autenticado o fato de ter um oficial de sua casa ido, por sua ordem, assistir a sessões espíritas, de que saiu confessando-se convencido²²².

Pio IX, portanto, não morreu ignorante da Verdade das comunicações dos Espíritos, que seu agente de confiança lhe referiu, com todas as circunstâncias determinativas da natureza humana dessas comunicações.

O chefe da cristandade, porém, o que fez desse conhecimento, que a Divina Misericórdia lhe permitiu?

Para não empanar o brilho da Tiara, levou-o consigo ao túmulo!

221 (Nota do Organizador) Mt.12: 31 e 32.

222 (Nota do Organizador) Vide nota 187, Artigo 89.

Também, por isso, já deu ele uma comunicação, dizendo quanto sofre - e como são precárias suas condições, na vida espiritual; que a alguns de seus fâmulos da vida material não têm merecimento para beijar os pés.

É o castigo que espera a todo o padre que, desprezando a Verdade espírita, firmada nas sagradas letras, sustenta e ensina que tudo é obra de Satanás.

Obra de Satanás seria, se tal entidade existisse, essa cegueira voluntária, que tantas vítimas arrasta ao precipício!

Precisam os padres de mais provas, extraídas dos livros sagrados? Leiam.

“E pensando Pedro (S. Pedro) na visão, disse-lhe o *Espírito*: aí estão três homens que te procuram.

“E estes lhe disseram: o centurião Cornélio, homem justo e temente a Deus, e que tem o testemunho de toda a nação dos judeus, recebeu ordem de *um anjo* para te chamar à sua casa, e ouvir tuas palavras. - Atos, X, 19 a 22.

São Pedro teve a visão de um Espírito, que lhe falou, exatamente, como se dá no Espiritismo, com os médiuns que veem e ouvem os Espíritos.

Não há dúvida de que este Espírito que Pedro viu era o de um homem, porquanto ele mandou-lhe falar aos mensageiros do centurião, que o vinham chamar da parte de um anjo.

Não era anjo, porque, se fosse, o livro sagrado te-lo-ia, como disse a respeito do que falou a Cornélio.

Não era demônio, porque, se fosse, não teria insinuado que atenderia aos enviados do anjo.

Temos, pois, neste caso, duas comunicações, uma de Espírito humano - e outra de anjo.

Temos então que as comunicações não são somente obra de Satanás, como ensina o clero.

A razão de falar-se aqui em anjo, é não ter chegado ainda o tempo de se revelar à humanidade a evolução dos Espíritos - e não ser conveniente destruir a crença nos anjos bíblicos, criação impossível, porque destrói o poder e o saber de Deus.

Com efeito, se os anjos foram criados perfeitos - e alguns se fizeram impuros, a consequência é: ou o Senhor enganou-se - ou não tem poder de fazer com que sua obra saísse tal qual a talhou.

Hoje, mediante a revelação espírita, conhecemos a evolução dos Espíritos, e por ela discriminamos suas diversas fases.

O Espírito humano, enquanto está muito atrasado - preso à matéria - escravo das paixões carnis, faz o que se atribui ao demônio - suas comunicações, pois, são perniciosas; ou, se quisessem, *diabólicas*.

Pelo correr dos tempos e pelo progresso feito em múltiplas existências, o mesmo Espírito, que esteve revestido dos sentimentos diabólicos, progride, desprende-se da matéria, domina as paixões carnis - e entra na fase que caracteriza os bons Espíritos - e suas comunicações são já muito aproveitáveis, não tendo em vista senão o Bem.

Mais tempo - maior progresso - superior desmaterialização - e o pobre Espírito, que foi demônio - que se tornou bom - entra na fase dos puros ou anjos.

O homem, pois, é demônio, como Espírito - passa a santo - e eleva-se à pureza angélica.

O que falou a Pedro era um Espírito bom, um santo; mas o que falou a Cornélio, era um puro Espírito, um anjo.

Assim devemos entender a distinção que faz o sagrado livro, com o qual nos ocupamos.

“E levantando-se um deles, por nome Agabo, dava a entender, *por Espírito*, que havia de haver uma grande fome... que veio em tempo de Cláudio. - Atos, XI, 28”.

Agabo foi profeta, mas o que é uma profecia?

É a comunicação a um vivente feita por um Espírito enviado de Deus.

A comunicação é tácita - de Espírito para Espírito, como são as nossas previsões e intuições, que se realizam.

Acreditamos que adivinhamos, quando não tivemos senão a consciência da revelação, que a nosso Espírito fez um Espírito superior.

Às vezes, falham nossos pressentimentos, que têm sempre a mesma origem, mas aqui falham, porque a comunicação veio de um Espírito atrasado, que se deleita em fazer enganos.

Em todo caso, só dos Espíritos desencarnados provêm as comunicações dadas aos encarnados.

“E quando chegaram a Mísia, quiseram ir à Bitínia, mas *não lhes permitiu o Espírito de Jesus*. - Atos, XVI, 7.”

Paulo e Barnabé eram os que queriam ir de Mísia à Bitínia - e não o fizeram por interdição do próprio Espírito de Jesus.

O Senhor não lhes falou por palavras - falou-lhes, sim, em Espírito.

Há, pois, comunicações verbais e tácitas - e há comunicações feitas até por Jesus!

Como, então, vir o clero afastar os fiéis de toda a comunicação espiritual, afirmando: que *são todas* obra de Satanás?

Se o clero estivesse de boa-fé - e conhecesse as Escrituras sagradas, em vez de ensinar ao povo que as comunicações são diabólicas, devia ensinar-lhe a distinguir as que são dadas pelos bons das que procedem dos maus Espíritos.

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 10.11.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/7957

Artigo CIX - O PAIZ, 25.11.1889

Já que começamos, concluamos a tarefa de ensinar aos padres as verdades da Escritura, que eles atacam quando ensinam que as comunicações espíritas são obras de Satanás.

São Paulo, em sua Epístola aos Filipenses, II, 1 e 2, diz estas palavras:

“Portanto, se há consolação em Cristo - se algum refrigério de caridade - se alguma *comunicação dos espíritos* - se algumas entranhas de compaixão:

“Farei completo o meu gozo, sentindo uma mesma coisa - tendo uma mesma caridade - um mesmo ânimo - os mesmos pensamentos”.

São Paulo admitiu comunicações de Espíritos, o clero não as atribui senão a Satanás!

Em sua Epístola aos Tessalonicenses, V, 19, 20 e 21²²³, o mesmo Apóstolo acrescenta ao que já ficou transcrito:

“Não apagueis o espírito.

“Não desprezeis as profecias.

“Examinai tudo - e abraçai o que for bom.”

É claro que estas palavras confirmam a doutrina que expendemos em nosso passado artigo: de serem os Espíritos maus e bons sucessivamente, conforme a fase evolutiva em que se acham - de serem eles o que chamamos - demônio - e o que chamamos - anjo.

223 (Nota do Organizador) 1 Tessalonicenses, 5: 19, 20 e 21.

Ele manda que não se despreze o que vem dos Espíritos: suas comunicações - que não se desprezem as profecias, que são comunicações tácitas feitas aos profetas.

Mas, porque todos os Espíritos, bons e maus, se comunicam conosco, ele aconselha que estudemos suas comunicações, para só recebermos as boas, que vêm dos bons.

Se elas somente pudessem vir de Satanás, São Paulo teria feito o que faz hoje o clero católico, teria condenado toda a comunicação.

Ele, que manda estudá-las, para se separarem as boas das más, é porque não são obras de Satanás - é porque podem ser obras dos bons Espíritos.

Isso é tão positivo, que qualquer padre, por mais rústico que seja, pode compreender.

Entretanto, rústicos e ilustrados, proscvem, *in limine*, as comunicações - não as estudam - não as comparam, para escolherem.

Logo, o clero faz tanto caso do ensino de São Paulo como do Espiritismo!

De que servem, então, as Escrituras sagradas para o clero católico?

Deus! tende compaixão dos infelizes que, cegos pelas paixões humanas, desprezam vossos sagrados preceitos - e arrasam consigo ao abismo, milhões de almas, que confiam em sua direção!

Paulo, Espírito angélico, tem dó destes teus irmãos desviados - e roga por eles ao Pai de Misericórdia!

Os que se dizem pastores, postos por Deus aos rebanhos humanos, ocultam a candeia debaixo do alqueire - e, pela vil moeda do tempo dirigem aqueles rebanhos ao covil dos lobos!

Eles não leem São Paulo!

Não leem, mas o grande Espírito verbera-os com seus luminosos ensinamentos.

“Nós vos rogamos, irmãos...”

Que não vos movais da vossa inteligência, nem vos perturbeis, nem *por espírito*, nem por palavra, nem por carta como enviada de nós, como se o dia do Senhor estivesse já perto. - Epístola aos Tessalonicenses, II, 1 e 2²²⁴.

224 (Nota do Organizador) 2 Tessalonicenses, 2: 1 e 2.

São Paulo, que em sua primeira carta aos Tessalonicenses, recomenda-lhes: “que não apaguem o espírito - que, por suas faltas, não se façam indignos das comunicações espirituais - nem desprezem os avisos proféticos, que possam receber; antes, examinem bem *tudo e abracem*, o que *for bom*; São Paulo, em sua segunda carta, recomenda-lhes: “que não variem facilmente em seus propósitos e crenças, nem por palavras, nem por *comunicação espiritual*, que tanto pode provir de Espíritos de verdade, como de Espíritos falazes, enganadores.

O clero cerre, quanto quiser, os olhos a estes ensinamentos, porque eles penetrarão no coração dos simples.

O clero ensine, quanto puder, que as comunicações são obras de Satanás, porque a Humanidade preferirá seguir a marcha traçada por São Paulo.

E não só por São Paulo, como por todos os grandes Espíritos, que temos citado - e pelos que, ainda temos de citar: o do angélico João.

Diz este na Epístola 1^a., IV, 1:

“Caríssimos. Não acrediteis em todo o espírito, mas verificai quais os que são de Deus”.

Não acreditai em todo o Espírito.

Para não se acreditar em um Espírito, é preciso ouvi-lo ou lê-lo; o que vale por comunicar com ele.

Logo, São João admite a comunicação dos homens com os Espíritos.

E, visto que recomenda: que não se acredite em todos; é claro que ele ensina: que nem todos são dignos de ser acreditados.

Isto está confirmado pelas palavras - mas verificai quais os que são de Deus.

Há, pois, Espíritos que são de Deus e outros que não são; mas todos foram criados por Ele; logo, é preciso interpretar essa locução.

O Espiritismo, revelando a evolução espiritual, ensina como há Espíritos que ainda se comprazem com o Mal - e Espíritos que só amam o Bem, isto é: que um Espírito, em certa fase de sua evolução, é mau, e depois torna-se bom.

Espíritos de Deus são, pois, os que já chegaram ao estado de pureza - e Espíritos que não são de Deus, os que ainda estão na fase da impureza.

Assim, pois, São João confirma o que ensinou São Paulo, que não é senão o ensinamento espírita.

“Eu fui arrebatado em espírito em um dia de domingo - e ouvi por detrás de mim uma voz como de trombeta:

“Que dizia: o que vês, escreve-o em um livro. - Apocalipse, II, 10 e 11²²⁵”.

Ainda aqui São João dá uma prova de comunicação dos Espíritos.

Ele ouvira uma voz como de trombeta, que lhe dizia: o que vês, escreve em um livro.

Aquela voz era de Deus? Tanto pior para o clero, que aí tem uma comunicação do homem com Deus!

Se não era a voz de Deus, de quem era? Do Demônio não podia ser, pois que a Igreja recebe aquela revelação como divina!

O Espiritismo explica o fato como procedente de Deus, mas praticado por um seu emissário, Espírito superior, que já goza a sublime glória de receber missões divinas.

O que dirá a tudo isto o clero?

Max.

() Este artigo não foi ontem publicado por falta de espaço - N.R.*

* Reproduzido conforme texto original. Confira na “Seção Livre” do Jornal “O Paiz”, edição de 25.11.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/8018

225 (Nota do Organizador) O correto aqui é Apocalipse 1: 10 e 11.

Artigo CX - O PAIZ, 01.12.1889

Basta de matracar aos ouvidos do clero católico, que lê e ri do que deve fazê-lo chorar.

Para os que têm consciência da gravíssima responsabilidade que lhes pesa, como pastores das ovelhas de Jesus Cristo, pelo Mestre tão recomendadas, o que temos expendido é de sobra para refletirem sobre a palavra sagrada, que pusemos debaixo de seus olhos.

Para os que não têm consciência de sua alta missão e fazem das ordens sacras simples meio de viver, a transcrição da própria Bíblia seria trabalho perdido.

Demonstramos que o Antigo e o Novo Testamento são acordes com a doutrina espírita - enquanto à pluralidade das existências - enquanto à não-existência do Inferno e dos demônios com as penas eternas - enquanto a ser um dogma a salvação universal - e, finalmente, enquanto a ser obra dos Espíritos humanos as comunicações, que os padres dizem ser obra de Satanás.

A respeito de tais comunicações, visto serem o meio escolhido para a revelação das verdades, que Jesus prometeu²²⁶ - e temos, por certo, que são as do Espiritismo, pedimos vênias ao leitor, para transcrever as considerações de um autor anônimo, as quais muito concorrem para melhor poderem elas ser compreendidas em sua legítima significação.

“As diferenças em perfeições e virtudes, que se observam entre os homens, são as mesmas que existem no mundo dos Espíritos, porquanto estes não são senão os próprios homens, despidos do seu invólucro terreno.

226 (Nota do Organizador) Jo. 16:12, já citado.

“O Senhor que permite a comunicação e as inspirações dos Espíritos elevados, para nos fortalecer e instruir, permite também às vezes as dos Espíritos imperfeitos, mais ou menos ligados ainda aos instintos sensuais e inclinados à mentira ou ao erro, para submeter-nos às provas.

“Ê por esta razão que o evangelista recomenda: que não se deposite cega confiança nas palavras e conselhos dos Espíritos, sem que se haja verificado que são Espíritos bons e enviados de Deus para ilustrar-nos e melhorar-nos.

“Pelo fruto conhecer-se-á a árvore, disse Jesus Cristo - e é pela bondade ou maldade de suas inspirações que se reconhecem as qualidades dos Espíritos.

“Para que escrever volumes sobre confirmações bíblicas das teses que sustentaram como meio de provar que a revelação ou comunicações espíritas podem proceder, e em muitos casos procedem de origem benéfica, superior?

“Não negaremos que, sem o fervor necessário, sem o essencial ao bom desejo, sem um fim puramente moral e humanitário, o ato da evocação, quer dizer: se a oração que fazemos para alcançarmos luzes celestiais, carece das condições que a façam aceitável aos olhos do Ser Supremo, podemos ser enganados por Espíritos maléficos.

“Disto, porém, a sermos vítimas destes Espíritos, autorizados por Deus para seduzir-nos e arrastar-nos à eterna perdição, vai uma distância enorme, uma distância infinita”.

Não continuaremos a invocar novos testemunhos sagrados como sanção de nossas afirmações, *scilicet*²²⁷, dos dogmas espíritas, porque nos que temos exibido terá o leitor cristão mais que os necessários para compreender a sem razão com que o Catolicismo de Roma condena a prática das evocações, embora sejam acompanhadas de fervor, de boa vontade e de sincero recolhimento.

O leitor, seguindo, como deve, o conselho de São Paulo e de São João, tem largo campo para comparar as duas doutrinas, espírita e católica, no que entende com os dogmas por nós discutidos.

Compare-as sobre a pluralidade ou unidade das existências.

Compare-as sobre a existência ou não-existência do Inferno, das penas eternas e do demônio.

227 (Nota do Organizador) Idem notas 6 e 209.

Compare-as sobre a salvação universal ou salvação parcial, indo a grande massa humana para a *citá dolente*²²⁸, cujos horrores tanto deleitam a certas almas, que entretanto não podem saber se lá irão ter ou não.

Compare-as, finalmente, sobre a origem diabólica ou puramente humana das comunicações entre o mundo visível e o invisível.

Compare as duas doutrinas sob todos estes pontos de vista, e sob mil outros, que se apresentem, e faça como ensina o Apóstolo dos gentios - escolha a que julgar melhor.

Não se leve, nesse estudo, por ideias fixas - por preconceitos - e por falsa fé nos ensinamentos que julga divinos.

Deus, quando nos dotou de razão e de consciência, é porque quis que fizéssemos nós mesmos, o nosso destino.

E porque sabe quanto somos fracos, deu-nos - tem-nos dado - há de nos dar a luz para descobrirmos o caminho de sua casa, que é sede de toda a glória e de toda a felicidade.

A fé nos ensinamentos da Igreja, desde que eles nos impõem absurdos monstruosos, que não se compadecem com os atributos da Perfeição Infinita, é uma falsa fé - é um erro fatal.

As verdades que vêm de Deus falam à razão e tocam a consciência; não são como estes princípios católicos, que, para serem aceitos, requerem que se obscureça a razão e se faça calar a consciência.

Assim como o ensino de Jesus revoltou os sacerdotes do Templo, que se julgavam com a verdade eterna; assim, os novos ensinamentos de Jesus, complementares dos primeiros, hão de revoltar os sacerdotes da Igreja, que também se julgam na posse da verdade absoluta.

Mas, assim como o ensino de Jesus venceu a resistência dos *padres* hebreus, pelo mesmo modo o Espiritismo, que não é senão o complemento daquele divino ensino, há de vencer a resistência dos *padres* católicos.

Toda a obra de Deus progride - e a revelação, que é a luz do Pai a guiar os filhos, será tanto mais intensa quanto mais estes já tiverem olhos capazes de suportá-la.

228 (Nota do Organizador) Cidade dolorida ou Cidade das Dores - Distico do Inferno, conforme Dante no Canto III da sua Divina Comédia.

É cegueira condenável acreditar que a Terra já recebeu toda a luz do Céu, quando a humanidade avança todos os dias em sua perfectibilidade.

Caríssimo leitor - Estes artigos não têm, por fim, oferecer provas de erudição; eles são o brado de uma consciência convencida, em prol de infelizes irmãos que cavam debaixo de seus pés o abismo em que têm de ser sepultados.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
"Seção Livre" do Jornal "O Paiz", edição de 01.12.1889:
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/8045

Índice Remissivo

A

Abel [79](#)

Abraão [28](#), [31](#), [196](#), [200](#), [242](#), [271](#), [363](#)

Adão [57](#), [58](#), [78](#), [79](#), [85](#), [88](#), [89](#), [91](#), [92](#), [100](#), [114](#), [115](#), [121](#), [148](#), [149](#)

Alexandre VI [195](#), [196](#), [250](#)

Alfredo Wallace [35](#)

Allan Kardec [29](#), [178](#), [212](#), [223](#), [235](#), [237](#), [239](#), [240](#), [241](#), [245](#), [246](#), [256](#), [257](#)

alma [19](#), [29](#), [36](#), [37](#), [38](#), [40](#), [41](#), [42](#), [47](#), [48](#), [54](#), [55](#), [61](#), [69](#), [73](#), [87](#), [96](#), [98](#), [115](#), [125](#), [128](#), [131](#), [135](#), [146](#), [151](#), [157](#), [164](#), [168](#), [193](#), [195](#), [196](#), [203](#), [206](#), [211](#), [212](#), [239](#), [240](#), [242](#), [243](#), [245](#), [246](#), [247](#), [263](#), [266](#), [268](#), [270](#), [271](#), [275](#), [281](#), [284](#), [292](#), [297](#), [302](#), [311](#), [328](#), [335](#), [336](#), [342](#), [344](#), [347](#), [351](#), [356](#), [357](#), [358](#), [368](#), [371](#), [373](#), [376](#), [377](#), [378](#), [379](#), [381](#), [390](#), [393](#), [398](#), [399](#), [402](#), [410](#), [419](#), [421](#), [446](#), [450](#), [451](#), [452](#), [454](#)

almas [35](#), [36](#), [42](#), [46](#), [58](#), [106](#), [123](#), [130](#), [174](#), [192](#), [209](#), [236](#), [237](#), [241](#), [242](#), [255](#), [259](#), [264](#), [268](#), [293](#), [298](#), [303](#), [304](#), [308](#), [312](#), [321](#), [326](#), [327](#), [338](#), [344](#), [351](#), [353](#), [355](#), [358](#), [359](#), [367](#), [372](#), [379](#), [383](#), [391](#), [395](#), [396](#), [400](#), [402](#), [410](#), [420](#), [424](#), [425](#), [426](#), [434](#), [439](#), [452](#)

amor [43](#), [46](#), [47](#), [48](#), [55](#), [63](#), [64](#), [69](#), [84](#), [97](#), [104](#), [106](#), [110](#), [118](#), [119](#), [129](#), [131](#), [134](#), [136](#), [137](#), [139](#), [147](#), [151](#), [153](#), [155](#), [157](#), [179](#), [188](#), [192](#), [193](#), [199](#), [205](#), [206](#), [207](#), [214](#), [225](#), [229](#), [237](#), [242](#), [251](#), [264](#), [267](#), [271](#), [275](#), [276](#), [281](#), [291](#), [293](#), [304](#), [308](#), [311](#), [314](#), [315](#), [318](#), [320](#), [322](#), [323](#), [324](#), [328](#), [331](#), [332](#), [333](#), [346](#), [348](#), [350](#), [352](#), [354](#), [355](#), [358](#), [361](#), [363](#), [364](#), [366](#), [367](#), [368](#), [370](#), [371](#), [372](#), [374](#), [375](#), [376](#), [377](#), [380](#), [381](#), [386](#), [387](#), [389](#), [393](#), [406](#), [415](#), [418](#), [453](#)

Anás [193](#)

anjo [44](#), [47](#), [59](#), [91](#), [96](#), [162](#), [194](#), [195](#), [209](#), [257](#), [258](#), [321](#), [354](#), [419](#), [420](#), [422](#), [423](#), [430](#), [431](#), [433](#), [445](#), [458](#), [460](#)

Anjo [257](#)

anjos [43](#), [48](#), [93](#), [96](#), [134](#), [136](#), [176](#), [181](#), [210](#), [232](#), [237](#), [257](#), [258](#), [259](#), [343](#), [419](#), [420](#), [422](#), [423](#), [430](#), [431](#)

Apocalipse [98](#), [265](#), [436](#)

arrependimento [100](#), [155](#), [185](#), [192](#), [242](#), [267](#), [332](#), [342](#), [344](#), [346](#), [347](#), [359](#), [360](#), [368](#), [370](#), [386](#), [387](#), [415](#)

ateísmo [211](#), [264](#), [353](#), [357](#), [358](#), [371](#)

Atos [140](#), [271](#), [427](#), [430](#), [431](#)

Atos dos Apóstolos [140](#), [271](#), [427](#)

B

Babilônia [42](#), [258](#), [343](#), [370](#)

Baldad Suhita [283](#)

Barão de Mesquita [338](#), [339](#), [340](#)

Barnabé [431](#)

Baruch [370](#)

batismo [58](#), [122](#), [123](#), [127](#), [128](#), [271](#), [307](#), [308](#)

Bayle [263](#), [340](#)

Belzebu [40](#), [192](#), [259](#), [361](#)

Bem [20](#), [23](#), [24](#), [42](#), [43](#), [44](#), [48](#), [57](#), [58](#), [59](#), [69](#), [88](#), [90](#), [94](#), [102](#), [103](#), [104](#), [110](#), [121](#), [127](#), [128](#), [132](#), [145](#), [154](#), [159](#), [175](#), [176](#), [177](#), [178](#), [179](#), [180](#), [181](#), [182](#), [192](#), [196](#), [199](#), [205](#), [207](#), [209](#), [230](#), [242](#), [254](#), [260](#), [279](#), [280](#), [281](#), [308](#), [315](#), [323](#), [324](#), [326](#), [333](#), [335](#), [336](#), [356](#), [359](#), [361](#), [372](#), [381](#), [389](#), [394](#), [401](#), [402](#), [403](#), [406](#), [422](#), [427](#), [431](#), [435](#)

Bíblia [78](#), [79](#), [87](#), [89](#), [90](#), [92](#), [96](#), [116](#), [138](#), [139](#), [141](#), [142](#), [148](#), [149](#), [237](#), [243](#), [244](#), [258](#), [282](#), [327](#), [359](#), [370](#), [437](#)

Bitínia [431](#), [460](#)

bom Espírito [427](#)

bons Espíritos [427](#), [431](#), [434](#)

Bórgia [195](#), [196](#)

Bossuet [211](#), [335](#), [343](#)

Buckner [191](#), [220](#)

Buda [228](#), [229](#)

Budismo [229](#)

budista [197](#), [271](#)

budistas [53](#), [229](#)

C

Cagliostro [235](#), [236](#)

cagliotrismo [235](#)

Caifás [167](#), [193](#)

Caim [79](#)

caridade [46](#), [47](#), [51](#), [65](#), [84](#), [97](#), [104](#), [106](#), [111](#), [192](#), [193](#), [204](#), [205](#), [206](#), [237](#), [254](#), [271](#), [281](#), [310](#), [322](#), [327](#), [331](#), [361](#), [381](#), [396](#), [414](#), [433](#), [461](#)

Carlos Bonnet [339](#)

Catolicismo [55](#), [210](#), [261](#), [263](#), [264](#), [438](#)

Céu [31](#), [38](#), [42](#), [46](#), [47](#), [48](#), [55](#), [58](#), [65](#), [75](#), [80](#), [95](#), [96](#), [103](#), [104](#), [114](#), [119](#), [120](#), [122](#), [123](#), [124](#), [126](#), [127](#), [128](#), [130](#), [131](#), [135](#), [136](#), [138](#), [144](#), [155](#), [156](#), [165](#), [172](#), [177](#), [184](#), [188](#), [198](#), [199](#), [206](#), [207](#), [209](#), [236](#), [237](#), [241](#), [255](#), [267](#), [275](#), [292](#), [293](#), [294](#), [299](#), [307](#), [319](#), [322](#), [324](#), [352](#), [355](#), [359](#), [367](#), [418](#), [420](#), [424](#), [426](#), [440](#), [449](#)

Charcot [213](#), [214](#)

charlatanismo [20](#), [32](#), [35](#), [38](#), [108](#), [110](#), [111](#), [112](#), [131](#)

ciência [20](#), [21](#), [32](#), [35](#), [36](#), [50](#), [57](#), [61](#), [62](#), [63](#), [65](#), [66](#), [68](#), [81](#), [82](#), [88](#), [89](#), [90](#), [100](#), [102](#), [104](#), [108](#), [111](#), [136](#), [142](#), [170](#), [171](#), [172](#), [184](#), [190](#), [191](#), [192](#), [194](#), [195](#), [196](#), [202](#), [203](#), [212](#), [213](#), [217](#), [218](#), [219](#), [220](#), [221](#), [233](#), [251](#), [253](#), [261](#), [264](#), [268](#), [278](#), [279](#), [280](#), [282](#), [287](#), [288](#), [300](#), [302](#), [306](#), [310](#), [320](#), [338](#), [341](#), [355](#)

ciência espírita [190](#)

ciências [39](#), [89](#), [191](#), [195](#), [196](#), [280](#), [289](#)

circuncisão [128](#), [271](#)

clero [42](#), [95](#), [105](#), [116](#), [187](#), [188](#), [205](#), [207](#), [253](#), [257](#), [258](#), [260](#), [268](#), [278](#), [280](#), [281](#), [282](#), [286](#), [290](#), [293](#), [294](#), [295](#), [299](#), [300](#), [301](#), [303](#), [306](#), [310](#), [311](#), [314](#), [315](#), [316](#), [317](#), [318](#), [319](#), [320](#), [321](#), [322](#), [324](#), [325](#), [327](#), [328](#), [330](#), [331](#), [332](#), [334](#), [338](#), [342](#), [343](#), [344](#), [345](#), [351](#), [352](#), [353](#), [354](#), [355](#), [360](#), [362](#), [363](#), [366](#), [367](#), [368](#), [372](#), [376](#), [377](#), [381](#), [382](#), [383](#), [384](#), [385](#), [387](#), [389](#), [390](#), [398](#), [399](#), [401](#), [407](#), [409](#), [411](#), [412](#), [417](#), [418](#), [419](#), [420](#), [422](#), [423](#), [426](#), [427](#), [428](#), [430](#), [432](#), [433](#), [434](#), [435](#), [436](#), [437](#)

Comte [220](#)

comunicação dos Espíritos [36](#), [42](#), [106](#), [107](#), [205](#), [207](#), [212](#), [251](#), [255](#), [269](#), [340](#), [341](#), [418](#), [423](#), [436](#)

comunicação dos santos [251](#)

Concílio de Latrão [246](#)

Concílio Tridentino [332](#)

conde de Brunet de Paisay [355](#)

condenação eterna [156](#), [211](#), [328](#), [370](#), [381](#)

confissão auricular [267](#), [268](#)

consciência [23](#), [26](#), [27](#), [31](#), [32](#), [35](#), [47](#), [48](#), [53](#), [54](#), [55](#), [66](#), [92](#), [94](#), [116](#), [126](#), [127](#), [132](#), [133](#), [145](#), [149](#), [152](#), [153](#), [154](#), [159](#), [164](#), [166](#), [170](#), [174](#), [180](#), [183](#), [188](#), [192](#), [194](#), [195](#), [196](#), [209](#), [211](#), [224](#), [226](#), [228](#), [229](#), [242](#), [254](#), [259](#), [263](#), [268](#), [272](#), [283](#), [284](#), [301](#), [303](#), [312](#), [315](#), [316](#), [320](#), [324](#), [328](#), [330](#), [332](#), [336](#), [345](#), [351](#), [354](#), [355](#), [358](#), [367](#), [371](#), [376](#), [379](#), [381](#), [382](#), [387](#), [394](#), [397](#), [402](#), [407](#), [417](#), [418](#), [420](#), [421](#), [431](#), [437](#), [439](#), [440](#)

Consolador [140](#), [180](#), [193](#), [196](#), [199](#), [200](#), [249](#), [259](#), [264](#), [314](#), [320](#), [321](#), [332](#), [336](#), [349](#), [388](#), [399](#)

corpo espiritual [240](#), [246](#)

corpo fluídico [239](#), [246](#)

corpo material [240](#), [246](#), [299](#)

cosmogonia [31](#), [32](#), [54](#), [55](#), [57](#), [58](#), [60](#), [62](#), [63](#), [64](#), [65](#), [66](#), [67](#), [70](#), [71](#), [72](#), [73](#), [77](#), [80](#), [81](#), [87](#), [98](#), [99](#), [102](#), [106](#), [114](#), [124](#), [128](#), [130](#), [132](#), [133](#), [134](#), [135](#), [137](#), [138](#), [140](#), [141](#), [144](#), [183](#), [185](#), [239](#), [246](#), [257](#), [258](#), [259](#), [300](#), [372](#), [397](#), [398](#)

cosmogonia católica [57](#), [70](#)

cosmogonia de Moisés [31](#), [55](#), [65](#), [66](#), [67](#), [239](#), [246](#)

cosmogonia espírita [58](#), [66](#), [70](#), [71](#), [72](#), [73](#), [77](#), [87](#), [98](#), [99](#), [114](#), [124](#), [133](#), [137](#), [141](#), [144](#), [183](#), [257](#), [258](#), [372](#)

cosmogonia mosaica [64](#)

cosmogonia ortodoxa [63](#), [72](#), [98](#), [106](#), [124](#), [128](#), [130](#), [132](#), [134](#), [135](#), [137](#), [138](#), [144](#), [183](#), [259](#)

criação do homem [179](#), [184](#)

criação espiritual [150](#), [248](#), [260](#)

criação terrestre [148](#)

criação universal [66](#), [149](#)

Criador [24](#), [25](#), [26](#), [27](#), [28](#), [31](#), [43](#), [44](#), [46](#), [53](#), [54](#), [65](#), [69](#), [70](#), [71](#), [72](#), [73](#), [77](#), [78](#), [90](#), [96](#), [115](#), [123](#), [124](#), [135](#), [136](#), [137](#), [142](#), [152](#), [153](#), [154](#), [160](#), [162](#), [164](#), [173](#), [174](#), [178](#), [179](#), [183](#), [184](#), [185](#), [186](#), [194](#), [195](#), [196](#), [209](#), [224](#), [225](#), [252](#), [263](#), [276](#), [300](#), [309](#), [311](#), [315](#), [320](#), [323](#), [329](#), [334](#), [359](#), [360](#), [363](#), [371](#), [382](#), [387](#), [398](#), [404](#)

Cristianismo [193](#), [210](#), [254](#), [270](#), [273](#), [301](#), [314](#)

Cristo [19](#), [31](#), [43](#), [46](#), [48](#), [50](#), [62](#), [75](#), [86](#), [87](#), [95](#), [97](#), [106](#), [112](#), [118](#), [119](#), [120](#), [126](#), [140](#), [147](#), [180](#), [187](#), [188](#), [193](#), [199](#), [205](#), [206](#), [207](#), [210](#), [211](#), [228](#), [237](#), [246](#), [247](#), [248](#), [249](#), [251](#), [252](#), [254](#), [258](#), [270](#), [271](#), [272](#), [281](#), [284](#), [298](#), [306](#), [308](#), [310](#), [311](#), [312](#), [314](#), [315](#), [316](#), [319](#), [320](#), [322](#), [323](#), [324](#), [329](#), [330](#), [331](#), [349](#), [354](#), [362](#), [363](#), [372](#), [375](#), [385](#), [387](#), [395](#), [397](#), [399](#), [414](#), [415](#), [417](#), [418](#), [426](#), [433](#), [437](#), [438](#), [449](#), [461](#)

Cudworth [245](#), [246](#)

culpa [58](#), [91](#), [99](#), [100](#), [114](#), [116](#), [118](#), [119](#), [120](#), [122](#), [123](#), [124](#), [126](#), [127](#), [128](#), [276](#), [332](#), [335](#), [342](#), [347](#), [367](#), [370](#), [378](#), [402](#)

culpas [27](#), [116](#), [164](#), [205](#), [267](#), [268](#), [331](#), [336](#), [346](#), [368](#), [372](#), [378](#), [379](#)

Cysne de Meaux [343](#)

D

dança das rãs [278](#)

Daniel [282](#), [423](#), [459](#)

Dante [36](#), [439](#)

David [185](#), [290](#)

Decálogo [28](#), [69](#), [328](#)

demônio [20](#), [22](#), [42](#), [46](#), [57](#), [86](#), [91](#), [92](#), [93](#), [106](#), [192](#), [193](#), [196](#), [200](#), [207](#), [209](#), [222](#), [237](#), [239](#), [240](#), [242](#), [244](#), [258](#), [259](#), [316](#), [342](#), [344](#), [358](#), [379](#), [389](#), [390](#), [391](#), [393](#), [394](#), [418](#), [420](#), [421](#), [422](#), [423](#), [425](#), [426](#), [427](#), [428](#), [430](#), [431](#), [433](#), [438](#)

demônios [42](#), [43](#), [48](#), [58](#), [76](#), [92](#), [93](#), [112](#), [126](#), [192](#), [197](#), [232](#), [233](#), [239](#), [240](#), [257](#), [258](#), [259](#), [272](#), [322](#), [326](#), [343](#), [344](#), [352](#), [353](#), [357](#), [366](#), [371](#), [377](#), [385](#), [390](#), [391](#), [394](#), [398](#), [405](#), [422](#), [423](#), [437](#)

dente por dente [65](#), [69](#), [90](#), [139](#), [200](#), [318](#), [328](#)

Descartes [19](#), [20](#)

desmaterialização [185](#), [376](#), [431](#)

desobediência [58](#), [98](#), [99](#), [180](#)

despotismo [87](#), [263](#), [264](#)

destino [24](#), [26](#), [27](#), [32](#), [36](#), [38](#), [54](#), [55](#), [58](#), [59](#), [64](#), [87](#), [90](#), [102](#), [103](#), [118](#), [120](#), [127](#), [128](#), [130](#), [132](#), [135](#), [136](#), [144](#), [145](#), [154](#), [155](#), [156](#), [157](#), [158](#), [160](#), [162](#), [163](#), [164](#), [166](#), [167](#), [174](#), [176](#), [177](#), [181](#), [184](#), [185](#), [224](#), [227](#), [228](#), [241](#), [242](#), [250](#), [261](#), [264](#), [275](#), [276](#), [279](#), [304](#), [311](#), [312](#), [331](#), [387](#), [390](#), [406](#), [439](#)

diabo [322](#), [323](#), [356](#), [357](#), [358](#), [359](#), [362](#), [367](#), [393](#), [419](#), [427](#), [452](#), [456](#)

diabolismo [20](#), [27](#), [32](#), [40](#), [42](#), [103](#), [131](#), [221](#), [251](#), [355](#), [367](#), [379](#), [382](#), [389](#), [397](#), [426](#), [427](#)

diabos [324](#), [325](#), [357](#), [359](#)

Divina Comédia [326](#), [439](#)

divino Mestre [254](#), [299](#), [368](#), [375](#)

divino Redentor [90](#)

dogma [34](#), [35](#), [43](#), [44](#), [83](#), [116](#), [118](#), [151](#), [157](#), [210](#), [211](#), [233](#), [251](#), [259](#), [275](#), [276](#), [282](#), [290](#), [293](#), [300](#), [302](#), [306](#), [310](#), [314](#), [315](#), [316](#), [320](#), [321](#), [322](#), [323](#), [324](#), [327](#), [330](#), [332](#), [345](#), [366](#), [368](#), [379](#), [381](#), [399](#), [401](#), [402](#), [407](#), [413](#), [437](#)

dogmas [35](#), [140](#), [141](#), [195](#), [213](#), [251](#), [255](#), [272](#), [324](#), [398](#), [438](#)

d'Orient [29](#)

Douglas Home [235](#)

doutrina cristã [210](#)

doutrina da vida única [24](#), [25](#), [26](#), [27](#), [28](#), [154](#), [279](#), [300](#), [311](#), [315](#)

doutrina de Jesus [19](#), [20](#), [28](#), [55](#), [143](#), [205](#), [237](#), [248](#), [249](#), [251](#), [322](#), [323](#), [369](#), [385](#), [411](#)

doutrina de Roma [114](#), [374](#)

doutrina espírita [23](#), [27](#), [42](#), [50](#), [63](#), [79](#), [82](#), [90](#), [95](#), [97](#), [103](#), [117](#), [140](#), [164](#), [171](#), [174](#), [193](#), [240](#), [242](#), [245](#), [258](#), [296](#), [314](#), [339](#), [344](#), [345](#), [348](#), [354](#), [358](#), [367](#), [374](#), [379](#), [384](#), [385](#), [404](#), [405](#), [407](#), [414](#), [418](#), [437](#)

doutrina ortodoxa [117](#), [127](#), [171](#)

doutrina panteísta [225](#)

D. Pedro de Lacerda [94](#), [95](#)

Dr. Erico Coelho [251](#)

E

Eça de Queiroz [35](#)

Eclesiástico [282](#), [295](#), [314](#), [356](#), [359](#), [360](#), [391](#), [406](#), [407](#), [413](#), [421](#)

Efraim [376](#), [454](#)

encarnação [51](#), [180](#), [291](#), [298](#), [326](#), [336](#), [375](#), [382](#)

Enéas [36](#)

Enóquia [79](#)

epicuristas [168](#), [244](#)

epístola [414](#)

Esaú [411](#)

escada de Jacó [132](#), [305](#), [324](#)

escola positivista [20](#)

Escritura [134](#), [236](#), [237](#), [351](#), [426](#), [433](#)

Escrituras [73](#), [79](#), [136](#), [258](#), [272](#), [283](#), [300](#), [307](#), [310](#), [351](#), [354](#), [413](#), [422](#), [425](#), [427](#), [428](#), [429](#), [432](#), [434](#)

espaço [43](#), [54](#), [59](#), [76](#), [77](#), [135](#), [141](#), [142](#), [143](#), [144](#), [146](#), [160](#), [164](#), [166](#), [170](#), [183](#), [184](#), [214](#), [222](#), [238](#), [241](#), [244](#), [335](#), [375](#), [417](#), [436](#)

Espaço [37](#), [43](#), [49](#), [50](#), [51](#), [83](#), [87](#), [107](#), [168](#), [169](#), [192](#), [219](#), [223](#), [225](#), [241](#), [335](#), [394](#), [423](#), [425](#)

Espiritismo [20](#), [21](#), [27](#), [30](#), [31](#), [32](#), [33](#), [34](#), [35](#), [36](#), [37](#), [40](#), [43](#), [55](#), [56](#), [61](#), [66](#), [73](#), [80](#), [81](#), [82](#), [83](#), [87](#), [90](#), [92](#), [93](#), [95](#), [97](#), [99](#), [100](#), [104](#), [106](#), [108](#), [109](#), [111](#), [112](#), [118](#), [120](#), [123](#), [131](#), [142](#), [143](#), [146](#), [149](#), [150](#), [152](#), [153](#), [154](#), [157](#), [172](#), [177](#), [178](#), [180](#), [182](#), [184](#), [187](#), [188](#), [190](#), [193](#), [196](#), [197](#), [201](#), [202](#), [203](#), [204](#), [205](#), [206](#), [207](#), [210](#), [211](#), [213](#), [214](#), [215](#), [216](#), [217](#), [218](#), [221](#), [222](#), [224](#), [225](#), [235](#), [236](#), [237](#), [238](#), [239](#), [241](#), [242](#), [243](#), [247](#), [248](#), [249](#), [251](#), [253](#), [254](#), [255](#), [257](#), [264](#), [272](#), [276](#), [277](#), [278](#), [279](#), [280](#), [284](#), [286](#), [288](#), [292](#), [295](#), [298](#), [304](#), [316](#), [322](#), [323](#), [324](#), [329](#), [330](#), [331](#), [332](#), [335](#), [336](#), [337](#), [338](#), [340](#), [341](#), [343](#), [348](#), [349](#), [350](#), [351](#), [355](#), [358](#), [362](#), [366](#), [367](#), [371](#), [372](#), [376](#), [379](#), [385](#), [387](#), [389](#), [390](#), [394](#), [398](#), [399](#), [403](#), [406](#), [407](#), [410](#), [411](#), [415](#), [418](#), [420](#), [421](#), [422](#), [429](#), [430](#), [434](#), [435](#), [436](#), [437](#), [439](#)

Espírito das trevas [106](#), [192](#)

Espírito da Verdade [61](#), [105](#), [188](#), [199](#), [225](#), [227](#), [228](#), [229](#), [249](#), [314](#), [316](#), [320](#), [323](#), [330](#), [349](#), [418](#)

Espírito humano [85](#), [279](#), [295](#), [419](#), [420](#), [422](#), [430](#), [431](#)

Espírito obsessor [218](#), [394](#)

Espíritos aéreos [239](#), [240](#)

Espírito Santo [349](#), [403](#), [420](#), [425](#), [429](#)

Espíritos arrependidos [378](#)

Espíritos desencarnados [50](#), [106](#), [107](#), [217](#), [218](#), [418](#), [431](#)

Espíritos elevados [438](#)

Espíritos evocados [241](#)

Espíritos imperfeitos [438](#)

Espíritos malignos [359](#), [427](#)

Espíritos puros [151](#), [185](#), [225](#)

Espíritos sofredores [205](#)

Espíritos superiores [77](#), [95](#), [197](#), [360](#)

espiritualismo [247](#)

espiritualistas [23](#), [38](#), [170](#)

Esquiros [339](#)

estacionarismo [319](#)

Estevão [427](#), [460](#)

Eva [57](#), [58](#), [79](#), [85](#), [86](#), [88](#), [89](#), [91](#), [92](#), [100](#), [114](#), [115](#), [121](#), [148](#), [149](#), [427](#)

Evangelho [32](#), [34](#), [43](#), [62](#), [63](#), [139](#), [174](#), [178](#), [180](#), [187](#), [190](#), [203](#), [237](#), [244](#), [248](#), [249](#), [253](#), [254](#), [255](#), [258](#), [262](#), [270](#), [271](#), [272](#), [282](#), [302](#), [303](#), [304](#), [306](#), [308](#), [318](#), [319](#), [322](#), [355](#), [356](#), [358](#), [359](#), [363](#), [387](#), [393](#), [395](#), [425](#), [426](#), [427](#)

Evangelhos [31](#), [140](#), [180](#), [187](#), [315](#), [385](#), [390](#), [394](#), [398](#), [413](#), [414](#)

evolução [27](#), [30](#), [34](#), [36](#), [53](#), [59](#), [66](#), [76](#), [80](#), [82](#), [92](#), [102](#), [124](#), [132](#), [142](#), [145](#), [146](#), [150](#), [156](#), [158](#), [162](#), [166](#), [173](#), [174](#), [175](#), [176](#), [178](#), [180](#), [181](#), [183](#), [195](#), [224](#), [225](#), [229](#), [241](#), [245](#), [255](#), [257](#), [258](#), [279](#), [302](#), [326](#), [399](#), [430](#), [435](#)

evolução espiritual [150](#), [435](#)

expição [59](#), [83](#), [98](#), [103](#), [134](#), [159](#), [164](#), [166](#), [168](#), [169](#), [173](#), [174](#), [179](#), [185](#), [280](#), [283](#), [309](#), [336](#), [342](#), [347](#), [403](#)

Expição [309](#)

Ezequiel [98](#), [99](#), [101](#), [114](#), [115](#), [127](#), [156](#), [267](#), [282](#), [295](#), [297](#), [314](#), [346](#), [372](#), [422](#)

F

fé [35](#), [38](#), [54](#), [55](#), [56](#), [66](#), [92](#), [103](#), [104](#), [106](#), [138](#), [190](#), [192](#), [194](#), [195](#), [196](#), [198](#), [199](#), [200](#), [219](#), [224](#), [232](#), [236](#), [237](#), [241](#), [247](#), [261](#), [262](#), [263](#), [264](#), [265](#), [267](#), [291](#), [308](#), [310](#), [311](#), [316](#), [320](#), [323](#), [324](#), [327](#), [328](#), [343](#), [345](#), [349](#), [351](#), [358](#), [359](#), [366](#), [381](#), [382](#), [407](#), [413](#), [417](#), [418](#), [419](#), [422](#), [425](#), [426](#), [429](#), [432](#), [439](#)

felicidade [24](#), [27](#), [44](#), [51](#), [57](#), [58](#), [59](#), [76](#), [83](#), [91](#), [123](#), [124](#), [128](#), [132](#), [134](#), [136](#), [156](#), [162](#), [168](#), [172](#), [175](#), [179](#), [180](#), [181](#), [182](#), [184](#), [185](#), [196](#), [207](#), [227](#), [228](#), [229](#), [230](#), [254](#), [275](#), [292](#), [305](#), [316](#), [324](#), [331](#), [336](#), [439](#)

fé passiva [56](#), [195](#), [196](#), [199](#), [200](#), [247](#), [261](#), [262](#), [311](#), [324](#), [345](#), [381](#), [382](#)

filho pródigo [101](#), [324](#), [385](#)

Flammarion [339](#)

G

Gabriel [167](#)

Galvani [278](#), [279](#)

gênese [62](#), [66](#), [69](#), [70](#), [75](#), [76](#), [77](#), [78](#), [79](#), [85](#), [115](#), [116](#), [142](#), [143](#), [148](#)

gênese bíblica [75](#), [76](#), [78](#), [85](#), [115](#), [142](#)

gênese espírita [76](#), [77](#), [79](#), [116](#), [142](#)

gênese humana [78](#)

gênese mosaica [62](#)

gênese universal [148](#)
Gênesis [243](#)
Gerizim [140](#), [186](#), [187](#), [318](#), [320](#), [444](#)
glória [48](#), [66](#), [77](#), [122](#), [124](#), [131](#), [133](#), [151](#), [162](#), [169](#), [172](#), [184](#), [196](#),
[206](#), [310](#), [324](#), [342](#), [351](#), [361](#), [363](#), [402](#), [409](#), [436](#), [439](#), [449](#), [451](#), [453](#)
gozo [44](#), [90](#), [103](#), [162](#), [163](#), [164](#), [168](#), [171](#), [175](#), [275](#), [312](#), [335](#), [356](#),
[433](#), [461](#)
gozos [167](#), [168](#), [395](#)

H

hipnotismo [111](#), [212](#), [213](#), [214](#), [215](#), [216](#), [218](#), [251](#), [287](#), [288](#)
hipnotizado [217](#), [218](#)
hipnotizador [214](#), [217](#), [218](#)
homem espiritual [47](#), [259](#), [403](#)
homem material [259](#)
homeopatia [282](#)
Hugo [35](#), [241](#), [339](#), [362](#)
hussismo [213](#)

I

identidade de destino [162](#)
identidade de meios [59](#), [162](#)
identidade de origem [59](#), [162](#)
ignorância [59](#), [64](#), [102](#), [103](#), [127](#), [128](#), [151](#), [158](#), [178](#), [181](#), [212](#), [235](#),
[237](#), [239](#), [240](#), [241](#), [252](#), [257](#), [264](#), [268](#), [272](#), [300](#), [308](#), [312](#), [322](#), [357](#),
[400](#), [407](#), [417](#), [418](#), [419](#), [429](#)
ignorância e inocência [158](#)
Igreja [23](#), [26](#), [29](#), [53](#), [55](#), [57](#), [58](#), [61](#), [62](#), [63](#), [66](#), [71](#), [72](#), [73](#), [75](#), [80](#),
[90](#), [98](#), [100](#), [102](#), [115](#), [122](#), [123](#), [124](#), [125](#), [126](#), [131](#), [134](#), [140](#), [143](#),
[149](#), [151](#), [152](#), [153](#), [154](#), [155](#), [156](#), [163](#), [164](#), [176](#), [177](#), [182](#), [187](#), [188](#),
[189](#), [194](#), [195](#), [196](#), [197](#), [198](#), [199](#), [200](#), [207](#), [209](#), [210](#), [211](#), [235](#), [241](#),
[246](#), [248](#), [249](#), [250](#), [251](#), [255](#), [256](#), [261](#), [262](#), [263](#), [264](#), [267](#), [271](#), [272](#),
[273](#), [275](#), [276](#), [279](#), [282](#), [283](#), [284](#), [285](#), [296](#), [299](#), [300](#), [304](#), [306](#), [307](#),
[308](#), [311](#), [315](#), [316](#), [319](#), [320](#), [322](#), [323](#), [324](#), [326](#), [327](#), [328](#), [329](#), [330](#),
[331](#), [332](#), [335](#), [336](#), [337](#), [343](#), [344](#), [345](#), [346](#), [347](#), [348](#), [349](#), [350](#), [351](#),
[355](#), [356](#), [358](#), [360](#), [361](#), [367](#), [368](#), [378](#), [379](#), [381](#), [382](#), [385](#), [386](#), [395](#),
[397](#), [398](#), [401](#), [403](#), [404](#), [405](#), [406](#), [407](#), [410](#), [411](#), [412](#), [413](#), [415](#), [416](#),
[417](#), [418](#), [419](#), [420](#), [422](#), [423](#), [425](#), [426](#), [428](#), [436](#), [439](#)

Igreja de Jesus Cristo [187](#), [417](#)

Igreja romana [163](#), [187](#), [194](#), [198](#), [199](#), [211](#), [255](#), [256](#), [261](#), [262](#), [263](#), [267](#), [272](#), [273](#), [275](#), [311](#), [319](#), [322](#), [323](#), [324](#), [326](#), [331](#), [344](#), [345](#), [381](#), [397](#), [398](#), [425](#)

indução [150](#)

infallibilidade [198](#), [199](#), [247](#), [250](#), [261](#), [264](#), [271](#)

infallibilidade papal [247](#)

Inferno [38](#), [42](#), [43](#), [44](#), [46](#), [48](#), [58](#), [65](#), [76](#), [80](#), [83](#), [86](#), [88](#), [89](#), [95](#), [96](#), [100](#), [123](#), [124](#), [126](#), [130](#), [131](#), [135](#), [139](#), [144](#), [159](#), [164](#), [165](#), [168](#), [172](#), [177](#), [184](#), [189](#), [195](#), [200](#), [205](#), [206](#), [207](#), [211](#), [236](#), [237](#), [241](#), [250](#), [255](#), [259](#), [264](#), [270](#), [272](#), [280](#), [292](#), [293](#), [296](#), [299](#), [322](#), [323](#), [324](#), [325](#), [326](#), [327](#), [330](#), [331](#), [334](#), [335](#), [336](#), [337](#), [342](#), [343](#), [344](#), [346](#), [348](#), [351](#), [352](#), [353](#), [354](#), [355](#), [356](#), [358](#), [359](#), [361](#), [364](#), [366](#), [368](#), [371](#), [372](#), [376](#), [377](#), [378](#), [379](#), [382](#), [385](#), [386](#), [390](#), [395](#), [396](#), [398](#), [399](#), [401](#), [405](#), [410](#), [411](#), [415](#), [417](#), [418](#), [420](#), [424](#), [426](#), [437](#), [438](#), [439](#), [446](#), [450](#), [451](#), [455](#)

inocência [51](#), [59](#), [102](#), [116](#), [151](#), [158](#), [177](#), [178](#), [180](#), [181](#), [257](#), [264](#), [419](#)

inocência e ignorância [59](#), [102](#), [151](#), [178](#), [257](#)

Inocência III [246](#), [247](#)

inocentes e ignorantes [184](#)

Isaías [98](#), [242](#), [282](#), [295](#), [314](#), [360](#), [362](#), [363](#), [364](#), [390](#), [409](#), [410](#), [411](#), [413](#), [422](#)

Israel [295](#), [296](#), [297](#), [307](#), [308](#), [366](#), [367](#), [370](#), [374](#), [375](#), [380](#), [382](#), [414](#), [419](#), [422](#), [447](#), [448](#), [449](#), [453](#), [454](#), [455](#), [458](#)

J

Jacó [132](#), [271](#), [305](#), [324](#), [414](#), [458](#)

Jeová [43](#), [70](#), [242](#)

Jeremias [282](#), [295](#), [296](#), [302](#), [303](#), [314](#), [366](#), [367](#), [368](#), [370](#), [410](#), [411](#), [413](#), [448](#)

Jerusalém [63](#), [140](#), [186](#), [187](#), [233](#), [250](#), [294](#), [296](#), [303](#), [307](#), [318](#), [320](#), [360](#), [391](#), [413](#), [418](#), [444](#), [447](#), [448](#), [452](#)

Jesus [19](#), [20](#), [28](#), [30](#), [31](#), [32](#), [43](#), [46](#), [48](#), [53](#), [55](#), [58](#), [61](#), [62](#), [63](#), [64](#), [65](#), [87](#), [90](#), [94](#), [97](#), [102](#), [104](#), [106](#), [112](#), [118](#), [119](#), [120](#), [121](#), [122](#), [124](#), [127](#), [128](#), [139](#), [140](#), [143](#), [186](#), [187](#), [188](#), [192](#), [194](#), [196](#), [197](#), [198](#), [199](#), [200](#), [202](#), [205](#), [206](#), [207](#), [211](#), [228](#), [237](#), [243](#), [245](#), [248](#), [249](#), [250](#), [251](#), [252](#), [253](#), [254](#), [258](#), [259](#), [260](#), [262](#), [263](#), [265](#), [267](#), [268](#), [272](#), [281](#), [284](#), [291](#), [298](#), [299](#), [300](#), [302](#), [303](#), [306](#), [307](#), [308](#), [314](#), [316](#), [318](#), [319](#), [320](#), [322](#), [323](#), [328](#), [329](#), [331](#), [339](#), [348](#), [349](#), [357](#), [359](#), [363](#), [369](#), [372](#), [373](#), [375](#), [376](#), [378](#), [385](#), [386](#), [387](#), [388](#), [390](#), [391](#), [393](#), [394](#), [395](#), [396](#), [397](#), [398](#), [399](#), [403](#), [411](#), [415](#), [417](#), [426](#), [427](#), [431](#), [432](#), [437](#), [438](#), [439](#), [448](#), [449](#), [456](#), [460](#)

Jó [208](#), [209](#), [282](#), [283](#), [284](#), [285](#), [290](#), [293](#), [295](#), [314](#), [334](#), [342](#), [343](#), [346](#), [354](#), [420](#), [421](#), [444](#)

João [63](#), [212](#), [213](#), [243](#), [249](#), [250](#), [258](#), [262](#), [282](#), [298](#), [299](#), [300](#), [302](#), [303](#), [304](#), [307](#), [308](#), [314](#), [318](#), [319](#), [339](#), [385](#), [393](#), [394](#), [395](#), [435](#), [436](#), [438](#), [445](#), [448](#)

João Batista [63](#), [258](#), [298](#), [299](#), [300](#), [302](#), [303](#), [308](#), [445](#), [448](#)

João Huss [212](#), [213](#)

João Raynaud [339](#)

Joel [140](#), [250](#), [265](#), [426](#)

Jonas [382](#), [383](#)

J.Rose [210](#)

Judá [296](#), [447](#)

Judas [393](#), [394](#), [456](#)

judeu [197](#), [271](#)

judeus [143](#), [208](#), [258](#), [271](#), [303](#), [307](#), [343](#), [430](#), [448](#), [449](#), [460](#)

juízo final [44](#), [130](#), [131](#), [134](#)

juízo final [57](#), [58](#), [130](#), [131](#), [132](#), [133](#), [152](#), [173](#), [176](#), [177](#), [202](#), [272](#)

K

Kant [370](#)

L

Laplace [195](#), [196](#)

larva [59](#), [82](#), [132](#), [158](#), [160](#), [176](#)

larvas [162](#)

Leão XIII [261](#), [263](#), [264](#)

lei da graça [355](#)

lei da identidade das condições [153](#)

lei da identidade original das condições [153](#)
 lei da salvação [304](#), [334](#), [372](#), [413](#)
 lei das penas e recompensas [151](#)
 lei das reencarnações [50](#), [326](#)
 lei das vidas sucessivas [313](#), [363](#)
 lei de Deus [46](#), [56](#), [61](#), [140](#), [303](#), [316](#), [324](#), [377](#), [405](#)
 lei do amor [106](#)
 lei do amor e da caridade [106](#)
 lei do Bem [281](#)
 lei do nada [192](#)
 lei do perdão [100](#), [331](#), [372](#)
 lei do progresso [72](#), [93](#), [99](#), [159](#), [179](#), [181](#), [399](#)
 lei natural [112](#), [232](#), [262](#), [300](#), [340](#)
 leis de Deus [299](#)
 leis naturais [111](#), [219](#), [231](#), [233](#), [300](#), [340](#)
 Lérica [358](#)
 liberdade [24](#), [25](#), [26](#), [37](#), [55](#), [59](#), [94](#), [96](#), [99](#), [102](#), [103](#), [128](#), [132](#), [153](#),
[155](#), [162](#), [163](#), [164](#), [165](#), [166](#), [167](#), [173](#), [174](#), [175](#), [178](#), [186](#), [187](#), [188](#),
[257](#), [281](#), [309](#), [324](#), [357](#), [376](#), [416](#)
 liberdade de cultos [187](#)
 liberdade de pensamento [186](#), [187](#)
 Lincoln [35](#)
 linha reta [180](#), [181](#)
 Littré [220](#)
 livre-arbítrio [55](#), [83](#), [119](#), [120](#), [127](#), [128](#), [161](#), [180](#), [257](#), [382](#)
 loucura [21](#), [38](#), [39](#), [50](#), [81](#), [218](#), [219](#), [221](#), [279](#), [362](#), [394](#)
 Lucas [192](#), [385](#), [386](#), [387](#), [390](#), [426](#), [427](#)
 Luiz XV [288](#)

M

mãe de S. Pedro [130](#)
 magia [235](#), [237](#), [240](#), [288](#)
 magnetismo [106](#), [107](#), [212](#), [213](#), [214](#), [217](#), [236](#), [287](#)
 magnetismo animal [212](#)

Mal [23](#), [24](#), [42](#), [43](#), [44](#), [69](#), [91](#), [93](#), [96](#), [97](#), [98](#), [100](#), [103](#), [106](#), [112](#), [119](#), [120](#), [121](#), [122](#), [127](#), [136](#), [145](#), [154](#), [164](#), [165](#), [171](#), [175](#), [176](#), [177](#), [178](#), [179](#), [180](#), [181](#), [184](#), [194](#), [196](#), [199](#), [205](#), [207](#), [209](#), [228](#), [229](#), [230](#), [260](#), [273](#), [279](#), [280](#), [323](#), [324](#), [335](#), [336](#), [347](#), [356](#), [359](#), [385](#), [389](#), [391](#), [394](#), [403](#), [406](#), [414](#), [428](#), [435](#)

Malaquias [282](#), [295](#), [297](#), [298](#), [314](#)

maometano [125](#), [197](#), [271](#)

Marcos [385](#)

Maria [94](#), [241](#), [270](#), [356](#), [358](#)

Maria Santíssima [358](#)

masdeísta [125](#), [197](#)

matéria [30](#), [35](#), [38](#), [46](#), [58](#), [59](#), [63](#), [72](#), [76](#), [81](#), [83](#), [110](#), [113](#), [126](#), [133](#), [141](#), [142](#), [148](#), [168](#), [186](#), [210](#), [214](#), [216](#), [235](#), [236](#), [239](#), [240](#), [241](#), [246](#), [253](#), [254](#), [263](#), [278](#), [283](#), [289](#), [320](#), [341](#), [352](#), [379](#), [395](#), [413](#), [431](#)

matéria cósmica [58](#), [141](#), [142](#)

materialismo [38](#), [191](#), [192](#), [200](#), [210](#), [211](#), [214](#), [215](#), [220](#), [221](#), [247](#), [251](#), [253](#), [254](#), [261](#), [263](#), [264](#), [343](#), [353](#), [371](#)

materialista [39](#), [40](#), [42](#), [49](#), [108](#), [190](#), [191](#), [192](#), [193](#), [221](#), [254](#), [263](#), [264](#), [341](#), [390](#)

materialistas [38](#), [42](#), [111](#), [112](#), [251](#), [264](#), [390](#)

Mateus [98](#), [192](#), [243](#), [258](#), [262](#), [271](#), [282](#), [298](#), [300](#), [302](#), [303](#), [304](#), [314](#), [385](#), [390](#), [391](#)

mediador plástico [245](#)

médium [36](#), [39](#), [40](#), [51](#), [107](#), [108](#), [112](#), [113](#), [191](#), [214](#), [215](#), [216](#), [217](#), [236](#), [266](#)

médium de efeitos físicos [217](#)

médium psicógrafo [40](#)

médium sonambúlico [107](#)

médium vidente [39](#), [40](#), [107](#), [191](#), [217](#)

mediunidade [95](#), [106](#), [107](#), [108](#), [110](#), [111](#), [112](#), [203](#), [204](#), [228](#), [288](#), [355](#)

mediunidade curadora [203](#), [204](#), [355](#)

mediunidade de curar [112](#)

mediunidade receitista [106](#), [108](#), [110](#)

médiuns psicógrafos [39](#)

médiuns receitistas [107](#)

M.Edom [208](#)

Mesmer [212](#)

- mesmerismo [212](#), [213](#), [235](#), [236](#)
messias científicos [147](#), [196](#)
messias divinos [146](#)
Mestre [62](#), [63](#), [104](#), [140](#), [186](#), [187](#), [192](#), [254](#), [267](#), [299](#), [303](#), [304](#), [308](#), [319](#), [368](#), [373](#), [375](#), [389](#), [391](#), [427](#), [437](#), [444](#), [448](#)
milagre [111](#), [112](#), [252](#)
milagres [110](#), [111](#), [212](#), [252](#), [258](#), [307](#), [320](#), [340](#), [427](#), [449](#), [460](#)
Miqueias [383](#)
misericórdia [119](#), [128](#), [134](#), [135](#), [147](#), [155](#), [156](#), [164](#), [169](#), [185](#), [199](#), [205](#), [276](#), [281](#), [284](#), [291](#), [292](#), [293](#), [296](#), [311](#), [314](#), [315](#), [318](#), [334](#), [336](#), [347](#), [348](#), [351](#), [352](#), [354](#), [356](#), [358](#), [360](#), [364](#), [367](#), [368](#), [381](#), [384](#), [387](#), [389](#), [397](#), [414](#), [415](#), [416](#), [418](#), [446](#), [447](#), [451](#), [452](#), [453](#), [458](#)
Mísia [431](#), [460](#)
mitologia [196](#), [228](#), [244](#)
Moisés [28](#), [31](#), [32](#), [43](#), [55](#), [64](#), [65](#), [66](#), [67](#), [68](#), [69](#), [70](#), [71](#), [73](#), [75](#), [86](#), [87](#), [90](#), [91](#), [92](#), [99](#), [114](#), [120](#), [139](#), [140](#), [143](#), [146](#), [148](#), [200](#), [236](#), [239](#), [242](#), [246](#), [256](#), [291](#), [302](#), [311](#), [314](#), [328](#), [339](#), [363](#)
Molleschott [220](#)
monte Gerizim [140](#), [186](#), [187](#), [318](#), [320](#), [444](#)
morte eterna [44](#), [152](#), [264](#), [275](#), [323](#), [346](#), [350](#), [378](#)
Mosaísmo [301](#), [413](#)
mundo [19](#), [20](#), [25](#), [28](#), [31](#), [32](#), [35](#), [36](#), [37](#), [38](#), [42](#), [44](#), [47](#), [50](#), [57](#), [58](#), [61](#), [65](#), [66](#), [69](#), [70](#), [75](#), [80](#), [82](#), [86](#), [87](#), [88](#), [89](#), [92](#), [95](#), [96](#), [98](#), [99](#), [104](#), [108](#), [110](#), [111](#), [118](#), [124](#), [127](#), [130](#), [134](#), [137](#), [139](#), [141](#), [143](#), [144](#), [145](#), [146](#), [148](#), [149](#), [150](#), [160](#), [163](#), [172](#), [174](#), [177](#), [180](#), [185](#), [188](#), [190](#), [192](#), [194](#), [195](#), [198](#), [202](#), [203](#), [213](#), [219](#), [220](#), [221](#), [223](#), [227](#), [230](#), [232](#), [243](#), [246](#), [250](#), [263](#), [265](#), [266](#), [268](#), [272](#), [279](#), [280](#), [288](#), [291](#), [292](#), [293](#), [300](#), [301](#), [308](#), [312](#), [314](#), [319](#), [323](#), [329](#), [330](#), [331](#), [336](#), [338](#), [340](#), [349](#), [359](#), [363](#), [368](#), [375](#), [387](#), [399](#), [411](#), [413](#), [418](#), [425](#), [437](#), [439](#), [444](#), [445](#)
mundos [23](#), [58](#), [76](#), [77](#), [103](#), [141](#), [142](#), [143](#), [144](#), [145](#), [146](#), [147](#), [148](#), [149](#), [150](#), [158](#), [159](#), [160](#), [164](#), [171](#), [172](#), [174](#), [180](#), [183](#), [184](#), [195](#), [292](#), [295](#), [296](#), [304](#)
mundos de gozo e de bem-aventurança [164](#)
mundos de iniciação [158](#), [159](#)
mundos Purgatórios [77](#), [159](#)

N

- Newton [195](#), [279](#)
Nicodemos [63](#), [243](#), [307](#), [308](#), [449](#)

nigromancia [110](#), [240](#), [243](#)
niilismo [229](#)
Nínive [383](#), [455](#)
nirvana [53](#), [229](#)
nova revelação [30](#), [31](#), [63](#), [66](#), [90](#), [95](#), [97](#), [139](#), [140](#), [188](#), [200](#), [225](#),
[249](#), [250](#), [264](#), [297](#), [306](#), [314](#), [320](#), [324](#), [348](#), [355](#), [387](#), [397](#), [399](#), [413](#)
Novo Testamento [98](#), [123](#), [314](#), [385](#), [398](#), [411](#), [413](#), [417](#), [437](#)

O

Onipotente [32](#), [44](#), [53](#), [66](#), [69](#), [70](#), [72](#), [76](#), [77](#), [85](#), [123](#), [141](#), [155](#),
[164](#), [183](#), [195](#), [299](#), [300](#), [348](#), [391](#), [406](#)

P

padre [95](#), [190](#), [192](#), [193](#), [210](#), [235](#), [237](#), [239](#), [246](#), [248](#), [266](#), [267](#),
[268](#), [282](#), [292](#), [306](#), [359](#), [381](#), [382](#), [399](#), [407](#), [413](#), [421](#), [422](#), [427](#), [430](#),
[434](#)
padres [108](#), [195](#), [210](#), [268](#), [282](#), [294](#), [297](#), [361](#), [387](#), [418](#), [422](#), [425](#),
[426](#), [427](#), [429](#), [430](#), [433](#), [437](#), [439](#), [445](#)
padre Scio [359](#), [421](#), [422](#)
paganismo [43](#), [86](#)
Palestina [208](#), [296](#)
panteísmo [73](#)
papa [187](#), [195](#), [264](#), [313](#), [411](#)
papado [124](#), [250](#), [262](#)
Papa Leão XIII [261](#)
parábola [385](#), [386](#), [390](#)
Parábola da Cizânia [259](#)
Parábola do Filho Pródigo [155](#), [211](#)
Paraíso [76](#), [206](#)
Paulo [167](#), [246](#), [256](#), [271](#), [282](#), [291](#), [310](#), [311](#), [314](#), [332](#), [414](#), [415](#),
[416](#), [431](#), [433](#), [434](#), [435](#), [438](#)
pecado [27](#), [58](#), [92](#), [99](#), [100](#), [114](#), [115](#), [116](#), [118](#), [119](#), [120](#), [121](#), [122](#),
[123](#), [126](#), [211](#), [346](#), [368](#), [403](#), [410](#), [415](#), [420](#), [425](#), [429](#), [457](#)
pecado original [27](#), [58](#), [99](#), [114](#), [115](#), [116](#), [118](#), [120](#), [122](#), [123](#), [126](#),
[415](#)
pecador [100](#), [211](#), [267](#), [291](#), [292](#), [296](#), [323](#), [335](#), [368](#), [370](#), [372](#), [414](#)

pecados [58](#), [118](#), [120](#), [167](#), [267](#), [268](#), [311](#), [312](#), [323](#), [343](#), [347](#), [360](#), [370](#), [379](#), [383](#), [410](#), [451](#), [452](#), [455](#)

Pedro [94](#), [95](#), [98](#), [130](#), [196](#), [198](#), [208](#), [282](#), [391](#), [430](#), [431](#), [456](#), [460](#)

Pelletan [241](#), [340](#)

penas corretivas [76](#), [99](#)

penas eternas [44](#), [46](#), [48](#), [63](#), [76](#), [100](#), [123](#), [124](#), [139](#), [152](#), [164](#), [168](#), [205](#), [206](#), [210](#), [242](#), [251](#), [259](#), [264](#), [272](#), [300](#), [309](#), [323](#), [325](#), [326](#), [328](#), [329](#), [330](#), [342](#), [343](#), [344](#), [345](#), [346](#), [347](#), [348](#), [351](#), [352](#), [355](#), [363](#), [364](#), [366](#), [367](#), [368](#), [371](#), [375](#), [376](#), [377](#), [378](#), [382](#), [385](#), [386](#), [390](#), [397](#), [398](#), [399](#), [401](#), [405](#), [411](#), [413](#), [417](#), [437](#), [438](#)

penas temporárias [48](#), [251](#), [255](#), [273](#), [344](#), [345](#), [350](#), [354](#), [364](#), [397](#), [415](#)

perdão [100](#), [104](#), [266](#), [267](#), [268](#), [288](#), [314](#), [323](#), [331](#), [355](#), [356](#), [359](#), [360](#), [361](#), [366](#), [367](#), [368](#), [370](#), [372](#), [375](#), [383](#), [414](#), [415](#)

perdição [27](#), [93](#), [128](#), [192](#), [193](#), [276](#), [334](#), [401](#), [402](#), [403](#), [415](#), [425](#), [426](#), [438](#)

perfectibilidade [19](#), [23](#), [24](#), [28](#), [30](#), [31](#), [32](#), [59](#), [62](#), [65](#), [102](#), [137](#), [139](#), [143](#), [147](#), [150](#), [156](#), [157](#), [158](#), [159](#), [160](#), [162](#), [163](#), [170](#), [171](#), [172](#), [178](#), [179](#), [184](#), [196](#), [234](#), [241](#), [255](#), [259](#), [262](#), [264](#), [273](#), [291](#), [326](#), [336](#), [340](#), [406](#), [413](#), [425](#), [440](#)

perfectibilidade humana [19](#), [23](#), [28](#), [31](#), [32](#), [59](#), [65](#), [143](#), [156](#), [157](#), [162](#), [163](#), [170](#), [171](#), [196](#), [241](#), [262](#), [264](#), [291](#), [326](#), [413](#), [425](#)

perfeição [23](#), [24](#), [27](#), [30](#), [32](#), [33](#), [58](#), [59](#), [77](#), [90](#), [93](#), [96](#), [99](#), [102](#), [103](#), [124](#), [131](#), [136](#), [138](#), [141](#), [150](#), [154](#), [156](#), [162](#), [163](#), [168](#), [172](#), [176](#), [184](#), [185](#), [196](#), [207](#), [210](#), [225](#), [227](#), [228](#), [229](#), [241](#), [251](#), [284](#), [331](#), [336](#), [406](#), [419](#)

perispirito [239](#), [240](#), [243](#), [245](#), [246](#), [256](#), [445](#)

Pezzani [280](#)

Pinheiro Chagas [231](#), [233](#)

Pio IX [247](#), [308](#), [355](#), [429](#)

pirronismo [38](#)

Pitágoras [339](#)

planeta [23](#), [66](#), [72](#), [75](#), [79](#), [88](#), [125](#), [143](#), [145](#), [148](#), [160](#), [304](#), [362](#), [375](#)

planetas [59](#), [71](#), [142](#), [144](#)

Platão [173](#), [339](#)

pluralidade das existências [24](#), [30](#), [48](#), [280](#), [282](#), [290](#), [291](#), [298](#), [300](#), [302](#), [307](#), [308](#), [310](#), [320](#), [437](#)

pluralidade de existências [31](#), [34](#), [41](#), [50](#), [76](#), [145](#), [154](#), [200](#), [211](#), [212](#), [255](#), [282](#), [285](#), [292](#), [295](#), [298](#), [304](#), [306](#), [315](#), [316](#), [320](#), [321](#), [375](#), [376](#), [397](#), [403](#)

pluralidade de mundos [145](#), [148](#), [304](#)

pluralidade de mundos habitados [145](#), [304](#)

pluralidade dos mundos habitados [145](#), [295](#), [304](#)

possessão [333](#)

possessos [22](#), [43](#), [235](#), [331](#), [333](#), [372](#), [389](#)

Precursor [300](#), [303](#)

preexistência [23](#), [26](#)

princípio da vida única [25](#), [31](#), [54](#), [320](#)

princípio do progresso universal [407](#)

profetisa de Endor [95](#)

progressividade da revelação [30](#), [262](#), [311](#)

progresso [23](#), [25](#), [31](#), [32](#), [49](#), [53](#), [59](#), [62](#), [63](#), [64](#), [69](#), [70](#), [72](#), [75](#), [76](#), [77](#), [80](#), [82](#), [86](#), [92](#), [93](#), [99](#), [103](#), [120](#), [125](#), [146](#), [150](#), [155](#), [156](#), [158](#), [159](#), [163](#), [168](#), [171](#), [174](#), [175](#), [179](#), [181](#), [185](#), [194](#), [196](#), [200](#), [210](#), [212](#), [223](#), [241](#), [249](#), [250](#), [253](#), [255](#), [261](#), [262](#), [272](#), [279](#), [304](#), [305](#), [306](#), [318](#), [319](#), [320](#), [329](#), [330](#), [331](#), [335](#), [336](#), [340](#), [348](#), [375](#), [395](#), [399](#), [402](#), [407](#), [425](#), [431](#)

Prometeu [355](#)

prova [19](#), [23](#), [25](#), [26](#), [27](#), [28](#), [30](#), [34](#), [36](#), [37](#), [38](#), [39](#), [40](#), [41](#), [42](#), [43](#), [46](#), [48](#), [50](#), [51](#), [52](#), [54](#), [72](#), [77](#), [78](#), [79](#), [99](#), [103](#), [107](#), [108](#), [112](#), [116](#), [130](#), [142](#), [150](#), [167](#), [185](#), [190](#), [193](#), [202](#), [209](#), [213](#), [214](#), [217](#), [218](#), [222](#), [224](#), [235](#), [239](#), [240](#), [241](#), [243](#), [250](#), [251](#), [258](#), [268](#), [280](#), [283](#), [289](#), [298](#), [299](#), [300](#), [303](#), [304](#), [306](#), [309](#), [320](#), [327](#), [364](#), [368](#), [370](#), [371](#), [372](#), [378](#), [384](#), [401](#), [413](#), [414](#), [417](#), [419](#), [421](#), [422](#), [423](#), [436](#)

prova experimental [30](#), [36](#), [37](#), [43](#), [48](#), [50](#), [108](#), [142](#), [190](#), [193](#), [202](#), [218](#), [251](#)

prova material [19](#), [39](#), [40](#), [112](#), [384](#)

provas [21](#), [27](#), [28](#), [30](#), [34](#), [42](#), [49](#), [50](#), [51](#), [58](#), [59](#), [60](#), [82](#), [103](#), [107](#), [109](#), [111](#), [140](#), [151](#), [166](#), [167](#), [173](#), [174](#), [177](#), [180](#), [183](#), [185](#), [190](#), [192](#), [207](#), [215](#), [218](#), [220](#), [221](#), [228](#), [237](#), [241](#), [248](#), [282](#), [283](#), [289](#), [300](#), [309](#), [315](#), [336](#), [341](#), [346](#), [355](#), [387](#), [398](#), [405](#), [414](#), [417](#), [424](#), [425](#), [429](#), [430](#), [438](#), [440](#)

provas experimentais [21](#), [34](#), [111](#), [190](#), [220](#), [341](#), [355](#)

Providência [32](#)

Purgatório [42](#), [76](#), [77](#), [159](#), [164](#), [236](#), [237](#), [241](#), [255](#), [292](#), [331](#), [332](#), [336](#), [342](#), [344](#), [390](#), [418](#), [420](#), [424](#), [426](#)

purificação [82](#), [156](#), [172](#), [182](#), [254](#), [308](#), [415](#)

Q

queda [58](#), [91](#), [92](#), [93](#), [98](#), [99](#), [180](#), [229](#), [339](#), [364](#)

queda do homem [91](#), [92](#)

R

raça adamita [79](#), [80](#), [88](#), [89](#), [92](#), [293](#)

racionalismo [194](#), [262](#)

Ramalho Ortigão [35](#)

Rambaud [286](#)

razão [21](#), [23](#), [27](#), [28](#), [31](#), [32](#), [33](#), [35](#), [36](#), [37](#), [47](#), [51](#), [53](#), [54](#), [55](#), [56](#), [64](#), [66](#), [70](#), [74](#), [80](#), [83](#), [86](#), [89](#), [90](#), [92](#), [94](#), [99](#), [100](#), [108](#), [110](#), [114](#), [116](#), [122](#), [123](#), [126](#), [127](#), [132](#), [133](#), [137](#), [138](#), [142](#), [143](#), [144](#), [145](#), [146](#), [149](#), [150](#), [152](#), [153](#), [154](#), [156](#), [163](#), [164](#), [171](#), [172](#), [174](#), [178](#), [179](#), [180](#), [181](#), [185](#), [194](#), [195](#), [196](#), [198](#), [199](#), [200](#), [202](#), [209](#), [218](#), [219](#), [220](#), [221](#), [223](#), [224](#), [226](#), [227](#), [228](#), [229](#), [231](#), [232](#), [236](#), [239](#), [251](#), [259](#), [261](#), [262](#), [263](#), [264](#), [268](#), [272](#), [275](#), [279](#), [285](#), [286](#), [287](#), [293](#), [306](#), [311](#), [312](#), [314](#), [315](#), [316](#), [319](#), [320](#), [324](#), [327](#), [330](#), [332](#), [336](#), [343](#), [345](#), [347](#), [348](#), [353](#), [354](#), [355](#), [362](#), [364](#), [371](#), [376](#), [378](#), [379](#), [380](#), [381](#), [382](#), [386](#), [387](#), [390](#), [394](#), [397](#), [402](#), [411](#), [413](#), [417](#), [418](#), [419](#), [421](#), [422](#), [430](#), [438](#), [439](#)

redenção [119](#), [120](#), [126](#), [127](#), [128](#), [312](#), [313](#), [356](#), [357](#), [358](#), [383](#)

Redentor [32](#), [90](#), [102](#), [104](#), [106](#), [119](#), [140](#), [187](#), [199](#), [246](#), [250](#), [284](#), [299](#), [310](#), [312](#), [318](#), [322](#), [387](#), [391](#), [446](#)

reencarnação [34](#), [143](#), [168](#), [212](#), [283](#), [284](#), [292](#), [296](#), [297](#), [299](#), [302](#), [303](#)

religião [32](#), [42](#), [63](#), [81](#), [82](#), [86](#), [143](#), [186](#), [188](#), [194](#), [195](#), [196](#), [197](#), [198](#), [200](#), [202](#), [203](#), [206](#), [210](#), [233](#), [250](#), [253](#), [261](#), [263](#), [264](#), [270](#), [271](#), [279](#), [300](#), [304](#), [322](#), [351](#), [398](#), [402](#)

religião cristã [82](#), [197](#), [263](#), [270](#), [322](#)

remorso [342](#), [417](#)

remorsos [266](#)

reparação [28](#), [99](#), [114](#), [228](#), [342](#), [403](#)

revelação [348](#)

revelação abramica [104](#)

revelação científica [66](#), [149](#)

revelação da revelação [322](#)

revelação das revelações [389](#)

revelação divina [75](#), [104](#), [249](#), [301](#)

revelação espírita [66](#), [76](#), [140](#), [174](#), [280](#), [282](#), [284](#), [363](#), [381](#), [394](#), [397](#), [430](#)

revelação messiânica [30](#), [118](#), [149](#), [199](#), [200](#), [314](#)

Robert Houdin [288](#)

Roma [114](#), [187](#), [195](#), [244](#), [246](#), [250](#), [253](#), [254](#), [255](#), [264](#), [270](#), [271](#), [272](#), [273](#), [282](#), [294](#), [307](#), [308](#), [311](#), [331](#), [355](#), [356](#), [357](#), [358](#), [359](#), [371](#), [372](#), [374](#), [376](#), [379](#), [381](#), [382](#), [385](#), [387](#), [389](#), [394](#), [397](#), [398](#), [399](#), [402](#), [403](#), [410](#), [411](#), [413](#), [417](#), [438](#)

Roma e o Evangelho [253](#), [255](#), [270](#), [271](#), [272](#), [282](#), [355](#), [356](#), [358](#), [359](#)

S

sacerdócio hebreu [95](#), [105](#), [140](#), [187](#), [188](#), [199](#), [207](#), [237](#), [250](#), [264](#), [294](#), [316](#), [320](#)

Salmos [282](#), [290](#), [291](#), [292](#), [293](#), [295](#), [314](#), [342](#), [343](#), [344](#), [346](#), [347](#), [350](#), [351](#), [352](#), [354](#), [403](#), [405](#), [406](#), [413](#)

Salomão [194](#), [355](#)

salvação [28](#), [58](#), [106](#), [118](#), [120](#), [122](#), [123](#), [124](#), [125](#), [128](#), [151](#), [174](#), [194](#), [196](#), [205](#), [249](#), [253](#), [261](#), [263](#), [264](#), [275](#), [276](#), [304](#), [307](#), [311](#), [312](#), [313](#), [321](#), [331](#), [332](#), [334](#), [343](#), [344](#), [345](#), [347](#), [355](#), [359](#), [364](#), [372](#), [374](#), [375](#), [376](#), [379](#), [385](#), [390](#), [399](#), [401](#), [402](#), [403](#), [405](#), [406](#), [407](#), [409](#), [410](#), [411](#), [413](#), [414](#), [415](#), [417](#), [437](#), [439](#)

salvação universal [275](#), [276](#), [334](#), [343](#), [347](#), [355](#), [372](#), [376](#), [379](#), [385](#), [390](#), [399](#), [401](#), [402](#), [403](#), [405](#), [406](#), [407](#), [410](#), [411](#), [413](#), [414](#), [415](#), [417](#), [437](#), [439](#)

Samaria [186](#)

samaritana [186](#), [188](#)

Samuel [95](#), [236](#), [237](#), [327](#), [421](#), [459](#)

Santíssima Virgem [356](#)

santo [32](#), [33](#), [140](#), [163](#), [167](#), [170](#), [233](#), [290](#), [308](#), [318](#), [334](#), [342](#), [343](#), [366](#), [367](#), [371](#), [389](#), [394](#), [401](#), [407](#), [423](#), [431](#), [450](#), [453](#), [459](#)

Santo Agostinho [180](#), [243](#), [261](#)

Satanás [44](#), [95](#), [96](#), [97](#), [106](#), [112](#), [167](#), [192](#), [194](#), [196](#), [197](#), [205](#), [206](#), [207](#), [208](#), [209](#), [248](#), [259](#), [279](#), [281](#), [316](#), [322](#), [332](#), [336](#), [337](#), [359](#), [363](#), [391](#), [393](#), [418](#), [419](#), [420](#), [427](#), [429](#), [430](#), [432](#), [433](#), [434](#), [435](#), [437](#), [444](#), [456](#)

Saturno [355](#)

Saul [95](#), [236](#), [237](#), [421](#)

Schutz [242](#)

simples e ignorantes [177](#)
 Sinai [311](#)
 Sistema Solar [66](#), [142](#)
 S. Jerônimo [167](#), [331](#), [343](#)
 S. João [250](#), [303](#), [304](#), [307](#), [314](#), [318](#), [319](#), [393](#), [394](#), [395](#)
 S. Lucas [385](#), [387](#), [390](#), [426](#)
 S. Mateus [258](#), [271](#), [300](#), [302](#), [303](#), [314](#), [390](#), [391](#)
 sobrenatural [231](#), [233](#), [251](#)
 Sociedade Dialética de Londres [21](#)
 Sócrates [25](#), [152](#), [159](#), [279](#)
 Sodoma [168](#)
 sofrimento [58](#), [91](#), [99](#), [179](#), [207](#), [228](#), [230](#), [254](#), [305](#), [335](#), [391](#)
 sofrimentos [47](#), [58](#), [76](#), [83](#), [108](#), [116](#), [126](#), [134](#), [136](#), [164](#), [175](#), [180](#),
[182](#), [206](#), [247](#), [266](#), [271](#), [283](#), [322](#), [326](#), [331](#), [336](#), [343](#), [367](#), [376](#), [395](#)
 sonambulismo [214](#), [287](#)
 sonâmbulo espírita [216](#)
 sonâmbulo hipnótico [216](#)
 sono magnético [214](#)
 S. Paulo [246](#), [256](#), [271](#), [291](#), [310](#), [311](#), [314](#), [414](#), [415](#), [416](#)
 S. Pedro [130](#), [196](#), [198](#), [430](#), [460](#)
 substância [219](#), [239](#), [240](#), [245](#), [246](#), [256](#), [331](#)
 sugestão [85](#), [93](#), [217](#), [218](#), [248](#), [287](#)
 sugestão hipnótica [217](#)
 suicídio [51](#), [83](#)

T

Talmude [42](#), [62](#)
 tentação [91](#), [92](#), [93](#), [391](#), [393](#), [427](#)
 Terra [23](#), [24](#), [28](#), [33](#), [37](#), [46](#), [47](#), [53](#), [57](#), [58](#), [59](#), [61](#), [64](#), [66](#), [75](#), [76](#),
[77](#), [79](#), [80](#), [82](#), [88](#), [89](#), [91](#), [92](#), [95](#), [98](#), [102](#), [103](#), [104](#), [112](#), [116](#), [118](#),
[124](#), [128](#), [130](#), [134](#), [139](#), [142](#), [144](#), [145](#), [146](#), [148](#), [149](#), [154](#), [155](#), [159](#),
[160](#), [163](#), [166](#), [167](#), [168](#), [170](#), [171](#), [172](#), [174](#), [183](#), [184](#), [188](#), [194](#), [195](#),
[199](#), [206](#), [208](#), [218](#), [219](#), [223](#), [225](#), [233](#), [235](#), [242](#), [255](#), [257](#), [259](#), [262](#),
[267](#), [274](#), [275](#), [278](#), [279](#), [283](#), [292](#), [293](#), [294](#), [295](#), [296](#), [297](#), [298](#), [300](#),
[304](#), [305](#), [306](#), [311](#), [316](#), [322](#), [328](#), [336](#), [355](#), [362](#), [363](#), [364](#), [375](#), [376](#),
[387](#), [394](#), [395](#), [397](#), [399](#), [402](#), [403](#), [409](#), [411](#), [417](#), [419](#), [422](#), [425](#), [426](#),
[440](#), [444](#), [445](#), [457](#)
 Titãs [398](#)

Tobias [282](#), [330](#), [331](#), [332](#), [334](#), [343](#), [346](#), [354](#), [418](#), [419](#), [421](#), [450](#), [458](#)

Torricelli [279](#)

U

ultramontanos [112](#)

Universidade da Pensilvânia [20](#)

Universo [27](#), [56](#), [57](#), [65](#), [66](#), [67](#), [68](#), [69](#), [70](#), [72](#), [73](#), [77](#), [86](#), [136](#), [141](#), [142](#), [143](#), [144](#), [149](#), [152](#), [180](#), [183](#), [227](#), [231](#), [248](#), [252](#), [280](#), [304](#), [371](#), [399](#)

V

vaidade [192](#), [194](#), [288](#), [291](#), [444](#), [446](#)

Velho Testamento [87](#), [282](#), [301](#), [314](#), [346](#), [385](#), [398](#), [413](#)

Verbo [61](#), [272](#)

Verdade [61](#), [105](#), [188](#), [199](#), [225](#), [227](#), [228](#), [229](#), [237](#), [249](#), [314](#), [316](#), [320](#), [323](#), [330](#), [349](#), [418](#), [425](#), [426](#), [429](#), [430](#)

verdades [20](#), [28](#), [31](#), [36](#), [50](#), [65](#), [75](#), [86](#), [95](#), [99](#), [108](#), [120](#), [121](#), [125](#), [128](#), [139](#), [140](#), [147](#), [188](#), [196](#), [197](#), [198](#), [199](#), [200](#), [213](#), [221](#), [224](#), [233](#), [254](#), [255](#), [259](#), [262](#), [263](#), [272](#), [278](#), [288](#), [292](#), [301](#), [311](#), [319](#), [320](#), [327](#), [331](#), [342](#), [343](#), [348](#), [378](#), [390](#), [411](#), [418](#), [433](#), [437](#), [439](#), [444](#)

Vesúvio [81](#)

Victor Hugo [35](#), [241](#), [339](#), [362](#)

Victorien Sardou [286](#), [339](#)

vida corpórea [35](#), [82](#), [83](#), [89](#), [103](#), [223](#), [242](#), [309](#), [326](#), [336](#), [347](#), [351](#), [360](#), [366](#), [372](#), [375](#), [376](#), [383](#), [397](#), [414](#)

vidas corpóreas [48](#)

vidas múltiplas [23](#), [25](#), [26](#), [27](#), [28](#), [32](#), [57](#), [62](#), [243](#), [251](#), [259](#), [279](#), [303](#), [309](#), [312](#), [315](#), [322](#), [324](#), [326](#), [397](#)

vidas sucessivas [23](#), [25](#), [28](#), [48](#), [54](#), [124](#), [168](#), [227](#), [228](#), [241](#), [302](#), [303](#), [313](#), [326](#), [347](#), [363](#), [364](#), [379](#), [410](#)

vidência [216](#)

virtude [23](#), [24](#), [46](#), [47](#), [53](#), [59](#), [77](#), [90](#), [93](#), [102](#), [104](#), [120](#), [128](#), [136](#), [145](#), [154](#), [156](#), [163](#), [170](#), [172](#), [181](#), [184](#), [185](#), [196](#), [197](#), [228](#), [229](#), [241](#), [251](#), [254](#), [261](#), [264](#), [271](#), [323](#), [340](#), [357](#)

virtudes [32](#), [143](#), [150](#), [158](#), [172](#), [176](#), [205](#), [223](#), [227](#), [257](#), [323](#), [336](#), [419](#), [437](#)

W

Willian Crookes [35](#), [36](#), [237](#), [339](#)

Z

Zohar [302](#)

Zöllner [35](#), [191](#)

Tabela de Referências Bíblicas

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Jo.16:12	<i>“muitas outras verdades tinha a ensinar-vos, porém, não é oportuno”.</i>	IV	31
Ez. 18:20	<i>“nem o pai responde pelo filho, nem o filho pelo pai, senão cada um por suas próprias obras”.</i>	XXIII	98
Ez. 33:11	<i>“eu não quero a morte do ímpio, senão que ele se converta e venha a mim”.</i>	XXIII	101
Mt. 16:27	<i>“A cada um segundo suas obras”.</i>	XLIII	174
Jo. 4:23	<i>“Tempo virá , disse o Divino Mestre, em que, para se adorar a Deus, não será preciso ir a Jerusalém, nem ao monte Gerizim; mas todos os adorarão no templo de seus corações”.</i>	XLVII	186
Ecl. 1:2	<i>“ vaidade das vaidades; tudo vaidade”.</i>	LXIX	194
Jo. 18:36	<i>“o mundo não é o meu reino”.</i>	L	198
Jó. 1:6-12	<i>“...ora, tendo, um dia os filhos de Deus se apresentado diante do Senhor, também Satanás estava entre eles. “O Senhor disse-lhe: De onde vens? “Ele respondeu: venho de percorrer a Terra toda. “O Senhor perguntou: Não prestastes atenção ao meu servo Jó, que não tem igual sobre a Terra, é um homem simples e reto, temente a Deus e avesso ao mal? “Satanás respondeu ao Senhor: Não protegeste a ele, sua casa, e seus bens? E quanto ele possui não prospera na Terra? Estendei, porém, vossa mão, fazei-a pesar sobre o que é dele e vereis se ele maldirá de vós ou não. “O Senhor respondeu a Satanás: “Vai, dispõe de tudo o que é dele, mas proíbo-te que lhe toques. “E Satanás retirou-se da presença do Senhor”.</i>	LIII	208-209

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Is. 57:16	<i>“Eu não disputarei eternamente com o culpado, e minha cólera não durará sempre”.</i>	LXI	242
Gn. 2:7	<i>“... trazendo consigo o sopro divino (perispírito) o Espírito, que a segue em todas as suas vidas”.</i>	LXI	243
MT. 17:12	<i>“Digo-vos: que Elias já veio - que o mundo não o conheceu - que fez dele o que melhor lhe pareceu”.</i>	LXI	243
Jo. 3:3	<i>“Em verdade vos digo: que ninguém poderá ter o reino de Deus, sem nascer de novo”</i>	LXI	243
Jo. 1:5	<i>“a luz resplandece nas trevas, e as trevas não compreenderam”.</i>	LXII	250
Mt.11: 9-11	<i>“Mas que saístes a ver? Um profeta? Certamente vos digo, é ainda mais o que um profeta, Porque este é de quem está escrito: eis aí envio o meu anjo, ante a tua face... Na verdade vos digo, que entre os nascidos de mulheres não se levantou maior que João Batista...”</i>	LXV	258
SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS (ESTUDO SOBRE A REENCARNAÇÃO NA BÍBLIA)			
Jó 8: 8 e 9	<i>“Pergunta às idades passadas e esquadrinha atentamente as memórias dos padres: porque nós somos de ontem e o ignoramos, porquanto nossos dias passam sobre a Terra como a sombra”</i>	LXXI	282-283
Jó 14:14	<i>“Crer porventura que, morto um homem, tornará a viver? Todos os dias estou esperando a mudança desta milícia em que vivo”.</i>	LXXI	283

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Jó 19: 25 e 26	<i>“Eu sei que vive o meu Redentor – e que no último dia hei de ressuscitar da terra – e de novo hei de ser revestido de minha pele – e, em minha carne, verei a meu Deus”.</i>	LXXI	284
Jó 21:17	<i>“Quantas vezes será apagada a lâmpada dos ímpios – e lhes sobrevirá a inundação, e lhes pungirão as dores de seu furor?”</i>	LXXI	284
Sl. 21: 20 e 21	<i>“Quantas atribulações me hás feito provar – muitas e dolorosas – e me hás feito voltar à vida – e dos abismos da terra outra vez me hás arrancado. Multiplicaste tua magnificência - e eu volto a consolar-me”.</i>	LXXIII	290
Sl. 78: 33 e 34	<i>“E passaram seus dias em vaidade - e seus anos se escoavam rapidamente. Quando o Senhor os matava, eles o buscavam - e volviam - e tornavam a Ele”.</i>	LXXIII	291
Sl. 85: 5 e 6	<i>“Porventura serás sempre irritado contra nós - e estenderás tua ira de geração em geração? “Oh! Deus, tu nos farás volver à vida - e teu povo se alegrará em ti”.</i>	LXXIII	291
Sl. 86:13	<i>“Porque tua misericórdia é imensa para comigo - e arrancaste minha alma do Inferno interior”.</i>	LXXIII	292
Sl. 106:19 e 20	<i>“E clamaram ao Senhor, quando se viram atribulados - e o Senhor os livrou de suas misérias. Disse sua palavra e eles foram curados - e os livrou de suas mortes”.</i>	LXXIII	293

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Ec. 41: 8 e 9	<i>“Ai de vós, homens ímpios, que transgredis as leis do Senhor; Se nascerdes, em maldição nascereis - e se morreres, a maldição será vos-sa herança”</i>	LXXIV	295
Is. 65:17	<i>“Porque é aqui que eu crio novos céus e nova terra, e as causas primárias não ficarão em memória, nem subirão ao coração”.</i>	LXXIV	295
Jr. 17:13	<i>“Esperança de Israel, Senhor: todos os que te abandonam, serão confundidos - os que de ti se retiram, serão escritos sobre a terra”.</i>	LXXIV	295
Jr. 24:6	<i>“E porei sobre eles meus olhos, com misericórdia, e restitui-los-ei a esta terra - e os edificarei, e não os destruirei - e planta-los-ei - e não os arrancarei”.</i>	LXXIV	296
Jr. 30:3	<i>“Porque eis aí vêm os dias, diz o Senhor, e farei que voltem os que hão de voltar do meu povo de Israel e de Judá, diz o Senhor - e fa-los-ei voltar à terra que dei a seus pais - e eles a possuirão”.</i>	LXXIV	296
Jr. 31:9	<i>“Com pranto virão, mas eu, com misericórdia os devolverei”.</i>	LXXIV	296
Jr. 33:7	<i>Eu farei que voltem os que volvem de Judá e de Jerusalém - e os restabelecerei como desde o princípio.</i>	LXXIV	296

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Ez. 37: 12 a 14	<i>“Isto diz o Senhor: povo meu, eis aí vou eu abrir os vossos túmulos - e tirar-vos-ei de vossos sepulcros - e vos introduzirei na terra de Israel. E sabereis que eu sou o Senhor, que tiver eu aberto vossos sepulcros - e vos tiver tirado de vossos túmulos. E tiver infundido meu espírito em vós - e vós tiverdes recobrado a vida, e vos farei repousar sobre vossa terra, e vós sabereis que sou o Senhor, que disse e fiz”.</i>	LXXIV	297
Ml. 3:23	<i>“Enviar-vos-ei o profeta Elias, antes que venha o dia grande e tremendo do Senhor”.</i>	LXXIV	297
Mt. 11:14	<i>“E se quereis saber, ele (João Batista) é aquele Elias, que há de vir”.</i>	LXXV	298
Mt. 16: 13 e 14	<i>“E Jesus questionava seus discípulos, perguntando: quem dizem que é o Filho do homem? E eles responderam: uns dizem que é João Batista - outros que é Elias - e muitos que é Jeremias ou um dos profetas”.</i>	LXXVI	302
Mt. 17: 11-13	<i>“E ele (Jesus) respondeu: Elias com efeito há de vir - e restabelecerá todas as coisas; mas eu digo que ele já veio - e não o conheceram - e fizeram com ele o que bem lhes pareceu, como farão com o Filho do homem. Então compreenderam os discípulos que de João, o Batista, lhes havia falado o Mestre”.</i>	LXXVI	303
Jo. 1: 19 e 21	<i>“E este é o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas a lhe perguntarem: quem tu és? “E lhe perguntaram: és Elias? Ao que ele respondeu: não sou. És o profeta? Ao que responde ainda: não.”</i>	LXXVI	303

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Jo. 14:2	<i>“Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vô-lo teria dito, pois vou a aparelhar-vos o lugar”.</i>	LXXVI	304
Jo. 3: 1-8 e 10	<i>“Havia um homem dos fariseus, chamado Nicodemos, príncipe dos judeus. Veio este a Jesus pela noite e disse-lhe: Rabi (mestre), sabemos que sois enviado de Deus, porque ninguém pode fazer os milagres que fazeis, se Deus não lhe assistir. Jesus respondeu e disse: Em verdade, em verdade te digo, que não verá o reino do Céu, senão aquele que renascer. Nicodemos redarguiu: como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode volver ao ventre de sua mãe e nascer outra vez? Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que não pode entrar no reino de Deus, senão o que renascer da água e do espírito. O que nasce da carne, carne é - e o que nascer do espírito, espírito é. Não te maravilhes porque te digo: é necessário nascer outra vez. Respondeu Nicodemos e disse: Como pode isto dar-se? Respondeu Jesus e disse: Tu és mestre em Israel e ignoras isto?”</i>	LXXVII	307
Ef. 1: 11 e 12	<i>“No qual (Cristo) fomos também chamados por sorte; predestinados segundo o decreto d’Aquele que tudo resolve pelos conselhos da sua vontade. Para que sejamos o motivo do louvor de sua glória nós, que antes havíamos esperado em Cristo”.</i>	LXXVIII	310

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
<i>SOBRE A INEXISTÊNCIA DO INFERNO - DEMÔNIO - PENAS ETERNAS (ESTUDO SOBRE O PRINCÍPIO DA SALVAÇÃO UNIVERSAL)</i>			
1 Sm. 2:6	<i>“O Senhor é o que dá e tira a vida - e o que manda ao Inferno e daí evoca”.</i>	LXXXII	327
To. 13: 1 e 2	<i>“E abrindo a boca, Tobias, o pai, bendisse ao Senhor - e disse: grande sois, Senhor, por todos os séculos e grande teu reino por toda eternidade: Porque tu castigas e salvas - mandas para o Inferno e tiras dele - e ninguém sai debaixo de tua mão.”</i>	LXXXIII	330
Jó 10: 8-10 e 13	<i>“As tuas mãos me fizeram e me formaram todo em roda, e assim de repente me despenhas? Lembra-te, eu to peço, que como barro tu me formaste e que me hás de reduzir a pó. Porventura não me mungiste como leite e como queijo me coalhaste? Ainda que tu escondas estas coisas em teu coração, eu sei todavia que tu te lembras de tudo”.</i>	LXXXIV	334
Jó 14:13	<i>“Quem me dera que tu me encobrisse no Inferno e aí me escondesses até ter passado o teu furor, e que me marcasses o tempo de lembrares de mim?”</i>	LXXXIV	334
Sl. 16: 9 e 10	<i>“Por isso meu coração se alegrou e minha língua cantou cânticos de júbilo e meu corpo descansará na paz. Porque tu não deixarás minha alma no Inferno, nem permitirás que o teu santo experimente corrupção”.</i>	LXXXVI	342

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Sl. 29: 4 e 5	<i>“Senhor, tiraste minha alma do Inferno – tu me salvaste dentre os que descem ao fosso. Porque ele nos fere na sua ira e ele nos dá a vida em sua boa vontade”.</i>	LXXXVI	344
Sl. 77: 8 e 9	<i>“Privar-nos-ia ela eternamente e por todo o decurso das gerações, da sua misericórdia? “Esquecer-se-ia Deus de sua bondade toda compassiva - e deterá sua ira para sempre o curso de sua misericórdia?”</i>	LXXXVII	347
Sl. 78: 36-38	<i>“Eles o amavam somente de boca - e mentiam de língua. Porque seu coração não era reto diante Dele e eles não foram fiéis em guardar o seu pacto. Entretanto, não deixa Deus de se mostrar misericordioso com eles, perdoar-lhes-á seus pecados – e não os perderá.”</i>	LXXXVII	347
Sl. 85: 5 e 6	<i>“Estarás tu eternamente irado contra nós - ou estenderás tua ira sobre todas as gerações? Ó Deus, tu, voltado para nós, nos darás vida - e o teu povo se alegrará em ti.”</i>	LXXXVIII	350
Sl. 86: 11 e 12	<i>“Eu te louvarei, senhor meu Deus, e te darei graças de todo o meu coração e glorificarei eternamente teu nome. Porque tu usaste comigo de grande misericórdia - e tiraste minha alma do profundo Inferno”.</i>	LXXXVIII	350-351
Sl. 135: 13 e 14	<i>“Senhor, teu nome subsistirá eternamente - e a lembrança de tua glória conservar-se-á em todas as gerações. Porque o Senhor há de julgar o seu povo – e se há de deixar dobrar aos rogos de seus servos”.</i>	LXXXVIII	351

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Sl. 136: 1-3	<i>“Louvai o Senhor, porque ele é bom, porque sua misericórdia é eterna. Louvai o Deus dos deuses, porque sua misericórdia é eterna. Louvai o Senhor dos Senhores, porque sua misericórdia é eterna.”</i>	LXXXVIII	352
Pv. 19:18	<i>“Castiga teu filho enquanto há esperança de emenda; mas não chegue a tua severidade ao excesso de lhedares a morte.”</i>	LXXXIX	354
Sb. 11:16	<i>“Como poderia alguma coisa permanecer, se não fosse de tua vontade? ou como se conservaria o que por ti não fosse chamado? “Mas tu perdoas todas as coisas, porque todas são tuas, e amas as almas.”</i>	LXXXIX	355
Sir. 21:30	<i>“Quando o ímpio maldiz o diabo, a sua própria alma ele maldiz.”</i>	LXXXIX	356
Sir. 39: 33 e 34	<i>“Espíritos há que foram criados para o castigo, os quais aumentam seus suplícios por seu endurecimento. No tempo, porém, da consumação, esgotarão sua força - e aplacarão o furor daquele que os fez.”</i>	XC	359
Is. 30:19	<i>“Porque o povo de Sião habitará em Jerusalém: tu de nenhuma sorte derramando lágrimas chorarás, ele com muita comiseração se compadecerá de ti; - logo que ouvir a voz de teu clamor, te responderá.”</i>	XC	360
Is. 40:2	<i>“Falai ao coração de Jerusalém e chamai-a, porque está acabada sua malícia, está perdoada sua iniquidade: ela recebeu da mão do Senhor uma pena dobrada por todos os seus pecados”,</i>	XC	360

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Lc. 12:48	<i>“A quem mais se deu, mais se pedirá”.</i>	XCI	362
Is. 43:7	<i>“E todo aquele que invoca meu nome para minha glória o criei, o formei, e o fiz.”</i>	XCI	363
Is. 46:4	<i>“Eu mesmo vos trarei até a velhice e até me virem as cãs; eu vos criei e eu vos susterei; eu vos trarei e eu vos salvarei.”</i>	XCI	364
Is. 48:9	<i>“Por amor de meu nome serenarei meu furor - e com meu louvor sustentar-te-ei para que não pereças.”</i>	XCI	364
Is. 54: 7, 8 e 10	<i>“Por um momento te desamparei, mas recolher-te-ei com grandes misericórdias. No momento de minha indignação escondi de ti por um pouco a minha face: mas com sempiterna misericórdia me compadecei de ti. Porque os montes serão abalados e os outeiros tremerão, porém a minha misericórdia não se afastará de ti - e a aliança de minha paz não se mudará.”</i>	XCI	364
Is. 57: 16-18	<i>“Porque não pleitearei eternamente, nem me agastarei até ao fim... Eu me agastei por causa de sua iniquidade... Vi seus caminhos, e o salvei e o volvi.”</i>	XCI	365
Jr. 3:12	<i>“Vai, e profere estas palavras contra o Aquilão e dize: volve, pérfida Israel; e eu não apartarei minha face de ti, porque eu sou o santo, diz o Senhor - e a minha ira não durará eternamente”.</i>	XCII	366

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Lm. 3: 53-57	<i>“Minha alma caiu no lago - e puseram sobre mim uma pedra. Um dilúvio d’águas veio sobre minha cabeça - e eu disse: pereci. Invoquei, Senhor, o teu nome do mais fundo do lago. Ouviste minha voz - não cerraste os ouvidos a meus soluços e a meus clamores. Tu te chegaste no dia em que te invoquei e disseste: Não temas.”</i>	XCII	368
Br 3:4	<i>“Senhor todo poderoso, Deus de Israel. Owi agora a oração dos mortos de Israel e dos filhos dos que pecaram diante de Ti e não ouviram a voz do Senhor seu Deus”.</i>	XCIII	370
Ez. 16: 62 e 63	<i>“E renovarei contigo a minha aliança - e saberás que Eu sou o Senhor. Para que te recordes e te confundas e não possas abrir a boca, de vergonha, quando aplacado contigo sobre todas as coisas que fizeste: disse o Senhor”.</i>	XCIII	372
Os. 1:10	<i>“E será como as areias do mar, que não podem ser medidas nem contadas, o número dos filhos de Israel - e em lugar de se lhes dizer: vós sois o meu povo - e vós outros; dir-se-lhes-á: vós outros sois filhos do Deus vivo.</i>	XCIV	374
Os. 2:23	<i>“E direi ao que não chamei meu povo: Meu povo és tu, e ele responderá: Meu Deus é tu”.</i>	XCIV	375
Os. 11:9	<i>“Não tornarei efetivo o furor da minha ira - não volverei a destruir Efraim, porque sou Deus e não sou homem”.</i>	XCIV	376

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Os. 13:14	<i>“Do poder da morte vos livrarei - vos redimirei da morte. Eu serei a tua morte, oh morte. Eu serei a tua mordedura, oh Inferno”.</i>	XCV	377
Os. 14:4	<i>“Eu curarei as suas chagas, amaldiçoarei-as por um puro efeito de meu beneplácito, porque já o meu furor se tem afastado deles”.</i>	XCV	379
Am. 5: 1:4	<i>“Ouvi esta palavra com que eu levanto sobre vós o meu pranto. A casa de Israel caiu - e não tornará mais a restabelecer-se. Porquanto isto diz o Senhor à casa de Israel: Buscai-me, e vivereis”.</i>	XCVI	382
Jn. 4: 10 e 11	<i>“Disse, pois, o Senhor: tu te enfastaste por causa de uma hora que não te custou trabalho algum, nem a fizeste crescer - que nasceu numa noite e numa noite feneceu. E eu não perdooarei à grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil homens, que não sabem discernir entre a mão direita e a sua mão esquerda, e um grande número de animais?”</i>	XCVI	383
Mq. 7: 18 e 19	<i>“Quem há, ó Deus, semelhante a ti, que apagas a iniquidade - e que te esqueces dos pecados das relíquias de tua herança? Ele não derramará mais seu furor contra os seus [filhos], porque lhe apraz fazer misericórdias. “Ele voltará e terá compaixão de nós - ele sepultará novas iniquidades - e lançará todos os nossos pecados no fundo do mar”.</i>	XCVI	383

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Lc. 12: 58 e 59	<i>“Acomoda-te com teu contrário enquanto estiveres com ele em caminho, porque não suceda que ele te leve ao juiz - e o juiz te entregue ao meirinho - e o meirinho te meta na cadeia. Digo-te que não sairás dali enquanto não pagares o último ceitil”.</i>	XCVII	386
Mt. 12:29	<i>“Como poderá alguém entrar na casa do forte e roubar-lhe as alfaias, se primeiro não tiver manietado a parte? Então saqueará a casa”.</i>	XCVIII	390
Mt. 16: 22 e 23	<i>“E tomando-o Pedro de parte, começou a increpá-lo dizendo: Deus tal não permita; Senhor, isto não sucederá contigo. Ele, voltando-se para Pedro, lhe disse: tira-te diante de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não tens gosto das coisas que são de Deus, mas sim das que são dos homens”.</i>	XCVIII	391
Jo. 6: 70 e 71	<i>“Jesus disse-lhes: não é assim que eu vos escolhi em número de doze - e entretanto um de vós é o diabo? O que ele dizia de Judas, filho de Simão, porque era um dos doze e o que havia de entregá-lo.”</i>	XCIX	393
Jo. 5: 25, 28 e 29	<i>“Em verdade, em verdade vos digo: que vem a hora - e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a Não vos maravilheis, porque vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros, ouvirão a voz do Filho de Deus. E os que obraram bem, sairão para a ressurreição da vida - e os que obraram mal, sairão ressuscitados para a condenação”.</i>	XCIX	394-395

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Sl. 14:4	<i>“Acaso não terão, enfim, conhecimento todos esses homens que obram a iniquidade, que devoram o meu povo como um pedaço de pão?”</i>	CI	401
Sl. 21: 27-29	<i>“A Terra, em toda a sua extensão, lembrar-se-á destas coisas - e se converterá ao Senhor, e todos os diferentes povos das nações renderão adoração em sua presença. “Porque o rei e a soberania são do Senhor - e porque ele é o que reinará sobre as gentes. “Todos os ricos da Terra o conservarão e o adorarão - e diante dele se prostrarão todos os que descem à terra.”</i>	CI	402
Sl. 86:9	<i>“Todas as nações, que tu criaste, virão prostrar-se diante de ti e adorar-te, Senhor; e elas glorificarão teu nome”.</i>	CII	405
Sir 39: 33 e 34	<i>“Todas as obras de Deus são boas, e toda obra, a seu tempo, fará seu serviço. Ninguém diga: isto é pior que aquilo, porque todas as coisas a seu tempo serão aprovadas”.</i>	CII	406
Is. 60: 20 e 21	<i>“Não se porá teu sol dali em diante - e tua lua não minguará, porque o Senhor te servirá de luz sempiterna e acabarão os dias de teu pranto. “E teu povo, todos justos, herdarão a Terra para sempre, como vergôntes que plantei e como obra que minha mão fez para glorificar-me”.</i>	CIII	409
Jr. 31: 33 e 34	<i>“Porei minha lei em suas entranhas - e escrevê-la-ei em suas orações. E todos me conhecerão desde o mais pequeno até o maior, porque perdorei a maldade de todos e não me lembrarei mais do seu pecado”.</i>	CIII	410

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Rm. 11: 22, 23, 25, 26, 30-32	<i>“Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: a severidade por certo para com aqueles que caíram e a bondade para contigo se permaneceres na bondade, d’outra maneira também serás cortado. E ainda eles, se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados: pois Deus é poderoso para enxertá-los de novo. Mas não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais sábios em vós mesmos) que a cegueira veio em parte a Israel, até que haja entrado a multidão das gentes. “E que assim todo o Israel se salvasse como está escrito; virá de Sião um, que seja libertador, e que desterre a impiedade de Jacó; Porque assim como vós também, em algum tempo, não crestes em Deus e agora haveis alcançado misericórdia pela incredulidade deles. Assim também estes agora não creiam na vossa misericórdia, para que eles alcancem misericórdia. Porque Deus a todos encerrou na incredulidade, para usar com todos de misericórdia”.</i>	CIV	414
SOBRE A NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS			
Tb. 5: 5, 6 ,7 e 18	<i>“Então, saindo Tobias, encontrou um belo moço, que estava de mala pronta para caminhar. “E sem saber que era ele um anjo de Deus, saudou-o e disse: quem sois vós, bom mancebo? “E ele respondeu: sou dos filhos de Israel: “Mas, para não pôr em cuidados, dir-te-ei: que sou Azarias, filho do grande Ananias.”</i>	CV	418-419

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Jó 4: 15 e 16	<i>“E passando por diante de um Espírito, arrepiaram-se-me as carnes. Parei diante de um, cujo rosto eu não conhecia; vi um vulto diante de meus olhos, e ouvi uma voz como de branda viração”.</i>	CV	420
Sir. 46:20	<i>“E depois disto morreu Samuel e apareceu ao rei - e lhe mostrou o fim de sua vida e elevou sua voz desde a terra, profetizando que seria destruída a impiedade da nação”.</i>	CVI	421
Is. 37:7	<i>“Eis aqui estou eu, que lhe mandaria um Espírito - e ele ouvirá uma nova e voltará para sua terra e fa-lo-ei cair morto à espada na sua terra”.</i>	CVI	422
Ez. 2:2	<i>“E entrou em mim um Espírito, que me falou e eu ouvi o que me falava”.</i>	CVI	422
Dn. 8:13	<i>“E ouvi falar um dos santos que falava - e disse um santo a outro, não sei a quem falava até quando... etc”.</i>	CVI	423
Daniel 10: 8, 9, 10, 12, 16 e 18	<i>“Tendo eu ficado sozinho, vi esta grande visão - e não ficou vigor em mim, antes se me mudou até o meu semblante, e fiquei murcho, e não me assistiram forças algumas. E ouvi o som de suas palavras - e ouvindo-o jazia deitado sobre o meu rosto, todo espavorido. Então eis que uma mão me tocou e me levantou até ficar sobre meus joelhos e sobre as juntas de minhas mãos. E ele me disse: não tenhas medo, Daniel, porque desde o primeiro dia, em que aplicaste o coração à inteligência, para te afligires pela mortificação na presença de Deus, foram ouvidas tuas palavras - e eu vi por teus rogos. E eis que aquele que tinha semelhança com os filhos dos homens tocou meus lábios. Tocou-me depois aquele que eu via como um homem e me confortou”.</i>	CVI	423

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
Joel 2:28	<i>“Derramarei meu Espírito por toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão e vossos anciões terão sonhos, e vossas crianças terão visões”.</i>	CVII	426
Lc. 11: 9 e 10	<i>“E eu vos digo: Pedi e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei e abri-se-vos-á. “Porque todo aquele que pede, recebe; o que busca, acha; e o que bate, terá aberta a porta”.</i>	CVII	426
At. 6: 8-10	<i>“Mas, Estevão, cheio de graça e de fortaleza, fazia grandes prodígios e milagres entre o povo. E alguns da sinagoga se levantaram a disputar com Estevão. Mas não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito que por ele falava”.</i>	CVII	427
At. 10: 19-22	<i>“E pensando Pedro (S. Pedro) na visão, disse-lhe o Espírito: aí estão três homens que te procuram. E estes lhe disseram: o centurião Cornélio, homem justo e temente a Deus, e que tem o testemunho de toda a nação dos judeus, recebeu ordem de um anjo para te chamar à sua casa, e ouvir tuas palavras”.</i>	CVIII	430
At. 11:28	<i>“E levantando-se um deles, por nome Agabo, dava a entender, por Espírito, que havia de haver uma grande fome... que veio em tempo de Cláudio”.</i>	CVIII	431
At. 16:7	<i>“E quando chegaram a Mísia, quiseram ir à Bitínia, mas não lhes permitiu o Espírito de Jesus”.</i>	CVIII	431

TABELA DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS			
REF.	CITAÇÃO(*)	ART.	PÁG.
<i>Fl. 2: 1 e 2</i>	<i>“Portanto, se há consolação em Cristo - se algum refrigério de caridade - se alguma comunicação dos espíritos - se algumas entranhas de compaixão: Farei completo o meu gozo, sentindo uma mesma coisa - tendo uma mesma caridade - um mesmo ânimo - os mesmos pensamentos”.</i>	CIX	433
<i>1 Ts. 5: 19, 20 e 21</i>	<i>“Não apagueis o espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo - e abraçai o que for bom.”</i>	CIX	433
<i>2 Ts. 2: 1 e 2</i>	<i>“Nós vos rogamos, irmãos... Que não vos movais da vossa inteligência, nem vos perturbeis, nem por espírito, nem por palavra, nem por carta como enviada de nós, como se o dia do Senhor estivesse já perto”.</i>	CIX	434
<i>1Jo. 4:1</i>	<i>“Caríssimos. Não acrediteis em todo o espírito, mas verificai quais os que são de Deus”.</i>	CIX	435
<i>Ap. 1: 10 e 11</i>	<i>“Eu fui arrebatado em espírito em um dia de domingo - e ouvi por detrás de mim uma voz como de trombeta: Que dizia: o que vês, escreve-o em um livro”.</i>	CIX	436

(*) Só foram aqui incluídas as citações transcritas pelo Dr. Bezerra em seus artigos.

CONHEÇA TAMBÉM OS DEMAIS VOLUMES
DA COLEÇÃO “EXAMINAI TUDO”

1. COMECE DO COMEÇO, de Azamor Serrão Filho;
2. “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APÓSTOLO DO ESPIRITISMO”, de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros (1a. ed. 2005, 2a. ed. 2016);
3. “CONVERSAS FAMILIARES SOBRE ESPIRITISMO”, DE ÉMILIE COLLIGNON, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
4. “A EDUCADAÇÃO MATERNAL - O CORPO E O ESPÍRITO”, DE ÉMILIE COLLIGNON, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
5. “A EDUCADORA EMILIE COLLIGNON, GRANDE MÉDIUM DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA”, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
6. “EM VERDADE VOS DIGO” - ESTUDO COMPARADO DE “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, DE KARDEC, COM “OS QUATRO EVANGELHOS”, DE ROUSTAING, organização de Julio Damasceno;
7. “EXAMINAI TUDO”- ESTUDO COMPARADO DE “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, DE KARDEC, COM “OS QUATRO EVANGELHOS”, DE ROUSTAING, organização de Julio Damasceno;
8. “O DOM DE DEUS” - ESTUDO COMPARADO DE “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, DE KARDEC, COM “OS QUATRO EVANGELHOS”, DE ROUSTAING, organização de Julio Damasceno;
9. “AS VIRTUDES DO CÉU”, organização de Marco Aurélio Assis;

10. “PÃO VIVO” - ESTUDO SOBRE A QUEDA ESPIRITUAL E O CORPO FLUÍDICO DE JESUS. Coleção de artigos de Gilberto Perez Cardoso, Jorge Damas Martins, Julio Damasceno, Maurício Neiva Crispin, Pedro Silveira Martins e Sérgio Thiesen.

11. “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APOTRE DU SPIRITISME” - VERSÃO EM FRANCÊS DA BIOGRAFIA DE ROUSTAING; organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;

12. DE JESUS PARA AS CRIANÇAS, DE BITTENCOURT SAMPAIO, organização de Jorge Damas Martins;

13. A QUEDA ESPIRITUAL SEGUNDO O ESPIRITISMO, de J.E. GUILLET, Coordenação editorial de Jorge Damas Martins;

14. SEARA MEDIÚNICA, de Almir Gomes de Souza (médium), pelos Espíritos da Falange Franciscana;

15. ANTENA CELESTE, de Bezerra de Menezes (Espírito), psicografia de Azamôr Serrão;

16. PONTE EVANGÉLICA, de Jorge Damas Martins;

17. OUVISTES O QUE FOI DITO?, organização de Júlio Damasceno;

18. O SOL DE CADA DIA. de Azamôr Serrão e Azamôr Serrão Filho.

DOWNLOAD GRATUITO NO SITE

www.crbbm.org

PEDIDO GRATUITO DE VOLUMES PELO

E-MAIL: crbbm50@gmail.com

(Envio realizado conforme a disponibilidade dos volumes em estoque)

